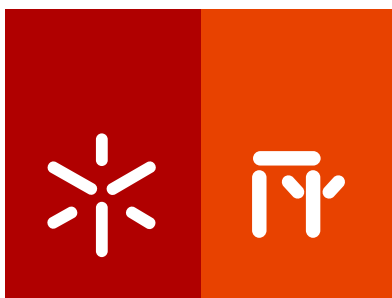


Universidade do Minho
Instituto de Educação e Psicologia

Custódia Alexandra Almeida Martins

A Pedagogia de Jean-Jacques Rousseau:
Praxis, Teoria e Fundamentos



Universidade do Minho
Instituto de Educação e Psicologia

Custódia Alexandra Almeida Martins

A Pedagogia de Jean-Jacques Rousseau:
Praxis, Teoria e Fundamentos

Tese de Doutoramento em Educação
Área de Conhecimento em Filosofia da Educação

Trabalho efectuado sob a orientação do
Professor Doutor José Carlos de Oliveira Casulo

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA TESE/TRABALHO, APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Depois de percorrido este caminho há vários agradecimentos que se impõem.

Ao Professor Doutor José Carlos de Oliveira Casulo, meu orientador, um agradecimento sentido, pelo rigor científico, pela competência da orientação e pela dedicação com que, desde o início, acompanhou a realização deste trabalho.

À amiga de sempre, Maria Helena da Silva Costa, um muito obrigado pelas palavras de conforto e motivação.

Aos meus pais, Maria Arlinda Martins e António de Passos Martins, um carinhoso reconhecimento pelo apoio incondicional.

Ao meu marido, Henrique Miguel Carvalho, um afectuoso obrigado pelo companheirismo e incentivo permanentes.

E um agradecimento final a todos quantos permanecem vivos na minha memória.

Ao Miguel

RESUMO

A Pedagogia de Jean-Jacques Rousseau: praxis, teoria e fundamentos

O presente trabalho, intitulado *A Pedagogia de Jean-Jacques Rousseau: praxis, teoria e fundamentos*, constitui a dissertação de Doutoramento em Educação, área de conhecimento de Filosofia da Educação, apresentada pela autora à Universidade do Minho, e visa contribuir, posto que modestamente, para o enriquecimento do campo teórico referente à pedagogia rousseaneana. É composto por quatro capítulos, precedidos de uma introdução e seguidos de conclusão e bibliografia.

Na introdução apresentam-se e fundamentam-se os objectivos da investigação, justificando-se a metodologia usada e a forma como o trabalho foi estruturado.

O primeiro capítulo trata da vida do autor na perspectiva da educação, procurando perceber de que modo esta foi determinante na formação do carácter e do pensamento de Jean-Jacques Rousseau.

No segundo capítulo estuda-se a organização da obra de Rousseau, de acordo com os diferentes períodos da sua produção e tendo em consideração as principais fontes das ideias pedagógicas.

Quanto ao terceiro capítulo, é dedicado à apresentação e análise da teoria pedagógica do autor, culminando no estudo do paradigma antropagógico rousseaneano.

Por fim, o quarto capítulo aborda os fundamentos filosóficos da teoria pedagógica estudada no capítulo precedente, estruturando-se em três grandes divisões: Homem, Sociedade e Deus.

Na conclusão foram enumeradas, capítulo a capítulo, as grandes ilações resultantes do trabalho realizado, tendo em consideração os objectivos inicialmente propostos.

No que se refere à bibliografia, esta organiza-se em três partes: I. De Jean-Jacques Rousseau; II. Sobre Jean-Jacques Rousseau; III. Complementar.

ABSTRACT

The Pedagogy of Jean-Jacques Rousseau: Praxis, Theory and Foundations

The present work, *The Pedagogy of Jean-Jacques Rousseau: Praxis, Theory and Foundations*, is a dissertation presented to the University of Minho for a Doctoral Degree in Education, in the area of knowledge of Philosophy of Education. It aims at being a contribution, albeit modest, to the study and research field of Rousseau's pedagogy. It is composed by four Chapters, predated by an Introduction and postdated by a Conclusion and a Bibliography.

In the Introduction, the objectives and grounds of the research are presented, with a justification on the methodology used and structure of the work.

The First Chapter is concerned with the author's life from the perspective of education, endeavoring to understand in what fashion education was determinant for the formation of the author's character and thought.

In the Second Chapter a study is undertaken of the author's work according to the different periods of its production having in view the main sources of his pedagogical ideas.

The Third Chapter is dedicated to presentation and analysis of Rousseau's pedagogical theory, with a highlight on the author's anthropagogical paradigm.

Lastly, the Fourth Chapter deals with the philosophical foundations of the pedagogical theory presented in the previous chapter, ordering it in three main divisions: Man, Society and God.

In the Conclusion an enumeration is conducted, chapter by chapter, on the substance of the results drawn from the work undertaken having in view the objectives initially proposed.

The Bibliography is organized in three parts: I. By Jean-Jacques Rousseau; II. On Jean-Jacques Rousseau; III. Complementary.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	iii
RESUMO.....	v
ÍNDICE.....	vii
INTRODUÇÃO.....	1
1. Tema, objectivos e título.....	2
2. Organização do trabalho.....	3
3. Metodologia.....	4
4. Procedimentos de ordem técnica.....	5
CAPÍTULO PRIMEIRO: A vida na perspectiva da educação.....	7
I. OS PRIMEIROS ANOS.....	8
1. A criança e os progenitores.....	8
2. O início da educação.....	10
2.1. O auto-conhecimento: as primeiras leituras.....	10
2.2. A importância do afecto na construção do auto-retrato.....	12
2.3. A importância das emoções: o despertar para a sensualidade.....	15
2.4. O entendimento da sexualidade.....	19
3. A criança e o primeiro sentimento de decepção.....	21
II. A ADOLESCÊNCIA PRECOCE E A RELAÇÃO COM O MUNDO.....	24
1. O desencantamento: a saída de Bossey.....	24
2. O regresso a Genebra.....	25
2.1. O lugar secundário da educação e suas consequências.....	25
2.2. Os sentimentos de amizade, protecção e de amor.....	26
2.3. A transformação de carácter.....	29
3. A partida de Genebra e a chegada a Annecy.....	36
III. OS ANOS DE FORMAÇÃO DO HOMEM.....	37

1. O encontro com Madame de Warens.....	37
2. O jovem e a afectividade.....	38
2.1. Afinidades com Madame de Warens.....	38
2.2. A estadia em Turim e a formação religiosa.....	40
2.3. A relação com o pai.....	43
2.4. Rousseau um jovem aventureiro: a estadia em Turim.....	44
2.5. A educação: o abade Gouvon, preceptor de Rousseau.....	47
3. O reencontro com Madame de Warens.....	50
3.1 A relação com Madame de Warens.....	50
3.2. A inibição para com o sexo oposto.....	52
3.3. A importância da personalidade no processo educativo: a futura relação com a escrita.....	53
4. A ausência de Mamã e as viagens de Rousseau.....	57
4.1. O comportamento de Rousseau na ausência de Mamã.....	57
4.2. A busca da introspecção.....	59
5. A vida de Rousseau em Chambéry.....	60
5.1. A educação e as diferentes áreas de interesse.....	60
5.2. A relação de intimidade com Madame de Warens.....	63
5.3. O estado físico e emocional de Rousseau.....	68
6. Rousseau no vale do Les Charmettes.....	73
6.1. O quotidiano em Charmettes.....	73
6.2. O regresso à cidade.....	75
7. O regresso ao campo: a relação com o meio ambiente envolvente.....	77
8. Rousseau e o estudo.....	78
8.1. A questão do método de estudo.....	78

8.2. O estudo no âmbito da rotina diária.....	79
9. A viagem a Montpellier e a descoberta do prazer sensual com Madame Lamage.....	83
10. De volta a Les Charmettes.....	85
10.1. A desilusão com Madame de Warens.....	85
10.2. O afastamento de Rousseau.....	87
11. Rousseau preceptor em Lyon.....	88
12. A partida para Paris.....	90
IV. O HOMEM E A INQUIETUDE.....	93
1. A apresentação do sistema de notação musical à Académie des Sciences.....	93
2. Rousseau e a sociedade parisiense.....	94
3. Rousseau diplomata.....	96
4. A relação com Thérèse Le Vasseur.....	100
5. O convívio com os enciclopedistas.....	102
6. Os filhos.....	107
7. A reforma pessoal e o estado de solitário.....	112
CAPÍTULO SEGUNDO: A obra.....	116
I. A OBRA ROUSSEAUNIANA: Organização e edição adoptada.....	117
1. Intenção autobiográfica da obra de Rousseau.....	117
2. Agrupamento biográfico e categorial: a obra ao ritmo da vida.....	119
3. Da história das principais edições à edição seleccionada.....	121
II. PERÍODO PRECOCE (1728 - 1748).....	125
1. Obras Literárias.....	125
1.1. Poesias.....	125
1.1.1. Le Verger de Madame la Baronne de Warens (1738); Épître à M. Bordes (1741), Épître à Monsieur Parisot (1742).....	125

1.1.2. Vers à la louange des religieux de la Grand-Chartreuse (1740), L'Allée de Silvie (1747).....	129
1.2. Textos de Literatura e de Moral: Sur l'éloquence (1735), Idée de la méthode dans la composition d'un livre (1745), Un ménage de la rue Saint-Denis (1735), Sur les femmes (1735), Essai sur les évènements importants dont les femmes ont été la cause secrète (1745).....	130
1.3. Bailados e Pastorais: Les Muses galantes (1745), Les Festes de Ramire (1745).....	134
1.4. Textos de Teatro.....	136
1.4.1. Iphis (1740), Arlequin amoureux malgré Lui (1747), La Découverte du nouveau monde (1741), Les Prisonniers de guerre (1743).....	136
1.4.2. Narcise ou L'Amant de lui-même (1740).....	141
2. Escritos sobre Educação e Moral.....	143
2.1. Fragmentos sobre Deus e sobre a Revelação.....	143
2.1.1. Sur Dieu (1735).....	143
2.1.2. Prière (I) (1738 -1739), Prière (II) (1738 -1739), Mémoire remis le 19 Avril 1742 à M. Boudet (1742).....	144
2.2. Mémoire présenté a Monsieur de Mably sur l'éducation de M. son fils (1740), Projet pour l'éducation de Monsieur de Sainte-Marie (S/D).....	148
3. Escritos sobre Música, Língua e Teatro.....	151
3.1. Textos Científicos: Cours de geographie (1738), Réponse au mémoire anonyme (1738).....	151
3.2. Texto Histórico: Chronologie universelle ou Histoire generale des tems depuis la creation du monde jusques à présent (1738).....	153
3.3. Projet concernat de nouveaux signes pour la musique (1742), Dissertation sur la musique modern (1743).....	154

3.4. Lettre sur l'opéra italien et français (1745).....	156
III. PERÍODO NOSTÁLGICO (1749 - 1756).....	158
1. Escritos Políticos.....	158
1.1. Discours sur les sciences et les arts (1750).....	158
1.2. Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes (1754).....	162
1.3. Discours sur l'économie politique (1754).....	165
2. Escritos sobre Música, Língua e Teatro.....	167
2.1. Sur les richesses, suivi de deux fragments sur le gout (1756).....	167
2.2. Dictionnaire de musique (1764).....	169
2.2.1. Primeiro momento da história da composição da obra: Lettre a M. Grimm, au sujet des remarques ajoutées à sa lettre sur Omphale (1752).....	169
2.2.2. Segundo momento da história da composição da obra: Lettre d'un symphoniste de l'academie royale de musique à ses camarades de l'orchestre (1753), Lettre sur la musique françoise (1753), L'Origine de la mélodie (1755), Examen de deux principes avances par M. Rameau (1755).....	170
2.2.3. Terceiro momento da história da composição da obra.....	175
2.2.4. Quarto momento da história da composição da obra.....	175
2.3. Texto Científico: Traité de sphère (1751).....	176
2.4. Texto Histórico: Fragments d'une histoire du Valais (1756).....	178
3. Obras Literárias.....	178
3.1. Teatro: La mort de Lucrece (1754).....	178
3.2. Poesia: Épître à M. de L'Étang, Vicaire de Marcoussis (1749), Imitation libre d'une chanson italienne de Métastase (1750).....	179
3.3. Pastoral: Le Devin du village (1752).....	181

3.4. Textos de Literatura e de Moral: Conseils a un Curé (1749), Discours sur cette question: quelle est la vertu la plus nécessaire au héros (1751), Oraison funébre de S. A. S. Monsieur le Duc D'Orléans (1752).....	181
4. Escritos Autobiográficos.....	183
4.1. Fragmentos: Le Persiffler (1749) e Fragment biographique (1755-56).....	183
5. Escritos sobre Educação e sobre Moral.....	185
5.1. Fragmento sobre Deus e sobre a Revelação: Fiction ou morceau allégorique sur la révélation (1756).....	185
IV – PERÍODO DE ESPERANÇA (1756 - 1762).....	189
1. Escritos sobre Educação e Moral.....	189
1.1. Lettre de J.J. Rousseau a M. de Voltaire (1756).....	189
1.2. Lettres morales (1758).....	192
1.3. Notes sur «De L'Esprit» (1758).....	198
1.4. Emile ou De l'éducation (1761).....	199
2. Escritos Políticos.....	203
2.1. Escritos Sobre o Abade De Saint-Pierre: Extrait du projet de paix perpétuelle (1758-59), Jugement sur le projet de paix perpétuelle (1758), Que l'état de guerre naît de l'état social (1758), Polysynodie de L'Abbé de Saint-Pierre (1758), Jugement sur la polysynodie (1758).....	203
2.2. Du contract social ou Principes du droit politique (1762).....	206
3. Obras Literárias.....	210
3.1. Contos e Apólogos: La Reine fantasque (1755-56), Les Amours de Claire et de Marcellin (1760), Le Petit savoyard ou La Vie de Claude Noyer (1756), Le Lévíte D'Éphraïm (1762), Pygmalion, scène lyrique (1762).....	210
3.2. Textos de Literatura e de Moral: Lettres A Sara (1757), Pensées d'un esprit droit et sentimens d'un cœur vertueux (1757-58), Remarques sur les lettres sur les anglois et les	

françois de Beat de Muralt (1756-57), Remarques lexicologiques (1761), Prononciation (1761).....	215
3.3. Julie, ou La Nouvelle Héloïse (1760).....	218
4. Escritos Autobiográficos.....	220
4.1. Fragmentos: Mon portrait (1762), Art de jouir et autres fragments (1758-59), Lettres à Malesherbes (1762).....	220
5. Escritos sobre Língua e Teatro.....	223
5.1. Essai sur l'origine des langues (1761).....	223
5.2. À M. D'Alembert (1758).....	226
V. PERÍODO DE DESENCANTO (1763 a 1778).....	229
1. Escritos sobre Educação e Moral e Botânica.....	229
1.1. Jean Jaques Rousseau, citoyen de Genève, a Christophe De Beaumont (1763).....	229
1.2. Emile et Sophie, ou Les solitaires (1768).....	231
1.3. Lettre a M. de Franquières (1769).....	235
1.4. Lettres sur la botanique (1773).....	236
2. Escritos de História e Política.....	238
2.1. Histoire du gouvernement de Genève (1764).....	238
2.2. Lettres écrites de la montagne (1764).....	239
2.3. Projet et constitution pour la Corse (1765).....	242
2.4. Considérations sur le gouvernement de Pologne (1771).....	243
3. Obras Literárias.....	244
3.1. Contos e Apólogos: Vision de Pierre de la Montagne, dit le voyant (1765).....	244
3.2. Bailados, Pastorais, Poesias: Romances e Les Consolations des misères de ma vie (1770).....	245

4. Escritos Autobiográficos.....	246
4.1. Les Confessions de J.J. Rousseau (1770).....	246
4.2. Fragmentos autobiográficos: Déclaration destinée a un journal (1766), Note mémorative sur la maladie et la mort de M. Deschamps (1768), Sentiment du public sur mon compte dans les divers états qui le composent (1768), Quiconque sans urgente nécessité (1770), Discours prononcé ou Projeté pour introduire la lecture des confessions (1770), Déclaration relative à différentes réimpressions de ses ouvrages (1774).....	248
4.3. Rousseau juge de Jean Jaques – Dialogues (1776).....	250
4.4. Les Rêveries du promeneur solitaire (1778).....	252
CAPÍTULO TERCEIRO: Concepções Pedagógicas.....	255
I. Princípios estruturantes da pedagogia rousseaneana.....	256
1. Primeiro princípio: o respeito pelo desenvolvimento natural do educando.....	256
1.1. Consideração prévia.....	256
1.2. As três educações (da natureza, dos homens e das coisas).....	257
1.3. A educação natural e a educação convencional.....	263
2. Segundo princípio: a responsabilidade orientadora do preceptor.....	266
2.1. Consideração prévia.....	266
2.2. O preceptorado.....	267
2.2.1. A importância da figura do preceptor.....	267
2.2.2. O preceptorado das aldeias e das cidades.....	270
2.3. A relação preceptor/educando.....	272
2.4. Rousseau preceptor: a experiência Mably.....	279
3. Terceiro princípio: a educação negativa.....	281
3.1. Consideração prévia.....	281

3.2. A crítica à educação convencional (educação positiva).....	282
3.3. A imaginação, faculdade do Homem no estado natural.....	284
3.4. A educação negativa: dos apetites às necessidades.....	285
II. Formas da educação.....	290
1. A educação doméstica.....	290
1.1. A educação do bebé.....	290
1.1.1. A idade da natureza entre o nascimento e os dois anos.....	290
1.1.2. Primazia e importância da figura materna.....	293
1.1.3. Os primeiros cuidados (parto, vestuário, exercício físico, alimentação e relação com os pais).....	298
1.1.4. Orientação do conhecimento (sentidos e linguagem).....	302
1.2. A educação da criança.....	304
1.2.1. A idade da natureza entre os dois e os doze anos.....	304
1.2.2. Educação não permissiva e limites do castigo.....	306
1.2.3. Início da educação moral.....	307
1.2.4. Orientação do conhecimento (sentidos e razão).....	309
2. A educação social.....	315
2.1. A educação do jovem.....	315
2.1.1. A idade do segundo nascimento (1ª fase: entre os quinze e os vinte anos).....	315
2.1.2. A educação moral: a amizade e a piedade.....	317
2.1.3. A educação moral: papel do preceptor; importância do estudo da História e da educação pelas fábulas.....	319
2.1.4. A educação religiosa.....	323
2.2. A idade do segundo nascimento (2ª fase: entre os vinte e os vinte e cinco	

anos).....	325
2.2.1. O jovem como membro da sociedade.....	325
2.2.2. O papel do preceptor sobretudo na orientação afectiva.....	327
3. A educação pública.....	328
3.1. Orientações gerais.....	328
3.2. O valor da cooperação entre os educandos.....	329
3.3. Os responsáveis pela educação pública.....	331
4. A educação feminina.....	331
4.1. A particularidade da educação feminina.....	331
4.2. Os âmbitos estético, intelectual, moral e religioso da educação Feminina.....	334
4.2.1. A educação estética.....	334
4.2.2. Educação intelectual.....	336
4.2.3. Educação moral (carácter).....	337
4.2.4. Educação religiosa.....	339
III. A construção do paradigma antropagógico rousseauneano.....	342
1. O Emile.....	342
1.1. Livro I: a formação do Homem completo e a primeira educação (do nascimento aos 2 anos).....	342
1.2. Livro II: o despertar da moral na criança (dos 2 aos 12 anos).....	344
1.3. Livro III: as primeiras noções de relação social (dos 12 aos 15 anos).....	347
1.4. Livro IV: o abandono da infância (dos 15 aos 20 anos).....	349
1.5. Livro V: o jovem adulto (dos 20 aos 25 anos).....	354
1.6. A finalidade da educação: o dilema entre o Homem (natural) e o Cidadão.....	356

2. O Solitário.....	360
2.1. O Solitário: via para a libertação da educação convencional.....	360
2.2. A educação do Solitário.....	363
2.3. Rousseau, exemplo de Solitário.....	365
CAPÍTULO QUARTO: Fundamentos Filosóficos.....	368
I. Homem.....	369
1. A natureza humana.....	369
1.1. O progresso histórico e a condição humana.....	369
1.2. A lei natural: a questão da desigualdade entre os homens.....	373
1.2.1. A dimensão física.....	373
1.2.2. A dimensão moral.....	375
2. Homem natural <i>versus</i> homem social.....	377
2.1. O homem natural e o homem social.....	377
2.2. Causas da passagem do estado natural ao estado social.....	381
2.2.1. A função da linguagem.....	381
2.2.2. O surgimento da propriedade.....	383
2.2.3. Outras causas.....	385
3. A dimensão ética: o Homem em relação com os outros.....	388
3.1. A bondade natural.....	388
3.2. O sentimento amoroso e a escravatura.....	390
3.3. Defesa de uma ética da sensação.....	394
II. Sociedade.....	399
1. Da família à sociedade.....	399
1.1. A família.....	399

1.2. O poder parental: a figura da autoridade.....	401
1.3. O surgimento da sociedade.....	407
2. Necessidade e sentido do contrato social: a emergência do Estado.....	410
2.1. O Soberano (o eu colectivo).....	412
2.1.1. A natureza do Soberano.....	412
2.1.2. Soberania e representação.....	416
2.1.3. A Soberania: o primado da lei.....	419
3. O Estado.....	421
3.1. Estado e Cidadania.....	421
3.2. Função e modelos da governação.....	426
3.3. Formas de Governo.....	429
3.3.1. Democracia	429
3.3.2. Aristocracia.....	434
3.3.3. Monarquia.....	435
3.3.4. Governos mistos.....	436
III. Deus.....	438
1. Existência e atributos de Deus.....	438
2. Evolução e complexidade do fenómeno religioso.....	439
3. A religião natural.....	442
3.1. Teorização negativa da religião natural: religião civil e religião revelada.....	442
3.2. A fé religiosa natural.....	446
CONCLUSÃO.....	449
1. Conclusões quanto à vida.....	450
2. Conclusões quanto à obra.....	452
3. Conclusões quanto às concepções pedagógicas.....	453

4. Conclusões quanto aos fundamentos filosóficos da teoria pedagógica rousseauneana.....	455
5. O Solitário: traço unificador da pedagogia rousseauneana.....	457
BIBLIOGRAFIA.....	460
I. De Jean-Jacques Rousseau.....	461
A) Em língua francesa.....	461
B) Edições portuguesas consultadas subsidiariamente.....	471
II. Sobre J.-J. Rousseau.....	473
III. Complementar.....	492

INTRODUÇÃO

1. Tema, objectivos e título

A presente dissertação tem por objectivo, no que se refere ao plano institucional, a realização do Doutoramento em Educação, área de conhecimento de Filosofia da Educação, pela Universidade do Minho.

Sendo nossa intenção, neste sentido, abordar a educação em Rousseau, culminando no estudo do pensamento filosófico-educacional do autor, o presente trabalho direcciona-se para a produção de um estudo que contribua para o enriquecimento do campo teórico referente à pedagogia rousseauiana. É, no entanto, um estudo com características tais que nos levam da abordagem da educação na vida e obra do autor até à busca do seu ideário pedagógico e respectiva fundamentação numa perspectiva filosófica.

Assim sendo, num primeiro momento começaremos por tentar responder aos seguintes objectivos no tocante à dimensão educacional da vida do nosso autor: a) saber em que medida os primeiros anos da vida do nosso autor foram determinantes para a construção de um auto-retrato e para a sua formação emocional; b) conhecer o período da sua adolescência, a fim de entender em que medida este influenciou a relação que o jovem Rousseau estabeleceu com o mundo; c) indagar sobre a sua formação nos anos que cobrem o período da sua juventude e do início da vida adulta; d) o modo como foi que o nosso pensador compreendeu a sua posição entre os seus contemporâneos.

Num segundo momento, ocupar-nos-emos em analisar a obra de Rousseau, com o intuito de identificar a problemática e as fontes das suas ideias pedagógicas e dos respectivos fundamentos filosóficos. Iremos, assim, estudar a obra de acordo com os diferentes períodos de vida do nosso autor. Tentaremos perceber os períodos em que a obra rousseauiana pode ser dividida e caracterizar cada um deles.

Estudada a vida e a obra de Jean-Jacques Rousseau na perspectiva da educação, poderemos avançar para a análise sistematizada da sua teoria pedagógica e, posteriormente, para a das ideias filosóficas que a fundamentam. Quanto à teoria pedagógica, teremos como objectivos, primeiro, identificar e perceber a importância dos princípios estruturantes da pedagogia rousseauiana, e, segundo, compreender a pertinência das diferentes formas de educação no

pensamento pedagógico do autor, bem como a importância da construção de um paradigma antropagógico rousseauiano.

No concernente aos fundamentos filosóficos, os nossos objectivos são os de saber qual o lugar que o Homem ocupa no pensamento filosófico de Rousseau, que tipo de relação estabelece com a Sociedade, e de que modo é que esta condiciona ou não os indivíduos, bem como saber a importância que a ideia de Deus assume na economia do pensamento filosófico do autor.

Toda esta temática, portanto, determina o título escolhido para a presente dissertação. Com efeito, se queremos estudar a pedagogia rousseauiana na sua vertente prática, na sua formulação teórica e nos seus fundamentos filosóficos, “A Pedagogia de Jean-Jacques Rousseau: praxis, teoria e fundamentos” é um título que, objectivamente, se impõe.

2. Organização do trabalho

Do que se acaba de expor infere-se uma organização deste trabalho em quatro capítulos assim intitulados: (I) A vida na perspectiva da educação; (II) A obra; (III) Concepções pedagógicas; (IV) Fundamentos filosóficos.

O primeiro capítulo será direccionado para a importância e influência da dimensão educacional na vida de Rousseau. Consideraremos factos educacionais - episódios, pessoas, ocorrências - que, marcando a vida do nosso pensador, contribuíram para a sua educação e, assim, para a formação da sua personalidade. Este é um capítulo que se reveste de suma importância, pois é a partir dele que poderemos enquadrar e perceber, na vida de Rousseau, a emergência de ideias que, posteriormente, serão cruciais à compreensão do seu sistema filosófico-educacional. Subdividiremos este capítulo em quatro partes: (1ª) os primeiros anos; (2ª) a adolescência precoce e a relação com o mundo; (3ª) os anos de formação do homem; (4ª) o homem e a inquietude.

O segundo capítulo incidirá sobre a vastíssima obra do autor. A abordagem da obra consistirá na sua apresentação, organização e selecção da edição a utilizar. Procuraremos compreender a intenção autobiográfica de Rousseau na economia geral do seu sistema. Para tal, estabeleceremos quatro grandes períodos na obra rousseauiana, a saber: (1º) o período precoce, que decorre entre os anos de 1728 a 1748; (2º) o período nostálgico, que decorre entre

os anos de 1749 a 1756; (3º) o período de esperança, que decorre entre os anos de 1756 a 1762, e (4º) o período de desencanto, que decorre entre os anos de 1763 a 1778. Pretende-se realçar, em cada um destes períodos as temáticas de natureza educacional e filosófico que compõem a totalidade do pensamento do nosso pensador.

Houve uma razão essencial que nos levou a decidir fazer uma abordagem da obra unificada em capítulo próprio e não um seu tratamento que a espargisse pelos demais três capítulos, consoante o interesse dos textos em causa. Foi essa razão a de que esta abordagem nos pareceu a que melhor podia ajudar a clarificar o pensamento filosófico-educacional do nosso autor, ao fornecer uma primeira, panorâmica e diacrónica perspectiva das suas ideias, sobre as quais os capítulos posteriores se debruçarão de um modo sistemático.

O terceiro capítulo trabalhará, como se adivinha tendo em conta os objectivos pertinentes atrás formulados, as concepções pedagógicas expressas na obra, tendo em consideração os princípios estruturantes da pedagogia rousseauneana, as formas de educação, bem como a importância da construção de um paradigma antropagógico rousseauneano.

O quarto capítulo abordará os fundamentos filosóficos das ideias pedagógicas do nosso pensador. Assim, este capítulo encontrar-se-á estruturado em torno de três vectores conceptuais essenciais: a ideia de Homem, a ideia de Sociedade e a ideia de Deus.

Para além dos quatro capítulos que esta introdução precede, o trabalho terá, ainda, uma conclusão e bibliografia. Na conclusão, apresentaremos, capítulo a capítulo as ideias principais que consideramos serem reflexo dos resultados mais pertinentes a que chegamos. A bibliografia será organizada em três momentos, correspondendo o primeiro à totalidade da obra de Rousseau, o segundo à bibliografia específica sobre Rousseau e, por último, o terceiro, à bibliografia complementar.

3. Metodologia

Ao estudar a obra de Jean-Jacques Rousseau aquilo que emerge imediatamente é a proliferação e riqueza de ideias. Contudo, se por um lado isso nos permite aceder a uma fonte inesgotável de informação, por outro lado é fundamental organizar essa mesma informação.

Os quatro grandes temas – o da vida na perspectiva da educação, o da obra, o das concepções pedagógicas e o das concepções filosóficas - expressam não apenas uma sequência lógica, mas, principalmente, uma consistência narrativa, cuja construção implica que recorramos a vários meios. Neste sentido, destacaremos, como procedimentos metodológicos, o histórico, o hermenêutico, o analítico, o comparativo, o sintético e o reflexivo.

Quanto ao recurso ao método histórico, sendo nosso interesse seguir a vida de Rousseau na perspectiva da educação, dele nos valeremos tão só recorrendo aos testemunhos do próprio Rousseau (constantes na sua vasta obra, e em que o autor deliberadamente mantém um diálogo permanente com os seus leitores) e a testemunhos de biógrafos.

Na leitura dos textos de e sobre Jean-Jacques Rousseau, iremos aplicar como procedimento metodológico o hermenêutico, a partir do qual interpretaremos o sentido filosófico-educacional do seu conteúdo. Porém, teremos necessidade de recorrer, num primeiro momento, ao método analítico, para decompor em diversas partes o pensamento contido na obra, a fim de, posteriormente, poder comparar e articular essas partes. Será justamente a partir de sínteses que avançaremos no nosso percurso, pois elas permitir-nos-ão determinar unidades temáticas que nos possibilitam fundamentar os quatro grandes temas deste estudo e, conseqüentemente, a unidade do pensamento de Rousseau.

Todos estes diferentes momentos serão complementados por um outro: o da reflexão pessoal. Este basear-se-á numa contínua orientação crítica às respostas que forem surgindo conforme os sucessivos momentos da investigação.

4. Procedimentos de ordem técnica

Tendo equacionado duas hipóteses para fazer as referências em nota de rodapé e na bibliografia final, a saber, a identificação sempre completa da fonte em causa ou a sua identificação abreviada, decidimo-nos por as fazer de modo completo sempre que a citação imediatamente anterior se refira a obra diferente, pois entendemos que este procedimento se revela mais enriquecedor, na medida em que permite, rapidamente, a identificação do texto dentro da totalidade do corpo da obra.

Quanto à ordem dos elementos a indicar nas referências, optou-se pelo modo de citar tradicional. Assim, utilizaremos a sequência autor, título do texto citado, título e número do volume, editora, local de edição, ano de edição e página. A omissão de algum destes elementos dever-se-á, naturalmente, ao facto de ele não constar na obra.

Em determinados momentos do texto, poderemos ter que citar uma segunda vez um mesmo excerto, total ou parcial; tais casos, poucos, impõem-se devido ao valor que esse excerto exerce na compreensão do pensamento do nosso autor.

Como se verificará, as citações dos textos de Rousseau far-se-ão em língua francesa, aparecendo na correspondente nota de rodapé, logo após a referência, a respectiva tradução. Estas sendo da nossa responsabilidade, não deixaram, porém, de ser confrontadas, nalguns casos, com outras já existentes, a fim de ser conseguida uma aproximação que combinasse dois aspectos: o rigor linguístico e a maior proximidade com o sentido geral dos textos.

Verificar-se-á, também, que o francês destas citações não é o da actual ortografia oficial desta língua. Tal deveu-se a nos termos servido, como melhor se explicará no ponto 3 do nº I do segundo capítulo, da edição De La Pléiade, que, justamente, mantém a grafia original dos manuscritos do autor.

CAPÍTULO I
A VIDA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO

I. OS PRIMEIROS ANOS

1. A criança e os progenitores

Jean-Jacques Rousseau¹ nasce em Genebra, no dia 28 de Junho do ano de 1712, filho de Isaac Rousseau² e de Susanne Bernard³. É com ternura e orgulho que o autor fala de seus pais. Do pai afirma ser um relojoeiro exímio. Da mãe, uma mulher discreta e formosa. Isaac Rousseau é descrito por Trousson como sendo:

“... le dizénier peu conformiste, dont il avait hérité le franc-parler et les attitudes contestataires. Né en 1672, il était horloger, comme son père et son grand-père. Bon artisan peut-être, mais aussi, confesse Jean-Jacques, “homme de plaisir” et manifestement instable (...). Isaac Rousseau avait le sens de l’honneur et le sang vif, une nature impulsive et querelleuse propre à lui attirer des ennuis ...”⁴.

Com a morte do pai, Suzanne Bernard foi criada pelo tio, Samuel Bernard, o qual, professor de matemática e pastor do seu Estado, era considerado um homem respeitável. A mãe de Rousseau recebeu uma educação cuidada: teve lições de música, de desenho e de canto.

¹ Neste capítulo, as fontes bibliográficas que servem de base à nossa investigação, provêm de autores que têm vários estudos realizados sobre o pensamento do século XVIII, sendo especialistas em determinadas áreas do pensamento rousseauiano, destacando-se, de entre elas, a do pensamento político. São, nomeadamente, Raymond Trousson; Robert Wokler; Christopher Bertram; N.J.H. Dent; Sally Scholz; George May; Patrick Riley e Timothy O'Hagan.

² Quanto aos avós paternos, Trousson afirma: “S'ils ne tiennent pas réellement les rênes du pouvoir, ces artisans cependant réfléchissent, ils ont une culture, une conscience civique qui les rend différents des sujets des monarchies ...”. É a figura do avó paterno, David, que morre em 1738, quando Rousseau tem 26 anos, que é importante ter em consideração, pois parece que o próprio Rousseau nela encontra algumas afinidades: “Esprit peut-être trop indépendant, il ne sut pas persévérer dans son ascension sociale ni s'accommoder de la sévère morale genevoise (...). En outre, on le savait hostile à la politique francophile du Petit Conseil et il essuya un autre blâme pour avoir parlé sans ménagement de ses supérieurs. Il n'était pas non plus homme à faire fortune et finira sa vie à la charge de l'assistance publique ...” (cf. Trousson, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*, Éditions Hachette, La Flèche, 1993, p. 12).

³ Quanto aos avós maternos é também com a figura do avó - Jacques Bernard, falecido em 1682, que Rousseau, portanto, não conheceu, que podemos encontrar afinidades: “Dans cette cité organisée comme une Sparte moderne, Jacques Bernard fit scandale plus souvent qu'à son tour (...). En 1672, il se rangea en épousant la fille d'un homme de loi, Anne-Marie Machard. De cette union naquit, moins de neuf mois plus tard - l'incorrigible avait “anticipé”, - Suzanne Bernard, qui sera la mère de Jean-Jacques ...” (Ibidem, p. 13).

⁴ *Ib.*, p. 14.

Segundo Trousson, “Elle était intelligent, goûtait la lecture et laissa des romans que Jean-Jacques dévora dans son enfance. Fort jolie, paraît-il, elle aimait plaire et rire, regrettable faiblesse ...”⁵.

Um episódio decide o seu casamento com Isaac Rousseau. Um dia, em 1695, faz-se passar por camponesa para assistir a uma comédia no bairro popular de Molard. Mas é reconhecida e denunciada, pelo que é chamada a apresentar-se aos governantes de Genebra, o Consistório. Porém, recusa-se determinadamente a fazê-lo e decide casar com Isaac Rousseau. Os pais de Rousseau casam a 2 de Junho de 1704. A relação de ambos é descrita, por Rousseau, do seguinte modo:

“Tous deux, nés tendres et sensibles, n'attendoient que le moment de trouver dans un autre la même disposition, ou plutôt ce moment les attendait eux-mêmes, et chacun d'eux jeta son cœur dans le premier qui s'ouvrit pour le recevoir (...). Il retrouva celle qu'il aimait tendre et fidèle. Après cette épreuve, il ne restait qu'à s'aimer toute la vie; ils le jurèrent, et le Ciel bénit leur serment ...”⁶.

Um ano após o casamento, a 15 de Março de 1705, nasce o único irmão do nosso autor, François. Neste período, Isaac parte para Constantinopla à procura de uma vida melhor, que lhe desse a ganhar mais dinheiro. Regressado em 1711 a pedido da esposa, Suzanne Bernard engravida pela segunda vez, a respeito do que Rousseau dirá: “Je fus le triste fruit de ce retour. Dix mois après, je naquis infirme et malade...”⁷. É como se, antevendo aí o seu futuro, assinalasse o momento da sua concepção como aquele que tudo determinaria: “Je coûtai la vie à ma mère, et ma naissance fut le premier de mes malheurs...”⁸. Isso, por sua vez, irá condicionar fortemente o modo como Rousseau percebe a relação com o pai:

“Il croyait la revoir en moi, sans pouvoir oublier que je la lui avais ôtée; jamais il ne m'embrassa que je ne sentisse à ses soupirs, à ses convulsives

⁵ Ib..

⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J. Rousseau”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 6. “Ambos, naturezas ternas e sensíveis, só esperavam o momento de encontrar noutrem a mesma disposição, ou, antes, tal momento esperava-os a eles próprios, e cada qual atirou com o coração ao primeiro que se abriu para o receber (...). Encontrou a sua amada carinhosa e fiel. Depois desta prova, só lhes restava amarem-se toda a vida; juraram-no, e o Céu abençoou o seu voto ...”.

⁷ Ibidem, p. 7. “Fui eu o triste fruto desse regresso. Dez meses depois, vim ao mundo, fraco e doente ...”.

⁸ Ib.. “O meu nascimento custou a vida de minha mãe, e foi a minha primeira desgraça ...”.

étreintes, qu'un regret amer se mêloit à ses caresses: elles n'en étoient que plus tendres (...). T'aimerois-je ainsi, si tu n'étois que mon fils?..."⁹.

Só dentro deste contexto podemos entender o porquê de Rousseau permanecer afectado por um sentimento de auto-culpabilização constante, assim como em permanente estado de depressão: "J'apportai le germe d'une incomodité que les ans ont renforcée, et qui maintenant ne me donne quelquefois des relâches que pour me laisser souffrir plus cruellement d'une autre façon..."¹⁰.

2. O início da educação

2.1. O auto-conhecimento: as primeiras leituras

O primeiro momento de auto-conhecimento consciente que Jean-Jacques aponta é aquele em que começa a relacionar-se com a leitura: "Je ne sais comment j'appris à lire; je ne me souviens que de mes premières lectures et de leur effet sur moi: c'est le tems d'où je date sans interruption la conscience de moi-même..."¹¹.

É deste período de primeiras leituras, feitas em conjunto com o pai e que irão tornar-se numa influência determinante¹², que recorda: "... nous lisions tour à tour sans relâche, et passions les nuits à cette occupation (...). En peu de tems j'acquis, par cette dangereuse methode, non seulement une extrême facilité à lire et à m'entendre, mais une intelligence unique à mon age sur

⁹ lb.. "Julgava ver minha mãe em mim, sem poder esquecer que lha tinha tirado; nunca me beijou sem que eu, graças aos seus suspiros e aos seus abraços convulsivos, não sentisse que um amargo pesar se misturava às blandicias: por isso mesmo elas eram mais ternas (...). Se tu fosses apenas meu filho, amar-te-ia eu desta maneira?"

¹⁰ lb., pp. 7 - 8. "Trazia comigo o germe de uma indisposição que os anos reforçaram, e que no presente só me abandona por vezes para mais cruelmente me fazer sofrer de outro modo ...".

¹¹ lb., p. 8. "Não sei como aprendi a ler; só me recordo das minhas primeiras leituras e do efeito que elas tiveram em mim: é desse tempo que eu dato, sem interrupção, a consciência de mim mesmo ...".

¹² "But his mother had inherited a large library, and his well-read father encouraged the young Rousseau's own fascination with literature, in a cultivated manner which in his *Confessions* Rousseau later judged distinctive of Genevan artisans by contrast with those of other countries ..." (cfr. Wokler, Robert, *Rousseau: A Very Short Introduction*, Oxford University Press, New York, 1995, p. 3).

les passions..."¹³. Como vemos, desde tenra idade que, pela leitura precoce de romances, Rousseau começa a perceber a primazia do sentir relativamente ao pensar, a qual se irá tornar numa das principais marcas na evolução do pensamento do autor. Sentir antes de pensar foi condição essencial para Rousseau despertar: "Je n'avois rien conçu, j'avois tout senti..."¹⁴.

Esta fase inicial de leituras de alguns romances que pertenciam à sua mãe termina em 1719, seguindo-se um segundo período, com um novo estilo de leituras: "L'hiver suivant, ce fut autre chose. La bibliothèque de ma mere épuisée, on eut recours à la portion de celle de son pere qui nous étoit échue..."¹⁵. Agora, o nosso pensador irá apreender os conceitos que se tornaram fundamentais para a formação do seu pensamento político-educacional, assim como para a sua conduta futura. É o próprio Rousseau que fala da importância destas leituras para a sua formação, assim como para toda a sua acção futura:

"De ces interessantes lectures, des entretiens qu'elles occasionnoient entre mon pere et moi, se formacet esprit libre et républicain, ce caractère indomptable et fier, impatient de joug et de servitude, qui m'a tourmenté tout le tems de ma vie dans les situations les moins propres à lui donner l'essor..."¹⁶.

Esta afirmação revela bem o modo como o autor se entende a si mesmo e o reconhecimento que faz dessa aprendizagem, sobretudo na importância que atribui aos conteúdos que essas segundas leituras lhe forneceram. Assim se explica o gosto por tais matérias¹⁷, as quais, mais do que como modelos, surgem fundamentalmente como realidades exemplares: "Sans cesse

¹³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Les Confessions de J.J. Rousseau", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 8. "... começámos a ler sem descanso alternadamente um e outro (...). Graças a este perigoso método, adquiri em pouco tempo não só uma extrema facilidade em ler e compreender-me, como uma inteligência das paixões única para a minha idade ...".

¹⁴ Ibidem. "Nada tinha concebido, tinha sentido tudo ...".

¹⁵ Ib.. "No Inverno seguinte foi outra coisa. Esgotada a biblioteca de minha mãe, recorremos à parte da de seu pai que nos tinha calhado ...".

¹⁶ Ib., p. 9. "Foi através destas interessantes leituras e das conversas que elas ocasionavam entre meu pai e mim que se formou este espirito livre e republicano, este carácter indomável e altivo, impaciente do jugo e da servidão, que toda a minha vida me atormentou nas situações menos próprias para o deixar expandir-se ...".

¹⁷ De acordo com Trousson a grande descoberta de Rousseau terá sido "... les *Hommes illustres*, dans la traduction d'Amyot (...). Dans ces anecdotes, il découvre l'héroïsme antique, la vertu romaine, la liberté des républiques grecques, Brutus et Agéllas revivent sous ses yeux, il entend leurs discours, s'enflamme à leur exemple. Sous l'influence de son père, Genève gardait pour lui quelque chose de Lacédémone et du civisme à l'antique. Héroïsme antique, idéalisme romanesque, patriotisme et orgueil républicain se conjuguent en lui pour nourrir sa double nature ..." (cfr. Trousson, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*, Éditions Hachette, La Flèche, 1993, p. 18).

occupé de Rome et d'Athènes ; vivant, pour ainsi dire avec leurs grands hommes (...), je m'en enflamois à son exemple ; je me croyois Grec ou Romain..."¹⁸.

É o próprio Rousseau que apresenta os benefícios desta primeira forma de educação em contraposição à educação que o seu irmão mais velho teve. É assim que ele vê as consequências resultantes da diferente educação ministrada aos dois irmãos:

"J'avois un frère plus âgé que moi de sept ans. Il apprenoit la profession de mon pere. L'extrême affection qu'on avoit pour moi le faisoit un peu négliger, et ce n'est pas cela que j'approuve. Son éducation se sentit de cette négligence. Il prit le train du libertinage, même avant l'age d'être un vrai libertin ..."¹⁹.

Uma educação diferente, mais esmerada, de cariz classicista, e afectos desigualmente distribuídos, compõem a percepção que Rousseau tem da posição que detém no seio da sua família, a qual é tida por ele como a primeira forma de auto-conhecimento.

2.2. A importância do afecto na construção do auto-retrato

Um elemento que o autor faz transparecer no seu discurso com uma clareza enorme é a questão da afectividade e a importância desta para a educação. Repare-se como fala da relação que estabelecia com o pai aquando das leituras que faziam em conjunto: "Quelquefois mon pere, entendant le matin les hirondelles, disoit tout honteux: allons nous coucher; je suis plus enfant que toi..."²⁰. Este elemento da afectividade ganha uma outra dimensão quando começa a reflectir sobre a relação que tem com o irmão: "Je ne le voyois presque point : à peine puis-je dire avoir

¹⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Les Confessions de J.J. Rousseau", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 9. "Constantemente imbuído de Roma e de Atenas, vivendo por assim dizer com os seus grandes homens (...), inflamava-me com o seu exemplo, julgava-me grego ou romano ...".

¹⁹ Ibidem. "Tinha um irmão mais velho do que eu sete anos. Aprendia o ofício de meu pai. A grande afeição que tinham por mim faziam que o descurassem um pouco a ele, coisa que não aprovo. A sua educação sentiu-se deste descuro. Enveredou pela libertinagem, mesmo antes da idade de ser um autêntico libertino ...".

²⁰ Ib., p. 8. "Algumas vezes meu pai, ouvindo de manhã as andorinhas, dizia, cheio de vergonha: vamos deitar-nos; ainda sou mais criança do que tu ...".

fait connoissance avec lui : mais je ne laissois pas de l'aimer tendrement, et il m'aimoit autant qu'un poliçon peut aimer quelque chose..."²¹.

Talvez se perceba melhor a importância que Rousseau dá ao papel da afectividade na dimensão educativa quando faz uma critica feroz à qualidade da relação que o pai mantinha com o irmão:

"Je me souviens qu'une fois que mon pere le châtoit rudement et avec colére, je me jettai impétueusement entre deux l'embrassant étroitement. Je le couvris ainsi de mon corps, recevant les coups qui lui étoient portés, et je m'obstinaï si bien dans cette attitude, qu'il fallut enfin que mon pere lui fit grace, soit desarmé par mes cris et mes larmes, soit pour ne pas me maltraiter plus que lui..."²².

Pois, como diz: "Si ce pauvre garçon fut élevé négligemment, il n'en fut pas ainsi de son frère (...), et toujours (...), traité en enfant chéri, jamais en enfant gâté..."²³. A distinção entre menino adorado e menino mimalho é importante porque é a partir dela que Rousseau vai fazer o seu auto-retrato. Afirma ele que:

"Jamais une seule fois, jusqu'à ma sortie de la maison paternelle, on ne m'a laissé courir seul dans la rue avec les autres enfants: jamais on n'eut à réprimer en moi ni à satisfaire aucune de ces fantasques humeurs qu'on impute à la nature, et qui naissent toutes de la seule éducation ..." ²⁴.

Apesar desse zelo protector, tinha, como reconhece:

²¹ Ib., p. 9. "Quase que não o via, e mal posso dizer tê-lo conhecido; contudo, não deixava de o amar com ternura, e ele amava-me tanto quanto um valdevinos pode amar qualquer coisa ...".

²² Ib., pp. 9 - 10. "Recordo-me que de uma vez em que meu pai, encolerizado, o castigava violentamente, me lancei impetuosamente entre os dois, abraçando-me muito a ele. Desta maneira, cobri-o com o meu corpo, recebendo os socos que lhe eram dirigidos; e tanto me obstinei nesta atitude, que necessário foi, por fim, que meu pai lhe perdoasse, desarmado quer pelos meus gritos e pelas minhas lágrimas, quer para não me maltratar mais do que a ele ...".

²³ Ib., p. 10. "Se este pobre rapaz foi educado negligentemente, o mesmo não sucedeu com o seu irmão (...), sempre tratado como menino adorado, não como um menino mimalho ...".

²⁴ Ib.. "... nem uma só vez me deixaram correr na rua sozinho com as outras crianças; nunca tiveram que me repreender nem satisfazer um destes caprichos fantásticos que se atribuem à natureza, quando nascem todos unicamente da educação ...".

“... les défauts de mon age; j'étois babillard, gourmand, quelquefois menteur. J'aurois volé des fruits, des bonbons, de la mangeaille; mais jamais je n'ai pris plaisir à faire du mal, du dégât, à charger les autres, à tourmenter de pauvres animaux. Je me souviens pourtant d'avoir une fois pissé dans la marmite d'une de nos voisines, appelée Madame Clot, tandis qu'elle étoit au prêche (...). Voila la courte et véridique histoire de tous mes méfaits enfantins ...”²⁵.

Repare-se que Rousseau contrapõe caprichos a defeitos. Parece querer distinguir algo que é ensinado de algo que faz parte da natureza humana, o que é por ela adquirido daquilo que lhe é próprio. Acaba, deste modo, por atribuir as travessuras da sua infância a algo mais próprio da idade do que da aprendizagem. E isto dá-nos a indicação de que, de facto, a sua primeira educação, apesar do zelo protector de que foi alvo, não impediu o desenvolvimento do seu estado natural.

Para continuar a fazer o seu auto-retrato, o nosso pedagogo introduz, como elemento adicional, a noção de exemplo. Rousseau é aquilo que é porque “Comment serois-je devenu méchant, quand je n'avois sous les yeux que des exemples de douceur, et autour de moi que les meilleures gens du monde?”²⁶. É aqui dado testemunho do quanto foram importantes para o jovem Rousseau as pessoas que o rodeavam. Elas acabam por surgir como ponto essencial do seu equilíbrio emocional: “Mon pere, ma tante, ma mie, mes parents, nos amis, nos voisins, tout ce qui m'environnoit ne m'obéissoit pas à la vérité, mais m'aimoit; et moi je les aimois de même...”²⁷. Há uma serenidade que transparece na descrição que ele faz do seu dia-a-dia: “Hors le tems que je passois à lire ou écrire auprès de mon pere, et celui où ma mie me menoit promener, j'étois toujours avec ma tante, à la voir broder, à l'entendre chanter, assis ou debout à

²⁵ lb.. “... os defeitos da (...) idade: era tagarela, lambareiro, algumas vezes mentiroso; teria roubado fruta, bombons, comida; mas nunca senti prazer em praticar o mal, em fazer estragos, em acusar os outros, em atormentar os pobres animais. Recordo-me, porém, de ter uma vez urinado na marmita de uma vizinha nossa, chamada Madame Clot, enquanto ela se achava na prédica (...). Aqui está a curta e verídica história de todos os meus delitos infantis ...”.

²⁶ lb.. “Como poderia eu tornar-me mau, quando diante dos olhos só tinha exemplos de brandura, e à minha volta as melhores pessoas do mundo?”.

²⁷ lb.. “Meu pai, minha tia, minha ama, os meus parentes, os nossos amigos, os nossos vizinhos, tudo o que me rodeava não me obedecia, na verdade, mas amava-me; e eu amava-os igualmente”.

côté d'elle..."²⁸, serenidade essa que se manifestava na expressão do autor: "... et j'étois content..."²⁹. Também é neste período que Rousseau começa a desenvolver o gosto pela música: "Je suis persuadé que je lui dois le gout ou plustot la passion pour la musique, qui ne s'est bien développée en moi que longtems après..."³⁰.

Considerando as palavras do autor, de que "... furent les premières affections de mon entrée à la vie ..." ³¹, podemos concluir que o carácter deste jovem cedo começou a desenhar-se: "... ainsi commençoit à se former ou à se montrer en moi ce cœur à la fois si fier et si tendre, ce caractère efféminé, mais pourtant indomptable, qui, flottant toujours entre la foiblesse et le courage, entre la mollesse et la vertu, m'a jusqu'au bout mis en contradiction avec moi-même ..."³².

Este primeiro momento educativo é interrompido por "... un accident dont les suites ont influé sur le reste de ma vie ..." ³³. É precisamente a partir desta altura que Rousseau fica sob a tutela de seu tio Bernard, o qual tinha um filho da sua idade. Os dois jovens foram colocados em Bossey, na casa do pastor Lambercier, e aí começam a aprender latim e "... tout le menu fatras dont on l'accompagne sous le nom d'éducation ..." ³⁴.

2.3. A importância das emoções: o despertar para a sensualidade

Em Outubro de 1722 Rousseau vai com o seu primo Bernard para Bossey para a casa do pastor Lambercier, para aprender toda a quinquilharia a que era dada o nome de educação. Talvez por isso o nosso autor tenha necessidade de estabelecer relações e comparações entre os diferentes influxos educativos que recebeu. Começa por evidenciar que o sentido de obrigação o inibe de se aplicar quer aos estudos, quer à leitura, quer ao trabalho, e sente necessidade de se

²⁸ lb., pp. 10 - 11. "Fora das horas passadas a ler ou a escrever junto de meu pai, ou em que ia passear com a minha ama, estava sempre com minha tia, a vê-la bordar ou a ouvi-la cantar, sentado ou em pé ao lado dela ...".

²⁹ lb., p. 11. "... e sentia-me contente ...".

³⁰ lb.. "Estou convencido que é a ela que devo o gosto ou, antes, a paixão pela música, que só muito mais tarde se desenvolveu a valer em mim ...".

³¹ lb., p. 12. "... foram estas as primeiras afeições à minha entrada na vida ...".

³² lb.. "... assim começa a formar-se e a mostrar-se em mim este coração a um tempo tão altivo e tão sensível, este carácter efeminado e todavia indomável que, flutuando sempre entre a fraqueza e a coragem, entre o desleixo e a virtude, me pôs em contradição comigo mesmo até ao fim ...".

³³ lb.. "... um acidente cujas consequências influíram no resto da minha vida ...".

³⁴ lb.. "... toda a quinquilharia de que, sob o nome de educação, o fazem acompanhar ...".

expandir como qualquer garoto da sua idade: “A Genève, où l'on ne m'imposoit rien, j'aimois l'application, la lecture; c'étoit presque mon seul amusement. A Bossey, le travail me fit aimer les jeux qui lui servoient de relâche ...”³⁵.

Deste modo, apercebemo-nos de que o que era essencial em Genebra deixa de o ser em Bossey. Assiste-se a uma inversão de opções e de prioridades: “Deux ans passés au village adoucirent un peu mon âpreté romaine, et me ramenèrent à l'état d'enfant ...”³⁶. A vida do campo assume importância decisiva no crescimento de Rousseau, surgindo como contraponto à obrigação. É neste contexto que elogia Monsieur Lambercier, quando ressalva que este nunca descorou a instrução em favor de trabalhos excessivos:

“La preuve qu'il s'y prenoit bien est que, malgré mon aversion pour la gêne, je ne me suis jamais rappelé avec dégoût mes heures d'étude, et que, si je n'appris pas de lui beaucoup de choses, ce que j'appris je l'appris sans peine, et n'en ai rien oublié ...”³⁷.

A partir desta afirmação Rousseau fornece-nos uma definição de aprendizagem: aquilo que não custa, aquilo que não se esquece, não interessando a quantidade do que se aprende, mas a qualidade. Esta noção de qualidade é também transposta para as relações humanas, deonde a importância que o autor atribui ao sentimento de amizade. Trata-se de um sentimento que resulta da experiência concreta e da relação de proximidade que estabelece com o primo Bernard:

“La simplicité de cette vie champêtre me fit un bien d'un prix inestimable, en ouvrant mon cœur à l'amitié. Jusqu'alors je n'avois connu que des sentiments

³⁵ Ib.. “Em Genebra, onde me não obrigavam a coisa alguma, gostava de aplicar-me, de ler; era quase a minha única distração; em Bossey, o trabalho levou-me a amar as brincadeiras que lhe serviam de folga ...”.

³⁶ Ib.. “Dois anos na aldeia adoçaram um pouco a minha severidade romana e fizeram-me regressar à condição de garoto ...”.

³⁷ Ib., p. 13. “A prova da sua habilidade a este respeito reside no facto de que, apesar da minha aversão pelas obrigações, nunca me lembrei com aborrecimento das horas de estudo, e se não aprendi com ele muitas coisas, o que aprendi foi sem custo, nada tendo esquecido ...”.

élevés, mais imaginaires. L'habitude de vivre ensemble dans un état paisible m'unit tendrement à mon cousin Bernard ..."³⁸.

Podemos perceber melhor esta ideia de experiência concreta pela descrição que Rousseau faz da relação entre ambos: "Nos travaux, nos amusements, nos goûts étoient les mêmes: nous étions seuls, nous étions de même age (...), nous séparer étoit, en quelque sorte, nous anéantir (...). Enfin nos deux caractères s'accordoient si bien, et l'amitié qui nous unissoit étoit si vraie ..."³⁹. Foi justamente o modo de vida em Bossey que permitiu que o carácter afectivo do autor desabrochasse, de onde que: "Les sentimens tendres, affectueux, paisibles, en faisoient le fond ..."⁴⁰. A educação em Bossey estava assim pois conforme à sua natureza: "Tout nourrissoit dans mon cœur les dispositions qu'il receut de la nature ..."⁴¹.

Uma das figuras que marca a educação de Rousseau é a de Mademoiselle Lambercier. De acordo com as suas palavras, Mademoiselle Lambercier tinha por ele e pelo primo uma ternura de mãe; contudo, exercia também uma atitude de autoridade chegando a aplicar-lhes castigos. Confessa Rousseau que era menos terrível para si experimentá-los do que aguardá-los, pois foram eles que o afeiçoaram " ... davantage encore à celle qui me l'avoit imposé ..."⁴². No que se refere a este tratamento, e ao facto de merecê-lo, afirma o seguinte:

"... car j'avois trouvé dans la douleur, dans la honte même, un mélange de sensualité qui m'avoit laissé plus de désir que de crainte de l'éprouver derechef par la même main. Il est vrai que, comme il se meloit sans doute à cela quelque instinct précoce du sexe, le même châtiment reçu de son frere ne m'eut point du tout paru plaisant ..."⁴³.

³⁸ Ib.. "A simplicidade desta vida campestre fez-me um bem de um preço inestimável, abrindo o meu coração à amizade. Até então, eu só havia conhecido sentimentos elevados, mas imaginários. O hábito de viver em companhia, num ambiente de paz, ligou-me afectuosamente a meu primo Bernard ...".

³⁹ Ib..

⁴⁰ Ib., p. 14. "Os sentimentos ternos, afectuosos, serenos, constituíam o fundo deste ...".

⁴¹ Ib.. "Tudo alimentava no meu coração as tendências que este recebera da natureza ...".

⁴² Ib., p. 15. "... ainda mais a quem mo havia aplicado ...".

⁴³ Ib.. "... porque eu tinha encontrado na dor, e até na vergonha, um misto de sensualidade que, mais do que receio, me deixara o prazer de o receber novamente da mesma mão. É certo que, misturando-se sem dúvida nisso qualquer instinto precoce do sexo, o mesmo castigo recebido do irmão de maneira nenhuma me teria parecido agradável ...".

É o próprio autor que reconhece que estes castigos foram marcantes no modo como o seu sentido de sensualidade se desenvolveu. Dessas consequências faz-nos uma descrição pormenorizada:

“Qui croiroit que ce châtimeut d'enfant, receu à huit ans par la main d'une fille de trente, a décidé de mes goûts, de mes desirs, de mes passions, de moi pour le reste de ma vie (...). En même tems que mes sens furent allumés, mes desirs prirent si bien le change, que, bornés à ce que j'avois éprouvé ils ne s'aviserent point de chercher autre chose. Avec un sang brulant de sensualité presque dès ma naissance, je me conservai pur de toute souillure jusqu'à l'age où les temperamens les plus froids et les plus tardifs se développent (...), mon imagination me les rappeloit sans cesse; uniquement pour les mettre en œuvre à ma mode, et en faire autant de Demoiselles Lambercier ...”⁴⁴.

É, ainda, o próprio Rousseau que avalia de modo crítico este estado inicial de sensualidade: “Même après l'age nubile, ce goût bizarre toujours persistant, et porté jusqu'à la dépravation, jusqu'à la folie, m'a conservé les mœurs honnêtes qu'il sembleroit avoir dû m'ôter ...”⁴⁵. Como que admirado consigo mesmo, no que se refere a esta descoberta da sensualidade, e numa tentativa de justificar aquilo que lhe causa um certo incómodo, afirma que “Si jamais éducation fut modeste et chaste, c'est assurément celle que j'ai receue ...”⁴⁶. Prossequindo nesta necessidade de se justificar, acaba por fazer uma cronologia e por apresentar uma análise no que se refere ao modo como aborda a temática da educação sexual.

⁴⁴ lb., pp. 15 - 16. “Quem havia de acreditar que semelhante castigo infantil recebido aos oito anos das mãos de uma rapariga de trinta decidira, para o resto da minha vida, dos meus gostos, dos meus desejos, das minhas paixões, de mim próprio (...). Ao passo que os meus sentidos despertaram, os meus desejos enganaram-se a tal ponto que, confinados no que houvera experimentado, não trataram de procurar outra coisa. Com um sangue escaldante de sensualidade desde que nascera, conservei-me puro de toda a mácula até à idade em que os mais frios e os mais lentos temperamentos se desenvolvem (...), a minha recordação recordava-as a todo o passo; unicamente para pô-las a servirem-se à minha moda, e fazer delas outras tantas donzelas Lambercier ...”.

⁴⁵ lb., p. 16. “... este prazer estanho, sempre persistente e levado até à depravação, até à loucura, manteve-me a honestidade nos costumes, que parecia dever tirar-me, mesmo depois da idade núbil ...”.

⁴⁶ lb.. “... se alguma vez houve educação honesta e casta, foi seguramente a que eu recebi ...”.

2.4. O entendimento da sexualidade

No que se refere à educação sexual na formação do jovem Rousseau podemos destacar dois momentos. Ao primeiro momento, a que podemos chamar de familiar, Rousseau refere-se nos seguintes termos: “Mes trois tantes n'étoient pas seulement des personnes d'une sagesse exemplaire, mais d'une réserve que depuis longtemps les femmes ne connoissent plus. Mon pere, homme de plaisir, mais galant à la vieille mode, n'a jamais tenu, près des femmes qu'il aimoit le plus, des propos dont une vierge eut pu rougir ...”⁴⁷. Ao segundo momento, a que podemos chamar extra-familiar, refere-se-lhe o autor nestes outros termos: “Je ne trouvai pas moins d'attention chez M. Lambercier sur le même article ...”⁴⁸.

Compreendesse, então, que afirma que não tendo tido “... jusqu'à mon adolescence aucune idée distincte de l'union des sexes; mais jamais cette idée confuse ne s'offrit à moi que sous une image odieuse et dégoûtante ...”⁴⁹. E a este respeito descreve o seu sentimento relativamente às mulheres públicas:

“J'avois pour les filles publiques une horreur qui ne s'est jamais effacée; je ne pouvois voir un débauché sans dédain, sans effroi même: car mon aversion pour la débauche alloit jusque là, depuis qu'allant un jour au petit Sacconex par un chemin creux, je vis des deux côtés, des cavités dans la terre où l'on me dit que ces gens-là faisoient leurs accouplements. Ce que j'avois vu de ceux des chiennes me revenoit aussi toujours à l'esprit en pensant aux autres ...”⁵⁰.

⁴⁷ Ib.. “As minhas três tias eram não somente pessoas de uma ponderação exemplar, como mostravam uma reserva que as mulheres já há muito não conhecem. Meu pai, homem dado ao prazer, mas galanteador à antiga, nunca proferiu ao pé das mulheres que mais amava uma palavra de que uma virgem pudesse corar ...”.

⁴⁸ Ib.. “Sobre o mesmo capítulo, não encontrei em casa de Monsieur Lambercier menos cuidados ...”.

⁴⁹ Ib.. “... até à adolescência, ideia alguma clara a respeito da união dos sexos, como até essa confusa ideia se me apresentava apenas como uma imagem odiosa e repulsiva ...”.

⁵⁰ Ib.. “Tinha pelas mulheres públicas um horror que nunca desapareceu: não podia ver um libertino sem desdém, sem pavor mesmo: porque a minha aversão pela libertinagem ia até esse ponto, desde que, tendo ido um dia ao pequeno Sacconex por um caminho fundo, vi umas covas na terra feitas dos dois lados e me disseram que era onde essa gente praticava as suas cópulas. As que tinha visto das cadelas vinham-me sempre ao espírito quando pensava nos outros ...”.

Esta visão da sexualidade é definida pelo o autor como resultante de “Ces préjugés de l'éducation ...”⁵¹. Ela fez com que Rousseau visse desviados de si os “... les premières pointes de la sensualité ...”⁵². Rousseau faz questão de evidenciar que, nestes anos iniciais, a sua experiência amorosa não passou para lá da sua imaginação, pois, como afirma, “Dans mes sotes fantaisies, dans mes érotiques fureurs, dans les actes extravagants auxquels elles me portoient quelquefois, j'empruntois imaginaiement le secours de l'autre sexe ...”⁵³. No entanto, é interessante atender à noção que o autor tem do conceito de amor. Ele não o nega, bem pelo contrário: “... mais je n'ai pas laissé de jouir beaucoup à ma manière, c'est à dire par l'imagination ...”⁵⁴. Rousseau sente necessidade de realçar a pureza dos seus sentidos, afastando-os de qualquer envolvimento de carácter sexual. No entanto, reconhece que os sentidos são a fonte dos desejos:

“Voilà comment mes sens, d'accord avec mon humeur timide et mon esprit romanesque, m'ont conservé des sentimens purs et des mœurs honnêtes, par les mêmes goûts qui, peutêtre avec un peu plus d'effronterie, m'auroient plongé dans les plus brutales voluptés ...”⁵⁵.

Foi justamente “... qu'avec un temperament très ardent, très lascif, très précoce, je passai toutefois l'âge de puberté sans desirer, sans connaitre d'autres plaisirs des sens que ceux dont mademoiselle Lambercier m'avoit très innocemment donné l'idée; mais quand enfin le progrès des ans m'eut fait homme, c'est encore ainsi que ce qui devoit me perdre me conserva ...”⁵⁶.

O autor destaca o papel importante que a imaginação teve no controle das suas preferências sexuais, na medida em que: “... l'amusois du moins par des rapports qui m'en

⁵¹ Ib.. “... preconceitos da educação ...”.

⁵² Ib.. “... primeiros rebates de sensualidade ...”.

⁵³ Ib., p. 17. “... nas minhas loucas fantasias, nos meus furores eróticos, nos extravagantes actos a que eles por vezes me levaram, solicitava imaginariamente o socorro do outro sexo ...”.

⁵⁴ Ib.. “... não deixei de amar bastante à minha maneira, isto é, pela imaginação ...”.

⁵⁵ Ib.. “Eis porque os meus sentidos, de acordo com o meu feitio tímido e o meu espirito romanesco, fizeram que me conservasse puro de sentimentos e honesto de costumes, graças àquelas mesmas preferências que, com um pouco mais de atrevimento, me teriam mergulhado nas mais brutais voluptuosidades ...”.

⁵⁶ Ib.. “... com um temperamento bastante ardente, bastante lascivo, bastante precoce, não só passei toda a idade da puberdade sem desejar, sem conhecer outros prazeres além daqueles de que Mademoiselle Lambercier tão inocentemente me havia dado a ideia, como foi ainda assim que, quando o progresso dos anos me fez homem, aquilo que devia perder-me me preservou ...”.

conservoient l'idée ..."⁵⁷. Estas relações imaginárias, juntamente com a sua "... timidité naturelle ..."⁵⁸, são a causa de Rousseau nunca ter tido uma atitude empreendedora junto das mulheres; por isso, a este respeito remata: "... j'avois l'air d'un amant transi ..."⁵⁹.

3. A criança e o primeiro sentimento de decepção

Mais uma vez Rousseau faz referência a Mademoiselle Lambercier, quando relata o episódio relativo às travessas do cabelo, "La servante avoit mis sécher à la plaque les peignes de Mademoiselle Lambercier. Quand elle revint les prendre, il s'en trouva un dont tout un côté de dents étoit brisé. A qui s'en prendre de ce dégât? personne autre que moi n'étoit entré dans la chambre. On m'interroge; je nie d'avoir touché le peigne ..."⁶⁰. A convicção dos Lambercier era tão forte quanto à culpabilidade de Rousseau, que mesmo o facto de este nunca lhes ter mentido teve algum peso no seu julgamento. Como afirma o próprio Rousseau: "... quoique ce fut la première fois qu'on m'eut trouvé tant d'audace à mentir ..."⁶¹. Nesta afirmação a conjugação verbal utilizada pertence ao modo conjuntivo e o tempo ao pretérito imperfeito; o que nos permite alimentar a efectiva convicção de que Rousseau estava inocente⁶²: como ele, de resto, faz questão de enfatizar:

"Il y a maintenant près de cinquante ans de cette aventure, et je n'ai pas peur d'être aujourd'hui puni derechef pour le même fait. Hé bien, je déclare à la face du Ciel que j'en étois innocent, que je n'avois ni cassé ni touché le peigne, que je

⁵⁷ Ib.. "... distrai-a-as ao menos por meio de relações que me conservavam a ideia delas ...".

⁵⁸ Ib.. "...timidez natural ...".

⁵⁹ Ib.. "... eu tinha ar de um amante acanhado ...".

⁶⁰ Ib., p. 18. "A criada pusera a secar no nicho da parede da lareira as travessas de Mademoiselle Lambercier. Quando voltou por elas, havia uma com uma fiada de dentes todos partidos. Quem acusar de semelhante estrago? – ninguém, além de mim, havia ali dentro. Interrogam-me: nego ter tocado na travessa ...".

⁶¹ Ib.. "... se bem que fosse a primeira vez que me vissem mentir com tanta audácia ...".

⁶² "Ao empregarmos o modo conjuntivo, é completamente diversa a nossa atitude. Encaramos, então, a existência ou a não existência do facto como uma coisa *incerta, duvidosa, eventual* ou, mesmo, *irreal* (...). Como o próprio nome indica, o Conjuntivo denota uma acção, ainda não realizada, é concebida como ligada a outra, expressa ou subentendida (...). Emprega-se normalmente na oração subordinada. Quando usado em orações absolutas, ou orações principais, envolve sempre a acção verbal de um matiz afectivo que acentua fortemente a expressão da vontade do indivíduo que fala" (cfr. VV.AA. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Edições João Sá da Costa, Lisboa, 2000, p. 464).

n'avois pas approché de la plaque, et que je n'y avois pas même songé. Qu'on ne me demande pas comment le dégat se fit; je l'ignore, et ne puis le comprendre; ce que je sais très certainement, c'est que j'en étois innocent ...”⁶³.

Este episódio, e as suas consequências, marcam definitivamente a origem do primeiro momento de decepção de Rousseau: “Qui croiroit, par exemple, qu'un des ressorts les plus vigoureux de mon ame fut trempé dans la même source d'où la luxure et la molesse ont coulé dans mon sang?”⁶⁴. Rousseau considera que as consequências deste episódio despertaram nele sentimentos de “... l'indignation, la rage, le desespero ...”⁶⁵. Para Rousseau, este sentimento de injustiça⁶⁶ é natural ao Homem. Contudo, a experiência de tal injustiça reforça e consolida ainda mais esse sentimento: “Ce mouvement peut m'être naturel, et je crois qu'il l'est; mais le souvenir profond de la première injustice que j'ai soufferte y fut trop longtemps et trop fortement lié, pour ne l'avoir pas beaucoup renforcé ...”⁶⁷.

O autor procura fazer uma análise objectiva da situação, análise na qual, porém, o aspecto emotivo não deixa de estar presente:

“Qu'on se figure un caractère timide et docile dans la vie ordinaire, mais ardent, fier, indomptable dans les passions; un enfant toujours gouverné par la voix de la raison, toujours traité avec douceur, équité, complaisance, qui n'avoit pas même l'idée de l'injustice, et qui pour la première fois en éprouve une si terrible de la part précisément des gens qu'il chérit et qu'il respecte le plus. Quel

⁶³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J. Rousseau”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 19. “Há quase cinquenta anos que a aventura se passou, e não receio ser punido doravante pelo mesmo delito: pois bem! Declaro à face do Céu que estava inocente, que não tinha quebrado nem tocado na travessa, que me não tinha aproximado do nicho, e que nem sequer nisso tinha pensado. Não me perguntem como se deu o desastre, ignoro-o e não posso compreender como a coisa se passou; o que sei de absoluta certeza é que estava inocente ...”.

⁶⁴ Ibidem, p. 17. “Quem havia de acreditar que, por exemplo, uma das mais vigorosas molas da minha alma foi caldeada na mesma fonte que derramou no meu sangue a luxúria e a fraqueza?”.

⁶⁵ Ib., p. 20. “... indignação, raiva, desespero ...”.

⁶⁶ “The Lambercier household was also the birthplace both of his acute sense of justice (...) was born when he was falsely accused and punished for breaking the teeth of a comb ...” (cfr. Bertram, Christopher, *Rousseau and The Social Contract*, Routledge, London, 2004, p. 9).

⁶⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J. Rousseau”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 20. “... semelhante sentimento pode ser natural em mim, e creio que o é; mas a recordação profunda da primeira injustiça sofrida achou-se durante tanto tempo e tão fortemente a ele ligado, que não podia deixar de o ter reforçado consideravelmente ...”.

renversement d'idées! quel désordre de sentimens! quel bouleversement dans son cœur, dans sa cervelle, dans tout son petit être intelligent et moral!"⁶⁸.

O facto de Mademoiselle Lambercier não acreditar em Rousseau faz com que o autor considere esta atitude como uma perda, como uma morte de tudo o que ela, de forma relevante, representava para ele. Assim, se a seguir ao seu nascimento, com a morte da mãe, o primeiro elo afectivo é quebrado, agora, com a perda de Mademoiselle Lambercier, a relação de afectividade que mantinha com ela é também abalada, desta vez pelo sentimento de decepção⁶⁹. Entre a infância e a pré-adolescência Rousseau perde duas referências femininas, um elemento que irá marcar todas relações que futuramente estabelecerá com esse sexo.

O nosso autor descreve a situação relativa à sua acusação injusta sempre na terceira pessoa, como se tal descrição fosse aplicável a qualquer criança nesta idade e porque movida por uma compaixão irresistível, fosse tida por autónoma e universalmente válida: "... et ce sentiment, relatif à moi dans son origine, a pris une telle consistance en lui-même, et s'est tellement détaché de tout interest personnel [autonomie], que mon cœur s'enflamme au spectacle ou au récit de toute action injuste, quel qu'en soit l'objet et en quelque lieu qu'elle se commette [valide universellement], comme si l'effet en retomboit sur moi ..."⁷⁰.

⁶⁸ Ibidem. p. 19. "... imagine-se um carácter tímido e dócil na vida ordinária, mas ardente, altivo, indomável nas paixões; uma criança sempre dirigida pela voz da razão, tratada sempre com brandura, com equidade, com condescendência, que nem sequer tinha a ideia de injustiça, e que pela primeira vez sofre uma terrível, precisamente por parte das pessoas que mais adora e respeita, que desmoronamento de ideias! que desordem de sentimentos! que revolução no seu coração, na sua cabeça, em todo o seu pequeno ser inteligente e moral!".

⁶⁹ De acordo com Dent, o acontecimento da travessa do cabelo fez com que um "... incidente aparentemente trivial, mais do que qualquer precocidade sexual, constituiu a verdadeira perda de inocência de Rousseau ...". E acrescenta, ainda, Rousseau "... foi falsamente acusado de quebrar os dentes de um pente, e como o seu ressentimento por essa injusta acusação o tornou desconfiado, furtivo e manhoso ...". (cfr. Dent, N.J.H., *Dicionário Rousseau*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1996, p. 75).

⁷⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Les Confessions de J.J. Rousseau", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 20. "... e tal sentimento, na sua origem relativo a mim, tomou tal consistência em si mesmo, e desligou-se de tal maneira de qualquer interesse pessoal [autonomia], que o coração se me exalta com o espectáculo ou com o relato de qualquer acção injusta, seja qual for o seu objecto e o lugar em que ela se cometa [universalmente válida], como se o seu efeito caísse sobre mim ...".

II. A ADOLESCÊNCIA PRECOCE E A RELAÇÃO COM O MUNDO

1. O desencantamento: a saída de Bossey

Rousseau é peremptório: “Là fut le terme de la sérénité de ma vie enfantine. Dès ce moment je cessai de jouir d'un bonheur pur, et je sens aujourd'hui même que le souvenir des charmes de mon enfance s'arrête là ...”⁷¹. Repare-se como o autor descreve a partir desse momento sua relação com os Lambercier: “L'attachement, le respect, l'intimité, la confiance, ne lioient plus les élèves à leurs guides; nous ne les regardions plus comme des Dieux qui lisoient dans nos coeurs ...”⁷². Daí a inevitável partida de Bossey: “... mon oncle nous retira, et nous nous séparâmes de M. et mademoiselle Lambercier, rassasiés les uns des autres, et regrettant peu de nous quitter ...”⁷³.

As consequências imediatas da deterioração da relação com os Lambercier, reflectem-se na emotividade e no modo como Rousseau, em conjunto com Bernard, o primo com quem mantinha uma relação de cumplicidade, passaram a olhar para o mundo circundante:

“... nous étions moins honteux de mal faire et plus craintifs d'être accusés: nous commençons à nous cacher, à nous mutiner, à mentir. Tous les vices de notre âge corrompoient notre innocence et enlaidissoient nos jeux. La campagne même perdit à nos yeux cet attrait de douceur et de simplicité qui va au coeur. Elle nous sembloit déserte et sombre; elle s'étoit comme couverte d'un voile qui nous en cachoit les beautés (...). Nous nous dégoutâmes de cette vie; on se dégouta de nous ...”⁷⁴.

⁷¹ Ibidem. “Acabou aí a serenidade da minha vida de criança. Desse momento em diante deixei de gozar de uma felicidade pura, e hoje mesmo sinto que a recordação dos encantos da minha meninice pára aí ...”.

⁷² Ib., p. 21. “... a dedicação, o respeito, a intimidade, a confiança, já não ligavam os discipulos aos seus guias; não os olhámos já como deuses que liam em nossos corações ...”.

⁷³ Ib.. “... meu tio veio buscar-nos, e separámo-nos de Monsieur e Mademoiselle Lambercier fartos uns dos outros, lamentando pouco deixarmo-nos ...”.

⁷⁴ Ib.. “... tínhamos menos vergonha de fazer mal e mais medo de ser acusados: começávamos a esconder-nos, a insubordinar-nos, a mentir. Todos os vícios da nossa idade corrompiam a nossa inocência e envileciam as nossas brincadeiras. O próprio campo perdeu aos nossos olhos aquela

2. O regresso a Genebra

2.1. O lugar secundário da educação e suas consequências

Rousseau regressa a Genebra, em 1724, onde irá passar mais de dois anos na casa de seu tio Bernard, agora responsável pela sua educação. Relativamente a esta, afirma ter ganho o gosto pelo desenho quando acompanhava o seu primo – destinado à engenharia militar – no estudo do desenho e dos *Elementos* de Euclides.

Das várias considerações que o seu tio fez acerca da sua futura profissão – relojoeiro, magistrado ou pastor – Rousseau preferia ser pastor pois “... je trouvois bien beau de prêcher ...”⁷⁵. Contudo, vê este gosto frustrado porque “... mais le petit revenu du bien de ma mere à partager entre mon frere et moi ne suffisoit pas pour pousser mes études ...”⁷⁶. Considera pois ter desperdicado tempo no seu percurso escolar, pois, como nos diz, a sua tia, uma “... dévôte un peu piétiste, qui aimoit mieux chanter les pseumes que veiller à notre éducation ...”⁷⁷.

Rousseau descreve esta etapa da sua vida, no que se refere à educação, como um período de “... presque une liberté entière, dont nous n'abusames jamais ...”⁷⁸, e mostra como a relação com o seu primo Bernard se torna cada vez mais cúmplice:

“Toujours inséparables, nous nous suffisions l'un à l'autre; et, n'étant point tentés de fréquenter les polissons de nôtre âge, nous ne primes aucune des habitudes libertines que l'oisiveté nous pouvoit inspirer (...), et ce qu'il y avoit d'heureux étoit que tous les amusements dont nous nous passionnions successivement nous tenoient ensemble occupés dans la maison (...). Nous

sedução de doçura e de simplicidade que vai direita ao coração: parecia-nos deserto e sombrio; tinha-se como que coberto de um véu que nos escondia as suas belezas (...). Perdemos o gosto a semelhante vida; perderam-nos o gosto a nós ...”.

⁷⁵ Ib., p. 25. “... achava muito belo pregar ...”.

⁷⁶ Ib.. “... os pequenos rendimentos de minha mãe, os quais tinham de ser divididos entre mim e o meu irmão, não chegavam para continuar os meus estudos ...”.

⁷⁷ Ib.. “... devota tanto ao quanto pietista, gostava mais de cantar salmos do que vigiar a nossa educação ...”.

⁷⁸ Ib.. “... quase inteira liberdade, de que nunca abusávamos ...”.

faisons des cages, des flutes, des volants, des tambours, des maisons, des équiffles, des arbalètes ...”⁷⁹.

Tal cumplicidade surge manifesta no facto de se manterem sempre inseparáveis e de se bastarem um ao outro, mesmo o produzirem os próprios brinquedos reforça esta ideia. É ainda neste contexto que Rousseau fala de outra ideia fundamental, a propósito da história de um titereiro italiano, a ideia de facilidade de se moldar a criança e a necessidade que estas têm de ser bem orientadas. A esse propósito diz-nos o nosso pedagogo: “... il falloit que nôtre première éducation eut été bien dirigée, pour que, maitres presque de notre tems et de nous dans un âge si tendre, nous fussions si peu tentés d'en abuser ...”⁸⁰.

2.2. Os sentimentos de amizade, protecção e de amor

Repare-se que esta ideia relativa à educação acarreta consigo outra ideia querida ao autor: a ideia de simplicidade e de naturalidade dos sentimentos. Este tipo de educação espontânea⁸¹ faz desenvolver na criança os sentimentos, as emoções que lhe são naturais. Ou seja, nada lhe é ensinado: apenas o florescer daquilo que já existe nela. Veja-se como fala da amizade que existe entre ele e o primo - “L'amitié remplissait si bien nos coeurs, qu'il nous suffisait d'être ensemble pour que les plus simples goûts fissent nos délices ...”⁸². Conta-nos Rousseau que, devido ao aspecto franzino do primo os rapazes, troçavam dele e puseram-lhe o sobrenome de Barnã Bredanna. Rousseau, que não gostava desta situação e a considerava embaraçosa para Bernard, diz:

⁷⁹ *Ib.*, “... sempre inseparáveis, bastávamo-nos um ao outro, e não sendo tentados pela companhia dos gaiatos da nossa idade, não apanhámos nenhum dos vícios que a ociosidade nos podia inspirar (...), e o que nos tornava mais felizes é que todos os divertimentos por que sucessivamente nos apaixonámos nos mantinham ocupados um e outro em casa (...). Fazíamos gaiolas, flautas, volantes, tambores, casas, seringas de sabugueiro, arbaletas ...”.

⁸⁰ *Ib.*, p. 26. “... mas mostram a que ponto era preciso que a nossa primeira educação fosse bem dirigida, para que, quase senhores do nosso tempo e de nós próprios em idade tão tenra, nós tivéssemos tão pouca tentação de abusar ...”.

⁸¹ Wokler corrobora com esta ideia quando afirma: “He never received a formal education, and he occasionally appeared to compensate for that deficiency by annotating his writings with lengthy footnotes which acknowledged sources that his better – schooled contemporaries scarcely trouble to cite ...” (cfr. Wokler, Robert, *Rousseau: A Very Short Introduction*, Oxford University Press, New York, 1995, p. 3).

⁸² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J. Rousseau”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 26. “A amizade enchia-nos a tal ponto o coração, que bastava encontrarmo-nos juntos para que os mais simples gostos fizessem as nossas delícias ...”.

“Je me fâchai, je voulus me battre; c'étoit ce que les petits coquins demandoient. Je battis, je fus battu (...). Alors je devenois furieux (...), ma mutine colère, que nous n'osions plus sortir qu'aux heures où l'on étoit en classe, de peur d'être hués et suivis par les écoliers ...”⁸³.

Destas palavras transparecem duas imagens que, parece-nos, será interessante reter: a primeira mostra-nos um Rousseau colérico mas protector; a segunda mostra-nos um Rousseau determinado mas envergonhado. Como teremos oportunidade de ver, estas duas imagens irão acompanhá-lo ao longo da vida, sendo este o primeiro momento da sua manifestação. A relação que Rousseau estabelece com Bernard é de amizade e de protecção, revelando, desde muito novo, uma atitude de justiceiro: “Me voila déjà redresseur des torts. Pour être un Paladin dans les formes, il ne me manquoit que d'avoir une Dame; j'en eus deux ...”⁸⁴.

Rousseau conta-nos, com efeito, que, com a idade de onze anos, quando vai visitar o seu pai a Nion conhece Madame de Vulson, a qual era muito carinhosa com ele. Mas “... pour y mettre le comble, sa fille [Mademoiselle Vulson] me prit pour son galant ...”⁸⁵. A este respeito veja-se a seguinte passagem:

“On sent ce que c'est qu'un galant de onze ans, pour une fille de vingt-deux. Mais toutes ces friponnes sont si aises de mettre ainsi de petites poupées en avant pour cacher les grandes, ou pour les tenter par l'image d'un jeu qu'elles savent rendre attirant. Pour moi qui ne voyois point entre elle et moi de disconvenance, je pris la chose au sérieux; je me livrai de tout mon coeur, ou plutôt de toute ma tête, car je n'étois guère amoureux que par là, quoique je le fusse à la folie, et que mes transports, mes agitations, mes fureurs, donnassent des scènes à pâmer de rire ...”⁸⁶.

⁸³ Ibidem. “... zangava-me, queria lutar: era o que os velhacos desejavam. Bati-lhes e eles bateram-me (...). Eu enfurecia-me então (...), a minha fúria turbulenta aumentava, porém, de tal maneira o mal, que, com medo de que os rapazes da escola nos seguissem e nos vaiassem, só ousávamos sair às horas das aulas ...”.

⁸⁴ Ib.. “... eis-me já vingador de injustiças. Para ser paladino em forma, só me faltava uma dama: arranjei duas ...”.

⁸⁵ Ib.. “... para cúmulo, a filha [Mademoiselle Vulson] elegeu-me para seu namorado ...”.

⁸⁶ Ib., pp. 26 - 27. “Calcula-se o que seja um namorado de onze anos para uma rapariga de vinte e dois. Todas estas velhacas gostam, porém, tanto de exhibir deste modo pequenos bonecos para esconder os grandes ou seduzi-los com a representação de um jogo que elas sabem tomar tentador! Eu, que não via entre ela e mim nenhuma desproporção, tomei a coisa a sério: confiava-me de todo o coração ou, antes, com a cabeça toda, porque a minha paixão era toda na minha cabeça, embora estivesse loucamente apaixonado, e os meus entusiasmos, a minha agitação, as minhas fúrias dessem origem a cenas de rebentar a rir ...”.

Esta passagem é bastante esclarecedora. Por um lado, ao nível do auto-retrato Rousseau mostra uma inocência só possível devido à idade e, por isso mesmo, à inevitável criação de um mundo próprio (a sua paixão é resultado de um constructo racional), que acaba por revelar o sentido ridículo de algumas das suas atitudes. Por outro lado, ao nível do hetero-retrato, Rousseau é implacável com a análise que faz dos adultos, nomeadamente das mulheres: para estes as crianças são apenas bonecos, um utensílio no jogo de simulação que os mais velhos fazem.

Rousseau fala da distinção entre dois tipos de amor, ambos por ele experimentados, e bastante diferentes da "... tendre amitié..."⁸⁷. A descrição da relação que manteve quer com Mademoiselle de Vulson, quer com Mademoiselle Goton, torna bem claro aquilo que em conteúdo separa esses dois tipos de amor:

"Je l'aimois [Mademoiselle de Vulson] en frère; mais j'en étois jaloux en amant. Je l'eusse été de mademoiselle Goton en Turc, en furieux, en Tigre, si j'avois seulement imaginé qu'elle put faire à un autre le même traitement qu'elle m'accordoit (...). J'étois familier avec la première sans avoir de familiarité; au contraire, j'étois aussi tremblant qu'agité devant la seconde, même au fort des plus grandes familiarités. Je crois que si j'étois resté trop longtemps avec elle je n'aurois pu vivre; les palpitations m'auroient étouffé. Je craignois également de leur déplaire; mais j'étois plus complaisant pour l'une et plus obeissant pour l'autre. Pour rien au monde je n'aurois voulu fâcher mademoiselle de Vulson, mais si mademoiselle Goton m'eut ordonné de me jeter dans les flammes, je crois qu'à l'instant j'aurois obéi ..." ⁸⁸.

Esta confissão evidencia dois tipos de sentimentos que confundem o jovem Rousseau: por um lado, a ternura e a compreensão que a relação com Mademoiselle de Vulson lhe desperta; por outro lado, o fascínio que sente pelo domínio e pela dependência que tem relativamente a

⁸⁷ *Ib.*, p. 27. "... doce amizade ...".

⁸⁸ *Ib.*, pp. 28 - 29. "Amava-a [à Mademoiselle de Vulson] como irmão, mas tinha ciúmes dela como um amante. De Mademoiselle Goton tê-los-ia como um turco, como um furioso, como um tigre de imaginar só que fosse que ela dispensava a outrem o mesmo acolhimento que me concedia a mim (...). Da primeira, era familiar, sem ter com ela familiaridades; em face da segunda, ao contrário, achava-me tão trémulo como agitado, mesmo no cúmulo das maiores familiaridades. Creio que não poderia viver se ficasse muito tempo com ela; as palpitações sufocar-me-iam. Temia desagradar-lhes por igual; mas era mais complacente com uma e mais obediente com a outra. Por nada do mundo desejaria desgostar Mademoiselle de Vulson; mas se Mademoiselle Goton me mandasse atirar ao fogo, creio que no mesmo instante lhe obedeceria ...".

Mademoiselle Goton. A leitura que daqui retiramos é que estes dois tipos diferentes de amor acabam por abarcar, no seu conjunto, um modelo da figura de mãe: é como se ele procurasse a figura maternal em alguém que, em simultâneo, acarinha e é bondosa, mas que também comanda e dirige.

Veja-se como o autor descreve o fim da relação que mantém com cada uma delas. Relativamente a Mademoiselle Goton esse final não é problemático: “Mes amours ou plutôt mes rendez-vous avec celle-ci durèrent peu, très heureusement pour elle et pour moi ...”⁸⁹. No que se refere à relação com Mademoiselle de Vulson, e depois de saber do seu casamento, a situação mostra ser diferente: “... dans mon noble couroux de ne plus revoir la perfide, n'imaginant pas pour elle de plus terrible punition ...”⁹⁰. Mais uma vez sucede com Mademoiselle de Vulson o mesmo que já havia sucedido com Mademoiselle Lambercier: o sentimento de decepção atinge de novo o nosso autor e este acaba por perder outra referência feminina.

A avaliação que faz deste período da sua infância é a de que foi desperdiçada com questões de menor importância, sentindo que o seu futuro estava nas mãos de outros, “Ainsi se perdoit en niaiseries le plus précieux tems de mon enfance, avant qu'on eut décidé de ma destination ...”⁹¹. O tio Bernard, pensando estar a seguir as inclinações naturais de Rousseau, acaba por tomar “... le parti pour lequel j'en avois le moins ...”⁹². Ora, é justamente esta situação menos esclarecida que vai acabar por determinar a transformação do seu carácter.

2.3. A transformação de carácter

No que se refere ao futuro de Rousseau a nível profissional, este passa por duas experiências, em nenhuma delas tendo sido bem sucedido. A primeira foi a de escrivão, no escritório de Monsieur Masseron. A desilusão foi total, como nos conta:

“... l'occupation me paraissoit ennuyeuse, insupportable; l'assiduité, l'assujettissement, achevérent de m'en rebutter, et je n'entrais jamais au greffe

⁸⁹ Ib., p. 29. “... os meus amores, ou antes, as minhas entrevistas com esta duraram pouco, felicissimamente para ela e para mim ...”.

⁹⁰ Ib.. “... na minha nobre cólera, jurei nunca mais voltar a ver a pérfida, sem imaginar para ela castigo mais terrível ...”.

⁹¹ Ib., 30. “O tempo mais precioso da minha infância perdia-se assim em ninharias, antes de decidirem do meu destino ...”.

⁹² Ib.. “... o partido para o qual eu menos as mostrava ...”.

qu'avec une horreur qui croissoit de jour en jour (...). Enfin je fus renvoyé du greffe ignominieusement pour mon ineptie, et il fut prononcé par les clerks de M. Masseron que je n'étois bon qu'à mener la lime ..."⁹³.

Após esta experiência falhada foi, em Abril de 1725, trabalhar como aprendiz de gravador na oficina de Monsieur Ducommun, homem que adjectiva de boçal e violento⁹⁴.

"Le métier ne me déplaisoit pas en lui-même: j'avois un gout vif pour le dessein, le jeu du burin m'amusoit assez, et comme le talent du graveur pour l'horlogerie est très borné, j'avois l'espoir d'en atteindre la perfection ..."⁹⁵.

Porém, Rousseau não guarda recordações agradáveis do convívio com o seu patrão. De resto, pode-se indicar este momento da sua existência como aquele que deu início a uma vida errante. Vida errante que Rousseau reconhece ter sido desencadeada pela influência que o seu patrão exercerá sobre ele, introduzindo dessa forma um novo elemento na sua educação. Como afirma Trousson: "Jean-Jacques est blessé, solitaire, malheureux. Il apprend donc à mentir, à dissimuler. Lui qui était bon, la méchanceté des autres le corrompt: voilà, dit-il, pourquoi tous les laquais sont fripons, et pourquoi tous les apprentis doivent l'être. Naïf, il se laisse exploiter ..."⁹⁶. Estas experiências fazem com que Rousseau se torne num desconhecido para si e para os outros. É o próprio Rousseau que afirma que "... en très peu de tems, de ternir tout l'éclat de mon enfance, d'abrutir mon caractere aimant et vif, et de me réduire, par l'esprit ainsi que par la fortune, à mon véritable état d'apprentif ..."⁹⁷.

⁹³ Ib.. "... a ocupação, parecia-me aborrecida, insuportável; a assiduidade, a sujeição, acabaram por desgostar-me dela, e nunca entrava no cartório sem um horror que ia crescendo de dia para dia (...). Enfim, fui ignominiosamente despido do cartório por inapto, e os praticantes de Monsieur Masseron decretaram que eu só prestava para manejar a lima ...".

⁹⁴ Ib..

⁹⁵ Ib., p. 31. "O ofício em si mesmo não me desagradava: eu tinha um pronunciado gosto pelo desenho, o manejo do buril divertia-me bastante, e, como talento de gravador - relojoeiro é muito limitado, tinha a esperança de chegar à perfeição ...".

⁹⁶ Cfr. Trousson, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*, Éditions Hachette, La Flèche, 1993, p. 23.

⁹⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Les Confessions de J.J. Rousseau", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 30. "... em pouco tempo consegui apagar todo o viço da minha infância, embrutecer-me o carácter afável e vivo, e reduzir-me pelo espírito, como já o era pela fortuna, à minha verdadeira condição de aprendiz ...".

No que diz respeito à educação já adquirida, além de ser interrompida, sofre um retrocesso: “Mon latin, mes antiquités, mon histoire, tout fut pour longtemps oublié: je ne me souvenois pas même qu'il y eut eu des Romains au monde ...”⁹⁸.

Rousseau confessava que trabalhar com o seu patrão lhe fez ganhar vícios que considerava odiosos, tais como a mentira, a preguiça e o roubo. As consequências deste modo de vida irão reflectir-se no seu estado de alma e fizeram com que a imagem de Rousseau empalidescesse e se desfigurasse, quer aos seus olhos, quer aos dos outros:

“Mon père, quand je l'allois voir, ne trouvoit plus en moi son idole; je n'étois plus pour les dames le galant Jean Jacques, et je sentois si bien moi-même que M. et mademoiselle Lambercier n'auroient plus reconnu en moi leur élève, que j'eus honte de me représenter à eux, et ne les ai plus revus depuis lors. Les goûts les plus vils, la plus basse polissonnerie succédèrent à mes aimables amusements, sans m'en laisser même la moindre idée ...”⁹⁹.

Fazendo um balanço da infância, o nosso autor recorda três momentos marcantes deste período da sua vida. De forma objectiva e clara afirma: “J'étois hardi chez mon pere, libre chez M. Lambercier, discret chez mon oncle; je devins craintif chez mon maitre, et dès lors je fus un enfant perdu ...”¹⁰⁰.

Este é o Jean-Jacques Rousseau adolescente precoce, um jovem cheio de bons sentimentos, com origem numa natureza pura, porém mal dirigidos. Por isso, não admira que a sua relação com o mundo se venha a tornar muito pouco pacífica. É uma relação que sofre uma dura modificação neste período, a qual se manifesta numa mudança de personalidade e consequentes acções.

⁹⁸ Ibidem. “O meu latim, as minhas antiguidades, a minha história, tudo foi esquecido por muito tempo; já não me lembrava sequer que tivesse havido Romanos no mundo ...”.

⁹⁹ Ib.. “Meu pai, quando o ia visitar, já não via em mim o seu idolo, para as damas eu já não era o galante Jean-Jacques; e eu próprio sentia tão bem que Monsieur e Mademoiselle Lambercier não reconheciam em mim o seu aluno, que tive vergonha de lhes voltar a aparecer, e nunca mais os vi desde então. Os gostos mais abjectos, a garotice mais baixa, sucederam às minhas inofensivas distrações, sem delas me deixarem mesmo a mais pequena ideia ...”.

¹⁰⁰ Ib., p. 31. “Era atrevido em casa do meu pai, livre em casa de Monsieur Lambercier, discreto em casa do meu tio; em casa do meu patrão tornei-me medroso, e desde então fui um rapaz perdido ...”.

Podemos dizer que essas modificações ocorreram quer a nível externo (no que se refere a comportamentos), quer a nível interno (no que se refere ao modo de ser). Ao nível externo o comportamento que tem relativamente ao dinheiro é porventura aquele que melhor evidencia essa modificação: "... si je ne devins pas un voleur en forme, c'est que je n'ai jamais été beaucoup tenté d'argent ..." ¹⁰¹. Tal tentação só não se apoderou dele porque "... cette horreur du vol de l'argent et de ce qui en produit me venoit en grande partie de l'éducation ..." ¹⁰². É a educação que já tivera que, de acordo com ele, o salvaguarda de situações que lhe poderiam ser penosas. Por isso tem consciência de que: "Il ne me faut que des plaisirs purs, et l'argent les empoisonne tous ..." ¹⁰³. Acrescenta:

"Jamais l'argent ne me parut une chose aussi précieuse qu'on la trouve. Bien plus; il ne m'a même jamais paru fort commode: il n'est bon à rien par lui-même; il faut le transformer pour en jouir; il faut acheter, marchander, souvent être dupe, bien payer, être mal servi (...). Cela compris, on comprendra sans peine une de mes prétendues contradictions; celle d'allier une avarice presque sordide avec le plus grand mépris pour l'argent (...). J'adore la liberté; j'abhorre la gêne, la peine, l'assujettissement (...), l'argent qu'on possède est l'instrument de la liberté; celui qu'on pourchasse est celui de la servitude. Voilà pourquoi je serre bien et ne convoite rien ..." ¹⁰⁴.

Ao nível interno, pela forma quase inconsciente como sente as paixões governarem as suas acções, mostra-se alguém apaixonado e cego. Mas logo que este instante de cegueira termina e se eclipsa esta sua faceta impetuosa, tudo volta à normalidade. A timidez retoma então, de novo, o controlo de uma vida atribulada ¹⁰⁵. A passagem que se segue é, quanto a nós, muito

¹⁰¹ Ib., p. 35. "... não me transformei num gatuno em forma foi porque nunca me senti muito tentado pelo dinheiro ...".

¹⁰² Ib., "... este horror do dinheiro e do que serve para fazê-lo me vem em grande parte da educação ...".

¹⁰³ Ib., p. 36. "Fazem-me mister só prazeres puros, e o dinheiro envenena-os a todos ...".

¹⁰⁴ Ib., pp. 37 - 38. "O dinheiro nunca me pareceu essa coisa que acham tão preciosa. Ainda mais – nunca me pareceu uma coisa cómoda; não serve para nada em si mesmo, é preciso transformá-lo para gozarmos dele; é preciso comprar, regatear, ser-se enganado, pagar bem, ser mal servido. Compreendido isto, compreender-se-á sem dificuldade uma das minhas pretensas contradições: a de aliar uma avareza quase sórdida com o maior desprezo pelo dinheiro. Adoro a liberdade. Detesto a mortificação, a fadiga, a submissão (...). O dinheiro que temos é instrumento da liberdade; aquele que se busca é instrumento da servidão. Eis a razão porque aferro bem e nada cobiço ...".

¹⁰⁵ Relativamente a este assunto, Scholz faz a seguinte leitura: "This experience reveals what Rousseau calls the principle facet of his character: he is a man of passion. But perhaps more telling for his philosophy, this story divulges a central component of Rousseau's thought: desire leads to

importante, porque achamos que autor faz aqui uma descrição bastante precisa da sua personalidade:

“J'ai des passions très ardentes (...) je ne connois plus ni ménagement, ni respect, ni crainte, ni bienséance; je suis cynique, effronté, violent, intrépide: Il n'y a ni honte qui m'arrête, ni danger qui m'effraye (...) mais tout cela ne dure qu'un moment et le moment qui suit me jette dans l'anéantissement. Prenez- moi dans le calme, je suis l'indolence et la timidité même: tout m'effarouche, tout me rebute, une mouche en volant me fait peur; un mot à dire, un geste à faire épouvante ma paresse; la crainte et la honte me subjuguent à tel point que je voudrois m'éclipser aux yeux de tous les mortels. S'il faut agir, je ne sais que faire; s'il faut parler, je ne sais que dire; si l'on me regarde je suis décontenancé...”¹⁰⁶.

Este conjunto de afirmações encerra em si um precioso indicador da natureza íntima de Rousseau, possibilitando a compreensão de determinados comportamentos seus enquanto criança, mas também enquanto futuro homem. A descrição feita por Rousseau, relativamente à sua personalidade, permite-nos observar como o autor começa a dar os primeiros sinais de uma predisposição natural para se isolar. Tal torna-se evidente quando confessa não ter vontade de estar com os seus companheiros de trabalho pois tudo o aborrecia. Acabou por canalizar o seu tempo e interesse para o hábito da leitura, o qual, como diz, “... j'avois perdu depuis longtems ...”¹⁰⁷. Embora lesse de forma intensa, eram, contudo, leituras caóticas: lia “Bons et mauvais [livres], tout passoit; je ne choisissois point: je lisois tout avec une égale avidité. Je lisois à l'établi,

servitude. So long as our needs are simple and what we want is within our reach, we are happy. But our desires exceed the simple provisions that nature provides, and when these desires became needs, we are thrown into misery. Human beings, then, are source of their own suffering ...” (cfr. Scholz, Sally, *On Rousseau*, Wadsworth, Belmont, 2001, pp. 9 – 10).

¹⁰⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J. Rousseau”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 36. “As minhas paixões são muito ardentes (...) deixo de conhecer consideração, respeito, temor, decência; sou cínico, descarado, violento, intrépido: não há honra que me detenha, nem perigo que me atemorize (...) mas tudo isto não dura mais que um momento, e no momento seguinte caio abatido. Apanhem-me calmo – sou a própria indolência, a própria timidez; tudo me assusta, tudo me desconcerta; uma mosca a voar faz-me medo; uma palavra a dizer, um gesto a fazer apavoram a minha preguiça; receio e a vergonha subjugam-me a tal ponto, que o meu desejo era eclipsar-me aos olhos de todos os mortais. Se é preciso agir, não sei o que hei-de fazer; se é preciso falar, não sei o que hei-de dizer; se olham para mim, fico atropalhado ...”.

¹⁰⁷ *Ibidem*, p. 39. “... há muito tinha perdido ...”.

je lisois en allant faire mes messages, je lisois à la garde-robe, et m'y oublois des heures entières; la tête me tournoit de la lecture, je ne faisais plus que lire ...”¹⁰⁸.

Quanto aos “... livres obscenes et licencieux ...”¹⁰⁹, na medida em que não tiveram um papel determinante no modo como o autor entende a sua experiência sexual. A realidade sexual do jovem Rousseau estava, pois, inserida numa confusão entre um estado fictício e um estado real. Acompanhando-o até aos últimos dias de vida, a imaginação assume, dessa forma, um lugar fulcral no seu modo de pensamento. É o próprio que reconhece o papel decisivo desta faculdade quando assim escreve:

“Dans cette étrange situation, mon inquiete imagination prit un parti qui me sauva de moi-même et calma ma naissante sensualité. Ce fut de se nourrir des situations qui m'avoient intéressé dans mes lectures, de les rappeler, de les varier, de les combiner, de me les approprier tellement que je devinsse un des personnages que j'imaginois, que je me visse toujours dans les positions les plus agréables selon mon gout, enfin que l'état fictif où je venois à bout de me mettre me fit oublier mon état réel dont j'étois si mécontent ...”¹¹⁰.

É justamente a criação de objectos imaginários que acaba por preencher o vazio que sentia à sua volta. Vazio este que não resulta da inexistência de pessoas ou lugares, mas que se prende com o facto de o autor se desgostar de tudo o que o rodeia, o que, mais uma vez, reforça “... ce gout pour la solitude qui m'est toujours resté depuis ce tems-là ...”¹¹¹. Justifica ele o seu comportamento a partir de uma pureza originária: “... mais qui vient en effet d'un coeur trop affectueux, trop aimant, trop tendre, qui, faute d'en trouver d'existans qui lui ressemblent, est forcé de s'alimenter de fictions ...”¹¹².

¹⁰⁸ Ib.. “Bons e maus [livros], tudo ingeria, não escolhia: lia tudo com a mesma avidez. Lia à banca, lia quando vazia recados, lia no vestiário, esquecendo-me horas inteiras na leitura; a cabeça andava-me à roda, não fazia senão ler ...”.

¹⁰⁹ Ib., p. 40. “... livros obscenos e licenciosos ...”.

¹¹⁰ Ib., p. 41. “Nesta estranha situação, a minha imaginação inquieta tomou uma decisão que me salvou de mim mesmo e me acalmou a sensualidade incipiente; começou a alimentar-se com as situações que me tinham interessado nas minhas leituras, a recordá-la, a variá-las, a combiná-las, a apropriá-las a mim de maneira tal que eu me transformasse numa das personagens que imaginava, que me visse sempre nos lances a meu gosto mais agradáveis, que o estado ficticio em que acabara por me lançar me fizesse, enfim, esquecer o meu estado real, que tanto me aborrecia ...”.

¹¹¹ Ib.. “... aquele amor da solidão que de então para cá sempre me acompanhou ...”.

¹¹² Ib.. “... provém de um coração demasiado terno que, à míngua de encontrar seres semelhantes, é obrigado a alimentar-se de ficções ...”.

O nosso autor é uma pessoa desiludida e desanimada, sem laços afectivos que o prendam à terra. É então que motivado por um acontecimento fortuito, decide deixar este modo de vida, abandonando o patrão e a cidade:

“... je double le pas; j'entends battre la caisse, je cours à toutes jambes: j'arrive essoufflé, tout en nage (...); j'accours, je crie d'une voix étouffée. Il étoit trop tard (...). Sur ce lieu même je jurai de ne retourner jamais chez mon maître; et le lendemain, quand à l'heure de la découverte ils rentrèrent en ville, je leur dis adieu pour jamais, les priant seulement d'avertir en secret mon cousin Bernard de la résolution que j'avois prise, et du lieu où il pourroit me voir encore une fois ...”.

¹¹³.

O estado de alma depressivo¹¹⁴ do jovem Rousseau, agora com dezasseis anos, irá ainda ser abalado pelo modo como termina a sua relação com o primo Bernard. Parece que a história da sua vida, a começar pelo seu nascimento, com a morte da mãe, está fadada a relatar a perda de todos aqueles que ama. Esta é mais uma desilusão na vida de Rousseau que o afecta profundamente em termos emocionais:

“Instruit de ma resolution, il accourut, non pour m'en dissuader ou la partager, mais pour jeter, par de petits présents (...). Plus j'ai réfléchi depuis à la manière dont il se conduisit avec moi dans ce moment critique, plus je me suis persuadé qu'il suivit les instructions de sa mère, et peut-être de son pere, car il n'est pas possible que de lui-même il n'eut fait quelque effort pour me retenir, ou qu'il n'eut été tenté de me suivre: mais point. Il m'encouragea dans mon dessein plustot qu'il ne m'en détourna: puis, quand il me vit bien résolu, il me quitta sans beaucoup de larmes. Nous ne nous sommes jamais écrit ni revus; c'est dommage.

¹¹³ Ib., p. 42. “... dobro o passo; ouço tocar o tambor, desato a correr: chego esbofeado, alagado de suor (...); corro, grito com voz ofegante. Era muito tarde (...). Ali mesmo jurei nunca mais voltar para casa de meu patrão; e no dia seguinte, quando, à hora de abrir as portas, entraram na cidade, disse-lhes adeus para sempre, pedindo-lhes apenas que avisassem, às escondidas, meu primo Bernard da resolução que tinha tomado, e do local onde ainda uma vez me poderia ver ...”.

¹¹⁴ Ib., p. 41.

Il étoit d'un caractère essentiellement bon: nous étions faits pour nous aimer

..."¹¹⁵.

3. A partida de Genebra e a chegada a Annecy

Em 1728, depois de encontrar as portas da cidade fechadas, Rousseau decide abandonar a sua terra e parte à procura de um mundo novo, expressando um sentimento de liberdade, na perspectiva de ele próprio poder despertar para a vida:

“L'indépendance que je croyois avoir acquise étoit le seul sentiment qui m'affectoit. Libre et maitre de moi-même, je croyois pouvoir tout faire, atteindre à tout (...). Une société charmante me suffisoit, sans m'embarrasser du reste (...). Favori du Seigneur et de la Dame, amant de la Demoiselle, ami du frère et protecteur des voisins, j'étois content; il ne m'en falloit pas davantage ...”¹¹⁶.

Esta é a primeira decisão a influenciar determinadamente o futuro do nosso autor. Rousseau parte para Confignon, para se encontrar com M. de Pontverre e sua esposa, Madame de Pontverre, “... who saw in Rousseau a possible convert to Catholicism ...”¹¹⁷. É com uma carta de recomendação de Madame de Ponteverre que parte da casa desta e se dirige para Annecy para conhecer Françoise Louise de La Tour, Baronne de Warens¹¹⁸.

¹¹⁵ Ib., pp. 42 - 43. “Ao corrente da minha resolução, acorreu, não para me dissuadir ou tomar parte nela, mas para de certo modo adoçar a minha fuga, mediante uns pequenos presentes (...). Quanto mais reflecti depois na maneira como ele se comportou comigo neste momento critico, mais me convenço de que segui as instruções da mãe, e talvez do pai; porque não é possível que por si mesmo ele não tivesse feito qualquer esforço para me reter, ou que não tentasse seguir-me: mas nada. Encorajou mais o meu propósito do que me dissuadiu dele; depois, quando me viu absolutamente resolvido, partiu sem grandes lágrimas. Nunca mais nos vimos nem nos escrevemos. É pena: tinha um carácter essencialmente bom; tínhamos nascido para nos amarmos ...”.

¹¹⁶ Ib., p. 45. “A independência que julgava ter adquirido era o único sentimento que me impressionava. Livre e senhor da minha pessoa, julgava tudo poder fazer, tudo conseguir (...). Bastava-me uma sociedade amável, sem me preocupar com o resto (...). Favorito do senhor e da dama, enamorado da donzela, amigo do irmão e protector dos vizinhos – isso me contentava; não precisava de mais ...”.

¹¹⁷ Cfr. Scholz, Sally, *On Rousseau*, Wadsworth, Belmont, 2001, p. 11.

¹¹⁸ Como nos diz Wokler: “Madame de Warens had by the still tender age of twenty-nine already made something of a career of converting Protestant refugees to Catholicism, and she brought Rousseau into her home and her bosom with an intimate hospitality that accorded well with his own rapturous enthusiasm” (cfr. Wokler, Robert, *Rousseau: A Very Short Introduction*, Oxford University Press, New York, 1995, p. 4).

III. OS ANOS DE FORMAÇÃO DO HOMEM

1. O encontro com Madame de Warens

Um jovem bem parecido e com um espírito tímido, que chega a Annecy e se encontra com a jovem Madame de Warens¹¹⁹, de vinte e oito anos, marca aquela que irá ser porventura a época mais determinante para a formação do carácter de Rousseau. A passagem que se segue mostra-nos como o autor vê esse momento:

“J'arrive enfin: je vois madame de Warens. Cette époque de ma vie a décidé de mon caractère; je ne puis me résoudre à la passer légèrement. J'étais au milieu de ma seizième année. Sans être ce qu'on appelle un beau garçon, j'étais bien pris dans ma petite taille, j'avais un joli pied, une jambe fine, l'air dégagé, la physionomie animée, la bouche mignonne, les sourcils et les cheveux noirs, les yeux petits et même enfoncés, mais qui lançoient avec force le feu dont mon sang étoit embrasé (...). Ainsi j'avais avec la timidité de mon âge celle d'un naturel très aimant, toujours troublé par la crainte de déplaire ...”¹²⁰.

Esta descrição contém outro elemento essencial: aquele que se refere à sua educação. Com efeito, na sequência desta passagem, Rousseau dá-nos a indicação do estado deficitário em que se encontra a sua educação no que se refere ao saber estar em sociedade, muito embora reconheça que o seu espírito revela uma predisposição para algo mais elevado:

¹¹⁹ O encontro dá-se no dia 21 de Março de 1728, domingo de Ramos (cfr. Trousson, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*, Éditions Hachette, La Flèche, 1993, p. 25).

¹²⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J. Rousseau”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 48. “Chego por fim; vejo Madame de Warens. Esta época da minha vida decidi do meu carácter; não posso resolver-me a contá-la superficialmente. Tinha dezasseis anos e meio. Sem ser o que se chama um bonito rapaz, era bem parecido na minha pequena estatura; tinha os pés bonitos, pernas finas, um ar desembaraçado, uma fisionomia viva, boca engraçada, sobrancelhas e cabelos pretos, olhos pequenos e fundos, mas que despediam com força o fogo que me abrasava o sangue (...). Tinha assim, junto com a timidez da minha idade, a timidez de um natural amoroso, constantemente perturbado pelo receio de desagradar ...”.

“D’ailleurs quoique j’eusse l’esprit assez orné, n’ayant jamais vû le monde, je manquois totalement de manières; et mes connaissances, loin d’y suppléer, ne servoient qu’à m’intimider davantage en me faisant sentir combien j’en manquois ...”¹²¹.

No que se refere à descrição de Madame de Warens, as primeiras impressões do autor são as de alguém que fica encantado desde o momento em que a viu pela primeira vez. Uma descrição repleta de adjetivos reforça justamente essa ideia:

“Je vois un visage petri de graces, de beaux yeux bleus pleins de douceur, un teint éblouissant, le contour d’une gorge enchanteresse (...). Elle avoit un air caressant et tendre, un regard très doux, un sourire angélique, une bouche à la mesure de la mienne, des cheveux cendrés d’une beauté peu commune, et auxquels elle donnoit un tour négligé qui la rendoit très piquante. Elle étoit petite de stature, courte même, et ramassée un peu dans sa taille, quoique sans difformité. Mais il étoit impossible de voir une plus belle tête, un plus beau sein, de plus belles mains et de plus beaux bras ...”¹²².

2. O jovem e a afectividade

2.1. Afinidades com Madame de Warens

A primeira aproximação de Rousseau a Madame de Warens foi determinada por um conjunto de circunstâncias na vida desta, que fez com que o nosso autor não pudesse deixar de fazer comparações com a sua própria experiência de vida. Encontrando uma série de afinidades

¹²¹ Ibidem. “Aliás, se bem que fosse dotado de um espírito bastante formoso, como nunca tinha frequentado a sociedade, era totalmente falto de maneiras, e os meus conhecimentos, longe de me ajudarem, só serviam para mais me intimidarem, fazendo-me sentir bem a ausência delas ...”.

¹²² Ib., pp. 49 - 50. “Vejo um rosto repleto de encantos, uns lindos olhos azuis cheios de suavidade, uma tez fascinante, uma garganta encantadoramente modelada (...). Tinha um ar carinhoso e terno, um olhar muito doce, um sorriso angélico, uma boca à medida da minha, cabelos cendrados de uma beleza pouco vulgar, e a que ela dava um jeito de desleixo que a tornava muito interessante. Era de pequena estatura, baixa mesmo, e um pouco atarracada do busto, mas não disforme; era impossível, porém, ver-se cabeça mais linda, seio mais belo, mãos e braços mais bonitos ...”.

com ela, Rousseau começa a assumir o papel, como diz, de favorito do senhor e da dama e de enamorado da donzela, tal como pretendia quando deixou Genebra. Repare-se nas comparações feitas pelo autor:

“Son éducation avoit été fort mêlée. Elle avoit ainsi que moi perdu sa mere dès sa naissance; et, recevant indifféremment des instructions comme elles s'étoient présentées, elle avoit appris un peu de sa gouvernante, un peu de son pere, un peu de ses maitres, et beaucoup de ses amants ...”¹²³.

A descrição e a defesa que faz da vida de Madame de Warens, parecem ser a da sua própria vida. Poderíamos, numa primeira análise, caracterizar a atitude de Rousseau de egoísta, na medida em que parece servir-se do exemplo de Madame de Warens para justificar a sua situação. Porém, o que unicamente o autor pretende evidenciar é que se a um conjunto de circunstâncias idênticas associarmos uma educação mal dirigida irá suceder que a faculdade da razão deixa de ser exercida com clareza. É neste o contexto que Rousseau encontra afinidades entre ele e Madame de Warens: “... si de vils fripons abusèrent de son éducation mal dirigée pour obscurcir les lumières de sa raison, son excellent coeur fut à l'épreuve et demeura toujours le même ...”¹²⁴.

O romance com Madame de Warens parece estar predestinado desde o primeiro momento:

“Que ceux qui nient la sympathie des ames expliquent, s'ils peuvent, comment, de la première entrevue, du premier mot, du premier regard, madame de Warens m'inspira non seulement le plus vif attachement, mais une confiance parfaite et qui ne s'est jamais démentie. Supposons que ce que j'ai senti pour elle fut véritablement de l'amour; ce qui paroitra tout au moins douteux à qui suivra l'histoire de nos liaisons; comment cette passion fut-elle accompagnée, dès sa

¹²³ Ib., p. 50. “A sua educação tinha sido bastante desordenada: havia, como eu, perdido a mãe à nascença, e, recebendo indiferentemente lições como calhava estas apresentarem-se, tinha aprendido um pouco com a governanta, um pouco com o pai, um pouco com os mestres, e muito com os amantes ...”.

¹²⁴ Ib.. “... esses vis tratantes abusaram assim da sua educação mal dirigida para obscurecer-lhe as luzes da razão, mas o seu excelente coração ficou à prova e conservou-se sempre o mesmo ...”.

naissance, des sentimens qu'elle inspire le moins; la paix du coeur, le calme, la serenité, la sécurité, l'assurance?"¹²⁵.

Mas, apesar de, desde o início, mostrar interesse em manter o jovem junto de si¹²⁶, afirma também Rousseau que ela: "Elle n'osa insister pour me faire rester: j'approchois d'un âge où une femme du sien ne pouvoit décevement vouloir retenir un jeune homme auprès d'elle ..." ¹²⁷.

2.2. A estadia em Turim e a formação religiosa

É então que, por sugestão de Monsieur Sabran, um "... manant qui dinoit pour nous ..." ¹²⁸, fica decidido que Rousseau partirá para Turim, para um hospício de instrução de catecúmenos onde obteria o seu sustento e uma formação religiosa católica. Madame de Warens não recebeu com grande entusiasmo esta proposta e, como nos diz o autor, "... se contenta de répondre que chacun devoit contribuer au bien selon son pouvoir, et qu'elle en parleroit à Monseigneur ..." ¹²⁹.

Rousseau acaba por partir para Turim com Monsieur e com Madame Sabran, a fim de abjurar ao protestantismo e se converter ao catolicismo. Chega a Turim numa situação delicada, sem dinheiro e sem roupa apropriada. Apenas levava algumas cartas para entregar e que o conduziam ao hospício dos catecúmenos, "... pour y être instruit dans la religion pour laquelle on me vendoit ma subsistance ..." ¹³⁰.

¹²⁵ Ib., p. 52. "Os que negam a simpatia das almas que expliquem, se puderem como é que logo na primeira entrevista, à primeira palavra, ao primeiro olhar, Madame de Warens me inspirou não somente a mais viva afeição, como uma perfeita confiança que nunca veio a desmentir-se. Suponhamos que o que senti por ela foi verdadeiramente amor, o que parecerá quando menos duvidoso, a quem seguir a história das nossas relações; - como é que tal paixão foi, logo que nasceu, acompanhada pelos sentimentos que esta menos inspira: a paz do coração, a calma, a serenidade, a segurança, a confiança?"

¹²⁶ "A Sra. de Warens era separada de um grande proprietário rural suíço, ela própria recém-convertida, e destinatária de várias pensões que lhe eram concedidas a fim de ajudá-la a recrutar outros prosélitos para a fé católica. Seu encontro com Rousseau foi decisivo, e suas vidas iriam ficar estreitamente interligadas nos cerca de doze anos subsequentes" (cfr. Dent, N.J.H., *Dicionário Rousseau*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1996, p. 14).

¹²⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Les Confessions de J.J. Rousseau", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 54. "Não ousou insistir para eu ficar: aproximava-me de uma idade em que uma mulher na sua não pode decentemente querer reter um rapaz novo junto dela ...".

¹²⁸ Ibidem, p. 53. "... vilão que jantava por nós ...".

¹²⁹ Ib., p. 54. "... contentou-se em responder que cada qual deveria contribuir para o bem segundo as suas forças, e quealaria do assunto a monsenhor ...".

¹³⁰ Ib., p. 60. "... para aí me instruírem na religião por amor da qual me vendiam a minha subsistência ...".

Está aqui implícita uma crítica aos católicos, o que lhe suscita uma análise retrospectiva sobre a sua educação no que concerne à religião. Diz-nos, a este respeito, ter sido uma criança que recebeu "... une éducation raisonnable et saine ..."131. Rousseau contrasta a educação religiosa que obtivera até aí, calvinista, que distingue em três momentos, com a que obtém junto dos catecúmenos.

Veja-se o que nos diz o autor quanto ao primeiro momento da sua educação religiosa, que teve no seio da sua própria família:

"Né dans une famille que ses moeurs distinguoient du peuple, je n'avois receu que des leçons de sagesse et des exemples d'honneur de tous mes parens. Mon père, quoiqu'homme de plaisir avoit, non seulement une probité sure, mais beaucoup de religion. Galant homme dans le monde et chrétien dans l'intérieur, il m'avoit inspiré de bonne heure les sentimens dont il étoit pénétré. De mes trois tantes, toutes sages et vertueuses, les deux ainées étoient dévotes, et la troisième, fille à la fois pleine de graces, d'esprit et de sens, l'étoit peutêtre encore plus qu'elles, quoiqu'avec moins d'ostentation ..."132.

A partida para junto de Monsieur Lambercier, marca o segundo momento da sua educação religiosa. A este respeito diz:

"Du sein de cette estimable famille je passai chez M. Lambercier, qui, bien qu'homme d'Église et prédicateur, étoit croyant en dedans, et faisoit presque aussi bien qu'il disoit. Sa soeur et lui cultivèrent, par des instructions douces et judicieuses les principes de piété qu'ils trouvèrent dans mon coeur. Ces dignes gens employèrent pour cela des moyens si vrais, si discrets, si raisonnables, que, loin de m'ennuyer au sermon, je n'en sortois jamais sans être intérieurement

¹³¹ *Ib.*, p. 61. "... uma educação razoável e sã ...".

¹³² *Ib.*, pp. 61 - 62. "Nascido numa família cujos costumes a distinguíam do povo, só tinha recebido lições de prudência e exemplos honrosos de todos os meus parentes, Meu pai, embora gostasse dos seus prazeres, era não só homem de uma firme probidade, mas de grande religião. Homem galante na sociedade, cristão na intimidade, muito cedo me havia inspirado os sentimentos de que se achava imbuido. Das minhas três tias, todas discretas e virtuosas, as duas mais velhas eram devotas, e a terceira, rapariga a um tempo cheia de graça, de espírito e de senso, era talvez ainda mais do que elas, embora com menos ostentação ...".

touché et sans faire des résolutions de bien vivre auxquelles je manquois rarement en y pensant ...”¹³³.

Rousseau diz que Monsieur e Madame Lambercier cultivavam os princípios de piedade que acharam no meu coração. Aqui o autor dá-nos uma indicação muito importante para podermos compreender o seu pensamento relativamente à educação religiosa: ela está no verbo empregado achar. Apela para algo que já existe, ou seja, para princípios que se encontram por natureza no coração. Assim, tudo aquilo que os Lambercier tiveram de fazer foi encontrar esses princípios, para o que lhes bastou o emprego de meios tão verdadeiros, tão discretos, tão razoáveis.

Num terceiro momento, porém, a experiência de uma educação religiosa agradável e sã cessa. Este é o momento em que o aborrecimento surge associado ao carácter obrigatório da devoção e em que os maus exemplos dados pelos seus semelhantes, na figura do seu patrão, desvirtuam o processo natural dessa educação. Por isso o autor refere-se nestes termos a este momento:

“Chez ma tante Bernard la dévotion m'ennuyoit un peu plus, parce qu'elle en faisoit un métier. Chez mon maitre je n'y pensois plus guères, sans pourtant penser différemment. Je ne trouvai point de jeunes gens qui me pervertissent. Je devins polisson, mais non libertin ...”¹³⁴.

Mas a experiência que Rousseau nos relata referente à sua estadia no hospício dos catecúmenos do Espírito Santo é bastante diferente da anterior, e também mais problemática. Fala dos seus dias no hospício “... não disfarçando as práticas sodomíticas dos outros neófitos

¹³³ Ib., p. 62. “Do seio desta estimável família transitei para casa de Monsieur Lambercier, o qual, posto que homem da Igreja pregador, era por dentro de um crente e procedia quase tão bem como o dizia. Por meio de preceitos suaves e judiciosos, a irmã e ele cultivavam os princípios de piedade que acharam no meu coração. Estas dignas pessoas empregaram para isso meios tão verdadeiros, tão discretos, tão razoáveis, que, ao sermão, longe de me aborrecer, nunca saía de lá sem interiormente me sentir comovido e sem fazer projectos de me conduzir bem, ao que raramente faltava, quando nisso pensava ...”.

¹³⁴ Ib.. “A devoção, em casa da minha tia Bernard, aborrecia-me um pouco mais, porque ela a transformava num dever. Na oficina de meu patrão, não pensava mais em tal, sem contudo pensar diferentemente. Não encontrava rapazes para me perverterem. Tornei-me gaiato, mas não libertino ...”.

seus companheiros ...”¹³⁵. Surge, assim, uma nova questão na formação do jovem autor, nomeadamente a questão da homossexualidade¹³⁶. A estupefacção e choque do nosso pensador quando confrontado com esta situação são evidentes:

“Je ne pouvois comprendre ce qu'avoit ce malheureux. Je le crus saisi du haut mal ou de quelque frénésie encore plus terrible, et véritablement je ne sache rien de plus hideux à voir pour quelqu'un de sang froid que cet obscène et sale maintien, et ce visage affreux enflammé de la plus brutale concupiscence ...”¹³⁷.

Contudo, a experiência relativa a casos de homossexualidade não termina com este episódio, ela repete-se mais tarde em mais duas situações diferentes¹³⁸. Mas, nessas outras situações posteriores, Rousseau considera que soube lidar com elas de um modo mais subtil, de maneira a conseguir inibir o agente de tais procedimentos.

2.3. A relação com o pai

Desde que partira de Genebra, Rousseau começara de facto, uma nova etapa da sua vida. A relação com o pai é disso exemplo. Não manteve com ele uma relação de contacto assíduo e proximidade. Embora nunca negue a bondade do pai, não lhe poupa, porém, algumas críticas. De uma forma indirecta chega a afirmar que foi abandonado por ele: “... d'autres goûts avoient un peu attiedi l'affection paternelle depuis que je vivois loin de lui (...), et ralentissoit quelquefois son

¹³⁵ Cfr. Dent, N.J.H., *Dicionário Rousseau*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1996, p. 75.

¹³⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J. Rousseau”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 66 - 67.

¹³⁷ *Ibidem*, p. 67. “Não podia compreender o que o desgraçado tinha; julguei-o atacado de epilepsia, ou de qualquer outro delírio ainda mais terrível, e verdadeiramente nada conheço mais hediondo para uma pessoa ver a sangue-frio do que aquela atitude obscena e porca, aquele rosto horrivelmente inflamado pela mais brutal concupiscência ...”.

¹³⁸ *Ib.*, pp. 165 - 167. Relativamente a estes episódios, Trousson, sublinha o estilo de vida de vagabundo que Rousseau começava acusar: “Il n'en a plus trop le temps, démuné au point de coucher sur les bancs publics. Sa misère lui vaut tout de même de passer une nuit délicieuse sous l'arcade d'un mur de terrasse, au bord de la Saône, où il s'endort au chant du rossignol. Mais les jours sont longs, pleins de périls, et, par deux fois, il doit repousser les entreprises d'homosexuels de rencontre ...” (cfr. Trousson, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*, Éditions Hachette, La Flèche, 1993, p. 48).

zèle, qu'il eut poussé plus loin sans cela ..."¹³⁹. É assim que Rousseau vê no segundo casamento do pai a causa para o seu esquecimento: "... cela faisoit une autre famille, d'autres objets, un nouveau ménage, qui ne rappelloit plus si souvent mon souvenir ..."¹⁴⁰. A mágoa de Rousseau relativamente a esta situação manifesta-se ainda mesmo no que se refere a uma aproximação física e geográfica:

"Voilà, je crois, pourquoi, venu d'abord à Annecy sur mes traces, il ne me suivit pas jusqu'à Chamberi, où il étoit moralement sûr de m'atteindre. Voilà pourquoi encore, l'étant allé voir souvent depuis ma fuite, je receus toujours de lui des caresses de père, mais sans grands efforts pour me retenir ..."¹⁴¹.

O clímax emocional do autor surge quando acusa os parentes de negligência, a qual teve a sua maior expressão na vida de libertinagem do seu irmão. Mais uma vez, mas agora de uma forma directa, Rousseau parece responsabilizar os parentes pela sua situação presente e por aquilo que o espera no futuro. O autor é claro quando afirma:

"Il sembloit que mes proches conspirassent avec mon étoile pour me livrer au destin qui m'attendoit. Mon frère s'étoit perdu par une semblable négligence, et si bien perdu, qu'on n'a jamais su ce qu'il étoit devenu ..."¹⁴².

2.4. Rousseau um jovem aventureiro: a estadia em Turim

A conversão de Rousseau ocorre a 23 de Abril de 1728¹⁴³. A liberdade foi o primeiro sentimento que desfrutou. Tal como nos conta:

¹³⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Les Confessions de J.J. Rousseau", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 55. "... outras preferências tinham estragado a afeição paterna desde que eu vivia longe dele (...) e afrouxava por vezes a sua dedicação, que, sem isso, teria levado mais longe ...".

¹⁴⁰ Ibidem. "... isso fazia outra família, outros objectos, um novo lar, que não traria à lembrança tantas recordações de mim ...".

¹⁴¹ Ib., pp. 55 - 56. "Eis, parece-me, a razão por que, tendo vindo primeiro a Annecy no meu encalço, não me seguiu até Chambéry, onde moralmente tinha a certeza de me encontrar. Eis ainda a razão por que, tendo-o eu ido muitas vezes ver depois de haver fugido, recebi sempre dele carinhos de pai, mas sem grandes esforços para me reter ...".

¹⁴² Ib., p. 55. "Parecia que os meus parentes conspiravam com a minha estrela para me entregarem ao destino que me esperava. Foi devido a semelhante negligência que o meu irmão se perdeu, e tão bem perdido que nunca mais ninguém soube dele ...".

¹⁴³ Ib., p. 69.

“Après un long esclavage, redevenu maître de moi même et de mes actions, je me voyois au milieu d'une grande ville abondante en ressources, pleine de gens de condition, dont mes talents et mon mérite ne pouvoient manquer de me faire accueillir sitot que j'en serois connu (...). La première chose que je fis fut de satisfaire ma curiosité en parcourant toute la Ville, quand ce n'eut été que pour faire un acte de ma liberté ...”¹⁴⁴.

De entre as diversas curiosidades que satisfaz destacam-se o gosto pela música – “... ma passion pour la musique, qui commençoit à se déclarer ...”¹⁴⁵ – e o gosto pela comida: “Avec du laitage, des oeufs, des herbes, du fromage, du pain bis et du vin passable, on est toujours sûr de me bien régaler ...”¹⁴⁶.

No entanto, o período que se segue à sua conversão tornou-se bastante confuso. As autoridades eclesiásticas não lhe concedem nenhuma ocupação e o dinheiro começa a escassear. Rousseau passeava-se pelas ruas de Turim como um vagabundo¹⁴⁷. Acabou por ter um relacionamento mudo com Madame Basile¹⁴⁸ e por criar situações embaraçosas na cidade com mulheres insuspeitas. Trabalhou durante algum tempo, como redactor de cartas, na casa da condessa de Vercellis. É nesta altura que se dá uma ocorrência especial cujas consequências irão acompanhar o nosso autor até ao final da vida¹⁴⁹. Trata-se de um acontecimento de carácter moral. Após a morte da condessa Vercellis foi feito um inventário dos seus bens e faltava uma fita de seda que estava na posse de Rousseau. Quando indagado sobre o assunto Rousseau responde: “

¹⁴⁴ Ib., pp. 70 - 71. “Novamente senhor de mim mesmo, e das minhas acções, depois de longa escravidão, via-me no meio de uma grande cidade farta de recursos, cheia de pessoas de condição, pelas quais não podia deixar de ser acolhido, graças aos meus talentos e ao meu mérito, logo que estes me tornassem conhecido. A primeira coisa que fiz foi satisfazer a minha curiosidade, percorrendo a cidade, quanto mais não fosse para pôr a minha liberdade em acto ...”.

¹⁴⁵ Ib., p. 72. “... a minha paixão pela música, que começava a declarar-se ...”.

¹⁴⁶ Ib.. “Pode-se ter sempre a certeza de que me regalam perfeitamente com leite, ovos, ervas, queijo, pão de roão e vinho razoável ...”.

¹⁴⁷ Cfr. May, George, *Rousseau*, Éditions du Seuil, Paris, 1961, p. 10. Também e relativamente a este tópico, Dent afirma que, este período foi preenchido por algumas “... vicissitudes – incluindo episódios de amor desvalido e bizarro exibicionismo – encontrou finalmente um lugar como lacaio na casa da condessa de Vercellis. Ai conheceu o abade Gaime, cujas ideias influenciariam profundamente suas crenças religiosas numa outra vida ...” (cfr. Dent, N.J.H., *Dicionário Rousseau*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1996, p. 14).

¹⁴⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J. Rousseau”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 78.

¹⁴⁹ Ibidem, pp. 84 - 85.

... c'est Marion qui me l'a donné ..."¹⁵⁰. O nosso autor mente acusando do roubo a cozinheira. E dissimula ostensivamente a sua culpa. Veja-se o que ele nos diz relativamente a esta situação:

"La pauvre fille se mit à pleurer, et ne me dit que ces mots: Ah Rousseau! je vous croyois un bon caractère (...). Voila tout. Elle continua de se defendre avec autant de simplicité que de fermeté, mais sans se permettre jamais contre moi la moindre invective. Cette modération, comparée à mon ton décidé, lui fit tort. Il ne sembloit pas naturel de supposer d'un coté une audace aussi diabolique, et de l'autre une aussi angélique douceur ..."¹⁵¹.

O remorso, desse momento em diante, assumirá um lugar de destaque no pensamento e no coração de Rousseau. Tal objectiva-se nas consequências que este episódio trará para o desenvolver da sua noção de educação.

Num primeiro momento, este episódio evidencia três aspectos da sua personalidade que nos permitem perceber de que modo as relações que mantinha com as pessoas estavam condicionadas. Um desses aspectos é o da ingenuidade: "Elle étoit présente à ma pensée, je m'excusai sur le prémier objet qui s'offrit ..."¹⁵²; o segundo é o da vergonha: "... je ne craignois que la honte; mais je la craignois plus que la mort, plus que le crime, plus que tout au monde (...), l'invincible honte l'emporta sur tout, la honte seule fit mon impudence ..."¹⁵³; e o terceiro o da idade: "L'âge est encore une attention qu'il est juste de faire. A peine étois-je sorti de l'enfance, ou plustot j'y étois encore ..."¹⁵⁴.

Num segundo momento, que se refere à situação em si, destacam-se dois aspectos que são importantes devido ao seu desenlace. Eles determinam a condução do episódio para uma conclusão mais ou menos justa. Dentro deste contexto, o primeiro aspecto é o da abordagem da situação: "Si M. de la Roque m'eut pris à part, qu'il m'eut dit: ne perdez pas cette pauvre fille. Si

¹⁵⁰ Ib., p. 84. "... foi Marion que ma deu ...".

¹⁵¹ Ib., p. 85. "A pobre rapariga desatou a chorar, e só disse estas palavras: Ah, Rousseau, julgava que tinheis um bom carácter (...). Foi tudo. Continuou a defender-se com tanta simplicidade como firmeza, mas sem nunca ter para mim a menor invicta. Tal moderação, comparada com o meu tom decidido, foi-lhe prejudicial. Não era natural supor-se de um lado uma tão diabólica audácia, e do outro uma tão angélica brandura ...".

¹⁵² Ib., p. 86. "Tinha-a presente no pensamento, e desculpei-me com o primeiro objecto que se me ofereceu ...".

¹⁵³ Ib.. "... só temia a vergonha: mas esta temia-a mais do que a morte, mais que o crime, mais do que nada no mundo (...), a vergonha invencível prevaleceu, só a vergonha causou a minha impudência ...".

¹⁵⁴ Ib., p. 87. "A idade é ainda merecedora de certas atenções; eu mal havia saído da infância, ou antes, ainda nela me encontrava ...".

vous êtes coupable, avouez-le moi; je me serois jetté à ses pieds dans l'instant; j'en suis parfaitement sur ..."¹⁵⁵. O segundo aspecto o da resolução da situação: "Mais on ne fit que m'intimider, quand il falloit me donner du courage ..."¹⁵⁶. Neste sentido, a conjugação desarticulada entre o modo de ser da sua personalidade e a situação propriamente dita, permite que Rousseau avalie o seu procedimento dizendo que "... ce qui n'est que foiblesse (...) et ma faute au fond n'étoit guère autre chose ..."¹⁵⁷.

2.5. A educação: o abade Gouvon, preceptor de Rousseau

Facilmente podemos depreender das palavras de Rousseau que ele próprio revelava ter consciência de estar afastado de um processo educativo que fosse mais adequado e melhor para a sua formação. Um estado emocional inconstante resulta de uma ociosidade cada vez mais frequente. Em casa da condessa Vercellis irá, porém, ter a oportunidade de conhecer Monsieur Gaime, relativamente ao qual diz o seguinte: "L'on conçoit déjà que l'honnête M. Gaime est, du moins en grande partie, l'original du vicaire Savoyard ..."¹⁵⁸. Rousseau tece-lhe os maiores elogios e passa a considerar-se seu discípulo¹⁵⁹. Como diz, foi Monsieur Gaime o responsável por "... de me mettre à ma place, et de me montrer à moi-même sans m'épargner ni me décourager ..."¹⁶⁰. Rousseau confere à aprendizagem que fez com Monsieur Gaime um sentido teleológico:

¹⁵⁵ Ib.. "Se Monsieur de La Roque me tivesse chamado à parte, e me dissesse: Não deite esta rapariga a perder; se é culpado confesse-mo, ter-me-ia arrojado imediatamente a seus pés, estou perfeitamente certo disso ...".

¹⁵⁶ Ib.. "Mas o que fizeram foi intimidar-me, quando seria necessário dar-me coragem ...".

¹⁵⁷ Ib.. "... não é mais do que fraqueza, (...), e a minha falta, no fundo, não era outra coisa ...".

¹⁵⁸ Ib., p. 91.

¹⁵⁹ A ideia de Rousseau ser discípulo de Monsieur Gaime, reforça a necessidade de uma correcta orientação que desde sempre foi reivindicada pelo autor. Também Trousson reconhece que o papel de Monsieur Gaime é importante, porque ele representa a figura do pai: "Mais il fréquentait aussi un homme qui se comportait avec lui comme son père aurait dû le faire. Il sut s'intéresser à ce garçon abandonné, capable de quelques sottises sans être un vaurien, et dont le jugement était un peu troublé par des lectures désordonnées. Il entreprit de lui montrer que les vertus sublimes ne sont pas d'usage quotidien, que le monde n'est pas peuplé de dames en détresse et de héros de Plutarque et qu'il est déjà bien beau de s'appliquer à remplir, en honnête homme, les petits devoirs de tous les jours" (cf. Trousson, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*, Éditions Hachette, La Flèche, 1993, p. 34).

¹⁶⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Les Confessions de J.J. Rousseau", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 91. "... me colocar no meu lugar e de me mostrar a mim mesmo, sem me poupar nem me desanimar ...".

“Il me fit sentir que l'enthousiasme des vertus sublimes étoit peu d'usage dans la société; qu'en s'élançant trop haut on étoit sujet aux chutes, que la continuité des petits devoirs toujours bien remplis ne demandoit pas moins de force que les actions héroïques, qu'on en tiroit meilleur parti pour l'honneur et pour le bonheur; et qu'il valoit infiniment mieux avoir toujours l'estime des hommes, que quelquefois leur admiration ...”¹⁶¹.

Sentido moral que se reflecte quando o nosso autor afirma que “... cela me fit pour le moment même l'inestimable bien de me détourner de la pente au vice où m'entraînoit mon oisiveté ...”¹⁶².

Rousseau começa a trabalhar como secretário na casa do conde de Gouvon, onde recebeu um tratamento invulgar, pois “... qu'on ne fait pas tant de façon à la réception d'un laquais ...”¹⁶³. O trabalho que desempenhava na casa do conde era o de servir à mesa e de fazer o serviço pouco mais ou menos de lacaio. Mas algumas vezes escrevia cartas que o conde lhe ditava e outras vezes cortava estampas. Contudo, porque não estava subordinado a ninguém, sentia-se “... presque le maître de tout (...) tems dans la journée ...”¹⁶⁴.

Este pequeno período em que Rousseau permaneceu na casa do conde Gouvon foi importante para a sua educação, a qual tinha sido interrompida desde que saíra de Bossey. O filho do conde de Gouvon, o abade Gouvon¹⁶⁵, afeiçoara-se ao jovem e decidira fazê-lo adquirir o que lhe faltava para poder concretizar os projectos que a sua família tinha para ele. Relativamente ao abade, Rousseau apresenta-o como um homem terno e sereno, que mostrou desde sempre empenho na sua educação:

¹⁶¹ Ibidem. “Deu-me as primeiras ideias verdadeiras da honestidade, que o meu género enfático só tinha aprendido nos seus excessos. Fez-me sentir que o entusiasmo pelas virtudes sublimes era de pouco uso na sociedade; que, elevando-nos muito alto, estávamos sujeitos a cair; que a continuidade dos pequenos deveres sempre desempenhados não exigia menos ânimo do que as acções heróicas; que delas se tirava melhor partido para a honra e para a felicidade; e que valia infinitamente mais ter sempre a estima dos homens do que uma vez por outra a sua admiração ...”.

¹⁶² Ib., p. 92. “... tal coisa fez-me naquela própria ocasião o bem inapreciável de me desviar do pendor para o vício a que a minha ociosidade me arrastava ...”.

¹⁶³ Ib., p. 93. “... que não se fazem tantas cerimónias na recepção de um lacaio ...”.

¹⁶⁴ Ib.. “... quase senhor do meu tempo em todo o dia ...”.

¹⁶⁵ “Il le ramena au latin, abandonné depuis Bossey, lui fit acquérir une bonne connaissance de l'italien, lui enseigna à choisir ses lectures, à se former le goût. Il sortait enfin du rang. Les Gouvon avaiant des projets dans la diplomatie et le ministère et il leur serait utile de pouvoir compter sur un homme capable qui leur serait tout...” (cfr. Trousson, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*, Éditions Hachette, La Flèche, 1993, p. 36).

“Il ne me reçut point en domestique; il me fit asseoir au coin de son feu, et m'interrogeant avec la plus grande douceur, il vit bientôt que mon éducation, commencée sur tant de choses, n'étoit achevée sur aucune. Trouvant sur tout que j'avois peu de latin, il entreprit de m'en enseigner davantage (...). J'étois disciple et valet dans la même maison, et dans ma servitude j'avois cependant un precepteur d'une naissance à ne l'être que des enfants des Rois ...”¹⁶⁶.

Ficou combinado que Rousseau iria todas as manhãs ter com o abade Gouvon. Este relacionamento seria proveitoso na medida em que, o abade Gouvon era um homem culto e com um gosto apurado: “Il avoit bien lu les poètes; il faisoit passablement des vers latins et italiens ...”¹⁶⁷. Tal personalidade servia-lhe de exemplo, pois o seu gosto encontrava-se atulhado de elementos acessórios, sendo importante a intervenção do abade neste domínio. E esta intervenção concretiza-se de um modo muito pragmático:

“J'étois destiné, comme on verra dans la suite, à rapprendre souvent le latin et à ne le savoir jamais (...). Je passois avec lui une bonne partie de la matinée, tant pour mon instruction que pour son service: non pour celui de sa personne, car il ne souffrit jamais que je lui en rendisse aucun, mais pour écrire sous sa dictée et pour copier, et ma fonction de secrétaire me fut plus utile que celle d'écolier. Non seulement j'appris ainsi l'italien dans sa pureté, mais je pris du gout pour la littérature et quelque discernement des bons livres ...”¹⁶⁸.

¹⁶⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J. Rousseau”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 97. “Este não me recebeu como um criado; mandou-me sentar ao pé do lume, e, interrogando-me com a maior doçura, viu em breve que a minha educação incipiente em tantas coisas não havia terminado nenhuma. Achando, sobretudo, que sabia pouco latim, decidi ensinar-mo melhor (...). Era discípulo e servo na mesma casa, e que na minha servidão tinha no entanto um preceptor, que por nascimento só o devia ser dos filhos dos reis ...”.

¹⁶⁷ Ibidem. “Havia lido poetas; escrevia razoavelmente versos em latim e italiano ...”.

¹⁶⁸ *Ib.*, pp. 97 - 98. “Estava destinado a reaprender frequentemente o latim e a nunca mais o saber (...). Passava em companhia dele boa parte da manhã, tanto por amor da minha instrução, como para o servir; não se tratava do serviço da sua pessoa, porque não consentia que lhe presta-se nenhum, mas de escrever ditando ele e fazer cópias; e a minha função de secretário foi-me mais útil do que a de discípulo. Desta maneira, aprendi não só italiano em toda a sua pureza, mas ganhei gosto à literatura e certo discernimento acerca de bons livros ...”.

Mas eis que Rousseau faz amizade com um tal Bâcle. Numa alteração que lhe é característica, o seu comportamento torna-se leviano¹⁶⁹: “Me voila tout d'un coup engoué de M. Bâcle, mais engoué au point de ne pouvoir le quitter (...) qu'oubliant tout hors mon ami Bâcle, je n'allois ni chez M. l'Abbé ni chez M. le Comte, et l'on ne me voyoit plus dans la maison. On me fit des réprimandes que je n'écoutai pas ...”¹⁷⁰. O regresso à intimidade de Madame de Warens torna-se, então, inevitável.

3. O reencontro com Madame de Warens

3.1 A relação com Madame de Warens

Após ter abandonado a casa do conde Guvon no Verão de 1729, e de ter passado por várias aventuras, Rousseau regressa a Annecy e à casa de Madame de Warens. A relação com Madame de Warens torna-se então determinante para a consolidação da estrutura emocional de Rousseau. Embora posteriormente essa relação se torne mais complexa, no seu estado inicial ela consegue dar ao jovem Rousseau um sentimento de protecção só justificado pela sua natureza maternal:

“Dès le premier jour la familiarité la plus douce s'établit entre nous au même degré où elle a continué tout le reste de sa vie. Petit fut mon nom, Maman fut le sien, et toujours nous demeurames Petit et Maman, même quand le nombre des années en eut presque effacé la différence entre nous. Je trouve que ces deux

¹⁶⁹ De acordo com Scholz: “Another of Rousseau's acquaintances at the time was a young man named Bâcle who inspired Rousseau's sense of adventure and fortune hunting. He began to neglect his studies as well as his duties, and soon fell out of favor with the Count de Gouvon. After being fired he headed back toward Geneva with Bâcle” (cfr. Scholz, Sally, *On Rousseau*, Wadsworth, Belmont, 2001, pp. 12 – 13).

¹⁷⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J. Rousseau”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 99. “Eis-me subitamente apaixonado por Monsieur Bâcle, mas apaixonado ao ponto de o não poder abandonar (...), esquecendo tudo, menos o meu amigo Bâcle, não aparecia nem ao Senhor Abade nem ao Senhor Conde, e não me viam mais em casa. Deram-me repreensões que não escutei ...”.

noms rendent à merveille l'idée de nôtre ton, la simplicité de nos manières, et surtout la relation de nos coeurs ..."¹⁷¹.

Importa notar o modo como Rousseau afasta qualquer interpretação maldosa, relativamente à relação que estabelece com Madame de Warens, que possibilite colocar a hipótese de uma relação de carácter sexual¹⁷². Ele faz questão de, nela, salvaguardar a sua figura maternal e de se salvaguardar a ele enquanto figura filial:

"Elle fut pour moi la plus tendre des mères qui jamais ne chercha son plaisir mais toujours mon bien; et si les sens entrèrent dans mon attachement pour elle, ce n'étoit pas pour en changer la nature, mais pour le rendre seulement plus exquis, pour m'enivrer du charme d'avoir une maman jeune et jolie qu'il m'étoit délicieux de caresser; je dis, caresser au pied de la lettre; car jamais elle n'imagina de m'épargner les baisers ni les plus tendres caresses maternelles, et jamais il n'entra dans mon coeur d'en abuser ..."¹⁷³.

¹⁷¹ Ibidem, p. 106. "Logo no primeiro dia se estabeleceu entre nós a mesma doce familiaridade que subsistiu até ao fim da sua vida. Deu-me o nome de filho; o seu era o de mamã; e ficámos sempre filho e mamã, mesmo quando o número de anos quase fez desaparecer a diferença que entre nós havia. Acho que estes dois nomes dão maravilhosamente a ideia do nosso tom, da simplicidade das nossas maneiras, e sobretudo da ligação dos nossos corações ...".

¹⁷² A leitura que Trousson faz desta questão é a seguinte: "Pour lui, elle est idéale et tutélaire; dans son ombre il trouve protection, tendresse et ses propres sentiments s'exaltent jusqu'à l'extravagance. Sa présence lui met les larmes aux yeux, son absence, même brève, lui serre le coeur. Il baise son lit, se prosterne sur le plancher qu'elle a foulé. Il la caresse, la cajole sans pourtant imaginer d'autres étreintes. Au contraire, il a même renoncé à la masturbation, ce "dangereux supplément", la ressource des timides imaginatifs, dont il avait pris l'habitude ..." (cfr. Trousson, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*, Éditions Hachette, La Flèche, 1993, p. 39). Também relativamente a esta questão, Bertram, refere o seguinte: "We get a sense of how deeply unsatisfactory even this relationship was from the fact that he had to imagine himself with someone else during sex in order to preserve for himself his ideal conception of who she was ..." (cfr. Bertram, Christopher, *Rousseau and The Social Contract*, Routledge, London, 2004, p. 10).

¹⁷³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Les Confessions de J.J. Rousseau", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 106. "Ela foi para mim a mais carinhosa das mães, sem jamais procurar o seu próprio prazer, mas sempre o meu bem; e se os sentidos contaram na minha dedicação por ela, não foi para mudar a natureza desta, mas simplesmente para a tornar mais delicada, para me embriagar com o encanto de ter uma mamã jovem e bonita a quem era delicioso acarinhar: digo acarinhar ao pé da letra, visto que ela nunca pensou em evitar os beijos ou as mais ternas carícias maternas, nem nunca entrou no meu coração a ideia de abusar delas ...".

3.2. A inibição para com o sexo oposto

A passagem que se segue é bastante clara no que se refere ao modo como Rousseau entende a sua sexualidade. Como nos diz Dent: “Raros escritores foram tão francos quanto Rousseau a respeito da sua inépcia sexual ...”¹⁷⁴. A experiência pessoal da sexualidade e, portanto, da sua esfera íntima, é descrita com a clareza e a frontalidade que relevam do espírito transparente que o nosso autor sempre privilegiou:

“J'étois revenu d'Italie non tout à fait comme j'y étois allé; mais comme peut-être jamais à mon âge on n'en est revenu. J'en avois rapporté non ma virginité, mais mon pucelage. J'avois senti le progrès des ans; mon tempérament inquiet s'étoit enfin déclaré, et sa première eruption, très involontaire, m'avoit donné sur ma santé des allarmes qui peignent mieux que toute autre chose l'innocence dans laquelle j'avois vécu jusqu'alors...”¹⁷⁵.

A este respeito, a figura feminina surge na vida do autor ora enquanto figura terna e protectora, ora enquanto obstáculo e elemento de inibição. Por isso, as relações que Rousseau mantém com as mulheres são paradoxais. Por um lado, tem necessidade de se aproximar delas, por outro, de se afastar:

“J'allois chercher des allées sombres, des réduits cachés où je pusse m'exposer de loin aux personnes du sexe dans l'état où j'aurois voulu pouvoir être auprès d'elles. Ce qu'elles voyoient n'étoit pas l'objet obscène, je n'y songeois même pas, c'étoit l'objet ridicule; le sot plaisir que j'avois de l'étaler à leurs yeux ne peut se décrire ...”¹⁷⁶.

¹⁷⁴ Cfr. Dent, N.J.H., *Dicionário Rousseau*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1996, p. 203.

¹⁷⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J. Rousseau”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 108 - 109. “Eu havia regressado da Itália, não precisamente como para lá partira, mas talvez como nunca ninguém da minha idade de lá regressou. Trouxera não a minha inocência, mas a minha virgindade. Havia sentido o progresso dos anos: o meu temperamento inquieto tinha-se por fim declarado, e a sua primeira erupção, bem involuntária, havia-me dado a respeito da minha saúde rebates que pintam melhor do que nada a inocência em que até então vivera ...”.

¹⁷⁶ *Ibidem*, pp. 88 - 89. “Procurava as alamedas sombrias, os retiros escusos, onde pudesse, de longe, expor-me às pessoas do outro sexo no estado em que desejaria poder achar-me junto delas. O que estas viam não era o objecto obsceno, nem eu nisso pensava; era o objecto ridículo. Não se pode descrever o prazer idiota que eu tinha exibindo-o aos seus olhos ...”.

3.3. A importância da personalidade no processo educativo: a futura relação com a escrita

Em casa de Madame de Warens Rousseau encontra alguns livros¹⁷⁷ – *O Espectador*, de Puffendorf, *A Henriqueida* de Saint-Évremond. Afirma o autor que os ensinamentos do abade Gouvon o tinham ensinado a ler com menos avidez e com mais reflexão: "...la lecture me profitoit mieux. Je m'accoutumois à réfléchir sur l'élocution, sur les constructions élégantes; je m'exerçois à discerner le françois pur de mes idiomes provinciaux ..." ¹⁷⁸. Madame de Warens, a quem passa a designar como mamã, relacionava-se com pessoas que a ensinavam a julgar as obras essenciais e isto fez com que a sua educação reflectisse esta boa convivência. Rousseau acabou por beneficiar desta situação, pois, "... je causois avec Maman de mes lectures; quelquefois je lisois auprès d'elle (...) je m'exerceois à bien lire, et cela me fut utile aussi ..." ¹⁷⁹. O tema preferido das conversas que mantinha com Mamã, aquela que ela mais gostava, versava sobre a experiência do mundo. Este assunto era do interesse do jovem Rousseau, pois como nos diz: "C'étoit le sujet favori de ses conversations, et c'étoit précisément, vû mes idées chimériques, la sorte d'instruction dont j'avois le plus grand besoin ..." ¹⁸⁰. Tudo corria bem entre Rousseau e Mamã até a chegada de um parente desta, Monsieur d'Aubonne. Este, com efeito, não tinha grande opinião acerca do nosso autor:

"Le résultat de ses observations fut que malgré ce que promettoient mon extérieur et ma physionomie animée, j'étois, sinon tout à fait inepte, au moins un garçon de peu d'esprit, sans idées, presque sans acquis, très borné en un mot à

¹⁷⁷ "Ensemble ils commentent, discutent. Il a laissé les romans pour des ouvrages plus sérieux: *la Henriade*, le *Dictionnaire* de Bayle et, déjà, les livres de droit naturel de Puffendorf. Avidé de s'instruire, il lit plus posément, réfléchit, s'efforce de mettre de l'ordre dans son savoir désordonné ..." (cfr. Trousson, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*, Éditions Hachette, La Flèche, 1993, p. 40).

¹⁷⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Les Confessions de J.J. Rousseau", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 111. "... a leitura fazia-me mais proveito. Acostumei-me a reflectir a respeito da elocução, a respeito da elegância da construção; exercitei-me a distinguir o francês puro dos meus idiomas regionais ...".

¹⁷⁹ *Ibidem*. "... conversava com mamã a respeito das minhas leituras; outras vezes, lia a seu lado (...) exercitava-me a ler bem, o que também me foi útil ...".

¹⁸⁰ *Ib.* "... tal era o género da instrução de que eu tinha a maior necessidade, em vista do quimérico das minhas ideias ...".

tous égards, et que l'honneur de devenir quelque jour Curé de village étoit la plus haute fortune à laquelle je dusse aspirer ...”¹⁸¹.

Rousseau atribui a avaliação de Monsieur d'Aubonne ao modo de ser do seu carácter. E justifica-o auto-avaliando-se como uma personalidade que manifesta dificuldade em estabelecer o equilíbrio entre o sentir e o pensar, o que lhe acarreta, ao nível do comportamento, peculiares transtornos:

“Deux choses presque inaliabes s'unissent en moi sans que j'en puisse concevoir la manière: un temperament très ardent, des passions vives, impétueuses, et des idées lentes à naitre, embarrassées, et qui ne se présentent jamais qu'après coup. On diroit que mon coeur et mon esprit n'appartiennent pas au même individu. Le sentiment, plus prompt que l'éclair, vient remplir mon ame, mais au lieu de m'éclairer il me brule et m'éblouit. Je sens tout et je ne vois rien. Je suis emporté mais stupide; il faut que je sois de sang-froid pour penser. Ce qu'il y a d'étonnant est que j'ai cependant le tact assez sûr, de la pénétration, de la finesse même pourvu qu'on m'attende: je fais d'excellens impromptus à loisir; mais sur le tems je n'ai jamais rien fait ni dit qui vaille ...”¹⁸².

Para Rousseau, então, o ritmo de aprendizagem e a manifestação das suas qualidades obedecem a um tempo próprio¹⁸³. O seu percurso de vida é uma prova cabal disso mesmo. E isto não só enquanto escritor mas também em outras situações, mais quotidianas, as quais, por vezes, se tornam embaraçosas - “Je ne trouve point de gêne plus terrible que l'obligation de parler sur le champ et toujours. Je ne sais si ceci tient à ma mortelle aversion pour tout assujettissement; mais c'est assez qu'il faille absolument que je parle pour que je dise une sotise

¹⁸¹ Ib., p. 113. “O resultado das suas observações foi que eu, apesar do que prometia o meu exterior e a minha fisionomia viva, era, se não completamente inepto, quando menos um rapaz de fraco espirito, sem ideias, quase sem experiência, numa palavra, muito limitado de todos os pontos de vista, e que a hora de vir um dia a ser cura da aldeia era a mais alta fortuna a que podia aspirar ...”.

¹⁸² Ib.. “Em mim juntam-se duas coisas quase inalienáveis, sem que eu possa imaginar um meio-termo: um temperamento assaz ardente, paixões vivas, impetuosas, e ideias que nascem lentamente, irresolutas e que só me vêm feitas as coisas. Dir-se-ia que o meu coração e o meu espirito não pertencem ao mesmo indivíduo. O sentimento, mais rápido do que o relâmpago, vem encher-me a alma; mas em vez de me iluminar, queima-me e deslumbra-me. Sinto tudo e nada vejo. Sou arrebatado, mas estúpido; preciso de sangue-frio para pensar. O que mais admira, porém, é que possuo um tacto bastante seguro, penetração, finura mesmo, logo que me dêem tempo: faço com vagar excelentes improvisos, mas no momento devido nunca fiz nem disse nada que valesse a pena ...”.

¹⁸³ Ib., pp. 113 - 114.

infailliblement ...”¹⁸⁴. Rousseau confessa a dificuldade que tem em escrever¹⁸⁵. Mas aponta essa mesma dificuldade precisamente como aquela que faz com que os seus textos sejam criativos, porque trabalhados ao pormenor:

“Delà vient l'extrême difficulté que je trouve à écrire. Mes manuscrits raturés, barbouillés, mêlés, indéchiffrables, attestent la peine qu'ils m'ont coûtée. Il n'y en a pas un qu'il ne m'ait fallu transcrire quatre ou cinq fois avant de le donner à la presse ...”¹⁸⁶.

Ainda em relação à sua personalidade, Rousseau diz-nos que desde sempre gostou de fazer longos passeios a pé. As caminhadas surgem como elemento essencial que promove a inspiração:

“Je n'ai jamais pu rien faire la plume à la main vis-à-vis d'une table et de mon papier. C'est à la promenade au milieu des rochers et des bois, c'est la nuit dans mon lit et durant mes insomnies que j'écris dans mon cerveau, l'on peut juger avec quelle lenteur, surtout pour un homme absolument dépourvu de mémoire verbale, et qui de la vie n'a pu retenir six vers par coeur. Il y a telle de mes périodes que j'ai tournée et retournée cinq ou six nuits dans ma tête avant qu'elle fut en état d'être mise sur le papier ...”¹⁸⁷.

Para Rousseau é importante que o leitor perceba a qualidade do seu trabalho e o modo sério com que ele o produziu, acabando por dizer de um modo claro: “De là vient encore que je

¹⁸⁴ *Ib.*, p. 115. “Não acho tormento mais terrível do que a obrigação de falar imediatamente e sempre. Não sei se isto se relaciona com a minha mortal aversão por toda a espécie de dependência; mas basta ser absolutamente necessário que eu fale para infalivelmente dizer uma tolice ...”.

¹⁸⁵ De acordo com Scholz, o ritmo de aprendizagem do nosso autor, neste período, tinha em consideração dois aspectos: a leitura e a escrita: “He also spent hours reading and generally continuing his education. Throughout his life, Plutarch remained his favourite author. Rousseau truly was the self-taught man, gathering information from varied sources and perfecting his ideas as well as his writing along the way” (cfr. Scholz, Sally, *On Rousseau*, Wadsworth, Belmont, 2001, p. 13).

¹⁸⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J. Rousseau”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 114. “Provém daqui a grande dificuldade que tenho de escrever. Os meus manuscritos, riscados, gatafunhados, confusos, indecifráveis, são testemunha do trabalho que me deram. Não há um só que não me tivesse sido necessário escrevê-lo quatro ou cinco vezes antes de entregá-lo ao prelo ...”.

¹⁸⁷ *Ibidem*. “Nunca pude fazer nada de pena na mão, em frente de uma mesa e de papel: é passeando, no meio das rochas e dos bosques, é à noite, na cama, durante as minhas insónias, que escrevo mentalmente; imagine-se que lentidão, sobretudo para um homem absolutamente falho de memória verbal, e que nunca na vida pôde decorar seis versos. Um que outro dos meus períodos virei-o e revirei-o cinco ou seis noites de seguida na cabeça, antes de achá-lo em estado de ser confiado ao papel ...”.

reussis mieux aux ouvrages qui demandent du travail, qu'à ceux qui veulent être faits avec une certaine légèreté, comme les lettres; genre dont je n'ai jamais pu prendre le ton, et dont l'occupation me met au supplice ..."¹⁸⁸.

Mas Madame de Warens seguindo os conselhos dos seus amigos decide que o melhor para Rousseau é o seu ingresso no sacerdócio. O nosso autor, então, entra em contacto com Monsieur Gâtier, que passa a encarregar-se da sua educação. Mais tarde afirmará Rousseau "... et réunissant M. Gâtier avec M. Gaime, je fis de ces deux dignes prêtres l'original du Vicaire Savoyard ..."¹⁸⁹. No entanto o jovem Rousseau não é bom estudante, pois, como diz, o seu pensamento requer liberdade. Nessa medida, só ele é o melhor professor de si mesmo. É notória a necessidade de autonomia que demonstra ter, o que mais uma vez evidencia a importância de um ritmo próprio no decorrer do processo educativo:

"Quel changement! Il fallut m'y soumettre. J'allai au séminaire comme j'aurais été au supplice (...). Il est singulier qu'avec assez de conception je n'ai jamais pu rien apprendre avec des maîtres, excepté mon père et M. Lambercier. Le peu que je sais de plus je l'ai appris seul (...). Mon esprit impatient de toute espèce de joug ne peut s'asservir à la loi du moment. La crainte même de ne pas apprendre m'empêche d'être attentif. De peur d'impatienter celui qui me parle, je feins d'entendre; il va en avant, et je n'entends rien. Mon esprit veut marcher à son heure, il ne peut se soumettre à celle d'autrui ..."¹⁹⁰.

Esta era a época em que tudo corria bem para Rousseau: "Je vivois à Annecy depuis près d'un an sans le moindre reproche; tout le monde étoit content de moi ..."¹⁹¹. O autor reconhece que o facto de Mamã o manter sob vigilância e o guiar bem era fundamental para ele permanecer

¹⁸⁸ Ib.. "Daqui provém ainda que me dou melhor com as obras que requerem trabalho do que com as que exigem ser feitas com certa ligeireza, como as cartas, género de que nunca achei o tom, e cuja ocupação é para mim um suplicio ...".

¹⁸⁹ Ib., p. 119. "... e, juntando Monsieur Gâtier a Monsieur Gaime, fiz destes dois dignos sacerdotes o original do vigário saboiano ...".

¹⁹⁰ Ib., pp. 117 - 119. "Que mudança! Tive de sujeitar-me. Ia ao seminário como se fosse ao suplicio (...). É singular que possuindo eu bastante compreensão, nunca tivesse aprendido nada com os mestres, salvo meu pai e Monsieur Lambercier. O pouco mais que sei aprendi-o sozinho (...). O meu espírito, rebelde a toda a espécie de jugo, não pode sujeitar-se à lei do momento; o próprio receio de não aprender impede-me de estar atento; com medo de impacientar quem me fala, finjo ouvir, ele prossegue, e eu nada ouço. O meu espírito quer regular-se pela sua hora, não pode submeter-se à de outrem ...".

¹⁹¹ Ib., p. 123. "Há perto de um ano que eu vivia em Annecy sem receber a menor censura: todos estavam contentes comigo ...".

distante de tudo aquilo que o viesse inspirar a “... que je fisse de nouvelles folies ...”¹⁹². O que é justamente o que acontece, quando conhece Monsieur Venture de Villeneuve.

4. A ausência de Mamã e as viagens de Rousseau

4.1. O comportamento de Rousseau na ausência de Mamã

A ausência de Mamã reflecte-se no comportamento de Rousseau, que se torna instável, o que o próprio reconhece: “Mais je me conduisis assez mal ...”¹⁹³. Dent, para caracterizar esta época, escolhe três aventuras distintas. Assim, fala de algumas aventuras ignóbeis – relativamente ao abandono do seu mestre de música, Le Maître, em Lyon, quando este sofreu um derrame; outras aventuras prazerosas – o idílio no cerejal com a menina de Graffenried e a menina Galley; e ainda aventuras de pendor juvenil – algumas farras com Venture de Villeneuve.

A conduta de Monsieur Villeneuve não era o melhor exemplo que Rousseau podia ter recebido. De novo o encontramos com uma preocupação relativa à educação dos jovens no que concerne aos modelos de conduta. Mais uma vez insiste em evidenciar de que modo as pessoas que estão mais perto de si, indifrentemente de ser por muito ou por pouco tempo, acabaram por se tornar modelos¹⁹⁴ para o seu crescimento:

“Pour comprendre à quel point la tête me tournoit alors, à quel point je m'étois pour ainsi dire venturisé, il ne faut que voir combien tout à la fois j'accumulai d'extravagances (...). Je m'approchois toujours de mon grand modèle autant qu'il m'étoit possible. Il s'étoit appelé Venture de Villeneuve; moi je fis

¹⁹² *Ib.*, “... cometer, contudo, novas loucuras ...”.

¹⁹³ *Ib.*, p. 133. “... portei-me muito mal ...”.

¹⁹⁴ Como de resto afirma Trousson: “De nouveau, il était seul. Au lieu de regagner Annecy, où personne ne l'attend, il se lance dans “les plus grandes extravagances” de sa vie, un vagabondage sans but, en vivant comme il peut. Car Jean-Jacques, incapable de déchiffrer un air, s'est donné pour maître de musique et parisien et, imitateur jusqu'au bout, prétend s'appeler, à partir de l'anagramme de son nom, Vaussore de Villeneuve ...” (cfr. Trousson, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*, Éditions Hachette, La Flèche, 1993, p. 46).

**L'anagramme du nom de Rousseau dans celui de Vaussore, et je m'appellai
Vaussore de Villeneuve ...**¹⁹⁶.

Entre 1730 e 1731 Rousseau realiza várias viagens, ora à procura de fama, ora simplesmente pelo gosto de deambular. Alguns dos seus passeios levaram-no a Nyon, onde se encontra com o pai. O Inverno passou-o em Neufchâtel, regressando a Chambéry em Setembro de 1731¹⁹⁶. Embora todas estas aventuras pudessem ter feito com que Rousseau esquecesse Mamã, tal não aconteceu: “Il y a longtems que je n'ai parlé de ma pauvre maman; mais si l'on croit que je l'oublois aussi, l'on se trompe fort ...”.¹⁹⁷ Sendo que o esquecimento não ocorreu devido à qualidade de sentimentos que nutre por Mamã: “Quoi qu'elle eut fait ou n'eut pas fait pour moi, c'eut été toujours la même chose. Je ne l'aimois ni par devoir, ni par intérêt, ni par convenance; je l'aimois parce que j'étois né pour l'aimer ...”¹⁹⁸.

Enquanto que em outras situações, em que algumas pessoas mostraram dedicação, Rousseau sente a necessidade e a obrigação de lhes agradecer, e portanto, de reconhecimento, no caso da relação que mantém com Madame de Warens, a Mamã, isso já não acontece. Justamente porque o amor que sente por ela é um amor natural, este não assume a forma de uma recompensa. É um sentimento simplesmente sentido, não existindo nenhuma obrigação de carácter convencional. Por isso mesmo é que Rousseau considera que o facto de não ter notícias de Mamã não significa “... que je l'eusse tout à fait perdue, ni qu'elle eut pu m'oublier ...”¹⁹⁹. E a confiança que mantém nessa relação leva-o ao ponto de dizer: “... elle saura tôt ou tard que je suis errant, et me donnera quelque signe de vie; je la retrouverai, j'en suis certain ...”²⁰⁰.

¹⁹⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J. Rousseau”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 148. “Para se compreender a que ponto eu perdera o juízo, a que ponto eu me havia por assim dizer venturizado, bastava ver quantas extravagâncias acumulava ao mesmo tempo (...). Aproximava-me cada vez mais, tanto quanto possível do meu grande modelo. Ele havia-se denominado Venture de Villeneuve; eu, do nome Rousseau, fiz o anagrama de Vaussore, e passei a chamar-me Vaussore de Villeneuve ...”.

¹⁹⁷ Cfr. Scholz, Sally, *On Rousseau*, Wadsworth, Belmont, 2001, p. 14.

¹⁹⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J. Rousseau”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 150. “Há muito tempo que não falo da minha pobre Mamã; mas se julgam que também a esqueci, enganam-se redondamente ...”.

¹⁹⁹ *Ibidem*, p. 151. “Fosse o que fosse que ela houvesse ou não feito por mim, seria sempre a mesma coisa. Não a amava nem por dever, nem por interesse, nem por decoro: amava-a porque tinha nascido para a amar ...”.

²⁰⁰ *Ib.* “... que a tivesse inteiramente perdido, ou que ela me houvesse esquecido ...”.

²⁰⁰ *Ib.* “... saberá mais tarde ou mais cedo que ando errante, e dar-me-á seja como for sinais de vida; hei-de encontrá-la, tenho disso a certeza ...”.

4.2. A busca da introspecção

Neste período da vida de Rousseau é importante ter em consideração a consolidação da sua predisposição para se isolar, algo que já se tinha manifestado no seu carácter na época em que trabalhava para Monsieur Ducommun. A relação que o nosso autor estabelece com o mundo – e portanto, também com a sociedade – ganha a forma da de um caminhante solitário²⁰¹. Podemos afirmar que, desde muito novo, toma como mote da sua vida esta ideia: “Plus j'ai vu le monde, moins j'ai pu me faire à son ton ...”²⁰². E a qualidade das relações com os outros, em consonância com essa ideia, foi sendo progressivamente relegada para segundo plano, pois, como diz, “Quand on m'offroit quelque place vide dans une voiture, ou que quelqu'un m'accostoit en route, je rechignois de voir renverser la fortune dont je bâtissois l'édifice en marchant ...”²⁰³.

Se, de facto, Rousseau, nestas suas viagens, encontrou algo importante, não há dúvida de que foi a da descoberta da sua condição solitária no mundo. A fortuna cujo edifício ia construindo decorre dos exercícios de introspecção empreendidos pelo autor sendo que os passeios conferiam a estes o sentido da liberdade:

“La marche a quelque chose qui anime et avive mes idées: je ne puis presque penser quand je reste en place; il faut que mon corps soit en branle pour y mettre mon esprit. La vue de la campagne, la succession des aspects agréables, le grand air, le grand appetit, la bonne santé que je gagne en marchant (...), tout cela dégage mon ame, me donne une plus grande audace de penser, me jette en quelque sorte dans l'immensité des êtres pour les combiner, les choisir, me les approprier à mon gré, sans gêne et sans crainte. Je dispose en maitre de la nature entière (...) mon coeur (...) s'unit, s'identifie à ceux qui le flatent, s'entoure d'images charmantes, s'enivre de sentimens délicieux ...”²⁰⁴.

²⁰¹ *Ib.*, p. 162.

²⁰² *Ib.*, p. 156. “Quanto mais conheço o mundo, menos me ajusto ao seu tom ...”.

²⁰³ *Ib.*, p. 158. “Quando me ofereciam um lugar vago numa carruagem, ou quando alguém me abordava no caminho, punha-me carrancudo por ver desabar a fortuna cujo edifício ia construindo ...”.

²⁰⁴ *Ib.*, p. 162. “Andar tem qualquer coisa que me anima e aviva as ideias: quase não posso pensar quando estou parado; preciso pôr o corpo em movimento para que o espírito o esteja também. A vista dos campos, a sucessão dos aspectos agradáveis, o bom ar e o bom apetite, a boa saúde que adquirei andando (...), tudo isto desoprime a minha alma, me dá uma maior audácia de pensar, me lança de certo modo na imensidade dos seres, para os combinar, escolher, fazê-los meus à minha vontade, sem constrangimento e sem temor. Disponho da natureza inteira (...) o meu coração (...) une-se, identifica-se com os que lhe agradam, rodeia-se de imagens encantadoras, embriaga-se com sentimentos deliciosos ...”.

O comportamento convencional, embora pudesse, ao servir-lhe de modelo, influenciar, como influenciou, por vezes da pior maneira, o comportamento do jovem Rousseau, este nunca se superiorizaria ao seu ser próprio, que ele progressivamente descobre a partir de um repetido exercício introspectivo e deambulante. O seu percurso de vida e as suas obras são disso prova. A relação tensa entre o que é natural e o que é convencional reflectiu-se com grande notoriedade na escrita, vindo a consolidar a importância que o imaginário tem na sua visão do mundo. Tal como nos diz: "... les êtres réels nuisoient aux êtres imaginaires. Le Colonel Godard et son neveu figuroient mal avec un héros tel que moi. Grâce au Ciel, j'étais maintenant délivré de tous ces obstacles: je pouvais m'enfoncer à mon gré dans le pays des chimères, car il ne restait que cela devant moi ..." ²⁰⁵.

5. A vida de Rousseau em Chambéry

5.1. A educação e as diferentes áreas de interesse

Chambéry foi o local em que Rousseau, com quase vinte e um anos, conseguiu encontrar uniformidade de vida. O período que decorre entre os anos de 1732 e 1741 dá mostras de vida calma e simples, a qual, de acordo com o nosso autor, "... étoit précisément ce dont j'avois le plus grand besoin pour achever de se fixer [cette uniformité] ..." ²⁰⁶. Este é um período que marca definitivamente o progresso na educação de Rousseau. De acordo com as suas palavras:

"C'est durant ce précieux intervalle que mon éducation mêlée et sans suite ayant pris de la consistance, m'a fait ce que je n'ai plus cessé d'être à travers les orages qui m'attendoient. Ce progrès fut insensible et lent, chargé de peu

²⁰⁵ *Ib.*, p. 163. "... os seres reais prejudicavam os seres imaginários. Graças ao Céu, encontrava-me agora liberto de todos estes obstáculos: podia mergulhar à vontade no país das quimeras, porque só isso ficava na minha frente ...".

²⁰⁶ *Ib.*, p. 179. "... era precisamente aquilo que (...) mais necessitava para acabar de se fixar [esta uniformidade] ...".

d'événemens mémorables; mais il mérite cependant d'être suivi et developpé

...²⁰⁷.

No que se refere ao seu desenvolvimento educacional, o autor faz a seguinte análise: "J'étois assez formé pour mon age du coté de l'esprit, mais le jugement ne l'étoit guères ..." ²⁰⁸. Tendo consciência dessa situação, é o próprio Rousseau que considera ser importante ter uma orientação: "... j'avois grand besoin des mains dans lesquelles je tombai pour apprendre à me conduire ..." ²⁰⁹. É aqui que a figura de Claude Anet assume um papel importante. De acordo com a descrição que é feita por Rousseau, Claude Anet foi uma figura de relevo na sua educação, quer pelo seu modo de ser, quer pela estima que o próprio fazia despertar em Rousseau:

"Comme il étoit sérieux, même grave, et que j'étois plus jeune que lui, il devint pour moi une espèce de gouverneur qui me sauva beaucoup de folies; car il m'en imposoit, et je n'osois m'oublier devant lui (...) ajoutant pour lui le respect à l'estime, je devins en quelque façon son élève, et ne m'en trouvai pas plus mal..." ²¹⁰.

A tríade formada por Rousseau, Claude Anet e Madame de Warens é especial. Podemos mesmo dizer que existia uma cumplicidade silenciosa entre os três. Assim, quando Claude Anet morre²¹¹, é nestes termos que Rousseau a comenta:

"Voilà comment je perdis le plus solide ami que j'eus en toute ma vie, homme estimable et rare en qui la nature tint lieu d'éducation, qui nourrit dans la

²⁰⁷ Ib.. "Foi durante este precioso período que a minha educação, embrulhada e sem continuidade, tomando consistência, fez de mim o que nunca mais cessei de ser através das tormentas que me esperavam. Tal progresso foi insensível e lento, pouco rico de sucessos memoráveis; mas merece, todavia, se seguido e desenvolvido ...".

²⁰⁸ Ib., p. 176. "Pelo que diz respeito à inteligência, estava desenvolvido para idade; mas quanto ao pensar, tinha pouco ...".

²⁰⁹ Ib.. "... estava bem precisado das mãos em que caí para aprender a conduzir-me ...".

²¹⁰ Ib., pp. 177 - 178. "Como era sério, grave mesmo, e como eu era mais novo do que ele, tornou-se para mim uma espécie de preceptor, livrando-me de muitas loucuras, porque me inspirava respeito, e eu não me atrevia a esquecer-me de mim próprio na sua presença (...) associando à estima o respeito por ele, tornei-me de certo modo seu aluno, e não me dei pior ...".

²¹¹ "Rousseau describes the three attempting to live a loving threesome, but others have speculated that when Anet died two years later it was of grief at having lost Madame de Warens affections ..." (cfr. Scholz, Sally, *On Rousseau*, Wadsworth, Belmont, 2001, p. 14).

servitude toutes les vertus des grands hommes, et à qui peut être il ne manqua pour se montrer tel à tout le monde, que de vivre et d'être placé ..."²¹².

A leitura²¹³, a aritmética²¹⁴, o desenho²¹⁵, a botânica²¹⁶ e a música são as áreas que despertaram o interesse do nosso autor, sendo que a música assume um destaque especial:

"... à celui-là croissoit par degrés, et bientôt absorba tous les autres. Je parle de la musique. Il faut assurément que je sois né pour cet art, puisque j'ai commencé de l'aimer dès mon enfance, et qu'il est le seul que j'aye aimé constamment dans tous les tems. Ce qu'il y a d'étonnant est qu'un art pour lequel j'étois né m'ait néanmoins tant coûté de peine à apprendre, et avec des succès si lents, qu'après une pratique de toute ma vie, jamais je n'ai pu parvenir à chanter surement tout à livre ouvert. Ce qui me rendoit surtout alors cette étude agréable étoit que je la pouvois faire avec Maman ..."²¹⁷.

Nesta época, Rousseau começa a manifestar interesse pelos "... affaires publiques ..." ²¹⁸ e ocupa o seu tempo a ensinar música, organizando serões musicais e a ajudar Mamã nos seus vários projectos. A relação com Madame de Warens torna-se cada vez mais íntima e o tratamento que Rousseau começa a receber, pela parte dela, é, não já o de um adolescente, mas o de um homem. Mamã confia-lhe situações da sua vida. Trata-se de um momento decisivo no seu processo de aprendizagem, pois através dessas conversas vai poder, pela primeira vez, começar a aperceber-se de alguns factos essenciais da vida em sociedade:

²¹² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Les Confessions de J.J. Rousseau", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 205. "Eis como perdi o mais sólido amigo que em toda a minha vida tive, homem apreciável e raro, em quem a natureza substituiu a educação, que na servidão alimentou todas as virtudes dos grandes homens, e a quem, porventura, para se revelar como tal a todo o mundo, só lhe faltou viver e ocupar nele o seu lugar ...".

²¹³ *Ibidem*, p. 179.

²¹⁴ *Ib.*.

²¹⁵ *Ib.*, p. 180.

²¹⁶ *Ib.*.

²¹⁷ *Ib.*, pp. 180 - 181. "... crescia gradualmente em mim um gosto diferente e bem oposto àquele, o qual em breve absorveu todos os outros. Refiro-me à música. Devo ter nascido certamente para esta arte, pois que desde criança comecei a amá-la, ela é a única que constantemente amei todo o tempo. O que admira é que uma arte para a qual nascera me desse contudo tanto trabalho a aprender, e com progressos tão lentos, que, depois de uma prática de toda a vida, nunca consegui chegar ao apuro de cantar com segurança e correctamente tudo. O que me tornava então sobretudo o meu estudo agradável era o facto de poder fazê-lo com Mamã ...".

²¹⁸ *Ib.*, p. 182. "... negócios públicos ...".

“Tout ce qu'elle me disoit m'étoit si intéressant, je m'en sentois si touché que, me repliant sur moi-même, j'appliquois à mon profit ses confidences plus que je n'avois fait ses leçons. Quand on sent vraiment que le coeur parle, le notre s'ouvre pour recevoir ses épanchemens; et jamais toute la morale d'un pédagogue ne vaudra le bavardage affectueux et tendre d'une femme sensée, pour qui l'on a de l'attachement ...”²¹⁹.

A educação para a vida em sociedade é outro aspecto que Mamã considera na educação do jovem Rousseau²²⁰. Mas, como o próprio reconhece, ela seria a pessoa menos indicada para promover uma educação deste género:

“... elle jugea que, malgré mon air gauche, je vallois la peine d'être cultivé pour le monde, et que si je m'y montrois un jour sur un certain pied, je serois en état d'y faire mon chemin. Sur cette idée, elle s'attachoit non seulement à former mon jugement, mais mon extérieur, mes manières, à me rendre aimable autant qu'estimable (...), elle savoit mieux le mettre en pratique que l'enseigner, et j'étois l'homme du monde le moins propre à l'apprendre ...”²²¹.

5.2. A relação de intimidade com Madame de Warens

A relação de intimidade com Mamã inicia-se quando esta se apercebe que Madame Lard fazia investidas, com segundas intenções, sobre o jovem Rousseau²²². Como o próprio relata:

²¹⁹ *Ib.*, p. 199. “Tudo o que me dizia era tão interessante para mim, comovia-me a tal ponto, que, curvando-me sobre mim mesmo, reverti em meu próprio proveito as suas confidências mais do que houvera feito com as suas lições. Quando se sente verdadeiramente que é o coração que fala, o nosso abre-se para lhe receber os desabafos; e nunca toda a moral de um pedagogo valerá a tagarelice afectuosa e meiga de uma mulher sensata por quem temos afeição ...”.

²²⁰ Sobre este assunto, Scholz afirma que “According to Rousseau, Mme de Warens, or Mamma as he called her, was especially adept at the skills of society. For practical purposes she encouraged Rousseau to learn them although his bent was to reject the proprieties of society in favour of natural virtues ...” (Cfr. Scholz, Sally, *On Rousseau*, Wadsworth, Belmont, 2001, p. 15).

²²¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J. Rousseau”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 200. “... pensou ela que, apesar do mau ar desajeitado, valia a pena cultivar-me para a vida de sociedade, e que se eu um dia nesta me mostrasse com uma certa preparação, estaria apto a singrar nela. Nesta ideia, começou não só a formar o meu juízo, mas o meu exterior, as minhas maneiras, a tornar-me tão amável quanto estimável (...) sabia pô-la melhor em prática do que ensiná-la, e eu era a pessoa no mundo menos apta para aprendê-la ...”.

²²² Relativamente a este assunto, afirma Trousson: “La confidence eut une singulière conséquence. En femme d'expérience, Maman ne se méprit point sur les intentions de l'ardente épicière et conclut qu'il était “temps de [le] traiter en homme”. Un beau jour, elle recommande qu'on les laisse

“Elle ne prit pas tout à fait la chose avec la même simplicité que moi. Elle vit des avances où je n'avois vu que des amitiés (...); et outre qu'il n'étoit pas juste qu'une autre femme se chargeât de l'instruction de son élève, elle avoit des motifs plus dignes d'elle, pour me garantir des pièges auxquels mon age et mon état m'exposaient ...”²²³.

Após uma conversa com Madame de Warens, que decorreu de um modo diferente do habitual, quer pela postura de Mamã, quer pelo seu conteúdo moral, “... J'étois moins occupé de ce qu'elle disoit que de chercher à quoi elle en vouloit venir; et sitot que je l'eus compris, ce qui ne me fut pas facile, la nouveauté de cette idée, qui depuis que je vivois auprès d'elle ne m'étoit pas venue une seule fois dans l'esprit, m'occupant alors tout entier, ne me laissa plus le maitre de penser à ce qu'elle me disoit ...”²²⁴. Mas como comenta Dent, no que se refere à iniciação sexual de Rousseau, levada a cabo por Madame de Warens, esta surge como um “... acontecimento que parece ter-lhe causado mais confusão e tristeza do que prazer”²²⁵. O próprio Rousseau confessava: “Comment pus-je en voir approcher l'heure avec plus de peine que de plaisir? Comment au lieu des délices qui devoient m'enivrer sentois-je presque de la répugnance et des craintes?”²²⁶.

O nosso autor justifica este sentimento de mal-estar, e o de não saber lidar com esta nova situação, dizendo que isso se devia certamente ao tipo de relação que inicialmente mantivera com Mamã, inteiramente inocente. Daí que o facto de amá-la tanto não significava querê-la possuir: “A

seuls, le mène dans le petit jardin di faubourg et lui tient un grave discours au terme duquel Jean-Jacques finit par comprendre qu'elle s'offrait à tenir le rôle auquel prétendait Madame Lard, à la fois pour qu'il ne tombât pas en de mauvaises mains et parce qu' "il n'était pas juste qu'une autre femme se chargeât de l'instruction de son élève." Comme pour la signature d'un contrat, elle lui accorda huit jours de réflexion ..." (cfr. Trousson, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*, Éditions Hachette, La Flèche, 1993, p. 53).

²²³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J. Rousseau”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 191. “Mamã não aceitou inteiramente a coisa com a mesma simplicidade que eu. Viu investidas onde eu só tinha visto amizade (...); e além de que não era justo que outra mulher se encarregasse da instrução do seu discípulo, tinha outros motivos mais dignos dela para me proteger das ciladas a que a minha idade e o meu estado me expunham ...”.

²²⁴ Ibidem, pp. 193 - 194. “... preocupava-me menos com o que ela dizia do que em cogitar aonde quereria chegar; e logo que o compreendi, o que não foi fácil, o inesperado de tal ideia, que nem uma só vez me tinha acudido ao pensamento desde que vivia na sua companhia, absorvendo-me completamente, não me permitiu mais ser senhor de pensar no que ela me dizia ...”.

²²⁵ Cfr. Dent, N.J.H., *Dicionário Rousseau*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1996, p. 15.

²²⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J. Rousseau”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 195. “Como pude ver aproximar-se-lhe a hora com mais desgosto de que contentamento? Como é que, em vez das delícias que deviam embriagar-me, sentia quase repugnância e receio?”.

force de l'appeler maman, à force d'user avec elle de la familiarité d'un fils je m'étois accoutumé à me regarder comme tel ..."²²⁷. A maior expressão deste sentimento de mal-estar surge no relato que Rousseau faz do primeiro encontro sexual que manteve com Madame de Warens²²⁸:

"Ce jour, plustot redouté qu'attendu, vint enfin. Je promis tout, et je ne mentis pas. Mon coeur confirmoit mes engagemens sans en desirer le prix. Je l'obtins pourtant. Je me vis pour la première fois dans les bras d'une femme, et d'une femme que j'adorois. Fus-je heureux? Non, je goûtai le plaisir. Je ne sais quelle invincible tristesse en empoisonnoit le charme. J'étois comme si j'avois commis un inceste ..."²²⁹.

Por sua vez, e em contraste com este sentimento, a Madame de Warens, diz-nos ele, "... elle n'étoit ni triste ni vive; elle étoit caressante et tranquille. Comme elle étoit peu sensuelle et n'avoit point recherché la volupté, elle n'en eut pas les delices, et n'en a jamais eu les remords ..."²³⁰. Até certo ponto perplexo com o comportamento de Mamã, Rousseau tenta desculpabilizá-la, acentuando a influência nefasta que o primeiro amante, Monsieur de Tavel²³¹, exercera sobre ela. Para o nosso autor, Monsieur de Tavel, apesar de ter corrompido a razão de Madame de Warens, não conseguiu, porém, corromper o seu coração, o qual era naturalmente bom. Assim se justificava o comportamento de Mamã. Na descrição, que se segue, Rousseau faz uma defesa acérrima do carácter moral de Mamã, carácter esse que o influenciou de uma maneira decisiva:

"Elle abhorroit la duplicité, le mensonge; elle étoit juste, équitable, humaine, désintéressée, fidelle à sa parole, à ses amis, à ses devoirs qu'elle

²²⁷ Ibidem, p. 196. "À força de lhe chamar Mamã, à força de proceder para com ela com familiaridade de um filho, acostumara-me a considerá-la-me como tal ...".

²²⁸ "L'initiation eut lieu, sans doute dans la *guinguette* du faubourg. Au lieu de Maman il trouvait une femme, et la confusion le plonge dans un profond malaise. A tel point qu'il lui faut à prix découvrir à la conduite de Madame de Warens un sens qui la lave de tout souillure morale ..." (cfr. Trousson, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*, Éditions Hachette, La Flèche, 1993, p. 54).

²²⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Les Confessions de J.J. Rousseau", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 197. "Esse dia, mais temido do que esperado, chegou por fim. Prometi tudo, e não menti. O meu coração confirmava as minhas promessas sem desejar-lhes a recompensa. Contudo, obtive-a. Pela primeira vez me vi nos braços de uma mulher, e de uma mulher que adorava. Fui feliz? Não, apreciei o prazer. Não sei que indizível tristeza lhe envenenava o encanto. Era como se houvesse cometido um incesto ...".

²³⁰ Ibidem. "... não se mostrava nem triste, nem ardente; conservava-se carinhosa e calma. Como era pouco sensual e não havia buscado a voluptuosidade, não lhe sentiu as delícias e nunca lhe sentiu os remorsos ...".

²³¹ Ib..

reconnaissoit pour tels, incapable de vengeance et de haine, et ne concevant pas même qu'il y eut le moindre mérite à pardonner. Enfin pour revenir à ce qu'elle avoit de moins excusable, sans estimer ses faveurs ce qu'elles valaient, elle n'en fit jamais un vil commerce; elle les prodigoit mais elle ne les vendoit pas, quoiqu'elle fut sans cesse aux expédients pour vivre ..."²³².

A cumplicidade na relação entre Rousseau e Mamã começa a manifestar-se desde muito cedo. Com a morte de Claude Anet, em 1734, foi Rousseau que assumiu a administração da casa. Diz-nos o nosso autor que esta foi a época em que começou a ser avarento, não por uma questão de amealhar dinheiro, mas por sentir que os recursos de Mamã estavam a escassear. A decadência dos negócios anunciava uma catástrofe iminente. Decide proteger Mamã desta situação:

“Bien convaincu qu'accumuler ne me reussiroit jamais et seroit pour elle une mince ressource, je sentis enfin que je n'en avois point d'autre contre le malheur que je craignois que de me mettre en état de pourvoir par moi-même à sa subsistance, quand, cessant de pourvoir à la mienne, elle verroit le pain prêt à lui manquer ..."²³³.

O clima entre os dois era de total cumplicidade, chegando, por vezes, a poder ser caracterizado de irresponsável: “Nous étions persuadés l'un et l'autre, moi que je travaillois utilement pour elle, elle que je travaillois utilement pour moi ..."²³⁴. Mas é importante ter em conta a real percepção que Rousseau tem desta situação: “Quelque folle que fut cette conduite, l'illusion étoit entière de ma part et même de la sienne ..."²³⁵.

²³² Ib., p. 199. “Detestava a duplicidade, a mentira: era justa, equitativa, humana, desinteressada, fiel à sua palavra, aos seus amigos, aos deveres que reconhecia como tal, incapaz de vingança e de ódio, e nem sequer concebendo que o perdão tivesse algum mérito. Voltando, enfim, ao que tinha de menos desculpável, sem pesar o que os seus favores valiam, nunca transformou num vil comércio; prodigalizava-os, mas não os vendia, se bem que para viver tivesse constante necessidade de expedientes ...”.

²³³ Ib., p. 207. “Inteiramente convencido de que o juntar nunca me daria resultado, e seria para ela um fraco recurso, senti, por fim, que contra a desgraça que eu receava só me restava o de prover por mim mesmo à sua subsistência, quando cessando de prover à minha, ela se visse na iminência de lhe faltar o pão ...”.

²³⁴ Ib., p. 208. “Estávamos ambos persuadidos, eu, que trabalhava utilmente para ela, ela, que trabalhava utilmente para mim ...”.

²³⁵ Ib.. “Por muito desatinado que fosse este procedimento, por minha parte a ilusão era completa, e pela dela também ...”.

É então que Rousseau, com o consentimento de Mamã, decide aprender composição com o abade Blanchard em Besançon. Nunca chega, todavia, a ter aulas com este abade. Quando está prestes a começar sabe que a sua mala foi confiscada nas Rousses. Este episódio²³⁶ serve de pretexto para o autor justificar o fracasso de mais um projecto seu consentido por Mamã. O facto de Rousseau querer explicar esta situação, de um modo quase dramático, parece-nos estar relacionado com a necessidade que ele tem de se justificar relativamente àquilo que o próprio classifica como "... une de ces inconsequences dont ma vie est remplie, et qui m'ont fait si souvent aller contre mon but, lors même que j'y pensois tendre directement ..." ²³⁷.

Este episódio marca algo de sintomático na vida de Rousseau. As inconseqüências de que se encontra cheia a vida são a expressão de um desencanto com a realidade, sendo que a única saída, a mais sábia, parece ser a resignação, um desprendimento relativamente aos fins últimos da vida, o que não significa desistir, abdicar da acção. Pelo contrário, o que sucede é que o seu ângulo de visão passa a estar orientado para o local correcto. Pretende, assim, o autor chamar a atenção para a inutilidade de muitas acções praticadas pelos homens, as quais, mais tarde, se revelam desnecessárias. Não saber direccionar o nosso olhar para aquilo que é importante na vida significa, para ele, perder tempo com questões que estão encobertas por uma auto-cegueira. Veja-se como Rousseau encarou a situação:

"Cette perte me fit revenir à Chambéry tout de suite sans avoir rien fait avec l'Abbé Blanchard, et tout bien pesé, voyant le malheur me suivre dans toutes mes entreprises, je résolus de m'attacher uniquement à Maman, de courir sa fortune, et de ne plus m'inquieter inutilement d'un avenir auquel je ne pouvois rien ..." ²³⁸.

Repare-se como Mamã é cúmplice de Rousseau, na medida em que, sendo ao mesmo tempo o seu suporte, recebe-o sem lhe dirigir nenhum juízo de repreensão: "Elle me receut

²³⁶ *Ib.*, pp. 208 - 209.

²³⁷ *Ib.*, p. 207. "... uma daquelas inconseqüências de que se encontra cheia a minha vida, e que tantas vezes me fizeram marchar contra os meus fins, mesmo quando pensava para eles me dirigir directamente ...".

²³⁸ *Ib.*, p. 209. "Esta perda obrigou-me a regressar imediatamente a Chambéry, sem nada haver feito com o abade Blanchard, e, bem vistas as coisas, com a infelicidade a perseguir-me em todos os meus empreendimentos, resolvi interessar-me unicamente por Mamã, correr os seus riscos, não me inquietando mais em vão com um futuro a respeito do qual nada podia ...".

comme si j'avois rapporté des trésors, remonta peu à peu ma petite garde-robe; et mon malheur, assez grand pour l'un et pour l'autre, fut presque aussi-tôt oublié qu'arrivé ...”²³⁹.

Os tesouros para que Mamã olha são os da verdadeira natureza humana, tornada finalmente desvelada. Daí que essa palavra seja aqui utilizada por Rousseau de forma deliberada. Rousseau é alguém desencantado com a realidade na medida em que se apercebe dos limites da acção humana. É ingénuo, para ele, pensar que se pode controlar a nossa natureza, dominando-a de alguma forma. O tesouro encontrado por Rousseau, que elegerá como o seu objecto privilegiado de reflexão e cujas consequências práticas passará a aceitar sem restrições, é justamente o dessa constatação. Assim sendo, apenas pode correr os riscos de Mamã e nada fazer para os evitar. Portanto se, por um lado, poderíamos acusar Rousseau de medroso ou fraco porque se resigna, por outro lado, o inverso também é válido: Rousseau é alguém que não tem medo, nem é fraco, pois assume correr riscos; e isto de modo consciente, não os evitando, porque sabe, de antemão, que, em qualquer caso, estes são inevitáveis. A única atitude a tomar é a de enfrentá-los, não criando esquemas que pretendam mascarar os problemas, fazendo-os passar por soluções que apenas conseguem criar falsas ilusões.

5.3. O estado físico e emocional de Rousseau

Rousseau é um autor com uma personalidade muito própria. Para nós, ele é alguém com uma personalidade forte, marcada por traços essenciais que definem o seu modo de ser e de estar no mundo. Um desses traços é o de um espírito desmesuradamente apaixonado. A paixão com que vivia as diversas situações, muitas vezes, mais do que lhe trazer alento, proporcionavam-lhe frustração. A desmedida entre a intensidade das vivências e os seus resultados práticos tornou o nosso autor em alguém permanentemente insatisfeito, que tinha necessidade de estar num contínuo movimento de procura. Assim, apesar de, como vimos, durante este período da sua vida, se ter esforçado por adquirir conhecimentos consistentes em diversas áreas²⁴⁰, uma certa

²³⁹ *Ib.*, pp. 209 - 210. “Recebeu-me como se eu fosse portador de tesouros, restabeleceu a pouco o meu guarda-roupa, e a minha desdita, tão grande para um como para outro, foi quase logo esquecida assim que cheguei ...”.

²⁴⁰ “Continuou lendo vorazmente em muitas áreas – filosofia, história, teoria musical, matemática ...” (cfr. Dent, N.J.H., *Dicionário Rousseau*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1996, p. 15).

inconstância, um estado de dispersão latente, constituiu sempre um obstáculo para que o fizesse de forma mais sólida e aprofundada:

“Je passai deux ou trois ans de cette façon entre la musique, les magistères, les projets, les voyages, flottant incessamment d'une chose à l'autre, cherchant à me fixer sans savoir à quoi, mais entraîné pourtant par degrés vers l'étude, voyant des gens de lettres, entendant parler de littérature, me mêlant quelquefois d'en parler moi-même, et prenant plutôt le jargon des livres que la connaissance de leur contenu ...”²⁴¹.

Rousseau passou por alguns períodos de saúde precários e o seu estado físico preocupou-o muitas vezes. A expressão dessa preocupação manifestou-se num sentimento de autocomiseração. A descrição que faz de si, relativamente à sua saúde, revela alguém que se olha de fora, que se assume como espectador de si mesmo. O autor manifesta dificuldade em aceitar que alguém tão novo e bem constituído pudesse alguma vez estar doente. É interessante notar uma evolução, no sentido positivo, no modo como Rousseau se descreve. Em outras situações, nomeadamente quando descreve a sua débil condição quando nasceu, o mesmo não sucedeu:

“Je ne sais d'où venoit qu'étant bien conformé par le coffre, et ne faisant d'excès d'aucune espèce, je déclinai à vue d'oeil. J'ai une assez bonne quarrure, la poitrine large, mes poumons doivent y jouer à l'aise; cependant j'avois la courte haleine; je me sentois oppressé: je soupirois involontairement, j'avois des palpitations, je crachois du sang; la fièvre lente survint, et je n'en ai jamais été bien quitte. Comment peut-on tomber dans cet état à la fleur de l'age, sans avoir aucun viscère vicié, sans avoir rien fait pour détruire sa santé?”²⁴².

²⁴¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J. Rousseau”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 218. “Desta maneira passei dois ou três anos entre a música, os magistérios, os projectos, as viagens, vacilando permanentemente entre uma coisa e outra, procurando fixar-me sem saber em quê, todavia seduzido gradualmente pelo estudo, vendo gente das letras, ouvindo falar de literatura, metendo-me eu mesmo por vezes a falar dela, e apreendendo mais a gíria dos livros do que a ciência do seu conteúdo ...”.

²⁴² Ibidem, pp. 218 - 219. “Não sei como é que tendo eu o peito bem conformado, e não fazendo excessos de nenhuma espécie, enfraquecia a olhos vistos. Sou bastante largo de ombros, tenho o peito amplo, os pulmões devem nele funcionar à vontade; no entanto, respirava mal, sentia-me oprimido, suspirava involuntariamente, tinha palpitações, escarrava sangue; sobreveio uma febre lenta, e nunca mais me livreí completamente dela. Como é que na flor da idade se pode cair em tal estado, sem termos nenhuma viscera estragada, sem nada havermos feito para arruinar a saúde?”.

Este comportamento, parece conferi-lhe, uma legitimidade para questionar a necessidade da sua sobrevivência. Há, podemos dizer, uma indignação perante a sua situação e um sentimento de comiseração pela sua conservação física.

Outro aspecto que o perturba são as paixões pelas mulheres e a ausência, face a elas, de um prazer pleno. Tal estado fez com que Rousseau estivesse sempre agitado, sentido necessidade de recorrer, de novo, à faculdade da imaginação. Dado que a relação que mantinha com Madame de Warens nunca deixou de ser filial, nunca a viveu com verdadeiro prazer:

“J'avois une tendre mère, une amie chérie mais il me falloit une maitresse. Je me la figurois à sa place; je me la créois de mille façons pour me donner le change à moi-même (...). J'étois donc brulant d'amour sans objet, et c'est peut-être ainsi qu'il épuise le plus ...”²⁴³.

A música foi outra das suas paixões, senão mesmo a principal. Não admirando que os excessos fossem frequentes, como o próprio faz questão de dizer:

“La Musique étoit pour moi une autre passion moins fouguese mais non moins consumante par l'ardeur avec laquelle je m'y livrois, par l'étude opiniâtre des obscurs livres de Rameau, par mon invincible obstination à vouloir en charger ma mémoire qui s'y refusoit toujours, par mes courses continuelles, par les compilations immenses que j'entassois, passant très souvent à copier les nuits entières ...”²⁴⁴.

Tal espírito apaixonado fazia com que Rousseau muitas vezes ficasse fisicamente doente. O seu total descontrole emocional encontra exemplo no episódio do jogo de xadrez: “Quand j'allai me montrer sortant de ma chambre j'avois l'air d'un déterré, et suivant le même train je n'aurois

²⁴³ *Ib.*, p. 219. “Tinha uma extremosa mãe, uma amiga querida; mas faltava-me uma amante. Imaginava-a no lugar daquela; criava-a para mim mesmo de mil maneiras para a mim próprio me iludir (...). Um amor sem objecto me queimava, pois, e é porventura assim que ele mais consome ...”.

²⁴⁴ *Ib.*. “A música era outra das minhas paixões, menos ferosa, mas não menos devastadora pelo ardor com que a ela me entregava, pelo estudo obstinado dos obscuros livros de Rameau, pela minha invencível teimosia em querer encaixá-los na memória, que continuava a recusar-se a isso, pelas minhas contínuas correrias, pelas enormes compilações que amontoava, passando frequentemente as noites inteiras a copiar ...”.

pas resté déterré longtemps ..."²⁴⁵. O estado emocional de Rousseau não era o melhor. Além de revelar instabilidade, manifesta ainda uma tendência para estados depressivos:

"L'altération de la mienne [tête] agit sur mon humeur et tempéra l'ardeur de mes fantaisies. Me sentant affaiblir je devins plus tranquille et perdus un peu la fureur des voyages. Plus sédentaire je fus pris, non de l'ennui, mais de la mélancolie; les vapeurs succéderent aux passions; ma langueur devint tristesse; je pleurois et soupirais à propos de rien, je sentois la vie m'échapper sans l'avoir goûtée (...). Enfin je tombai tout à fait malade ..."²⁴⁶.

Importa analisar o motivo destes estados extremos, quer físicos quer emocionais. Deprendendo-o do que diz Rousseau, parece-nos que tal situação resulta mais de uma tentativa de controlo do seu carácter, do que da sua natureza intrínseca. Daqui até à crítica da sociedade vai um passo muito ténue²⁴⁷. Na opinião de Trousson, "Il [Rousseau] ne refuse pas le monde, mais il est hypersensible, blessé d'un rien, perd pied s'il ne rencontre pas la compréhension. En somme, il a pris conscience de sa différence, mais il est encore inapte à l'assumer"²⁴⁸.

Mais uma vez, é na relação com Madame de Warens que Rousseau vai encontrar o equilíbrio emocional de que necessita. Isso revela-se quando assim escreve:

"Nous commençames, sans y songer, à ne plus nous séparer l'un de l'autre, à mettre en quelque sorte toute notre existence en commun, et sentant que réciproquement nous nous étions non seulement nécessaires mais suffisants, nous nous accoutumames à ne plus penser à rien d'étranger à nous, à borner absolument notre bonheur et tous nos desirs à cette possession mutuelle et peut-être unique parmi les humains, qui n'étoit point, comme je l'ai dit, celle de l'amour; mais une possession plus essentielle qui, sans tenir aux sens, au sexe, à

²⁴⁵ Ib., p. 221. "Quando me mostrei ao sair do quarto, tinha um ar de desenterrado, e, ao continuar no mesmo caminho, não teria permanecido desenterrado muito tempo ...".

²⁴⁶ Ib.. "A alteração da minha [cabeça] agiu sobre o meu carácter, e temperou o ardor das minhas fantasias. Sentindo-me enfraquecer, tornei-me mais calmo e perdi um pouco o furor das viagens. Mais sedentário, fui atacado não de aborrecimento, mas de melancolia; os vapores sucederam-se às paixões; o meu abatimento transformou-se em tristeza; chorava e suspirava a propósito de nada; sentia a vida a fugir-me sem a ter gozado (...). Cai por fim verdadeiramente doente ...".

²⁴⁷ Ib., p. 221.

²⁴⁸ Cfr. Trousson, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*, Éditions Hachette, La Flèche, 1993, p. 68.

l'age, à la figure tenoit à tout ce par quoi l'on est soi, et qu'on ne peut perdre qu'en cessant d'être ..."²⁴⁹.

O nosso biografado acaba por colocar sob os ombros de Mamã uma grande responsabilidade: a formação da sua pessoa: "Je devenois tout à fait son oeuvre, tout à fait son enfant et plus que si elle eut été ma vraye mère ..." ²⁵⁰. Acaba mesmo por fundamentar a subsistência do seu ser nessa relação: "Je lui disois: vous voila dépositaire de tout mon être; faites en sorte qu'il soit heureux ..." ²⁵¹.

Contudo, e embora empregue sempre o plural no seu discurso sobre esta relação de mútua dependência, não nos parece que tal fosse exactamente o caso. Parece-nos mais um desejo e uma fantasia de Rousseau, do que a realidade do sentimento de Mamã; pois quando Rousseau propõe a Mamã que se fossem "... établir dans une solitude agréable, dans quelque petite maison assez éloignée pour dérouter les importuns ..." ²⁵², esta responde: "... je risque de perdre mon pain, et quand nous n'en aurons plus dans les bois il en faudra bien retourner chercher à la ville. Pour avoir moins besoin d'y venir, ne la quittons pas tout à fait ..." ²⁵³.

No Verão de 1736, com efeito, Rousseau vai viver com Mamã para Charmettes. Começa a ganhar consciência de que a relação idílica que mantém com ela não seria algo para perdurar. Mas nunca a recrimina pela decisão que tomou. É como se o desígnio do destino já tivesse delineado este final, perante o qual ele nada pode fazer. Assim, escreve o nosso autor:

"A quoi tint-il que cette précieuse crise n'amenât le bonheur du reste de ses jours et des miens? Ce ne fut pas à moi, je m'en rends le consolant

²⁴⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Les Confessions de J.J. Rousseau", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 222. "Sem nisso pensarmos, começámos a não nos separarmos mais um do outro, a levar de certo modo a nossa existência em comum, e sentindo que reciprocamente éramos não só necessários, mas bastante um ao outro, acostumámo-nos a não pensar em mais nada estranho a nós, a limitar absolutamente toda a nossa felicidade e todos os nossos desejos a esta posse mútua, e porventura única entre os mortais, a qual não era, como disse, a do amor, mas uma posse mais essencial, que, sem dizer respeito aos sentidos, ao sexo, à idade, à figura, dizia respeito a todo aquilo por que somos nós próprios, e que só se pode perder deixando de ser ...".

²⁵⁰ Ibidem. "Eu tomava-me inteiramente obra dela, inteiramente seu filho, e mais ainda do que se ela fosse minha verdadeira mãe ...".

²⁵¹ Ib., p. 221. "Dizia-lhe eu: Sois depositária de todo o meu ser; tomai a vosso cargo fazê-lo feliz ...".

²⁵² Ib., p. 223. "... instalar numa solidão agradável, numa casinha qualquer suficientemente distante para despistar os importunos ...".

²⁵³ Ib., p. 224. "... arrisco-me a perder o meu pão, e quando já não o tivermos nos bosques, será necessário regressar à cidade para o procurar. Não a abandonemos inteiramente para termos menos necessidade de cá voltar ...".

témoignage. Ce ne fut pas non plus À elle, du moins à sa volonté. Il étoit écrit que bientôt l'invincible naturel reprendroit son empire ...²⁵⁴.

6. Rousseau no vale de Les Charmettes

6.1. O quotidiano em Charmettes

A propósito de Charmettes, Rousseau diz: “Ici commence le court bonheur de ma vie; ici viennent les paisibles mais rapides momens qui m'ont donné le droit de dire que j'ai vécu. Momens précieux et si regrettés!”²⁵⁵. Eles²⁵⁶ evidenciam a atitude de alguém que gosta de ser solitário:

“Je me levois avec le soleil, et j'étois heureux; je me promenois et j'étois heureux, je voyois maman et j'étois heureux, je la quittois, et j'étois heureux, je parcourois les bois, les coteaux, j'errois dans les vallons, je lisois, j'étois oisif, je travaillois au jardin, je cueillois les fruits, j'aidois au ménage, et le bonheur me suivoit par tout; il n'étoit dans aucune chose assignable, il étoit tout en moi-même, il ne pouvoit me quitter un seul instant ...”²⁵⁷.

Repare-se na forma como Rousseau descreve este seu estado de felicidade. Este só pode ser sentido e, por isso, a única coisa que o autor pode fazer é indicar a presença desse

²⁵⁴ Ib., p. 222. “A que se deve não haver esta preciosa crise trazido a felicidade do resto dos seus e dos meus dias? Não foi por minha culpa. Presto a mim mesmo esta consoladora justiça. Também não foi por culpa dela, pelo menos por sua vontade. Estava escrito que em breve o invencível natural retomasse o seu domínio ...”.

²⁵⁵ Ib., p. 225. “Começa aqui a breve felicidade da minha vida; chegam agora os tranquilos mas rápidos momentos que me dão direito de dizer que vivi. Momentos preciosos e tão suspirados!”.

²⁵⁶ Como nos diz Scholz: “This marked the beginning of a period of happiness for Rousseau. He was continuing with his self-education reading philosophy, science, history, and literature” (cfr. Scholz, Sally, *On Rousseau*, Wadsworth, Belmont, 2001, p. 15). É também desta altura que datam as suas primeiras publicações: uma canção, *Un papillon badin*, publicada no *Mercure de France* em 1737 (cfr. Dent, N.J.H., *Dicionário Rousseau*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1996, p. 15).

²⁵⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J. Rousseau”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 225 - 226. “Levantava-me com o sol, e era feliz, passeava, e era feliz; via Mamã, e era feliz; deixava-a, e era feliz; percorria os bosques, os outeiros, vagueava pelos vales, lia, permanecia ocioso; trabalhava no horto, colhia frutos, ajudava à lida da casa, e a felicidade seguia-me por toda a parte: não existia em coisa nenhuma precisa, estava inteiramente em mim mesmo, não podia abandonar-me um só momento ...”.

sentimento, não conseguindo apresentar nada de mais concreto para, com adequação, o descrever:

“Encore si tout cela consistoit en faits, en actions, en paroles, je pourrais le décrire et le rendre, en quelque façon: mais comment dire ce qui n'étoit ni dit, ni fait, ni pensé même, mais goûté, mais senti, sans que je puisse énoncer d'autre objet de mon bonheur que ce sentiment même?”²⁵⁸.

Repare-se também, como, nesta felicidade, o gosto que tem pelo estudo não é esquecido²⁵⁹: “Encore un coup le vrai bonheur ne se décrit pas, il se sent, et se sent d'autant mieux qu'il peut le moins se décrire, parce qu'il ne résulte pas d'un recueil de faits, mais qu'il est un état permanent ...”²⁶⁰. O sentimento surge aqui como o único elemento capaz de ser veículo de um determinado conhecimento, o conhecimento da sua felicidade.

O seu estado de saúde, assim como uma tendência hipocondríaca²⁶¹, foi algo que sempre preocupou Rousseau. Desta vez isso faz com que modifique o modo como se relaciona com aquilo que o rodeia: “Je puis bien dire que je ne commençai de vivre que quand je me regardai comme un homme mort. Donnant leur véritable prix aux choses que j'allois quitter je commençai de m'occuper de soins plus nobles, comme par anticipation sur ceux que j'aurois bientôt à remplir et que j'avois fort négligés jusqu'alors ...”²⁶². Uma dessas preocupações é a religião: “J'avois souvent travesti la religion à ma mode mais je n'avois jamais été tout à fait sans religion ...”²⁶³. Rousseau nunca abandonou a religião, pois, para o autor, ela é objecto de consolação e de

²⁵⁸ Ibidem, p. 225. “Ainda se tudo isto consistisse em factos, em acções, em palavras, eu poderia de qualquer maneira descrevê-lo, exprimi-lo; como dizer, porém, o que não era dito, nem feito, nem sequer pensado, mas gozado, mas sentido, sem que eu possa apontar outro objecto da minha felicidade além deste próprio sentimento?”.

²⁵⁹ “À la campagne, dans le domaine des Charmettes où il passe en compagnie de Mme de Warens quelques étés idylliques, il étudie en autodidacte, et de façon éclectique, les mathématiques aussi bien que le latin et la composition musicale ...” (cfr. Lavocat, Françoise, *Rousseau*, Éditions Nathan, 1991, p. 6).

²⁶⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J. Rousseau”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 236. “Mais uma vez: a verdadeira felicidade não se descreve; sente-se, e sente-se tanto mais quanto menos se pode descrever, porque não resulta de um concurso de factos, é um estado permanente ...”.

²⁶¹ Ibidem, pp. 226 – 227.

²⁶² *Ib.*, p. 228. “Posso bem dizer que só comecei a viver quando me supunha um homem morto. Dando às coisas que ia deixar o seu verdadeiro valor, comecei a ter preocupações mais nobres, como que antecipando aquelas que em breve devia satisfazer e que até então havia fortemente descurado ...”.

²⁶³ *Ib.*.. “Havia frequentemente troçado da religião em moda, mas nunca tinha perdido inteiramente a religião ...”.

esperança. No entanto criticava a religião em moda. A influência de Mamã foi, a este respeito, determinante, como o próprio autor faz questão de referir: "Maman me fut en cette occasion beaucoup plus utile que tous les theologiens ne me l'auroient été ..." ²⁶⁴.

Relativamente à forma como Madame de Warens entendia a religião, Trousson afirma o seguinte: "Pieuse sans ostentation, elle avait une foi un peu déconcertante. Parce qu'elle était bonne, elle refusait de croire à l'enfer et à un Dieu vindicatif (...). Sa religion est celle du coeur, ramenée surtout à la suprématie de la conscience en matière de foi, héritage de sa jeunesse piétiste. De ce piétisme, elle oubliait cependant la rigueur dans certains domaines où elle pensait que la morale n'à que faire (...). Comme Rousseau, elle préférait les paradoxes aux préjugés" ²⁶⁵. Rousseau partilha das ideias de Mamã, que irão influenciá-lo bastante: "... je reviens à moi. Trouvant en elle toutes les maximes dont j'avois besoin pour garantir mon ame des terreurs de la mort et de ses suites, je puisois avec sécurité dans cette source de confiance ..." ²⁶⁶. Destas ideias sobre a religião resulta uma das considerações mais centrais do nosso autor: a de que o Homem não pode ser juiz do Homem, pois se nem Deus pode exigir mais do que nos havia dado, como é possível que o Homem, e a sociedade, possam fazer julgamentos e ditar punições?

6.2. O regresso à cidade

Com a chegada do Inverno, Rousseau e Mamã regressam a Chambéry. Passa-se então a relacionar com Monsieur Salomon ²⁶⁷, o médico de Mamã, com quem manteve longas conversas, as quais, diz-nos, foram bastante instrutivas e contribuíram para os seus estudos.

No que a estes se refere, Rousseau destaca a importância que conferiu às leituras, relativamente a estas faz sobressair os temas que lhe interessavam, aqueles que eram referentes à devoção e às ciências. Por outro lado, descreve o modo apaixonado como realizava essas

²⁶⁴ Ib.. "Nesta ocasião, Mamã foi-me mais útil do que o poderiam ser todos os teólogos ...".

²⁶⁵ Cfr. Trousson, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*, Éditions Hachette, La Flèche, 1993, p. 58.

²⁶⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Les Confessions de J.J. Rousseau", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 230 - 231. "...regresso à minha pessoa. Encontrando nela todas as máximas de que tinha necessidade para proteger a minha alma do terror da morte e das suas consequências, bebia com convicção nesta fonte de confiança ...".

²⁶⁷ Ibidem, pp. 231 - 232.

leituras. As palavras de Rousseau expressam de maneira clara como este entende o papel que a leitura teve no seu processo educativo:

“Ceux [livres] qui méloient la dévotion aux sciences m'étoient les plus convenables; tels étoient particulièrement ceux de l'Oratoire et de Port-Royal. Je me mis à les lire, ou plustot à les dévorer (...). Enfin je me sentis entraîné peu-à-peu malgré mon état, ou plustot par mon état vers l'étude avec une force irrésistible, et tout en regardant chaque jour comme le dernier de mes jours j'étudiois avec autant d'ardeur que si j'avois dû toujours vivre. On disoit que cela me faisoit du mal; je crois, moi, que cela me fit du bien, et non seulement à mon ame, mais à mon corps; car cette application, pour laquelle je me passionnois me devint si délicieuse, que, ne pensant plus à mes maux, j'en étois beaucoup moins affecté ...”²⁶⁸.

O espírito de Rousseau transformou-se com as leituras. Estas estão na origem de um novo comportamento perante o mundo e a vida. O estudo tornou-se uma paixão para o nosso autor e, como todas as paixões, esta trouxe um novo alento à vida de Rousseau:

“Enfin, soit qu'il me parut beau d'apprendre jusqu'à ma dernière heure, soit qu'un reste d'espoir de vivre se cachât au fond de mon coeur, l'attente de la mort loin de ralentir mon gout pour l'étude sembloit l'animer, et je me pressois d'amasser un peu d'acquis pour l'autre monde, comme si j'avois cru n'y avoir que celui que j'aurois emporté. Je pris en affection la boutique d'un libraire appelé Bouchard où se rendoient quelques gens de lettres ...”²⁶⁹.

²⁶⁸ *Ib.*, p. 232. “Os [livros] que me convinham mais eram os que aliavam a devoção às ciências, como o faziam particularmente os do Oratório e do Port-Royal. Comecei a lê-los, ou antes, a devorá-los (...). Senti-me por fim, apesar do meu estado, arrastado a pouco e pouco para o estudo com irresistível força, e ao mesmo tempo que considerava cada dia como último dos meus dias, estudava com tanto ardor como se devesse viver sempre. Diziam que isto me fazia mal: eu, por mim, creio que fez bem, e não só à minha alma como ao meu corpo; porque esta aplicação que me apaixonava tornou-se-me tão deliciosa que, não pensando já nos meus males, afligia-me menos com eles ...”.

²⁶⁹ *Ib.*, pp. 232 -233. “Enfim, quer porque me parecesse belo aprender até à minha última hora, quer porque um resto de esperança de viver se albergasse no fundo do meu coração, a expectativa da morte, longe de moderar o meu gosto pelo estudo, parecia animá-lo, e eu apressava-me em juntar alguns conhecimentos para o outro mundo, como se estivesse convencido que me encontraria lá apenas com os que de cá levava. Ganhei gosto pela loja de um livreiro chamado Bouchard, onde se reuniam homens de letras ...”.

7. O regresso ao campo: a relação com o meio ambiente envolvente

O regresso a Charmettes e ao campo ocorreu na Primavera. Rousseau volta ao contacto directo com a natureza, a qual lhe faz recuperar a saúde: “... quand vous me verrez prêt à mourir, portez- moi à l'ombre d'un chêne; je vous promets que j'en reviendrai ...”²⁷⁰. Não há dúvida de que a relação que estabelece com a natureza é uma relação de pertença. O mesmo já não sucede com a relação que estabelece com a sociedade, em que se revela um homem que procura o isolamento.

A relação de proximidade, que estabelece com os animais merece ser aqui testemunhada: “Contraint de me borner à des soins moins fatigants, je pris entre autres celui du colombier, et je m'y affectionnai si fort que j'y passois souvent plusieurs heures de suite sans m'ennuyer un moment ...”²⁷¹; e ainda: “J'avois une autre petite famille au bout du jardin: c'étoient des abeilles (...). Tous les animaux se défient de l'homme et n'ont pas tort; mais sont-ils sûrs une fois qu'il ne leur veut pas nuire, leur confiance devient si grande qu'il faut être plus que barbare pour en abuser ...”²⁷². O nosso autor encontra o seu meio natural fora da sociedade. A sua liberdade manifesta-se na relação que estabelece com a natureza. Ela é o local onde Rousseau pode ser, sem qualquer tipo de constrangimentos, Rousseau.

²⁷⁰ Ib., p. 233. “... quando me virdes quase a morrer, ponde-me à sombra de um carvalho, que eu vos prometo voltar de lá ...”.

²⁷¹ Ib.. “Obrigado a limitar-me a ocupações menos fatigantes, tomei conta, entre outras coisas, do pombal, e afeiçoei-me tanto a este, que passava nele horas seguidas sem me aborrecer um só instante ...”.

²⁷² Ib., pp. 239 - 240. “Tinha eu outra pequena família ao cabo do horto: eram as abelhas (...). Todos os animais desconfiam do homem, e têm razão: uma vez, porém, convencidos de que lhes não queremos fazer mal, a sua confiança torna-se tão grande que é mister ser-se mais bárbaro para se abusar dela ...”.

8. Rousseau e o estudo

8.1. A questão do método de estudo

Relativamente a questões de método de estudo das ciências, Rousseau diz-nos que procedia analiticamente: “Prenant d'abord l'encyclopédie, j'allois la divisant dans ses branches; je vis qu'il falloit faire tout le contraire; les prendre chacune séparément, et les poursuivre chacune à part jusqu'au point où elles se réunissent. Ainsi je revins à la synthèse ordinaire; mais j'y revins en homme qui sait ce qu'il fait. La méditation me tenoit en cela lieu de connaissance, et une réflexion très naturelle aidait à me bien guider ...”²⁷³.

Sobre o caso específico do método utilizado para estudar o conteúdo de uma determinada obra, Rousseau, na passagem que se segue, conta-nos como inicialmente fazia e como rapidamente se apercebeu que esse não era o melhor caminho a percorrer, deixando-nos entrever o carácter autodidacta²⁷⁴ da sua educação:

“La fausse idée que j'avois des choses me persuadoit que pour lire un livre avec fruit il falloit avoir toutes les connaissances qu'il supposoit (...). Avec cette folle idée j'étois arrêté à chaque instant, forcé de courir incessamment d'un livre à l'autre et quelquefois avant d'être à la dixième page de celui que je voulois étudier il m'eut fallu épuiser des bibliothèques. Cependant je m'obstinai si bien à cette extravagante méthode que j'y perdis un tems infini, et faillis à me brouiller la tête au point de ne pouvoir plus ni rien voir ni rien savoir. Heureusement je m'aperçus que j'enfilois une fausse route qui m'égaroit dans un labyrinthe immense, et j'en sortis avant d'y être tout-à-fait perdu ...”²⁷⁵.

²⁷³ *Ib.*, p. 234. “Tomando primeiro a enciclopédia, ia-a dividindo nos seus ramos. Vi que era necessário fazer precisamente o contrário, tratar separadamente cada um, e prosseguir à parte com cada um até ao ponto onde eles se juntassem. Desta maneira, voltei à síntese comum, mas voltei a ela como homem que sabe o que faz. Nisto, a meditação servia-me de conhecimento, e uma reflexão deveras natural ajudava-me a guiar-me como devia ser ...”.

²⁷⁴ “He was very systematic in his independent education, working to carefully understand one position before moving on to another ...” (cfr. Scholz, Sally, *On Rousseau*, Wadsworth, Belmont, 2001, p. 15).

²⁷⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J. Rousseau”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 234. “A ideia errada que tinha das coisas convencia-me de que para ler um livro com proveito era necessário possuir todos os conhecimentos que ele supunha (...). Esta ideia disparatada obrigava-me a parar a cada instante, a correr constantemente de um livro para outro, e por vezes, antes de chegar à décima página do que desejava estudar, ter-me-ia sido preciso esgotar bibliotecas inteiras. Contudo, teimei tanto neste extravagante método, que perdi um tempo infinito, e acabei por transformar a cabeça ao ponto de nada mais poder ver sem saber. Felizmente,

Numa espécie de auto-retrato relativo ao estudo, diz-nos o autor que tem pouca paciência para estudar. Note-se, no entanto, que Rousseau se refere a um estudar que implique duas coisas: a primeira, concentração; a segunda, estudar as ideias dos outros. Ora, é justamente esta dinâmica que desmotiva o nosso autor que, como espírito apaixonado que é, só se entusiasma com as suas ideias e com temáticas diversas. Não admira que nos confesse como cai facilmente no aborrecimento e no cansaço:

“Il faut que je ne sois pas né pour l'étude; car une longue application me fatigue à tel point qu'il m'est impossible de m'occuper une demi-heure de suite avec force du même sujet, surtout en suivant les idées d'autrui (...). Quand j'ai suivi durant quelques pages un auteur qu'il faut lire avec application, mon esprit l'abandonne et se perd dans les nuages. Si je m'obstine je m'épuise inutilement; les éblouissements me prennent, je ne vois plus rien. Mais que des sujets différents se succèdent, même sans interruption, l'un me delasse de l'autre, et sans avoir besoin de relâche je les suis plus aisément ...”²⁷⁶.

A elaboração de um plano de estudos próprio foi o passo seguinte do nosso autor²⁷⁷.

8.2. O estudo no âmbito da rotina diária

Rousseau faz uma apresentação de como geria o seu tempo, frisando como isso é importante para a concretização do seu plano de estudos. Passa a organizar o seu quotidiano em função desse plano. Assim, é nestes termos que descreve um dia passado em Charmettes:

“Je me levois tous les matins avant le soleil. Je montois par un verger voisin dans un très joli chemin qui étoit au dessus de la vigne et suivoit la côte

apercebi-me de que o caminho errado por onde me metia me fazia perder num enorme labirinto, e saí dele antes de me haver inteiramente extraviado ...”.

²⁷⁶ *Ib.*, p. 235. “Não devo ter nascido para estudar, pois que uma atenção prolongada fatiga-me a um ponto tal que me é impossível ocupar-me fortemente meia hora seguida com o mesmo assunto, sobretudo se sigo as ideias dos outros (...). Ao fim de seguir durante algumas páginas um autor que é preciso ler com aplicação, o meu espírito abandona-o e perde-se nas nuvens. Se teimo, canso-me inutilmente; as alucinações voltam-me, não vejo mais nada. Se, porém, assuntos diferentes se sucedem, mesmo ininterruptamente, um repousa-me do outro, e sem mesmo ter necessidade de descansar, sigo-o mais facilmente ...”.

²⁷⁷ *Ib.*, p. 235.

jusqu'à Chambéry. Là tout en me promenant je faisais ma prière, qui ne consistoit pas en un vain balbutiement de levres, mais dans une sincère élévation de coeur à l'auteur de cette aimable nature dont les beautés étoient sous mes yeux. Je n'ai jamais aimé à prier dans la chambre: il me semble que les murs et tous ces petits ouvrages des hommes s'interposent entre Dieu et moi. J'aime à le contempler dans ses oeuvres tandis que mon coeur s'élève à lui ..."²⁷⁸.

É interessante a menção que Rousseau faz à oração. Esta acaba por ser mais uma expressão de admiração e contemplação da natureza, sendo que a relação que estabelece com Deus assenta na que mantém com a natureza, visto ser ele o seu criador.

Refere-se também os autores que lia e que, sobretudo, lhe suscitavam questões de carácter metodológico:

"Nous déjeunions ordinairement avec du caffè au lait (...). Après une heure ou deux de causerie, j'allois à mes livres jusqu'au diné. Je commençois par quelque livre de philosophie, comme *la Logique* de Port-Royal, *l'Essai* de Locke, Mallebranche, Leibnitz, Descartes, etc. Je m'aperçus bientôt que tous ces auteurs étoient entre eux en contradiction presque perpétuelle, et je formai le chimérique projet de les accorder, qui me fatiga beaucoup et me fit perdre bien du tems. Je me brouillois la tête, et je n'avançois point. Enfin renonçant encore à cette méthode j'en pris une infiniment meilleure, et à laquelle j'attribue tout le progrès que je puis avoir fait, malgré mon défaut de capacité; car il est certain que j'en eus toujours fort peu pour l'étude ..."²⁷⁹.

²⁷⁸ Ib., p. 236. "Levantava-me todas as manhãs antes do nascer do sol. Subia através de um pomar vizinho até a um caminho formosíssimo que ficava da parte de cima da vinha, e seguia a encosta até Chambéry. Ai, enquanto passeava, fazia a minha oração, a qual não consistia numa vã balbuciação dos lábios, mas numa sincera elevação do coração ao autor daquela risonha natureza, cujas belezas tinha diante dos olhos. Nunca gostei de orar no meu quarto: parece-me que as paredes e todos estes insignificantes trabalhos dos homens se interpõem entre Deus e mim. Gosto de contemplá-lo nas suas obras, enquanto o meu coração se eleva a Ele ...".

²⁷⁹ Ib., p. 237. "Almoçávamos de ordinário café com leite (...). Depois de uma hora ou duas de conversa, ia-me aos meus livros até ao jantar. Começava por qualquer livro de filosofia, como a *Lógica* do Port-Royal, o *Ensaio* de Locke, Malebranche, Leibnitz, Descartes, etc. Dava cabo da cabeça, e não andava para a frente. Renunciei também por fim a este método, e adoptei outro infinitamente melhor, ao qual atribuo todos os progressos que consegui fazer, apesar da minha deficiência de capacidade, pois que o certo é que tive sempre muito pouca para estudar ...".

Por este outro método²⁸⁰ Rousseau descobre: "... que tous ces auteurs étoient entre eux en contradiction presque perpétuelle, et je formai le chimérique projet de les accorder, qui me fatiga beaucoup et me fit perdre bien du tems ..."²⁸¹. Os resultados que alcançou fez com que adquirisse bastante informação, a qual, mais tarde lhe permitiu bastar-se a si mesmo e "... penser sans le secours d'autrui ..."²⁸².

A geometria, a álgebra e o latim foram outras áreas que, como já vimos anteriormente, sempre interessaram Rousseau. Mas só agora o nosso autor pôde estudá-las com mais cuidado, enquadradas num plano de estudos coerente. Relativamente a estas áreas afirma:

"Je passois de là à la Geometrie elementaire (...). Je ne goutai pas celle d'Euclide qui cherche plutot la chaine des démonstrations que la liaison des idées; je préférâi la géométrie du Pere Lami (...). L'algèbre suivoit et ce fut toujours le P. Lami que je pris pour guide (...). Après cela venoit le Latin. C'étoit mon étude la plus pénible, et dans laquelle je n'ai jamais fait de grands progrès. Je me mis d'abord à la méthode latine de Port-Royal, mais sans fruit. Ces vers ostrogots me faisoient mal au coeur et ne pouvoient entrer dans mon oreille. Je me perdois dans ces foules de régles, et en apprenant la dernière, j'oubliois tout ce qui avoit précédé ..."²⁸³.

E continua a sua descrição fazendo uma auto-avaliação relativa a estas matérias:

"Je n'ai jamais été assez loin pour bien sentir l'application de l'algèbre à la geometrie. Je n'aimois point cette manière d'opérer sans voir ce qu'on fait, et il me sembloit que résoudre un problème de Geometrie par les équations, c'étoit jouer un air en tournant une manivelle (...). Une étude de mots n'est pas ce qu'il faut à un homme sans mémoire, et c'étoit précisément pour forcer ma mémoire à

²⁸⁰ Ib..

²⁸¹ Ib.. "... que estes autores estavam em quase perpétua contradição entre si, e formei o quimérico projecto de os conciliar, o qual me fatigou e me fez perder bastante tempo ...".

²⁸² Ib.. "... pensar sem o auxílio dos outros ...".

²⁸³ Ib., p. 238. "Daí passava à geometria elementar (...). Não gostei de Euclides, que procurava mais o encadeamento das demonstrações do que da ligação das ideias; preferi a geometria do P. Lamy (...). Seguiu-se a álgebra, e o P. Lamy foi sempre quem tomei por guia (...). Depois disto, vinha o latim. Era o estudo mais difícil, e no qual nunca fiz grandes progressos. Atirei-me primeiramente ao método latino de Port-Royal, mas sem resultado. Aqueles versos bárbaros causavam-me vômitos, e não conseguiam entrar-me no ouvido. Perdia-me naquela chusma de regras, e, ao aprender a última, esquecia tudo o que ficava para trás ...".

prender de la capacité que je m'obstinois à cette étude. Il fallut l'abandonner à la fin. J'entendois assez la construction pour pouvoir lire un auteur facile, à l'aide d'un Dictionnaire. Je suivis cette route et je m'en trouvai bien. Je m'appliquai à la traduction, non par écrit, mais mentale et je m'en tins là ...²⁸⁴.

Enquanto autodidacta, Rousseau reconhece a quantidade e o tipo de obstáculos que tem de ultrapassar: “Mais s'il y a de l'avantage à étudier seul, il y a aussi de grands inconveniens, et surtout une peine incroyable. Je sais cela mieux que qui que ce soit ...”²⁸⁵.

O dia vai avançando e o período de entretenimento chega com as visitas aos animais à horta e a dedicação à leitura. Rousseau lê livros de história²⁸⁶ e geografia:

“Avant midi je quittois mes livres et si le dîner n'étoit pas prêt, j'allais faire visite à mes amis les pigeons ou travailler au jardin en attendant l'heure (...). Je retournois à mes livres: mais mes occupations de l'après midi devoient moins porter le nom de travail et d'étude que de récréations et d'amusement (...). Je m'occupois pourtant, mais sans gêne et presque sans règle à lire sans étudier. La chose que je suivois le plus exactement étoit l'histoire et la géographie, et comme cela ne demandoit point de contention d'esprit j'y fis autant de progrès que le permettoit mon peu de mémoire ...”²⁸⁷.

Inevitavelmente, as leituras feitas por o jovem Rousseau acabaram por o influenciar e, muitas vezes, também por o confundir²⁸⁸:

²⁸⁴ Ib., pp. 238 - 239. “Nunca avancei suficientemente para perceber bem a aplicação da álgebra à geometria. Nunca gostei desta maneira de operar sem se ver o que se faz, e parecia-me que resolver um problema de geometria por meio de equações era o mesmo que tocar uma ária dando a uma manivela (...). Um estudo de palavras [o latim] não é o que convém a um homem sem memória (...). Por fim, tive de o abandonar. Compreendia suficientemente a construção para, com a ajuda de um dicionário, poder ler um autor fácil. Segui este caminho, e dei-me bem. Consagrei-me à tradução, não escrita, mas mental, e fiquei por aí ...”.

²⁸⁵ Ib., p. 239. “Se estudar sozinho tem vantagens, tem também grandes inconvenientes, e dá sobretudo um trabalho inacreditável. Sei-o melhor do que ninguém ...”.

²⁸⁶ Ib., p. 240.

²⁸⁷ Ib., pp. 239-240. “Antes do meio-dia largava os livros, e se o jantar não estava pronto, ia visitar os meus amigos pombos, ou trabalhar no horto à espera da hora (...). Voltava aos meus livros: as minhas ocupações da tarde deviam, todavia, merecer menos o nome de trabalho e de estudo do que o de recreação e entretenimento (...). Entretinha-me, pois, sem me esforçar e quase sem método, a ler sem estudar. O que mais exactamente seguia era a história e a geografia, e como estas exigiam nenhuma contenção de espirito, progredi nelas tanto quanto a minha fraca memória o permitia ...”.

²⁸⁸ Ib., p. 243.

“Les Ecrits de Port-Royal et de l'Oratoire étant ceux que je lisois le plus fréquemment, m'avoient rendu demi-Janséniste, et malgré toute ma confiance leur dure theologie m'épouvantoit quelquefois. La terreur de l'enfer, que jusque-là j'avois très peu craint, troubloit peu-à-peu ma sécurité, et si maman ne m'eut tranquilisé l'ame, cette effrayante doctrine m'eut tout-à-fait bouleversé ...”²⁸⁹.

Também aqui Rousseau faz questão de, mais uma vez, destacar o papel de Mamã na sua educação, nomeadamente no diz respeito à religião, bem como o papel que nisso teve o padre jesuíta Hémet²⁹⁰, seu confessor, para, como diz, manter o equilíbrio: “... les tristes impressions du Jansenisme ...”²⁹¹.

9. A viagem a Montpellier e a descoberta do prazer sensual com Madame Larnage

Considerando, mais uma vez, que o seu estado de saúde exige cuidados²⁹², decide ir até Montpellier. Parte a 11 de Setembro de 1737, à procura de um médico que pudesse consultar: “On voyoit que j'étois malade, on savoit que j'allois à Montpellier, et il faut que mon air et mes manières n'annonçassent pas un débauché, car il fut clair dans la suite qu'on ne m'avoit pas

²⁸⁹ *Ib.*, p. 242. “Os escritos de Port-Royal e do Oratório, que eram os que eu mais frequentemente lia, tinham-me feito semijansenista, e apesar de toda a minha confiança, a sua severa teologia aterrava-me por vezes. O terror do Inferno, que até então pouco temera, perturbava um pouco a minha calma, e se Mamã me não tivesse tranquilizado, essa terrível doutrina ter-me-ia transtornado inteiramente ...”.

²⁹⁰ De acordo com Trousson, o período que decorre entre os anos de 1736 e 1740 e, após as leituras de escritores de Port-Royal e dos Oratorianos, Rousseau vê-se como: “«à demi-janséniste», hanté par le Dieu terrible, et se demandait s'il serait damné”. É nesta altura que escreve os versos *A la louange des religieux de la Grand-Chartreuse*. Contudo nas palavras de Trousson, “Ce ne fut qu'une crise: la plus traitable de Maman et les entretiens de deux bons jésuites, les pères Hémet et Coppet, le ramenèrent «dans une bonne assiette». Il compose alors une courte prière, émue et directe, pure action de grâces, où il appelle la protection divine sur lui-même et sur sa protectrice ...” (cfr. Trousson, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*, Éditions Hachette, La Flèche, 1993, p. 58).

²⁹¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J. Rousseau”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, 242. “... das tristes impressões do jansenismo ...”.

²⁹² De acordo com Scholz: “Rousseau took to thinking himself quite ill with what he called the vapours but might more accurately be called anxiety attacks or hypochondria ...”. (cfr. Scholz, Sally, *On Rousseau*, Wadsworth, Belmont, 2001, p. 15). De resto, como o próprio Rousseau afirma, os estudos que fez sobre anatomia contribuíram de um modo significativo para desenvolver a sua tendência hipocondríaca (cfr. Rousseau, Jean-Jacques, *op. cit.*, pp. 247-248).

soupçonné d'aller y faire un tour de casserole ..."²⁹³. Nesta viagem conhece Madame Larnage, pela qual começa a interessar-se: "... tout part auprès d'elle, hors certaines palpitations qui me restèrent et dont elle ne vouloit pas me guérir. Le mauvais état de ma santé fut le premier texte de notre connaissance ..."²⁹⁴. Do relacionamento que manteve com Madame Larnage²⁹⁵ resultaram inevitáveis comparações relativamente à relação que manteve com Madame de Warens:

"Je n'ai senti l'amour vrai qu'une seule fois en ma vie, et ce ne fut pas auprès d'elle [Madame Larnage]. Je ne l'aimois pas non plus comme j'avois aimé et comme j'aimais madame de Warens; mais c'étoit pour cela même que je la possédois cent fois mieux. Près de maman, mon plaisir étoit toujours troublé par un sentiment de tristesse, par un secret serrement de coeur que je ne surmontois pas sans peine; au lieu de me féliciter de la posséder, je me reprochois de l'avilir. Près de madame de Larnage au contraire, fier d'être homme et d'être heureux je me livrois à mes sens avec joye, avec confiance; je partageois l'impression que je faisais sur les siens; j'étois assez à moi pour contempler avec autant de vanité que de volupté mon triomphe, et pour tirer de là dequoi le redoubler ..."²⁹⁶.

²⁹³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Les Confessions de J.J. Rousseau", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 249. "Via-se que eu estava doente, sabia-se que ia a Montpellier, e necessário era que o meu aspecto e as minhas maneiras não denunciasses em mim um debochado, visto que em seguida se tornou claro não haverem suposto que eu ia ali para me tratar de doença vergonhosa ...".

²⁹⁴ Ibidem. "... tudo desaparece ao pé dela, excepto certas palpitações que me ficaram e de que ela não queria curar-me. O mau estado da minha saúde constituiu o primeiro texto das nossas relações ...".

²⁹⁵ *Ib.*, p. 253. De resto, como diz Scholz, "It was this second, Madame de Larnage, with whom Rousseau had an affair that he describes as his sole experience of sensual delight ..." (cfr. Scholz, Sally, *On Rousseau*, Wadsworth, Belmont, 2001, p. 15).

²⁹⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Les Confessions de J.J. Rousseau", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 253 - 254. "Só uma vez na vida senti o verdadeiro amor, e não foi ao pé dela [Madame Larnage]. Também não a amava como tinha amado e como amava Madame de Warens; mas era por isso mesmo que a sua posse era cem vezes melhor. Junto de Mamã, o meu prazer era sempre perturbado por um sentimento de tristeza, por uma secreta angústia do coração que não conseguia dominar sem desgosto; em vez de me felicitar por a possuir, censurava-me por a aviltar. Ao contrário, junto de Madame Larnage, orgulhoso de ser homem e de ser feliz entregava-me aos meus sentidos com alegria, com confiança; compartilhava a impressão que despertava nos dela; estava suficientemente em mim para contemplar com tanta vaidade como volúpia o meu triunfo e para dele tirar com que o redobrar ...".

10. De volta a Les Charmettes

10.1. A desilusão com Madame de Warens

O regresso a Charmettes, ocorre por volta de Fevereiro/Março de 1738, onde reencontra Mamã, sendo uma desilusão para Rousseau²⁹⁷. A descrição pormenorizada que faz da sua recepção denota bem a ruptura que se operou na relação entre ambos²⁹⁸, a qual não tarda a consumir-se:

“J'avois vu toujours marquer mon arrivée par une espèce de petite fête (...). J'arrivai donc exactement à l'heure (...). J'arrive essoufflé, car j'avois quitté ma voiture en ville: je ne vois personne dans la cour, sur la porte, à la fenêtre; je commence à me troubler; je redoute quelque accident. J'entre; tout est tranquille; des ouvriers goutoient dans la cuisine; du reste aucun apprêt. La servante parut surprise de me voir, elle ignoroit que je dusse arriver ...”²⁹⁹.

Repare-se, ainda, como o nosso autor toma consciência que perdeu o lugar privilegiado que ocupava na casa de Madame de Warens:

“Je monte, je la vois enfin, cette chere Maman si tendrement, si vivement, si purement aimée; j'accours, je m'élançe à ses pieds. Ah! te voila, petit! me dit-elle en m'embrassant: as-tu fait bon voyage? comment te portes-tu? Cet accueil m'interdit un peu. Je lui demandai si elle n'avoit pas reçu ma lettre? Elle

²⁹⁷ De acordo com Trousson, no Outono de 1739 Rousseau vê surgir imprimido o seu primeiro poema com o título *Le Verger de Mme la baronne de Warens*: “C'est une célébration conventionnelle de la solitude et de la simplicité, de la vertu, de l'étude avec, ici et là, à l'usage des initiés, quelques allusions à Maman et à Wintzenried ...” (cfr. Trousson, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*, Éditions Hachette, La Flèche, 1993, p 63).

²⁹⁸ Segundo Dent, “... suas relações com a *maman* estavam ficando por essa altura bastante azedas. Um amante e auxiliar preferido, Jean-Samuel-Rodolph Wintzenried, entrara em sua vida e, embora por alguns meses os três tivessem vivido juntos, a intimidade de Rousseau com a sra. de Warens estava se tornando rapidamente coisa do passado ...” (cfr. Dent, N.J.H., *Dicionário Rousseau*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1996, p. 15).

²⁹⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J. Rousseau”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 261. “Tinha sempre visto assinalar a minha chegada com uma espécie de pequena festa (...). Cheguei, portanto, à hora marcada (...). Cheguei estafado, pois havia deixado a carruagem na cidade; não vejo ninguém, nem no pátio, nem à porta, nem à janela: começo a tremer, receio qualquer acidente. Entro; tudo tranquilo; os trabalhadores ceavam na cozinha; de resto, nada de preparativos. A criada pareceu surpreendida de me ver; ignorava que eu estava para chegar ...”.

me dit que'oui. J'aurais cru que non, lui dis-je; et l'éclaircissement finit-là. Un jeune homme étoit avec elle. Je le connaissois pour l'avoir vu déjà dans la maison avant mon départ: mais cette fois il y paraissoit établi, il l'étoit. Bref je trouvai ma place prise ..."³⁰⁰.

Mamã encontrava-se na companhia de Wintzenried³⁰¹ e mostrava-se impressionada com o empenho do jovem nos seus negócios e na administração da casa. Rousseau, pela primeira vez, sente que o seu lugar junto de Mamã já não será a o mesmo; um ataque de ciúmes³⁰² percorre o espírito do nosso autor, ao mesmo tempo que lhe ocorrem à memória situações passadas semelhantes. São inevitáveis as comparações com o período em que viveu junto com Claude Anet:

“Le premier fruit de cette disposition si désintéressée fut d'écarter de mon coeur tout sentiment de haine et d'envie contre celui qui m'avoit supplanté. Je voulus au contraire, et je voulus sincérement, m'attacher à ce jeune homme, le former, travailler à son éducation, lui faire sentir son bonheur, l'en rendre digne s'il étoit possible, et faire, en un mot, pour lui tout ce qu'Anet avoit fait pour moi dans une occasion pareille ..."³⁰³.

³⁰⁰ Ibidem. “Subo, e vejo-a por fim, àquela querida Mamã, tão ternamente, tão vivamente, tão puramente amada; corro, lanço-me aos seus pés. Ah! chegaste, pequeno, disse-me ela abraçando-me, fizeste boa viagem? Como estás? Semelhante acolhimento deixou-me um pouco interdito. Perguntei-lhe se não tinha recebido a minha carta. Disse-me que sim. Julgava que não, disse eu, e a explicação ficou por ali. Estava com ela um rapaz novo. Conhecia-o por já o ter visto em casa antes de partir; mas desta vez parecia encontrar-se instalado; e encontrava-se, de facto. Numa palavra, achei o meu lugar ocupado ...”.

³⁰¹ “Maman lui jette distraitement: «Ah! te voilà, Petit!» La chaleur de l'accueil le renseigne. Un jeune homme est à côté d'elle, ce Wintzenried déjà aperçu avant son départ: «Bref, je trouvai ma place prise». Il avait oublié Maman auprès de Mme de Larnage; elle l'avait remplacé sans remords ...”. (cfr. Trousson, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*, Éditions Hachette, La Flèche, 1993, p. 62).

³⁰² Estes ciúmes tornam-se evidentes quando faz uma descrição ridicularizadora da figura do seu substituto (cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J. Rousseau”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 261 - 262).

³⁰³ Ibidem, pp. 264 - 265. “O primeiro fruto de tão desinteressada disposição foi arrastar do meu coração todo e qualquer sentimento de ódio e de inveja contra quem me havia suplantado. Ao contrário, quis, e quis sinceramente, afeiçoar-me àquele rapaz, formá-lo, trabalhar para a sua educação, fazer-lhe sentir a sua felicidade, torná-lo digno dela, se tal era possível, fazer por ela, numa palavra, tudo o que Anet havia feito por mim em circunstâncias análogas ...”.

Compreende-se que Rousseau tentasse aproximar-se de Wintzenried a partir da educação, quer porque pretendia seguir o exemplo de Anet, quer porque esta seria provavelmente a única maneira de se manter próximo de Mamã. Não o conseguindo, decide afastar-se³⁰⁴.

10.2. O afastamento de Rousseau

Desanimado e desiludido, Rousseau tem uma conversa final com Madame de Warens. Para sua tristeza, Mamã acusa-o de descuidar os trabalhos da casa e aponta-lhe as suas frequentes ausências:

“Ah, Maman, lui dis-je le coeur serré de douleur, qu'osez-vous m'apprendre? Quel prix d'un attachement pareil au mien? Ne m'avez-vous tant de fois conservé la vie que pour m'ôter tout ce qui me la rendoit chère? J'en mourrai, mais vous me regretterez. Elle me répondit d'un ton tranquille à me rendre fou, que j'étois un enfant, qu'on ne mouroit point de ces choses-là; que je ne perdrois rien, que nous n'en serions pas moins bons amis, pas moins intimes dans tous les sens, que son tendre attachement pour moi ne pouvoit ni diminuer ni finir qu'avec elle. Elle me fit entendre, en un mot, que tous mes droits demeuroient les mêmes, et qu'en les partageant avec un autre je n'en étois pas privé pour cela ...”³⁰⁵.

Trata-se de uma situação que Rousseau não pretende alimentar e justifica a sua postura dizendo:

“Jamais la pureté, la vérité, la force de mes sentimens pour elle, jamais la sincérité, l'honnêteté de mon ame ne se firent mieux sentir à moi que dans ce

³⁰⁴ A nossa leitura, referente às comparações de âmbito educativo, feitas por Rousseau, tem em consideração dois planos: primeiro, a figura de Rousseau enquanto educador tal como Anet (Anet/Rousseau); segundo, a figura de Rousseau enquanto educando tal como Wintzenried (Rousseau/Wintzenried) (Ib., p. 265).

³⁰⁵ Ib., p. 263. “Ó Mamã!, disse-lhe eu com o coração oprimido pela dor, como ousais comunicar-me tais coisas! É esta a recompensa de uma afeição como a minha! Então conservaste-me tantas vezes a vida só para me tirardes tudo o que ma tornava cara? Dais-me a morte, mas haveis de vos arrepender. Tranquilamente, como para me endoidecer, respondeu-me que eu era criança, que não se morria com tais coisas; que nada perderia; que nem por isso seríamos menos amigos, menos íntimos em todos os sentidos; que a sua eterna afeição por mim não podia diminuir nem acabar senão com ela. Numa palavra, deu-me a entender que todos os meus direitos continuariam tal qual, e que, partilhando-os com outrem, não seria por isso privado deles ...”.

moment (...). Non, maman, lui dis-je avec transport; je vous aime trop pour vous avilir; votre possession m'est trop chère pour la partager: les regrets qui l'accompagnèrent quand je l'acquis se sont accrus avec mon amour; non, je ne la puis conserver au même prix. Vous aurez toujours mes adorations; soyez-en toujours digne: il m'est plus nécessaire encore de vous honorer que de vous posséder. C'est à vous, ô Maman, que je vous cède; c'est à l'union de nos coeurs que je sacrifie tous mes plaisirs. Puissai-je périr mille fois, avant d'en goûter qui dégradent ce que j'aime ..."³⁰⁶.

Aos poucos, Mamã foi-se afastando de Rousseau. Este já não participava na sua intimidade, nem partilhava as suas confidências. A sua presença tornava-se cada vez menos necessária.

11. Rousseau preceptor em Lyon

É assim que, em Abril de 1740, o nosso biografado parte para Lyon, para se tornar preceptor dos filhos de Monsieur de Mably, um aristocrata abastado³⁰⁷. Mas, esta foi uma experiência que não correu bem: "... e a sua nomeação foi amigavelmente rescindida após um ano ..."³⁰⁸. Rousseau percebeu que não tinha jeito para ser preceptor. No que diz respeito à relação com as crianças, o seu estado de humor variava o suficiente para não conseguir ter sobre elas autoridade:

³⁰⁶ *Ib.*, p. 264. "Nunca a pureza, a verdade dos meus sentimentos para com ela, nunca a sinceridade, a honestidade da minha alma se me revelaram melhor a mim próprio do que nesse instante (...). Não, Mamã, disse-lhe eu veementemente, amo-vos por de mais para vos envilecer; a vossa posse é-me por de mais cara para a partilhar com outrem; os remorsos que a acompanham quando a adquiri aumentaram com o meu amor; não posso conservá-la pelo mesmo preço. Estarei sempre em adoração para convosco, sede sempre digna dela: ainda me é mais necessário respeitar-vos do que possuir-vos. É a vós, ó Mamã, é a vós que eu me submeto; é à união dos nossos corações que eu sacrifico todos meus prazeres ...".

³⁰⁷ "Beginning in 1740, the now superbly educated Rousseau began to serve as a tutor, moving north to Lyon and living in the house of M. de Malby, whose children he instructed. However, in Lyon, above all, he met M. de Malby's two elder brothers – Étienne Bonnot (later the Abbé de Condillac, with Voltaire the greatest "Lockean" in post-Regency France) and the Abbé de Malby. This was the beginning of Rousseau's connection to the Paris *philosophes*, with whom he would later (and permanently) have a love-hate relationship. At this same time Rousseau became a considerable composer, music theorist, and music copyist ..." (cfr. Riley, Patrick, *The Cambridge Companion to Rousseau*, Cambridge University Press, 2001, p. 3).

³⁰⁸ Cfr. Dent, N.J.H., *Dicionário Rousseau*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1996, p. 15.

“J'avois à peu près les connaissances nécessaires pour un Précepteur et j'en croyois avoir le talent. Durant un an que je passai chez M. de Mably j'eus le tems de me desabuser (...). Tant que tout alloit bien et que je voyois réussir mes soins et mes peines qu'alors je n'épargnois point, j'étois un ange. J'étois un Diable quand les choses alloient de travers. Quand mes élèves ne m'entendoient pas j'extravagais, et quand ils marquoient de la méchanceté je les aurois tués: ce n'étoit pas le moyen de les rendre savants et sages ...”³⁰⁹.

Quanto aos resultados dessa experiência educativa, diz-nos:

“On peut juger qu'entre ces deux sujets je n'avois pas besogne faite. Avec de la patience et du sang-froid peut-être aurois-je pu réussir; mais faute de l'une et de l'autre je ne fis rien qui vaille et mes élèves tournoient très mal. Je ne manquois pas d'assiduité, mais je manquois d'égalité, surtout de prudence. Je ne savois employer auprès d'eux que trois instrumens, toujours inutiles et souvent pernicieux auprès des enfants, le sentiment, le raisonnement, la colère ...”³¹⁰.

Foi nesta altura que Rousseau redigiu *Mémoire présenté a M. de Mably sur l'éducation de M. son fils*, um texto que, segundo Trousson, demonstra as tendências mais teóricas do que práticas do nosso autor: “Dépourvu d'expérience, il [Rousseau] se sentait plus fort sur la théorie que dans la pratique. Aussi composait-t-il un *Mémoire présenté à M. de Mably sur l'éducation de monsieur son fils* ...”³¹¹. Neste breve ensaio podemos encontrar os três eixos educacionais à volta dos quais se orienta o pensamento do nosso autor.

O primeiro eixo refere-se à qualidade da relação pedagógica. Partilhamos da leitura de Trousson quando afirma: “Un précepteur, expliquait-il, doit être aimé, mais aussi redouté, et il

³⁰⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J. Rousseau”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 267. “Eu tinha pouco mais ou menos os conhecimentos necessários a um preceptor, e julgava-me com talento para tal. Tive tempo para me desiludir durante o ano que passei em casa de Monsieur de Mably (...). Enquanto tudo marchava bem, e eu via frutificarem os cuidados e as penas, a que então me não poupava, era um anjo; era um diabo quando as coisas marchavam mal. Quando os meus pupilos me não compreendiam, disparatava, e, quando se mostravam maus, seria capaz de os matar: o que não era o processo de os tornar sábios e ajuizados ...”.

³¹⁰ Ibidem. “Está-se a ver que com dois sujeitos destes nada podia fazer. Com paciência e presença de espírito talvez tivesse podido obter resultados; mas, à falta de uma coisa e de outra, nada fiz que prestasse, e os meus alunos iam muito mal. A mim não me faltava aplicação, mas faltava-me uniformidade, e sobretudo prudência. Só sabia empregar com eles três armas, sempre inúteis e frequentemente perniciosas às crianças: sentimento, o raciocínio, a cólera ...”.

³¹¹ Cfr. Trousson, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*, Éditions Hachette, La Flèche, 1993, p. 67.

demandait à être investi de l'autorité nécessaire. Pas de châtements corporels, car il a horreur de la brutalité, mais un subtil système de recompenses ..."³¹².

O segundo eixo, respeita à finalidade do ensino. Trousson diz o seguinte: "Quant à l'enseignement, il est supposé "former le coeur, le jugement et l'esprit" – dans cet ordre, car l'apprentissage moral doit précéder l'acquisition du savoir. Ce savoir lui-même appelle révision. Rousseau voit les choses autrement. Pas de cours de morale, mais des remarques simples, ponctuelles, au hasard d'une promenade; préserver une droiture de coeur qu'affermira plus tard la raison, car "le bon sens dépend encore plus des sentiments du coeur que des lumières de l'esprit"; former le jugement de l'enfant en l'introduisant de bonne heure dans la société ..."³¹³.

O terceiro eixo concerne aos conteúdos a leccionar. Aqui Trousson também é claro: "Pour l'instruction, le latin en version seulement et créer des centres d'intérêt; de l'histoire et de la géographie, mais en bannir toute aridité. Ni rhétorique ni philosophie scolastique, peu de logique, mais des mathématiques, de l'histoire naturelle et, pour l'adolescent, des éléments de droit naturel; pour le corps, escrime et équitation. Au bout de tout cela: "un honnête homme, un cavalier poli, un brave officier, et un bon citoyen ..."³¹⁴.

12. A partida para Paris

Rousseau regressa por alguns dias a Les Charmettes, pensando na possibilidade de se reconciliar com Mamã. No entanto, rapidamente conclui que tal reconciliação nunca ocorrerá: "Affreuse illusion des choses humaines! Elle me receut toujours avec son excellent coeur qui ne pouvoit mourir qu'avec elle: mais je venois rechercher le passé qui n'étoit plus et qui ne pouvoit renaitre ..."³¹⁵. Assim sendo, decide partir para Paris³¹⁶, em Julho de 1742, na expectativa de, lá, alcançar fama e estatuto com o seu *Projet concernat de nouveaux signes pour la musique*:

³¹² Ibidem.

³¹³ Ib..

³¹⁴ Ib..

³¹⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Les Confessions de J.J. Rousseau", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 270. "Horível ilusão das coisas humanas! Recebeu-me sempre com aquele excelente coração, que só com ela podia morrer; eu vinha, porém, buscar o passado que já não existia e que não podia ressuscitar ...".

“Il y avoit longtems que j'avois pensé à noter l'echelle par chiffres pour éviter d'avoir toujours à tracer des lignes et portées, lorsqu'il falloit noter le moindre petit air (...). J'y rêvai avec succès et je parvins à noter quelque musique que ce fut par mes chiffres avec la plus grande exactitude, et je puis dire avec la plus grande simplicité. Dès ce moment je crus ma fortune faite, et dans l'ardeur de la partager avec celle à qui je devois tout, je ne songeai qu'à partir pour Paris, ne doutant pas qu'en présentant mon projet à l'Académie je ne fisse une révolution ...”³¹⁷.

Anos mais tarde, assim recordará Rousseau esta fase da sua vida a que a decisão de partida para Paris coloca um ponto final. Numa como que auto-análise retrospectiva, eis como o nosso autor vê este período. Note-se que, embora o autor avalia esse período como medíocre, afirma que tal se ficou a dever, sobretudo, à sua personalidade, daí que nunca tenha desanimado:

“On a vu s'écouler ma paisible jeunesse dans une vie égale assez douce, sans de grandes traverses, ni de grandes prospérités. Cette médiocrité fut en grande partie l'ouvrage de mon naturel ardent mais foible, moins prompt encore à entreprendre que facile à décourager, sortant du repos par secousses, mais y rentrant par lassitude et par goût, et qui, me ramenant toujours, loin des grandes vertus et plus loin des grands vices, à la vie oiseuse et tranquille pour laquelle je me sentois né, ne m'a jamais permis d'aller à rien de grand, soit en bien soit en mal ...”³¹⁸.

³¹⁶ “Fin Juillet, à Lyon, il se débarrasse de ses derniers livres, demande à ses amis des lettres de recommandation. Dans son sac, il a serré son avenir: son projet de notation musicale, le manuscrit de *Narcisse*, une comédie griffonnée à Chambéry, et quinze louis. Paris l'attend: fouette, cocher!” (cfr. Trousson, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*, Éditions Hachette, La Flèche, 1993, p. 70).

³¹⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J. Rousseau”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 271 - 272. “Há muito que havia pensado em notar a escala por meio de algarismos, evitando assim ter que traçar constantemente linhas e pontos logo que era necessário anotar a mais insignificante ariazita (...). Meditei com êxito, e consegui notar não importa que música por meio dos meus algarismos com o maior rigor, e posso dizer com a maior simplicidade. A partir deste momento julguei a minha fortuna feita; e, no entusiasmo de a partilhar com aquela a quem tudo devia, só pensava em partir para Paris, sem duvidar de que apresentando o meu projecto à Academia viesse a provocar uma revolução ...”.

³¹⁸ *Ibidem*, p. 277. “Viram decorrer a minha plácida mocidade numa vida igual, bastante doce, sem grandes contratempos nem grandes prosperidades. Esta mediocridade foi em grande parte obra do meu natural ardente, mas fraco, menos pronto ainda a empreender do que susceptível de desanimar; saindo do repouso aos repentinos, mas voltando a ele por cansaço e por gosto, o que, fazendo-me sempre regressar, longe das grandes virtudes e mais longe ainda dos grandes vícios, à vida ociosa e tranquila para a qual sentia ter nascido, nunca me permitiu alcançar nada de grande, nem no bem, nem no mal ...”.

Mas é após esse período que, com o começo de uma nova etapa na sua vida, mais mundana, se torna mais evidente a dificuldade que tem em conciliar os seus princípios com a forma habitual que os seus contemporâneos têm de estar em sociedade. A passagem que se segue fornece-nos um indicador claro relativamente a este aspecto:

“Le sort qui durant trente ans favorisa mes penchans, les contraria durant les trente autres, et de cette opposition continuelle entre ma situation et mes inclinations, on verra naitre des fautes énormes, des malheurs inouis, et toutes les vertus, excepté la force, qui peuvent honorer l'adversité ...”³¹⁹.

³¹⁹ lb.. “A sorte, que durante trinta anos favoreceu as minhas inclinações, contrariou-as durante os restantes trinta, e, desta oposição constante entre a minha situação e as minhas tendências, ver-se-ão nascer erros enormes, desgraças inauditas, e todas as virtudes, com excepção da força, que podem honrar a adversidade ...”.

IV. O HOMEM E A INQUIETUDE

1. A apresentação do sistema de notação musical à Académie des Sciences

Depois de chegar a Paris, em 1742, Rousseau estabelece contactos com várias pessoas, entre as quais Monsieur Bose. Por intermédio deste conhece Monsieur Réaumur, o qual lhe concede uma oportunidade para apresentar o seu projecto à Academia de Ciências. Assim, no dia 22 de Agosto de 1742, Rousseau lê na Academia a Memória que tinha preparado para esse fim. De acordo com o nosso autor “Le Mémoire reussit, et m'attira des complimens qui me surprirent autant qu'ils me flatterent ...”³²⁰. Mas diz dos académicos que, mesmo sendo todos certamente pessoas de valor “... mais dont pas un ne savoit la musique, assez du moins pour être en état de juger de mon projet ...”³²¹. Esta constatação leva-o à seguinte reflexão: “... je me convainquis avec autant de certitude que de surprise que si quelquefois les savans ont moins de préjugés que les autres hommes, ils tiennent, en revanche, encore plus fortement à ceux qu'ils ont ...”³²². E a mais esta outra reflexão: “J'étois toujours ébahi de la facilité avec laquelle à l'aide de quelques phrases sonores ils me réfutoient sans m'avoir compris ...”³²³.

A única crítica dirigida ao seu sistema de notação musical que diz ter tido coerência foi a que foi feita por Rameau. Isto mesmo é enfatizado por Dent quando afirma: “Recebeu alguma atenção mas foi rejeitado, não sendo considerado pela Academia como suficiente mérito. Entre os que assistiram à explanação de Rousseau estava o compositor Rameau e, embora suas relações se tornassem mais tarde acrimoniosas, Rousseau então se dispunha a reconhecer a justiça das

³²⁰ Ib., p. 284. “A Memória teve êxito, e valeu-me cumprimentos, que me surpreenderam tanto quanto me lisonjearam ...”.

³²¹ Ib.. “todos certamente pessoas de valor”, porém, é certo que “nem um só sabia música, o suficiente ao menos para estar em situação de apreciar o meu projecto...”.

³²² Ib.. “... cheguei, com tanta certeza como admiração, à convicção de que se os sábios têm às vezes menos preconceitos do que os outros homens, em compensação agarram-se com muito mais força aos que têm ...”.

³²³ Ib.. “Pasmei sempre da facilidade com que, graças a algumas frases sonoras, me refutaram sem me haver compreendido ...”.

observações críticas do compositor e teórico musical (...), lançou-o em 1743 com o título *Dissertation sur la musique moderne ...*³²⁴.

2. Rousseau e a sociedade parisiense

Em Paris, Rousseau estabelece contactos com a intelectualidade em ascensão: “Mes fréquentes visites à mes Commissaires et à d'autres academiciens me mirent à portée de faire connoissance avec tout ce qu'il y avoit à Paris de plus distingué dans la litterature, et par là cette connoissance se trouva toute faite lorsque je me vis dans la suite inscrit tout d'un coup parmi eux ...”³²⁵. Uma das pessoas desse meio com quem começa a conviver é Diderot³²⁶.

No que se refere às questões de foro económico e de auto-sustento³²⁷ não se mostra muito preocupado, pois, como diz, “Au lieu de me livrer au desesper, je me livrai tranquillement à ma paresse et aux soins de la providence, et pour lui donner le tems de faire son oeuvre, je me mis à manger sans me presser quelques Louis qui me restoient encore ...”³²⁸.

Ocupava o tempo a ir ao teatro duas vezes por semana e a estudar alguns poetas: “Tous les matins vers les dix heures j'allois me promener au Luxembourg un Virgile ou un Rousseau dans ma poche, et là jusqu'à l'heure du diner, je remémorois tantôt une Ode sacrée et tantôt une

³²⁴ Cfr. Dent, N.J.H., *Dicionário Rousseau*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1996, p. 16.

³²⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J. Rousseau”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 286. “As frequentes visitas que eu fazia aos meus comissários e a outros académicos habilitaram-me a travar conhecimentos com tudo o que Paris conta de mais distinto na literatura; e graças a isso tal conhecimento tornou-se realmente efectivo quando, posteriormente, me vi de súbito inscrito entre eles ...”.

³²⁶ *Ibidem*, pp. 287 - 288.

³²⁷ “In Paris Rousseau eked out a precarious living by tutoring, writing, and copying music ...” (cfr. Riley, Patrick, *The Cambridge Companion to Rousseau*, Cambridge University Press, 2001, p. 4).

³²⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J. Rousseau”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 287. “Em vez de me entregar ao desespero, entreguei-me tranquilamente à preguiça e aos cuidados da Providência, e, para lhe dar tempo a operar a sua obra, pus-me a comer, sem pressa, alguns luíses que ainda me sobravam ...”.

Bucolique (...). J'avois un autre expédient non moins solide dans les Echecs auxquels je consacrais régulièrement chez Maugis les après-midi des jours que je n'allois pas au spectacle ..."³²⁹.

A conselho do Padre Castel, Rousseau mantinha ainda outra espécie de contactos: aquelas que eram essenciais para quem pretende entrar na vida em sociedade. A saber, o contacto com as mulheres influentes, que, foram determinantes na sua vida, quer para o bem, quer para o mal. Rousseau começa, então, a visitar, entre outras Madame de Beuzenval, Madame de Broglie e Mademe Dupin³³⁰:

"... étoit fou [le prêtre Castel], mais bon homme au demeurant: il étoit fâché de me voir consumer ainsi sans rien faire. Puisque les musiciens, me dit-il, puisque les Savans ne chantent pas à vôtre unisson, changez de corde et voyez les femmes. Vous reussirez peut être mieux de ce côté là. J'ai parlé de vous à Madame de Beuze[n]val; allez-la voir de ma part. C'est une bonne femme qui verra avec plaisir un pays de son fils et de son mari. Vous verrez chez elle Madame de Broglie sa fille, qui est une femme d'esprit. Madame Dupin en est une autre à qui j'ai aussi parlé de vous: portez-lui vôtre ouvrage; elle a envie de vous voir, et vous recevra bien. On ne fait rien dans Paris que par les femmes. Ce sont comme des courbes dont les sages sont les asymptotes; ils s'en approchent sans cesse, mais ils n'y touchent jamais ..."³³¹.

³²⁹ Ibidem, p. 288. "Todas as manhãs, aí pelas dez horas, eu me ia passear para o Luxemburgo, com um Virgílio ou um Rousseau na algibeira, e aí ficava, até à hora do jantar, a recordar ora uma ode sagrada, ora uma bucólica (...). Outro expediente não menos sólido que eu tinha era o xadrez, a que consagrava regularmente, no Maugis, as tardes em que não ia ao espectáculo ...".

³³⁰ Ib., pp. 290 - 291.

³³¹ Ib., pp. 288 - 289. "... era louco [o padre Castel], mas de resto bom homem: zangava-se por me ver consumir-me assim em nada fazer. Já que nem os músicos nem os sábios cantam em unísono convosco, disse-me ele, mudai de corda e vede as mulheres. Talvez tenhais mais sorte dessa banda. Falei de vós a Madame de Beuzenval; ide visitá-la da minha parte. É uma excelente mulher que verá com prazer um conterrâneo do filho e do marido. Encontrareis lá a filha, Madame de Broglie, que é uma mulher de espírito. Outra é Madame Dupin, a quem falei igualmente de vós: levai-lhe o vosso trabalho; ela deseja ver-vos, e receber-vos-á bem. Em Paris nada se faz senão através das mulheres: são como curvas de que os sages são as assimptotas; aproximam-se constantemente delas, mas sem nunca lhes tocarem ...".

3. Rousseau diplomata

Em 1743, por intercessão de Madame De Broglie, Monsieur Montaigu, que havia sido nomeado embaixador em Veneza, convida Rousseau para seu secretário, dando-lhe a entender as vantagens de tal lugar. Contudo, desde cedo Rousseau compreende que Monsieur Montaigu o admitiu como secretário, para, deste modo, poder substituir o cônsul de França Monsieur de Blond, o qual desempenhava as funções do próprio embaixador. De acordo com Rousseau: “M. de Montaigu, jaloux qu'un autre fit son métier, quoique lui-même en fut incapable, prit en guignon le Consul, et sitot que je fus arrivé lui ota les fonctions de Secrétaire d'Ambassade pour me les donner ...”³³².

Note-se como o nosso autor retrata o período que passou em Veneza como secretário. Há dois aspectos a destacar: o primeiro refere-se à sua predisposição natural; o segundo à importância da educação que havia tido até aí, quer aquela que recebeu de Mamã, quer a que foi da sua responsabilidade:

“Il étoit tems que je fusse une fois ce que le Ciel qui m'avoit doué d'un heureux naturel, ce que l'éducation que j'avois receue de la meilleure des femmes, ce que celle que je m'étois donnée à moi-même, m'avoit fait être, et je le fus. Livré à moi seul, sans amis, sans conseil, sans expérience en pays étranger, servant une nation étrangère, au milieu d'une foule de fripons qui, pour leur intérêt et pour écarter le scandale du bon exemple m'excitoient à les imiter; loin d'en rien faire je servis bien la France à qui je ne devois rien, et mieux l'Ambassadeur, comme il étoit juste, en tout ce qui dépendoit de moi ...”³³³.

³³² Ib., pp. 297 - 298. “... Monsieur Montaigu, com ciúmes por outrem desempenhar o seu lugar, embora ele próprio dissesse fosse incapaz, ganhou azar ao cônsul, e logo que eu cheguei privou-o das funções de secretário da embaixada para as dar a mim ...”.

³³³ Ib., p. 301. “Era já tempo de eu alguma vez ser aquilo que o Céu, que me dotara com um bem natural, a educação que recebera das melhores das mulheres, assim como a que a mim mesmo me dera, me haviam feito ser; e fui-o. Entregue apenas a mim mesmo, sem qualquer amigo, sem conselho, sem experiência, num país estrangeiro, servindo uma nação estrangeira, no meio de uma caterva de galunos, que, no seu interesse como para afastar o escândalo do bom exemplo, me incitavam a imitá-los, longe de o fazer alguma vez, servi bem a França, à qual nada devia, e ainda melhor o embaixador, como era justo, em tudo o que dependia de mim ...”.

Desta vez desempenha o seu serviço sem problemas. E o trabalho é reconhecido. Os favores³³⁴ que emprestou em algumas situações, granjearam-lhe elogios³³⁵ de várias facções da alta sociedade:

“Irréprochable dans un poste assez en vue, je méritai, j'obtins l'estime de la République, celle de tous les Ambassadeurs avec qui nous étions en correspondance et l'affection de tous les Français établis à Venise, sans en excepter le Consul même que je supplantais à regret dans les fonctions que je savais lui être dues, et qui me donnoient plus d'embarras que de plaisir ...”³³⁶.

Porém, acaba por se dar um desentendimento com o embaixador, quando este escolhe um favorito, que Rousseau descreve como “... un bandit de Mantoue appelé Dominique Vitali, à qui l’Ambassadeur confia le soin de sa maison, et qui, à force de patelinage et de basse lésine, obtint sa confiance et devint son favori...”³³⁷. E continua o nosso autor: “... mais dès que je vis le dessein formé de me priver de l’honneur que je méritois par mon bon service, je résolus d’y renoncer ...”³³⁸. Com efeito, Rousseau prezava o reconhecimento, confessando que “J'avoue que je ne fuyois pas l'occasion de me faire connoître, mais je ne la cherchois pas non plus hors de propos, et il me paroissoit fort juste en servant bien d'aspirer au prix naturel des bons services, qui est l'estime de ceux qui sont en état d'en juger et de les récompenser ...”³³⁹.

Rousseau evidencia o apoio que teve relativamente à atitude que tomou para com Monsieur de Montaigne, e que considerar ter sido uma forma de fazer justiça:

“L’Ambassadeur n'eut pas un chat. Le Consul conta mon cas à la compagnie. A ce récit il n'y eut qu'un cri, qui ne fut pas en faveur de S. E. (...), et

³³⁴ *Ib.*, pp. 301–302.

³³⁵ *Ib.*, p. 306.

³³⁶ *Ib.*, p. 301. “Irrepreensível num posto que dava bastante nas vistas, mereci, obtive a estima da República, a de todos os embaixadores com quem nos correspondíamos, e a afeição de todos os franceses estabelecidos em Veneza, sem exceptuar o próprio cônsul, que com pesar suplantava as funções que sabia serem-lhe devidas, e que me causavam mais embaraço que prazer ...”.

³³⁷ *Ib.*, p. 307. “... um bandido de Pádua, chamado Domenico Vitali, a quem o embaixador confiou o governo da casa, e que, à custa da lábia e de sórdida mesquinhez, obteve a confiança dele e se tornou o seu favorito ...”.

³³⁸ *Ib.*, p. 310. “... propósito feito de me privar da consideração merecida pelos meus bons serviços, resolvi renunciar a estes ...”.

³³⁹ *Ib.*, p. 307. “... não evitava as ocasiões de me tornar conhecido, mas também as não procurava for a de propósito; e, servindo bem, parecia-me justíssimo aspirar ao prémio natural dos bons serviços, que é a estima daqueles que se acham em situação de os julgar e recompensar ...”.

en attendant mon départ j'allai loger chez le Chancelier du Consulat, pour bien prouver au public que la nation n'étoit pas complice des injustices de l'Ambassadeur (...). On avoit vu et approuvé ma conduite; j'étois universellement estimé ...³⁴⁰.

Importa contrastar este episódio, e a forma como ele surge descrito, com o modo, como, futuramente, Rousseau irá retratar a sua relação com essa mesma sociedade que agora o elogia. Será expulso de todos os sítios. Algumas das suas obras serão queimadas. Tornar-se-á um exilado, um homem sem nação. Será mal-amado pela alta sociedade e pelo povo. Será repudiado. Daí ter querido posteriormente isolar-se de tudo e de todos e proceder àquilo ao que chamou a sua reforma. Mas um sintoma precoce desta situação futura pode certamente ser já detectado no seguinte trecho, referente ainda a este episódio:

“Tout le monde convint avec moi que j'étois offensé, lésé, malheureux, que l'Ambassadeur étoit un extravagant cruel, inique, et que toute cette affaire le deshonorait à jamais. Mais quoi, il étoit l'Ambassadeur; je n'étois, moi, que le Secrétaire. Le bon ordre, ou ce qu'on appelle ainsi, vouloit que je n'obtinsse aucune justice, et je n'en obtins aucune (...). On me laissa clabauder, on m'encouragea même, on faisoit *chorus*: mais l'affaire en resta toujours-là, jusqu'à ce que, las d'avoir toujours raison et jamais justice, je perdis enfin courage et plantai-là tout ...³⁴¹.

Torna-se, assim, clara a crítica que dirige às instituições civis, as quais, na sua opinião, são incapazes de garantir a boa ordem, ou seja, são incapazes de fazer prevalecer a justiça:

³⁴⁰ *Ib.*, pp. 312 - 313. “O embaixador não teve absolutamente ninguém por ele. O cônsul contou o meu caso à sociedade. Só um grito respondeu ao relato, e não foi a favor de Sua Excelência (...) e enquanto esperava a partida, fui hospedar-me em casa do chanceler do consulado, para demonstrar bem ao público que a nação não era cúmplice das injustiças do embaixador (...). Tinham visto e aprovado a minha conduta; era universalmente estimado ...”.

³⁴¹ *Ib.*, p. 325. “Toda a gente estava de acordo comigo em que eu me achava ofendido, lesado, desgraçado; que o embaixador era um insensato cruel, iníquo, e que toda esta questão o desonrava para sempre. Mas quê! Era o embaixador; eu era apenas o secretário. A boa ordem, ou o que assim se intitula, exigia que não me fizesse justiça alguma, e de facto não me fizeram (...). Deixaram-me dar à língua, incitaram-me, faziam *chorus*; mas a questão nunca passou daqui, até que, cansado de ter sempre por mim a razão e nunca a justiça, perdi por fim a coragem, e abandonei tudo ...”.

“La justice et l'inutilité de mes plaintes me laissèrent dans l'ame un germe d'indignation contre nos sottés institutions civiles, où le vrai bien public et la véritable justice sont toujours sacrifiés à je ne sais quel ordre apparent, destructif en effet de tout ordre, et qui ne fait qu'ajouter la sanction de l'autorité publique à l'oppression du foible et à l'iniquité du fort ...”³⁴².

Estas passagens lançam luz sobre algumas das ideias que Rousseau virá posteriormente a desenvolver sobre a origem da desigualdade entre os homens. Mais uma vez, um episódio da sua vida proporciona-lhe uma experiência de injustiça. Não admira que tal questão acabe por surgir como um dos temas principais do seu pensamento. A nossa interpretação a este respeito coincide com a de O'Hagan:

“Moving in circles of considerable power and privilege, Rousseau's career now took another change of tack, when he was posted as a secretary to the French Ambassador to Venice, an appointment which lasted less than a year (1743–1744). Jean-Jacques parted from his employer amid acrimony and recriminations, a pattern which would be repeated many times in his later life. Though a personal and professional disaster, his brief diplomatic career taught him much about the realities of political power and about relations between unequal individuals ...”³⁴³.

Outro autor que defende esta interpretação é Trousson:

“Où sont le droit et la justice dans cette société fondée sur les privilèges? M. de Montaignu lui a fourni matière aux premières réflexions qui mèneront au *Discours sur l'inégalité*. Venise elle-même, décadente et mourant sur son or, le fera réfléchir sur les principes du *Contrat social*. Sans parler de cette nouvelle

³⁴² *Ib.*, p. 327. “A justiça e inutilidade das minhas queixas deixaram-me na alma um fermento de indignação contra as nossas estúpidas instituições civis, onde o verdadeiro bem público e a verdadeira justiça são sempre sacrificados a não sei que ordem aparente, destruidora na realidade de toda a ordem, e a qual não faz senão acrescentar a sanção da autoridade pública à opressão do fraco e à iniquidade do forte ...”.

³⁴³ Cfr. O'Hagan, Timothy, *Rousseau*, Routledge, London, 1999, p. 2. “Movendo-se em círculos de considerável poder e privilégio, a carreira de Rousseau tomou uma nova mudança de rumo, quando foi colocado como secretário do embaixador francês em Veneza, uma nomeação que durou menos de um ano (1743-1744). Jean-Jacques separou-se do seu empregador entre acrimónia e recriminações, um padrão que ser repetiria muitas vezes na fase posterior da sua vida. Embora um desastre pessoal e profissional, a sua breve carreira diplomática ensinou-lhe muito sobre as realidades do poder político e sobre as relações entre indivíduos desiguais ...”.

musique qui lui permettra, dans dix ans, de dénoncer l'indigence de la musique française ...”³⁴⁴.

É de notar ainda que, durante o ano que passa em Veneza, Rousseau ocupasse indo com frequência à ópera para ouvir música italiana. A sua sensibilidade comprazia-se nessas audições³⁴⁵. Não resistiu, por isso, a alugar um cravo para tocar os trechos que lhe agradavam e também certas obras suas³⁴⁶.

4. A relação com Thérèse Le Vasseur

Rousseau regressa³⁴⁷ a Paris em Outubro de 1744 e instala-se no hotel Saint-Quentin, situado num bairro próximo do jardim do Luxemburgo. No mesmo hotel conhece uma rapariga com vinte e dois ou vinte e três anos, uma lavadeira. Essa rapariga era Thérèse Le Vasseur. Rousseau diz ter ficado impressionado com o seu olhar vivo e doce e com o seu porte modesto. Uma afinidade ligou-o a Thérèse: a necessidade de, tal como ele, ser protegida³⁴⁸:

“On agaça la petite; je pris sa défense (...). Quand je n'aurois eu naturellement aucun gout pour cette pauvre fille, la compassion, la contradiction m'en auroient donné (...). Elle étoit très timide; je l'étois aussi. La liaison, que cette disposition commune sembloit éloigner se fit pourtant très rapidement (...). Elle crut voir en moi un honnête homme; elle ne se trompa pas. Je crus voir en elle

³⁴⁴ Cfr. Trousson, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*, Éditions Hachette, La Flèche, 1993, p. 85. “Onde estão o direito e a justiça nessa sociedade fundada sobre os privilégios? M. de Montaignu forneceu-lhe matéria para as primeiras reflexões o levaram ao *Discurso sobre a desigualdade*. A própria Veneza, decadente e a morrer sobre o seu ouro, fá-lo-á reflectir sobre os princípios do *Contracto Social*. Sem falar dessa nova música que lhe permitirá, dentro de dez anos, denunciar a indigência da música francesa ...”.

³⁴⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J. Rousseau”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 313 - 314.

³⁴⁶ *Ibidem*, pp. 315 - 316.

³⁴⁷ Este regresso de Rousseau não foi pacífico, pois, como nos conta Trousson: “Bafoué, Humilié, encore et toujours, par un ordre social qui cautionne une injustice permanente, il a trouvé du réconfort auprès d'un jeune Espagnol, Manuel Ignacio Altuna y Portu, connu à Venice, qui liu a offert de partager son appartement, rue Saint-Honoré. Rousseau s'attache à ce garçon dévot et tolérant, timide et sérieux, tout féru d'étude et de savoir ...” (cfr. Trousson, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*, Éditions Hachette, La Flèche, 1993, p. 87).

³⁴⁸ Se Rousseau se sentiu protegido por Madame de Warens – a *Mamã*; agora é a vez de Thérèse – a *Tia* – sentir-se protegida por Rousseau (cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J. Rousseau”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 340).

une fille sensible, simple et sans coqueterie; je ne me trompai pas non plus. Je lui déclarai d'avance que je ne l'abandonnerois ni ne l'épouserai jamais ..."³⁴⁹.

Os sentimentos que Rousseau diz ter tido por esta jovem podem caracterizar-se como puros:

"La crainte qu'elle eut que je ne me fâchasse de ne pas trouver en elle ce qu'elle croyoit que j'y cherchois recula mon bonheur plus que toute autre chose (...). Elle fut prête à me croire absolument fou; je fus prêt à ne savoir plus que penser d'elle. Enfin nous nous expliquames: elle me fit en pleurant l'aveu d'une faute unique au sortir de l'enfance, fruit de son ignorance et de l'adresse d'un seducteur. Sitôt que je la compris je fis un cri de joye. Pucelage! m'écriai-je (...); Ah, ma Therese! je suis trop heureux de te posséder sage et saine, et de ne pas trouver ce que je ne cherchois pas ..."³⁵⁰.

A presença de Thérèse na vida do nosso autor sempre foi vista pelo próprio como benéfica³⁵¹. É ele mesmo, Rousseau quem reconhece a estabilidade que essa relação lhe trouxe³⁵². Uma estabilidade anteriormente só experimentada com Mamã. Embora limitada em termos de conhecimentos, Thérèse era perspicaz. Acabará por se casar a 30 de Agosto do ano de 1768.

³⁴⁹ Ibidem, pp. 330 - 331. "Provocavam a pequena; eu tomei a sua defesa (...). Ainda que não sentisse naturalmente nenhuma atracção pela pobre rapariga, por compaixão, por contradição, tê-la-ia ganho (...). Era muito tímida; eu também. A afinidade dos nossos corações, o concurso das nossas disposições em breve produziu o costumado efeito (...). Ela julgou ver em mim um homem honesto; não se enganou. Eu julguei ver nela uma rapariga sensível, simples, sem tafulice; e também me não enganava. Declarei-lhe de antemão que nunca a abandonaria nem a desposaria ...".

³⁵⁰ Ib.. "O receio que ela tinha de que eu me desgostasse por não encontrar nela o que ela julgava que eu procurava retardou a minha felicidade mais do que nada. Ela esteve a ponto de me julgar inteiramente doído; eu estive a ponto de já não saber que pensar dela. Por fim, explicámo-nos: chorando, confessou-me uma só falta cometida ao sair da infância, fruto da sua ignorância e da habilidade de um sedutor. Mal a compreendi, larguei um grito de alegria: Virgindade! exclamei eu (...); Ah! minha Teresa, sou suficientemente feliz por te possuir ajuizada e sã, e não encontrar o que não procurava ...".

³⁵¹ Para Trousson a relação de Rousseau com Thérèse fez com que "Surtout il [Rousseau] se sent à l'aise avec elle, délivré de l'obligation de tenir un rôle. Enfin, elle est, comme il dit, le «supplément» dont il avait besoin – c'est le terme don't il désigne ailleurs son vice solitaire d'adolescent auquel il n'a jamais tout à fait renoncé: les complaisances qu'il n'oserait demander à d'autres, Thérèse peut les lui procurer. La vie s'organisera donc cahin-caha, Thérèse continuant, les quatre premières années, à vivre avec ses parents ..." (cfr. Trousson, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*, Éditions Hachette, La Flèche, 1993, pp. 88 – 89).

³⁵² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Les Confessions de J.J. Rousseau", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 331 - 332.

Assim, acompanhará Rousseau nos momentos difíceis da sua vida e será sempre um seu apoio, ora com os seus conselhos, ora com a sua mera presença:

“Mais cette personne si bornée et si l'on veut si stupide est d'un conseil excellent dans les occasions difficiles. Souvent en Suisse, en Angleterre, en France, dans les catastrophes où je me trouvois, elle a vu ce que je ne voyois pas moi-même, elle m'a donné les avis les meilleurs à suivre, elle m'a tiré des dangers où je me précipitois aveuglément, et devant les Dames du plus haut rang, devant les Grands et les Princes, ses sentimens, son bon sens, ses réponses et sa conduite lui ont attiré l'estime universelle, et à moi sur son mérite des complimens dont je sentois la sincérité ...”³⁵³.

5. O convívio com os enciclopedistas

Era habitual que em Versalhes, no Inverno, decorressem algumas festas de ópera no teatro das Petites-Écuries, tendo sido um deste eventos que determinou o início da sua relação com Voltaire. Numa dessas festas, foi apresentado o drama *A Princesa de Navarra*, de Voltaire, para o qual Rameau havia escrito a música. Mas a obra teve não só de mudar de nome³⁵⁴ como de sofrer várias modificações “... tant dans les vers que dans la musique ...”³⁵⁵.

Dado que nem Voltaire nem Rameau estavam disponíveis para fazer essas alterações, Monsieur Richelieu, um duque que tinha assistido à apresentação na íntegra de *Les Muses galantes*, na casa de Monsieur Bonneval, pensou em Rousseau: “ ... me fit proposer de m'en charger, et pour que je pusse examiner mieux ce qu'il y avoit à faire il m'envoya séparément le

³⁵³ Ibidem, p. 332. “Mas esta criatura tão limitada e, se quiserem, tão estúpida, é de um excelente conselho nas ocasiões difíceis. Na Suíça, na Inglaterra, em França, nas catástrofes que caíram sobre mim, muitas vezes viu ela o que eu próprio não via; fez-me seguir os melhores conselhos; tirou-me dos perigos onde cegamente me precipitava; e diante das damas da mais alta situação, diante dos grandes príncipes, os seus sentimentos, o seu bom senso, as respostas e a sua conduta valeram-lhe a estima universal, e a mim, a respeito do seu mérito, cumprimentos cuja sinceridade sentia ...”.

³⁵⁴ Passou a chamar-se *Festas de Ramiro*.

³⁵⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J. Rousseau”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 335. “... tanto nos versos como na música ...”.

Poeme et la Musique ...”³⁵⁶. É então que Rousseau escreve a Voltaire dizendo que “... je ne voulus toucher aux paroles que de l'aveu de l'Auteur ...”³⁵⁷. Em resposta, Voltaire escreve o seguinte: “Vous reunissez, Monsieur, deux talens qui ont toujours été séparés jusqu'à présent. Voila déjà deux bonnes raisons pour moi de vous estimer, et de chercher à vous aimer. Je suis fâché pour vous que vous employiez ces deux talens à un ouvrage qui n'en est pas trop digne (...). Heureusement il est entre vos mains, vous en êtes le maitre absolu; j'ai perdu entièrement tout cela de vue ...”³⁵⁸.

A razão porque aludimos a este episódio prende-se com uma chamada de atenção que Rousseau faz a este propósito: “Qu'on ne soit pas surpris de la grande politesse de cette lettre, comparée aux autres lettres demi-cavalières qu'il m'a écrites depuis ce tems-là ...”³⁵⁹. Continua a explicação justificando o procedimento de Voltaire: “Il me crut en grande faveur auprès de M. de Richelieu, et la souplesse courtisane qu'on lui connoit l'obligeoit à beaucoup d'égards pour un nouveau venu jusqu'à ce qu'il connut mieux la mesure de son crédit ...”³⁶⁰. O clima de animosidade que parece estar aqui já a instalar-se tornou-se mais claro aquando da apresentação da peça³⁶¹.

Neste período³⁶² consolida-se a sua amizade com Diderot e com outros membros do nascente ciclo *encyclopédiste*, nomeadamente Condillac³⁶³ e D'Alembert. Em 1747 Diderot e d'Alembert são designados directores do projecto de tradução dos quatro volumes da *Cyclopaedia* d'Ephraim Chambers; Diderot enquanto tradutor e d'Alembert enquanto especialista científico. Rousseau também foi convidado a colaborar neste projecto, tendo inicialmente escrito artigos sobre música: “Celui-ci [Diderot] voulut me faire entrer pour quelque chose (...) et me proposa la

³⁵⁶ Ibidem. “... mandou-me propor que me encarrega-se da coisa, e para que eu pudesse encaminhar melhor o que havia de fazer, enviou-me, em separado, o poema e a música ...”.

³⁵⁷ Ib.. “... não quis tocar na letra senão com o consentimento do autor ...”.

³⁵⁸ Ib., pp. 335 - 336. “Vós reunis, senhor, dois talentos que até agora têm andado separados. Eis já duas boas razões para que eu vos estime e procure amar-vos. Pesa-me por vós terdes de empregar estes dois talentos numa obra que não é muito digna de isso (...). Felizmente, acha-se nas vossas mãos, sois senhor absoluto dele; perdi tudo isso absolutamente de vista ...”.

³⁵⁹ Ib., p. 336. “Não se admirem da grande delicadeza desta carta, comparada com as outras semi-insolentes que mais tarde me escreveu ...”.

³⁶⁰ Ib.. “Julgou-me em grande favor junto de Monsieur Richelieu, e a sua conhecida flexibilidade cortesã obrigava-o a ser bastante atencioso para com um recém-chegado, até que conhecesse melhor os limites do crédito deste ...”.

³⁶¹ Ib., pp. 337 - 338.

³⁶² Ib., p. 342.

³⁶³ Ib., p. 347.

partie de la musique que j'acceptai et que j'exécutai très à la hâte et très mal dans les trois mois qu'il m'avoit donnés ..."³⁶⁴.

Diderot é preso em Julho de 1749. Rousseau conta como fica abalado com a notícia:

“Rien ne peindra jamais les angoisses que me fit sentir le malheur de mon ami. Ma funeste imagination qui porte toujours le mal au pis s'effaroucha. Je le crus là pour le reste de sa vie. La tête faillit à m'en tourner. J'écrivis à Madame de Pompadour pour la conjurer de le faire relâcher ou d'obtenir qu'on m'enfermât avec lui ...”³⁶⁵.

Rousseau continua a estabelecer contactos com pessoas da alta sociedade e numa dessas ocasiões acaba por conhecer Monsieur Grimm³⁶⁶. Uma forte simpatia por Grimm não tardou a acontecer:

“Le lendemain à diné l'on parla de musique; il en parla bien. Je fus transporté d'aise en apprenant qu'il accompagnoit du Clavecin. Après le diner on fit apporter de la musique. Nous musicames tout le jour au Clavecin du Prince, et ainsi commença cette amitié qui d'abord me fut si douce, enfin si funeste, et dont j'aurai tant à parler désormais ...”³⁶⁷.

No Verão de 1749, numa das visitas de Rousseau a Diderot à prisão, teve conhecimento do tema proposto pela Academia de Dijon para o prémio do ano 1750: *“Si le progrès des sciences et des arts a contribué à corrompre ou à épurer les moeurs? A l'instant de cette lecture je vis un*

³⁶⁴ Ib., p. 348. “Diderot quis dar-me alguma coisa a fazer (...) e propôs-me a parte musical, que aceitei, e que executei muito à pressa e muito mal, nos três meses que me havia dado ...”.

³⁶⁵ Ib.. “Nada poderá jamais descrever as angústias que me causa a desgraça do meu amigo. A minha funesta imaginação, que exagera sempre o mal, exasperou-se. Julguei que ele ficaria lá para o resto da vida. Andei para perder juízo. Escrevi a Madame de Pompadour, conjurando-a a que o mandasse soltar, ou conseguir que me encarcerassem com ele ...”.

³⁶⁶ Ib., pp. 349 - 350.

³⁶⁷ Ib., p. 350. “No dia seguinte, ao jantar, falou-se de música: Grimm fê-lo com conhecimento de causa. Entusiasmei-me ao saber que acompanhava ao cravo. Depois do jantar, mandou-se vir música. Todo o dia fizemos música no cravo do príncipe, e assim começou uma amizade que tão doce me foi a principio, mas por fim tão funesta, e de que tanto terei de falar daqui por diante ...”.

autre univers et je devins un autre homme ..."³⁶⁸. O nosso autor descreve o estado de extase em que ficou:

“Mes sentimens se montèrent avec la plus inconcevable rapidité au ton de mes idées. Toutes mes petites passions furent étouffées par l'enthousiasme de la vérité, de la liberté, de la vertu, et ce qu'il y a de plus étonnant est que cette effervescence se soutint dans mon coeur durant plus de quatre ou cinq ans à un aussi haut degré peut être qu'elle ait jamais été dans le coeur d'aucun autre homme ...”³⁶⁹.

Tal estado de alma, posteriormente, não se alterou, se considerarmos a aplicação e dedicação que o autor dispensou à composição do discurso³⁷⁰. Mas a reacção apaixonada acaba por ter consequências para a sua saúde³⁷¹:

“Je travaillai ce discours d'une façon bien singulière et que j'ai presque toujours suivie dans mes autres ouvrages. Je lui consacrais les insomnies de mes nuits. Je méditois dans mon lit à yeux fermés, et je tournois et retournois mes périodes dans ma tête avec des peines incroyables; puis quand j'étois parvenu à en être content, je les déposois dans ma mémoire jusqu'à ce que je pusse les mettre sur le papier: mais le tems de me lever et de m'habiller me faisait tout perdre, et quand je m'étois mis à mon papier, il ne me venoit presque plus rien de ce que j'avois composé ...”³⁷².

³⁶⁸ *Ib.*, p. 351. “*Se o progresso das ciências e das artes tem contribuido para corromper ou purificar os costumes. Logo que tal li, vi outro universo, e transformei-me noutro homem ...*”.

³⁶⁹ *Ib.*. “Com a mais inconcebível rapidez, os meus sentimentos puseram-se em unísono com as minhas ideias. Todas as minhas paixões foram abafadas pelo entusiasmo da verdade, da liberdade, da virtude e o que é mais espantoso é que, durante mais de quatro ou cinco anos, tal exaltação se manteve no meu coração num grau tão elevado como porventura jamais sucedeu com qualquer homem ...”.

³⁷⁰ *Ib.*, p. 352.

³⁷¹ *Ib.*, p. 361.

³⁷² *Ib.*, p. 352. “Trabalhei o discurso de uma maneira bastante singular, que quase sempre segui nas minhas outras obras. Consagrei-lhe as insónias das minhas noites. Na cama meditava de olhos fechados, e com incríveis dificuldades moía e remoía na cabeça os meus períodos: depois, quando conseguia achar-me satisfeito com eles, alojava-os na memória até que pudesse trasladá-los ao papel: mas enquanto me levantava e me vestia, esquecia tudo, e quando me achava em frente do papel, quase nada me ocorria do que havia composto ...”.

A libertação de Diderot é, para Rousseau, sentida com desilusão. Eis como descreve a forma como reage à libertação do seu amigo: “En entrant je ne vis que lui, je ne fis qu'un saut, un cri, je collai mon visage sur le sien, je le serrai étroitement sans lui parler autrement que par mes pleurs et mes sanglots; j'étouffois de tendresse et de joye ...”³⁷³. No entanto, a reacção de Diderot foi completamente oposta àquilo que Rousseau estava à espera. Por aquilo que Rousseau conta, podemos classificar a atitude de Diderot como distante e fria. A relação entre os dois parece ser assim mais correspondida por Rousseau do que por Diderot:

“Son premier mouvement, sorti de mes bras, fut de se tourner vers l'Ecclésiastique et de lui dire: vous voyez, Monsieur, comment m'aiment mes amis. Tout entier à mon émotion je ne réfléchis pas alors à cette manière d'en tirer avantage. Mais en y pensant quelquefois depuis ce tems-là, j'ai toujours jugé qu'à la place de Diderot ce n'eut pas été là la première idée qui me seroit venue ...”³⁷⁴.

Pouco depois Rousseau sabe que ganhou o prémio de Dijon. Tal notícia causa-lhe um estado de euforia: “Je ne trouvai plus rien de grand et de beau que d'être libre et vertueux, au dessus de la fortune et de l'opinion, et de suffire à soi-même ...”³⁷⁵. São imediatamente aqui sublinhados dois aspectos: a independência de cada um relativamente à opinião dos outros e a necessidade de um estado solitário. São estes dois princípios³⁷⁶, aqui pela primeira vez expressos, que irão, a partir desse momento, reger os seus planos futuros, quer quanto ao seu estilo de vida, quer quanto à produção das suas obras. A seguinte passagem dá-nos uma indicação sobre esses planos:

“Quoique la mauvaise honte et la crainte des sifflets m'empêchassent de me conduire d'abord sur ces principes et de rompre brusquement en visière aux

³⁷³ *Ib.*, p. 350. “Ao entrar, só o vi a ele; dei apenas um salto, um grito, encostei a minha cara à sua, abracei-o com força sem nada lhe dizer a não ser por intermédio das lágrimas e dos soluços; a ternura e a alegria asfixiavam-me ...”.

³⁷⁴ *Ib.*. “Ao desprende-se de mim, o primeiro movimento de Diderot foi voltar-se para o eclesiástico, para lhe dizer: Veja, monsenhor, como os meus amigos me amam. Completamente entregue à minha emoção não reflecti de momento nesta maneira de se servirem dela. Mais tarde, porém, meditando algumas vezes no caso, pensei sempre que, no lugar de Diderot, não teria sido aquela a primeira ideia que me ocorreria ...”.

³⁷⁵ *Ib.*, p. 356. “Nada me pareceu maior e mais belo do que ser livre e virtuoso, acima da fortuna e da opinião, e bastarmo-nos a nós mesmos ...”.

³⁷⁶ De acordo com Scholz: “He also turned his back on public opinion, opting not to be swayed by so fickle a force, he would follow virtue instead ...” (cfr. Scholz, Sally, *On Rousseau*, Wadsworth, Belmont, 2001, 19).

maximes de mon siècle, j'en eus dès lors la volonté décidée, et je ne tardai à l'exécuter qu'autant de temps qu'il en falloit aux contradictions pour l'irriter et la rendre triomphante ...³⁷⁷.

6. Os filhos

Um dos acontecimentos que mais marca a vida do nosso autor é o facto de ter entregue os seus cinco filhos (o primeiro em 1746, o segundo em 1748, o terceiro na Primavera de 1751 e os dois últimos em 1751 e em 1752³⁷⁸) à roda. Como o próprio afirma, "On verra successivement toutes les vicissitudes que cette fatale conduite a produites dans ma façon de penser, ainsi que dans ma destinée ..."³⁷⁹. Muito contribuíram, para a decisão de entregar os filhos as frequentes reuniões que mantinha na casa de Madame la Selle. A esse respeito assim escreve:

"J'y apprenois des foules d'anecdotes très amusantes, et j'y pris aussi peu à peu, non, grace au Ciel jamais les moeurs, mais les maximes que j'y vis établies. D'honnêtes personnes mises à mal, des maris trompés, des femmes séduites, des accouchemens clandestins étoient là les textes les plus ordinaires, et celui qui peuploit le mieux les enfants-trouvés étoit toujours le plus applaudi. Cela me gagna; je formai ma façon de penser sur celle que je voyois en règne chez des gens très aimables, et dans le fond très honnêtes gens, et je me dis: puisque c'est l'usage du pays, quand on y vit on peut le suivre, voilà l'expédient que je cherchois ..."³⁸⁰.

³⁷⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Les Confessions de J.J. Rousseau", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 356. "Apesar da estúpida vergonha e do temor de ser apupado me impediram no começo de me conduzir segundo estes principios e de romper bruscamente com as máximas do meu século, achei-me desde então com decidida vontade de o fazer, e só demorei a sua execução o tempo necessário para que as contradições a exasperassem e a fizessem triunfar ...".

³⁷⁸ Cfr. Trousson, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*, Éditions Hachette, La Flèche, 1993, p. 92.

³⁷⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Les Confessions de J.J. Rousseau", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 345. "Ver-se-ão gradualmente todas as vicissitudes que este fatal procedimento provocou na minha maneira de pensar, bem como no meu destino ...".

³⁸⁰ *Ibidem*, p. 344. "Lá aprendia uma quantidade de anedotas engraçadíssimas, e a pouco e pouco lá aprendi também, nunca, graças a Deus, os costumes, mas as máximas que ali via implantadas. Pessoas honradas desacreditadas, maridos enganados, mulheres seduzidas, partos clandestinos, tal era o teor mais vulgar das conversas, e a que melhor povoasse a Roda era sempre a mais aplaudida. Fui conquistado; conformei a

Tendo em consideração o trecho anterior, compreende-se a frontalidade do nosso autor quando, numa espécie de auto-defesa, assume a responsabilidade dos seus actos. Contudo, não deixa de ficar indignado com aqueles que o rodeiam, na medida em que o apontam como alguém que não gosta de crianças: "J'avois mis mes enfans aux enfans-trouvés, c'en étoit assez pour m'avoir travesti en père dénaturé et de la en étendant et caressant cette idée on en avoit peu à peu tiré la conséquence evidente que je haissois les enfans ..." ³⁸¹. Embora admita que o facto de ter posto os filhos na roda não fosse uma opção ideal, defende, todavia, que fora aquela que lhe parecera a melhor ³⁸²:

"Cependant il est sur que c'est la crainte d'une destinée pour eux mille fois pire et presque inévitable par toute autre voye qui m'a le plus déterminé dans cette démarche. Plus indiférent sur ce qu'ils deviendroient et hors d'état de les élever moi-même il auroit fallu dans ma situation les laisser élever par leur mère qui les auroit gatés et par sa famille qui en auroit fait des monstres ..." ³⁸³.

E continua a sua justificação, de novo em jeito de auto-defesa ³⁸⁴, dizendo:

"... mais je savois que l'éducation pour eux la moins périlleuse étoit celle des enfans trouvés et je les y mis. Je le ferois encor avec bien moins de doute

minha maneira de pensar à que via reinar entre pessoas amabilíssimas, e no fundo honestíssimas pessoas, dizendo comigo: Visto que é uso da terra, como nela vivemos, podemos segui-lo. Eis o expediente que buscava ...".

³⁸¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Les Rêveries du promeneur solitaire", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1086. "Eu tinha posto os meus filhos na roda, e isso era o suficiente para me transformarem em pai desnaturado e, a partir daí, ampliando e acarinhando essa ideia, extraiu-se pouco a pouco a consequência evidente de que eu odiava as crianças ...".

³⁸² "Rousseau would later claim that he had been too impoverished to care for his children properly, but his own conduct towards them filled him with remorse and shame ..." (cfr. Wokler, Robert, *Rousseau: A Very Short Introduction*, Oxford University Press, New York, 1995, pp. 4 - 5).

³⁸³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Les Rêveries du promeneur solitaire", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1087. "Todavia, é certo que foi o receio de um destino para eles mil vezes pior e quase inevitável, na falta de qualquer outro caminho, que me levou a tomar essa decisão. Se eu tivesse sido mais indiferente em relação ao que eles viriam a ser, e não tendo possibilidade de os criar eu próprio, teria sido necessário, na minha situação, deixar que a mãe os criasse, estragando-os com mimos, e que a sua família fizesse deles uns monstros ...".

³⁸⁴ "It certainly made readers wonder how he could write so sublime a treatise on the education of children as *Emile*, which may in some respects be read as a work of apersonal atonement. To this day, his abandonment of his children has coloured the popular image of his character far more than any of his other traits ..." (cfr. Wokler, Robert, *Rousseau: A Very Short Introduction*, Oxford University Press, New York, 1995, 4 - 5).

aussi si la chose étoit à faire et je sais bien que nul père n'est plus tendre que je l'aurois été pour eux, pour peu que l'habitude eut aidé la nature ...”³⁸⁵.

Outra passagem existe em que Rousseau faz uma alusão directa aos seus filhos manifestando um sentimento de tristeza nostálgica:

“Je regarde et je vois un petit enfant de cinq à six ans qui serroit mes genoux de toute sa force en me regardant d'un air si familier et si caressant que mes entrailles s'émurent et je me disois, c'est ainsi que j'aurois été traité des miens. Je pris l'enfant dans mes bras, je le baisai plusieurs fois dans une espèce de transport et puis je continuai mon chemin ...”³⁸⁶.

Trousseau refere-se nos seguintes termos a este aspecto da vida do nosso autor:

“Lui pensait maintenant qu'il se devait de mener une vie conforme à ses principes, dépouiller le vieil homme, procéder à une grande «réforme» que les *Confessions* schématisent, mais qui ne se réalisa, non sans rechutes, qu'en trois ou quatre années. Car il lui arrivait d'être mal pris, ce champion de la vertu qui vient de déposer un troisième rejeton aux Enfants-Trouvés ...”³⁸⁷.

E Trousseau continua a sua apreciação crítica acusando Rousseau de ser egoísta e de pretender exhibir perante os outros uma moral superior:

“Et puis il est malade, condamné. Lui disparu, ils deviendront des crève-misère, des vauriens peut-être. Ce n'était pas lui le responsable : «C'est l'état des riches, c'est votre état qui vole au mien le pain de mes enfants». Du reste, les pensionnaires des Enfants-Trouvés deviennent de bons ouvriers, de braves

³⁸⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Rêveries du promeneur solitaire”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1087. “... mas sabia que, para os meus filhos, a educação menos perigosa ainda era o asilo dos enjeitados e por isso os mandei para lá. Fâ-lo-ia de novo, com muito menos dúvidas, se tivesse agora de o fazer, sabendo bem que nenhum pai é mais terno do que eu teria sido para eles, se o hábito tivesse ajudado a natureza ...”.

³⁸⁶ Ibidem, p. 1089. “Olho e vejo um garoto de cinco ou seis anos que me apertava os joelhos com toda a força e que olhava para mim com um ar tão familiar e tão meigo que o meu coração se comoveu e eu disse para mim: seria assim que eu teria sido tratado pelos meus. Peguei na criança, beijei-a várias vezes numa espécie de arrebatamento e depois continuei o meu caminho ...”.

³⁸⁷ Cfr. Trousseau, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*, Éditions Hachette, La Flèche, 1993, p. 109.

laboureurs : «Ainsi voulait Platon (...)». S'il appelle Platon à la rescousse, c'est que sa mauvaise conscience a besoin d'alibis prestigieux, mais cette affectation à faire coïncider son égoïsme avec une morale supérieur ! En réalité, il n'a pas changé depuis 1746 : à présent qu'il a trouvé sa voie, il entend rester libre, disponible, sans fil à la patte, pour s'accomplir ..."³⁸⁸.

O que até aqui temos vindo a escrever pressupõe, como é claro, que Rousseau era, efectivamente, pai destas crianças em causa. Autores há, porém, que, apesar de, um modo absoluto, não colocarem em causa tal pressuposto, não deixam de considerar a hipótese contrária, isto é, a possibilidade de Rousseau não ter sido o pai destas cinco crianças.

Com efeito, Bernard Gagnebin e Marcel Raymond³⁸⁹ evocam quatro comentadores de Rousseau que perfilham a ideia da não paternidade, baseada em quatro diferentes argumentações.

A primeira destas argumentações apresentada por Bernard Gagnebin e Marcel Raymond é sustentada por Barruel-Beauvert e Louis-Sébastien Mercier:

"1° La thèse de l'impuissance de Rousseau. Dès le XVIII siècle, certains biographes de Rousseau comme Barruel-Beauvert (*Vie de J.-J. Rousseau*, 1789, p. 391, n.1) et Louis-Sébastien Mercier (*De J.-J. Rousseau, considéré comme l'un des premiers auteurs de la Révolution*, 1791, t. II, p. 265, n. 1) ont mis en doute la paternité de Jean-Jacques. S'il se tait, pensent-ils, c'est «pour se respecter dans sa femme» (...). Elle a été défendue aussi par des médecins, qui n'ont pu qu'étudier dans ses ouvrages l'état pathologique de Rousseau. Le Dr Roussel (dans J. Grand-Carteret, *J.-J. Rousseau jugé par les Français d'aujourd'hui*, 1890, pp. 172-188) estime qu'avant de connaître Thérèse Rousseau souffrait d'urétrite et d'orchites répétées, lesquelles rendent infécond, voire impuissant ..."³⁹⁰.

³⁸⁸ Ibidem.

³⁸⁹ Bernard Gagnebin e Marcel Raymond sobre este assunto escrevem o seguinte: "Même après vingt ans et malgré ses remords, il semble que Jean-Jacques veuille se persuader et persuader son lecteur que la «bonne compagnie» eût approuvé sa conduite. Et peut-être en effect qu'une grande partie de ce «monde» n'y eût rien trouvé à reprendre. Pour tâcher d'élucider ce problème capital nous repellerons les différentes hypothèses qui ont été avancées ..." (cfr. Gagnebin, B./Raymond, M. "Notes et Variantes" [345], in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes* Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 1416-1417).

³⁹⁰ Ibidem, p. 1417. "1° A tese da impotência de Rousseau. Desde o Séc. XVIII, certos biógrafos de Rousseau como Barruel-Beauvert (*Vida de J.-J. Rousseau*, 1789, p. 392, n. 1) e Louis-Sébastien Mercier (*De J.-J. Rousseau, considerado como um dos primeiros autores da Revolução*, 1791, t. II, p. 265, n. 1) puseram em dúvida a paternidade de Rousseau. Se ele se cala, pensam eles, é «para se fazer respeitar perante a sua esposa» (...).

A segunda argumentação é sustentada por George Sand:

“2° La thèse de l’infidélité de Thérèse a été posée pour la première fois par George Sand dans un article de la *Revue des Deux Mondes* du 15 novembre 1863 (t. XLVIII, pp. 341-365) (...). Et George Sand cite un propos de la veuve de son grand-père, Dupin de Francueil, qui, à ceux qui accusaient Rousseau d’être un père dénaturé, répondait: “Oh! Pour cela, nous n’en savons rien, et Rousseau n’en savait rien lui-même... Est-ce que Rousseau pouvait avoir des enfants?” Elle ajoute ceci: “Je ne le trouve pas un instant naïf dans les regrets qu’il exprime d’avoir méconu ses devoirs de père, pas plus qu’il n’est véritablement sincère dans ses essais de justification...”³⁹¹.

A terceira argumentação é sustentada por Noëlle Roger:

“3° La thèse selon laquelle il s’agirait d’une fable inventée par Rousseau pour “sauver son oeuvre”: avouer une faute très grave, c’est attester une fois pour toutes sa sincérité. Cette thèse est notamment celle de Noëlle Roger dans son *Jean Jacques, le promeneur solitaire*, Paris, 1933 ...”³⁹².

A última destas argumentações é sustentada por Mme. Fr. Macdonald:

“4° La thèse, exposée par Mme. Fr. Macdonald, d’une “fable inventée en premier lieu par les Le Vasseur, mire et fille, en vue de lier Rousseau à Thérèse, et adoptée ensuite par d’Holbach, Diderot et Grimm entre lesquels, l’aveu même de d’Holbach, il s’était formé un complot”. Mme Macdonald fonde son explication sur:

Ela também foi defendida pelos seus médicos, que não puderam estudar o estado patológico de Rousseau a não ser nas suas obras. O Dr. Roussel (em J. Grand-Carteret, J.-J. *Rousseau julgado pelos franceses de hoje*, 1890, pp. 172-188) estima que antes de conhecer Thérèse Rousseau sofria de uritrite e de orquites repetidas, as quais o tomavam infecundo, mesmo impotente ...”.

³⁹¹ Ib.. “2° A tese da infidelidade de Thérèse foi colocada pela primeira vez por George Sand num artigo da *Revista dos Dois Mundos* de 15 de Novembro de 1863 (t. XLVIII, pp. 341-365) (...). E George Sand cita a propósito da viúva do seu avô, Dupin de Francueil, que, àqueles que acusavam Rousseau de ser um pai desnaturado, respondia: “Oh! Acerca disso, nada sabemos, e Rousseau ele próprio nada sabia ... Será que Rousseau podia ter filhos? Junta-lhe isto: “Não o acho por um momento ingénuo nos remorsos que exprime de ter falhado nos seus deveres de pai, não mais do que ele seja verdadeiramente sincero nos seus ensaios de justificação ...”.

³⁹² Ib., p. 1418. “3° A tese de acordo com a qual se trata de uma história inventada por Rousseau para “salvar a sua obra”: confessar uma falta muito grave, é confirmar de uma vez por todas a sua sinceridade. Essa tese é nomeadamente aquela de Noëlle Roger no seu *Jean Jacques, o caminhante solitário*, Paris, 1933 ...”.

a) le fait que Rousseau n'aperçut pas même ses enfants et que Thérèse ne tenta jamais rien pour les lui faire voir; b) l'incompréhensible discrétion de Diderot et de Grimm à l'égard de ce crime, alors qu'ils n'ont omis aucun moyen pour abattre Rousseau; c) l'insuccès total de La Roche, qui s'efforça, en 1761, de retrouver dans les archives des Enfants-Trouvés une trace de la déposition des cinq enfants de Jean-Jacques; d) le verdict des experts médicaux, suivant lesquels les infirmités de Rousseau le mettaient dans l'impossibilité physique de procréer ..."³⁹³.

7. A reforma pessoal e o estado de solitário

Em 1751 Rousseau, mais uma vez, adocece. Consulta um médico, Monsieur Morand "... qui malgré son habileté et la délicatesse de sa main, me fit souffrir des maux incroyables et ne put jamais venir à bout de me sonder. Il me conseilla de recourir à Daran, dont les bougies plus flexibles parvinrent en effet à s'insinuer; mais en rendant compte à Madame Dupin de mon état, Morand lui déclara que dans six mois je ne serois pas en vie ..."³⁹⁴. Confrontado com esta notícia, é a sua independência que sai reforçada: "... j'appliquai toutes les forces de mon ame à briser les fers de l'opinion, et à faire avec courage tout ce qui me paroissoit bien, sans m'embarrasser aucunement du jugement des hommes ..."³⁹⁵. O que aponta para uma reforma de vida.

Chegado aos quarenta anos, Rousseau decide por em prática um objectivo que estabelecera já na juventude: "... dès cet age atteint et dans quelque situation que je fusse, de ne

³⁹³ *Ib.*, pp. 1418 - 1419. "4º A tese, exposta por Mme. Fr. Macdonald, de uma "história inventada em primeiro lugar pelos Le Vasseur, mãe e filha, com vista a ligar Rousseau a Thérèse, e adoptada em seguida pelos d'Holbach, Diderot e Grimm entre os quais, por admissão do próprio d'Holbach, se formou uma conspiração". Mme. Macdonald fundamenta a sua explicação em: a) o facto de Rousseau não ter conhecido seus filhos e que Thérèse não em nada se esforçou por lhes dar a conhecer; b) a incompreensível descrição de Diderot e Grimm a respeito deste crime, uma vez que eles não omitiram nenhum meio para atacar Rousseau; c) o insucesso completo de La Roche, que se esforçará, em 1761, por encontrar nos arquivos das Crianças-Achadas um indício da deposição de cinco crianças de Jean-Jacques; d) o veredicto dos especialistas médicos, segundo os quais as enfermidades de Rousseau o colocariam na impossibilidade física de procriar ...".

³⁹⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Les Confessions de J.J. Rousseau", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 361. "... que, apesar da sua habilidade e subtilidade de mão, me fez sofrer incrivelmente, sem nunca conseguir sondar-me. Aconselhou-me que recorresse a Dadan, cujas algalias mais flexíveis conseguiram com efeito penetrar; contudo, ao comunicar a Madame Dupin o meu estado, Morand declarou-me que dentro de seis meses morreria ...".

³⁹⁵ *Ibidem*, p. 362. "... empreguei todas as forças da minha alma em quebrar as algemas da opinião, e em fazer corajosamente tudo o que melhor me parecia, sem me importar de forma alguma com o juízo dos homens ...".

plus me débattre pour en sortir et de passer le reste de mes jours à vivre au jour la journée sans plus m'occuper de l'avenir ..."³⁹⁶. E assim foi:

"Le moment venu, j'exécutai ce projet (...). Je quittai le monde et ses pompes, je renonçai à toute parure, plus d'épée, plus de montre, plus de bas blancs, de dorure, de coiffure, une perruque toute simple, un bon gros habit de drap, et mieux que tout cela, je déracinai de mon cœur les cupidités et les convoitises qui donnent du prix à tout ce que je quittois. Je renonçai à la place que j'occupais alors pour laquelle je n'étais nullement propre, et je me mis à copier de la musique à tant la page ..."³⁹⁷.

A nova etapa de vida, que decide iniciar e é mal vista pela sociedade em que convive, acabará por ser determinante nos anos que seguem, os quais se caracterizam por serem de uma grande produção literária. Mas Rousseau fala dela como de algo essencial e ironiza sobre a hostilização de que é alvo. Chega mesmo a afirmar que os seus amigos, em vez de o apoiarem, tentam difamá-lo:

"... je me laissois subjuguier et mener comme un enfant par de soi-disans amis, qui, jaloux de me voir marcher seul dans une route nouvelle, tout en paroissant s'occuper beaucoup à me rendre heureux, ne s'occupaient en effet qu'à me rendre ridicule, et commencèrent par travailler à m'avilir pour parvenir dans la suite à me diffamer. Ce fut moins ma célébrité littéraire que ma réforme personnelle, dont je marque ici l'époque, qui m'attira leur jalousie (...). Tant que je vécus ignoré du public je fus aimé de tous ceux qui me connurent, et je n'eus pas un seul ennemi. Mais sitot que j'eus un nom, je n'eus plus d'amis ..."³⁹⁸.

³⁹⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Les Rêveries du promeneur solitaire", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1014. "... após ter atingido essa idade e fosse qual fosse a situação em que me encontra-se, deixaria de me debater para sair dela e passaria o resto da minha vida a viver o dia-a-dia sem pensar no futuro ...".

³⁹⁷ Ibidem, pp.1014 - 1015. "Quando esse momento chegou, executei sem dificuldade esse projecto (...). Abandonei a sociedade e as suas pompas, renunciei a todos os adornos, deixei de usar espada, relógio, meias brancas, dourados, penteados; uma peruca muito simples, um fato de boa fazenda bastavam-me; mais do que tudo isso, arranquei do meu coração a cupidez e a cobiça que dão valor a tudo o que abandonava. Renunciei ao cargo que então ocupava e para o qual não era de modo algum qualificado, e dediquei-me a copiar música a um tanto por página ...".

³⁹⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Les Confessions de J.J. Rousseau", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 362. "... deixei-me subjugar e levar como uma criança pelos pretensamente amigos, que, ciosos por me verem caminhar sozinho pela minha nova estrada, ao mesmo tempo que pareciam muito empenhados em tornar-me feliz, só se ocupavam com efeito em tornar-me ridiculo, e

Perante a reacção que encontra, conclui sobre a existência de uma conspiração contra a sua pessoa, afirmando que aqueles que o rodeavam o faziam apenas por interesse³⁹⁹: “Ce fut un très grand malheur, un plus grand encore fut d'être environné de gens qui prenoient ce nom, et qui n'usèrent des droits qu'il leur donnoit que pour m'entraîner à ma perte. La suite de ces Mémoires développera cette odieuse trame; je n'en montre ici que l'origine: on en verra bientôt former le premier noeud ...”⁴⁰⁰. Este ambiente de animosidade⁴⁰¹ fez com que tivesse dificuldade em permanecer em Paris, levando o estilo de vida de que decidira abdicar. O seu ser solitário começava a falar cada vez mais alto⁴⁰²: “Me voici donc seul sur la terre, n'ayant plus de frere, de prochain, d'ami, de société que moi-même ...”⁴⁰³.

Sente-se desanimado e acredita que foi vítima de um abandono maquiavélico: “Ils ont cherché dans les raffinemens de leur haine quel tourment pouvoit être le plus cruel à mon ame sensible, et ils ont brisé violemment tous les liens qui m'attachoient à eux ...”⁴⁰⁴. Sentimentos contraditórios são aqui patentes: ao mesmo tempo que se sente revoltado, evidencia um sentimento de nostalgia: “J'aurois aimé les hommes en dépit d'eux-mêmes. Ils n'ont pu qu'en cessant de l'être se dérober à mon affection ...”⁴⁰⁵. Passa, então, a ver os outros como “... étrangers, inconnus, nuls enfin pour moi puis qu'ils l'ont voulu ...”⁴⁰⁶. Desiludido com o seu destino, assim escreve: “... je suis dans cette étrange position, elle me paroît encore un rêve (...). Tiré je ne sais comment de l'ordre des choses, je me suis vu précipité dans un cahos

começaram a trabalhar por me degradarem, para conseguirem depois difamar-me. Não foi tanto a minha rápida celebridade literária como a minha reforma pessoal, cuja data assinalo aqui, que me valeu os seus ciúmes (...). Enquanto vivi ignorado do público, todos os que me conheceram me amaram, e não tive um só inimigo. Mas logo que ganhei nome, não tive mais amigos ...”.

³⁹⁹ Ibidem, p. 367.

⁴⁰⁰ Ib., pp. 362 - 363. “Foi uma grande desgraça; maior ainda foi a de me achar rodeado de pessoas que se agarram a este nome e que só se serviam dos direitos que ele lhes dava para me arrastarem à perdição. A continuação destas Memórias desfilará esta odiosa trama; aqui só aponto a sua origem: em breve se verá forma-se o primeiro nó ...”.

⁴⁰¹ Ib., pp. 365 - 366.

⁴⁰² Como, de resto, afirma Scholz: “He was forced to socialize when he really felt quite ill at ease because of his lack of skill in public proprieties ...” (cfr. Scholz, Sally, *On Rousseau*, Wadsworth, Belmont, 2001, p. 19).

⁴⁰³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Rêveries du promeneur solitaire”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 995. “Eis-me sozinho na terra, sem irmão, parente próximo, amigo, ou companhia a não ser eu próprio ...”.

⁴⁰⁴ Ibidem. “No requinte do seu ódio, procuraram o tormento que fosse mais cruel para a minha alma sensível e quebraram violentamente todos os laços que a eles me ligavam ...”.

⁴⁰⁵ Ib.. “Eu teria amado os homens apesar do que são. Ao deixarem de o ser mais não fizeram do que furtar-se ao meu afecto ...”.

⁴⁰⁶ Ib.. “... estrangeiros, desconhecidos, em suma, inexistentes para mim, já que assim o quiseram ...”.

incompréhensible où je n'aperçois rien du tout, et plus je pense à ma situation présente et moins je puis comprendre où je suis ..." ⁴⁰⁷.

A imagem que foi criada a seu respeito como a de "... pour un monstre, un empoisonneur, un assassin, que je deviendrais l'horreur de la race humaine ..." ⁴⁰⁸, fez com que o seu comportamento passasse a reflectir um mal-estar permanente: "Mes agitations, mon indignation me plongèrent dans un délire qui n'a pas eu trop de dix ans pour se calmer, et dans cet intervalle, tombé d'erreur en erreur, de faute en faute, de sotise en sotise, j'ai fourni par mes imprudences aux directeurs de ma destinée autant d'instrumens qu'ils ont habilement mis en oeuvre pour la fixer sans retour ..." ⁴⁰⁹.

Jean-Jacques Rousseau morre a 2 de Julho de 1778 em Ermenonville⁴¹⁰. É inumado na Île des Peupliers e a sua sepultura torna-se lugar de peregrinação para os parisienses. Em Outubro de 1794 os seus restos mortais são transferidos para o Panteão de Paris.

⁴⁰⁷ Ib.. "... encontro-me nesta situação, e ainda me parece um sonho. (...) Afastado, não sei como, da ordem das coisas, vi-me precipitado num caos incompreensível em que não distingo nada; e quanto mais penso na minha situação presente, menos posso compreender onde me encontro ...".

⁴⁰⁸ Ib., p. 996. "... um monstro, um envenenador, um assassino (...) horror da raça humana ...".

⁴⁰⁹ Ib.. "As minhas agitações, a minha indignação mergulharam-me num delírio que se prolongou por dez anos até acalmar; durante esse intervalo, de erro em erro, de engano em engano, ofereci imprudentemente aos governantes do meu destino todos os instrumentos que eles utilizaram para o fixarem para sempre ...".

⁴¹⁰ Eis como Trousson descreve a morte de Rousseau: "Après avoir bu un bol de café au lait, comme Thérèse allait sortir, il lui recommanda de ne pas oublier de régler la note du serrurier, tandis que lui-même se rendrait au château pour donner une leçon de musique à la fille du marquis. Quelques minutes plus tard, Thérèse le trouve assis sur une chaise et gémissant. Il sentait des picotements pénibles à la plante des pieds, un grand froid dans le dos, des douleurs sourdes dans la poitrine. Il était dix heures du matin quand il tomba soudain de sa chaise, visage contre terre: il était mort ..." (cfr. Trousson, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*, Éditions Hachette, La Flèche, 1993, 295 – 296).

CAPÍTULO II

A OBRA

I. A OBRA ROUSSEAUNEANA: Organização e edição adoptada

1. Intenção autobiográfica da obra de Rousseau

Admite O'Hagan, autor de um recente estudo sobre o nosso autor, sempre houve quem considerasse Rousseau "... as a mere *littérateur*, a creator of sophistries, who would not – or could not – organize his thought in a unified, systematic fashion ..." ⁴¹¹. Ao invés, este estudioso, sustenta o que qualifica como "Rousseau's claims to systematicity ..." ⁴¹², justificando-se assim: "I hold that his thought is unified by a profound naturalism, yet at the same time animated by a powerful, creative tension between two conflicting ideals of how we should live..." ⁴¹³.

Para O'Hagan, o naturalismo de Rousseau corresponde a colocar os seres humanos no seu lugar natural e em compreender o desenvolvimento da sua condição como dependente daquilo que o rodeia, o seu meio-ambiente, quer a nível natural, primeiro, quer, seguidamente, a nível social. Tal naturalismo, prossegue "It is an attempted to show the continuity between human beings and other animals while at the same time never losing sight of what distinguishes us from them ..." ⁴¹⁴. Indica, ainda, como fundamento para esse naturalismo, as características essenciais que, no *Second Discours*, Rousseau imputa ao ser humano: a) a preservação, b) a compaixão, c) o livre arbítrio, d) a perfectibilidade. As duas primeiras características, a) e b), são comuns a todo o reino animal. As duas últimas, c) e d), por sua vez, são específicas do ser humano. São estas duas últimas características que nos permitem ser "... we are by nature uncorrupted and good, and the difference between vice and virtue arises from differences in the environment with we interact. Whilst our free will remains intact, our range of options is always limited ..." ⁴¹⁵.

⁴¹¹ Cfr. O'Hagan, Timothy, *Rousseau*, Routledge, London, 1999, p. XI. "... como um mero *literato*, um criador de sofismas, quem não queria – ou não podia – organizar o seu pensamento de maneira unificada e sistemática ...".

⁴¹² *Ibidem*. "... as pretensões de Rousseau à sistematicidade ...".

⁴¹³ *Ib.*, pp. XI – XII. "...o seu pensamento está unificado por um profundo naturalismo, porém ao mesmo tempo animado por uma poderosa e criativa tensão entre ideais conflitantes de como devemos viver ...".

⁴¹⁴ *Ib.*, p. XII. "É uma tentativa para mostrar a continuidade entre os seres humanos e os outros animais enquanto ao mesmo tempo nunca perdendo de vista o que os distingue de nós ...".

⁴¹⁵ *Ib.* "... por natureza incorruptos e bons, e a diferença entre vício e virtude emerge de diferenças no ambiente com que interagimos. Enquanto o nosso livre arbítrio permanece intacto, o nosso alcance de opiniões permanece limitado ...".

Avançando, acabará por defender, como tese central, que o pensamento de Rousseau é percorrido desde o seu início por uma tensão sistemática, baseada em dois ideais distintos relativamente ao modo como o ser humano deve viver: “Is it better to live a unified, integrated life in which inner tensions and conflicts are at a minimum and the goal is happiness? Or is it better to live a life where the goal is self-mastery, and where conscience and duty are necessarily at odds with passion and desire?”⁴¹⁶.

A nossa posição é a de que Rousseau pretende chegar mais longe do que onde O’Hagan afirma ele querer ir. Rousseau, em nossa modéstia opinião, pretende uma efectiva recriação do Homem, do ser humano. Mas em que termos? Nos que resultam da síntese entre o Homem natural e o cidadão ou Homem civil. Assim, se O’Hagan realiza um primeiro movimento interpretativo que, correctamente, coloca o ser humano numa linha de continuidade com os outros animais, porém salvaguardando a sua diferença específica, e que corresponde a uma tentativa, por parte de Rousseau, de, como ele, O’Hagan, diz, mostrar a continuidade entre os seres humanos e os outros animais enquanto ao mesmo tempo nunca perdendo de vista o que os distingue de nós, em nosso entender, é igualmente necessário operar um segundo movimento interpretativo que dê continuidade ao primeiro: na tentativa de mostrar a diferença específica do ser humano é importante nunca perder de vista a sua natureza geral. É preciso não criar uma separação irrecuperável entre estes dois planos. Nesse caso, as tensões e conflitos internos a que O’Hagan se refere só se verificam se for de todo impossível conciliar o Homem natural, em que as características da preservação e da compaixão são mais evidentes, com o Homem civil ou cidadão, em que o mesmo sucede com o livre arbítrio e a perfectibilidade.

A nossa perspectiva é a de que Rousseau apresenta, é certo, a felicidade como desígnio da natureza humana, cuja busca é inteiramente irreprimível, mas sem defender que, para obtê-la, a escolha tenha obrigatoriamente de ser entre a consciência e o dever, por um lado, e o desejo e as paixões, por outro, vectores estes cuja conciliação é, não só possível, como imprescindível. A recriação do Homem terá de ser feita, pois, em Rousseau, nestes termos. Mais especificamente, como? Quanto a nós, através da figura do solitário, a qual não se confunde nem só com o homem

⁴¹⁶ Ib. “É preferível viver uma vida unificada e integrada e em que as tensões e os conflitos interiores estão a um mínimo e o objectivo é a felicidade? Ou é preferível viver uma vida onde o objectivo é o auto-controle, e onde a consciência e o dever estão necessariamente em conflito com a paixão e o desejo?”.

natural, nem só com o civil. Rousseau recria o humano na figura do solitário. O que quer dizer, em última análise, que esse homem é o próprio Rousseau, como espécie de universal concreto, e, que, conseqüentemente, a sua obra é ostensivamente autobiográfica⁴¹⁷.

2. Agrupamento biográfico e categorial: a obra ao ritmo da vida

Se em Rousseau há sistema, esse sistema é a sua vida, não uma construção abstracta. A sua obra, e o significado que lhe pertence, não pode ser dissociada do momento em que foi produzida. A relação entre a obra e o contexto biográfico em que ela é produzida é absolutamente essencial para uma compreensão integral e plena. Optámos, assim, por organizá-la de acordo com um triplo critério: primeiro, o de um respeito pela fase da vida em que os textos foram produzidos⁴¹⁸; segundo, o da ordenação categorial desses textos, dentro de cada uma dessas diferentes fases⁴¹⁹; terceiro, dentro de cada divisão categorial, a data do ano em que foi concluída

⁴¹⁷ Santiago Gonzalez Noriega, a este propósito escreve: "La autobiografía, por el contrario, no pretende tanto narrar acontecimientos o sucesos de la vida del autor (su actuación política, sus relaciones mundanas, sus viajes, sus luchas) cuanto trazar la trayectoria interior de un alma (la génesis de su carácter, su formación intelectual, sus gustos y preferencias, sus amores, sus lecturas) y abrir la intimidad del autor o la de otros seres con los que entra en comunicación por medio del libro. En la autobiografía es fundamental la búsqueda de una ley de inteligibilidad del ser propio: un orden, una estructura que se extraen del devenir caótico y plural de una vida y que la investigación descubre como verdad *personal* del autor. Cómo soy, qué fue mi vida, cómo he llegado a ser el que ahora soy: la autobiografía narra una génesis, uno por uno mismo, conocimiento no de lo otro, sino de lo más íntimo y más próximo, y tantas veces también lo más ignorado, quizá precisamente por ser lo más próximo ..." (cfr. Noriega, Santiago Gonzalez, "La Obra Autobiografica de Rousseau", *In Cuadernos Hispano Americanos*, Vol. 3/ N°375/ Septiembre, Instituto de Cooperación Iberoamericana, Madrid, 1981, pp. 506 – 507).

⁴¹⁸ Naturalmente não estabeleceremos aqui periodos estanques.

⁴¹⁹ Decidimos seguir a opção de divisão categorial que é apresentada nas *Oeuvres Complètes* da Bibliothèque De La Pléiade das Éditions Gallimard. Não há, como é óbvio, em Rousseau, uma única categoria de textos, nem sequer uma categoria principal em torno da qual se agrupem, de forma hierárquica, as outras. Há categorias soltas: escritos autobiográficos (Vol. I); obras literárias, subdividindo-se em: teatro, bailados, pastorais, poesias, contos e apólogos, textos de literatura e de moral, (Vol. II); escritos políticos (Vol. III); escritos sobre educação e moral (Vol. IV); escritos sobre música, língua e teatro (Vol. V). Ressalve-se, ainda, que, a certos periodos, correspondem certas categorias, enquanto que a outros correspondem outras, não havendo, por isso, qualquer tipo de homogeneidade categorial. Há ainda, textos que, aparecendo enquadrados numa destas categorias, não lhe pertencem de um modo evidente, como é o caso dos textos sobre assuntos científicos. Assim, se é verdade que, na exposição, seguiremos fundamentalmente o modelo categorial, não se estranhe um que outro pequeno desvio que se justifica para manter o rigor de adequação entre o título de uma secção e o seu conteúdo. Refira-se, ainda, sobre o epistolário, que nem todas as cartas escritas por Rousseau constituem, na economia do seu pensamento, uma fonte de nova informação. Com efeito, no que concerne às cartas que consultámos, elas mostram que servem mais como pretexto para o autor manter um diálogo constante com os seus interlocutores e, desse modo, são apenas mais um meio para reforçar as suas ideias. Assim, não nos parece ser necessário analisar o epistolário rousseaneano enquanto instrumento fornecedor de novas informações sobre as ideias educacionais e/ou filosóficas.

a redacção do texto em causa. Dividimo-la, então, em quatro grandes períodos, como dissemos. Um primeiro período, que designamos por precoce, que vai de 1728 a 1748. Um segundo período, nostálgico, que vai de 1749 a 1756. Um terceiro período, de esperança, que vai de 1756 a 1762. E, por fim, um quarto período, de desencanto, que vai de 1763 e 1778.

O motivo porque designamos o primeiro período por precoce tem a ver com o facto de, nele, se manifestarem já todas as ideias básicas que futuramente irão ser desenvolvidas pelo nosso autor. Essas ideias surgem, por assim dizer, de um modo essencialmente espontâneo, mas revelando já uma grande preocupação com a condição humana e com os problemas que a afligem. Mesmo na sua espontaneidade elas não deixam de apontar para o seu carácter alicerçante.

O segundo período é nostálgico porque Rousseau tem o propósito de resgatar a natureza humana, a qual está esquecida. Trata-se de recuperar tudo aquilo de que o homem se esqueceu ao longo do processo histórico. É nesse esquecimento que está a origem, não só da sua queda, como de todos os males de que a vida em sociedade padece. Não se trata de um regresso ao passado: não só isso não é, em termos práticos, possível, como a evolução histórica do ser humano fez com que ele irremediavelmente se afastasse de um tempo originário. É porque está ciente disso que Rousseau é nostálgico. A nostalgia é a marca da impossibilidade de um regresso, não o de um desejo insensato pelo reviver de um passado alcançável no futuro. Um exercício de memória, que se confunde com o de um auto-conhecimento, é, nesse caso, tudo o que resta a recuperar: não a materialidade de um tempo mítico e irrecuperável, mas o seu mero relembrar. Para Rousseau, a natureza humana torna-se conhecida empreendendo um tal exercício de memória, conspicuamente próximo da anamnese platónica²⁰. A natureza humana é, por conseguinte, a memória de uma época primordial, prévia à História e aos seus diversos processos de corrupção.

Facilmente se percebe, então, por que motivo o terceiro período é de esperança. Rousseau pretende erigir um sistema filosófico com repercussões a todos os níveis: social, político, educacional e moral. Pensa elaborar um quadro conceptual que permita ao homem conciliar a sua situação actual, resultante do processo histórico, decaída e desnaturada, com a posição que foi esquecida, de um estado primeiro e originário, para dessa forma reatualizar o

²⁰ Cfr. Platão, *Ménon*, 80e-86c.

humano no homem. Erige um sistema que tenta um compromisso entre o homem natural e o cidadão. Mas a consequência final desse sistema, a sua conclusão teleológica superlativa, é, não a figura do cidadão, a qual permanece forçosamente amnésica, de um humano desnaturado, mas a do solitário. O solitário é, não quem regressa a um passado absoluto e pré-histórico, tarefa impossível, mas quem, através de um processo correspondente ao de uma aprendizagem, ao contrário do cidadão, se pôde lembrar da sua natureza humana esquecida, obtida num tempo antes da história. Dito de outra forma, o solitário é unicamente aquele que aprendeu a sê-lo. Ser solitário não significa, para Rousseau, abdicar da sociedade. Significa não reduzir o homem, enquanto cidadão, a uma função na sociedade. O que não devemos é considerar que a sociedade, a relação institucionalmente medida com os outros, feche em si toda a possibilidade do humano.

O quarto período, de desencanto, surge quando Rousseau se apercebe do carácter impositivo da sociedade e de como ela circunscreve impropriamente o humano à figura do cidadão, remetendo-o a um estado de irrecuperável esquecimento. Esse carácter fechado e totalitário que caracteriza a sociedade, o estado civil, e que leva à atrofia do indivíduo, só plenamente expressa pelo solitário, levou a que Rousseau fosse obrigado a dela afastar-se; primeiro por coacção externa, depois por opção própria. O desencanto do autor dirige-se aos outros homens; ele nunca afirmou estar desencantado com a natureza humana, que só deve ser reconhecida enquanto tal, mas com a auto-cegueira que os seus contemporâneos manifestam face a ela. Assim se explica, no final da sua vida, a sua atitude de constante suspeita face aos outros e a sua obsessão com a conspiração.

3. Da história das principais edições à edição seleccionada

Rousseau sempre pretendeu garantir independência económica para si e para Thérèse. Isso passava por ter uma reforma decente, pelo que planeou rever e organizar as suas obras de forma a publicá-las numa edição completa. De acordo com R. Birn, que faz uma apresentação da

história das diferentes edições das obras completas de Rousseau, ela passa por cinco fases, a que correspondem cinco editores diferentes⁴²¹.

Um dos primeiros editores foi Marc-Michel Rey⁴²², que publicou as *Oeuvres diverses*, em três volumes, em 1762. Os textos de *La Nouvelle Héloïse*, do *Emile*, da *Lettre à Christophe de Beaumont* e das *Lettres écrites de la montagne* foram, dois anos mais tarde, inseridos nessa publicação. O *Dictionnaire de musique* foi incluído em 1769, fazendo com que a edição de Rey perfizesse onze volumes. Mas, afirma Birn, Rousseau fica descontente "... e reserva os direitos de propriedade para toda a futura "coleção completa" [et réserve les droits de propriété pour toute future «collection complète»] ..." ⁴²³. Apesar disso, em 1772, 1773 e 1776 Rey reimprimirá as *Oeuvres de M. Rousseau*.

Em 1761 Rousseau assinou um contrato com Nicolas-Bonaventura Duchesne relativo ao *Emile*, que fez com que o editor parisiense tivesse "... uma «preferência» vagamente formulada para uma edição geral ..." ⁴²⁴. As *Oeuvres de M. Rousseau de Genève* foram publicadas, então, entre 1764 e 1769, por Duchesne, em nove volumes, deles não constando, porém, o *Emile*. Diz Birn que "... as *Oeuvres* traziam a falsa morada de Neuchâtel. Rousseau recusa considerar a edição Dushesne como a edição definitiva que ele havia aspirado ..." ⁴²⁵.

Durante o exílio de Rousseau em Môtiers, o livreiro Samuel Fauche propôs a publicação de uma edição completa, supervisionada pelo próprio autor. Pierre-Alexandre DuPeyrou um amigo de Rousseau, participou neste projecto, aconselhando-o e oferecendo-lhe apoio financeiro. Mas, devido à condenação das *Lettres écrites de la montagne*, a pedido do próprio DuPeyrou, o projecto fica suspenso. Outras tentativas de publicação foram, entretanto, feitas. Por exemplo, a de J.-L. Boubers, com a *Collection complète des oeuvres de J.-J. Rousseau*. É aqui que aparece pela primeira vez publicada a correspondência entre Rousseau e Madame de Warens.

⁴²¹ Cfr. Birn, R., "Oeuvres Complètes (Histoire Des)", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*. Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, pp. 657 - 658.

⁴²² "Né à Genève en 1720, Marc-Michel Rey y avait appris son métier avant de s'installer à Amsterdam : il deviendra le principal éditeur de Rousseau et lui témoignera plus d'une fois une réelle amitié ..." (cfr. Trousson, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*, Éditions Hachette, La Flèche, 1993, p. 133).

⁴²³ Cfr. Birn, R., "Oeuvres Complètes (Histoire Des)", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*. Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 657.

⁴²⁴ Ibidem.

⁴²⁵ Ib..

Se levarmos em conta o que é dito por Birn, a edição que estaria finalmente de acordo com os desejos do autor só viria a lume depois da sua morte. Trata-se da edição do marquês R.-L. de Girardin, de P.-C. Moultoy e de DuPeyrou, publicada sob a designação de *Collection complète*⁴²⁶: “Publiée de 1779 à 1782, la *Collection complète* comprenait pour la première fois *Les Confessions* (première partie), les *Rêveries du Promeneur solitaire*, les *Considerations sur le gouvernement de Pologne*, quelques oeuvres mineures et une importante correspondance. C’était une expérience littéraire importante, une sorte d’«autobiographie totale», la correspondance privée de Rousseau complétant ses écrits publics ...”⁴²⁷.

A primeira edição parisiense surgiu durante a Revolução Francesa e era da responsabilidade de Louis-Sébastien Mercier, Pierre Le Tourneur e Gabriel Brizard. A publicação esteve a cargo de Claude Poinçot. Trata-se da edição que apresenta Rousseau “... comme le père de la Révolution ...”⁴²⁸. Em 1861, a casa Hachette publicou aquela que se tornaria na primeira edição normativa das obras: “Imprimée en 13 volumes in-18, les *Oeuvres complètes de J.-J. Rousseau* contenaient les importantes additions de G. Streckeisen-Moultoy ...”⁴²⁹.

Mas, devido a uma crescente complexidade textual, bibliográfica e literária, a edição da Hachette, com o decorrer do tempo, tornou-se insuficiente. Foi então que, em 1959, respeitando integralmente a grafia original de Jean-Jacques Rousseau⁴³⁰, surgiu a edição De La Pléiade, da Gallimard, que pretendia fornecer uma resposta mais adequada ao nível da análise crítica e

⁴²⁶ “Chacun de ces trois disciples détenait des manuscrits revus par Rousseau, ainsi que des copies de sa correspondance personnel. Girardin ratissa l’Europe pour découvrir d’autres manuscrits et lettres. Écartant les prétentions d’éditeurs comme la veuve de Duchesne, Marc-Michel Rey et la Société typographique de Neuchâtel, les trois disciples vendirent les droits de la *Collection complète* à un consortium de jeunes entrepreneurs genevois ...” (Ib., pp. 657-658).

⁴²⁷ Ib.. “Publicada de 1779 a 1782, a *Collection complète* compreendia pela primeira vez *Les Confessions de J.-J. Rousseau* (primeira parte), as *Rêveries du Promeneur solitaire*, as *Considerations sur le gouvernement de Pologne*, algumas obras menores e uma correspondência considerável. Era uma experiência literária importante, uma espécie de autobiografia total, a correspondência privada de Rousseau completando os seus escritos públicos ...”.

⁴²⁸ Ib.. “... como o pai da Revolução ...”.

⁴²⁹ Ib.. “Imprimada em 13 volumes in-18, as *Oeuvres complètes de J.-J. Rousseau* contém as importantes adições de de G. Streckeisen-Moultoy ...”.

⁴³⁰ Sobre este assunto escreve Bernard Gagnebin: “Désirant donner enfin une édition absolument fidèle aux divers manuscrits et nous conformant aux principes adoptés pour les éditions critiques, nous avons décidé de respecter scrupuleusement l’orthographe de l’auteur. Anachronismes, incohérences, provincialismes ont été soigneusement recueillis. Rousseau tenait à son orthographe, à certains formes désuètes ou populaires. Il l’a dit et répété maintes fois à ses imprimeurs. On trouvera donc cette édition, et parfois à la même page, des orthographes différentes pour le même mot (...). Toutes ces singularités figurent dans la présente édition (...). A ces quelques exceptions près (et on reconnaîtra qu’elles ne sont pas nombreuses), l’édition que nous publions est entièrement conforme aux manuscrits de Jean-Jacques Rousseau ...” (Gagnebin, Bernard, *Note sur L’Établissement du Texte*, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. XCVII – XCIX).

científica. O trabalho crítico desta edição foi da responsabilidade de Bernard Gagnebin e de Marcel Raymond. Os quatro primeiros volumes apareceram entre 1959 e 1969. Um quinto em 1995. Tornando-se esta na nova edição normativa, adoptada actualmente pelos especialistas em Rousseau, é a ela que aqui recorreremos.

II. PERÍODO PRECOCE (1728 - 1748)

1. Obras Literárias

1.1. Poesias

1.1.1. *Le verger de Madame la Baronne de Warens (1738)*⁴³¹; *Épître à M. Bordes (1741)*⁴³², *Épître à Monsieur Parisot (1742)*⁴³³

A poesia de Rousseau revela o escritor precoce. Daí a sua qualidade algo imberbe⁴³⁴. Com efeito, é o próprio a reconhecer a fraca qualidade das suas poesias quando, a propósito de uma sátira dirigida ao coronel Godard, afirma: “Cette petite pièce, mal faite, à la vérité, mais qui ne manquoit pas de sal, et qui annonçoit du talent pour la satyre, est cependant le seul écrit satyrique qui soit sorti de ma plume ...”⁴³⁵.

Embora em 1737 *Le Mercure de France* publique a balada *Un papillon caressoit une rose*, só em 1739 é que é imprimido, separadamente, um poema seu, o *Le verger de Madame la Baronne de Warens*. A atitude crítica⁴³⁶ de Rousseau, porém, mantém-se quanto à qualidade do poema: “De frequentes répétitions dans les pensées et même dans les tours, et beaucoup de

⁴³¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Le verger de Madame la Baronne de Warens”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1123.

⁴³² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Épître à M. Bordes”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1130.

⁴³³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Épître à Monsieur Parisot”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1136.

⁴³⁴ Diz Charly Guyot: “Les *Poésies* de Rousseau, qui donc les lit encore aujourd’hui? Et si, d’aventure, on s’y applique, le plaisir, il faut reconnaître, est médiocre (...). Jean-Jacques ne fut jamais, de son propre aveu, qu’un assez piètre versificateur ...” (cfr. Guyot, Charly, “Ballets. Pastorale. Poésies. Contes et Apologues. Mélanges de Littérature et de Morale” in *Jean-Jacques Rousseau: Œuvres complètes* Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. XCI).

⁴³⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J. Rousseau”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 161 – 162. “Essa pequena peça, mal feita, mas a que não falta sal, e que anuncia um talento para a sátira, é todavia o único escrito satírico que saiu da minha pena ...”.

⁴³⁶ *Ibidem*, p. 157. Escreve o autor: “J’ai fait de tems en tems quelques médiocres vers; c’est un exercice assez bon pour se rompre aux inversions élégantes et apprendre à mieux écrire en prose ...”. “Fiz de tempos a tempos alguns versos mediocres; é um exercício muito bom para cortar com as inversões elegantes e melhor aprender a escrever em prosa ...”.

négligence dans la diction, n'annoncent pas un homme fort empressé de la gloire d'être un bon Poète ..."⁴³⁷.

Atente-se, entretanto, ao conteúdo motor do poema. Encontrar-se-ão, imediatamente, muitos dos temas privilegiados pelo nosso autor: "Verger cher à mon coeur, séjour de l'innocence/Honneur des plus beaux jours que le ciel me dispense/Solitude charmante, Azile de la paix/Puissai-je, heureux verger, ne vous quitter jamais ..."⁴³⁸.

Motivos como a inocência, a solidão e a paz sobressaem aqui de forma clara. Assim como sobressai um prevalecte sentimento nostálgico, determinante para a configuração do seu pensamento sistemático⁴³⁹. Rousseau remodelou e aumentou o poema em 1742, reaparecendo numa colectânea intitulada *La muse allobroge ou les oeuvres du petit poucet*. Este manuscrito contém, também, pequenos fragmentos de poemas, tais como *Épître à M. Bordes* de 1741 e *Épître à Monsieur Parisot* de 1742. A este conjunto junta-se ainda *Vers à la louange des religieux de la grande chartreuse*. Atente-se igualmente à motivação do seu conteúdo. Na *Épître à M. Bordes*, escreve:

**"O vous qui dans le sein d'une humble obscurité
Nourrissez les vertus avec la pauvreté,
Dont les désirs bornés dans la sage indigence
Méprisent sans orgueil une vaine abondance,
Restes trop précieux de ces antiques tems
Où des moindres apprêts nos ancêtres contens,
Recherchés dans leur mœurs, simples dans leur parure,
Ne sentoient de besoin que ceux de la nature ;
Illustres malheureux, quels lieux habitez-vous ?
Dites, quels sont vos noms? Il me sera trop doux
D'exercer mes talents à chanter votre gloire,
A vous éterniser au temple de mémoire (...);**

⁴³⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Le verger de Madame la Baronne de Warens", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1123. "Frequentes repetições nos pensamentos e mesmo nas dobragens, e muita negligência na dicção, não anunciam um homem muito solícito pela glória de ser um bom Poeta ...".

⁴³⁸ Ibidem, p. 1124. "Pomar querido ao meu coração, domicílio da inocência/Honra dos mais belos dias que céu me dispensa/Solidão aprazível, asilo da paz/Possa eu, feliz pomar, não vos abandonar jamais ...".

⁴³⁹ Afirma Trousson, a propósito do poema: "C'est une célébration conventionnelle de la solitude et de la simplicité, de la vertu ..." (cfr. Trousson, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*, Éditions Hachette, La Flèche, 1993, p. 63).

**Mais pourquoi m'occuper d'une vaine chimère?
Il n'est pas de sagesse où règne la misère ;
Sous le poids de la faim le mérite abattu
Laisse en un triste cœur éteindre la vertu.
Tant de pompeux discours sur l'heureuse indigence
M'ont bien l'air d'être nés du sein de l'abondance :
Philosophe commode, on a toujours grand soin
De prêcher les vertus dont on n'a pas besoin.**

(...)

**Non, célébrons plutôt l'innocent industrie
Qui sait multiplier les douceurs de la vie,
Et, salubre à tous dans ses utiles soins,
Par la route du luxe apaise les besoins,
C'est pour cet art charmant que sans cesse enrichie,
On voit briller au loin ton heureuse patrie.
Son Commerce en tous lieux, et toujours respecté,
Fait un des forts liens de la Société ;
Et dans tout l'Univers sa fertile abondance
Va porter la parure et la magnificence ..."⁴⁴⁰.**

E na *Épître à Monsieur Parisot* :

"Tous les plaisirs du goût, le charme des beaux arts,

⁴⁴⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Épître à M. Bordes", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, pp. 1131 - 1132. "Ó vós que no seio de uma humilde obscuridade/Alimentais as virtudes com a probeza/Desprezais sem orgulho de uma vã abundância/*Restos bem preciosos desses tempos antigos*/Onde com mínimos artificios os nossos antepassados felizes/Sábios nos seus costumes, simples no seu adorno/Não sentem necessidades que não as da natureza/Ilustres infelizes, que lugar habitais vós?/Dizei, quais são os vossos nomes? Ser-me-á bem doce/Praticar os meus talentos a cantar a vossa glória/A vos eternizar no templo da memória/E quando os meus fracos versos a tal não bastarem/Esse nome tão respeitado saberão conservá-los/Mas porquê ocupar-me de uma vã quimera?/Não há sabedoria onde reina a miséria/Sobre o peso da fome o mérito caído/Deixa aí um triste coração escutar a virtude/Tantos discursos pomposos sobre a feliz indigência/Têm bem ar de terem nascido no seio da abundância/Filósofo cómodo, tem-se sempre o grande cuidado/De pregar as virtudes de que não se necessita/Não, celebremos antes a inocente indústria/Que sabe multiplicar as doçuras da vida/E, salutar a todos nos seus cuidados úteis/Pelo caminho do luxo apazigua as necessidades/É por essa arte aprazível que sem cessar se enriquece/Vemos brilhar ao longe a tua pátria feliz/seu Comércio em todos os lugares, e sempre respeitada/E em todo o Universo a sua fértil abundância/Transporta o ornamento e a magnificência ...".

**A mes yeux enchantés brillent de toutes parts.
Ce n'est pas, cependant, que mon ame égarée
Donnât dans les travers d'une molesse outrée
L'innocence est le bien le plus cher à mon cœur,
La débauche et l'excès sont des objets d'horreur :
Les coupables plaisirs sont les tourments de l'ame
Ils sont trop achetés s'ils sont dignes de blâme.
Sans doute, le plaisir pour être un bien réel
Doit rendre l'homme heureux et non pas criminel :
Mais il n'est pas moins vrai que de notre carrière
Le Ciel ne défend pas d'adoucir la misère.
Et pour finir ce point trop longtemps débattu
Rien ne doit être outré, pas même la vertu ..."⁴⁴¹.**

No *Épître à M. Bordes*, Rousseau procura deliberadamente encontrar-se como escritor⁴⁴². Mas há um aspecto para nós ainda mais essencial: o de que já é possível recuperar destes poemas, enquanto motivos dominantes, os temas que o nosso autor futuramente privilegiará. Eles encontram-se todos lá, ainda que germinalmente. Mais tarde serão organizados em sistema. Tal, porém, ocorre a partir de um movimento de renúncia. Renúncia a quê? Aos sentimentos espontâneos, a um estado de inocência primitivo, e mesmo até à natureza.

⁴⁴¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Épître à Monsieur Parisot", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1141. Todos os prazeres do gosto, o charme das belas artes/A meus olhos encantados brilham de toso os lados/Não é, todavia, que a minha alma extraviada/Oferecida aos obstáculos de uma moleza exagerada/A inocência é o bem mais caro ao meu coração/deboche e os excessos são objectos de horror/Os culpados prazeres são os tormentos da alma/Eles são demasiado dispendiosos se são dignos de culpa/Sem dúvida, o prazer para ser um bem real/Deve tornar o homem feliz e não criminoso/Mas não é menos verdde de da nossa/Céu não cessa de adoçar a miséria/A para concluir este ponto demaisadamente debatido/Nada deve ser desmedido, nem mesmo a virtude ...".

⁴⁴² "Le texte montre un auteur qui cherche encore sa voie. Rousseau se demande comment il pourrait réussir comme écrivain, quand sa «muse helvétique», qui ne lui dicte que la «triste vérité», doit révolter le lecteur ..." (cfr. Coleman, P., "Épître À M. Bordes", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 304).

1.1.2. *Vers à la louange des religieux de la Grand-Chartreuse* (1740)⁴⁴³, *L'Allée de Silvie* (1747)⁴⁴⁴

Em *Vers à la louange des religieux de la Grand-Chartreuse* a importância da natureza é bem patente:

**“Vieux sapins, qui voyés revivre l’innocence,
Que le monde autrefois connut dès sa naissance,
Cachés moi tellement sous un feuillage épais,
Que mon guide égaré ne me trouve jamais ...”⁴⁴⁵.**

A sua poesia, nos seus motivos e temas, revela um Rousseau já dividido, entre, por um lado, um desejo de pertença, enquanto cidadão, a uma sociedade virada para o progresso⁴⁴⁶ e, por outro, o afastamento dessa mesma sociedade, sentindo com nostalgia a falta de uma inocência perdida que continua a existir na natureza⁴⁴⁷. Pensamos poder afirmar que o pensamento de

⁴⁴³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Vers à la louange des religieux de la Grand-Chartreuse”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1120.

⁴⁴⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “L’Allée de Silvie”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1146.

⁴⁴⁵ Ibidem, p. 1121. “Velhos abetos, que vedes reviver a inocência/Que o mundo outrora conheceu desde a nascença/Esconde-me de tal forma sobre uma folhagem frondosa/Que o meu guia perdido não me econtre mais ...”.

⁴⁴⁶ De acordo com Trousson: “Il se surprend à célébrer «l’innocente industrie» qui multiplie «les douceurs de la vie», à penser que le luxe, le commerce et les arts ont du bon. Plus révélatrice encore, son *Épître à Monsieur Parisot ...*” (cfr. Trousson, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*, Éditions Hachette, La Flèche, 1993, p. 69). Ainda, e de acordo com Guyot: “Jean-Jacques pourra bien, pendant ses premières années parisiennes, tenter de s’incorporer, de s’adapter à cette civilisation raffinée, dont il a goûté, à Lyon déjà, les agréments ; bien vite, cependant, les «chimères» auxquelles, dans les *Épîtres à Bordes* et à Parisot, il croyait avoir renoncé s’imposeront à nouveau à son esprit et à son cœur avec la force d’irréfutables vérités ...” (cfr. Guyot, Charly, “Ballets. Pastorale. Poésies. Contes et Apologues. Mélanges de Littérature et de Morale” in *Jean-Jacques Rousseau: Œuvres complètes* Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. XCV).

⁴⁴⁷ Como afirma Guyot: “Déjà, dans ce poème, s’exprime le rêve du retour à la nature, d’une vie menée dans la solitude et l’innocence d’un monde primitif ...”. Mas no que se refere “... aux *Épîtres à Bordes* et à Parisot (...), elles sont significatives du débat qui agite, à ce moment, l’esprit et le cœur de l’écrivain. Lui, «fier républicain», qui rêvait d’un retour à la nature et à légalité primitive, le voici qui répudie son idéal, qui se déprend de cette «vaine chimère» ...” (Ibidem).

Rousseau tem a sua origem neste movimento contraditório⁴⁴⁸ de aproximação e afastamento entre sociedade e natureza; o que, por sua vez, levará à consolidação da figura do solitário⁴⁴⁹.

O mesmo padrão é reconhecível em *L'Allée de Silvie*. Por meio desse padrão a busca de um estado originário nunca deixará de estar associada, em Rousseau, a esse mesmo sentimento de nostalgia. Atente-se no *L'Allée de Silvie* e na sua recorrência motivadora⁴⁵⁰: "Douce et charmante rêverie/Solitude aimable et chérie/Puissiez-vous toujours me charmer ! /(...) Oh ! qu'avec moins de prévoyance/La vertu, la simple innocence/Font des heureux à peu de frais !" ⁴⁵¹.

1.2. Textos de Literatura e de Moral: *Sur l'éloquence* (1735)⁴⁵², *Idée de la méthode dans la composition d'un livre* (1745)⁴⁵³, *Un ménage de la rue Saint-Denis* (1735)⁴⁵⁴, *Sur les femmes* (1735)⁴⁵⁵, *Essai sur les événements importants dont les femmes ont été la cause secrète* (1745)⁴⁵⁶

Textos como *Sur l'éloquence*, *Idée de la méthode dans la composition d'un livre*, *Un ménage de la rue Saint-Denis*, *Sur les femmes*, *Essai sur les événements importants dont les*

⁴⁴⁸ Trousson escreve: "Son ame était pleine d'ombre. A quoi charger les moulins, ramer contre le courant, au lieu de s'adapter, de faire comme toute le monde ? Sa différence, qui un jour fera sa force, ne lui est encore qu'une entrave ..." (cfr. Trousson, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*, Éditions Hachette, La Flèche, 1993, p. 69).

⁴⁴⁹ Sobre isto escreve Luporini: "Rousseau juxtapose l'aspiration à s'insérer dans l'ordre établi et le souci de préserver son autonomie personnelle. Toutefois, Rousseau parviendra plus tard (1749) au succès en théorisant que c'est justement un tel ordre établi qui est d'obstacle au maintien d'une autonomie personnelle ..." (cfr. Luporini, "Épître à Monsieur Parisot", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 305).

⁴⁵⁰ "Et n'est-il pas frappant de voir, dans le poème de Chenonceaux, s'esquisser déjà le thème du bonheur goûté dans le présent, une fois écartés «les soins d'un douteux avenir ?" (cfr. Guyot, Charly, "Ballets. Pastorale. Poésies. Contes et Apologues. Mélanges de Littérature et de Morale" in *Jean-Jacques Rousseau: Œuvres complètes* Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. XCV).

⁴⁵¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "L'Allée de Silvie", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, pp. 1146 - 1147. "Doce e apazível devaneio/Solidão amável e querida/Podeis vós sempre encantar-me!/(...) Oh! que com menos de providência/A virtude, a simples inocência/Fazem felizes com pouco esforço!"

⁴⁵² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Sur l'éloquence", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1241.

⁴⁵³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Idée de la méthode dans la composition d'un livre", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1242.

⁴⁵⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Un ménage de la rue Saint-Denis", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1256.

⁴⁵⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Sur les femmes", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1254.

⁴⁵⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Essai sur les événements importants dont les femmes ont été la cause secrète", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1257.

femmes ont été la cause secrète são representativos, neste período, do agrupamento categorial dos textos literários. Os dois primeiros revelam uma preocupação com a composição literária, quer no que se refere às questões de carácter metodológico, quer no que se refere às consequências práticas do próprio discurso. Vejam-se, relativamente a esta observação, as seguintes linhas:

“Vous demandes pourquoi en certains tems l'éloquence tombe dans la corruption, et comment il arrive que les esprits se jettent dans le mauvais gout... pourquoi par exemple les figures hardies et outrées plaisent quelquefois – et que en d'autres tems on aime les discours brusques et équivoques qui laissent plus à entendre qu'ils ne disent... pourquoi il s'est vu des tems où l'on ne se faisoit aucune honte de commettre des injustices. Telle a été la vie d'un homme tels ont été ses discours. Quand l'esprit s'accoutume à mépriser les choses qui sont en usage, et à les regarder comme basses et viles, il prend aussi le gout du nouveau dans le discours ...”⁴⁵⁷.

Rousseau enfatiza, em tom crítico, a facilidade do discurso em ser vazio de conteúdo, tornando-se assim inútil. A passagem que se segue ilustra isto mesmo: “Et ce n'est pas un si grand défaut dans le discours d'employer des paroles pueriles ou mauvaises, et plus libres que la modestie ne le permet, que de se servir d'un stile trop fleuri et trop doux si d'ailleurs il ne signifie rien et ne peut produire aucun effet que le son même des paroles ...”⁴⁵⁸. Por isso, Rousseau sente-se compelido a definir de forma clara qual deve ser o propósito de se escrever um livro. Tal deve servir, sobretudo, para instruir o homem. Mas a que tipo de instrução é que o nosso autor se refere? Trata-se de o esclarecer relativamente às opiniões falsas mostrando-lhe como fundamentar a sua argumentação: “Quand on entreprend un Livre, on se propose d'instruire le public de

⁴⁵⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Sur l'éloquence”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1241. “Vocês perguntam porque em certas épocas a eloquência cai na corrupção, e como chega a acontecer os espiritos cederem ao mau gosto... porque por exemplo as figuras ousadas e excessivas agradam algumas vezes – e que em outras épocas gostamos dos discursos bruscos e equívocos que deixam mais a entender do que dizem... porque se viu épocas em que não se tinha qualquer vergonha em cometer injustiças. Assim era a vida de um homem assim eram os seus discursos. Quando o espírito se acostuma a apreender as coisas que estão em uso, e a olhar para elas como baixas e vis, ele toma também o gosto do novo no discurso ...”

⁴⁵⁸ *Ibidem*. “E não é um tão grande defeito empregar no discurso palavras pueris ou desagradáveis, e mais livres do que a modéstia permite, do que servir-se de um estilo demasiado florido e demasiado doce se por outro lado isso não significa nada e não pode produzir nenhum efeito a não ser som das próprias palavras ...”

quelque chose qu'il ne savoit pas, ce qui se fait en lui apprenant de nouvelles vérités, ou en le désabusant de quelques fausses opinions dont il étoit imbu ; en pareil cas, le devoir d'un auteur est d'expliquer d'abord le sentiment commun, de montrer sur quels fondemens il est appuyé, et par quelles armes il est défendu ..." ⁴⁵⁹.

Aparece aqui, pela primeira vez, um expediente retórico que irá surgir repetidamente na escrita do nosso autor. Rousseau interpela o leitor, instando-o a ser ele próprio o juiz daquilo que lê. Rousseau manifesta uma preocupação constante com o rigor e a verdade daquilo que escreve, deliberadamente construída para ser avaliada pelo leitor. Mas aparece também o que é o tema do *sentiment commun*⁴⁶⁰, que fundamenta a ideia de vontade geral, mais tarde desenvolvida em *Du contract social ou Principes du droit politique*. É apelando a este sentimento comum que o nosso autor começa a delinear os contornos de uma educação de índole pública. Contudo é necessário um trabalho prévio, a saber: uma investigação relativa à natureza humana, na medida em que, só assim, a educação pública será possível. De resto como afirma o nosso autor, "... je commencerois par examiner le peu que nous connoissons de l'esprit humain pris en lui-même et considéré comme individu, j'en tirerois en tâtonnant quelques connoissances obscures et incertaines ..." ⁴⁶¹. E continua Rousseau "... abandonnant bientôt ce ténébreux labyrinthe, je me hâterois d'examiner l'homme par ses relations, et c'est de la que je tirerois une foule de vérités lumineuses qui feroient bientôt disparoitre l'incertitude de mes premiers argumens et qui recevraient encore du jour par comparaison ..." ⁴⁶². *Un ménage de la rue Saint-Denis, Sur les*

⁴⁵⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Idée de la méthode dans la composition d'un livre", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1243. "Quando compomos um livro, propomo-nos instruir o público de qualquer coisa que ele não sabe, o que se produz nele sendo a apreensão de novas verdades, ou o desacostumá-lo de algumas falsas opiniões de que estava embuído; de maneira semelhante, o dever do autor é o de explicar desde logo o sentimento comum, de mostrar sob que fundamentos ele está apoiado, e por quais armas ele é defendido ..."

⁴⁶⁰ É importante enquadrar bem a ideia de *sentiment commun* na obra de Rousseau, pois permite-nos fazer uma análise hermenéutica dos seus textos, de acordo com uma perspectiva defendida por C.N. Dugan e Tracy B. Strong: "We might think of this as similar to what Wittgenstein calls grammar or as what Stanley Cavell has termed «categorical descriptives». Such terms function both normatively and descriptively, or, more accurately, they make such a distinction misleading. Such terms are not just right but are the very determinant of what it means to be right in a particular speech situation. They make speech possible. This is why, for Rousseau, the General Will is either right or does not exist ..." (cfr. Riley, Patrick, "Music, Politics, Theater, and Representation", in *The Cambridge Companion to Rousseau*, Cambridge University Press, UK, 2001, p. 331).

⁴⁶¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Idée de la méthode dans la composition d'un livre", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1245. "... começarei por examinar o pouco que conhecemos do espírito humano tomado por ele mesmo e considerado como individuo, e disso retirarei a tactear alguns conhecimentos obscuros e incertos ..."

⁴⁶² *Ibidem*. "... abandonemos logo esse labirinto tenebroso, apressarme-ei a examinar o homem pelas suas relações, e será daí que retirarei uma multidão de verdades luminosas que farão desde logo desaparecer a incerteza dos meus primeiros argumentos ..."

femmes e *Essai sur les événements importants dont les femmes ont été la cause secrète* são textos onde Rousseau estabelece uma comparação entre os sexos masculino e feminino. Em *Un ménage de la rue Saint-Denis* o autor resume a sua posição quando diz: “La femme fais plus de bruit, l’homme fait plus de mal ...”⁴⁶³.

Em *Sur les femmes* continua a sua exposição quanto àquilo que distingue os dois sexos. O autor chega mesmo a sublinhar a necessidade de se fazer “... le détail de la comparaison, et mettons par exemple en parallele Mithridate avec Zenobie, Romulus avec Didon (...) et tant d’autres Heroines de tous les tems avec les plus grands hommes, nous trouverons à la verité que le nombre de ceux-ci l’emporte infiniment mais en recompense nous verrons dans l’autre sexe des modèles aussi parfaits dans tous les genres de vertus civiles et morales ...”⁴⁶⁴.

Em *Essai sur les événements importants dont les femmes ont été la cause secrète*, Rousseau disserta sobre a capacidade que as mulheres têm para contornar e controlar diversas situações, temática esta que mais tarde desenvolverá em *Les Confessions de J.J. Rousseau*. A este respeito esclarece:

“On fait trop d’honneur aux hommes ou peut être quelquefois pas assés de mettre uniquement sur le conte de leur ambition, de leur courage, de leur amour pour la gloire, de leur vengeance ou de leur générosité la pluspart des action éclatantes qui font bruit dans l’histoire, et qui souvent n’ont d’autres principes que des passions qui pour être moins bruiantes à l’extérieur n’en produisent qui mieux à coup sur les grands hommes qu’elles en ont en effet ...”⁴⁶⁵.

⁴⁶³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Un ménage de la rue Saint-Denis”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1256. “A mulher faz mais barulho, o homem faz mais mal ...”.

⁴⁶⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Sur les femmes”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1255. “... o detalhe da comparação, e coloquemos por exemplo em paralelo Mitridate com Zenóbia, Rómulo com Díon (...) e tantas outras heroínas de todos os tempos com os homens mais grandes, encontraremos que em verdade o número destes é infinitamente maior mas em recompensa veremos no outro sexo modelos também perfeitos em todos os géneros de virtudes civis e morais ...”

⁴⁶⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Essai sur les événements importants dont les femmes ont été la cause secrète”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, pp. 1257 - 1258. “Conferimos demasiada honra aos homens ou pode ser que algumas vezes não o suficiente para o fazer unicamente a partir da sua ambição, da sua coragem, do seu amor pela glória, da sua vingança ou da sua generosidade a maior parte das acções ruidosas que fazem barulho na história, e que muitas vezes não têm outros princípios que paixões que para serem menos ruidosas no exterior não produzem ao acaso sobre os grandes homens do que elas têm na realidade ...”

1.3. Bailados e Pastorais: *Les Muses galantes* (1745)⁴⁶⁶, *Les Festes de Ramire* (1745)⁴⁶⁷

Les Muses galantes e *Les Festes de Ramire*⁴⁶⁸ são obras que se enquadram no agrupamento categorial dos Bailados e das Pastorais. No bailado heróico *Les Muses galantes*⁴⁶⁹ é possível encontrar alguns motivos que nos interessam, quer na primeira, quer na quarta cena. Atenemos, então, na seguinte passagem da primeira cena: “Naissez divins Esprits, naissez fameux Heros/Brillez par les beaux arts, brillez par la victoire/Méritez d’être admis au Temple de Mémoire:/Nous reservons à votre gloire/Un prix digne de vos travaux ...”⁴⁷⁰.

Vejamos, ainda, este excerto da quarta cena: “Où suis-je ? Quel réveil ? Quel nouveau feu m’inspire?/Quel nouveau jour me luit ? Tous mes sens sont surpris !... (Il aperçoit la Lyre.)/Mais quel prodige étonne mes esprits ? (Il la touche, et elle rend des sons.)/Dieux ! quels sons éclatans partent de cette Lyre !/D’un transport inconnu j’éprouve le délire !/Je forme sans effort des chants harmonieux !/Lyre ! ô cher présent des Dieux !/Déjà par ton secours je parle leur langage./Le

⁴⁶⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Muses galantes”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1049.

⁴⁶⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Festes de Ramire”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1079.

⁴⁶⁸ “Une édition des *Oeuvres complètes* de J.-J. Rousseau se devait de donner le livret des *Muses Galantes* et des *Fêtes de Ramire* ; mais, sans la musique pour laquelle ils furent composés, ces textes n’offrent qu’un faible intérêt ...” (cfr. Guyot, Charly, “Ballets. Pastorale. Poésies. Contes et Apologues. Mélanges de Littérature et de Morale” in *Jean-Jacques Rousseau: Œuvres complètes* Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. XCIV). Repare-se como Paquette não partilha da mesma opinião: “Dans cet acte, quelque peu autobiographique, Rousseau prend les traits d’Hésiode, découvre la lyre magique qui lui permet d’être aimé d’Euterp et vainc ses rivaux puisque l’instrument lui fait découvrir ses propres dons ...” (cfr. Paquette, “Muses (Les) Galantes”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 634).

⁴⁶⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Muses galantes”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1051. Sobre este bailado escreve Rousseau: “Cet ouvrage est si médiocre en son genre, et le genre en est si mauvais, que pour comprendre comment il m’a pu plaire, il faut sentir toute la force de l’habitude et des préjugés. Nourri dès mon enfance dans le goût de la Musique françoise et de l’espèce de Poésie qui lui est propre, je prenois le bruit pour de l’harmonie, le merveilleux pour de l’intérêt, et des chansons pour un Opéra. En travaillant à celui-ci je ne songeai qu’à me donner des paroles propres à déployer les trois caractères de musique dont j’étois occupé ; dans ce dessein je choisis Hésiode pour le genre élevé et fort, Ovide pour le tendre, Anacreon pour le gai ...”. “Essa obra é tão mediocre no seu género, e o género é tão mau, que para compreender como ela me pôde agradar, é preciso perceber toda a força do hábito e dos preconceitos. Nutrido desde a minha infância no gosto pela Música francesa e do tipo de poesia que lhe é próprio, eu tomei o barulho pela harmonia, o deslumbrante pelo interessante, e as canções por Opéra. Ao trabalhar nesta eu não sonhava senão encontrar as palavras adequadas aos três caracteres de música com que me ocupei; nesse esquema escolhi Hésiodo para o género elevado e forte, Ovidio para o terno, Anacreonte para o alegre ...”.

⁴⁷⁰ *Ibidem*, p. 1053. “Nascei divinos Espíritos, nascei famosos Heróis/Brilhai pelas belas artes, brilhai para a vitória/Merecei de serdes admitidos no Templo da Memórias:/Nós reservaremos à vossa glória/Um preço digno dos vossos trabalhos ...”.

plus puissant de tous excite mon courage,/Je reconnois l'Amour à des transports si beaux/Et je vais triompher de mes jaloux Rivaux ..."⁴⁷¹.

A importância do passado é aqui notória. Na primeira passagem, Rousseau justifica o canto de Apolo e das Musas acerca dos feitos dos heróis, os quais, em virtude dos seus trabalhos valorosos, merecem ser admitidos no templo da memória. O uso desta expressão é, aliás, frequente em Rousseau. O nosso autor usa-a para fazer lembrar aos contemporâneos aquilo que a história os fez esquecer. Na segunda passagem, o que ele descreve estar a acontecer a Hesíodo, um despertar que o faz olhar com novos olhos para o mundo circundante sendo, dessa forma, impelido a colocar sucessivas perguntas de carácter fundamental quanto à sua situação, é aquilo que Rousseau pretende que aconteça aos outros homens. Esquecer é o mesmo que estar a dormir. Despertar é lembrar o que se esqueceu. Se a lira é, em *Les Muses galantes*, o instrumento responsável pelo despertar de Hesíodo para a verdadeira realidade, face à qual ele estava adormecido, o instrumento que Rousseau irá posteriormente propor para empreender esse despertar é a educação. Pela educação, Rousseau quer levar o homem a despertar para a sua verdadeira natureza, mantida oculta por um manto de esquecimento histórico, de artificialidade.

⁴⁷¹ Ib., p. 1060. "Onde estou eu? Que despertar? Que novo fogo me inspira? Que novo dia me ilumina? Todos os meus sentidos estão surpreendidos!... (apercebe-se da Lira.)/Mas que prodigio espanta os meus espiritos? (ele toca-a, e ela emite sons.)/Deus! que sons ruidosos saiem desta Lira!/ Por um transporte desconhecido exprimento o delírio!/Formo sem esforço sons harmoniosos!/Lira! ò caro presente dos Deuses!/Já pelo teu auxilio eu falo a sua linguagem./O mais potente de todos excita a minha coragem, /Reconheço o Amor nos transportes mais belos/E vou triunfar sobre os meus Rivais invejosos ...".

1.4. Textos de Teatro

1.4.1. *Iphis* (1740)⁴⁷², *Arlequin amoureux malgré lui* (1747)⁴⁷³, *La Découverte du nouveau monde* (1741)⁴⁷⁴, *Les Prisonniers de guerre* (1743)⁴⁷⁵

Desde muito cedo que Rousseau manifestou interesse pelo teatro⁴⁷⁶. Como o próprio afirma, "... quelques tomes de Molière, furent transportés dans le cabinet de mon pere, et je les lui lisois tous les jours durant son travail ..." ⁴⁷⁷. Ou ainda: "Au lieu de me livrer au desespoir, je me livrai tranquillement à ma paresse et aux soins de la providence, et pour lui donner le tems de faire son œuvre, je me mis à manger sans me presser quelques Louis qui me restoient encore, réglant la dépense de mes nonchalans plaisirs sans la retrancher, n'allant plus au caffè que deux jours l'un, et au spectacle que deux fois la semaine ..." ⁴⁷⁸.

Rousseau escreveu ou fez o esboço de sete peças, publicando uma, o *Narcisse ou L'Amant de lui-même*. Dos outros seis manuscritos, dois foram publicados em 1776, de acordo com as palavras de Scherer "... dans une édition dont Rousseau s'est désintéressé ..." ⁴⁷⁹. As outras quatro peças só foram conhecidas após a sua morte⁴⁸⁰. Das sete peças, três ficaram inacabadas, duas, ainda que completas, nunca foram representadas. *L'Engagement téméraire* foi representada informalmente, em sociedade. No que se refere à peça *Narcisse ou L'Amant de lui-*

⁴⁷² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Iphis", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 797.

⁴⁷³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Arlequin amoureux malgré Lui", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 933.

⁴⁷⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Le Découverte du nouveau monde", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 811.

⁴⁷⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Les Prisonniers de guerre", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 843.

⁴⁷⁶ Segundo Scherer, "Grâce à cette fréquentation des théâtres, et naturellement aussi grâce à des lectures, qui ont commencé dès l'enfance, il s'est donné une véritable culture théâtrale ..." (cfr. Scherer, Jacques, "Théâtre" in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. LXXXII).

⁴⁷⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Les Confessions de J.J. Rousseau", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 9. "... alguns volumes de Molière foram levados para o escritório do meu pai, e eu lia-os a ele todos os dia durante o seu trabalho ...".

⁴⁷⁸ Ibidem, p. 287. "Em vez de me atirar ao desespero, entreguei-me tranquilamente à minha preguiça e aos cuidados da providência, e para lhe dar tempo de fazer o seu trabalho, pus-me a comer sem me constrangir alguns Luizes que ainda me restavam, regando a despeza do meus indolentes prazeres sem os suprimir, não indo ao café mais do um em cada dois dias, e ao espectáculo mais do que duas vezes por semana ...".

⁴⁷⁹ Cfr. Scherer, Jacques, "Théâtre" in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. LXXX.

⁴⁸⁰ Ibidem. "... numa edição da qual Rousseau se havia desinteressado ...".

même, esta foi representada na Comédie-Française. O estilo empregue por Rousseau é variável, quer devido à moda da época, quer devido ao propósito que o levava a escrever⁴⁸¹.

Em *Iphis* e em *Arlequin amoureux malgré lui*, Rousseau começa a abordar problemas de ordem social e política, o que deixa transparecer a sua crescente preocupação relativamente a estes temas. Atente-se, por exemplo, na seguinte passagem de *Iphis*:

“(Orane)

Pourroit il oublier sa naissance, son rang

Et l’éclat dont brille le sang

Duquel les Dieux vous ont fait naître ?

(Elise)

Quels que soient les ayeux dont il a reçu l’être,

Iphis sait mériter un plus illustre sort

Et par un courageux effort

Se frayer le chemin d’une course brillante ...”⁴⁸².

Pelo diálogo que se estabelece entre Orane e Elise é evidente aquilo para que Rousseau pretende chamar a atenção: a distinção social entre as personagens, que resulta de terem nascido em classes diferentes. Contudo, aqui, esta preocupação prende-se provavelmente mais com o facto de o próprio autor se sentir rejeitado pela sociedade⁴⁸³, acabando assim, por ser a expressão de um auto-retrato⁴⁸⁴. Mas também em *Arlequin amoureux malgré lui* Rousseau envereda pela

⁴⁸¹ Segundo Scherer, as peças de Rousseau apresentam quatro estilos diferentes “Ces pièces tiennent de la tragédie, de l’opéra, de la comédie et de la parade: Rousseau s’est donc essayé dans presque tous les genres que lui proposait le théâtre de son temps ...” (cfr. Scherer, Jacques, “Théâtre” in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. LXXX).

⁴⁸² Cfr. Jean-Jacques Rousseau, “Iphis”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 802. “(Orane)Poderá eles esquecer o seu nascimento, o seu estatuto/E o clarão onde brilha o sangue/Do qual os Deuses vos fizeram nascer?/Elisa)/Quaisquer que sejam os gritos onde ele recebeu o ser,/Ifis sabe merecer uma género mais ilustre/E por um esforço corajoso/E percorrer o caminho de um curso brilhante ...”

⁴⁸³ Para Trousson, “Rousseau a pu donner un écho de sa situation personnelle. Le désir profond de compenser son infériorité sociale lui faire dire à Élise ...” (cfr. Trousson, Raymond, “Iphis”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 448).

⁴⁸⁴” Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J. Rousseau”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 306. O próprio Rousseau evidencia esse mal estar quando afirma “Les Ambassadeurs et Ministres du Roy avec qui nous étions en correspondance lui faisoient sur le mérite de son Secrétaire des compliments qui devoient le flatter, et qui dans sa mauvaise tête produisirent un effet tout contraire. Il en recut un surtout dans une circonstance essentielle, qu’il ne m’a jamais pardonné ...”. “Os embaixadores e ministros do rei, com os quais mantinhamos correspondência, dirigiam-lhe, a respeito do mérito do secretário, cumprimentos que o deviam lisonjear, mas que,

crítica social, nomeadamente quando faz as personagens Epine-Vinette e Gracieuse afirmarem o seguinte:

“(Epine-Vinette)

Mais du moins parmi cês hommes-là encore ya-t-il quelque choix à faire.

(Gracieuse)

Pourquoi ? les hommes sont tous si petits que ce n’est presque pas la peine de les comparer entre eux. Le premier venu est tout aussi qu’un autre.

(Epine-Vinette)

Quoi, vous voudriez me persuader que ce Butord d’Arlequin dont vous vous êtes coëffée je ne sais à propos de quoi, vaudroit autant, je ne dis pas qu’un petit maitre françois, mais que cet enchanteur, ce savant Parafaragaramus qui vous aime si passionnément.

(Gracieuse)

Je crois dans ses talents plus de charlatanerie que de réalité et je parierois qu’Arlequin vaut mieux pour l’usage que j’en veux faire.

(Epine-Vinette)

Mais enfin cet Arlequin n’est qu’une bête, un fat.

(Gracieuse)

Qu’a-t-on besoin d’un Mari qui ait tant d’esprit ?

(Epine-Vinette)

Un misérable Paysan.

(Gracieuse)

Je le ferai grand seigneur ; cela est-il donc si rare ?

na sua débil mente, só produziram um efeito inteiramente oposto. Recebeu um mormente numa circunstância importante, que nunca me perdoou ...”

(Epine-Vinette)

Un gourmand...

(Gracieuse)

C'est qu'il aime les bonnes choses ..."⁴⁸⁵.

A distinção entre os homens é, mais uma vez, a questão em debate. Questiona-se a superioridade da aristocracia através de Arlequin, que se opõe a todo o género de imposturas numa sociedade onde a aparência, em vez da autenticidade, parece ser um elemento essencial⁴⁸⁶. Assim, podemos dizer que as peças teatrais são um reflexo fiel, quer da personalidade do nosso autor, quer da forma como essa personalidade contrasta e entra em conflito com a sociedade em que Rousseau vive. Isto também é patente em *La Découverte du nouveau monde*, em *Les Prisonniers de guerre* e em *Narcisse ou L'Amant de lui-même*⁴⁸⁷.

Em *La Découverte du nouveau monde* o tema da sociedade civil conjuga-se bem com o contexto selvagem⁴⁸⁸. Veja-se o que diz Colomb e o que diz Digizé:

“(Colomb)

Vante-nous désormais ton éclat prétendu,

⁴⁸⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Arlequin amoureux malgré ui”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II., Éditions Gallimard, Paris, 1964, pp. 935 - 936. “(Epine-Vinette)/Mas ao menos por entre esses homens aí há ainda qualquer coisa a fazer./(Gracieuse)Porquê? os homens são todos tão pequenos que quase não vale a pena compará-los entre eles. O que veio primeiro é tal qual qualquer outro./(Epine-Vinette)/O quê, quereis me persuadir que esse Grosseirão de Arlequin no qual haveis calculado não a sei a propósito de quê, quereis além disso, não digo um pequeno mestre francês, mas que esse sedutor, esse sábio Parafaragaramus vos ama assim tão apaixonadamente./(Gracieuse)/Acredito que os seus talentos são mais charlatanice que realidade e aposto que Arlequin serve melhor para o uso que dele quero fazer./(Epine-Vinette)/Mas esse Arlequin afinal não é que uma besta, um pretensioso./(Gracieuse)/Quando é que precisamos de um marido que tenha tanto espírito?/(Epine-Vinette)/Um miserável Camponês./(Gracieuse)/Torná-lo-ei num grande senhor; é isso assim tão raro?/(Epine-Vinette)/Um glutão.../(Gracieuse) É que ele gosta das boas coisas ...”.

⁴⁸⁶ Assim entende Trousson, “Représentant l’authenticité de la nature, Arlequin s’oppose à l’enchanteur dont les prodiges favorisent le règne de l’artifice. Le monde paysan, préservé de l’aliénation sociale, est donné pour le dernier îlot d’authenticité ...” (cfr. Trousson, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*, Éditions Hachette, La Flèche, 1993, p. 54).

⁴⁸⁷ Scherer, a este respeito, afirma: “Ce qu’il y a de plus intéressant peut-être dans ses pièces de théâtre, ce sont les traces de sa personnalité qu’on y peut découvrir. Non seulement ses personnages ont parfois des attitudes qui ne sont autres que les siennes propres, mais il lui arrive aussi de pressentir le schéma d’une situation sentimentale longuement rêvée, mûrie, chérie malgré son tragique ou à cause de lui, et dont *La Nouvelle Héloïse* offrira le grandiose épanouissement ...” (cfr. Scherer, Jacques, “Théâtre” in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. LXXXIII).

⁴⁸⁸ De acordo com Trousson, “Dans *La Découverte*, la société civile s’installe sans difficulté dans le contexte «sauvage» parce qu’Européens et Américains sont censés partager les mêmes valeurs de vertu, de courage et de générosité ...” (cfr. Trousson, Raymond, “Découvert (La) du Nouveau Monde”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, 194).

Europe ; en ce climat sauvage,
On éprouve autant de courage,
On y trouve plus de vertu.
O vous que des deux bouts du monde
Le Destin rassemble en ces lieux,
Venez, peuples divers, former d'aimables jeux.
Qu'à vos concerts l'Echo réponde.
Enchantés les cœurs et les yeux.

(Digizé)

Triomphe, Amour, régne en ces lieux.
Retour de mon bonheur, doux transport de ma flame,
Plaisirs charmans, plaisirs des Dieux,
Coulez à long traits dans mon Ame,
Coulez, torrens délicieux.
Paisible tranquillité
D'une flamme innocente,
Tu n'exclus point des cœurs l'aimable volupté.
Les doux plaisirs font la félicité,
Mais c'est toi qui la rend constante.
Triomphe etc ...⁴⁸⁹.

Em *Les Prisonniers de guerre*, as personagens que Rousseau cria estão mais de acordo com as aspirações e ideais do autor do que com quaisquer modelos literários. Todas as personagens desta peça, excepto Maker, são boas tal qual o seu criador⁴⁹⁰. Repare-se no diálogo de Jacquard e Dorante:

⁴⁸⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "La Découverte du nouveau monde", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, pp. 839 - 841. "(Colomb)/Elogia agora o teu brilho presumido,/Europa; nesse clima sei7Experimentámos tanta coragem./Onde achamos maior virtude./Ó vós que dos dois fins do mundo/O Destino une nesses lugares,/Vinde, povos diversos, formar jogos amáveis./Que ao vosso concerto o Eco responde./Encantai os corações e os olhos./(Digizé)/Triunfa, Amor, reina nesses lugares./Volta na minha sorte, doce transporte da minha chama./Prazeres encantadores, prazeres dos Deuses./Correi longamente na minha Alma,/Correi, torrentes deliciosas./De um chama inocente,/Tu não exclus dos corações a amável voluptuosidade./Os doces prazeres fazem a felicidade,/Mas és tu que a torna constante./Triunfo etc ...".

⁴⁹⁰ Cfr. Scherer, Jacques, "Théâtre" in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, pp. LXXXIV - LXXXV.

(Jacquard)

Par monfoy, monsir, moi ly comprendre rien à sti pais l'Ongri. Le fin l'être pon, et les hommes méchants : l'être pas naturel, cela.

(Dorante)

Si tu ne t'y trouves pas bien, rien ne t'oblige d'y demeurer. Tu es mon Domestique, et non pas prisonnier de Guerre comme moi, tu peux t'en aller quand il te plaira⁴⁹¹.

Repare-se, ainda, nas palavras de Sophie e Dorante:

(Sophie)

Point du tout, car je tacherai de le devenir avec elles, et tant que je plirai à Dorante je m'estimerai la plus glorieuse de toutes les femmes.

(Dorante)

Ah! Vous le serez éternellement. Belle Sophie! Vous êtes pour moi le prix de ce qu'il y a de plus estimable parmi les hommes. C'est à la Vertu de mon Père, au mérite de ma nation, et à la gloire de mon Roy que je dois le bonheur dont je vais jouir avec vous ; on ne peut être heureux sous de plus beaux auspices⁴⁹².

1.4.2. *Narcisse ou L'Amant de lui-même* (1740)⁴⁹³

Em *Narcisse ou L'Amant de lui-même*, o mesmo tom sereno de *Les Prisonniers de guerre* já não aparece. Tal sobressai logo no prefácio da peça⁴⁹⁴, quando o autor comenta:

⁴⁹¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Les Prisonniers de guerre", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 847. "(Jacquard)/Pela minha fé, meu senhor, eu não percebo nada desse país Ongri. Ponde fim a isso, e os homens maus: o não ser natural, aquilo./(Dorante)/Se tu não te encontras bem, ninguém te obriga a ficar. Tu és o meu Doméstico, e não prisioneiro de Guerra como eu, tu podes te ir embora quando quiseres ..."

⁴⁹² Ibidem, p. 874. "(Sophie)/De todo, uma vez que me encarregarei de o tornar como eles, e quanto mais agradar a Dorantes mais em estimarei a mais gloriosa entre as mulheres./(Dorante)/Ah! Sê-lo-eis eternamente. Bela sofia! Vós sedes para mim o prêmio do que há de mais estimável entre os homens. É à virtude do meu Pai, ao mérito da minha Nação, e à glória do meu Rei que devo a sorte com que me irei alegrar convosco; não poderemos ser felizes sob mais belos auspícios ...".

⁴⁹³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Narcisse ou L'Amant de lui-même", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 957.

“Il faut, malgré ma répugnance, que je parle de moi; il faut que je convienne des torts que l’on m’attribue, ou que je m’en justifie. Les armes ne seront pas égales, je le sens bien ; car on m’attaquera avec des plaisanteries, et je ne me défendrai qu’avec des raisons : mais pourvu que je convainque mes adversaires, je me soucie très peu de les persuader ; en travaillant à mériter ma propre estime, j’ai appris à me passer de celle des autres, qui, pour la plupart, se passent bien de la mienne. Mais s’il ne m’importe guères qu’on pense bien ou mal de moi, il m’importe que personne n’ait droit d’en mal penser, et il importe à la vérité que j’ai soutenue, que son défenseur ne soit point accusé ou par vanité, sans l’aimer et sans la connoître ...”⁴⁹⁵.

Rousseau exprime aqui, de um modo muito claro, aquilo que pensa sobre a sua época no que se refere à sociedade em geral, mas mais especificamente naquilo que diz respeito às ciências e às artes. Veja-se o que ele diz dos homens de letras e do seu saber: “Ils prétendent que je ne pense pas un mot des vérités que j’ai soutenues ; c’est sans doute de leur part une manière nouvelle et commode de répondre à des argumens sans réponse, de réfuter les démonstrations même d’Euclide, et tout ce qu’il y a de démontré dans l’univers ...”⁴⁹⁶. Ou ainda:

**“La science prise d’une manière abstraite mérite toute notre admiration.
La folle science des hommes n’est digne que de risée et de mépris. Le goût des**

⁴⁹⁵ A este respeito diz Trousson, “Il livra pourtant sa comédie à l’impression, mais pourvue d’une fracassante préface où il prolongeait la polémique autour de son *Discours*. Un de mes bons écrits, dit-il. Elle surprit par la véhémence du ton, l’acrimonie marquée envers philosophes et gens de lettres, le radicalisme de la critique politique. Partout des vices, expliquait-il, des riches toujours plus riches et des pauvres toujours plus pauvres, le mépris pour l’homme de bien, les honneurs aux fripons. Le responsable ? «Ces vices n’appartiennent pas tant à l’homme, qu’à l’homme mal gouverné» ...” (cfr. Trousson, Raymond, “Narcisse ou L’Amant de Lui-même”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 113).

⁴⁹⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Narcisse ou L’Amant de lui-même”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 959. “É preciso, apesar da minha repugnância, que fala de mim; é preciso que mostre a conveniência dos defeitos que me atribuem, ou que deles me justifique. As armas não serão iguais, sei-o bem; uma vez que me atacaram com anedotas, e eu não me defenderei a não ser com razões: mas desde que eu vença os meus adversários, cuido pouco em persuadi-los; trabalhando para merecer a minha própria estima, aprendi a passar sem a dos outros, os quais, na maior parte, passa bem sem a minha. Mas se não me importa nada que pensem bem ou mal de mim, importa-me que ninguém tenha direito de pensar mal, e importa à verdade que sustento, que o seu defensor não seja acusado ou por vaidade, sem a amar e sem a conhecer ...”

⁴⁹⁷ Ibidem, p. 961. “Eles presumem que não penso uma palavra das verdades que sustento; é sem dúvida da sua parte uma maneira nova e cómoda de responder a argumentos sem resposta, de refutar as próprias demonstrações de Euclides, e tudo o que há de demonstrável no universo ...”.

lettres annonce toujours chez un peuple un commencement de corruption qu'il accélère très-prompement. Car ce goût ne peut naître ainsi dans toute une nation que de deux mauvaises sources que l'étude entretient et grossit à son tour, savoir l'oisiveté et le désir de se distinguer..."⁴⁹⁷.

No final do prefácio, Rousseau assume definitivamente aquela que irá ser a sua postura futura:

“En attendant, j'écrirai des Livres, je ferai des Vers et de la Musique, si j'en ai le talent, le tems, la force et la volonté : je continuerai à dire très-franchement tout le mal que je pense des lettres et de ceux qui les cultivent, et croirai n'en valoir pas moins pour cela. Il est vrai qu'on pourra dire quelque jour : Cet ennemi si déclaré des sciences et des arts, fit pourtant et publia des Pièces de Théâtre ; et ce discours sera, je l'avoue, une satire très-amère, nom de moi, mais de mon siècle ...”⁴⁹⁸.

2. Escritos Sobre Educação e Moral

2.1. Fragmentos sobre Deus e sobre a Revelação

2.1.1. *Sur Dieu* (1735)⁴⁹⁹

No fragmento *Sur Dieu*, datado de 1735, Rousseau começa por comentar o comportamento do Homem no que se refere à sua relação com Deus: “Tous croions d'être

⁴⁹⁷ Ib., p. 965. “A ciência tomada de maneira abstracta merece toda a nossa admiração. A tola ciência dos homens não é digna que de riso e desprezo. O gosto das letras anuncia sempre num povo um começo de corrupção que ele acelera muito rapidamente. Uma vez que esse gosto não pode nascer numa nação que de duas fontes más que o estudo entrem e amplia ao mesmo tempo, a saber a ociosidade e o desejo de se distinguir ...”.

⁴⁹⁸ Ib., p. 974. “Enquanto espero, escreverei livros, farei versos e música, se tiver o talento, o tempo, a força de vontade: continuarei a expressar muito francamente todo o mal que penso das letras e de todos os que a cultivam, e creerei não valer menos por via disso. E verdade que poderemos dizer algum dia: Este inimigo tão declarado das ciências e das artes, falas portanto e publicará peças de teatro: e esse discurso será, aventa-o, uma sátira muito animada, não de mim, mas do meu século ...”.

⁴⁹⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Sur Dieu*”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 1033.

persuades de l'existence d'un Dieu; il est cependant inconcevable d'accorder cette persuasion avec les principes sur lesquels nous réglons notre conduite dans cette vie. L'idée de Dieu est inséparable des idées d'éternel, d'infini en intelligence, en sagesse, en justice, et en pouvoir ..."⁵⁰⁰.

Rousseau constata uma desarticulação entre a ideia que os homens fazem de Deus e o comportamento que adoptam. Uma desarticulação que Rousseau pretende sanar, tendo em vista a realização da verdadeira natureza humana. Daí que a questão do re-colocação do Homem na sua humanidade seja fundamental. Na passagem que se segue torna-se evidente que o autor deposita no Homem a esperança de que ele recupere o lugar que lhe é conveniente para realizar a sua natureza:

"... comme il est la source de toute sagesse, il prétend que nous nous gouvernions suivant les principes de sagesse qu'il a mis dans notre esprit; il a donc pu nous y contraindre, et nous mettre dans la nécessité de suivre l'ordre de ses décrets qui sont les fondemens de la vertu et de la Religion. Mais en jettant les yeux sur la manière dont les hommes se conduisent ici bas nous sommes bientôt convaincus qu'ils ne suivent point du tout cet ordre dont les principes sont gravez dans le fond de leurs cœurs ..."⁵⁰¹.

2.1.2. *Prière (I) (1738-1739)*⁵⁰², *Prière (II) (1738-1739)*⁵⁰³, *Mémoire remis le 19 Avril 1742 à M. Boudet (1742)*⁵⁰⁴

Em *Prière (I)*, de 1738 – 1739, Rousseau agradece a Deus o facto de ter criado o Homem e de a natureza humana ser tal como é. Nesta prece sobressaem alguns aspectos importantes.

⁵⁰⁰ Ibidem. "Todos cremos estar persuadidos da existência de Deus; no entanto, é inconcebível conciliar essa persuasão com os princípios que regulam a nossa conduta nesta vida. A ideia de Deus é inseparável das ideias de eterno, de infinito em inteligência, em sabedoria, em justiça e em poder ...".

⁵⁰¹ Ibidem. "... dado que Deus é a fonte de toda a sabedoria, ele pretende que nós nos governemos segundo os princípios da sabedoria que colocou no nosso espírito. Ter-lhe-ia sido possível, portanto, obrigar-nos a isso, e fazer com que seguissemos necessariamente a ordem de seus decretos, que são os fundamentos da virtude e da religião. Mas, vendo o modo como os homens se conduzem neste mundo, logo nos convencemos de que eles não seguem absolutamente a ordem cujos princípios estão gravados no fundo de seus corações ...".

⁵⁰² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Prière I", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 1034.

⁵⁰³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Prière II", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 1036.

⁵⁰⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Mémoire remis le 19 Avril 1742 à M. Boudet", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 1040.

Por um lado, o autor afirma que o homem é dotado de uma alma racional juntamente com um conhecimento da divindade. Por outro, defende que Deus proveu os homens de determinadas capacidades para superar as necessidades e uniu-os uns aos outros, ideias estas que indicam, desde logo, em nossa opinião, o caminho que Rousseau irá percorrer futuramente na sua obra. Com efeito, assim se exprime o nosso autor em *Prière (I)*: "... nous vous remercions de nous avoir créés, de nous avoir donné la connoissance de votre Divinité, d'avoir pourvû par votre Sante Providence aux besoins de notre misère, et au soulagement de os infirmités, et enfin de nous avoir unis l'un à l'autre ..." ⁵⁰⁵. Nesta passagem podemos ver que Rousseau realça o facto de o Homem ter uma predisposição para viver em sociedade. E, na passagem que se segue, o autor faz já transparecer outra preocupação constante, a saber, a de que os homens não conhecem a sua natureza e, por isso, fazem mau uso das graças que Deus lhes concedeu: "Continuez-noustoutes ces graces, Dieu tout puissant, mais ne permettez pas que nous en abusions jamais, donnez nous les Lumières et la volonté de vous servir de la manière qui vous est la plues agréable; conduisez nous toujours dans le chemin de la vertu, ne permettez pas que nous en égarions jamais ..." ⁵⁰⁶. Repare-se como Rousseau começa por delinear o que mais tarde se irá tornar na figura do legislador: "Que vôtre parole soit dans nôtre bouche, et votre Loy dans nôtre Coeur; repandés votre sainte Bénédiction sur notre union; qu'elle serve à nous exciter mutuellement à vous servir ..." ⁵⁰⁷.

Em *Prière (II)*, também de 1738 – 1739, Rousseau começa por afirmar: "J'adore tant de grandeur et de majesté, et puisque la foiblesse de mês lumières ne me permet pas de concevoir toute l'étenduë de vos perfections divines mon ame pleine de soumission et de respect en révére l'auguste et immense profondeur se reconnoissant incapable de la pénétrer ..." ⁵⁰⁸.

⁵⁰⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Prière I", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 1034. "... nós vos agradecemos por nos ter criado, por nos ter dado uma alma racional, por nos ter dado o conhecimento da vossa divindade, por ter provido, em vossa santa providência, as necessidades da nossa miséria e o alívio das nossas enfermidades, e, enfim, por ter-nos unido uns aos outros ...".

⁵⁰⁶ Ibidem. "Continuei a oferecer-nos todas as graças, Deus todo poderoso, mas não nos deixeis abusar delas, dai-nos as luzes e a vontade de vos servir da maneira que vos for mais agradável, conduzi-nos sempre pelo caminho da virtude e não deixeis que dele alguma vez nos desviemos ...".

⁵⁰⁷ Ib., p. 1035. "Que vossa palavra esteja em nossa boca e vossa Lei em nosso coração; espalhai vossa santa bênção sobre nossa união; que ela sirva para nos incentivar mutuamente a vos servir ...".

⁵⁰⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Prière II", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 1036. "Adoro toda essa grandeza e majestade, e como a fraqueza de minhas luzes não permite conceber toda a extensão de vossas perfeições divinas, minha alma plena de submissão e de respeito reverencia sua augusta e imensa profundidade, reconhecendo-se incapaz de penetrá-la ...".

Não obstante, o nosso autor acha-se capaz de indicar aos homens o caminho que devem seguir, para, deste modo, se re-situarem: "... quelle bouche pourroit faire dignement l'énumération de tous les biens que j'ai reçu de vous?"⁵⁰⁹. Quais? Aqueles que mais tarde servirão de conteúdo para a elaboração do seu sistema: "Vous m'avés tire du neant, vous m'avés donné l'existence, vous m'avés doué d'une ame raisonnable, vous aves grave dans le fond de mon coeur des loix à l'exécution desquelles vous aves attaché le prix d'un bonheur eternel, loix pleines de justice et de douceur et dont la pratique tend à me rendre heureux même des cette vie ..." ⁵¹⁰.

O papel de relevo que a consciência assume em Rousseau justifica-se pelo facto de esta ser o elemento mediador entre as paixões e a sabedoria. Ela é esse elemento mediador na medida em que permite ao ser humano julgar de um modo autónomo, as consequências das suas condutas: "Ma conscience me dit combien je suis coupable, je sens que tous les plaisirs que mès passions m'avoient représenté dans l'abandon de la sagesse, sont devenus pour moi pires que l'illusions, et qu'ils se sont changés en d'odieuses amertumes; je sens qu'il n'y a de vrais plaisirs que ceux qu'on goute dans l'exercice de la vertu et dans la pratique de ses devoirs ..." ⁵¹¹. Logo de seguida o autor faz a seguinte auto-análise: "Ô mon Dieu, pardonnés tous les péchés que j'ai commis jusqu'à ce jour, tous les égaremens où je suis tombe; daignés avoir pitié de mès foiblesses, daignés détruire en moi tous les vices où elles m'ont entraîné ..." ⁵¹².

É em *Prière II* que, assumidamente, Rousseau manifesta intenção de fazer algo para remediar o mau uso que, até então, dera à sua vida. Esta prece mostra a vontade de mudança que, desde muito cedo, o acompanhou. Descreve-a nos seguintes termos:

"Je suis pénétré de regret d'avoir fait un si mauvais usage d'une vie et d'une liberté que vous ne m'aviés accordées que pour me donner les moiens de

⁵⁰⁹ Ibidem, pp. 1036 – 1037. "... que boca poderia enumerar dignamente todos os bens que recebi de vós?".

⁵¹⁰ Ib., p. 1037. "Tirastes-me do nada, destes-me a existência, dotastes-me de uma alma racional, gravastes no fundo do meu coração as leis a cujo cumprimento vinculastes o prémio de uma eterna felicidade; leis plenas de justiça e de doçura, cuja prática tende a tornar-me feliz mesmo desde esta vida ..."

⁵¹¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Prière II", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 1037. "Minha consciência me diz o quanto eu sou culpado, sinto que todos os prazeres que minhas paixões me fizeram imaginar ao abandonar a sabedoria, tornaram-se, para mim, piores que a ilusão, e transformaram-se em odiosas amarguras; percebo que os verdadeiros prazeres são aqueles experimentados no exercício da virtude e na prática dos deveres ...".

⁵¹² Ibidem. "Ó meu Deus, perdoai todos os pecados que cometi até este dia, todos os desvios aos quais sucumbi; dignai-vos a ter piedade das minhas fraquezas e destruir em mim todos os vícios a que elas me arrastaram ...".

me rendre digne de l'éternelle félicité. Agréés mon repentir, o mon Dieu; honteux de mes fautes passées, je fais une ferme résolution de les réparer par une conduite pleine de droiture et de sagesse. Je rapporterai désormais toutes mes actions à vous, je vous méditerai, je vous benirai, je vous servirai, je vous craindrai; j'aurai toujours vôtre loi dans mo coeur, et toutes mes actions en seront la pratique ..."⁵¹³.

Que decide, então, fazer relativamente aos outros e a si mesmo? O autor responde: "Je serai indulgent aux autres et sévère à moi-même ..." ⁵¹⁴. De que modo? Rousseau continua a responder: "... j'aimerai mon prochain comme moi-même, je les servirai en tout ce qui dépendra de moi tant par raport au corps que par raport à l'ame (...); je tacherai de bien cōnnoître tous les devoirs de mon état et je les remplirai avec attention ..." ⁵¹⁵.

Finalmente, em *Mémoire*, escrito datado de 19 de Abril de 1742, Rousseau relata um episódio que serve para perceber como, desde esta altura, considera que o essencial é falar ao coração dos homens, pois entende que quando se tem um coração recto e um espírito justo é inevitável que as verdades sejam reconhecidas como tal. O facto em questão é a conversão de Madame de Warens ao catolicismo "... on ne sauroit oublier la conversion de Madame la Baronne de Warens de la Tour, qui fut l'ouvrage de ce Prélat ..." ⁵¹⁶. Para o nosso autor este é um feito paradigmático na medida em que Madame Warens "... étant très éclairée se tenoit en garde contre les séductions de l'éloquence, et n'étoit pás disposée à ceder sans être pleinement convaincuë ..." ⁵¹⁷, no entanto, não deixa Rousseau de registar a rectidão de espírito de Madame Warens: "... mais quand on a l'esprit juste et le coeur droit que peut-il manquer pour goûter la vérité que les secours de la grace (...). Madame de Warens vit le Prélat; ses préjugés furent

⁵¹³ Ib., pp. 1037 – 1038. "Estou imbuído do pesar de ter feito tão mau uso de uma vida e de uma liberdade que me destes apenas como meios de tornar-me digno da felicidade eterna. Aceitai meu arrependimento, ó meu Deus; envergonhado das minha faltas passadas, decido firmemente repará-las por uma conduta cheia de rectidão e de prudência. De agora adiante, confiarei a vós todas as minhas acções e meditarei sobre vós; eu vos bendirei, servirei e temerei; vossa lei estará sempre em meu coração e todas as minhas acções serão dela a prática ...".

⁵¹⁴ Ib., p. 1038. "Serei indulgente com os outros e severo comigo mesmo ...".

⁵¹⁵ Ib.. "... amarei meu próximo como a mim mesmo, servi-lo-ei em tudo o que depender de mim, tanto em relação ao corpo como à alma (...); cuidarei de conhecer bem todos os deveres de minha condição e os cumprirei com atenção ...".

⁵¹⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Mémoire remis le 19 Avril 1742 à M. Boudet", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 1040. "... não se poderia esquecer a conversão da Senhora Baronesa de Warens de la Tour, que foi obra desse prelado ...".

⁵¹⁷ Ibidem. "... sendo muito esclarecida, mantinha-se em guarda contra as seduções da eloquência, e não estava disposta a ceder sem estar plenamente convencida ...".

détruits; ses doutes furent dissipés et pénétrée des grandes vérités qui lui étoient annoncées, elle se rendit à la foi par un sacrifice éclatant le prix des lumières dont elle venoit de l'éclairer ..."⁵¹⁸. Não admira que, mais tarde, nas *Lettres morales*, Rousseau pretenda educar Sophie apelando sempre para que esta esteja atenta àquilo que o seu coração lhe diz.

2.2. *Mémoire présenté a Monsieur de Mably sur l'éducation de M. son fils (1740)*⁵¹⁹, *Projet pour l'éducation de Monsieur de Sainte-Marie (S/D)*⁵²⁰

A primeira experiência de Rousseau enquanto educador teve lugar em 1740, o autor aceitou ser preceptor dos filhos de M. de Mably em Lyon. Três anos mais tarde, em Paris, aceitará nova posição, a pedido de Madame Dupin, para cuidar da educação de seu filho. Numa carta escrita a seu pai do final de 1735⁵²¹, escreve Rousseau: "D'abord, je me suis fait un système d'étude que j'ai divisée en deux chefs principaux : le premier comprend tout ce qui sert à éclairer l'esprit et à l'offrir de connoissances utiles et agréables, et l'autre renferme le moiens de former le cœur à la sagesse et à la vertu ..." ⁵²². Desde cedo, pois, Rousseau elabora um plano de estudos que contemple duas vertentes: uma ligada às questões do espírito, outra, não menos importante, ligada às questões do coração, isto é, dos sentimentos e da afectividade⁵²³.

⁵¹⁸ Ibidem. "... mas quando se tem o espírito justo e o coração recto, o que pode faltar para se experimentar a verdade senão o socorro da graça? A Senhora de Warrens ouviu o prelado, seus preconceitos foram destruídos, suas dúvidas foram dissipadas e, imbuída pelas grandes verdades que lhe eram anunciadas, resolveu dar à fé, por meio de um grandioso sacrifício, o prêmio das luzes com a qual acabava de ser iluminada ...".

⁵¹⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Mémoire présenté a Monsieur de Mably sur l'éducation de M. son fils", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 3.

⁵²⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Projet pour l'éducation de Monsieur de Sainte-Marie", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 35.

⁵²¹ De acordo com John S. Spink, "Ces deux épisodes connus représentent-ils les premières expériences de Rousseau comme pédagogue ? On l'a souvent cru, mais l'étude du texte primitif de l'*Émile* nous oblige à affirmer le contraire. Au livre II de l'*Émile*, Rousseau raconte qu'ayant été désigné pour s'occuper, pendant quelques semaines, d'un enfant mal élevé, il se trouva dans la nécessité d'employer les grands moyens pour le mater ..." (cfr. Spink, John, "Projets d'éducation", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. XVIII).

⁵²² Ibidem, p. XIX. "Desde logo, fiz um sistema de estudo que dividi em dois capitulos principais: o primeiro compreende tudo o que serve a esclarecer o espírito e a contribuir para os conhecimentos úteis e agradáveis, e o outro circunscreve os meios de formar o coração à sabedoria e à virtude ...".

⁵²³ De resto, como sublinha Spink, "Il est question, dans cette lettre, d'un «système d'étude» qui est bien plutôt l'embryon d'un système d'éducation, car on y reconnaît la distinction fondamentale entre l'éducation objective et l'éducation subjective, que désignent les termes d'«esprit» et de «cœur». Tous les livres de pédagogie de l'époque parlent de «former l'esprit et le cœur», et il est probable que Rousseau a trouvé cette expression chez Rollin, si ce n'est chez Fleury ou chez Crousaz..." (Ibidem).

Deste agrupamento categorial constam dois textos fundamentais. São eles *Mémoire présenté a Monsieur de Mably sur l'éducation de M. son fils* e *Projet pour l'éducation de Monsieur de Saint-Marie*⁵²⁴. O primeiro texto é uma versão inicial do segundo⁵²⁵. No *Projet pour l'éducation de Monsieur de Saint-Marie*⁵²⁶ encontramos delineados vários aspectos que são essenciais ao sucesso de uma boa educação. São aspectos diversos que implicam uma conjugação harmoniosa entre eles, pois todos contribuem para uma educação adequada a formação do ser humano.

Assim, considera Rousseau, deve-se ter em consideração, num primeiro momento, a relação com os alunos e, num segundo momento, o plano de estudos que deve ser seguido. Ao nível da relação com os alunos devem-se considerar dois aspectos: primeiro, conhecê-los "... et j'ai cru que pour cela, mon premier objet devoit être de bien connoître les sujets auxquels j'aurai affaire : c'est à quoi j'ai principalement employé le tems qu'il y a que j'ai l'honneur d'être dans votre maison, et je crois d'être suffisamment au fait à cet égard pour pouvoir régler là-dessus le plan de leur éducation ..." ⁵²⁷; depois, negociar com o pai qual o estatuto do preceptor: "Il me reste

⁵²⁴ De acordo com L'Aminot, "Ces deux textes sont importants pour comprendre la genèse des idées de R. sur l'éducation. Disons tout de suite que l'expérience de R. chez M. de Mably diffère totalement de celle du gouverneur d'Émile. R. prend en charge deux enfants qui ont déjà reçu une certaine éducation et sont destinés à des rôles bien définis dans la société ; il ne sait pas non plus la durée de son entreprise, aussi prévoit-il un plan d'éducation qui s'étend sur trois ou cinq ans. Nous sommes loin ici des vingt-cinq années consacrées par le gouverneur à Émile. On trouve cependant l'amorce de certains thèmes: R. sent l'importance de l'emprise du maître sur son élève. Il s'attache à ce que les études soient plaisantes, condamne les châtimens corporels, insiste sur la nécessité de former le cœur, le jugement, puis l'esprit, rejette le latin et fait une sévère critique des études excessives et religieuses ..." (cfr. L'Aminot, "Projet pour l'éducation de Monsieur de Sainte-Marie", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 764).

⁵²⁵ Sobre este aspecto Spink escreve o seguinte, "On peut donc estimer qu'un mémoire de Rousseau sur l'éducation d'un fils de gentil-homme pouvait intéresser Mme Dupin et que le mémoire en question est le *Projet Pour L'Éducation De Monsieur De Sainte-Marie*. Les deux textes diffèrent considérablement l'un de l'autre. Celui de la copie remise à Mme Dupin (ci-après A) est plus long que celui de l'édition de 1782 (ci-après B). Dans B est supprimé le passage où il est question de raisonner avec les enfants, suppression intéressante, si l'on songe à l'attitude que prendra Rousseau sur ce point dans l'*Émile*. On est en droit de conclure, me semble-t-il, que B est une révision postérieure, exécutée par Rousseau en vue d'une publication éventuelle, alors que A est une des rédactions primitives, conservée par Rousseau parmi ses papiers et communiquée à Mme. Dupin en 1743. Le texte de A a une allure plus authentique. Il serait donc légitime de le choisir comme texte de base. Toutefois, les différences de détail entre les deux textes sont si nombreuses qu'un appareil critique considérable serait nécessaire, si nous cherchions à faire dépendre de A les variantes offertes par B ..." (cfr. Spink, John, "Projets d'éducation", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. XLI).

⁵²⁶ Sobre este projecto diz Spink: "Par contre, sur le plan théorique, le *Projet pour l'éducation de M. de Sainte-Marie* allie fort bien l'expérience vécue à des principes et à des préceptes tirés de l'étude et de la réflexion. Une analyse rapide en fera ressortir la qualité philosophique. Il s'agit de l'éducation de deux enfants d'un certain caractère, dans certaines circonstances précises, et Rousseau observe le «génie» de ses élèves, comme le voulait Rollin et comme le fait l'«homme de qualité» de Prévost. Cette situation précise ne sera jamais perdue de vue: bien que Rousseau développe ses thèmes d'une manière systématique, la spéculation abstraite ne lui fait pas oublier la réalité concrète ..." (Ib., p. XXXIV).

⁵²⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Projet pour l'éducation de Monsieur de Sainte-Marie", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 35. "... e acreditei que por isso, o meu primeiro objecto devesse ser conhecer bem os assuntos com os quais terei de

à présent, Monsieur, d'être éclairci par vous-même des vues particulieres que vous pouvez avoir sur chacun d'eux, du degré d'autorité que vous êtes dans le dessein de m'accorde à leur égard, et des bornes que vous donnerez à mes droits pour les récompenses et les châtimens ..."⁵²⁸.

Rousseau define de um modo claro a sua posição nesta relação, pedindo a M. de Mably que, na presença do filho, reconheça que deposita total confiança no preceptor, nomeadamente no que diz respeito à sua capacidade para educar o jovem. O pedido do nosso autor é frontal e inequívoco quando afirma:

“Après quoi, vous auriez la bonté de me déclarer en sa présence que vous me rendez le dépositaire de votre autorité sur lui, et que vous m'accordez sans réserve le droit de l'obliger à remplir son devoir par tous les moyens qui me paroîtront convenables, lui ordonnant, en conséquence, de m'obéir comme à vous-même, sous peine de votre indignation. Cette déclaration qui ne sera que pour faire sur lui une plus vive impression, n'aura d'ailleurs d'effet que conformément à ce que vous aurez pris la peine de me prescrire en particulier ...”⁵²⁹.

A importância deste acordo está em na possibilidade de evitar futuros mal - entendidos, nessa medida, Rousseau faz questão de explicar tal situação a Monsieur Mably:

“Je crois, Monsieur, qu'il vous est tout manifeste qu'un homme qui n'a sur des enfans des droits de nulle espece, soit pour rendre ses instructions aimables, soit pour leur donner du poids, ne prendra jamais d'ascendant sur des esprits qui, dans le fond, quelque précoces qu'on les vueille supposer, réglent

lidar: foi nisso que principalmente empreguei o tempo que já vai a tenho a honra de estar em vossa casa, e acredito estar suficientemente actualizado a esse respeito para poder sobre isso regulamentar o plano da sua educação ...”.

⁵²⁸ Ibidem. “Resta-me neste momento, meus Senhores, ser esclarecido por vós das perspectivas particulares que podereis ter sobre cada um deles, da medida de autoridade que estais dispostos a dar-me a seu respeito, e dos limites que conferireis aos meus direitos para as recompensas e os castigos ...”.

⁵²⁹ Ib., p. 40. “Após o que, tereis a bondade de declarar na sua presença que me tornais no depositário da vossa autoridade sobre ele, e que me dareis sem reserva o direito de o obrigar a cumprir o seu dever por todos os meios que me parecerem convenientes, ordenando-lhe, em consequência, de me obedecer como a vós próprios, sob pena de isso vos indignar. Esta declaração que não serve que para produzir sobre ele senão uma impressão mais viva, não terá por outro lado outro efeito que estar conforme àquilo que tereis tido o esforço de em particular me prescrever ...”.

toujours à certain âge les trois quarts de leurs opérations sur les impressions des sens ...”⁵³⁰.

3. Escritos Sobre Música, Língua e Teatro

3.1. Textos Científicos: *Cours de géographie (1738)*⁵³¹, *Réponse au mémoire anonyme (1738)*⁵³²

Deste agrupamento categorial constam, neste período, dois textos: o *Cours de géographie*⁵³³ e o *Réponse au mémoire anonyme, intitulé, Si le monde que nous habitons est une sphère etc.*

Relativamente ao primeiro texto, Rousseau começa por definir e determinar qual é a natureza e o âmbito de uma ciência como a Geografia: “La Géographie est une Science qui traite de la connoissance du Globe terrestre, et qui enseigne la position de toutes les régions les unes à l’égard des autres et par rapport au Ciel. Le mot de Géographie vient du Grec, et signifie précisément, description de la terre ...”⁵³⁴.

No que diz respeito ao segundo texto, o nosso pensador evidencia a autonomia⁵³⁵ do seu espírito face aos saberes consagrados pela tradição. O texto estabelece uma relação entre os

⁵³⁰ *Ib.*, p. 36. “Creio, Senhor, que vos é completamente manifesto que um homem que não tenha sobre as crianças quaisquer direitos, seja para tomar a sua instrução agradável, seja para dar-lhe consistência, não adquirirá jamais o ascendente sobre os espíritos que, no fundo, por mais precoces que os supusermos, regulamentam sempre para certa idade três quartos das suas operações sobre as impressões dos sentidos ...”.

⁵³¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Cours de géographie”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 535. “A geografia é uma ciência que trata do conhecimento do globo terrestre, e que ensina a posição de todas as regiões umas em relação às outras e por relação ao céu. A palavra geografia vem do Grego, e significa precisamente, descrição da terra ...”.

⁵³² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Réponse au mémoire anonyme”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 545.

⁵³³ “De ce cours, trois chapitres nous sont parvenus: I. Pour introduire à l’étude de la géographie, Rousseau étudie le système solaire, en s’attachant aux valeurs numériques (distances, durées de révolutions des planètes, etc.). II. Vingt-trois vers latins indiquent les noms des constellations et des planètes. III. L’auteur entreprend la description de la sphère terrestre, partie inachevée ...” (cfr. Dizès, “Cours de Géographie”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p.185).

⁵³⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Cours de géographie”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 535.

⁵³⁵ Pierre Speziali escreve: “Elle [*Réponse au Mémoire Anonyme*] n’est pas, comme ceux-là, le fruit de longues lectures ou de recherches systématiques, mais le résultat d’une réflexion spontanée et personnelle ...” (cfr. Speziali, Pierre, “Textes Scientifiques”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. CCXLIX).

antigos e os modernos, fazendo notar que a invocação de supremacia dos antigos com base no argumento da sua autoridade não deve, só por si, ser suficiente para estabelecer a verdade, o que, no domínio da ciência⁵³⁶, é essencial:

“En premier lieu, l'autorité dont vous fortifiés votre cause, en vous associant avec les anciens, est bien foible, à mon avis. Je crois que la prééminence qu'ils ont très justement conservé sur les modernes en fait de poésie et d'éloquence, ne s'étend pas jusqu'à la physique et l'astronomie, et je doute qu'on osat méttre Aristote et Ptolémée en comparaison avec le Chevalier Newton et Mr Cassini : ainsi, Monsieur, ne vous flatés pas de tirer un grand avantage de leur appui : on peut croire sans offenser la mémoire de ces grands hommes qu'il a échapé quelque chose à leurs lumières ...”⁵³⁷.

Rousseau justifica a sua posição quando afirma: “Destitués, comme ils ont été, des expériences et des instruments nécessaires, ils n'ont pas dû prétendre à la gloire d'avoir tout connû, et si l'on met leur disette en comparaison avec les secours dont nous jouissons aujourdui, on verra que leur opinion ne doit pas être d'un grand poids contre le sentiment des modernes ...”⁵³⁸.

⁵³⁶ De acordo com Trousson, “Rousseau discute ses raisonnements, appuyés sur l'autorité insuffisante des anciens, alors que la science moderne admet que la terre est un sphéroïde, la discussion portant sur la question de savoir si elle est aplatie à l'équateur ou aux pôles ...” (cfr. Trousson, Raymond, “Réponse au Mémoire Anonyme, Intitulé, Si Le Monde Que Nous Habitons Est Une Sphère, Etc. Inséré Dans Le Mercure De Juillet”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 798).

⁵³⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Réponse au mémoire anonyme”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 546. “Em primeiro lugar, a autoridade na qual vós fortaleceis a vossa causa, ao associar-vos com os antigos, é bem fraca, na minha opinião. Eu acredito que a preeminência que eles conservaram muito justamente sobre os modernos em questões de poesia e de eloquência, não se estende à física e à astronomia, e dúvida que ousemos pôr Aristóteles e Ptolomeu em comparação com o Cavaleiro Newton e o Senhor Cassini: assim, meus Senhores, não vos ilosongieis de extrair grande vantagem do seu apoio: podemos acreditar sem ofender a memória desses grandes homens que alguma coisa escapou às suas luzes ...”.

⁵³⁸ *Ibidem*, pp. 546 - 547. “Destituídos, como estavam, das experiências e dos instrumentos necessários, eles não podem ter pretensões à glória de tudo haver conhecido, e se colocarmos os seus ditos em comparação com os auxílios de que desfrutados hoje em dia, veremos que a sua opinião não deve ser tida em grande peso contra o sentimento dos modernos ...”.

3.2. Texto Histórico: *Chronologie universelle ou histoire generale des tems depuis la creation du monde jusques à présent (1738)*⁵³⁹

A *Chronologie univerelle ou histoire generale des tems depuis la creation du monde*, como o próprio Rousseau afirma, "... c'est un recueil que j'ai fait pour mon seul usage ..." ⁵⁴⁰. Trata-se de um texto importante, redigido entre 1736 e 1738, que aborda temas estruturantes no seu pensamento, como o da fraternidade universal. A seguinte passagem mostra-o bem: "Nous sommes tous frères, nôtre prochain doit nous être aussi cher que nous mêmes ..." ⁵⁴¹. O apelo é aqui dirigido para o que há de comum à natureza humana. Daí que também diga: "... j'aime le genre humain plus que ma patrie. Des sentmens si pleins d'humanité devroient être communs à tous les hommes ..." ⁵⁴².

Outro tema tratado nesta obra é o da utilidade da História. A História é útil porque tem uma função didáctica e pedagógica, que nos instrui "... par des Leçons et par des exemples" ⁵⁴³. Com efeito, ao corresponder a um relato sinóptico das acções humanas, ela torna-se precisamente num local privilegiado de acesso àquilo que é comum a todos os homens, à sua natureza. Note-se como Rousseau acentua o facto de a História não ser apenas o relato exemplar dos feitos daqueles homens que circunstancialmente se distinguiram, mas de também nos ensinar "... l'art de régner, la science de la guerre, les principes du gouvernement, les régles de la politique, les maximes de la société civile et de la conduire de la vie pour tous les âges et pour toutes les conditions ..." ⁵⁴⁴.

Toma-se assim, a História, na base didáctica e pedagógica de onde Rousseau retirará a informação para o *Discours sur les sciences et les arts* e o *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes*. Com efeito o período nostálgico do autor configura-se

⁵³⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Chronologie universelle ou histoire generale des tems depuis la creation du monde jusques à présent", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 487.

⁵⁴⁰ Ibidem. "... é uma recolha que eu fiz só para meu uso ...".

⁵⁴¹ Ib., p. 488. "Somos todos irmãos, o nosso próximo deve-nos ser tão querido como nós mesmos ...".

⁵⁴² Ib.. "... eu amo o género humano mais que a minha pátria. Sentimentos tão cheios de humanidade deveriam ser comuns a todos os homens ...".

⁵⁴³ Ib.. "... por Lições e exemplos ...".

⁵⁴⁴ Ib., p. 489. "... a arte de reinar, a ciência da guerra, os princípios de governo, as regras da política, as máximas da sociedade civil e da conduta de vida para todas as épocas e todas as condições ...".

precisamente a partir de um movimento de retrocesso à origem de onde as ciências e as artes partiram, como refere:

“On y apprend aussi (...), comment les sciences et les arts ont été inventez, cultivés, perfectionnés ; on y reconnoit, et l’on y suit comme de l’œil leur origine et leur progrès ; et l’on voit avec admiration que plus on s’approche des lieux où les enfans de Noë ont vécu, plus on y trouve les sciences et les arts dans leur perfection : au lieu qu’ils paroissent oublier ou négligez à proposition que les peuples en ont été dans un plus grand éloignement : de sorte que quand on a voulu les rétablir, il a falù remonter à l’origine d’où ils étoient partis ...”⁵⁴⁵.

3.3. *Projet concernat de nouveaux signes pour la musique (1742)*⁵⁴⁶, *Dissertation sur la musique modern (1743)*⁵⁴⁷

Rousseau define, assim, o objetivo do *Projet concernat de nouveaux signes pour la musique*: “Ce projet tend à rendre la Musique plus commode à noter, plus aisée à apprendre, et beaucoup moins diffuse ...”⁵⁴⁸. Nessa medida, propõe substituir a notação musical clássica por um esquema mais simples, numérico:

“Ma vuë est seulement d’établir d’autres signes plus comodes et en moindre quantité, par lesquels, sans exclusion de ceux qui sont en usage, on puisse parvenir en beaucoup moins de tems à chanter juste et à livre ouvert toutes sortes d’aires et de chants imaginables. Ces signes auront de plus l’avantage d’occuper moins d’espace ; toutes sortes de papier raié, et pour ceux

⁵⁴⁵ Ib.. “Aí aprendemos também (...), como as ciências e artes foram inventadas, cultivadas, aperfeiçoadas; aí reconhecemos, e vê-mo-lo com um só olhar, a sua origem e progresso; e vemos com admiração que quando mais nos aproximamos dos lugares onde os filhos de Noé prevaleceram, mais aí encontramos as artes e as ciências na sua perfeição: em lugar de parecerem esquecidas ou negligenciadas sob o pressuposto de que os povos aí se encontravam num maior afastamento delas; de forma que quando se as quis restabelecer, foi preciso retroceder à origem de onde elas partiram ...”.

⁵⁴⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Projet concernat de nouveaux signes pour la musique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 129.

⁵⁴⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Dissertation sur la musique modern”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 157.

⁵⁴⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Projet concernat de nouveaux signes pour la musique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 133. “Estes projecto tende a tornar a música mais cómoda de anotar, mais fácil de aprender, e muito menos difusa ...”.

qu'on souhaittera d'envoyer en province sans augmenter le volume ni les fraix de la poste ..."⁵⁴⁹.

Porém, muitas críticas lhe foram dirigidas, críticas que, pese embora as tenha aceite com dificuldade⁵⁵⁰, o levaram, contudo, a rever e ampliar o projecto inicial, que volta a publicar sob o título *Dissertation sur la music moderne*, solicitando ao público, no prefácio, em gesto que se repetirá várias vezes, que o julgue⁵⁵¹: "S'il est vrai que les circonstances et les préjugés décident souvent du sort d'un Ouvrage, jamais Auteur n'a dû plus craindre que moi. Le Public est aujourd'hui si indisposé contre tout ce qui s'appelle nouveauté ; si rebuté de systèmes et de projets, surtout en fait de Musique, qu'il n'est plus guères possible de lui rien offrir en ce genre sans s'exposer à l'effect de ses premiers mouvemens, c'est-à-dire, à se voir condamné sans être entendu ..."⁵⁵².

⁵⁴⁹ Ib.. "A minha perspectiva é somente de estabelecer outros sinais mais cómodos e em menos quantidade, pelos quais, sem exclusão daqueles que estão em uso, possamos chegar em muito menos tempo a cantar com justeza e de livro aberto todo o género de árias e de canções que se possam imaginar. Esses sinais terão além do mais a vantagem de ocupar menos espaço; em todo o género de papel pautado, e para aqueles que desejemos enviar para a provincia sem aumentar o volume nem o frete do correio ...".

⁵⁵⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Les Confessions de J.J. Rousseau", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 285. "Ces Messieurs avoient oui dire aux croquesols de Paris que la methode d'executer par transposition ne valoit rien. Ils partirent de là pour tourner en invincible objection contre mon Système son avantage le plus marqué, et ils déciderent que ma note étoit bonne pour la vocale et mauvaise pour l'instrumentale; au lieu de décider comme ils l'auroient dû qu'elle étoit bonne pour la vocale et meilleure pour l'instrumentale (...). Sur leur rapport l'Academie m'accorda un certificat plein très beaux compliments, à travers lesquels on démeiloit pour le fond, qu'elle ne jugeoit mon Système ni neuf ni utile ...". "Aqueles senhores haviam ouvido dizer aos musicastros de Paris que o método de executar por transposição não valia nada. Partiram daqui para transformarem em objecção invencível contra o meu sistema a sua mais nitida vantagem, e decidiram que a minha notação era boa para a música vocal, e má para a música instrumental (...). De acordo com o seu relatório, a Academia outorgou-me um certificado cheio de amabilíssimos cumprimentos, mediante o qual se esclarecia que, quanto ao fundo, não julgava o meu sistema nem novo nem útil ...".

⁵⁵¹ "Autodidacte, Rousseau a cru tout découvrir. Le 5 septembre, on lui explique que son système a déjà été inventé par le père Souhaitty, que sa méthode, intéressante pour la musique vocale, l'est beaucoup moins pour l'instrumentale. Jean Jacques proteste, argumente en vain, puis décide d'en appeler au jugement du public. Pendant deux mois, claquemuré dans son galetas, il remanie son texte, l'enrichit d'exemples et publie, à ses frais, dans les premiers jours de 1743, sa *Dissertation sur la music modern ...*" (cfr. Trousson, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*, Éditions Hachette, La Flèche, 1993, p. 72).

⁵⁵² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Dissertation sur la musique modern", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 157. "Se é verdade que as circunstâncias e preconceitos decidem amiúde da sorte de uma obra, jamais um autor teve mais a lamentar de que eu. O público está sempre tão indisposto contra tudo o que chama novidade; tão repugnado por sistemas e projectos, sobretudo em questões de música, que não é mais possível oferece-lhe nada desse género sem se expor aos efeitos dos seus primeiros movimentos, isto é, a ver-se condenado sem ter sido escutado ...".

3.4. *Lettre sur l'opéra italien et français* (1745)⁵⁵³

Na *Lettre sur l'opéra italien et français*⁵⁵⁴ Rousseau afirma: “Je vais donc vous parler des spectacles d'Italie à vous qui avez déjà si bien jugé ceux de France. J'aurois trop à me féliciter si ma lettre pouvoir vous fournir quelques matériaux pour juger également des premiers ...”⁵⁵⁵. Aquilo que se propõe fazer é, pois, estabelecer a distinção entre a ópera italiana e a ópera francesa⁵⁵⁶.

Começa por fazer considerações de carácter estético sobre aquilo que diferencia quer a tragédia, quer a comédia, da ópera, “La Tragedie et la comedie outre les régles qui leur sont communes en ont chacune de particulières qui en font deux espèces du même genre ; l'opera en est une troisième qui ni est pas moins distinguée des autres et c'est certainement un défaut de les confondre et de [ne] pas suivre dans chacun de ces Poemes son genie particulier ...”⁵⁵⁷.

Quanto à questão de fundo – a relação entre a ópera italiana e a ópera francesa - percebe-se que o autor é um apreciador e um defensor da ópera francesa, uma posição que mais tarde se alterará⁵⁵⁸. Distingue ele, assim, a ópera italiana da ópera francesa, na medida em que “... il faut

⁵⁵³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Lettre sur l'opéra italien et français”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol.V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 249.

⁵⁵⁴ De acordo com O. Pot este texto é o “Première étude d'esthétique musicale de R., elle prolonge tant les réflexions de l'époque classique opposant Anciens et Modernes à propos de la légitimité de la «tragédie en musique» que le débat suscité au début du siècle par la comparaison entre musique française et musique italienne ...” (cfr. Pot, O, “Lettre sur la musique française”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 520).

⁵⁵⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Lettre Sur l'opéra italien et français”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol.V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 249. “Quero vos pois falar dos espectáculos de Itália a vós que haveis já tão bem os de França. Terei muito a me felicitar se a minha carta vos poder fornecer quaisquer materiais para julgar igualmente os primeiros ...”.

⁵⁵⁶ O. Pot sobre isto escreve, “... les premiers opéras de Rameau remplissent parfaitement le programme et les conditions théoriques qu'exige le succès grandissant de ce nouveau genre qu'est le théâtre lyrique baroque : valorisation du spectacle au détriment de la parole (la musique ne saurait en effet signifier des idées), justification des chœurs et des danses, primauté accordée au merveilleux et aux machines (censés «émouvoir» les sens plus que parler à l'esprit), mise en œuvre de toutes les impressions et effets physiques dont la musique symphonique est susceptible (ce qui légitime les progrès de l'harmonie), constitueraient autant d'éléments qui avantagent la scène française illustrée par Rameau au détriment de l'opéra italien, plus proche de la tragédie classique ...” (cfr. Pot, O, “Lettre Sur L'Opéra Italien Et Français”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, pp. 520 – 521).

⁵⁵⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Lettre sur l'opéra italien et français”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol.V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 250. “A tragédia e a comédia excedem as regras que lhes são comuns tendo cada uma particulares que formam duas espécies do mesmo género; a ópera é um terceiro que não se distingue menos das outras e é certamente um defeito confundi-las e de não buscar em cada um desses géneros poéticos o seu génio particular ...”.

⁵⁵⁸ Na opinião de O. Pot “... l'épisode désastreux de la représentation des *Muses galantes* chez La Pouplinière en septembre 1745 explique l'inachèvement de cette démonstration et le silence ultérieur de R. sur une œuvre de jeunesse qui ne sera jamais publiée de son vivant et dont il

convenir que les Paroles des Operas Italiens valent beaucoup moins que les nôtres en cela même qu'elles sont meilleures et plus raisonnables ..."⁵⁵⁹. Para o nosso pensador, a ópera possui uma natureza própria, pois ao contrário da tragédia que "... n'est rien moins que la représentation d'une action humaine, les hommes et surtout les Heros ne parlent point vers, ils ne justifient point par de grands mots les sottise que l'amour leur fait faire, leur discours n'est point un tissu de pensée gigantesques, d'expression empoulées ..."⁵⁶⁰, na ópera "... il n'est pas possible de s'imaginer que deux personnes s'entretiennent naturellement en chantant, et fassent, de cette manière, une conversation souvent très sérieuse (...). De manière que les discours tristes et sérieux de l'acteur font un contraste choquant avec la vivacité de l'air qu'il y met ..."⁵⁶¹. É justamente neste aspecto, de desarticulação entre o discurso e a música, que a ópera italiana se distancia, de forma significativa, da ópera francesa. Para Rousseau embora as primeiras sejam "... intéressants à la Lecture sont toujours d'un froid glaçant sur le Theatre ..."⁵⁶², as segundas, por sua vez, "... retranchant quelques airs quel'auteur a ajoutés en faveur dela musique et qui pour l'ordinaire sont des selles à tous chevaux et n'ont qu'un rapport general éloigné au sujet où ils sont employés précisément comme les airs détachés des fêtes de nos Opera ..."⁵⁶³.

inversera plus radicalement les thèses ..." (cfr. Pot, O, "Lettre Sur L'Opéra Italien Et Français", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 521).

⁵⁵⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Lettre sur l'opéra italien et français", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol.V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 250. "... deve-se convir que as palavra das óperas italianas valem bem menos do que as nossas nisso mesmo que elas são melhores e mais razoáveis ...".

⁵⁶⁰ Ibidem. "... não é nada a não ser a representação de um acção humana, os homens e sobretudo os heróis não dizem nada a [esse] propósito, eles não justificam por grandes palavras as tolices que os amor os fez fazer, o seu discurso não é um tecido de pensamentos gigantescos, de expressões empoadas ...".

⁵⁶¹ Ib., pp. 250 – 251. "... não é possível imaginar que duas pessoas se entretêm naturalmente a cantar, fazendo, dessa maneira, muitas vezes uma conversa muito séria (...). De modo que os discursos tristes e sérios do actor fazem um contraste chocante com a vivacidade da ària em que eles estão inseridos ...".

⁵⁶² Ib., p. 251. "... interessantes à leitura são sempre de um frio glacial sobre o teatro ...".

⁵⁶³ Ib.. "... recuperando algumas àrias que um qualquer autor juntou em beneficio da música e que normalmente são selas para todos os cavalos e que não tem senão uma relação geral distante ao assunto em que são utilizadas precisamente como as àrias destacadas nas festas das nossas óperas ...".

III. PERÍODO NOSTÁLGICO (1749 - 1756)

1. Escritos Políticos

1.1. *Discours sur les sciences et les arts* (1750)⁵⁶⁴

A composição da obra *Discours sur les sciences et les arts* teve a sua origem num momento especial, numa viagem que Rousseau fez, a pé, para visitar Diderot prisioneiro em Vincennes. O nosso autor relata este episódio⁵⁶⁵ da seguinte forma:

“... tout à coup je me sens l’esprit ébloui de mille lumieres ; des foules d’idées vives s’y presenterent à la foi avec une force et une confusion qui me jetta dans un trouble inexprimable ; je sens ma tête prise par un etourdissement semblable à l’ivresse. Une violente palpitation m’opresse, souleve ma poitrine ; ne pouvant plus respirer en marchant, je me laisse tomber sous un des arbres de l’avenüe, et j’y passe une demie heure dans une telle agitation qu’en me revelant j’apperçus tout le devant de ma veste mouillé de mes larmes sans avoir senti que j’en repandois ...”⁵⁶⁶.

⁵⁶⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur les sciences et les arts”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 3.

⁵⁶⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Lettres à Malesherbes”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1135. “... j’avois dans ma poche un *Mercurie de France* que je me mis à feuilleter le long du chemin. Je tombe sur la question de l’Academie de Dijon qui a donné lieu à mon premier écrit. Si jamais quelque chose a ressemblé à une inspiration subite, c’est le mouvement qui se fit en moi à cette lecture ...”. “... tenho no meu bolso um *Mercurio de França* que me pus a folhear ao longo do caminho. Dou com a questão da Academia de Dijon que deu lugar ao meu primeiro escrito. Se jamais qualquer coisa se assemelhou a uma inspiração súbita, foi o movimento que se fez em mim naquela leitura ...”.

⁵⁶⁶ *Ibidem*. “... de repente sinto o meu espírito ficar imbuído de mil luzes; um grande número de ideias vivas surgem de seguida com tal força e confusão que dão comigo num estado de turbilhão indescritível; sinto a minha cabeça tomada por uma inquietação parecida com um estado de ebriedade. Uma violenta palpitação oprímia-me, o meu peito ofegava; e não podendo mais respirar ao andar, deixei-me cair debaixo de uma das árvores da avenida, e aí passei uma meia hora numa tal agitação que quando me levantei dei conta que a minha roupa estava molhada das lágrimas que sem me aperceber derramava ...”.

Este episódio marcará para sempre a vida do nosso autor⁵⁶⁷, pois, as iluminações teóricas que lhe ocorreram não mais deixaram de se expressar nos seus textos futuros, tal como o próprio afirma, “... avec quelle clarté j’aurois fait voir toutes les contradictions du systeme social, avec quelle force j’aurois exposé tous les abus de nos institutions, avec quelle simplicité j’aurois démontré que l’homme est bon naturellement et que c’est par ces institutions seules que les hommes deviennent méchants ...”⁵⁶⁸.

Apesar de ter recebido o prémio da Academia de Dijon, no ano de 1750, Rousseau classifica esse seu escrito do seguinte modo: “Il est certain que cette pièce qui m’a valu un prix et qui m’a fait un nom, est tout au plus médiocre, et j’ose ajouter qu’elle est une des moindres de tout ce recueil ...”⁵⁶⁹. Embora tecendo esta auto-crítica⁵⁷⁰, o texto pretendia responder à questão proposta pela Academia de Dijon, a saber, se o restabelecimento das ciências e das artes contribuiu para aperfeiçoar os costumes. No que se refere à pertinência da questão, considera o nosso autor que esta é “... une des grandes et des plus belles questions qui ayent jamais été agitées ...”⁵⁷¹.

⁵⁶⁷ Sobre este assunto, Bouchardy refere a opinião de Henri Gouhier, autor para quem devemos ter em consideração alguns aspectos da vida de Rousseau : “... sa vie aventurière, aux situations contrastées, ses aptitudes et ses mécomptes, ses prétentions et ses déceptions, ses essais mal dirigés en des milieux où il n’est pas à l’aise, surtout à se rappeler ses origines genevoises, son éducation, l’imprégnation de son âme enfantine par l’atmosphère natale, on comprend ce qui conditionna la conversion ou l’évolution de Rousseau en 1749 – sans la nécessiter. Et reste indéçise la nature de son intuition ou de sa vision, comme aussi ce qu’elle fit plus exactement de lui ...” (cfr. Bouchardy, François, “Sur les Sciences et les Arts”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. XXXI).

⁵⁶⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Lettres à Malesherbes”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 1135 – 1136. “... com que clareza eu poderia mostrar todas as contradições do sistema social, com que força eu poderia expor todos os abusos das nossas instituições, com que simplicidade eu poderia demonstrar que o homem é bom naturalmente e que são estas instituições que o tornam mau ...”.

⁵⁶⁹ Cfr. Bouchardy, François “Notes et Variantes” [1 (b)], in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes* Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1237. “Certo que esta peça, que me valeu um prémio e tornou conhecido meu nome, é quando muito mediocre, e atrevo-me a acrescentar que é uma das menores de toda esta colectânea ...”.

⁵⁷⁰ De acordo com Bouchardy, “Il lui a reconnu cependant une importance considérable, à certains égards exceptionnelle, parce qu’il y déclarait publiquement une rupture et un engagement consécutifs à un bouleversement intérieur qui sans conférer au style toutes qualités lui donnait du moins force et chaleur ...” (cfr. Bouchardy, François, “Discours sur les sciences et les arts”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. XXVII).

⁵⁷¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur les sciences et les arts”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 3. “... uma das maiores e mais belas questões jamais ventiladas ...”.

A partir da leitura do prefácio, o autor mostra claramente que tinha consciência de que o texto que iria apresentar seria alvo de uma censura universal⁵⁷². Isto porque considera que o seu texto contraria “... tout ce qui fait aujourd’hui l’admiration des hommes ...”⁵⁷³. E continua: “Aussi mon parti est-il pris; je ne me soucie de plaire ni aux Beaux-Esprits, ni aux Gens à la mode ...”⁵⁷⁴, pois que, “Il ne faut point écrire pour de tels Lecteurs, quand on veut vivre au-delà de son siècle ...”⁵⁷⁵. O próprio Rousseau reconhece que alguns dos conteúdos do seu discurso podem originar um mal-estar na recepção do seu escrito. O primeiro é quando ele pretende “... blâmer les Sciences devant une plus savantes Compagnies de l’Europe ...”⁵⁷⁶; o segundo, quando propõe “... louer l’ignorance dans une célèbre Académie ...”⁵⁷⁷; o terceiro, quando ousa “... conciler le mépris pour l’étude avec le respect pour les vrais Savans?”⁵⁷⁸. É por isso mesmo que diz de um modo explícito que aquilo que pretende defender é a virtude e não maltratar a ciência.

O *Discours sur les sciences et les arts* revela um Rousseau nostálgico por reacção⁵⁷⁹. Nele, encontramos o primeiro indicador daquilo que mais tarde vai ser desenvolvido no *Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité*, ou seja, a condição do homem natural. Rousseau assume-se como o protótipo dessa mesma condição, na medida em que considera que o Homem natural é aquele que se basta a si mesmo, não precisando da opinião dos outros para manter a sua existência, “... qu’après avoir soutenu, selon ma lumière naturelle, le parti de la vérité; quel

⁵⁷² De acordo com Coleman, “... Rousseau affrontait le grand public pour la première fois ; il était donc naturel d’attirer l’attention sur la scène littéraire française, l’auteur anonyme maintenait sa position d’extériorité en soulignant ses qualités d’étranger et de républicain. Mais il tenait à souligner la distance morale et politique qui le séparait de ses contemporains français et, sans doute aussi, à se distinguer de la foule des nouveaux auteurs qui voulaient piquer l’intérêt du public. Cette critique paradoxale du savoir et du raffinement des manières, rédigée dans un style admirable de vigueur et de netteté, truffée de références livresques, provoqua de nombreuses réactions ...” (cfr. Coleman, P., “Discours sur les Sciences et les Arts”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 231).

⁵⁷³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur les sciences et les arts”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 3. “... tudo o que hoje provoca a admiração dos homens ...”.

⁵⁷⁴ Ibidem. “... por isso já me decidi, não me preocupo em agradar nem a eruditos pedantes, nem às pessoas em moda ...”.

⁵⁷⁵ Ib.. “Não se deve escrever para tais leitores, quando se quer viver mais além de seu século ...”.

⁵⁷⁶ Ib., p. 5. “... censurar as ciências perante uma das mais sábias sociedades da Europa ...”.

⁵⁷⁷ Ib.. “... louvar a ignorância numa célebre Academia ...”.

⁵⁷⁸ Ib.. “... conciliar o desprezo pelo estudo com o respeito pelos verdadeiros sábios ...”.

⁵⁷⁹ De acordo com José Marques: “De facto, Rousseau havia produzido uma devastadora crítica do progresso técnico e científico, o qual acusou de promover o luxo e a desigualdade e minar os valores morais e cívicos das sociedades. Uma tese tão radical e provocativa não poderia deixar de provocar reacções, e nos dois anos seguintes Rousseau esteve ocupado em redigir respostas a objecções levantadas contra seu *Discurso*, no decorrer das quais pôde refinar a sua crítica e seu argumentos, preparando as bases do sistema filosófico que desenvolveria em suas posteriores obras políticas e pedagógicas ...” (cfr. Marques, José, “Carta sobre a música francesa”, in *Textos Didáticos 58*, IFCH-Unicamp, Campinas, 2005, p. 1).

que soit mon succès, il est un Prix qui ne peut me manquer: Je le trouverai dans le fond de mon coeur ..."⁵⁸⁰.

O *Discours sur les sciences et les arts* divide-se em duas partes⁵⁸¹. Na primeira parte do texto Rousseau emprega duas formas distintas de discursar: inicialmente utiliza um tom irónico, ao qual se segue um ataque feroz relativamente à situação a que o Homem chegou. Começa o autor por dizer que "C'est un grand et beau spectacle de voir l'homme sortir en quelque maniere du néant par ses propres efforts; dissiper, par les lumieres de sa raison, les ténèbres dans lesquelles la nature l'avoit enveloppé ..."⁵⁸². Continua, em tom irónico, a elogiar o Homem, quando afirma que este consegue "... parcourir à pas de Géant ainsi que le Soleil, la vaste étendue de l'Universe ..."⁵⁸³, e critica os povos europeus, que sendo, agora, tão esclarecidos " ... vivoient il y a quelques siècles, dans un état pire que l'ignorance ..."⁵⁸⁴.

Na segunda parte do texto, continuando num registo crítico, aponta as ciências e as artes como factores responsáveis pela consolidação dos tronos das sociedades de então. A passagem que se segue é clara, reforçando a ideia de que Rousseau foi inicialmente irónico, quando começou por elogiar o Homem europeu:

"Tandis que le Gouvernement et les Loix pouvoient à la sûreté et au bien-être des hommes assemblés; les Sciences, les Lettres et les Arts, moins despotiques et plus puissans peut-être, étendent des guirlandes de fleurs sur les chaînes de fer don't ils sont chargés, étouffent en eux le sentiment de cette liberté

⁵⁸⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Discours sur les sciences et les arts", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 5. "... depois de ter sustentado, segundo a minha luz natural, o partido da verdade, seja qual for o meu sucesso, há um prémio que não me há-de faltar e que encontrarei no fundo de meu coração ...".

⁵⁸¹ "Le première présente des «inductions historiques» en suivant la succession chronologique des civilisations ; la seconde considère les sciences et les arts «en eux-mêmes» pour montrer ce qui, logiquement, «doit résulter de leur progrès ..." (cfr. Coleman, P., "Discours sur les Sciences et les Arts", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 230).

⁵⁸² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Discours sur les sciences et les arts", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 6. "É um espectáculo grande e belo ver o homem sair a bem dizer do nada por seus próprios esforços; dissipar, pelas luzes de sua razão, as trevas em que o envolvera a natureza ...".

⁵⁸³ Ibidem. "... percorrer a passos de gigante, assim como o Sol, a vasta extensão do universo ...".

⁵⁸⁴ Ib.. "... viviam há alguns séculos num estado pior do que a ignorância ...".

originelle pour laquelle ils sembloient être nés, leur font aimer leur esclavage et en forment ce qu'on appelle des Peuples policés ...”⁵⁸⁵.

Assim, os povos atingiram uma polidez que se caracteriza por um embaciamento da transparência daquilo que é natural, ou seja, os povos aprenderam a arte da dissimulação⁵⁸⁶. É justamente isto que Rousseau pretende mostrar no *Discours sur les sciences et les arts*. A convicção do nosso pensador é tão firme que chega a tecer uma das maiores críticas à arte quando a acusa de ter “... façonné nos manières et appris à nos passions à parler un langage apprêté, nos moeurs étoient rustiques, mais naturelles; et la différence des procédés annonçoit au premier coup d’oeil celle des caracteres ...”⁵⁸⁷.

1.2. *Discours sur l’origine et les fondemens de l’inégalité parmi les hommes* (1754)⁵⁸⁸

A composição da obra *Discours sur l’origine et les fondemens de l’inégalité parmi les hommes* surge como resposta a uma questão colocada pela Academia de Dijon, a saber: “Quelle est l’origine de l’inégalité parmi les hommes, et si elle est autorisée par la loi naturelle”⁵⁸⁹. Esta questão pode ser analisada sob dois ângulos. O primeiro, considerando-a uma questão de facto:

⁵⁸⁵ *Ib.*, pp. 6 - 7. “Enquanto o governo e as leis suprem à segurança e ao bem-estar dos homens reunidos, as ciências, as letras e as artes, menos despóticas e talvez mais poderosas, estendem guirlandas de flores nas correntes de ferro que eles carregam, sufocam-lhes o sentimento dessa liberdade original para a qual pareciam ter nascido, fazem-nos amar a sua escravidão e formam o que chamamos de povos policiados ...”.

⁵⁸⁶ “Dissimular é fingir não ter o que se tem. Simular é fingir ter o que não se tem. O primeiro refere-se a uma presença, o segundo a uma ausência. Logo fingir, ou dissimular, deixam intacto o princípio da realidade: a diferença continua a ser clara, está apenas disfarçada, enquanto que a simulação põe em causa a diferença do «verdadeiro» e do «falso» do «real» e do «imaginário» ...” (cfr. Baudrillard, Jean, *Simulacros e Simulação*, Relógio d’Água, Lisboa, 1991, p. 9).

⁵⁸⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur les sciences et les arts”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 8. “... moldado nossas maneiras e ensinado nossas paixões a falar uma linguagem rebuscada, nossos costumes eram rústicos, mas naturais; e a diferença dos procedimentos anunciava, ao primeiro lance de olhos, a dos caracteres ...”. A este respeito escreve Bouchardy: “La politesse, la décence, les convenances sociales s’opposent à la sincérité, c’est-à-dire à l’accord des gestes, des propos d’un individu avec soi-même, avec son individualité propre. De cet accord, un objet essentiel de sa poursuite, Jean-Jacques a tenté de déterminer théoriquement les conditions et de donner pratiquement l’exemple ...” (cfr. Bouchardy, François “Notes et Variantes” [2], in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes* Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1242).

⁵⁸⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondemens de l’inégalité parmi les hommes”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 111.

⁵⁸⁹ *Ibidem*, p. 129. “Qual é a origem da desigualdade entre os homens e se é autorizada pela lei natural ...”.

saber se os homens são por natureza iguais; o segundo, considerando-a uma questão de direito: saber se a lei natural autoriza as desigualdades sociais. Este texto, composto por duas partes e por uma dedicatória inicial, não foi escrito num estado de agitação, tal como ocorrera com o primeiro *Discours*⁵⁹⁰, contudo, foi escrito num tom polémico.

O objectivo deste texto é, essencialmente, numa primeira parte, fazer a distinção entre natureza e cultura, e, numa segunda parte, perceber como ocorreu a passagem de um estado natural a um estado social, tendo em consideração que esse movimento é de desnaturalização. Por essa razão, e de acordo com Rousseau, só podemos resolver as restantes questões se aquela que é relativa ao Homem estiver respondida.

Assim, na segunda parte do *Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes*, Rousseau passa a explicar como ocorreu a transição do estado natural para o estado civil. Daí que, de acordo com a nossa interpretação, se possa situar a origem de um putativo plano de desconstrução em Rousseau. A distinção que é feita entre o Homem natural e o Homem social é a premissa a partir da qual Rousseau é capaz de desconstruir tudo o que foi pensado sobre a condição humana. A crítica de Rousseau a Hobbes é um exemplo disto mesmo, pois consiste em dizer que o filósofo inglês acaba por não conseguir perceber verdadeiramente a natureza humana. E porquê? Precisamente porque não foi capaz de ter feito um movimento de regressão até ao ponto inicial. É como se Hobbes tivesse partido do ponto 1 e ignora-se completamente que até chegar a este ponto é preciso percorrer o espaço que existe entre 0 e 1⁵⁹¹.

Deste modo, Rousseau entende que devemos "... juger assés exactement de la mesure don't chaque Peuple s'est éloigné de son institution primitive, et du chemin qu'il a fait vers le

⁵⁹⁰ Sobre este assunto escreve Starobinski: "Pour Rousseau, le coup de fouet du nouveau concours sera le prétexte (ou la cause occasionnelle) d'un progrès intellectuel décisif. Il ne s'agit pas, cette fois-ci, de briguer les suffrages des académiciens de Dijon – Rousseau est déjà connu, et peu lui chaut de plaire et d'emporter le prix – mais de se distinguer et de se distancer d'une autre façon: par l'ampleur, par la cohérence et tout ensemble par l'intransigeance de la doctrine. Alors que le premier *Discours* comportait quelques couplets destinés à attirer les bonnes grâces des juges, le second *Discours*, avec ce qu'il a d'abrupt et de pur, paraît dédaigner les précautions et les concessions qui pourraient lui valoir les applaudissements de l'Académie ..." (cfr. Starobinski, Jean, "Discours Sur L'Origine Et Les Fondemens De L'Inégalité", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. XLII).

⁵⁹¹ Daí que, Trousson citando Gouhier, diga o seguinte: "Si l'on veut découvrir les origines de l'inégalité, disait-il, ne convient-il pas de savoir d'abord ce que pouvait être originel, antérieur aux conventions sociales? Cet état, reconstruisons-le par spéculation, non comme une époque préhistorique, mais comme une hypothèse de travail, un degré zero à partir duquel il sera possible de mesurer les transformations accomplies ..." (cfr. Raymond, Trousson, *Jean-Jacques Rousseau*, Hachette, Paris, 1993, pp. 117-118).

terme extrême de la corruption ..."⁵⁹². E qual é esse extremo da corrupção? Responde o nosso autor:

"De l'extrême inégalité des Conditions et des fortunes, de la diversité des passions et des talents, des arts inutiles, des arts pernicioeux, des Sciences frivoles sortiroient des foules de préjugés, également contraires à la raison, au bonheur et à la vertu (...). C'est du sein de ce désordre et de ces révolutions que le Despotisme, élevant par degrés sa tête hideuse et dévorant tout ce qu'il auroit aperçu de bon et de sain dans toutes les parties de l'Etat, parviendroit enfin à fouler aux pieds les Lois et le Peuple, et à s'établir sur les ruines de la République (...). C'est ici le dernier terme de l'inégalité, et le point extrême qui ferme le Cercle et touche au point d'où nous sommes partis : C'est ici que tous les particuliers redeviennent égaux parce qu'ils ne sont rien ..."⁵⁹³.

Esta é uma passagem importante, pois mostra-nos como se fechou o ciclo da evolução da condição humana, a qual, claramente, foi acompanhada pela evolução política do estado civil. Embora o pensamento político, bem como outros – o educacional, o moral - esteja inserido num contexto mais abrangente, o antropológico, aquele determina a evolução deste. Embora a natureza humana traga consigo as faculdades que podem ser apontadas como causadoras da sua desgraça, isso não seria o suficiente, caso essas mesmas faculdades não tivessem sido desenvolvidas pelas comodidades criadas pelo homem e que se tornaram em necessidades essenciais à sua existência: "... l'inégalité étant presque nulle dans l'Etat de Nature, tire sa force et son accroissement du développement de nos facultés et des progrès de l'Esprit humain, et devient enfinstable et légitime par l'établissement de la propriété et des Loix ..."⁵⁹⁴.

⁵⁹² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 189. "... avaliar com bastante exactidão quanto cada povo se distanciou de sua instituição primitiva e o caminho que percorreu rumo ao termo extremo da corrupção ...".

⁵⁹³ Ibidem, pp. 190 – 191. "Da extrema desigualdade das condições e das fortunas, da diversidade das paixões e dos talentos, das artes inúteis, das artes perniciosas, das ciências frívolas, sairiam multidões de preconceitos, igualmente contrários à razão, à felicidade e à virtude (...). É do seio dessa desordem e dessas revoluções que o despotismo, erguendo paulatinamente sua horrorosa cabeça e devorando tudo o que estivesse percebido de bom e de sadio em todas as partes do Estado, conseguiria por fim pisar com os pés as leis e o povo e estabelecer-se sobre as ruínas da república(...). É este o último termo da desigualdade, e o ponto extremo que fecha o círculo e toca o ponto de que partimos; é nele que todos os particulares voltam a ser iguais porque nada são ...".

⁵⁹⁴ Ib., p. 193. "... a desigualdade, sendo quase nula no estado de natureza, extrai sua força e seu crescimento do desenvolvimento de nossas faculdades e dos progressos do espirito humano e torna-se enfim estável e legitima pelo estabelecimento da propriedade e das leis ...".

Em conclusão, é justamente a partir destes dois elementos, propriedade e leis, como apogeu do estado civil⁵⁹⁵, que Rousseau pretende mostrar de que modo o Homem natural foi desaparecendo⁵⁹⁶. Para o nosso pensador, um leitor atento concluirá ser "... dans cette lente succession des choses qu'il verra solutions d'une infinité de problêmes de morale et de Politique que les Philosophes ne peuvent résoudre. Il sentira que le Genre-humain d'un autre âge, la raison pourquoi Diogéne ne trouvoit point d'homme, c'est qu'il cherchoit parmi ses contemporains l'homme d'un tems qui n'étoit plus ..." ⁵⁹⁷.

1.3. *Discours sur l'économie politique (1754)*⁵⁹⁸

Rousseau não colaborou apenas com artigos sobre música para a *Encyclopédie*. Também pensou sobre política, publicando em 1755 um artigo intitulado *Économie politique*⁵⁹⁹. Neste artigo, numa introdução alargada, Rousseau tentou esclarecer alguns equívocos conceptuais. Assim, começa por definir o conceito de economia, apresentando as duas concepções que o termo possui: por um lado, é entendido como "... le sage et légitime gouvernement de la maison,

⁵⁹⁵ "La naissance de l'idée de propriété marque le dernier terme de l'état de nature et fonde la société civile. Ce fut le résultat d'une lente successions d'événements. La condition de l'homme naissant fut vie d'animal borne aux pures sensations. Mais des difficultés se présentèrent et il dut apprendre à les vaincre (...). Telle fut l'origine de la société et des lois. Pour le profit de quelques ambitieux, le genre humain était désormais assujéti. Les sociétés se multiplièrent et s'étendirent à tout la terre. La loi de la nature ne subsista qu'entre les divers sociétés, et cet état devint encore plus funest entre les grands corps qu'il ne l'avait été entre les individus ..." (cfr. Roussel, J., "Discours sur l'Origine et les fondements de l'Inégalité parmi les hommes", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, pp. 234 – 235).

⁵⁹⁶ "Em suma, explicará como a alma e as paixões humanas, alterando-se insensivelmente, mudam, por assim dizer, de natureza; por que nossas necessidades e nossos prazeres mudam de objetos com o passar do tempo; por que, esvaindo-se gradualmente o homem natural, a sociedade já não oferece aos olhos do sábio senão uma reunião de homens artificiais e de paixões factícias que são obra de todas essas novas relações e não têm nenhum fundamento real na natureza ..." (cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 241).

⁵⁹⁷ *Ibidem*, p. 192. "... nessa lenta sucessão das coisas que verá a solução de uma infinidade de problemas morais e políticos que os filósofos não podem resolver. Perceberá que, não sendo o género humano de uma época o género humano de outra época, é por essa razão que Diógenes não encontrava um homem, porque procurava entre seus contemporâneos o homem de um tempo que já não existia ...".

⁵⁹⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Discours sur l'économie politique", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 241.

⁵⁹⁹ "Il [Rousseau] avance vers les formules du *Contrat social*, en critiquant le contrat de gouvernement hobbien, que Diderot accepte. Sa pensée politique se développe sans s'écarter de la philosophie morale : patriotisme et cosmopolitisme, formation de citoyens pour la patrie, nécessité d'une conscience générale sont autant de questions morales posées par et dans la politique ..." (cfr. Roussel, J., "Discours sur l'Économie politique", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 228).

pour le bien commun de tout la famille ...”⁶⁰⁰; por outro lado, como “... gouvernement de la grand famille, que est l’état ...”⁶⁰¹. Das duas concepções a primeira corresponde à “... économie domestique, ou particuliere ...”⁶⁰²; a segunda corresponde à “... économie générale, ou politique ...”⁶⁰³. Para Rousseau estas duas sociedades diferem bastante e, nesse sentido, não se pode aplicar as regras de uma a outra. O facto de terem dimensões diferentes faz com que a administração de ambas seja completamente distinta, distanciando-se o governo doméstico do governo civil⁶⁰⁴. Neste sentido, faz a separação entre o que é a economia política e a autoridade política⁶⁰⁵. Rousseau faz corresponder à economia política aquilo a que chama de governo e faz corresponder à autoridade suprema aquilo a que chama de soberania. A primeira possui o direito legislativo, e em alguns casos obriga a nação como um todo; a segunda tem o poder executor, e só pode obrigar os particulares.

O nosso autor prossegue a redacção do escrito, dividindo-o em três partes. A primeira parte é referente à conformidade da administração com as leis, sendo que o que importa é perceber qual a tarefa e a importância do governo: “Je conclus donc que comme le premier devoir du législateur est de conformer les lois à la volonté générale, la premiere regle de l’économie publique est que l’administration soit conforme aux lois...”⁶⁰⁶. A segunda parte está relacionada com a questão do patriotismo, sendo que o autor apresenta dois modos de o fomentar e garantir. O primeiro é através da protecção que o Estado deve garantir aos seus membros: “Que la patrie se montre donc la mere commune des citoyens, que les avantages dont ils jouissent dans leur

⁶⁰⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’économie politique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p, 241. “... o sábio e legítimo governo da casa voltado para o bem comum de toda a família ...”.

⁶⁰¹ Ibidem. “... governo da grande família que é o estado ...”.

⁶⁰² Ib.. “... economia doméstica ou particular ...”.

⁶⁰³ Ib.. “... economia geral ou política ...”.

⁶⁰⁴ “... le gouvernement de l’État et celui de la famille n’ont, en réalité, rien de commun ...” (cfr. Derathé, Robert, “Discours Sur L’Économie Politique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. LXXVII).

⁶⁰⁵ Ibidem. De acordo com Derathé, “Il s’agit pour lui de montrer que l’économie politique n’est pas dans l’État le pouvoir suprême, mais seulement un pouvoir subordonné, chargé de l’exécution des lois. L’autorité politique se compose, en effet, de deux pouvoirs: celui de faire les lois et celui d’en assurer l’exécution. Le premier de ces pouvoirs est l’autorité suprême tandis que l’autre lui est naturellement subordonné. Selon une terminologie qui lui est propre et à laquelle il restera toujours fidèle, Rousseau appelle *souveraineté* l’autorité suprême ou le droit législatif et *gouvernement* la puissance exécutive ...”.

⁶⁰⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’économie politique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 250. “Concluo, então, que da mesma forma que o primeiro dever do legislador é adequar as lleis à vontade geral, a primeira regra de economia pública é administrar de acordo com as leis ...”.

pays le leur rendre cher, que le gouvernement leur laisse assez de part à l'administration public pour sentir qu'ils sont chez eux, et que les lois ne soient à leurs yeux queles garants de la commune liberte..."⁶⁰⁷. O segundo é através da educação pública, de resto como o próprio autor afirma: "L'éducation publique sous des regles prescrites par le gouvernement, et sous des magistrats établis par le souverain, est donc une des maximes fondamentales du gouvernement populaire ou legitime ..." ⁶⁰⁸. Na terceira parte Rousseau faz a exposição do seu sistema económico e apresenta a sua concepção de finanças públicas.

2. Escritos sobre Música, Língua e Teatro

2.1. *Sur les richesses, suivi de deux fragments sur le gout* (1756)⁶⁰⁹

*Sur les richesses, suivi de deux fragments sur le gout*⁶¹⁰ trata do tema da riqueza. Este texto baseia-se num diálogo entre duas personagens⁶¹¹, destacando-se um jovem pobre que tem por nome Chrysophile, o qual pretende tornar-se rico para, deste modo, poder resolver a miséria dos outros⁶¹² "... j'aspire à la fortune, mais c'est pour réparer ses injustices (...). Sans doute, (...) je

⁶⁰⁷ Ibidem, p. 258. "Que a pátria se mostre a mãe comum de todos os cidadãos, que as vantagens que usufruem em seu país a tornem amada, que o governo os deixe participar da administração pública para perceberem que estão em casa e que as leis sejam a seus olhos garantias da sua liberdade ...".

⁶⁰⁸ Ib., pp. 259 – 260. "Uma das máximas fundamentais do governo popular ou legítimo é a educação pública, segundo as regras prescritas pelo governo e os magistrados estabelecidos pelo soberano ...".

⁶⁰⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Sur les richesses, suivi de deux fragments sur le gout", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 469.

⁶¹⁰ Na opinião de Bernard Gagnebin "Les fragments qui composent le discours *Sur les richesses* appartiennent à l'époque des premiers discours de Rousseau. De l'examen des mentions diverses qui figurent au verso de certains des fragments dont se compose le manuscrit ont permis à Félix Bovert de conclure, dans son introduction, que le discours *Sur les richesses* a dû être composé entre l'installation de Rousseau à la rue de Grenelle-Saint-Honoré, vers la fin de 1749 ou le début de 1750, et son établissement à l'Ermitage de Montmorency, en 1756 ..." (cfr. Gagnebin, Bernard, "Sur les richesses, suivi de deux fragments sur le goût", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. CCXXXIII).

⁶¹¹ "Échange épistolaire fictif, entre un personnage peu fortuné (peut-être Rousseau) et un jeune homme pauvre du nom de Chrysophile (étymologiquement : ami de l'or) ..." (cfr. Dizès, J.-M., "Discours sur les richesses", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 228).

⁶¹² Para Gagnebin, "Le discours témoigne de l'une des préoccupations constantes de l'écrivain : l'argent corrompt les mœurs, la richesse avilit et l'espoir de racheter sa fortune par la générosité est illusoire. À quel moment est-on assez riche pour distribuer ses biens ? N'est-on pas tenté de le devenir toujours davantage, sous prétexte d'accroître ses bienfaits, et n'emporte-t-on pas dans la tombe l'opprobre d'avoir accumulé sans avoir partagé ?" (cfr. Gagnebin, Bernard, "Sur les richesses, suivi de deux fragments sur le goût", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. CCXXXIII).

fais cas des richesses qu'on employe à soulager la misère d'autrui et de l'or dont achete des biens inestimables ..."⁶¹³.

O diálogo, que decorre com a apresentação de um conjunto de objecções que o interlocutor coloca ao jovem, é uma metáfora, de que se serve o nosso autor para criticar os seus contemporâneos e, consequentemente, o meio social que frequentava. É neste sentido que devemos interpretar a seguinte passagem, como uma crítica feroz à opressão dos ricos sobre os desfavorecidos:

“Je voudrais, dites-vous, être riche pour faire un bon usage de mes richesses, et si je desire d'avoir du bien ce n'est que pour avoir le plaisir d'en faire et de secourir les malheureux. Comme si le premier bien n'étoit pas de ne point faire de mal. Comment est-il possible de s'enrichir sans contribuer à appauvrir autrui, et que diroit-on d'un homme charitable qui commenceroit par dépouiller tous ses voisins pour avoir ensuite le plaisir de leur faire l'aumône. Vous qui raisonnez ainsi qui que vous puissiez être, je vous déclare que vous êtes une dupe ou [un] hypocrite : ou vous cherchez à tromper les autres ou votre cœur vous trompe vous-même en vous déguisant vòtre avarice sous l'apparence de l'humanité ...”⁶¹⁴.

Podemos, então, concluir que uma preocupação constante do nosso autor era a de demonstrar como o dinheiro seria uma das principais causas para justificar a corrupção dos costumes e da moral, sendo que a generosidade e bondade daqueles que a dizem praticar é uma pura ilusão, se não mesmo a maior expressão de simulação⁶¹⁵.

⁶¹³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Sur les richesses, suivi de deux fragments sur le goût”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 469.

⁶¹⁴ Ibidem, pp. 472 – 473. “Quereria eu, dizeis vós, ser rico para dar bom uso das minhas riquezas, e que se desejo ter o bem não é que para ter prazer de o praticar e de socorrer os desafortunados. Como se o primeiro bem não fosse senão não fazer mal. Como é que é possível enriquecer sem contribuir para a pobreza de outrem, e que diremos de um homem caridoso que começa por espoliar os seus vizinhos para de seguida ter o prazer de lhes dar uma esmola. Vós que raciocináis assim, quem quer que sejais, delcáro serdes um intrujão ou um hipócrita: ou procuráis enganar os outros ou o vosso coração vos engana a vós mesmo ao disfarçar a vossa avareza sob a aparência de humanidade ...”.

⁶¹⁵ De resto e como afirma Gagnebin, estas convicções de Rousseau “Ont-elles été inspirées par des exemples pris sur le vif, alors que Rousseau fréquentait les salons des financiers Dupin, La Pouplinière et Lalive d'Épinay?” (cfr. Gagnebin, Bernard, “Sur les richesses, suivi de deux fragments sur le goût”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. CCXXXIII).

2.2. *Dictionnaire de musique* (1764)⁶¹⁶

2.2.1. Primeiro momento da história da composição da obra: *Lettre a M. Grimm, au sujet des remarques ajoutées à sa lettre sur Omphale* (1752)⁶¹⁷

O *Dictionnaire de musique* resultou de um conjunto de artigos escritos por Rousseau para a *Encyclopédie*, a pedido de Diderot. A elaboração desta obra durou dezasseis anos⁶¹⁸.

A história da composição da obra decorre em quatro momentos. O primeiro momento ocorre quando Diderot convida Rousseau a escrever, para a *Encyclopédie*, artigos sobre a teoria e a prática musical. Até final de 1749, Rousseau tinha escrito 390 artigos, caracterizando-se todos eles pelo seu tom polémico. Serviu a redacção desses artigos para o nosso autor dirigir uma crítica musical feroz aos seus inimigos, nomeadamente a Rameau⁶¹⁹. Em *Lettre a M. Grimm, au sujet des remarques ajoutées à sa lettre sur Omphale*, podemos encontrar alguns exemplos dessa crítica, “Le Compère [ou *Commentateur*] prétend que parce que le genre bouffon est connu en Italie, il n’est pas vrai que M. Rameau en soit le créateur en France : cela est extrêmement plaisant. Car s’il n’eût point existé de genre bouffon en Italie, il eût été fort ridicule dire que M. Rameau en avoit créé un *en France*. Le critique vous avertit encore de ne point vous montrer partial, et il vous dit cela au sujet de M. Rameau ...”⁶²⁰. Esta é uma passagem bastante importante, porque nela, Rousseau define e situa o papel do crítico: “Quand il prendra la peine d’expliquer au long pourquoi il vous faire l’honneur d’être de votre avis, je l’appellerai *le Commentateur* (...), et ce

⁶¹⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Dictionnaire de musique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 605.

⁶¹⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Lettre a M. Grimm, au sujet des remarques ajoutées a sa lettre sur Omphale”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 261

⁶¹⁸ De acordo com J.-J. Eigeldinger, “Le caractère de l’entreprise et les problèmes inhérents à sa rédaction expliquent certes cette extension chronologique discontinue, mais plus encore le développement de la pensée du philosophe et la carrière de l’homme de lettres ...” (cfr. Eigeldinger, Jean-Jacques, “Dictionnaire de Musique”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 213).

⁶¹⁹ “Il lui offrait donc une tribune en même temps qu’une occasion de revanche à l’égard de l’esclandre provoqué par Rameau chez La Pouplinière l’été de 1745, lors de l’exécution de morceaux choisis des *Muses galantes* ...” (cfr. Eigeldinger, Jean-Jacques, “Dictionnaire de Musique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. CCLXX).

⁶²⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Lettre a M. Grimm, au sujet des remarques ajoutées à sa lettre sur Omphale”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, pp. 264 - 270.

sera *le Critique* toutes les fois qu'il aura raison ..."⁶²¹. Esta carta, mais do que a crítica feita a Rameau⁶²², representa o surgimento de um Rousseau que começa a mostrar o desacordo com as teses vigentes. O Rousseau que, nesta fase, caracterizamos de nostálgico empreendedor, é aquele que pretende introduzir mudanças ao nível da compreensão musical⁶²³.

Este ataque frontal a Rameau, e o próprio conteúdo da *Lettre a M.Grimm, au sujet des remarques ajoutées à sa lettre sur Omphale* indicam, desde logo, uma progressão sistemática que caracterizará a tese central relativa à *Lettre sur la musique française*.

2.2.2. Segundo momento da história da composição da obra: *Lettre d'un symphoniste de l'academie royale de musique à ses camarades de l'orchestre (1753)*⁶²⁴, *Lettre sur la musique française (1753)*⁶²⁵, *L'Origine de la mélodie (1755)*⁶²⁶, *Examen de deux principes avances par M. Rameau (1755)*⁶²⁷

O segundo momento ocorre entre 1753 e 1756⁶²⁸ e corresponde a um período de produção intensa de pleno desenvolvimento do pensamento crítico do nosso autor⁶²⁹. Desta época

⁶²¹ Ibidem, pp. 263.

⁶²² Tal como afirma Pot, "En la circonstance, elle permet à Rousseau de manifester plus ouvertement ses réticences à l'égard de Rameau, amorçant ainsi un revirement dans les rapports entre le clan philosophique et le compositeur ..." (cfr. Pot, O., "Lettre à M. Grimm au sujet des remarques ajoutées à sa lettre sur Omphale", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 514).

⁶²³ Ainda de acordo com Pot, "Fortement marquée par les thèses récentes du premier *Discours*, ce texte annonce à cet égard les options et les thèmes futurs de la philosophie musicale de l'auteur : condamnation des excès de l'harmonie, méfiance à l'égard des accompagnements savants, refus de la virtuosité technique censée nuire à l'expressivité, mise en évidence du rapport musique/parole qui trouve son modèle dans le récitatif italien, première ébauche du concept d'«unité de mélodie» ..." (Ibidem, pp. 514 – 515).

⁶²⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Lettre d'un symphoniste de l'academie royale de musique à ses camarades de l'orchestre", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 277.

⁶²⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Lettre sur la musique française", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 289.

⁶²⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "L'Origine de la mélodie", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 331.

⁶²⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Examen de deux principes avances par M. Rameau", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 347.

⁶²⁸ "À tout le moins, Rousseau était à l'oeuvre en 1753, comme permettent de déduire des recoupements chronologiques opérés à travers sa correspondance, la préface du *Dictionnaire* et Les Confessions de J.J. Rousseau. Il envisageait l'achèvement de son travail pour l'été 1756, dans le temps où il se livrait encore à de nombreuses lectures et compilations de sources théoriques, notamment à la Bibliothèque du Roi ..." (cfr. Eigeldinger, Jean-Jacques, "Dictionnaire de Musique", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 214).

datam os textos: *Lettre d'un symphoniste de l'academie royale de musique à ses camarades de l'orchestre*⁶³⁰, *Lettre sur la musique française*, *L'Origine de la mélodie*, *Examen de deux principes avances par M. Rameau*⁶³¹ e *Essai sur l'origine des langues*.

Deste conjunto, destaca-se a *Lettre sur la musique française*. Este texto re-lança de forma viva a crítica de Rousseau a Rameau. O próprio prefácio deste texto pode ser interpretado à luz de uma ofensiva indirecta que o nosso autor faz ao seu adversário. Nele, o autor despede-se da sociedade, dando-nos, ainda, a indicação que uma nova fase da sua vida vai ter início:

**“Arbitres de la Musique et de l’Opera, hommes et femmes à la mode, je
prends congé de vous pour jamais, et je me féliciterai tous les jours de ma vie
d’avoir surmonté la tentation de vous ennuyer une seconde fois de mes
amusemens. Il est tems de renoncer tout de bon aux Vers et à Musique, et**

⁶³⁰ “Cette période de 1753-1756 est celle d’une intense fermentation intellectuelle chez Rousseau, qui conçoit alors l’essentiel de sa pensée socio-politique et linguistico-musicale ...” (Ibidem).

⁶³⁰ Este é um texto de ficção e é ao mesmo tempo uma sátira e uma crítica, feita de um modo cómico, aos profissionais da música. Pretende o autor mostrar a conspiração que foi engendrada para sabotar a música dos Bouffons: “C’est ainsi q’après avoir expulse avec ignominie toute cette engeance Italienne, nous allons nous établir un tribunal redoutable; bientôt le succès, ou du moins, la chute des pièces dépendra de nous seuls; Les Auteurs saisi d’une juste crainte viendront en tremblant rendre hommage à l’archet qui peut les écorcher, et d’une bande de misérables racleurs pour laquelle on nous prend maintenant, nous deviendrons un jour les juges suprêmes de l’Opera françois, et les arbitres souverains de la chaconne et du rigaudon ...”. “É assim que depois de ter expulso com ignominia toda essa engendração italiana, nós iremos estabelecer um tribunal temível; logo o sucesso, ou ao menos, a ruina das peças dependerá de nós apenas; Os Autores munidos de uma justa queixa virão a tremer prestar homenagem ao arqueiro que os pode esfolar, e de um bando de miseráveis arranhadores por que nos tomamos agora, tornar-nos-emos um dia nos juizes supremos da Ópera francesa, e os árbitros soberanos da chacone e do rigodão ...” (cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Lettre d’un symphoniste de l’academie royale de musique à ses camarades de l’orchestre”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 285). De acordo com Pot: “L’insistence sur le scénario de la cabale laisserait penser que l’obsession du conspiração développée plus tard trouve son schéma dans l’hostilité dont Rousseau s’estime victime de la part des musiciens professionnels, et en particulier de Rameau ...” (cfr. Pot, O. “Lettre D’Un Symphoniste De L’Académie Royale De Musique À Ses Camarades De L’Orchestre”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 518).

⁶³¹ Na nota introdutória escreve Rousseau: “Je jettai cet Ecrit sur le papier en 1755 lorsque parut la Brochure de M. Rameau, et après avoir déclaré publiquement, sur la grande querelle que j’avoie eue à soutenir, que je ne répondrais plus à mes adversaires ...”. “Passei esse escrito a papel em 1755 assim que apareceu a brochura do Sr. Rameau, e depois de ter declarado publicamente, sobre a grande querela que houvera vindo a sustentado, que já não responderia mais aos meus adversários ...” (cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Examen de deux principes avances par M. Rameau”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 347). De acordo com Dent: “A obra de Rousseau foi alvo de uma série de ataques cada vez mais acerbos de Rameau mas, embora Rousseau respondesse a alguns deles (como no seu *Examen des deux principes avances par M. Rameau*), seus interesses estavam rapidamente se distanciando da música para concentrar-se nas importantes teorias sociais e políticas de sua maturidade ...” (cfr. Dent, N.J.H., “música, Textos sobre”, in *Dicionário Rousseau*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1996, p.169).

d'employer le loisir qui peut me rester à des occupations plus utiles et plus satisfaisantes, sinon pour le Public, au moins pour moi-même ...”⁶³².

Desde logo, podemos depreender das palavras de Rousseau, uma vontade empreendedora e autónoma que se destaca da sociedade da época. Vontade empreendedora essa que se reflectirá em ocupações mais úteis e satisfatórias, de acordo com a sua avaliação. É como se Rousseau quisesse dizer que aquilo que irá fazer de futuro se revestirá de um carácter essencial.

Instalada a polémica entre a música italiana e a música francesa, Rousseau considera que “Ne seroit-il point à propos, pour en bien juger, de mettre une fois la Musique Française à la coupelle de la raison, et de voir si elle en soutiendra l'épreuve ...”⁶³³. O nosso autor justifica a sua posição na medida em que considera que a melodia tem primazia sobre a harmonia:

“L'harmonie ayant son principe dans la nature, est la même pour toutes les Nations, ou si elle a quelques différences, elles sont introduites par celles de la mélodie ; ainsi, c'est de la mélodie seulement qu'il faut tirer le caractère particulier d'une Musique Nationale ; d'autant plus que ce caractère étant principalement donné par la langue, le chant proprement dit doit ressentir sa plus grande influence ...”⁶³⁴.

A discussão entre os dois autores centrou-se na relação existente entre a harmonia e a melodia. Ao contrário de Rousseau, Rameau considerava que as relações harmónicas da estrutura

⁶³² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Lettre sur la musique française”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 289. “Árbitros da música e da ópera, homens e mulheres da moda, despeço-me de vós para sempre, e me felicitei todos os dias da minha vida por ter dominado a tentação de vos importunar uma segunda vez com meus divertimentos. É tempo de renunciar para sempre aos versos e à música, e empregar o tempo disponível que me resta em ocupações mais úteis e mais satisfatórias, se não para o público, ao menos para mim mesmo ...”.

⁶³³ *Ibidem*, p. 291. “Não seria despropositado, para julgar adequadamente, submeter ao menos uma vez a música francesa ao cadinho da razão, e ver se ela resiste à prova ...”.

⁶³⁴ *Ib.*, 292. “Como a harmonia tem o seu principio na natureza, ela é a mesma para todas as nações; ou, se houver algumas diferenças, estas são introduzidas pelas diferenças da melodia. Assim, é apenas da melodia que se deve extrair o carácter particular de uma música nacional; ainda mais que, sendo esse carácter dado principalmente pela língua, é o canto propriamente dito que deve sofrer mais a sua influência ...”.

e da significação da música representavam uma forma de interpretar o universo⁶³⁵. A polémica⁶³⁶ entre os dois autores fica evidente na seguinte passagem:

“L'impossibilité d'inventer des chants agréables obligerait les Compositeurs à tourner tous leurs soins du côté de l'harmonie, et faute de beautés réelles, ils y introduiroient des beautés de convention, qui n'auroient presque d'autre mérite que la difficulté vaincu ; au lieu d'une bonne Musique, ils imagineroient une Musique sçavante ; pour suppléer au chant, ils multiplieroient les accompagnemens ; il leur en couteroit moins de placer beaucoup de mauvaises parties les unes au-dessus des autres, que d'en faire une qui fût bonne. Pour ôter l'insipidité, ils augmenteroient la confusion ; ils croiroient faire de la Musique et il ne feroient que du bruit ...”⁶³⁷.

⁶³⁵ “A estética musical clássica de Rameau prendia-se a uma concepção racionalista e mecanicista da natureza e do homem que rapidamente se esgotava, e, com ela, também as bases sobre as quais se organizava a sociedade do *Ancien régime*. Assim, quando os *philosophes* ingressam na querela dos Bufões, seu ataque à ópera tradicional de Rameau é antes um ataque a toda a visão de mundo, que pretendiam superar. Apesar das divergências já expressas em seu *Discurso sobre as ciências e as artes*, Rousseau estava aliado a eles nesse momento, mas a investigação que elle desenvolveu na *Carta sobre a música francesa* não foi meramente uma manobra tática, mas um importante passo para a constituição de uma estética musical baseada em princípios inteiramente diversos dos de Rameau, indispensável para compreender a imensa revolução musical das décadas posteriores, de Gluck a Mozart, e de Haydn a Beethoven ...” (cf. Marques, José Almeida, *Carta sobre a música francesa*, Unicamp, Campinas, 2005, p. 3).

⁶³⁶ “Quant à l'*Accent* pathétique et oratoire, qui est l'objet le plus immédiat de la Musique imitative du théâtre, on ne doit pas opposer à la maxime que je viens d'établir, que tous les hommes étant sujets aux mêmes passions doivent en avoir également le langage : car autre chose est l'*Accent* universel de la Nature qui arrache à tout homme des cris inarticulés, et autre chose l'*Accent* de la langue, qui engendre la Mélodie particulière à une Nation ...”. “Quanto ao Acento patético e oratório, que é o objecto mais imediato da música imitativa do teatro, não devemos opor à máxima que acabei de estabelecer, que todos os homens estando sujeitos às mesmas paixões devem sobre elas ter igualmente a mesma linguagem: porque uma coisa é o *Acento* universal da natureza que arranca a todo o homem gritos inarticulados, e outra coisa o *Acento* da língua, que engendra a Melodia particular a uma Nação ...” (cf. Rousseau, Jean-Jacques, “Dictionnaire de musique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 614). Acrescente-se ainda o comentário de Eigeldinger, “Le moteur de la démonstration rousseauiste en faveur de la mélodie va consister dans le recours au principe de l'imitation des accents de la passion, comme étant à l'origine du langage-musique primitif et de la déclamation vocale. Appliquée à l'art lyrique par les esthéticiens français et par les encyclopédistes jusqu'au-delà des années 1760, la *mimesis* aristotélicienne se voit confortée par cette doctrine de l'accent passionnel ...” (cf. Eigeldinger, Jean-Jacques, “Dictionnaire de Musique”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 214).

⁶³⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Lettre sur la musique française”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 293. “A impossibilidade de inventar melodias agradáveis obrigaria os compositores a dirigir todos os seu cuidados à harmonia, e, na falta de belezas reais, introduziriam ali belezas de convenção cujo o único mérito seria o de ter vencido uma certa dificuldade. Em vez de uma boa música, criariam uma música erudita: para suplementar a melodia, multiplicariam os acompanhamentos; custa-lhes menos empilhar várias partes ruins umas sobre as outras do que compor uma única que fosse boa. Para diminuir a insipidez, aumentariam a confusão; acreditariam fazer música e não mais do que ruído ...”.

É dentro deste contexto que Rousseau, relativamente à música francesa conclui "... que les François n'ont point de Musique et n'en peuvent avoir ; ou que si jamais ils en ont une, ce sera tant pis pour eux ..." ⁶³⁸.

O texto *L'Origine de la mélodie* ⁶³⁹ constitui mais um elemento de resposta sistemática de Rousseau ao seu opositor. Este texto revela-se importante, na medida em que Rousseau, ao participar activamente nesta polémica contra Rameau, e ao fazer, ao mesmo tempo, uma genealogia da melodia ⁶⁴⁰, pretende alargar a sua visão para lá da crítica musical. Como poderemos ver, o sentimento nostálgico da procura de um estado natural, que surgiu com os primeiros *Discours*, permanece de um modo manifesto. Essa é uma preocupação que Rousseau faz questão de evidenciar, quando afirma a propósito da formação da linguagem:

"Nous ignorons si parfaitement l'état naturel de l'homme que nous ne savons pas même s'il a une sorte de cri qui lui soit propre ; mais en revanche, nous le connaissons pour un animal imitateur qui ne tarde pas à s'approprier toutes les facultés qu'il peut tirer de l'exemple des autres animaux. Il pourra donc imiter d'abord les cris de ceux qui l'environnent, et selon les divers espèces qui habitent chaque contrée les h[ommes] avant d'avoir des langues ont pu avoir des cris différents d'un país à l'autre. Outre cela les organes étoient plus ou moins déliés et flexibles selon la température des climats et voila déjà l'origine de l'accent national même avant la formation du langage ..." ⁶⁴¹.

⁶³⁸ Ibidem, p. 328. "... que os franceses não têm música e não podem tê-la, ou, se alguma vez a tiverem, será tanto pior para eles ...".

⁶³⁹ De acordo com Pot: "Combinant les deux recherches historiques que sont le *Discours sur l'origine de l'inégalité* et l'*Essai sur l'origine des langages*, avec les analyses esthétiques développées par la *Lettre sur la musique française*, l'*Origine de la mélodie* lie – dans une reconstitution mi-historique et mi-conjecturale où se renforcent mutuellement «exacte observation des faits», narrations, fictions théoriques et vues «métaphysiques» qui «remontent à l'essence des choses» - deux courants de la pensée de Rousseau : le rapport langage/société et le rapport langage/musique ..." (cfr. Pot, O, "Origine (L') de la mélodie", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 674).

⁶⁴⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "L'Origine de la mélodie", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 331. "Il me semble donc que la Melodie ou le chant, pur ouvrage de la nature, ne doit ni chez les savans ni chez les ignorans son origine à l'harmonie, ouvrage *et production* de l'art, qui sert de preuve et non de source au beau chant et dont la plus noble fonction est celle de le faire valoir ...". "Parece-me pois que a Melodia e o Canto, pura obra da natureza, não devem nem entre os sábios nem entre os ignorantes a sua origem à harmonia, obra e produção da arte, que serve de prova e não de fonte ao belo canto e cuja mais nobre função é aquela de o valorizar ...".

⁶⁴¹ Ibidem. "Ignoramos tão completamente o estado natural do homem que nem sequer sabemos se há uma espécie de grito que lhe seja próprio; mas em contrapartida, conhecêmo-lo enquanto um animal imitador que não tarda a se apropriar de todas as faculdades das quais pode tirar o exemplo de outros animais. Pode pois imitar logo à partida os gritos daqueles que o cercam, e de acordo com as diversas espécies que habitam cada região os homens antes de terem as línguas puderam ter gritos diferenciados de uma província à outra. Além disso os órgãos estavam mais ou menos delgados e flexíveis de acordo com a temperatura dos climas e eis já a origem do acento nacional mesmo antes da *formação* da linguagem ...".

Deprendemos desta leitura que, uma vez mais, surge a necessidade de procurar o momento original, momento esse que é independente das instituições e dos saberes, enquanto resultado de produções teóricas⁶⁴².

2.2.3. Terceiro momento da história da composição da obra

O terceiro momento ocorre entre 1756 e 1762, quando Rousseau decide retirar-se para Montmorency e se instala em Ermitage. O nosso autor continua o seu projecto inicial: “C'étoit mon *Dictionnaire de musique* dont les matériaux épars, mutilés, informes, rendoient l'ouvrage nécessaire à reprendre presque à neuf. J'apportoais quelques livres dont j'avois besoin pour cela (...). Voila mes provisions pour compiler au logis quand le tems ne me permettoit pas de sortir et que je m'ennuyois de ma copie ...”⁶⁴³. Embora, Rousseau continuasse a trabalhar com o objectivo de formar o seu *Dictionnaire*, privado de aceder a documentos necessários e limitado nos seus contactos acabou por se desmotivar progressivamente. Este é, porém, um período essencial no que concerne à sistematização do pensamento do nosso autor⁶⁴⁴.

2.2.4. Quarto momento da história da composição da obra

O quarto momento do seu trabalho coincide com a estadia em Môtiers, entre o Verão de 1762 e Dezembro de 1764. Rousseau escreve o prefácio da obra em 1764 e nele é notória a total desmotivação do autor, evidente quando explica a necessidade de se dizer a verdade ao público e, nesse sentido, manifestar o seu respeito: “... j'ai toujours cru que le respect qu'o doit au Public n'est pas de lui dire des fadeurs, mais de ne lui rien dire que de vrai et d'utile, ou y avoir donné

⁶⁴² Na opinião de Pot: “En posant finalement l'imitation et le sentiment musical comme irréductible à l'analyse arithmologique et scientifique, Rousseau se délivre ainsi de la lourde hypothèque intellectuelle que représentait pour lui le système de Rameau comme suffirait à l'indiquer la nouveauté du ton adopté : en glissant d'un style poétique, où l'évocation nostalgique du monde antique et la voix des héros et des dieux annoncent les grands «accents» lyriques de la *Lettre à d'Alembert sur les spectacles*, l'*Origine* révèle la métamorphose subreptice du musicien en écrivain ...” (cfr. Pot, O, “Origine (L.) de la mélodie”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 675).

⁶⁴³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J. Rousseau”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 410.

⁶⁴⁴ Como afirma Eigeldinger, “Surtout il s'adonne à la composition d'oeuvres majeures où s'affirme l'unité de sa pensée: *La Nouvelle Héloïse*, l'*Émile*, *Du Contrat social* ...” (cfr. Eigeldinger, Jean-Jacques, “Dictionnaire de Musique”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 215).

tous les soins dont on est capable, et de croire qu'en faisant de son mieux, on ne fait jamais assez bien pour lui ..." ⁶⁴⁵. É tendo em consideração o respeito pelo público que o nosso pensador decide terminar o seu *Dictionnaire* ⁶⁴⁶. Em jeito de conclusão e parecendo querer encerrar um ciclo de polémicas com Rameau, escreve o seguinte no artigo *Accompagnement*: "Mes disputes avec M. Rameau sont les choses du monde les plus inutiles au progrès de l'Art, et par conséquent au but de ce Dictionnaire ..." ⁶⁴⁷.

2.3. Texto Científico: *Traité de sphère* (1751) ⁶⁴⁸

O *Traité de sphère* está dividido em onze capítulos. Este texto reveste-se de grande importância para a compreensão do que futuramente será o sistema rousseauiano, pois nele podemos encontrar algumas ideias centrais do pensamento do autor. Se é verdade que esta obra é sobre o conhecimento dos astros e dos planetas, também não é menos verdade que o autor evidencia a sua preocupação em saber qual a condição do Homem na Terra - "Pour apprendre à nous connoître, commençons donc par étudier ce qui nous entoure. Pour se connoître, il faut connoître l'homme. Pour connoître l'homme, il faut étudier les hommes ; et pour connoître les hommes, il les faut étudier en divers tems, en divers lieux ..." ⁶⁴⁹. Poderíamos dizer que, neste texto, Rousseau apela para uma reflexão sobre a necessidade de se pensar o Homem enquanto elemento da Natureza. O nosso autor faz uma reflexão crítica sobre a condição humana que mostra ao Homem que é fundamental abandonar uma análise que esteja fundada em pré-

⁶⁴⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Dictionnaire de musique", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, pp. 606 - 607.

⁶⁴⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Les Confessions de J.J. Rousseau", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 607. "... auquel il ne manquoit que la dernière main et d'être mis au net ...". "... ao qual não falta que a última-de-mão e de ser copiado a limpo ...".

⁶⁴⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Dictionnaire de musique", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 627.

⁶⁴⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Traité de sphère", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 585.

⁶⁴⁹ *Ibidem*, p. 586. "Para aprender a nos conhecermos, começemos pois por estudar aquilo que está à nossa volta. Para nos conhecermos, é preciso conhecer o homem. Para conhecer o homem, é preciso estudar os homens; e para conhecer os homens, é preciso estudá-los em diferentes tempos, diferentes lugares ...".

conceitos⁶⁵⁰. É essencial compreender a complexidade das relações humanas e as consequências que daí decorrem⁶⁵¹:

“C’est là qu’en les contemplant dans toutes les situations possibles, livrés à toutes les passions humaines, à toutes les vicissitudes des choses, exposés à tous les jeux de la fortune, tantôt foux et tantôt sages, tantôt bons et tantôt méchants, dans cette prodigieuse variété de rapports et de différences, nous apprendrons à démêler ce qui est essentiel à l’homme, ce qui en est inséparable, ce qu’on y retrouve toujours, d’avec ce qui ne lui est selon les Nations et selon les Siècles ...”⁶⁵².

A intenção de Rousseau é a de mostrar o Homem, tal e qual ele é, existindo uma espécie de apologia da transparência “... apprendrons à dégager l’homme de son masque, et à ne pas croire avoir assés connu la Nature humaine en voyant les hommes qui sont autour de nous ...”⁶⁵³.

⁶⁵⁰ Afirma Pierre Speziali: “En nous laissant guider par Rousseau, allons admirer le spectacle de la voût céleste et, (...) observons le cours des astres et essayons de déchiffrer leur message. Demandons-nous si, peut-être, le mécanisme de la pensée humaine ne s’est pas déclenché par l’observation patiente et inlassable de la périodicité de leurs mouvements et réfléchissons à tout ce dont nous leur sommes redevables, une partie de nous-mêmes, de notre vie et de notre destinée ...” (cfr. Speziali, Pierre, “Textes Scientifiques”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. CCXLIX).

⁶⁵¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Traité de sphère”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 587. Rousseau é bastante claro ao descrever o quadro que se segue: “Sans doute, me dit un Philosophe du lieu, il est couvert de je ne sais quels petits insectes qui s’appellent hommes, et qui en ont divisé la surface en Régions, en Nations, en Provinces. Ils y ont bâti des Villes et des Bourgs. Ils y ont fondé des Empires et des Républiques. Ils y ont établi des Rois, des Magistrats, des Grands. Ils y ont formé des Académies, des Universités, où l’on dispute gravement si nous autres qui sommes ici, sommes quelque chose ou rien. Nous sommes, continue mon Philosophe, et les habitants de la terre sont aussi que nous, très grands à certains égards, très petits à d’autres. Il n’y a point, par conséquent, de Grandeur absolue. Ne nous enorgueillissons ni ne nous humilions de ce qui n’est pas. Pour tout être fini, rien n’est grand ni petit que par comparaison ...”. “Sem dúvida, diz-me um Filósofo do lugar, ele está coberto de não sei quais pequenos insectos que se chamam homens, e que lhe dividiram a superfície em Regiões, Nações e Províncias. Eles construíram nela Vilas e Burgos. Eles fundaram Impérios e Repúblicas. Eles estabeleceram Reis, Magistrados, e Grandes. Eles formaram Academias, Universidades, onde disputamos gravemente se nós outros que estamos aqui, somos qualquer coisa ou nada. Nós somos, continua o meu Filósofo, e os habitantes da terra são-no tanto quanto nós, muito grandes em certos aspectos, muito pequenos sobre outros. Não há, por consequência, a Grandeza absoluta. Não nos orgulhemos nem nos humilhemos do que não é. Para todo o ser finito, nada é grande ou pequeno que por comparação ...”.

⁶⁵² Ibidem, p. 586. “É aí que contemplando-o em todas as situações possíveis, entregue a todas as paixões humanas, de todas as vicissitudes das coisas, exposto a todos os jogos da fortuna, ora tolos ora sábios, ora bons ora maus, nessa prodigiosa variedades de relações e diferenças, aprenderemos a destrinçar aquilo que é essencial ao homem, o que dele é inseparável, o que nele encontramos sempre, de em contra o que ele não é de acordo com as Nações e de acordo com os Séculos ...”.

⁶⁵³ Ib.. “... aprenderemos a separar o homem da sua máscara, e a não acreditar haver suficientemente conhecido a Natureza humana ao observar os homens que estão à nossa volta...”.

2.4 Texto Histórico: *Fragments d'une histoire du Valais* (1756)⁶⁵⁴

Podemos encontrar em *Fragments d'une histoire du Valais* uma das temáticas mais queridas do discurso filosófico-político de Rousseau: a comparação entre os homens da cidade e os homens do campo. O nosso pensador, começando por elogiar, "... un pays peu riche, peu connu, peu considérable par son étendue, mais singulier par sa position, par la forme de son gouvernement et par les mœurs de ses habitants ..." ⁶⁵⁵, coloca logo de seguida uma questão: "Qu'est-ce qu'un citadin y ferait? Qu'est-ce qu'un citoyen y établirait?" ⁶⁵⁶. E é muito claro na resposta:

"Le nécessaire, on le leur donnerait, et ils n'en voudraient pas. Le superflu, il n'y est pas, et on ne l'accepterait pas (...). Ils coulèrent ainsi des jours tranquilles sans de grands plaisirs ni de grandes peines, et les terminent enfin par une mort presque insensible après une longue vie, ayant peu senti et très-peu pensé ; mais n'ayant eu que des idées justes et des sentimens droits ..." ⁶⁵⁷.

3. Obras Literárias

3.1. Teatro: *La mort de Lucrece* (1754)⁶⁵⁸

A peça *La mort de Lucrece*, é uma tragédia em prosa⁶⁵⁹, que pretende mostrar alguns dos problemas políticos que interessam Rousseau⁶⁶⁰, sobretudo o da preocupação com o que diz

⁶⁵⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Fragments d'une histoire du Valais", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 493.

⁶⁵⁵ Ibidem. "... um país pouco rico, pouco conhecido, pouco considerável na sua extensão, mais singular pela sua posição, pela forma do seu governo e pelos costumes dos seus habitantes ...".

⁶⁵⁶ Ib., p. 494. "O que é que um local acerca disso faria? O que é um cidadão sobre isso decretaria?".

⁶⁵⁷ Ibidem. "O necessário dar-lhes-emos, e não o quererão. O supérfluo não o há, e não o aceitaremos. Decorrem assim os dias tranquilos sem grandes prazeres nem grandes penas, e terminam-nos enfim com uma morte quase imperceptível ao fim de uma longa vida, tendo pouco sentido e muito pouco pensado; mas não tendo que ideias justas e sentimentos rectos ...".

⁶⁵⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "La mort de Lucrece", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1019.

⁶⁵⁹ "Dans ses oeuvres théâtrales, Jean-Jacques Rousseau, assez ignorant à ses débuts de la technique dramatique, se forge peu à peu, laborieusement, un métier qui lui permet de construire et d'écrire ses pièces de manière à mettre en valeur ce qu'il veut exprimer. Dans Telles

respeito ao perigo dos regimes políticos caírem nas mãos de tiranos. Atente-se na pergunta de Sulpitius: “Serez-vous toujours la dupe de ces grands mots, et ne comprendrez-vous jamais que devoir et vertu sont des termes vuides de sens auxquels personne ne croit mais auxquels chacun voudroit que tout le reste du monde crut?”⁶⁶¹, respondendo Brutus: “Dieux tutélaires de Rome ! Le moment approche où vos auspices vont être justifiés. C’est trop souffrir que des Tyrans osent usurper vos droits et deshonorer vôtres plus bel ouvrage. Il est temps de montrer un Peuple d’hommes aux nations avillies : il est tems d’apprendre à l’univers ce que peut sur des ames généreuses l’amour de la liberté pour le progrès de la Vertu !”⁶⁶².

3.2. Poesia: *Épître à M. de L’Étang, Vicaire de Marcoussis (1749)*⁶⁶³, *Imitation libre d’une chanson italienne de Métastase (1750)*⁶⁶⁴

Na *Épître à M. de L’Étang*⁶⁶⁵ o tom é acusativo. Aqui, pretende-se denunciar um determinado estilo de vida: “O Ville où régne l’arrogance!/Où les plus grands fripons de France/Régentent les honnêtes gens/Où les vertueux indigens/Sont des objets de raillerie/Ville où

d’entre elles, *Ipsis, Arlequin amoureux malgré lui, La mort de Lucrece ...*” (cfr. Scherer, Jacques, “Théâtre”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. LXXXIII).

⁶⁶⁰ Para Trousson: “Le thème est évidemment celui de la lutte contre la tyrannie et l’exaltation d’un esprit républicain. On a pu voir dans *La Mort de Lucrece* l’illustration de la corruption d’une société fondée sur l’aliénation (...) et où, dégradée, dépourvue d’idéal, la classe dirigeante se mue en tyrannie illégitime ...” (cfr. Trousson, Raymond, “Mort (La) de Lucrece”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 628).

⁶⁶¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “La mort de Lucrece”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, pp. 1028. “Caireis vós sempre no logro dessas grandes palavras, e não compreendeis jamais que dever e virtude são termos vazios aos quais ninguém crê mas aos quais cada um quer que o resto do mundo acredite?”.

⁶⁶² Ibidem, p. 1033. “Deuses tutelares de Roma! O momento aproxima-se onde os vossos auspícios irão ser justificados. É demasiado sofrer que Tiranos ousem usurpar os vossos direitos e deshonorar a vossa mais bela obra. É tempo de mostrar um Povo de homens às nações degradadas: é tempo de ensinar ao universo o que pode sobre as almas generosas o amor da liberdade e o progresso da Virtude!”.

⁶⁶³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Épître à M. de L’Étang, Vicaire de Marcoussis”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1150.

⁶⁶⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Imitation libre d’une chanson italienne de Métastase”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1153.

⁶⁶⁵ Afirma Guyot, que “... au moment même où il s’affirme ainsi libéré de son passé, Rousseau ne peut s’empêcher de l’évoquer avec nostalgie ...” (cfr. Guyot, Charly, “Ballets. Pastorale. Poésies. Contes et Apologues. Mélanges de Littérature et de Morale”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. XCIV).

la Charlatanerie/Le ton haut, les airs insolens/Ecrasent les humbles talents/Et tyrannisent la fortune ...⁶⁶⁶.

O olhar desgostoso que lança sobre a sociedade, a sua ostensiva artificialidade e a injustiça para com os talentos honestos⁶⁶⁷, prenuncia um forte desejo de reforma social que o irá acompanhar ao longo da sua vida⁶⁶⁸.

As estrofes 7, 8 e 9 do poema *Imitation libre d'une chanson italienne de Métastase* sublinham, mais uma vez, o carácter nostálgico que caracteriza este período da vida de Rousseau. Trata-se de uma nostalgia que é, por um lado, acompanhada pelo sentimento de desvendar o que está por trás da máscara dos Homens dissimulados: "Tu me parois encor belle; Mais,/Nice, tu n'es plus celle/Dont mes sens sont enchantés./Je vois, devenu plus sage,/Des défauts sur ton visage,/Qui me sembloient des beautés ..."⁶⁶⁹. Por outro lado, é uma nostalgia empreendedora, na medida em que Rousseau revela o seu carácter dinâmico e mostra capacidade intrínseca para ultrapassar qualquer estado de melancolia que possa surgir, como consequência própria, de uma vivência nostálgica: "Lorsque je brisai ma chaîne,/Dieu, que j'éprouvai de peine !/Hélas! je crus en mourir !/Mais quand on a du courage,/Pour se tirer d'esclavage/Que ne peut-on point souffrir ?"⁶⁷⁰.

⁶⁶⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Épître à Monsieur Étang, Vicaire de Marcuse", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1150. "Ó cidade onde reina a arrogância!/Onde os maiores intrujões de França/Governam as gentes honestas/Onde as virtudes indigentes/São objectos de zombaria/Cidade onde a Charlatanisse/tom altivo, os ares insolentes/Esmagam os talentos humildes/E tiranizam a fortuna ...".

⁶⁶⁷ De acordo com Trousson : "Le texte traduit bien l'irritation croissante de Rousseau devant ses succès et la médiocrité de sa situation, avant le succès du premier *Discours* ..." (cfr. Trousson, Raymond, "Épître à M. De L'Étang, Vicaire de Marcuse", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 305).

⁶⁶⁸ "Quant à l' *Épître à Monsieur Étang* qui, sur un ton badin, chante les honnêtes plaisirs d'un épicurisme modéré, elle montre un Rousseau désireux de se soustraire, loin de la grand ville, à l'«arrogance» des grands, à la vanité des beaux esprits, à la corruption d'une société où ne prospèrent que les fripons ..." (cfr. Guyot, Charly, "Ballets. Pastorale. Poésies. Contes et Apologues. Mélanges de Littérature et de Morale", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. XCV).

⁶⁶⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Imitation libre d'une chanson italienne de Métastase", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1154. "Pareces-me ainda bela; Mas, / Nice, tu não és aquela / Cujos meus sentidos encantaram. / Vejo, tornei-me mais sábio, / Os defeitos sobre o teu semblante, / Que me pareciam belezas ...".

⁶⁷⁰ Ibidem, pp. 1154 – 1155. "Assim que rompi a minha cadeia, / Deus, o que exprimentei de penas! / Oh! acreditei morrer! Mas quando se tem coragem, / Para nos libertarmos da escravatura / Que podemos nós não sofrer?".

3.3. Pastoral: *Le Devin du village* (1752)⁶⁷¹

Em 1752, instalado em Passy, Rousseau compõe a letra e a música de *Le Devin du village*⁶⁷². A obra é apresentada em Fontainebleau perante Luís XV e madame Pompadour, nos dias 18 e 24 de Outubro desse mesmo ano de 1752. O estado de espírito⁶⁷³ de Rousseau evidencia-se quando diz, "... que n'ayant fait cet ouvrage que pour mon amusement, son vrai succès est de me plaire ..." ⁶⁷⁴. Mais uma vez, o nosso autor recupera o tema da nostalgia campestre, surgindo nesta composição com bastante clareza. Como ilustração disto mesmo estão as palavras que Colin dirige à sua amada Colette: "Je vais revoir ma charmante Maîtresse/Adieu châteaux, grandeurs, richesse,/Vôtre éclat ne me tente plus./Si mes pleurs, mes soins assidus/Peuvent toucher ce que j'adore,/Je vous verrai renaître encore,/Doux momens que j'ai perdus ..." ⁶⁷⁵.

3.4. Textos de Literatura e de Moral: *Conseils a un Curé* (1749)⁶⁷⁶, *Discours sur cette question: quelle est la vertu la plus nécessaire au héros* (1751)⁶⁷⁷, *Oraison funébre de S. A. S. Monsieur le Duc D'Orléans* (1752)⁶⁷⁸

Nos textos *Conseils a un Curé*, *Discours sur cette question: quelle est la vertu la plus nécessaire au héros* e *Oraison funébre de S. A. S. Monsieur le Duc D'Orléans*⁶⁷⁹, podemos

⁶⁷¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Le Devin du village", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1093.

⁶⁷² "Le sujet de cette aimable Pastorale peut bien être traditionnel : Rousseau lui rend vie et fraîcheur. Colin et Colette, le Devin, le chœur des Villageois et Villageoises lui donnent l'occasion d'exprimer, au-delà de ce qui aurait pu n'être que banalité et convention, la nostalgie de la vie champêtre et de l'innocence des mœurs ..." (cfr. Guyot, Charly, "Ballets. Pastorale. Poésies. Contes et Apologues. Mélanges de Littérature et de Morale", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. XC).

⁶⁷³ Charly Guyot reforça esta nossa interpretação quando escreve: "L'oeuvre – texte et musique – est le fruit d'une libre et très personnelle inspiration ..." (Ibidem.).

⁶⁷⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Le Devin du village", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1096. "... que não tendo feito essa obra que para me divertir, o seu verdadeiro sucesso é me agradar ...".

⁶⁷⁵ Ibidem, p. 1105. "Irei rever a minha aprazível Mestra. / Adeus castelo, pompas, riquezas, / O vosso brilho não mais me tenta. / Se as minhas queixas, os meus cuidados assíduos / Podem tocar aquilo que adoro / Irei ainda ver-vos renascer, / Doces momentos que perdi ...".

⁶⁷⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Conseils a un Curé", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1260.

⁶⁷⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Discours sur cette question: quelle est la vertu la plus nécessaire au héros", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1262.

⁶⁷⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Oraison funébre de S. A. S. Monsieur le Duc D'Orléans", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1275.

encontrar uma ideia comum: a de que devemos amar a virtude. Esta ideia surge, por exemplo, sob a forma de um conjunto de conselhos que Rousseau dá a um cura: “Vous voila libre, enfin (...), assujetti à un seul maître, mais le plus impérieux de tous, qui est le devoir (...) je consens que vous leur appreniez toutes les balivernes du catechisme (...), apprenez aussi à croire en Dieu et à aimer la vertu. Faites en des Chrétiens puisqu’il le faut mais n’oubliez pas le devoir plus indispensable d’en faire d’honnêtes gens ...”⁶⁸⁰.

Surge, também, sob a forma de um discurso em que se estabelece a distinção entre as virtudes do sábio e as do herói⁶⁸¹: “Les vertus du premier sont tempérées, mais il est exempt de vices ; si le second a des défauts, ils sont effacés par l’éclat de ses vertus. L’un toujours vrai n’a point de mauvaises qualités ; l’autre toujours grand n’en a point médiocres. Tous deux sont fermes et inébranlables, mais de différentes manieres et en différentes choses ; l’un ne cede jamais que par raison, l’autre jamais que par générosité ...”⁶⁸².

Surge, por fim, enquanto elogio dirigido ao falecido Duque d’Orléans. O nosso pensador afirma que a verdadeira grandeza do Homem consiste no exercício efectivo das virtudes, por isso,

⁶⁸⁰ Guyot diz o seguinte: “Du *Discours sur la vertu la plus nécessaire au héros* l’écrivain disait lui-même: « Cette pièce est très mauvaise » ; lorsqu’elle parut malgré lui, en 1768, il n’y voyait plus qu’une réponse à une « question frivole ». Il ne jugeait pas plus favorablement son *Oraison funèbre du duc d’Orléans*: morceau de commande, « très foible », où il lui avait été impossible de dire « ce qu’il] aurait voulu ». Des ces deux textes pourtant on peut dire qu’ils fixent – quoiqu’ils soient de purs exercices littéraires – une étape intermédiaire de l’éloquence de Rousseau entre le *Discours* de 1750 et celui de 1755. Et, dans l’*Oraison funèbre* on voit exprimer au passage cette critique d’une « orgueilleuse philosophie » contre la quelle bientôt Rousseau multipliera les attaques ...” (cfr. Guyot, Charly, “Ballets. Pastorale. Poésies. Contes et Apologues. Mélanges de Littérature et de Morale”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. CII).

⁶⁸¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Conseils a un Curé”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, pp. 1260 - 1261. “Eis-vos livre, enfim (...), sujeito a um só mestre, mas o mais imperioso de todos, que é o dever (...) aconselho que vos seja ensinado todos as bagatelas do catecismo (...), ensinado também a acreditar em Deus e a amar a virtude. Fazei-vos Cristãos porque o deveis mas não esqueceis o dever mais indispensável de vos fazer em gente honesta ...”.

⁶⁸² Sobre este assunto escreve Dent, “Alguns viram no facto de Rousseau não ter completado este ensaio o seu reconhecimento de que a admiração pela virtude heróica nele expressa era incompatível com o seu novo papel de defensor das «serenas» virtudes cívicas de justiça, equidade e apaziguamento como requisitos prévios para uma sociedade estável e próspera; e é inegável que existe aí uma incompatibilidade real. Por um lado, ele não abandonou então a questão dos atributos que capacitam uma pessoa a ser líder de homens, apto a uni-las numa causa comum ...” (cfr. Dent, N.J.H., “Virtude de heróis, A”, in *Dicionário Rousseau*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1996, p. 211).

⁶⁸³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur cette question: quelle est la vertu la plus nécessaire au héros”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1262 - 1263. “As virtudes do primeiro são temperadas, mas ele está exempto de vícios; se o segundo tem defeitos, eles são ofuscados pelo brilho das suas virtudes. Um, sempre verdadeiro, nada tem de más qualidades; o outro, sempre grande, nada tem de mediocres. Ambos são fechados e inabaláveis, mas de diferentes maneiras e em diferentes coisas; um jamais cede que pela razão, o outro jamais que pela generosidade ...”.

“... le premier devoir de Princes est de travailler au bonheur des hommes ...”⁶⁸³. É dentro deste contexto, que Rousseau faz um apelo aos seus contemporâneos, pois, se é verdade que a virtude deve ser proporcional à elevação (entenda-se poder) que cada um tem na sociedade, então “... Grands de la terre, venez apprendre cette science rare, sublime, et si peu connue de vous, de bien user de votre pouvoir et de vos richesses, d’acquérir des Grandeurs qui vous appartiennent, et que vous puissiez emporter avec vous en quittant toutes les autres ...”⁶⁸⁴.

4. Escritos Autobiográficos

4.1. Fragmentos: *Le Persiffler* (1749)⁶⁸⁵, *Fragment biographique* (1755-56)⁶⁸⁶

Datam deste período pequenos textos que podem ser considerados autobiográficos. Em *Le Persiffler*, Rousseau faz uma descrição humorística de si mesmo reconhecendo duas disposições opostas na constituição do seu carácter, “Je suis sujet, par exemple à deux dispositions principales qui changent assés constamment de 8 en 8 jours et que j’appelle mes ames hebdomadaires, par l’une je me trouve sagement fou, par l’autre follement sage ...”⁶⁸⁷. Poder-se-á concluir que Rousseau pretende demonstrar ser capaz de produzir um retrato fiel de si mesmo e, assim, mostrar merecer o interesse dos seus leitores. Quando declara possuir duas disposições dominantes, ora refinada, ora misantrópica, confessa fazê-lo “... à force de m’examiner ...”⁶⁸⁸.

⁶⁸³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Oraison funébre de S. A. S. Monsieur le Duc D’Orléans”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1277. “... o primeiro dever dos Príncipes é de trabalhar para a felicidade dos homens ...”.

⁶⁸⁴ Ibidem. “... Grandes da terra, vinde aprender essa ciência rara, sublime, e tão pouco conhecida de vós, de bem usar do vosso poder e das vossas riquezas, de adquirir Majestades que vos pertencem, e que posséis levar convosco deixando para trás todas as outras ...”.

⁶⁸⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Le Persiffler”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1103.

⁶⁸⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Fragment biographique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1113.

⁶⁸⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Le Persiffler”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1110. “Eu estou sujeito, por exemplo, a duas disposições principais que se alteram muito constantemente de 8 em 8 dias e a que chamo as minhas almas hebdomadárias, por uma acho-me sabiamente tolo, pela outra tolamente sábio ...”.

⁶⁸⁸ Ibidem, p. 1109. “... à custa de me examinar ...”.

Um outro aspecto que merece destaque neste fragmento é o facto de Rousseau avisar que “Après avoir commencé par me persiffler moi-même, j’aurai tout le tems de persiffler les autres ...”⁶⁸⁹. Esta é uma afirmação essencial, na medida em que o nosso pensador revela que irá estar atento áquilo que se passa à sua volta - “... j’ouvrirai les yeux : j’écrirai ce que je vois ...”⁶⁹⁰ – e que irá cumprir a sua tarefa “ ... je me serai asses bien acquitté de ma tache ...”⁶⁹¹.

Embora pretenda escrever aquilo que vê e que pensa, reconhece, em *Fragment biographique*, que essa é uma tarefa difícil, pois implica um distanciamento de quem escreve relativamente às razões pelas quais escreve. É como se, procurando ser neutro, Rousseau apenas possa “... rends compte simplement de ce que j’ai cru sentir, sans affirmer que la vanité ne m’en imposât pas ...”⁶⁹², garantindo, assim, a bondade das suas apreciações: “... j’ai toujours regardé comme peu dangereux tous les mouvemens qui nous font faire avec plaisir ce que nous ferions également par les plus pures intentions ...”⁶⁹³.

E conclui expandindo o seu argumento para o domínio em que se movia, o das disputas literárias: “... il n’est jamais question d’avoir raison mais de parler le dernier ni de la vérité mais de la victoire (...), ne laisse pas de se mettre sur les rangs moins pour combattre que pour être un moment en vue ...”⁶⁹⁴.

⁶⁸⁹ Ib., p. 1111. “Depois de ter começado por me zombar a mim mesmo, terei todo o tempo para zombar os outros ...”.

⁶⁹⁰ Ib.. “... abrirei os olhos; escreverei o que vejo ...”.

⁶⁹¹ Ib.. “... saberei suficientemente bem saldar a minha tarefa ...”.

⁶⁹² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Fragment Biographique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1117.

“... dar conta simplesmente do que acreditei sentir, sem afirmar que a vaidade não se me impunha ...”.

⁶⁹³ Ibidem. “... sempre olhei como pouco perigosos todos os movimentos que nos fazem fazer com prazer o que fariamos igualmente pelas mais puras intenções ...”.

⁶⁹⁴ Ib., 1119. “... não se trata de ter razão mas de falar em último nem da verdade mas da vitória (...), não deixei de vos meter nas fileiras menos para combater que para ficar por um momento à vista ...”.

5. Escritos Sobre Educação e Sobre Moral

5.1. Fragmento sobre Deus e sobre a Revelação: *Fiction ou morceau allégorique sur la révélation* (1756)⁶⁹⁵

O texto *Fiction ou morceau allégorique sur la révélation*⁶⁹⁶ é constituído por dois momentos. O primeiro momento refere-se a uma iluminação intelectual do filósofo; o segundo momento refere-se a um sonho seu no qual surgem mais dois personagens: um sábio que finge ser cego (Sócrates) e Jesus.

O primeiro momento fala-nos do primeiro homem que tentou filosofar e que "... osa élever ses réflexions jusqu'au sanctuaire de la Nature et pénétrer par la pensée aussi loin qu'il est permis à la sagesse humaine d'atteindre ..." ⁶⁹⁷. Espantado com o movimento regular da natureza⁶⁹⁸ - "... le mouvement progressif et spontané des animaux, les sensations, le pouvoir de penser, la liberté de vouloir et d'agir que je trouve en moi même et dans mes semblables, tout cela passe les notions de mécanique que je puis déduire des propriétés connues de la matière ..." ⁶⁹⁹ - questiona-se sobre quem poderia ter criado leis tão perfeitas. E conclui que quem estabeleceu essas leis deve ser um

⁶⁹⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Fiction ou morceau allégorique sur la révélation", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 1044.

⁶⁹⁶ "La forme de cette œuvre inachevée est peu originale : c'est celle des nombreux songes philosophiques du siècle. Le sujet a une autre importance : les trois positions possibles devant la religion, ou le dévoilement progressif de la vérité. Le premier personnage est philosophe (est-il un rappel de Diderot ?), représentant l'attitude critique et négative de ceux qui détrompent les dévots et combattent les prêtres, mais sans rien édifier ; le deuxième, Socrate, guide les hommes vers la religion naturelle, annonce «les grandes vérités de la nature» sans leur rester fidèle jusqu'au bout ; le troisième, Jésus, ruine la superstition et affranchit l'humanité du fanatisme, rétablit la vraie liaison entre le ciel et la terre ..." (cfr. Trousson, Raymond, "Fiction ou Morceau Allégorique Sur La Révélation", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 343).

⁶⁹⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Fiction ou morceau allégorique sur la révélation", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 1044. "... ousou elevar suas reflexões até ao santuário da Natureza e penetrar, pelo pensamento, tão longe quanto é permitido à sabedoria humana alcançar ...".

⁶⁹⁸ "La même regularité de mouvement que je remarque dans les revolutions des corps celestes, je la retrouve sur la terre dans la succession des saisons, dans l'organisation des plantes et des animaux. L'explication de tous ces Phenomènes ne peut se chercher que dans la matière mue et ordonnées selon certaines Loix ...". "A mesma regularidade de movimento que observo nas revoluções dos corpos celestes, encontro-a na Terra, na sucessão das estações, na organização das plantas dos animais. A explicação de todos esses fenómenos só pode se encontrar na matéria movida e organizada segundo certas leis ..." (Ibidem, p. 1045).

⁶⁹⁹ Ib.. "... o movimento progressivo e espontâneo dos animais, as sensações, a capacidade de pensar, a liberdade de querer e de agir que encontro em mim mesmo e em meus semelhantes, tudo isso ultrapassa as noções de mecânica que posso deduzir das propriedades conhecidas da matéria ...".

Ser perfeito independente de qualquer forma de matéria – “... tout devint pour lui possible à concevoir comme l’ouvrage d’un Etre puissant, directeur de toutes choses ...”⁷⁰⁰. Foi então que o seu espírito foi tocado por uma iluminação, que veio “... dévoiler ces sublimes vérités qu’il n’appartient pas à l’homme de connoître par lui même ...”⁷⁰¹. No seu devaneio e inflamado pelo entusiasmo desta descoberta, o filósofo pretende partilhar esta verdade com os seus semelhantes: “Apreons aux hommes à se regarder comme les instrumens d’une volonté suprême qui les unit entre eux et avec un plus grand tout ...”⁷⁰².

No segundo momento, Rousseau mostra o filósofo cansado e exausto, após longas meditações, acabando por, ao contemplar o céu, adormecer. O filósofo começa a sonhar e aquilo que esse sonho⁷⁰³ lhe revela é justamente o perigo que o Homem corre quando é enganado “... par l’artifice d’une perspective adroite ...”⁷⁰⁴. O sonho apresenta um edifício formado por uma cúpula, a qual é sustentada por sete estátuas, cada uma delas mudando de aparência conforme a distância a que eram observadas, “Toute ces statues à les regarder de près étoient horribles et difformes, mais (...) vues du centre de l’Edifice à l’oeil une figure charmante ...”⁷⁰⁵. Estas sete estátuas representavam os sete pecados capitais, limitando-se Rousseau a descrever quatro deles, a saber, a soberba⁷⁰⁶, a luxúria⁷⁰⁷, a ira⁷⁰⁸ e a avareza⁷⁰⁹, chamando o nosso autor a atenção para as palavras que se podiam ler sobre o fecho da cúpula: “Peuples servez les Dieux de la terre ...”⁷¹⁰.

⁷⁰⁰ Ib., p. 1047. “... tudo se tornou para ele possível de ser concebido como a obra de um Ser poderoso, condutor de todas as coisas ...”.

⁷⁰¹ Ibidem. “... desvendar-lhe essas sublimes verdades que não cabe ao homem conhecer por si mesmo ...”.

⁷⁰² Ib., p. 1048. “Ensinemos aos homens a se verem como instrumentos de uma vontade suprema que os une uns aos outros e a um todo mais amplo ...”.

⁷⁰³ Ib., pp. 1048 – 1053.

⁷⁰⁴ Ib., p. 1048. “... pelo artifício de uma hábil perspectiva ...”.

⁷⁰⁵ Ib., pp. 1048 – 1049. “... de perto, todas essas estátuas eram horríveis e disformes mas (...), quando vistas do centro do edifício, cada uma delas mudava de aparência e apresentava-se como uma figura encantadora ...”.

⁷⁰⁶ Ib., p. 1049. “L’une un miroir à la main étoit assise sur un Paon don’t elle imitoit la contenance vaine et superbe ...”. “Uma, com um espelho na mão, estava sentada sob um pavão, do qual imitava a compostura vã e soberba ...”.

⁷⁰⁷ Ib. “Une autre d’un oeil impudent et d’une main lascive excitoit les objets de sa sensualité brutale à la partager ...”. “Outra, com um olhar impudico e uma mão lasciva excitava os objectos de sua sensualidade brutal a compartilhá-la com ela ...”.

⁷⁰⁸ Ib. “Une autre tenoit des serpens nourris de sa propre substance qu’elle arrachoit de son sein pour les devorer et qu’on y voyoit renaître sans cesse ...”. “Uma outra segurava serpentes nutridas de sua própria substância que ela arrancava de seu seio para devorá-las e que dele nasciam incessantemente ...”.

⁷⁰⁹ Ib. “Une autre, squelette affreux qu’on n’eut su distinguer de la mort qu’à l’étincelante avidité de ses yeux, rebutoit de vrais alimens pour avaler à longs traits des coupes d’or en fusion qui l’altero[en]t sans la nourrir ...”. “Outra, um horrível esqueleto que não se poderia distinguir da morte a não ser pela fulgurante avidez de seus olhos, rejeitava alimentos verdadeiros para engolir em longos tragos taças de ouro fundido que aumentavam sua sede sem saciá-la”.

A multidão que acedia a este lugar era guiada, com os olhos vendados, pelos “... Ministres du temple ...”⁷¹¹ e dirigia-se ao altar dos deuses sem conseguir ver “... l’appareil d’un continuel carnage (...) le monstrueux mélange du meurtre et de la prostitution ...”⁷¹². Há, no entanto, alguém que se destaca, “... un vieillard d’assés mauvaise mine mais don’t les manières insinuanes et le discours familier et profond faisoient bientôt oublier la physionomie ...”⁷¹³. Este homem que finge ser cego pede para ser conduzido sem a “... bandeau sacré ...”⁷¹⁴. Os ministros do templo cedem ao seu pedido. Ao chegar ao altar “... sautant légèrement (...) decouvert d’une main hardie la statue et l’exposa sans voile a tous les regards ...”⁷¹⁵, exclamando para os seus semelhantes:

“Peuples, (...) quelle est vôtre folie de servir des Dieux qui ne cherchent qu’à nuire, et d’adorer des êtres encore plus malfaisans que vous? Ah loin de les forcer par d’indiscrets sacrifices à songer à vous pour vous tourmenter, tâchés plutôt qu’ils vous oublient, vous en serez moins misérables; si vous croyez leur plaire en détruisant leurs ouvrages, que pouvez vous espérer d’eux sinon qu’ils vous détruisent à leur tour? Servez celui qui veut que tous soi[en]t heureux si vous voulez être heureux vous mêmes ...”⁷¹⁶.

Não será de estranhar que este velho homem tivesse sido condenado à morte e que esta fosse assegurada “... d’une forme juridique et le firent condamner par l’assemblée à boire l’eau verte, sorte de mort souvent imposée aux sages ...”⁷¹⁷.

A crítica que Rousseau dirige a Sócrates pode ser percebida no estado emocional em que ficou o filósofo, quando o condenado (Sócrates) decide, no seu último discurso, homenagear a

⁷¹⁰ Ib.. “Povos, servi os deuses da terra ...”.

⁷¹¹ Ib., p. 1050. “... ministros do templo ...”.

⁷¹² Ib.. “... o aparato de uma continua carnificina (...), a monstruosa mistura de assassinato e prostituição ...”.

⁷¹³ Ib., p. 1051. “... um velho muito feio, mas cujas maneiras insinuanes e discurso simples e profundo faziam logo esquecer sua fisionomia ...”.

⁷¹⁴ Ib.. “... venda sagrada ...”.

⁷¹⁵ Ib., p. 1052. “... com um gesto ousado, descobriu a estátua, expondo-a sem véu a todos os olhares ...”.

⁷¹⁶ Ib.. “Povos, (...), que loucura é essa de servir Deuses que procuram apenas causar danos e de adorar seres ainda mais malfazejos que vós? Ah, em vez de força-los, por meio de indiscretos sacrificios, a pensar em vós para vos atormentar, cuidai antes para que eles vos esqueçam, pois assim sereis menos miseráveis. Se acreditais poder agradá-los destruindo suas obras, o que podereis esperar deles senão que, por sua vez, eles vos destruam? Servi àquele que quer que todos sejam felizes, sequiserdes ser felizes vós mesmos ...”.

⁷¹⁷ Ib.. “... de uma forma jurídica e o fizeram condenar pela assembleia a beber água verde, tipo de morte frequentemente imposta aos sábios ...”.

estátua que tinha desvelado. Embaraçado e estupefacto permaneceu "... dans l'esprit du Philosophe un doute et un embarras don't il ne se tira jamais bien, et il fut toujours incertain si ces paroles renfermoient un sens allegorique ou simplement un acte de soumission au culte établi par les loix ..." ⁷¹⁸.

Após este episódio, surge o terceiro personagem, cujo aspecto o filósofo descreve como sendo "... imponent et doux (...) son regard étoit celeste, son maintien modeste, grave ..." ⁷¹⁹. A pessoa a quem Rousseau se refere é Jesus, "... fils de l'homme ..." ⁷²⁰, que depois de fazer cair a estátua toma o seu lugar e revela ao povo uma "... morale divine ..." ⁷²¹.

⁷¹⁸ Ib., p. 1053. "... no espírito do filósofo uma dúvida (...) e ficou-lhe para sempre a incerteza sobre se tais palavras encerravam um sentido alegórico ou foram simplesmente um acto de submissão ao culto estabelecido pelas leis ...".

⁷¹⁹ Ib.. "... imponente e doce (...), seu olhar era celestial, seu aspecto modesto, grave ...".

⁷²⁰ Ib.. "... filho do homem ...". Sobre este assunto escreve Trousson, "Reste que ce Jésus est «le fils de l'Homme», Rousseau soulignant sa nature purement humaine. Son allure n'a rien de mystérieux, de surnaturel. Il est vêtu simplement, comme un artisan, ses discours sont simples, il transmet la vérité par «des fables et de apologues», sa parole est «du lait pour les enfants et du pain pour les hommes». Pour l'entendre, il n'est besoin ni de savoir ni d'instruction : seule est «divine» la morale qui l'inspire et qu'il prêche. Cette évocation de Jésus prélude à celle, plus précise et plus complexe, de la *Profession de foi*, où reparaitra aussi, de plus en plus en retrait, le personnage de Socrate ..." (cfr. Trousson, Raymond, "Fiction ou Morceau Allégorique Sur La Révélation", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 343).

⁷²¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Fiction ou morceau allégorique sur la révélation", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 1053. "... moral divina ...".

IV. PERÍODO DE ESPERANÇA (1756 - 1762)

1. Escritos Sobre Educação e Moral

1.1. *Lettre de J.J. Rousseau a M. de Voltaire (1756)*⁷²²

A *Lettre de J.J. Rousseau a M. de Voltaire*, de 1756, surge como resposta de Rousseau aos *Poèmes sur le désastre de Lisbonne, et sur la loi naturelle* de Voltaire. Poder-se-á afirmar que a um poema fatalista, Rousseau responde de um modo optimista. No início da carta, o nosso autor começa por fazer alguns elogios a Voltaire, sublinhando, desde logo, a sua boa fé quanto ao seu propósito⁷²³ - "... me flattant enfin que vous reconnoîtrez dans mes intentions la franchise d'une ame droite, et dans mes discours, le ton d'un ami dela vérité qui parle à un Philosophe ..."⁷²⁴.

Os *Poèmes sur le désastre de Lisbonne, et sur la loi naturelle* serviram de pretexto para que Rousseau apresentasse uma preocupação transversal a todo o seu pensamento, a do conhecimento da natureza do Homem. No seu poema, Voltaire insurge-se contra a Providência⁷²⁵, o seu objectivo é procurar um culpado que possa justificar o terramoto ocorrido em Lisboa. De acordo com Rousseau, o que sucede com a justificação de Voltaire é que, por um lado, torna o Homem prisioneiro de um Deus injusto e impiedoso, e, por outro lado, nega-lhe a possibilidade de

⁷²² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Lettre de J.J. Rousseau a M. de Voltaire", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 1059.

⁷²³ Ibidem, p. 1060. "Tous mes griefs sont donc contre votre poème sur le désastre de Lisbonne, parce que j'en attendois des effets plus dignes de l'humanité qui paroît vous l'avoir inspiré ...". "Todas as minhas censuras são contra vosso poema sobre o desastre de Lisboa, porque esperava dele efeitos mais dignos da humanidade que parece tê-lo inspirado ...".

⁷²⁴ Ib., p. 1059. "... orgulhando-me enfim de que reconhecereis em minhas intenções a franqueza de uma alma correcta, e em meus discursos, o tom de um amigo da verdade que fala a um filósofo ...".

⁷²⁵ Ib., p. 1060. "Souffre à jamais, malheureux. S'il est un Dieu qui t'ait crée, sans doute il est tout-puissant; il pouvoit prévenir tous tes maux: n'espère donc jamais qu'ils finissent; car on ne sçauroit voir pourquoi tu existes, si ce n'est pour souffrir ...". "Sofre para sempre, infeliz. Se há um Deus que te criou, sem dúvida ele é todo-poderoso; ele podia evitar todos os males; logo, não esperes que eles terminem, pois não se poderia ver para que existes se não é para sofrer ...".

escolha⁷²⁶. É justamente isto que Rousseau faz questão de recusar: "... qu'en peignant les miseres humaines, mon but étoit excusable, et même louable, à ce que je crois; car je monstrois aux hommes comment ils faisoient leurs malheurs eux-mêmes, et par conséquent comment ils pouvoient les éviter ..." ⁷²⁷.

Assim, Rousseau distancia-se de Voltaire na medida em que reconhece o Homem como um ser volitivo. A vontade do Homem manifesta-se no momento da escolha. A escolha é aquilo que permite ao Homem realizar a sua natureza, e é nessa medida que Rousseau defende que "Je ne vois pas qu'on puisse chercher la source dumal moral ailleurs que dans l'homme libre, perfectionné, partant corrompu ..." ⁷²⁸. Deste modo, aquilo que Rousseau pretende mostrar é que a escolha que alguém faz pode estar sempre sujeita a uma valorização por parte de terceiros, ora como sendo certa, ora como sendo errada. Contudo, isso não lhe nega o direito de escolher, direito esse que não é concedido por alguém de fora, mas que é intrínseco a cada homem singular, pois faz parte da sua natureza.

Uma primeira conclusão a extrair da análise feita por Rousseau é a de que o desastre ocorrido em Lisboa em 1755 mostrou que o Homem agiu de acordo com a sua vontade ao escolher construir uma cidade naquele local, "... la nature n'avoit point rassemblé là vingt mille maison de six à sept étages, et que si les habitans de cette grande ville eussent été dispersés plus également, et plus légèrement logés, le dégât eût été beaucoup moindre, et peut être nul ..." ⁷²⁹. Uma segunda conclusão a extrair é aquela que diz que nenhum homem é capaz de "... donner des preuves directes ni pour ni contre [Tout est bien pour le tout]..." ⁷³⁰. Daí que, para o nosso pensador, a existência de Deus não se possa provar pelo sistema de Pope, "... mais le système de

⁷²⁶ Sobre este assunto escreve Rosenberg: "Tandis que Voltaire voudrait dépeindre les hommes comme des marionnettes ou comme des joujoux du diable, Rousseau croit au libre arbitre, à la dignité de l'homme responsable qui, comme Rousseau lui-même, peut choisir son destin. Son optimisme est donc fondé sur l'hypothèse, déjà annoncée dans le *Discours sur l'inégalité*, et souvent répétée, que «[les] maux dont les hommes sont accablés [sont] leur propre ouvrage» (*Lettre à Philopolis*, CC 328, OC III, 232) que «tout est bien, sortant des mains de l'auteur des choses» (*Émile*, OC IV, 245), et que «l'homme est né libre» (*Du contrat social*, OC III, 351) ..." (cfr. Rosenberg, "Lettre à Voltaire", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 516).

⁷²⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Lettre de J.J. Rousseau a M. de Voltaire", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 11061. "... quando pintei as misérias humanas, acredito que meu objectivo era desculpável, e mesmo louvável; pois mostrava aos homens como eles próprios produziram suas desgraças e, conseqüentemente, como podiam evitá-las ...".

⁷²⁸ Ibidem. "Não vejo como se possa buscar a fonte do mal moral em outro lugar que não no homem livre, aperfeiçoado, portanto corrompido ...".

⁷²⁹ Ib.. "... a natureza não reuniu ali vinte mil casas de seis a sete andares, e que se os habitantes dessa grande cidade tivessem sido distribuídos mais igualmente, e possuíssem menos coisas, o dano teria sido muito menor, e talvez nulo ...".

⁷³⁰ Ib., p. 1068. "... dar provas directas nem a favor nem contra essa proposição [Tudo está bem para o todo] ...".

Pope par l'existence de Dieu ...⁷³¹. Assim se percebe porque razão Rousseau faz uma forte crítica aos padres e aos devotos, acusando-os de serem os primeiros a prejudicar a concepção que os homens têm de Deus⁷³². Tal razão justifica-se pois "... ne souffrent que rien se fasse selon l'ordre établi, mais font toujours intervenir la justice Divine à des évènements purement naturels ..."⁷³³. Também os filósofos não escapam às críticas de Rousseau, isto porque, em seu entender, "... ne me paroissent guères plus raisonnables, quand je les vois s'en prendre au Ciel de ce qu'ils ne sont pas impassibles, crier que tout est perdu, quand ils ont mal aux dents, ou qu'ils sont pauvres, ou qu'on les vole ..."⁷³⁴.

Por fim, conclui sobre a Providência⁷³⁵:

"Si Dieu existe, il est parfait; s'il est parfait, il est sage, puissant et juste; s'il est sage et puissant, tout est bien; s'il est juste et puissant, mon ame est immortelle; si mon ame est immortelle, trente ans de vie ne sont rien pour moi, et sont peut-être nécessaires au maintien de l'univers. Si l'on m'accorde la première proposition, jamais on n'ébranlera les suivantes; si on la nie, il ne faut point disputer sur ses conséquences ..."⁷³⁶.

⁷³¹ Ib.. "... mas o sistema de Pope pela existência de Deus ...". Alexander Pope (1688 – 1744) poeta inglês que escreveu entre outras obras *Essay on man* (1711), aparecendo várias traduções desta em francês a partir do ano de 1736.

⁷³² De acordo com Rosenberg, "La lettre à Voltaire constitue, pour Rousseau, la première élaboration de sa théodicée et sa profession de foi. C'est une sorte de traité sur la bonté de Dieu, le problème du mal et la liberté de l'homme ..." (cfr. Rosenberg, "Lettre à Voltaire", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 517).

⁷³³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Lettre de J.J. Rousseau a M. de Voltaire", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 1068. "... não admitem que nada se faça segundo a ordem estabelecida, mas fazem sempre intervir a justiça divina em acontecimentos puramente naturais ...".

⁷³⁴ Ib., p. 1069. "... não me parecem muito mais razoáveis quando os vejo culpar o Céu pelo que os perturba, gritar que tudo está perdido quando têm dor de dentes, ou porque são pobres, ou foram roubados ...".

⁷³⁵ Rosenberg neste aspecto é claro quando à sua interpretação, "Quoique le ton soit subjectif et que les arguments nous semblent plus impressionnistes que logiques, l'image de Dieu qui ressort de la lettre est celle d'un être bon mais incompréhensible, impassible et impersonnel, qui n'intervient dans les affaires terrestres que pour conserver le *statu quo* général des espèces, un Dieu qui ne s'intéresse pas à la vie quotidienne des individus ..." (cfr. Rosenberg, "Lettre à Voltaire", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 517).

⁷³⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Lettre de J.J. Rousseau a M. de Voltaire", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 1070. "Se Deus existe, ele é perfeito; se é perfeito, é sábio, poderoso e justo; se ele é sábio e poderoso, tudo está bem; se ele é justo e poderoso, minha alma é imortal; se minha alma é imortal, trinta anos de vida não são nada para mim e são talvez necessários à manutenção do universo. Se concordam com a primeira proposição, as seguintes jamais serão abaladas; se a negam, não é preciso discutir sobre as consequências ...".

1.2. *Lettres morales* (1758)⁷³⁷

As *Lettres morales* resultam de um conjunto de seis cartas escritas em 1758, oito anos após ter escrito o *Discours sur les sciences et les arts* e quatro anos após ter escrito o *Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes*.

Na primeira *Lettre* Rousseau começa por se dirigir a Sophie, em forma de apelo – “Venez, ma chère et digne amie ...”⁷³⁸ - sendo muito claro ao identificar o sentimento que nutre pela jovem, pedindo-lhe que escute “...la voix de celui qui vous aime ...”⁷³⁹. Rousseau assume-se como sendo aquele que vai trazer “... l'organe de la vérité ...”⁷⁴⁰, justificando-se quanto a isto por “... n'avoir jamais prostitué ma plume ni ma bouche au mensonge ...”⁷⁴¹. Nesta medida, as *Lettres morales* têm como objectivo principal “... pénétrer la vôtre [ame] de celles [vertus] qui lui sont peut être encore inconnuës ...”⁷⁴². Rousseau, ao reconhecer a natureza do relacionamento que manteve com Sophie, mostrou uma nova forma de ensinamento: “En soumettant au devoir et à la raison les sentimens que vous m'aviez inspiré, vous avez exercé le plus gran, le plus digne empire que le ciel ait donné à la beauté et à la sagesse ...”⁷⁴³.

Por que razão decide Rousseau educar Sophie? Por um lado, porque ela é a expressão mais pura da natureza, “Un esprit juste et penetrant, un coeur droit et sensible, une ame éprise de l'amour du beau, un sentiment exquis pour le connoitre ...”⁷⁴⁴; justamente por esta razão é que Sophie deve interrogar o seu coração para, desse modo, poder confirmar ou não se deve escutar a voz de Rousseau. Por outro lado, por uma questão puramente pessoal, ou seja, porque o nosso autor considera que a educação da jovem pode ser o único feito importante da sua vida, encarando esta tarefa com todo o entusiasmo e dedicação e entendendo-a como um momento singular:

⁷³⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Lettres morales”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 1079.

⁷³⁸ *Ibidem*, p. 1081. “Vinde minha cara e digna amiga ...”.

⁷³⁹ *Ib.* “... a voz daquele que vos ama...”.

⁷⁴⁰ *Ib.* “... a voz da verdade ...”.

⁷⁴¹ *Ib.* “... não ter jamais prostituído nem minha pena nem minha boca pela mentira ...”.

⁷⁴² *Ib.* “... infundir na vossa [alma] aquelas [virtudes] que talvez ela ainda desconheça ...”.

⁷⁴³ *Ib.*, p. 1082. “Ao submeter ao dever e à razão os sentimentos que me havíeis inspirado, vós exercestes a maior e mais digna autoridade que o céu outorgou à beleza e à sabedoria ...”.

⁷⁴⁴ *Ib.*, p. 1083. “Um espírito justo e penetrante, um coração recto e sensível, uma alma tomada de amor pelo belo e um refinado sentimento para reconhecê-lo ...”.

“Je me crois envoyé du Ciel pour perfectionner son plus digne ouvrage; oui, Sophie, les occupations de mes derniers jours honoreront ma stérile jeunesse si vous daignez m’écouter, ce que j’aurai fait pour vous rachetera l’inutilité de ma vie entière; et j’en deviendrai meilleur moi même, en m’efforçant de vous donner l’exemple des vertus don’t je veux vous inspirer l’amour ...”⁷⁴⁵.

Rousseau faz questão de frisar que não quer instruir Sophie: “... je prétends moins vous donner des leçons que vous faire ma profession de foi, à qui puis-que mieux confier mes principes qu’à celle qui connoit si bien tous mes sentiments?”⁷⁴⁶. E continua: “Si quelque fois je prends avec vous le ton d’un h[omme] qui croit instruire, vous le savez, Sophie, avec cet air de maître je ne fais que vous obéir ...”⁷⁴⁷. Este gesto, aparentemente, despretensioso de Rousseau, acaba por tornar Sophie sua prisioneira. Essa é uma constatação que podemos fazer, se tivermos em consideração o pedido que faz à jovem, “... justifiés s’il se peut l’honneur que j’ai reçu des gens de bien. Faites qu’on dise un jour e vous voyant et se rappelant ma mémoire: Ah cet h[omme] aimoit la vertu et se connoissoit en mérite ...”⁷⁴⁸.

Rousseau começa a segunda *Lettre* identificando o objectivo da vida humana – “... la félicité de l’h[omme] ...”⁷⁴⁹ - não deixando, porém, de colocar uma questão pertinente: “... qui de nous sait comment on y parvient?”⁷⁵⁰. Esta será a primeira lição que Rousseau pretende ensinar a Sophie⁷⁵¹:

“Victimes de l’aveugle inconstance de nos coeurs, (...), tout ce que nous possédons ne sert qu’à nous montrer ce qui nous manque et faute de savoir

⁷⁴⁵ Ib., p. 1084. “Creio-me um enviado do Céu para aperfeiçoar sua obra mais digna. Sim, Sophie, o trabalho de meus últimos dias absolverá minha juventude estéril se vos dignardes a me escutar; o que eu tiver feito por vós redimirá a inutilidade de minha vida inteira, e tornar-me-ei melhor eu mesmo ao esforçar-me para dar-vos o exemplo das virtudes pelas quais quero-vos inspirar o amor ...”.

⁷⁴⁶ Ib., p. 1085. “... pretendo menos dar-vos lições que apresentar-vos minha profissão de fé; a quem poderia eu confiar melhor meus princípios que àquela que tão bem conhece todos os meus sentimentos?”

⁷⁴⁷ Ib.. “Se às vezes assumo convosco o tom de um homem que crê instruir, bem o sabeis, Sophie, que com esse ar de mestre não faço senão obedecer-vos ...”.

⁷⁴⁸ Ib., p. 1086. “... justifiquei, se possível, a honra que recebi das pessoas de bem. Fazei com que se diga um dia ao vos ver e ao recordar-se de minha memória: Ah, esse homem amava a virtude e sabia julgar o mérito ...”.

⁷⁴⁹ Ib., p. 1087. “... a felicidade do homem ...”.

⁷⁵⁰ Ib.. “... quem de nós sabe como atingi-la?”.

⁷⁵¹ Ib.. “Voilà, ma charmante amie, l’examen que je vous propose aujourd’hui ...”. “Eis aí, minha encantadora amiga, o exame que hoje vos proponho ...”.

comment il faut vivre nous mourons tous sans savoir vécu. S'il est quelque moyen possible de se delivrer de ce doute affreux c'est de l'étendre pour un tems au delà de ses bornes naturelles, de se défier de tous ses penchans, de s'étudier soi même, de porter au fond de son ame le flambeau de la vérité, d'examiner une fois tout ce qu'on pense, tout ce qu'on croit, tout ce qu'on sent et tout ce qu'on doit penser, sentir et croit pour être heureuse autant que le permet la conditio humaine ..."⁷⁵².

Mais uma vez, o que está em causa, nesta passagem, é saber qual a situação da condição humana. Conhecendo os limites da sua condição, o Homem jamais perderá tempo em procurar aquilo que julga ser essencial, pois o que está implícito nessa procura não é suposto encontrar-se.

Neste contexto, esta carta dá-nos indicação do projecto educativo que Rousseau procurará elaborar. Começa, então, por dizer que é necessário desconfiar das nossas inclinações; depois, devemos estudar e, aqui, devemos primeiro examinar tudo o que pensamos, tudo em que acreditamos, tudo o que sentimos, para deste modo podermos pensar, sentir e acreditar de acordo com a nossa condição natural. Qual a pertinência desta questão no projecto educativo do nosso pedagogo? A resposta aponta necessariamente para as consequências que daí podem resultar. Consideremos: se cada um de nós não fizer este exercício de auto-conhecimento e de reflexão crítica, alguém o vai fazer por nós, dando-nos posteriormente o resultado final desse exercício como verdade absoluta, a qual teremos a obrigação de cumprir. Nesse mesmo instante já não estamos mais a um passo de uma felicidade construída pelos outros para nós, pois o que quer que seja a felicidade, já foi decretado. Rousseau é incisivo quando afirma:

"Tous les livres nous parlent du souverain bien, tous les philosophes nous le montrent, chacun enseigne aux autres l'art d'être heureux, nul ne l'a trouvé pour lui même. Dans ce dedale immense des raisonnemens humains vous apprendrez à parler du bonheur sans le connoitre, vous apprendrez à discourir et point à vivre

⁷⁵² Ib.. "Vítimas da cega inconstância de nossos corações (...), tudo o que possuímos só serve para nos mostrar o que nos falta, e, por não saber como se deve viver, morreremos todos sem ter vivido. O único meio de ficarmos livres dessa dúvida terrível é estendê-la por um tempo além de seus limites naturais, desconfiar de todas as nossas inclinações, estudarmo-nos, levar ao fundo da nossa alma a chama da verdade, examinar por uma vez tudo o que pensamos, tudo em que acreditamos, tudo o que sentimos, e tudo o que devemos pensar, sentir e acreditar para sermos felizes na medida em que o permite a condição humana ...".

(...), les perplexités de la philosophie vous assiègeront de toutes parts, (...) à force de vous instruire vous finirez par ne rien savoir. Cette methode exerce à parler de tout, à briller dans un cercle; elle fait de savans, des beaux esprits, des parleurs, des disputeurs, des heureux au jugement de ceux qui écoutent, des infortunés si tot qu'ils sont seuls ..."⁷⁵³.

A preocupação de Rousseau é justamente a de preservar a esfera do privado, nunca negando a esfera pública. O que sucede é que, para o autor, a vontade individual deve ser salvaguardada do ataque da razão colectiva. Daí que o estudo que propõe a Sophie "... ne donne point un savoir de parade qu'on puisse étaler aux yeux d'autrui, mais elle remplit l'ame de tout ce qui fait le bonheur de l'h[omme]; elle rend contents d'elle non les autres mais nous-mêmes ..." ⁷⁵⁴. Só assim é que o Homem pode tornar-se feliz, pois soube escutar a "... voix de la nature ..." ⁷⁵⁵, sendo esta a filosofia que Rousseau quer dar a conhecer à jovem: "Telle est la philosophie dont je cherche à vous instruire ..." ⁷⁵⁶.

A atitude analítica de Rousseau face à realidade é muito particular. Ele olha para a realidade como um observador que, ao mesmo tempo que observa, se consegue distanciar dessa mesma realidade. Neste caso, a realidade não é mais do que um espectáculo que o nosso autor pode observar, "Regardez cet univers, mon aimable amie, jetez les yeux sur ce theatre d'erreurs et de misères qui nous fait en le contemplant déplorer le triste destin de l'h[omme] ..." ⁷⁵⁷. Veja-se a descrição que faz da sociedade da época, o modo como caracteriza a instrução que é ministrada, e o modo como esses mesmos saberes são superficiais, porque se fazem passar por aquilo que não são, tornando-se perigosos para a condição humana:

⁷⁵³ Ib., pp. 1085 – 1086. "Todos os livros nos falam do bem soberano, todos os filósofos no-lo mostram, cada qual ensina aos outros a arte de ser feliz, ninguém a descobriu por si mesmo. Nesse imenso labirinto dos raciocínios humanos, aprendereis a falar da felicidade sem a conhecer, aprendereis a discursar mas não a viver (...), as perplexidades da filosofia vos assediaram de todos os lados, (...) de tanto instruir-vos, acabareis por nada saber. Esse método (...) produz sábios, belos espiritos, oradores, debatedores, pessoas felizes na opinião de quem as escuta e infortunadas tão logo se acham sós ...".

⁷⁵⁴ Ib., p.1088. "... não produz um saber ornamental para desfilhar aos olhos dos outros, mas enche a alma de tudo o que faz a felicidade do homem; ele satisfaz, não os outros, mas a nós mesmos ...".

⁷⁵⁵ Ib.. "... voz da natureza ...".

⁷⁵⁶ Ib.. "Essa é a filosofia na qual quero instruir-vos ...".

⁷⁵⁷ Ib.. "Olhai este universo, querida amiga, correi os olhos sobre este teatro de enganos e misérias que nos faz, ao contemplá-lo, deplorar o triste destino do homem ...".

“Les lumières de toutes les sciences semblent se réunir à la fois pour éclairer nos yeux et nous guider dans cet obscur labyrinthe de la vie humaine (...). En sommes nous devenus meilleurs ou plus sage[s], en savons nous mieux quelle est la route et quel sera le terme de nôtre courte carrière, nous en accordons nous mieux sur les premiers devoirs et les vrais biens de l’espèce humaine? Qu’avons nous acquis à tout ce vain savoir sinon des querelles, des haines, de l’incertitude et des doutes?”⁷⁵⁸.

Na terceira *Lettre*, o autor retoma o tema do *Discours sur l’origine et les fondemens de l’inégalité parmi les hommes*, de que o Homem nada sabe⁷⁵⁹, com a agravante de que nem a nós mesmos nos conhecemos, sendo justamente esta a questão que perturba o nosso pensador. Não nos conhecemos e agimos e pensamos como se assim não fosse, as sombras passam a ser a nossa realidade e tomamos as aparências por realidade. É para este perigo que Rousseau alerta Sophie “... ce qui nous est précisément le moins connu est ce qu’il nous importe le plus de connoître savoir l’h[omme]. Nous ne voyons ni l’ame d’autrui, parce qu’elle se cache, ni la nôtre, parce que nous n’avons point de miroir intellectuel ...”⁷⁶⁰. Resta perguntar sobre o que vemos, o que podemos conhecer quando olhamos à nossa volta. Rousseau dá uma resposta peremptória: “Nous ne courons qu’après des ombres qui nous échappent. Quelques spectres légers, quelques vains fantômes voltigent devant nos yeux et nous croyons voir l’éternelle chaîne des êtres ...”⁷⁶¹.

Na quarta *Lettre*, Rousseau tenta mostrar à jovem qual é o lugar que o Homem ocupa na natureza. Essa é a primeira lição de sabedoria, pois, para conhecer o lugar que ocupamos, é necessário que “Soyons humbles de nôtre espèce pour pouvoir nous enorgueillir de nôtre individu. Ne disons point dans nôtre imbecille vanité que l’h[omme] est le Roi du monde, que le soleil, les astres, le firmament, l’air, la terre, la mer son faits pour lui, que les vegetaux germent pour sa

⁷⁵⁸ *Ib.*, pp. 1088 -1089. “As luzes de todas as ciências parecem reunir-se simultaneamente para iluminar os nossos olhos e guiar-nos neste obscuro labirinto da vida humana (...). Mas tornamo-nos, por isso, melhores ou mais sábios, conhecemos melhor qual é o trajecto e qual será o término de nossa curta carreira, chegamos a um maior acordo sobre os deveres primordiais e sobre os verdadeiros bens da espécie humana? Que obtivemos com todo esse fútil saber senão querelas, ódios, incertezas e dúvidas?”.

⁷⁵⁹ *Ib.*, p. 1092. “Nous ne savons rien, ma chere Sophie, nous ne voyons rien; nous sommes une troupe d’aveugles, jettés à l’aventure dans ce vaste univers ...”. “Não sabemos nada, minha querida Sophie, não vemos nada, somos um bando de cegos lançados ao léu neste vasto universo ...”.

⁷⁶⁰ *Ib.*. “... aquilo que menos conhecemos é justamente o que mais nos importaria conhecer, a saber, o próprio homem. Não vemos nem a alma de outrem, porque ela se esconde, nem a nossa própria, pois não temos nenhum espelho intelectual ...”.

⁷⁶¹ *Ib.*, p. 1099. “Corremos apenas atrás de sombras que nos escapam. Alguns espectros ligeiros, alguns fantasmas vazios esvoaçam diante de nossos olhos e cremos ver a eterna cadeia dos seres ...”.

subsistance, que les animaux vivent afin qu'il les dévore ..."⁷⁶². Por esta razão é que Rousseau faz uma crítica feroz à sociedade iluminista, ao luxo das cidades, aos discursos dos intelectuais, que se afastam daquilo que é essencial ao Homem. Por esta razão, Rousseau insiste na necessidade do Homem conhecer uma espécie de "... feu sacré ..."⁷⁶³ que o elevará acima das suas fraquezas. Escreve Rousseau:

"... le principe de cette force est en nous (...), ce saint enthousiasme est l'énergie de os facultés qui se dégagent de leurs terrestres liens, et qu'il ne tiendrait qu'à nous peut être de maintenir sans cesse dans cet état de liberté (...); si nous sommes petits par nos lumières, nous sommes grands par nos sentiments et quelque rang que soit le nôtre dans le système de l'univers, un être ami de la justice et sensible aux vertus n'est point abjet par sa nature ..."⁷⁶⁴.

Na quinta *Lettre*, Rousseau aborda o tema da moralidade⁷⁶⁵, considerando que a paz interior da alma é uma satisfação para o indivíduo, pois, ao contrário do malfeitor que só encontra alegria fora de si, "... la sérénité du juste est intérieure; son ris n'est point de malignité mais de joye, il en porte la source en lui même ..."⁷⁶⁶. Assim, a definição que Rousseau dá de consciência é bastante clara, pois entende-a como "... un principe inné de justice et de vérité morale antérieur à tous les préjugés nationaux, à toutes les maximes de l'éducation. Ce principe est la règle involontaire sur laquelle malgré nos propres maximes nous jugeons nos actions et celles d'autrui

⁷⁶² Ib., p. 1100. "Sejamos humildes quanto à nossa espécie para podermos nos orgulhar de nosso indivíduo. Não digamos jamais em nossa tola vaidade que o homem é o rei do mundo, que o Sol, os astros, o firmamento, o ar, a terra, o mar foram feitos para ele, que os vegetais germinaram para sua subsistência, que os animais existem para que ele os devore ...".

⁷⁶³ Ib., p. 1101. "... fogo sagrado ...".

⁷⁶⁴ Ib.. "... o princípio dessa força está em nós (...), esse sagrado entusiasmo é a energia de nossas facultades que se desembaraçam de seus liames terrestres e que talvez não caiba senão a nós manter permanentemente nesse estado de liberdade (...); se somos pequenos por nossas luzes, somos grandes por nossos sentimentos, e seja qual for nossa posição no sistema do universo, um ser amante da justiça e sensível às virtudes não é de modo algum desprezível por sua natureza ...".

⁷⁶⁵ Ib., p. 1106. "Toute la moralité de la vie humaine est dans l'intention de l'homme. S'il est vrai que le bien soit bien, il doit l'être au fond de nos coeurs comme dans nos oeuvres, et le premier prix de la justice est ce sentir qu'on la pratique. Si la bonté morale est conforme à notre nature l'h[omme] ne sauroit être sain ni bien constitué qu'autant qu'il est bon ...". "Toda a moralidade da vida humana está na intenção do homem. Se o bem é verdadeiramente um bem, ele deve sê-lo no fundo de nosso coração, tanto quanto em nossas obras, e a primeira recompensa da justiça é sentir que a praticamos. Se a bondade moral estiver em conformidade com nossa natureza, o homem não poderá ser sã nem estar bem constituído senão na medida em que for bom ...".

⁷⁶⁶ Ib.. "... a serenidade do justo é interior, seu riso não é de maldade mas de alegria, cuja fonte ele traz em si mesmo ...".

comme bonnes ou mauvaises ...⁷⁶⁷. Rousseau reconhece que esta definição de consciência é alvo de várias críticas por parte de alguns filósofos⁷⁶⁸.

Para Rousseau é a consciência que faz com que o Homem se eleve acima dos outros animais e realize em pleno a sua natureza de ser um ser sociável: "Sans toi [conscience] je ne sens rien en moi qui m'élève au dessus des bêtes ..."⁷⁶⁹.

Na sexta *Lettre*, última carta, Rousseau chega àquele que foi o seu objectivo, fornecer a Sophie as regras de conduta necessárias, que lhe permitam direccionar o olhar para si mesma, ou seja, que lhe possibilitem um conhecimento específico "... le recueillement devôtre coeur ..."⁷⁷⁰. Daí a importância de escutar a voz da consciência geralmente dispersa pelas diferentes paixões do Homem. Por essa, mesma razão, Rousseau apresenta à jovem as vantagens deste processo de aprendizagem, "... aprendez à être seule sans ennui. Vous n'entendrez jamais la voix de la nature, vous ne vous connoîtrez jamais sans cela. Ne craignez pas que l'exercice de ces courtes retraites vous rende taciturne et sauvage et vous d'ache des habitudes auxquelles vous ne voudriez pas renoncer. Au contraire, elles ne vous en seront que plus douces ..."⁷⁷¹.

1.3. *Notes sur «De l'esprit» (1758)*⁷⁷²

O texto *Notes sur «De l'esprit»*, de Helvétius, foi lido e anotado por Rousseau. O nosso pensador fez um conjunto de críticas essenciais a esta obra. A primeira⁷⁷³ refuta a tese de que a

⁷⁶⁷ *Ib.*, p. 1108. "... um principio inato de justiça e de verdade moral anterior a todos os preconceitos nacionais, a todas as máximas de educação. Esse principio é a regra involuntária pela qual, apesar de nossas máximas pessoais, julgamos nossas acções e as de outros como boas ou más ...".

⁷⁶⁸ *Ib.*, pp. 1108 – 1109. "... erreurs de l'enfance, préjugés de l'éducation (...). Il n'y a rien dans l'entendement humain que ce qui s'y introduit par l'expérience et nous ne jugeons d'aucune chose que sur des idées acquises (...). O Montagne, toi qui te piques de franchise et de vérité, sois sincère et vrai si un philosophe peut l'être et dis-moi s'il est quelque climat sur la terre où ce soit un crime de garder sa foi, d'être clement, bienfaisant et généreux; où l'homme de bien soit méprisable et le scelerat honoré ...". "... erros infantis, preconceitos de educação (...). Nada há no entendimento humano que não se tenha introduzido pela experiência, e não julgamos sobre coisa alguma senão com base em ideias adquiridas (...). Ó Montaigne, tu que te orgulhas da franqueza e veracidade, sê sincero e veraz, se é que um filósofo pode sê-lo, e diz-me se há algum lugar sobre a Terra onde seja um crime manter sua palavra, ser clemente, benfeitor e generoso, onde o homem de bem seja desprezível e o celerado receba honras ...".

⁷⁶⁹ *Ib.*, p. 1111. "Sem ti não sinto nada em mim que me eleve acima dos animais ...".

⁷⁷⁰ *Ib.*, p. 1113. "... o recolhimento de vosso coração ...".

⁷⁷¹ *Ib.*, pp. 1113 – 1114. "... aprendei a ficar só sem entediá-los. Sem isso não ouvireis jamais a voz da natureza, nem jamais conhecereis a vós mesma. Não temais que a prática desses curtos retiros vos torne taciturna e selvagem e vos aparte dos hábitos aos quais não quereríeis renunciar. Estes, ao contrário, ser-vos-ão ainda mais doces ...".

⁷⁷² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Notes sur «De l'esprit»", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 1121.

memória dá continuidade à sensação – “... la mémoire est la faculté de se rappeler la sensation, mais la sensation, même affoiblie ne dure pas continuellement ...”⁷⁷⁴; a segunda⁷⁷⁵ rejeita a equivalência entre sentir e julgar, por a sensação e o juízo advirem de faculdades diferentes – “... vous réunissez sous un mot commun deux facultés essentiellement différentes ...”⁷⁷⁶; a terceira⁷⁷⁷ não aceita que a virtude seja apreendida apenas pelos princípios do bem público – “... le salut public n’est rien si tous les particuliers ne sont en sureté ...”⁷⁷⁸; a quarta⁷⁷⁹ refere-se às consequências negativas que o estímulo pelo luxo pode provocar a uma nação: “En faisant la fortune de deux ou trois elle excite vingt à prendre un état où ils resteront misérables. Elle multiplie les sujets dans les professions inutiles et les fait manquer dans les professions nécessaires ...”⁷⁸⁰.

1.4. *Emile ou De l’éducation* (1761)⁷⁸¹

Existem três versões do manuscrito *Emile ou De l’éducation*. A primeira, o manuscrito Favre⁷⁸², é uma versão incompleta do texto e está ao cuidado da Sociedade J.-J. Rousseau de

⁷⁷³ “... a memória não é outra coisa senão uma sensação permanente enfraquecida ...”. “... la mémoire n’est autre chose qu’une sensation continuée, mais affoiblie ...” (Ibidem).

⁷⁷⁴ Ib.. “... a memória é a faculdade de recordar a sensação, mas a sensação, mesmo que fraca não é permanente ...”.

⁷⁷⁵ “... nada me impede por agora de propor, que julgar, como já o havia provado, não é propriamente sentir ...”. “... rien ne m’empêche maintenant d’avancer, que juger, comme je l’ai déjà prouvé, n’est proprement que sentir ...” (Ib., p.1124).

⁷⁷⁶ Ib.. “... vós reunis numa mesma palavra duas faculdades essencialmente diferentes ...”.

⁷⁷⁷ Ib., p. 1126. “... on ne peut conserver une vertu toujours forte et pure, sans avoir habituellement présent à l’esprit le principe de l’utilité publique, sans avoir une connoissance profonde des véritables intérêts de ce public, par conséquent de la morale et de la politique ...”. “... não podemos conservar uma virtude sempre forte e pura, sem ter habitualmente presente ao espírito o princípio da utilidade pública, sem ter um conhecimento profundo dos verdadeiros interesses desse público, por consequência da moral e da política ...”.

⁷⁷⁸ Ib.. “... o bem público não é nada se todos os particulares não estiverem em segurança ...”.

⁷⁷⁹ Ib., p. 1128. “Dans la supposition que le luxe soit utile à une nation, ne sont-ce pas les femmes galantes qui, en excitant l’industrie des artisans du luxe, les rendent de jour en jour plus utiles à l’état ? Les femmes sages, en faisant des largesses à des mendiants ou à des criminels, sont donc moins bien conseillées par leurs directeurs, que les femmes galantes par le desir de plair ...”. “Na suposição de que o luxo seja útil a uma nação, não são as mulheres galantes que, ao excitarem a indústria dos artesão de luxo, as tornam dia a dia mais úteis ao estado? As mulheres sábias, ao serem generosas com os mendigos ou com os criminosos, são pois pior aconselhadas pelos seus conselheiros, que as mulheres galantes pelo desejo de agradar ...”.

⁷⁸⁰ Ib.. “Ao fazer a riqueza de duas ou três pessoas ela estimula vinte a ficarem agarrados a um estado no qual se tornam miseráveis. Ela multiplica os sujeitos nas profissões inúteis e faz com que lhes faltes as profissões necessárias ...”.

⁷⁸¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De l’éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 241.

⁷⁸² “Le manuscrit Favre de l’*Émile* doit son nom à Léopold Favre qui en fit don à la Société J.-J.R. de Genève en 1915, après lui avoir consacré une étude dans le tome VIII (1912) des *A.J.J.R.* (...). Il se compose de onze cahiers non reliés contenant 264 feuillets de la main de R. Ceux-ci sont divisés en deux parties à peu près égales: le texte primitif occupe la partie droite, tandis que les additions et corrections figurent sur la partie gauche.

Genebra; a segunda, o manuscrito de autor, é constituído por três volumes e encontra-se guardado no Palácio Bourhon de Paris; a terceira, um manuscrito de impressão incompleta, é constituído por dois volumes e encontra-se guardado na BPU de Genebra. A estes manuscritos deve-se juntar uma cópia autografada do texto *Profession de foi du Vicaire savoyard*, encontrando-se, também, guardada na BPU de Genebra.

Destes três manuscritos destaca-se o da primeira versão. No preâmbulo do manuscrito Favre, Rousseau começa por fazer uma abordagem geral relativa ao tema da educação, destacando-se, porém, a oposição que estabelece entre o Homem e a Natureza. Defendendo, desde logo, que existem dois tipos de educação: uma que visa formar o Homem, a educação doméstica ou educação da natureza; outra que visa formar o cidadão, a educação pública.

No final do preâmbulo, é apresentado o plano da obra. Esta encontra-se dividida em quatro partes, a saber: a primeira refere-se à idade da natureza, terminando por volta dos doze anos; a segunda refere-se à idade da razão, terminando por volta dos quinze anos; a terceira refere-se à idade da força, terminando por volta dos vinte anos; a quarta refere-se à idade da sabedoria, terminando por volta dos vinte e cinco anos. Por fim, a idade da bondade, esta prolonga-se até ao final da vida.

A versão que aqui adoptaremos é a do manuscrito de Genebra escolhida por Pierre Burgelin⁷⁸³. Ressalve-se, no entanto, que a relação entre o manuscrito Favre e a versão definitiva do *Emile ou De l'éducation* não tem sido consensual entre alguns estudiosos da obra⁷⁸⁴.

On ignore à quelle date R. a commencé la rédaction de ce manuscrit. P. Jimack qui a consacré ce dernier pense que la première rédaction d'ensemble remonte à la fin de 1758 ..."(cfr. T. L'Aminot "Émile (manuscrit Favre)", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 281).

⁷⁸³ "Nous donnons le texte de l'édition originale d'*Émile*, c'est-à-dire de l'édition Duchesne portant l'adresse typographique de Néaulme, à Amsterdam ou à La Haye, selon qu'il s'agit du tirage in-12 ou du tirage in-8°. Il ne pouvait cependant être question de reproduire servilement ce texte, car les imprimeurs n'ont pas toujours respecté l'orthographe de Rousseau – notamment en ce qui concerne les accents – ni sa ponctuation. Ils ont très souvent supprimé l'accent aigu de Rousseau dans les mots tels que *différence*, *expérience*, *indépendance*, *intérieur*, *médecin*, *supérieur*, *véritable*, ainsi que dans nombre de mots où nous mettons aujourd'hui un accent grave : *espèce*, *mère*, *père*, *régle*, *siècle*, etc. Ils ont de plus tendu à glisser un trait d'union dans la copie destinée à la l'impression : *bientôt*, *longtemps*, *sitôt*, *surtout*. Quant à la ponctuation, elle a été rendue choquante pour le lecteur moderne par la substitution fréquente, au milieu des phrases, de deux points aux virgules ou aux point-virgules de Rousseau. A tout cela s'ajoute que les modifications apportées par les imprimeurs ne procèdent pas de règles uniformes : plusieurs typographes se sont relayés, de sorte que les principes varient d'un cahier d'impression à l'autre. Or Rousseau, on le sait, tenait beaucoup à son orthographe et à sa ponctuation, et son usage, tout en présentant mainte incohérence et maint archaïsme, est plus proche du nôtre que celui des typographes. Aussi avons-nous décidé de corriger systématiquement l'orthographe et la ponctuation de l'édition originale d'après le manuscrit qui servit à l'impression (G. = ms. Fr.205 de la Bibliothèque de Genève) (...), de sorte que le texte «définitif» d'*Émile* est bien celui de l'édition originale ..." (cfr. Burgelin, Pierre, "Notes Sur L'Établissement Du Texte", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes* Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. CL1).

Assim podemos fazer corresponder os livros I e II do texto *Emile ou De l'éducation* à idade da natureza. Aqui o autor define os princípios que fundamentam a sua concepção de pedagogia, o primeiro é o de seguir a natureza, o segundo é o de deixar as crianças viverem livremente a sua infância. De acordo com o nosso autor, o inconveniente desta primeira educação é que ela "... n'est sensible qu'aux hommes sages, et que dans un enfant élevé avec tant de soin des yeux vulgaires ne sauroient voir qu'un poliçon ..." ⁷⁸⁵.

O livro III do texto *Emile ou De l'éducation* à idade da razão. Aqui o autor começa por examinar as forças do educando, sendo que, se ele tem a força de um adulto, ele, porém, não tem as mesmas necessidades. Este é o período em que o educando inicia a aprendizagem de alguns conhecimentos e começa a estudar. De acordo com L'Aminot "Le travail du gouverneur va d'abord être de faire prendre conscience à son élève du monde qui l'entoure: Emile reçoit donc des leçons de choses et des cours pratiques ..." ⁷⁸⁶. Para este estudioso de Rousseau esta será ainda a fase em que Emile deverá compreender o sistema de relações sociais e perceber a importância de ter um trabalho ⁷⁸⁷. De resto, como o próprio Rousseau faz questão de sublinhar quando escreve:

"Vous avez étudié la politique et les interets des princes. Voila qui va fort bien. Mais que ferez vous de ces connoissances si vous ne savez parvenir aux Ministres, aux femmes de la cour, aux chefs des bureaux, si vous n'avez l'art de

⁷⁸⁴ Em 1960, P. Jimack, estudioso da obra de Rousseau, afirmava que a versão definitiva do *Émile* lhe parecia enigmática, uma vez que, não tendo esclarecido o que pretendia, o autor apenas conseguiu o efeito contrário, ou seja, obscurecer o sentido. Sobre a composição do manuscrito Favre escreve Jimack: "On observe l'artiste au travail, on assiste à la genèse de l'ouvrage dans ses détails les plus infimes, en suivant chaque coup de pinceau, chaque couche nouvelle de couleurs. Mais ces renseignements si précieux sur la manière de travailler du peintre fournissent des indications encore plus importantes sur la signification véritable de son oeuvre. C'est en étudiant les esquisses abandonnées, par exemple, qu'on parvient souvent à comprendre le sens précis de détails qui, sous leur forme définitive, sont un peu obscurs ...". Uma leitura diferente tem L'Aminot, na medida em que, considera que o texto *Émile* é capaz de exprimir o essencial do pensamento de Rousseau. Justificando a sua posição do seguinte modo: "Il nous semble plus raisonnable de voir dans la version définitive la véritable et la meilleure expression de sa pensée. Elle en offre la forme la plus travaillée et la plus réfléchie. Au lieu d'obscurcir ses intentions, les nombreux exemples romanesques et la tournure personnelle donnée par Rousseau à son récit nous semblent les éclairer davantage ..." (cfr. L'Aminot, T, "Émile (manuscrit Favre)", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 283).

⁷⁸⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Emile (Manuscrit Favre)", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 163. "... não é sensível que aos homens sábidos, e que numa criança criada com tanto esmero os olhos vulgares não saberam ver que um libertino ...".

⁷⁸⁶ Cfr. T. L'Aminot, "Émile (manuscrit Favre)", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 282.

⁷⁸⁷ Assim, para L'Aminot "C'est à cet âge aussi que le gouverneur lui faire prendre la conscience de l'instabilité des choses humaines et de la nécessité de savoir un métier Manuel qui lui permettra toujours de se suffire à lui-même ..." (Ibidem).

leur plaire, si tous ne trouvent en vous le fripon qui leur convient? Vous êtes architecte ou peintre, soit: mais il faut vous faire connoître. Pensez-vous aller de but en blanc exposer un ouvrage au Salon? (...). Il faut être de l'Academie, il faut être bien protégé pour obtenir au coin d'un mur quelque place obscure ..."⁷⁸⁸.

O livro IV corresponde à idade da força, "... orageuse révolution s'annonce par le murmure des passions naissantes ..." ⁷⁸⁹. Esta é a idade, quinze anos, a que Emile chegou sem sofrer qualquer noção do dogma cristão, embora tenha algumas ideias sobre a vida e sobre a morte. Este será o momento, na obra, de inserir o texto da *Profession de foi du Vicaire savoyard*, os temas aqui tratados referir-se-ão ao Ser incompreensível que é Deus, a considerações sobre a consciência, bem como à religião natural e ao tema da revelação. O livro IV termina com uma dissertação à cerca do gosto e da preferência que Emile manifesta em viver no campo.

Poderíamos dizer que o livro V corresponde à idade da sabedoria. Neste livro são abordados temas tais como: o sexo feminino, a Europa e os franceses; sendo que, o último assunto é referente ao apogeu da educação do Emile. Tal como conclui Rousseau "Tel est Emile ayant atteint la maturité de l'age et de la raison, et tel doit être à peu près selon moi l'homme nourri dans l'ordre de la nature mais eleve pour la société ..." ⁷⁹⁰.

⁷⁸⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Emile (Manuscrit Favre)", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 203. "Haveis estudado a política e os interesses dos príncipes. Eis o que calha bem. Mas que fareis vós desses conhecimentos se não sabeis prevalecer aos Ministros, às mulheres da corte, aos chefes das secretarias, se não tendes a arte de lhes agradar, se todos não encontram em vós o intrujão que lhes convém? Vós sois arquitecto ou pintor, seja: mas é preciso dar-vos a conhecer. Pensais ir desde o começo em branco expor uma obra ao salão? (...) É preciso ser da Academia, é preciso ser bem protegido para obter no canto de uma parede um qualquer lugar obscuro ...".

⁷⁸⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Emile ou De l'éducation", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 489. "... tempestuosa revolução é anunciada pelo murmúrio das paixões nascentes ...".

⁷⁹⁰ Ibidem, p. 237. "Tal é Emilio tendo atingido a maturidade da idade e da razão, e tal deve ser praticamente de acordo comigo o homem nutrido na ordem da natureza mas ensinado para a sociedade ...".

2. Escritos Políticos

2.1. Escritos Sobre o Abade De Saint-Pierre: *Extrait du projet de paix perpétuelle (1758-59)*⁷⁹¹, *Jugement sur le projet de paix perpétuelle (1758)*⁷⁹², *Que l'état de guerre naît de l'état social (1758)*⁷⁹³, *Polysynodie de L'Abbé de Saint-Pierre (1758)*⁷⁹⁴, *Jugement sur la Polysynodie (1758)*⁷⁹⁵

O trabalho de análise e de refutação de alguns dos excertos da obra do Abade de Saint-Pierre⁷⁹⁶, *Projet de paix perpétuelle* e *Discours sur la Polysynodie*, foi feito num período muito produtivo da sua vida, nomeadamente aquando da sua estadia no Ermitage⁷⁹⁷. Cinco foram os escritos que resultaram do trabalho do nosso autor: *Extrait du projet de paix perpétuelle*⁷⁹⁸,

⁷⁹¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Extrait du projet de paix perpétuelle", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 563.

⁷⁹² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Jugement sur le projet de paix perpétuelle", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 591.

⁷⁹³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Que l'état de guerre naît de l'état social", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 601.

⁷⁹⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Polysynodie de L'Abbé de Saint-Pierre", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 617.

⁷⁹⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Jugement sur la polysynodie", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 635.

⁷⁹⁶ "Après l'échec de la carrière diplomatique à Venise, Rousseau devient le secrétaire de Mme Dupin. De celle-ci, il avait avant Venise, fréquenté le salon, où il avait pu rencontrer le vieil utopiste (1658 – 1743), auteur peu conformiste du *Projet de paix perpétuelle*, exclu à cause de cet ouvrage de l'Académie française ..." (cfr. Roussel, J., "Extrait du Projet de Paix Perpétuelle de L'Abbé de Sait-Pierre", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 326).

⁷⁹⁷ Textos como o *Contrat social*, *l'Émile*, e *La Nouvelle Héloïse* começaram a ser projectados e escritos neste mesmo período, de resto e como afirma Stelling-Michaud, "Cette seule circonstance nous invite à accorder une attention particulière à ses méditations politiques inspirées par les livres de l'abbé, car elles furent déterminantes pour l'élaboration de son propre système. Comme l'a justement relevé Vaughan, les écrits de Rousseau consacrés à l'abbé de Saint-Pierre projettent une lumière révélatrice sur les théories formulées dans l'article *Économie politique*, dans le *Discours sur l'inégalité* et dans le *Contrat social* et il aurait pu ajouter : dans *l'Émile*, dans le *Projet de constitution pour la Corse* et dans les *Considérations sur le gouvernement de Pologne ...*" (cfr. Stelling-Michaud, Sven, "Écrits sur l'abbé de Saint-Pierre" in *Jean-Jacques Rousseau Œuvres complètes* Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. CXXI).

⁷⁹⁸ De acordo com Trousson, "... le bon abbé n'était pas un virtuose du style. En outre, Rousseau n'était pas trop d'accord avec son utopisme rationaliste et sa confiance dans la «raison perfectionnée». Il résolut de résumer d'abord honnêtement, puis de formuler ses objections. Il commença par le *Projet de paix perpétuelle*, qui datait de 1713, où Saint-Pierre suggérait une «ligue des rois», c'est-à-dire une convention internationale qui garantirait le *statu quo* territorial ..." (cfr. Trousson, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*, Éditions Hachette, La Flèche, 1993, p. 140).

*Jugement sur le projet de paix perpétuelle, Que l'état de guerre naît de l'état social e polysynodie de L'Abbé de Saint-Pierre*⁷⁹⁹ e *Jugement sur la polysynodie*⁸⁰⁰.

No que se refere ao primeiro texto, Rousseau percebe que aquilo que politicamente o abade propõe é constituir uma Europa unida por interesses comuns no que se refere à paz e à estabilidade. Tal visão implicaria que a Europa fosse governada por uma assembleia central e que cada país mantivesse os seus costumes locais. Embora Rousseau considere este projecto louvável e sublinhe a sua necessidade, não deixa, porém, de apresentar algumas objecções no texto *Jugement sur le projet de paix perpétuelle*⁸⁰¹. Podemos concluir que Rousseau apreciou o projecto, enquanto produção teórica, mas, ao mesmo tempo, apercebeu-se das suas fragilidades quando aplicado pelo e para o Homem. De resto, Rousseau não se mostra um optimista como o abade Saint-Pierre; pelo contrário, o conhecimento do processo histórico faz com que o nosso autor seja um pessimista. Repare-se na sua afirmação:

⁷⁹⁹ Sobre este texto escreve Trousson "Il passe ensuite à la *Polysynodie*, où l'audacieux Saint-Pierre proposait de remplacer les ministres choisis par le souverain par des Conseils permanents composés d'administratifs élus pour leur compétence : c'était ni plus ni moins que déposséder le roi de son pouvoir absolu, le transformer en un président détenteur de l'exécutif ..." (Ibidem).

⁸⁰⁰ Sobre este texto escreve Stelling-Michaud, "... il contient des remarques critiques fort pertinentes, inspirées par le même sens de la limite et de l'insuffisance des institutions, qui lui fit considérer comme impraticable l'union européenne des souverains pour l'établissement d'une paix durable ..." (cfr. Stelling-Michaud, Sven, "Écrits sur l'abbé de Saint-Pierre" in *Jean-Jacques Rousseau Œuvres complètes* Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. CLV).

⁸⁰¹ "Sans cesse abusés par l'apparence des choses, les Princes rejetteront donc cette Paix, quand ils préféreroient leurs intérêts eux-mêmes ; que sera-ce quand ils les feront peser par leurs Ministres dont les intérêts sont toujours opposés à ceux du peuple et presque toujours à ceux du Prince ? Les Ministres ont besoin de la guerre pour se rendre nécessaires, pour jeter le Prince dans des embarras dont il ne se puisse tirer sans eux et pour perdre l'état, s'il le faut, plutôt que leur place ; ils en ont besoin pour vexer le peuple sous le prétexte des nécessités publiques ; ils en ont besoin pour placer leurs créatures, gagner sur les marchés et faire en secret mille odieux monopoles ; ils en ont besoin pour satisfaire leurs passions, et s'expulser mutuellement ; ils en ont besoin pour s'emparer du Prince en le tirant de la Cour quand il s'y forme contre eux des intrigues dangereuses ; ils perdrieroient toutes ces ressources par la paix perpétuelle, et le public ne laisse pas de demander pourquoi, si ce projet est possible ils ne l'on pas adopté ? Il ne voit pas qu'il n'y a rien d'impossible dans ce projet sinon qu'il soit adopté par eux. Que feront ils donc pour s'y opposer ? ce qu'ils ont toujours fait : ils le tourneront en ridicule ..." (cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Jugement sur le projet de paix perpétuelle", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, pp. 594 – 595). "Assim, iludidos sem cessar pelas aparências, nesses termos os príncipes se desinteressariam pela paz, mesmo que calculassem as suas vantagens. O que acontecerá então quando esse cálculo é feito para eles pelos seus ministros, cujos interesses são sempre contrários aos do povo, e quase sempre contrários aos do próprio governante? Os ministros têm uma necessidade permanente de guerra, como meio de tornar-se indispensáveis para o príncipe, de criar-lhe dificuldades das quais não possa escapar sem a sua ajuda, de arruinar o Estado, na pior das hipóteses, como preço a pagar para manter-se no cargo. Precisam disso como meio para oprimir o povo, sob o manto da necessidade nacional; para colocar os seus dependentes; para interferir com o mercado e criar mil monopólios odiosos. Precisam disso como meio de gratificar as suas paixões e afastar os rivais; para controlar o príncipe e retirá-lo da corte, quando há contra ele alguma conspiração perigosa. Com uma paz duradoura, todos esses recursos desapareceriam. E o mundo ainda persiste em indagar por que, se tal esquema é praticável, ele nunca foi adoptado. Não é óbvio que nada tem de impraticável, excepto sua adopção por essas pessoas? Portanto, que farão elas para opor-se a que seja levado à prática? O que sempre fizeram; ridicularizá-lo ...".

“Qu’on ne dise donc point que si son système n’a pas été adopté, c’est qu’il n’étoit trop bon pour être adopté ; car le mal et le abus dont tant de gens profitent s’introduisent d’eux-mêmes ; mais ce qui est utile au public, ne s’introduit guères que par la force, attendu que les intérêts particuliers y sont presque toujours opposés (...), la paix perpétuelle redeviendra un projet raisonnable ; ou plustôt, admirons un si beau plan, mais consolons-nous de ne pas le voir exécuter ; car cela ne peut se faire que par des moyens violens et redoutables à l’humanité (...) elle feroit peu-être plus de mal tout d’un coup qu’elle n’en préviendroit pour des siècles ...”⁸⁰².

No fragmento *Que l'état de guerre naît de l'état social*, Rousseau volta a sublinhar a ideia de que é necessário re-pensar o que significa estabelecer a paz perpétua. Admite o autor que, no estado de natureza, um homem movido pela ira pode matar outro homem; no entanto, isso não significa que esteja num estado de guerra permanente. Esta posição é justificada se considerarmos que “La guerre est un état permanent qui suppose des relations constantes, et ces relations ont très rarement lieu d’homme à homme, où tout est entre les individus dans un flux continuel qui change incésamment les rapports et les interests ...”⁸⁰³. Ora, é justamente no estado social que se pode encontrar o campo propício para a génese de um estado de guerra, pois sendo as relações entre os indivíduos constantes e, portanto, baseadas num pacto, criam-se todas as condições necessárias para que “Nous entrons maintenant dans un nouvel ordre de choses. Nous allons voir les hommes unis par une concorde artificielle se rassembler pour s’entre égorger et toutes les horreurs de la guerre naitre des soins qu’on avoit pris pour la prevenir ...”⁸⁰⁴.

⁸⁰² Ibidem, pp. 599 - 600. “Que não se diga, portanto, que o sistema não foi adoptado porque não era bom. Será mais apropriado dizer que era bom demais para que pudesse ser adoptado. Os males e os abusos, que beneficiam tantos indivíduos, ocorrem por si mesmos, mas o que é da utilidade pública raramente deixa de ser imposto pela força, pela simples razão de que os interesses privados quase sempre o contrariam (...), a paz perpétua voltará a ser uma proposta razoável; embora admiremos um projecto tão belo, devemos consolar-nos do seu fracasso pensando que só poderia ser implantado com os meios violentos que a humanidade precisa abandonar (...). Ela talvez provocasse mais danos em um só momento do que os prejuízos que pudesse evitar a longo de muito tempo ...”.

⁸⁰³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Que l'état de guerre naît de l'état social”, in J.-J. Rousseau: *Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 602. “A guerra é um estado permanente que pressupõe relações constantes; relações que ocorrem raramente entre os homens, já que entre os indivíduos há um fluxo constante que muda continuamente sua motivação e seus interesses ...”.

⁸⁰⁴ Ibidem, p. 603. “Entramos agora em uma nova ordem das coisas. Estamos prestes a ver homens, unidos em uma harmonia artificial, juntarem-se para cortar a garganta uns aos outros, a ver todos os horrores da guerra surgindo dos esforços feitos justamente para evitá-la ...”.

No texto *Jugement sur la polysynodie*, Rousseau faz uma breve apreciação dos diferentes regimes políticos, relativamente à moderação e regulamentação dos poderes absolutos, mediante a distribuição das diversas funções de governo entre os diferentes conselhos, que mais tarde irá desenvolver no Livro III do *Du contract social ou Principes du droit politique*. Assim, escreve o nosso autor:

“Pour la Polysynodie de l’Abbé de Saint-Pierre je ne saurois voir qu’elle puisse être utile ni praticable dans aucune véritable Monarchie ; mais seulement dans une sorte de Gouvernement mixte, où le Chef ne soit que le Président des Conseils, n’ait que la puissance exécutive et ne puisse rien par lui-même : Encore ne saurois-je croire qu’une pareille administration put durer longtems sans abus ; car les intérêts des sociétés partielles ne sont pas moins séparés de ceux de l’Etat ni moins pernicieux à la Republique que ceux des particuliers ...”⁸⁰⁵.

2.2. *Du contract social ou Principes du droit politique* (1762)⁸⁰⁶

Se consideramos que esta fase revela um Rousseau que mantém a esperança⁸⁰⁷ em conseguir preservar a natureza humana e, ao mesmo tempo, fazer com que os homens vivam em sociedade, sem que para isso tenham que negar a sua natureza⁸⁰⁸, então *Du ontract social ou*

⁸⁰⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Jugement sur la polysynodie”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 644. “Quanto à Polisinodia do Abade de Saint-Pierre não saberei ver que ela possa ser útil ou praticável em nenhuma verdadeira monarquia; mas somente numa espécie de Governo misto, onde o Chefe não seja que o Presidente dos Conselhos, não seja que a potência executiva e não pode nada por ele mesmo: Também não saberei em como acreditar que uma tal administração possa durar longo tempo sem abusos; uma vez que os interesses das sociedades parciais não são menos separadas daquelas do Estado nem menos perniciosas à República que aquela dos particulares ...”.

⁸⁰⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou principes du droit politique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 349.

⁸⁰⁷ Sobre este aspecto escreve Derathé: “Mais le *Contrat social* n’est pas une nostalgique évocation des institutions antiques, uniquement destinée à faire sentir aux hommes modernes leur petitesse et leur dépravation. Rousseau y expose ses principes de législation avec l’espoir qu’ils pourront, au contraire, préserver les peuples modernes de la dépravation ...” (cfr. Derathé, Robert, “Du Contrat Social”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. XCVI).

⁸⁰⁸ “L’expérience nous apprend chaque jour que les hommes sont méchants et il n’est pas question pour Rousseau de nier ce fait indéniable. Ce qu’il nie, c’est que la méchanceté soit naturelle à l’espèce, comme l’enseigne le «sophiste» Hobbes, ou qu’il faille admettre la doctrine du péché originel, propagée par le «rhéteur Augustin» ...” (Ibidem, p. XCI).

Principes du droit politique é resultado dessa intenção⁸⁰⁹. *Du contract social ou Principes du droit politique* é composto por quatro livros, que expressam os princípios que procuram fundamentar e determinar as condições para o estabelecimento de uma autoridade política legítima: “Je veux chercher si dans l’ordre civil il peut y avoir quelque regle d’administration légitime⁸¹⁰ et sûre, en prenant les hommes tels qu’ils sont, et les loix telles qu’elles peuvent être ...”⁸¹¹. Podemos dizer que esses princípios são referentes ao pacto social; à soberania e ao governo.

A ideia central expressa no Livro I é a de que nenhum homem é senhor de uma autoridade natural sobre o seu semelhante. Começando com uma frase que reflecte a situação em que o Homem se encontra – “L’homme est né libre, et par-tout il est dans les fers ...”⁸¹² - Rousseau coloca duas questões essenciais. A primeira pergunta como aconteceu essa mudança e a segunda pergunta pela legitimação dessa mesma mudança. É a esta segunda questão que o autor se propõe responder, começando por afirmar a importância da ordem social e por dizer que esta é um direito que não pertence à natureza, mas que resulta de uma convenção. Assim, por exemplo a família é a mais antiga de todas as sociedades e a única natural. Mas para garantir que o pacto social se efective e não seja um acordo vazio, é necessário que nele esteja compreendido um envolvimento de todos os cidadãos:

“... que quiconque refusera d’obéir à la volonté générale y sera contraint par tout le corps: ce qui ne signifie autre chose sinon qu’on le forcera d’être libre; car telle est la condition qui donnant chaque Citoyen à la Patrie le garantit de toute dépendance personnelle ...”⁸¹³.

⁸⁰⁹ De acordo com Bernard Gagnebin, “Dans ses deux premiers discours, Rousseau analysait les causes de la dénaturation de l’homme par la société ; dans le Contrat social, il va essayer de déterminer les bases d’une société politique, qui protégerait les individus contre l’oppression et leur garantirait leurs droits essentiels ...” (cfr. Gagnebin, Bernard, “Les écrits politiques” in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes* Vol. III. Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. XVI).

⁸¹⁰ Sobre esta expressão é muito importante considerar a interpretação de Robert Derathé: “C’est-à-dire la seule qui ne soit pas fondée sur des conventions. Selon le Manuscrit de Genève (1. I, ch. V), le père dispose d’une «autorité naturelle» sur ses enfants puisqu’il est tenu par la loi de nature de veiller à leur conservation, mais cette autorité ne s’étend pas «au-delà même de leur faiblesse et de leur besoin» ...” (cfr. Derathé, Robert, “Notes et Variantes” [352], in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes* Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1434).

⁸¹¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 351. “Quero indagar se na ordem civil pode existir alguma regra de administração legítima e certa, tomando os homens tais como são e as leis tais como podem ser ...”.

⁸¹² *Ib.*, p. 364. “O homem nasce livre e por toda parte se encontra sob grilhões ...”.

⁸¹³ *Ib.*, p. 364. “... de forma que quem recusar obedecer à vontade geral será obrigado a isso por todo o corpo: o que não significa outra coisa a não ser que será forçado a ser livre, uma vez que essa é a condição que cada Cidadão dá à Pátria e que o garante de toda a dependência pessoal ...”

Deste modo, está garantido que o corpo político não se desagregue, pois a liberdade natural é substituída pela liberdade civil baseada numa condição “... qui fait l’artifice et le jeu de la machine politique, et qui seule rend légitimes les engagements civils, lesquels sans cela seroient absurdes, tyranniques, et sujets aux plus énormes abus ...”⁸¹⁴.

É dentro deste contexto que, no Livro II, Rousseau define o conceito de soberania como o exercício da vontade geral, na medida em que, sendo o soberano “... qui n’est qu’un être collectif, ne peut être représenté que par lui-même; le pouvoir peut bien se transmettre, mais non pas la volonté ...”⁸¹⁵. Por essa razão, o soberano deixará de existir se o povo cedendo a sua liberdade a um único chefe, renunciar ao exercício da soberania. Neste sentido, a soberania é entendida como indivisível e, por isso a vontade sendo geral resulta de um acto de soberania tendo valor de lei.

No Livro III, Rousseau faz um estudo sobre a noção de governo. Após o estudo da acção política ao nível da causa moral, “... la volonté qui détermine l’acte ...”⁸¹⁶, segue-se o estudo dessa mesma acção ao nível físico, “... la puissance qui l’exécute ...”⁸¹⁷. De acordo com o nosso autor, no corpo político “... on y distingue de même la force et la volonté; Celle-ci sous le nom de puissance législative, l’autre sous le nom de puissance exécutive ...”⁸¹⁸. Sendo que “... la puissance législative appartient au peuple, et ne peut appartenir qu’à lui ...”⁸¹⁹.

Assim, para Rousseau, torna-se fundamental a figura do governo. Pois, só deste modo, pode garantir que a força pública seja ordenada e funcione de acordo com a vontade geral. Uma questão, de ordem pragmática, impõe-se: e como é que funciona o governo? Responde Rousseau:

**“Le Gouvernement reçoit du Souverain les ordres qu’il donne au peuple,
et pour que l’Etat soit dans un bon équilibre il faut, tout compense, qu’il y ait**

⁸¹⁴ Ib.. “... que faz o artifício e o jogo da máquina política, e a única que torna legítimos os compromissos civis que sem ela seriam absurdos, tirânicos e sujeitos aos maiores abusos ...”.

⁸¹⁵ Ib., p. 368. “... apenas um ser colectivo, só pode ser representado por ele mesmo: o poder pode muito bem ser transmitido, mas não a vontade ...”.

⁸¹⁶ Ib., 395. “... a vontade que determina o acto ...”.

⁸¹⁷ Ib.. “... o poder que a executa ...”.

⁸¹⁸ Ib.. “... é possível distinguir igualmente nele a força e a vontade: esta recebe o nome de poder legislativo, aquela, o nome de poder executivo ...”.

⁸¹⁹ Ib., pp. 395 – 396. “... o poder legislativo pertence ao povo, e só a ele pode pertencer. Por outro lado, é fácil perceber, através dos princípios aqui estabelecidos, que o poder executivo não possa pertencer à generalidade, como Legisladora ou Soberana, uma vez que esse poder só consiste em actos particulares que não são de alçada da lei, nem consequentemente do Soberano, e todos os seus actos só podem ser leis ...”.

égalité entre le produit ou la puissance du Gouvernement pris en lui-même et le produit ou la puissance des citoyens, qui sont souverains d'un côté et sujets de l'autre ...⁸²⁰.

O Livro IV é uma explicação de como a vontade geral é indestrutível. Porém, não significa que não existam dificuldades. De resto, o próprio Rousseau reconhece que os interesses dos particulares tendem a ocultar a unanimidade e a harmonia nas assembleias, provocando em última instância o declínio do Estado. A única maneira de garantir a indestrutibilidade da vontade geral é fazer com que os homens não se esqueçam que o pacto social é um acto individual de compromisso voluntário. Rousseau define o pacto social como sendo "... une seule loi qui par sa nature exige un consentement unanime. C'est le pacte social: car l'association civile est l'acte du monde le plus volontaire; tout homme étant né libre et maître de lui-même, nul ne peut sous quelque prétexte ..."

⁸²⁰ *Ib.*, p. 396. "O Governo recebe do Soberano as ordens que ele dá ao povo, e para que o Estado esteja num bom equilíbrio, é necessário que, uma vez tudo compensado, aí haja igualdade entre o produto, ou o poder do Governo tomado em si mesmo, e o produto, ou o poder dos cidadãos, que são soberanos de um lado e súbditos do outro ...".

⁸²¹ *Ib.*, p. 440. "... uma só lei que, por sua natureza, exige um consentimento unânime. Trata-se do pacto social, uma vez que a associação civil é o acto mais voluntário do mundo. Todo o homem, tendo nascido livre e senhor de si, ninguém pode submetê-lo sem seu consentimento, sob qualquer que seja o pretexto ...".

3. Obras literárias

3.1. Contos e Apólogos: *La Reine fantasque* (1755-56)⁸²², *Les Amours de Claire et de Marcellin* (1760)⁸²³, *Le Petit savoyard ou La Vie de Claude Noyer* (1756)⁸²⁴, *Le Lévitte D'Éphraïm* (1762)⁸²⁵, *Pygmalion, scène lyrique* (1762)⁸²⁶

Deste período datam os seguintes textos: *La Reine fantasque*, *Les Amours de Claire et de Marcellin*, *Le Petit savoyard ou La Vie de Claude Noyer*, *Le Lévitte D'Éphraïm*, *Pygmalion, scène lyrique*⁸²⁷. *La Reine fantasque* é um conto em que o narrador – Jalamir – demonstra a um druída que a natureza acaba por cumprir sempre o seu propósito, independentemente dos contratemplos que possam surgir. A história é a de um rei, Phénix, casado com Fantasque, uma mulher extravagante e com um espírito peculiar. Este casal pretende ter um filho e o problema surge quando o rei quer um rapaz e a rainha quer uma rapariga. A rainha dá à luz gémeos, um rapaz e uma rapariga, o rei acaba por se unir à filha e a rainha ao filho. Nova querela surge quando a fada

⁸²² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “La Reine fantasque”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1177.

⁸²³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Amours de Claire et de Marcellin”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1193.

⁸²⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Le Petit savoyard ou La Vie de Claude Noyer”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1200.

⁸²⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Le Lévitte D'Éphraïm”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1205.

⁸²⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Pygmalion, scène lyrique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1224.

⁸²⁷ De acordo com Charly Guyot: “Dans sa *Reine Fantasque*, l'auteur ne voyait qu' “une folie”, née “dans un moment de gaité ou plutôt d'extravagance”. L'œuvre, pourtant, est révélatrice d'une étape de sa pensée. Quant aux deux nouvelles demeurées inachevées, *Les Amours de Claire et de Marcellin*, *Le Petit savoyard ou La Vie de Claude Noyer*, elles nous montrent un Rousseau repris aux délices imaginaires de l'idylle champêtre. Se souvenant des heures dramatiques où il l'avait composé [*Le Lévitte D'Éphraïm*], il y voyait un témoignage de sa force d'âme, de son incapacité à répondre à la persécution par la haine. Le sujet du *Lévitte* pouvait bien être atroce, il n'en attestait pas moins la «majesté des Écritures», une grandeur primitive jusque dans l'horreur. Il permettait en même temps, et une fois de plus, l'évocation des mœurs champêtres et d'un innocent amour. Mais surtout il offrait au poète l'occasion de donner à ses contemporains une grande leçon de morale (...). *Pygmalion*, en revanche, demeure à divers titres une œuvre fort important. Il nous introduit, d'une part, au plus intime de la psychologie de Rousseau et de son narcissisme. Mais si *Pygmalion* importe – et importe fort – à la connaissance intime de Rousseau, comme à celle de son esthétique, cette «scène lyrique» offre, d'autre part, dans sa forme une nouveauté que l'on aurait tort de sous-estimer. *Pygmalion* annonce le drame musical tel que le concevront le Beethoven d'*Egmont*, le Schumann de *Manfred*...” (cfr. Guyot, C., “Ballets. Pastorale. Poésies. Contes Et Apologues. Mélanges De Littérature Et De Morale” in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, pp. XCVII – C).

pede aos esposos para escolher o carácter dos filhos, tendo em consideração os nomes propostos pela fada. O rei sabendo que a sua mulher possui um espírito de contradição cria um plano para ultrapassar este problema: decide separar as crianças, pegando ao colo o filho e chamando-o de Caprice, a rainha, por sua vez, pega ao colo a outra criança e chama-a de Raison.

O druida, indignado com este gesto de manipulação, e com vontade de repôr a verdade, coloca um conjunto de objecções⁸²⁸ a Jalamir, que lhe responde de um modo irónico, “Si je vous laissois faire, vous changeriez bientôt un Conte de Fée en un traité de politique, et l’on trouveroit quelque jour dans les cabinets de Princes Barbe-Bleue ou Peau-d’âne au lieu de Machiavel ...”⁸²⁹. Jalamir conta o final da história⁸³⁰, mostrando ao seu interlocutor como a ordem natural foi restabelecida por si mesma, sem a intervenção de terceiros:

⁸²⁸ “Teu príncipe Capricho voltará a cabeça de todos e imitará demasiado bem a sua mãe para não ser seu tormento. Ele perturbará o reino querendo reformá-lo. Para tomar seus súbditos felizes, ele os levará ao desespero, sempre acusando os outros de seus próprios erros. Injusto por ter sido imprudente, o pesar por suas faltas o fará cometer outras maiores. Como a sabedoria não o conduzirá jamais, o bem que ele quiser fazer aumentará o mal que terá feito. Em resumo, ainda que no fundo ele seja bom, sensível e generoso, suas próprias virtudes o levarão ao erro e sua mera falta de juízo, unida a seu poder, o fará mais odoado do que o teria feito uma maldade bem pensada. Por outro lado, tua princesa Razão, nova heroína do país das fadas, tornar-se-á um prodígio de sabedoria e de prudência, e sem ter adoradores se fará a tal ponto amar pelo povo que cada um fará votos de ser governado por ela. Sua boa conduta vantajosa para todos a ela mesma não causará problemas a não ser a seu irmão, cujos vícios opor-se-ão sem cessar às virtudes dela, e a quem a prevenção pública dará todos os defeitos que ela não tiver, mesmo que ele tampouco os tenha. Discutir-se-á inverter a ordem da sucessão ao trono, submeter o ceptro à roca e a fortuna à razão ...”. “Ton Prince Caprice fera tourner la tête à tout le monde, et sera trop bien l’imitateur de sa Mere, pour n’en pas être le tourment. Il bouleversera le Royaume en le voulant réformer. Comme la sagesse ne le conduira jamais, le bien qu’il voudra faire aggravera le mal qu’il aura fait. D’un autre côté ta Princesse Raison, nouvelle Héroïne du pays des Fées, deviendra un prodige de sagesse et de prudence, et sans avoir d’adorateurs se fera tellement adorer du peuple, que chacun fera des vœux pour être gouverné par elle : sa bonne conduite avantageuse à tout le monde et à elle-même, ne fera du tort qu’à son frere, dont on opposera sans cesse les travers à ses vertus, et à qui la prévention publique donnera tous les défauts qu’elle n’aura pas, quand même il ne les auroit pas lui-même. Il sera question d’invertir l’ordre de la succession au trône, d’asservir la marotte à la quenouille et la fortune à la raison ...” (cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “La Reine fantasque”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, pp. 1190 – 1191).

⁸²⁹ Ibidem, p. 1191. “Se eu vos permitisse, logo transformarieis um conto de fadas em um tratado de politica, e algum dia Barba Azul ou Pele de Asno seriam encontrados nos gabinetes dos príncipes no lugar de Maquiavel ...”.

⁸³⁰ A respeito do final da história escreve Cernuschi: “Si les docteurs, les magistrats, les grands, etc. forment autant de cibles traditionnelles, la double fin du conte lui donne une dimension politique par le parallèle contrasté qu’elle permet entre deux extrêmes du pouvoir monarchique, deux types de prince. Elle occasionne aussi un mouvement d’auto-ironie remarquable : le druide impute le dénouement pessimiste qu’il imagine à la «sophistique éloquence» de son interlocuteur dans des formules qui contrefont les attaques reçues par Rousseau à la suite de ses *Discours*. Si Jalamir refuse la métamorphose de son conte «en traité de politique» et défend une lecture légère, Rousseau en suggère sans doute une autre dans cette mise en scène... Bref, cette fantaisie, dans des miroitements de signification aussi multiples que fugaces, renvoie aussi bien à la critique sociale qu’à la mondanité, à la parodie littéraire qu’à la réflexion politique, et laisse se profiler un portrait éclaté de son auteur ...” (cfr. Cernuschi, A. “Reine (La) Fantasque, Conte”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 793).

“... le Roi croyant avoir pris son fils tenoit sa fille entre ses bras au moment de l’influence, et que la Reine trompée par le choix de son mari, ayant aussi pris son fils pour sa fille, la Fée profita de cette erreur pour douer les deux enfans de la maniere qui leur convenoit le mieux. Caprice fut donc le nom de la Princesse, Raison celui du Prince son frere, et en dépit des bizarreries de la Reine, toute se trouva dans l’ordre naturel ...”⁸³¹.

Os textos *Les Amours de Claire et de Marcellin* e *Le Petit savoyard ou La Vie de Claude Noyer*⁸³², têm em comum o tema relativo à desigualdade social. Estes textos reflectem ainda sobre questões essenciais, tais como o de que modo a sociedade, através da suas instituições, pode corromper os indivíduos, e ainda, a influência nefasta que a linguagem pode exercer. Como forma de ilustrar o que foi dito, temos a personagem de Marcellin que é descrito como “Jeune homme heureusement né et d’un mérite d’autant plus vrai qu’il n’avoit point reçu le fard de l’éducation ...”⁸³³, ao contrário de outro personagem, Claude Noyer, que confessava “Le premier et le plus grand des maux que m’a fait la fortune c’est d’avoir trompé ma vocation [un honnête laboureur]. Chaque pas que j’ai fait dans le monde m’a éloigné de l’innocence et du vrai bonheur ...”⁸³⁴.

Le Lévitte D’Éphraïm relata uma história violenta⁸³⁵ inspirada nos capítulos 19 – 20 do Livro dos Juizes. Esta história pode ter sido o meio que Rousseau encontrou para, de uma forma

⁸³¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “La Reine fantasque”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1192. “... o rei crendo ter tomado seu filho segurava na verdade sua filha entre os braços no momento da influência, e como a rainha enganada pela escolha do seu marido, havia tomado também seu filho por sua filha, a fada aproveitou-se desse erro para dotar as duas crianças da maneira que lhes conviesse melhor. Portanto, Capricho foi o nome da princesa, e Razão o do príncipe seu irmão; e, a despeito das extravagâncias da rainha, tudo se achou na ordem natural ...”.

⁸³² De acordo com Trousson estes dois escritos servem de prelúdio à gênese da *La Nouvelle Héloïse*, na medida em que “Il [Rousseau] situait cela à la campagne, imaginait des idylles entre humbles paysans, jeune fille pauvre, garçon aisé, un père intraitable. Bluettes bucoliques un peu mièvres, dans le ton du *Devin du village*, niaiseries sentimentales dont il se lassa vite, sans soupçonner qu’elles contenaient déjà le germe d’un grand roman ...” (cfr. Trousson, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*, Éditions Hachette, La Flèche, 1993, p. 142)

⁸³³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Amours de Claire et de Marcellin”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1193. “Jovem homem bem nascido e de mérito tanto mais verdadeiro quanto nada houvesse recebido do fardo da educação...”.

⁸³⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Le Petit savoyard ou La Vie de Claude Noyer”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1200. “O primeiro e o maior dos males que me fez a fortuna foi de me haver enganado na vocação [de trabalhador honesto]. Cada passo que eu dei no mundo afastou-me da inocência e da verdadeira felicidade ...”.

⁸³⁵ “O levita tomou uma mulher de Belém de Judá para sua concubina e, embora não pudesse esposá-la, prometeu viver com ela em liberdade e felicidade. Quando ela o deixou e voltou para a sua família, ele a seguiu, exigindo que ela regressasse e chamando-lhe sua esposa. Deixaram o lar da família dela juntos e fizeram uma parada em Jebus para pernoitar. Ai, os habitantes do lugar exigiram vingança pela afronta do levita ao levá-la consigo ...” (cfr. Dent, N.J.H., “Poesia e prosa variada”, in *Dicionário Rousseau*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1992, p. 184).

catártica, projectar o sentimento de ódio relativo aos seu contemporâneos⁸³⁶ - "... accablé de maux par mes ingrats et barbares contemporains, un seul auquel j'échape en depite d'eux et qui leur reste pour ma vengeance est celui de la haine ..." ⁸³⁷. No texto do *Premier projet de préface* Rousseau justifica porque razão decidiu escrever este texto:

"Voilà de quoi s'occupoit cet infortuné défenseur de la vérité dans ces instans de peril et de trouble où la colère et l'indignation devoient dévorer son cœur. Mes ennemis ont beau m'accabler de tous les maux dont pense s'aviser leur rage. Il en est un qui leur reste pour ma vengeance et que je leur défie de me faire éprouver jamais. C'est le tourment de haïr ..." ⁸³⁸.

A mesma ideia, de injustiça relativa à sua pessoa, é reforçada no texto do *Second projet de préface* "En me supposant les erreurs les plus dangereuses ..." ⁸³⁹. A composição deste texto, para o nosso autor, resulta de um estado de imaginação permanente, estado esse, que lhe permite libertar-se de toda a realidade que o rodeia. A faculdade da imaginação sempre foi importante para o nosso autor, e agora mais do que nunca, ela assume um papel preponderante. Pois surge, enquanto meio, que ao mesmo tempo, permite-lhe sair de um estado que lhe causa sofrimento. Ao conseguir realizar este movimento de libertação, num espaço que é só seu, é uma forma de repor a justiça que lhe foi negada. É esse espaço que o faz aproximar do estado de solitário. A passagem que se segue é ilustrativa:

"J'imaginai de donner le change à ma reverie en m'occupant de quelque sujet ; celui-ci me vint dans l'esprit ; je le trouvai assez convenable à mes vues. Il m'offroit une espèce d'intermédiaire entre l'état où j'étois et celui où je voulois passer. je pouvois de tems en tems m'y livrer à mon humeur sombre puis y

⁸³⁶ De acordo com Dent: "... Rousseau encontrou nessa bizarra e brutal história alguma imagem de espécie de vingança que pensou poder ser a sua pelas injustiças que lhe eram infligidas por causa do *Émile* ..." (Ibidem, p. 185).

⁸³⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Le Léviète D'Éphraïm", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1205. "... sobrecarregado de males pelos meus ingratos e bárbaros contemporâneos, um só ao qual eu escapo a despeito deles e que neles sobra para a minha vingança e aquele do ódio ...".

⁸³⁸ Ibidem. "Eis do que se ocupa esse infortunado defensor da verdade nesses momentos de perigo e de perturbações onde a cólera e a indignação devem devorar o coração. Os meus inimigos bem me sobrecarregaram de todos os males em que a sua raiva pensou. Há um que lhes sobra para a minha vingança e para o qual os desafio a jamis me pôr à prova. É o tormento do ódio ...".

⁸³⁹ Ib., p. 1206. "Supondo em mim os erros os mais perigosos ...".

substituer de plus doux objets et sitot que mon sujet le permettoit (...). De cette façon je remplis à peu près mon but et finis agreablement mon voyage ...”⁸⁴⁰.

Pygmalion, scène lyrique relata o estado de fascinação em que ficou o artista, Pygmalion, depois de ter concluído a escultura da ninfa Galathée. Mais tarde, Pygmalion decide tapar a estátua para que esta não o possa fascinar e, deste modo, bloquear a sua criatividade. Rousseau serviu-se das palavras de Pygmalion para projectar o seu estado de alma, “Que suis-je devenu ? quelle étrange révolution s’est faite en moi?”⁸⁴¹. Este texto caracteriza o seu estado de desencantamento. Desencantamento esse que resulta de um sentimento de desilusão para com os homens, porque não perceberam aquilo que Rousseau lhes tentou mostrar quanto à sua natureza.

Rousseau conclui que, para se ver com clareza a natureza humana, tal só é possível a partir de um gesto individual. Nunca um projecto colectivo conseguirá mostrar a natureza humana, justamente porque faz parte dessa natureza não se mostrar no colectivo social. *Pygmalion, scène lyrique* é precisamente uma metáfora dessa constatação. Se considerarmos que o colectivo social é representado pelo véu que cobre Galathée, então, uma vez tapada a estátua, apenas temos acesso aos seus contornos. Só um gesto individual, representado na vontade de Pygmalion, poderá destapar e resgatar Galathée. Do mesmo modo, a natureza humana só pode ser recuperada a partir de uma vontade pessoal.

⁸⁴⁰ Ib.. “Imaginei dar uma nova direcção aos meus devaneios ocupando-me de qualquer assunto: este aqui vêm-me ao espírito; acho-o muito apropriado às minhas opiniões. Ele fornece-me uma espécie de intermediário entre o estado onde me encontrava e aquele para onde quereira passar. Posso de tempos a tempos entregar-me ao meu humor sombrio e depois substituí-lo pelos objectos mais doces e tão cedo quando o meu sujeito o permita (...). Desse modo cumprio quase por completo a minha finalidade e termino agradavelmente a minha viagem ... ”.

⁸⁴¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Pygmalion, scène lyrique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, pp. 1224 - 1225. “Em que me tornei eu? que estranha revolução se produziu em mim?”.

3.2. Textos de Literatura e de Moral: *Lettres a Sara* (1757)⁸⁴², *Pensées d'un esprit droit et sentimens d'un cœur vertueux* (1757-58)⁸⁴³, *Remarques sur les lettres sur les anglois et les françois de Beat de Muralt* (1756-57)⁸⁴⁴, *Remarques lexicologiques* (1761)⁸⁴⁵, *Prononciation* (1761)⁸⁴⁶

Os textos *Lettres a Sara* e *Pensées d'un esprit droit et sentimens d'un cœur vertueux* descrevem situações que apelam para alguns episódios relativos à vida íntima de Rousseau⁸⁴⁷. As *Lettres a Sara* são um conjunto de quatro cartas, escritas por um homem de bastante idade apaixonado por uma jovem de trinta anos. Alguns comentadores⁸⁴⁸ questionaram se este conjunto de cartas poderiam ser consideradas como um romance autónomo ou se são uma forma de auto-confissão feita pelo nosso pensador. Numa parágrafo introdutório escreve o autor:

“On comprendra sans peine comment une espèce de défi a pu faire écrire ces quatre lettres. On demandoit si un amant d'un demi-siècle pouvoit ne pas faire rire. Il m'a semblé qu'on pouvoit se laisser surprendre à tout age, qu'un Barbon pouvoit même écrire jusqu'à quatre lettres d'amour (...). Je n'ai pas besoin de dire ici mes raisons, on peut sentir en lisant ces lettres ; après leur lecture, on en jugera ...”⁸⁴⁹.

⁸⁴² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Lettres a Sara*”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1290.

⁸⁴³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Pensées d'un esprit droit et sentimens d'un cœur vertueux*”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1299.

⁸⁴⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Remarques sur les lettres sur les anglois et les françois de Beat de Muralt*”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1315.

⁸⁴⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Remarques lexicologiques*”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1253.

⁸⁴⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Prononciation*”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1248.

⁸⁴⁷ Eigeldinger, F. S., escreve: “Hermine de Saussure, par des rapprochements judicieux avec la *Lettre à Sophie* et les aveux des *Confessions*, estime que cette œuvre est «une sorte de transposition poétique et imaginaire» des tourments éprouvés par Rousseau devant Sophie d'Houdetot, et elle ajoute : «Ces *Lettres à Sara* ne semblent pas pouvoir avoir été écrites à froid. [...] Sara, c'est Sophie ...” (cfr. Eigeldinger, F. S., “*Lettres à Sara [Le Barbon Amoureux, Ou]*”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 522).

⁸⁴⁸ Nomeadamente Charly Guyot (cfr. Guyot, C., “*Ballets. Pastorale. Poésies. Contes Et Apologues. Mélanges De Littérature Et De Morale*” in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, pp. CII-CIII).

⁸⁴⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Lettres a Sara*”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1291. “Comprendemos sem dificuldade como uma espécie de desafio pode levar a escrever essas quatro cartas. Perguntamos de um amante de meio-século poderá não fazer rir. Pareceu-me que podemos nos deixar surpreender em qualquer idade, que um Ançião é até capaz de escrever quatro cartas de amor (...). Não preciso aqui de citar as minhas razões, podemos-las sentir ao ler as cartas; depois da sua leitura, julgá-las-emos ...”.

Podemos encontrar outras reflexões de carácter íntimo e que são expressão do sentir de Rousseau no texto *Pensées d'un esprit droit et sentiments d'un cœur vertueux*. Existem alguns fragmentos, tais como o XXXII⁸⁵⁰, o XXXIII⁸⁵¹ e o nº XLIV⁸⁵² que apelam para uma auto-suficiência do indivíduo⁸⁵³: Outro tema, querido ao nosso autor, o da amizade (fragmento XII)⁸⁵⁴, é abordado de uma forma bastante pessoal, pois Rousseau faz sobressair a importância que o valor da confiança possui nas relações de amizade, "J'ai toujours désiré un ami qui fût un confident à qui je pusse ouvrir mon âme, un conseil dans mes délibérations, un consolateur dans mes peines, un autre moi-même par les liens de la tendresse et de la fidélité ..." ⁸⁵⁵. Porém, a história das suas amizades não foi o melhor retrato disso, como de resto confessa: "J'ai cru, enfin, que j'avais trouvé ce trésor inestimable, mais je me suis trompé. La trahison que j'éprouve m'apprendra à ne plus me fatiguer

Dentro deste contexto escreve Guyot : "Confidence personnelle ou roman, les *Lettres à Sara* brûlent encore d'une passion où se révèle le Rousseau le plus secret et le plus vrai, passion qui jamais ne cesse de nous surprendre, en nous communiquant sa flamme ..." (cfr. Guyot, C., "Ballets. Pastorale. Poésies. Contes Et Apologues. Mélanges De Littérature Et De Morale" in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. CII).

⁸⁵⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Pensées d'un esprit droit et sentiments d'un cœur vertueux", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p.1305. "Nous n'avons point d'étude plus essentielle et plus salutaire que celle de nous-mêmes ; c'est ce qui nous est personnellement propre, et non ce qui est étranger, que nous devons nous appliquer à connaître ; il faut nous instruire de nos défauts pour les réformer, et des dons que la nature a mis en nous pour en régler l'usage, l'objet de la fin ...". "Não temos nenhum estudo mais essencial e mais salutar do que aquele de nós mesmos; é do que nos é pessoalmente próprio, e não do que nos é estranho, que nos devemos aplicar a conhecer; devemos-nos instruir sobre os nossos defeitos para os reformar, e dos dons que a natureza pôs em nós para lhes regular o uso, o propósito da finalidade ...".

⁸⁵¹ Ibidem, p. 1306. "Pour peu qu'on veuille de bonne foi s'examiner soi même, on s'aperçoit aisément du peu que l'on vaut, et l'on n'est pas tenté d'être fier et orgueilleux. On ne s'estime pas au-delà de ce qui convient, et non purifie son esprit et son cœur du dangereux poison de la vanité et de la hauteur ...". "Por pouco que queiramos de boa fé nos examinar a nós mesmos, apercebemo-nos facilmente do pouco que o queremos, e disso não estamos tentados a ser orgulhosos e arrogantes. Não nos estimamos para além daquilo que convém, e não purificamos o nosso espírito e o nosso coração do veneno perigoso da vaidade e da altivez ...".

⁸⁵² Ib., p. 1308. "Il n'y a de vraie félicité que dans la paix intérieure de l'âme, et on ne peut jouir de cette paix que par la vertu ...". "Não há verdadeira felicidade a não ser na paz interior da alma, e não podemos fruir dessa paz a não ser pela virtude ...".

⁸⁵³ Cfr. Luporini, L. "Pensées d'un Esprit Droit et Sentiments d'un Cœur Vertueux", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 709.

⁸⁵⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Pensées d'un esprit droit et sentiments d'un cœur vertueux", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1301. "L'amitié est le trésor le plus précieux et le plus rare de la vie. Un véritable ami partage mes plaisirs et mes peines ; il tolère mes défauts, et n'a point de lâche complaisance pour eux. Il ne fait point de protestations continuelles de zèle, mais il me marque, dans toutes ses actions, un tendre et sincère attachement. C'est mon intérêt qu'il désire, et qu'il cherche préférentiellement au sien ...". "A amizade é o tesouro mais precioso e o mais raro na vida. Um verdadeiro amigo partilha os meus prazeres e as minhas penas; ele tolera os meus defeitos, e não tem nenhuma permissiva complacência para com eles. Não faz nenhuns continuados protestos de zelo, mas indica-me, em todas as suas acções, uma terna e sincera ligação. É o meu interesse que ele deseja, e que ele procura em preferência ao seu ...".

⁸⁵⁵ Ibidem, p. 1307. "Sempre desejei um amigo que fosse um confidente a quem pudesse abrir a minha alma, um conselheiro nas minhas deliberações, um consolador nas minhas penas, um outro eu mesmo pelos laços da ternura e da fidelidade ...".

à la poursuite d'une chimère ..."⁸⁵⁶. Apesar desta abordagem negativa, Rousseau continua a revelar-se um homem com esperança, pois acredita que a história mostrar-nos-á que o Homem não conseguirá contrariar a sua natureza.

O texto *Prononciation*⁸⁵⁷ faz uma abordagem crítica da relação existente entre a palavra e a escrita. Para Rousseau, o desenvolvimento da sociedade está relacionado com o desenvolvimento das letras, o que tem feito com que a palavra seja preterida em relação à escrita:

"Il est singulier qu'à mesure que les lettres se cultivent, que les arts se multiplient, que les liens de la société générale se resserrent, la langue se perfectionne tant par l'écriture et si peu par la parole. Pourquoi les hommes en se rapprochant sont-ils si soigneux de bien dire, de l'art de parler à distance, et si peu de l'art de parler de vive voix ? C'est que le discours prononcé se noye au milieu de tant de parleurs et que la célébrité ne s'acquiert que par les livres ..."⁸⁵⁸.

Aceitando que aquilo que mantém as línguas vivas são as palavras e considerando que as línguas são para ser faladas, Rousseau faz, no entanto, uma ressalva quanto à linguagem específica das ciências: "Telle est l'algèbre, telle eut été sans doute la langue universelle que cherchoit Leibnitz ..."⁸⁵⁹.

Datam, ainda, deste período, os textos *Remarques sur les lettres sur les anglois et les françois de Beat de Muralt*⁸⁶⁰ e *Remarques lexicologiques*⁸⁶¹.

⁸⁵⁶ Ib.. "Acreditei, enfim, que havia achado esse tesouro inestimável, mas enganei-me. A traição que experimentei ensinou-me a não me cansar mais na busca de uma quimera ...".

⁸⁵⁷ Para Wyss: "Ces notes on peut-être été destinées à un texte suivi ; s'agit-il de l'*Essai sur l'origine des langues*? Ce n'est pas certain, car cet ouvrage était terminé en 1761, mais il est en revanche tout à fait sûr que ces fragments procèdent de la même pensée que l'*Essai* ..." (cfr. Wyss, A. "Prononciation", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 766).

⁸⁵⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Remarques lexicologiques", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1251. "É singular que à medida que as letras se cultivam, que as artes se multiplicam, que as ligações da sociedade geral se reforçam, a língua se aperfeiçoa tanto pela escrita e tão pouco pela palavra. Porque é que os homens ao se aproximarem são eles tão esmerados no bem dizer, na arte de falar à distância, e tão pouco na arte de falar de viva voz? É que o discurso pronunciado dissolve-se no meio de tantos falantes e que a celebridade não se adquire que pelos livros ...".

⁸⁵⁹ Ibidem, p. 1249. "Tal é a álgebra, tal havia sido sem dúvida a língua universal que procurara Leibnitz ...".

⁸⁶⁰ "Il y a puisé plusieurs références avouées ou non dans *La Nouvelle Héloïse* (on prétend même que Muralt serait le portrait originel de Milord Édouard Bomston) et dans la *Lettre à d'Alembert* ..." (cfr. Eigeldinger, F. S., Notes de Lecture des "Lettres sur les Anglais et les Français" de Bêat de Muralt, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 651).

⁸⁶¹ "L'un, de quelques lignes, compare l'usage des mots «danger», «risque» et «péril». L'autre n'est qu'une bribe ..." (cfr. Wyss, A., "Remarques Lexicologiques", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 798).

3.3. *Julie, ou La Nouvelle Héloïse* (1760)⁸⁶²

A estrutura do romance *Julie, ou La Nouvelle Héloïse* assenta em seis partes, cada uma delas composta por um conjunto de cartas escritas por Saint-Preux, Julie d'Étange, que mais tarde, após o casamento, se tornará Julie de Wolmar, e ainda por Claire, prima de Julie, Édouard Bomston, Monsieur de Wolmar e outros correspondentes.

Na primeira parte (65 cartas) da obra, o preceptor de Julie decide declarar-lhe o seu amor, como se este fosse uma marca do destino. Julie confessa também partilhar desse amor, contudo, reconhece que o seu dever é outro. É nesse sentido que decide então confiar este segredo à sua prima Claire com a esperança de que esta a ajude a preservar a virtude e lhe dê a força necessária para resistir à tentação⁸⁶³. Dadas as diferenças sociais entre os dois amantes, o seu romance não é aprovado porque o pai de Julie pretende que esta se case com alguém da mesma classe social. Regressado do exército, o pai de Julie decide casar a sua filha com o barão de Wolmar. Desesperada, Julie entrega-se a Saint-Preux e esta ligação mantém-se durante algum tempo.

Na segunda parte (28 cartas) da obra, Édouard Bomston oferece aos dois amantes uma propriedade em Inglaterra para estes lá viverem, mas Julie recusa, pois considera que esse é o seu dever. Bomston parte para Itália e Saint-Preux para Paris, escrevendo a Julie e a Claire sobre a sociedade parisiense, sobre as mulheres, sobre a ópera (cartas XXI e XXIII)⁸⁶⁴. As cartas dos dois amantes acabam por ser interceptadas por Mme. Étange, visto que Claire, depois de casar com M. d'Orbe, deixou de ser a intermediária da correspondência entre os dois jovens.

Na terceira parte (26 cartas) ocorre a morte de Mme. Étange. Julie sente-se culpada por isso e com a perspectiva de ter de abdicar do seu amor por Saint-Preux e de ter de casar com o barão Wolmar, adoece. Claire avisa Saint-Preux do estado de saúde de Julie e permite que este a visite; porém, o amante contraiu a doença da amada devido a um beijo dado a Julie. Quando esta

⁸⁶² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Julie, ou La Nouvelle Héloïse", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 5.

⁸⁶³ "But more importantly, he created two lovers who ultimately love virtue more than anything else. This love of virtue, subjecting the passion to reason, makes the two lovers unusual characters among their contemporaries who value propriety and social standing above true virtue. Rousseau says the book is «not meant to circulate in society, and is suitable for very few readers». Only those who believe in virtue will be moved by these passionate letters ..." (cfr. Scholz, Sally, *On Rousseau*. Wadsworth, Belmont, 2001, p. 86).

⁸⁶⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Julie, ou La Nouvelle Héloïse", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, pp. 265 - 289.

recupera pensa ter visto Saint-Preux, atribuindo tal ilusão ao seu estado febril, no entanto Claire conta-lhe toda a verdade (cartas XII, XIII e XIV)⁸⁶⁵. Julie decide, então, casar com Wolmar e ser amante de Saint-Preux. Contudo, durante a cerimônia do casamento Julie sofre uma conversão interior e jura a ela mesma e a Deus ser uma esposa fiel (carta XVIII)⁸⁶⁶. Saint-Preux com o desgosto de perder a sua amada decide suicidar-se; é porém Bomston quem o dissuade de tal e lhe propõe que realize uma viagem à volta do mundo.

A quarta parte (17 cartas) começa com o regresso de Saint-Preux ao fim de quatro anos. Claire, mãe de uma menina e viúva, informa Julie do regresso de Saint-Preux. M. Wolmar, a quem a esposa contou toda a verdade, oferece com toda a hospitalidade a sua casa a Saint-Preux. Contudo, uma nova realidade existe: Madame de Wolmar não é mais Julie. No entanto, este não deixa de confessar a Milord Édouard a ambivalência dos seus sentimentos. Saint-Preux manifesta ao seu amigo a admiração pela organização doméstica da propriedade (cartas X e XI)⁸⁶⁷. Decidido a colocar à prova os dois antigos amantes, M. Wolmar pretende deixa-los a sós, pois está persuadido que só a intimidade entre eles pode fazer renascer o seu antigo amor (carta XII)⁸⁶⁸. Tal como Claire, Wolmar confia em Saint-Preux, ao ponto de não se importar que Julie prive com ele e de permitir que a educação dos seus filhos seja da responsabilidade de Saint-Preux.

Na quinta parte (14 cartas) Saint-Preux explica a Édouard Bomston os princípios que sustentam a harmonia de Clarens (propriedade de M. Wolmar) e as ideias que Wolmar tem sobre a educação de seus filhos (cartas II e III)⁸⁶⁹. Explica, ainda, a causa do desgosto secreto de Julie: é que, embora o seu marido seja um homem justo, perspicaz e generoso, não acredita em Deus. Saint-Preux parte com Bomston para Itália e, durante um passeio, tem um sonho que o deixa muito perturbado: vê Julie morta com o rosto coberto por um véu.

⁸⁶⁵ Ibidem, pp. 327 – 334.

⁸⁶⁶ Henri Coulet e Bernard Guyon, sobre esta passagem, escreveram o seguinte: "Ici commencent des pages étonnantes, les plus neuves du roman, à quoi rien n'est comparable dans toute la littérature romanesque antérieure. En plein «siècle de lumières», elles proclament la foi non seulement au Dieu des philosophes et des savants, mais au Dieu d'Abraham, d'Isaac et de Jacob; elles s'efforcent de rendre palpables les réalités surnaturelles les plus mystérieuses. Dans sa description, Rousseau a mis l'accent : 1° Sur le caractère sensible, affectif de l'événement : terreur, frayeur, tremblante, épouvantée. *Timor Domini*... Tous ces mots révèlent un lecteur attentif de la Bible ..." (cfr. Coulet, H.; Guyon, B., "Notes et Variantes" [353], in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes* Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1544).

⁸⁶⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Julie, ou La Nouvelle Héloïse", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, pp. 440 - 488.

⁸⁶⁸ Ibidem, pp. 489 - 499.

⁸⁶⁹ Ib., pp. 527 - 586.

Na sexta parte (13 cartas) num passeio por Chillon, o filho mais novo de Julie cai ao lago e, na tentativa de o salvar, Julie lança-se à água. As consequências daí resultantes foram trágicas: Julie acaba por falecer com uma pneumonia. O sonho de Saint-Preux em Itália foi premonitório. Wolmar relata, a Saint-Preux, os últimos dias de vida de Julie. Julie revelou uma serenidade perante a morte, uma sabedoria nas conversas com o pastor e um amor total pelos seus e por Deus, algo que espontou o próprio Wolmar. Numa última carta de Julie, entregue por Wolmar a Saint-Preux, esta pede-lhe que cuide do seu marido, dos seus filhos e de Claire e confessa-lhe um amor que não será satisfeito senão na vida eterna. O romance termina com Claire, Saint-Preux e Wolmar a viverem juntos na mesma propriedade e unidos pela lembrança de Julie.

4. Escritos Autobiográficos

4.1. Fragmentos: *Mon portrait* (1762)⁸⁷⁰, *Art de jouir et autres fragments* (1758-59)⁸⁷¹, *Lettres à Malesherbes* (1762)⁸⁷²

Os textos autobiográficos *Mon portrait*⁸⁷³ e *Art de jouir et autres fragments*⁸⁷⁴ apresentam muitos dos temas que foram tratados pelo autor ao longo dos seus diversos escritos. Temas que desempenharam importância crucial no pensamento de Rousseau e que foram fundamentais ao

⁸⁷⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Mon portrait", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1120.

⁸⁷¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Art de jouir et autres fragments", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1173.

⁸⁷² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Lettres à Malesherbes", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1130.

⁸⁷³ Sobre este conjunto de fragmentos biográficos assim se pronunciou Voisine: "C'est Rousseau lui-même qui a reuni dans un dossier auquel il a donné ce titre les 24 feuillets de papier et de format différents totalisant 38 fragments dont le plus long atteint quelque 25 lignes ..." (cfr. Voisine, J., "Mon Portrait", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 600).

⁸⁷⁴ Entendem Marcel Raymond e Bernard Gagnebin que "IL y a lieu d'examiner si les douze fragments qui accompagnent celui qui est intitulé précisément *De l'art de jouir* lui étaient joints, dans l'esprit de Rousseau. Remarquons tout d'abord que trois d'entre eux sont des brouillons de divers phrases de la troisième lettre à Malesherbes (cf. n. 2 et 6, p.1140, et n. 3, p. 1141) et qu'un quatrième est une ébauche des *Confessions* (cf. p. 1164, n° 19). Pour les huit fragments qui subsistent (n° 2 – 9), il n'est pas impossible de répondre par l'affirmative, bien que, pour les derniers d'entre eux, la relation au sujet soit plus qu'incertaine. Mais il importe d'admettre que, pour un philosophe sensualiste et religieux tout ensemble, jouissance, plaisir, volupté, bonheur, délices ou félicité ne sont pas termes appartenant les uns au lexique du corps et de la terre, les autres à celui de l'âme et de la vie bienheureuse ..." (cfr. Raymond, M., Gagnebin, B., "Notes et Variantes" [1173], in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes* Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 1864 – 1865).

sistema filosófico-educacional que criou. Podemos indicar, de entre esses temas, os seguintes: a importância de o Homem se conhecer a si mesmo, - “Je conçois un nouveau genre de service à rendre aux hommes : c’est de leur offrir l’image fidelle de l’un d’entre eux afin qu’ils apprennent à se connoître ...”⁸⁷⁵; a dificuldade de o Homem se conhecer a si mesmo quando inserido na sociedade - “Il est impossible qu’un h[omme] incessamment répandu dans la société et sans cesse occupé à se contrefaire avec les autres, ne se contrefasse pas un peu avec lui-même et quand il auroit le tems de s’étudier il lui seroit presque impossible de se connoître ...”⁸⁷⁶; o gosto pelo estado de solitário - “Solitude chérie où je passe encore avec plaisir les restes d’une vie livrée aux souffrances (...). Etes insensibles et morts, ce charme n’est point en vous, il n’y sauroit être, il est dans mon propre cœur qui veut tout rapporter à lui ...”⁸⁷⁷; a comparação entre o homem civil e o solitário - “L’h[omme] civil veut que les autres soient contents de lui, le solitaire est forcé de l’être lui-même ou sa vie lui est insupportable. Ainsi le second est forcé d’être vertueux, mais le premier peut n’être qu’un hypocrite ...”⁸⁷⁸; a identificação entre o autor e o Homem - “Il n’est pas impossible qu’un auteur soit un grand h[omme] mais ce ne sera pas en faisant des livres ni en vers ni en prose qu’il deviendra tel ...”⁸⁷⁹.

Outro texto a referir são as *Lettres à Malesherbes*, escritas entre o período de quatro e vinte oito de Janeiro de 1762⁸⁸⁰. Com este conjunto de cartas Rousseau teve por objectivo retratar-se tal como se entendia, sendo que aquilo que realmente pretendia era defender-se de uma imagem que lhe fora atribuída pelos outros e que não corresponderia à verdade:

⁸⁷⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Mon portrait”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1120. “Concebo um novo género de serviço a prestar aos homens: é de lhes oferecer a imagem fiel de um deles a fim que eles aprendem a se conhecer ...”.

⁸⁷⁶ Ibidem, p. 1121. “É impossível que um homem incessantemente vetido na sociedade e que sem cessar ocupado a se confrontar com os outros, não se confronte um pouco com ele mesmo e quanto tiver tempo de se estudar será quase impossível conhecer-se ...”.

⁸⁷⁷ Ib., p. 1172. “Solidão querida onde passo ainda com prazer os restos de uma vida entregue aos sofrimentos (...). Seres insensíveis e mortos, esse charme em nada vos cabe, não o saberíeis ter, reside no meu próprio coração que tudo quer relacionar com ele ...”.

⁸⁷⁸ Ib., p. 1125. “O homem civil quer que os outros estejam satisfeitos com ele, o solitário é forçado a sê-lo ele mesmo ou a sua vida é insuportável. Assim o segundo é forçado a ser virtuoso, mas o primeiro não pode ser que um hipócrita ...”.

⁸⁷⁹ Ib., p. 1129. “Não é impossível que um autor seja um grande homem mas não será produzindo livros em verso ou em prosa que ele se tornará tal ...”.

⁸⁸⁰ Sobre este texto escreve Rubio Carracedo: “Qué pretendió, pues, Rousseau con las cuatro cartas que le dirigió en enero de 1761? Ante todo, una apología de su persona y de su obra. De hecho, tales cartas constituyen el nervio central sobre el que escribirá más tarde sus *Confesiones*. Rousseau intentaba, ante todo, pues, ofrecerle a Malesherbes su propia versión sobre su persona y sobre su obra, ambas tan vinculadas entre sí. Y, para ello, había de comenzar por destruir la falsa imagen de misantrópica melancolía – que se había convertido ya en un estereotipo, incluso bien intencionado – sobre su persona, compartido por casi todos, fuera de su círculo más íntimo ...” (cfr. Carracedo, R., *Escritos polémicos – Jean-Jacques Rousseau*, Editorial Tecnos, Madrid, 1994, pp. XXII – XXIII).

“... je me peindray sans fard, et sans modestie, je me montrerai à vous tel que je me vois, et tel que je suis, car passant ma vie avec moi je dois me connoître, interpretent mes actions, et ma conduite qu’ils n’y connoissent rien. Personne au monde ne me connoit que moi seul ...”⁸⁸¹.

A primeira *Lettre* explica a verdadeira natureza do seu gosto pela solidão e o papel importante que a imaginação desempenha na sua vida, como forma de libertação, “Je suis né avec amour naturel pour la solitude qui n’a fait qu’augmenter à mesure que j’ai mieux connu les hommes. Je trouve mieux mon compte avec les etres chimeriques que je rassemble autour de moi qu’avec ceux que je vois dans le monde ...”⁸⁸². Na segunda *Lettre* apresenta as razões que justificam o seu temperamento sensível, diríamos nós um temperamento romântico, descrevendo-se do seguinte modo:

“Une ame paresseuse qui s’effraye de tout soin, un temperament ardent, bilieux, facile à s’affecter et sensible à l’excès à tout ce qui l’affecte semblent ne pouvoir s’allier dans le même caractere, et ces deux contraires composent pourtant le fond du mien. Quoique je ne puisse resoudre cette opposition par des principes, elle existe pourtant, je la sens, rien n’est plus certain, et j’en puis du moins donner par les faits une espece d’historique qui peut servir à la concevoir ...”⁸⁸³.

Na terceira *Lettre* manifesta a felicidade em que viveu, na medida em que soube reconhecer e aceitar a sua própria natureza. A felicidade que encontrou foi a sua felicidade e não a que os outros lhe queriam impôr: “Mes maux sont l’ouvrage de la nature mais mon bonheur es le mien. Quoi qu’on en puisse dire j’ai été sage, puisque j’ai été heureux autant que ma nature

⁸⁸¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Lettres à Malesherbes”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1135. “... representar-me-ei sem fraude, e sem modéstia, mostrar-me-ei a vós tal qual me vejo, e tal qual sou, pois passando eu a minha vida comigo devo conhecer-me, interpretando as minhas acções, e a minha conduta da qual eles nada conhecem. Ninguém no mundo me conhece a não ser só eu...”.

⁸⁸² *Ibidem*, p. 1131. “Nasci com um amor natural para a solidão que foi aumentando à medida que eu melhor conheci os homens. Tiro melhor proveito dos seres quiméricos que reúno em meu redor do que daqueles que vejo no mundo ...”.

⁸⁸³ *Ib.*, p. 1134. “Uma alma perigosa que se aflige de todos os cuidados, um temperamento ardente, bilioso, fácil à afectação e sensível aos excessos de tudo o que o afecta parece não poder aliar-se no mesmo carácter, e esses dois contrário compõem todavia o fundo do meu. Embora não possa resolver essa oposição através de princípios, ela existe portanto, eu sinto-a, nada mais é certo, e posso ao menos dar pelos factos uma espécie de historial que pode servir a conhecê-la ...”.

m'a permis de l'être ..."⁸⁸⁴. Justifica, na quarta *Lettre*, o estilo de vida que adoptou e de que se orgulha:

“Je vous ai montré (...) les vrais motifs de ma retraite et de toute ma conduite; motifs bien moins nobles sans doute que vous ne les avez supposés, mais tels pourtant qu'ils me rendent content de moi-même, et m'inspirent la fierté d'ame d'un homme qui se sent bien ordonné, et qui ayant eu le courage de faire ce qu'il falloit pour l'être, croit pouvoir s'en imputer le mérite. Il dependoit de moi, non de me faire un autre temperament ni un autre caractere, mais de tirer parti du mien, pour me rendre bon à moi-même et nullement mechant aux autres (...) j'ai pour moi une haute estime ...”⁸⁸⁵.

5. Escritos Sobre Língua e Teatro

5.1. *Essai sur l'origine des langues* (1761)⁸⁸⁶

A obra *Essai sur l'origine des langues* começou a ser projectada no ano de 1754, desenvolvida em 1755 e concluída em Montmorency no ano de 1761⁸⁸⁷. Esta é uma obra importante, pois, estabelece ligações entre textos essenciais do autor⁸⁸⁸ - a teoria linguística

⁸⁸⁴ Ib., p. 1138. “Os meus males são um trabalho da natureza mas as minhas felicidades são o meu. O que quer que acerca disso possa dizer era sábio, uma vez que era feliz na medida em que a minha natureza me permitia sê-lo...”.

⁸⁸⁵ Ib., pp. 1142 - 1143. “Mosterei-vos (...) os verdadeiros motivos do meu retiro e de toda a minha conduta; motivos bem menos nobres sem dúvida do que os suporíeis, mas tais que me tornam satisfeito comigo mesmo, e inspiram o orgulho na alma de um homem que se sente bem ordenado, e que tendo tido a coragem de fazer aquilo que devia para sê-lo, crê poder imputar-se disso o mérito. Dependia de mim, não de modificar o meu temperamento ou o meu carácter, mas de tirar partido do meu, para me tornar bom para mim mesmo e em nada mau para com os outros (...) tenho por mim uma alta estima...”.

⁸⁸⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Essai sur l'origine des langues*”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 373.

⁸⁸⁷ Escreve Starobinski, “Rousseau n'a pas publié *l'Essai sur l'origine des langues* de son vivant. Il en a soigneusement préparé le manuscrit, qu'il a confié à Du Peyrou, et qui paraît en 1781, trois ans après sa mort, dans un recueil intitulé *Traité sur la musique* (Genève, 1781), puis au tome XVI de ses *Oeuvres*, en 1782...” (cfr. Starobinski, Jean, “*Essai Sur L'Origine Des Langues*”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. CXCVII).

⁸⁸⁸ “On peut jusqu'à dire que *l'Essai sur l'origine des langues*, par rapport à la *Lettre sur la musique française*, ressemble à ce qu'est le *Discours sur l'inégalité* par rapport au premier *Discours*: une explication qui justifie un premier acte d'accusation, en montrant que les raisons en sont prises au vu des origines, des principes, de «l'essence des choses». Le geste initial, qui dénonce et met à découvert le mal, appelle une plus systématique

apresentada no *Second discours* e no *Emile* recebe, nesta obra, complementos importantes, tais como o da persuasão e da escrita. É o próprio Rousseau que sublinha esta ideia de correlação entre os textos quando, no *Project de préface*, afirma: “Le second morceau ne fut aussi d’abord qu’un fragment du discours sur l’inégalité que j’en retranchai comme trop long et hors de place ...”⁸⁸⁹.

Esta é uma obra que se debruça sobre a questão da importância da música vocal, isto porque para o nosso autor a arte musical encontra-se na capacidade que o canto tem em imitar os sentimentos humanos e as paixões. Esta acaba por ser uma temática que se liga prontamente à querela entre Rousseau e Rameau, a comparação entre a língua francesa e a língua italiana, assumindo a musicalidade da língua um destaque privilegiado e abrindo caminho para uma discussão mais abrangente⁸⁹⁰. Veja-se o que o autor escreve a este respeito:

“La parole distingue l’homme entre les animaux: le langage distingue les nations entre elles; on ne connoit d’où est un homme qu’après qu’il a parlé. L’usage et le besoin font a apprendre à chacun la langue de son pays; mais qu’est-ce qui fait que cette langue est celle de son pays et non pas d’un autre?”⁸⁹¹.

A obra apresenta-se estruturada em vinte capítulos todos eles com dimensões diferentes. No primeiro capítulo o autor dá o mote que servirá de base à sua reflexão posterior – a comparação entre o gesto e a palavra - estabelecendo a antítese entre aquilo que pertence ao campo da utilidade material e aquilo que pertence ao campo do sentimento moral, “... la langue du geste et celle de la voix soient également naturelles, toutefois la première est plus facile et

réflexion, qui remonte aux causes et qui retrace la genèse de ce mal, en évoquant la perte d’un bonheur antérieur ...” (cfr. Starobinski, Jean, “Essai Sur L’Origine Des Langues”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. CLXVII).

⁸⁸⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Essai sur l’origine des langues*”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 373. “O segundo pedaço não foi senão que um fragmento do discurso sobre a desigualdade que reeditei enquanto demasiado longo e fora do lugar ...”.

⁸⁹⁰ De resto, como escreve Starobinski, “Or débattre sur la langue, si l’on a souci de remonter aux fondements, c’est débattre sur toutes les modalités de la communication humaine et sur l’histoire entière des sociétés ...” (cfr. Starobinski, Jean, “Essai Sur L’Origine Des Langues, Où Il Est Parlé De La Mélodie Et De L’imitation Musicale”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 316).

⁸⁹¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Essai sur l’origine des langues*”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 375. “A fala distingue o homem dos outros animais assim como as línguas distinguem as nações entre si; só depois de termos ouvido falar um indivíduo é que podemos determinar a sua origem. O uso e a necessidade fazem com que todos aprendam a língua da sua terra; mas o que é que leva a que uma certa língua seja a língua desse país e não a de qualquer outro?”.

dépend moins des conventions ...”⁸⁹². Continua a sua justificação chamando a atenção para os exemplos da história, apelando: “Ouvrez l’histoire ancienne vous la trouverez pleine de ces manières d’argumenter aux yeux, et jamais elles ne manquent de produire un effet plus assuré que tous les discours qu’on auroit pu mettre à la place ...”⁸⁹³. O autor faz corresponder às necessidades físicas (utilidade material) a escrita, o raciocínio, o calculo e conseqüentemente a teoria modera de harmonia, a qual é incapaz de uma verdadeira imitação. À necessidade moral (sentimento) faz corresponder a poesia oral primitiva, o recurso a metáforas ao acentuar das paixões, mostrando uma aptidão para a imitação. Para Rousseau “La langage figuré fut le premier à naitre, le sens propre fut trouvé le dernier. On n’appella les choses de leur vrai nom que quand on les vit sous leur véritable forme ...”⁸⁹⁴, por essa razão, considera que “... l’on chanteroit au lieu de parler ...”⁸⁹⁵, isto porque “... les voix naturelles sont inarticulées, les mots auroient peu d’articulations ...”⁸⁹⁶. Quanto ao progresso das línguas conclui que estas mudaram o seu carácter original – deixaram de ser tão apaixonadas e substituíram os sentimentos pelas ideias. O nosso autor explica esse mesmo progresso:

“À mesure que les besoins croissent, que les affaires s’embrouillent, que les lumières s’étendent le langage change de caractère; il devient plus juste et moins passionné; il substitue aux sentimens les idées, il ne parle plus au coeur mais à la raison. Par-là-même l’accent s’éteint, l’articulation s’étend, la langue devient plus exacte, plus claire, mais plus traînante plus sourde et plus froide ...”⁸⁹⁷.

⁸⁹² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Essai sur l’origine des langues*”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 376. “... a linguagem gestual e aquela da voz são igualmente naturais, contudo a primeira é mais fácil e depende menos das convenções ...”.

⁸⁹³ *Ibidem*. “Basta abrir uma história dos antigos. Nela encontramos inúmeros exemplos de uma forma de argumentação ao nível do olhar que produz mais efeito do que todos os discursos que fossem proferidos na altura ...”.

⁸⁹⁴ *Ib.*, p. 381. “A linguagem figurada foi a primeira a surgir, o sentido próprio só surgiu mais tarde. As coisas só se deu o seu verdadeiro nome quando elas foram vistas sob a sua verdadeira forma ...”.

⁸⁹⁵ *Ib.*, p. 383. “... cantava-se em vez de se falar ...”.

⁸⁹⁶ *Ib.* “... as exclamações naturais são inarticuladas, as palavras possuíam poucas articulações ...”.

⁸⁹⁷ *Ib.*, p. 384. “À medida que crescem as necessidades, que as relações se confundem e as luzes se estendem, a linguagem muda de carácter: torna-se mais precisa e menos apaixonada, os sentimentos são substituídos pelas ideias e ela em vez de se dirigir ao coração passa a dirigir-se à razão. Em consequência a acentuação esbate-se, ao mesmo tempo que a articulação se estende; a língua torna-se mais exacta, mais clara, mas ao mesmo tempo mais pesada, mais velada, mais fria ...”.

5.2. À M. D'Alembert (1758)⁸⁹⁸

A carta *À M. D'Alembert* é uma resposta de Rousseau ao artigo *Genève*, escrito por d'Alembert, publicado na *Encyclopedie* em Dezembro de 1757. No livro X das *Confessions*, Rousseau explica qual a razão que o levou a escrever a referida carta a d'Alembert⁸⁹⁹. O tema desta carta centra-se na questão de saber se é benéfico ou não instalar um teatro e uma trupe de comediantes em Genebra⁹⁰⁰. Porque considera ter atingido um estado de alma que lhe permite ver a realidade com clareza e de um modo ordenado - "La solitude calme l'ame et appaise les passions que le désordre du monde a fait naitre ..." ⁹⁰¹ - Rousseau decide responder M. D'Alembert. A carta *À M. D'Alembert*⁹⁰² pode ser dividida em quatro partes. A primeira parte⁹⁰³ é aquela em que

⁸⁹⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "À M. D'Alembert", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 3.

⁸⁹⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Les Confessions de J.J. Rousseau", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 494 – 495. "Dans la dernière visite que Diderot m'avoit faite à l'Hermitage, il m'avoit parlé de l'article *Genève* que d'Alembert avoit mis dans l'Encyclopedie ; il m'avoit appris que cet article, concerté avec de Genevois du haut étage avoit pour but l'établissement de la Comedie à Genève, qu'en consequence les mesures étoient prises et que cet établissement ne tarderoit pas d'avoir lieu. (...) mais indigné de tout ce manège de séduction dans ma patrie, j'attendois avec impatience le volume de l'Encyclopédie où étoit quelque réponse qui put parer ce malheureux coup. Je receus le volume peu après mon établissement à Montlouis, et je trouvai l'article fait avec beaucoup d'adresse et d'art, et digne de la plume dont il étoit parti. Cela ne me détourna pourtant pas de vouloir y répondre, et malgré l'abatement où j'étois, malgré mes chagrins et ma nouvelle demeure, dans laquelle je n'avois pas encore eu le tems de m'arranger, je me mis à l'ouvrage avec un zèle qui surmonta tout ...". "Na última visita que Diderto me fez ao Hermitage, ele falou-me do artigo *Genebra* que d'Alembert pôs na Enciclopédia; ele informou-me que esse artigo, concertado com Genebrinos de alto nível tinha por finalidade o estabelecimento da comédia em Genebra, que em consequência as medidas haviam sido tomadas e que esse estabelecimento não tardaria a ter lugar. (...) mas indignado com toda essa manobra de sedução para o meu lado, esperei com impaciência o volume da Enciclopédia onde estava qualquer resposta que pudesse travar esse infeliz golpe. Recebi o volume pouco após me haver estabelecido em Montlouis, e achei o artigo feito com bastante propósito e arte, e digno da pluma da qual havia saído. Isso não me desviou todavia de lhe querer responder, e apesar do abatimento em que estava, apesar dos meus desgostos e da minha nova morada, na qual não havia ainda tido o tempo de me adaptar, pus-me a trabalhar com um zelo que ultrapassava tudo ...".

⁹⁰⁰ Sobre este assunto Jean Rousset escreve: "... le nouveau solitaire attaque, ou plutôt contre-attaque sur le pont sensible du théâtre, auquel il va prêter une valeur symbolique ; et l'enjeu de ce combat, c'est la «patrie», le lieu à demi rêve des nostalgies et des espérances, qu'il érige en un autre symbole, l'anti-Paris. En même temps, le citoyen intervient, en connaissance de cause, dans une lutte très réelle, qui oppose à Genève le parti populaire et traditionaliste au patriciat francisé et cosmopolite qui gouverne la «parvulissime république» : le «bas» et le «haut», l'artisanat et le pouvoir ..." (cfr. Rousset, J., "J.-J. Rousseau citoyen de Genève, À M. D'Alembert", in *Jean-Jacques Rousseau Œuvres complètes* Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, pp. XXXI).

⁹⁰¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "À M. D'Alembert", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 7. "A solidão serena a alma e tranquiliza as paixões que a desordem do mundo gerou ...".

⁹⁰² Cfr. Coleman, P., "Lettre À D'Alembert Sur Les Spectacles", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, pp. 507 – 508.

⁹⁰³ De acordo com Coleman, "La première, la plus courte mais non la moins importante pour l'époque, est consacrée aux pasteurs de Genève. Rousseau les défend contre les insinuations de d'Alembert. Puisqu'ils ne critiquent pas publiquement la religion officielle dont ils sont les gardiens, ne cherchons pas s'ils y croient vraiment. Le respect des consciences, principe utilisé par les philosophes pour défendre l'individu contre l'Église et

o nosso pensador defende os pastores de Genebra das acusações de d'Alembert - "... que vous prétendez être sociniens parfaits et rejeter les peines éternelles ..."904 - e acrescenta em tom crítico: "Mais, si c'étoit en effet leur sentiment et qu'ils vous l'eussent confié, sans doute ils vous l'auroient dit en secret, dans l'honnête et libre épanchement d'un commerce philosophique (...); ils n'en ont donc rien fait, et ma preuve est sans réplique ; c'est que vous l'avez publié ..."905.

A segunda parte906 dirige-se à questão central da carta, criar um teatro de comédia em Genebra. O autor faz uma reflexão filosófica sobre alguns temas relacionados com o conteúdo das peças e sobre o efeito que provocam nos espectadores:

"Si les Spectacles sont bons ou mauvais en eux-mêmes? S'ils peuvent s'allier avec les mœurs? Si l'austérité républicaine les peut comporter? S'il faut les souffrir dans une petite ville? Si la profession de Comedien peut être honnête? Si les Comediennes peuvent être aussi sages que d'autres femmes? Si de bonnes loix suffisent pour réprimer les abus? Si ces loix peuvent être bien observées? Tout est problème encore sur les vrais effets du Theatre, parce que les disputes qu'il occasionne ne partageant que les Gens d'Eglise et les Gens du monde, chacun ne l'envisage que par ses préjugés ..."907.

l'État, est ici invoqué pour protéger aussi ceux qui exercent une autorité morale : le pasteur, mais aussi, par extension, l'écrivain ou l'intellectuel, qui, comme Rousseau, est à la fois sujet privé et homme public exerçant un nouveau sacerdoce ..." (Ibidem, p. 507).

⁹⁰⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "À M. D'Alembert", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 10. "... que V.Sa. pretende sejam socinianos perfeitos, que rejeitam os castigos eternos ...".

⁹⁰⁵ Ibidem. "Mas se fosse esse, de facto, o sentimento deles e o tivessem confido a V. Sa., sem dúvida o teriam dito em segredo, nahonesta e livre franqueza de um comércio filosófico (...); portanto, nada disso eles fizeram, e minha prva não admite réplica; V. Sa. a publicou ...".

⁹⁰⁶ Segundo Coleman: "Le théâtre renvoie ici l'image, non d'un préjugé simple, mais d'une aliénation : l'individu reconnaît les principes de la morale mais en élude l'application. Même la pitié et la terreur se réduisent à des distractions passagères ..." (cfr. Coleman, P., "Lettre À D'Alembert Sur Les Spectacles", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 508).

⁹⁰⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "À M. D'Alembert", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, pp. 14 -15. "Se os espetáculos são bons ou maus em si mesmos? Se podem aliar-se aos bons costumes? Se a austeridade republicana pode comportá-los? Se devm ser tolerados numa cidade pequena? Se a profissão de comediante pode ser honesta? Se as comediantes podem ser tão recatadas quanto as outras mulheres? Se boas leis bastam para reprimir os abusos? Se essas leis podem ser bem observadas? Tudo é problema também acerca dos verdadeiros efeitos do teatro, pois já que as discussões que ele provoca apenas separam o clero e os leigos, cada qual só o encara através dos seus preconceitos".

A terceira parte⁹⁰⁸ refere-se ao teatro enquanto instituição social e, conseqüentemente, aos seus efeitos nefastos. Efeitos esses que se manifestam ao nível dos maus costumes, "... que les hommes y sont livrés au désordre ; que les femmes y mènent une vie scandaleuse ..."909. Na quarta parte⁹¹⁰, e fazendo contraponto com o teatro, Rousseau exalta os costumes de Genebra, reconhecendo-lhes um pendor cívico:

"L'exercice des armes qui nous rassemble tous les printems, les divers prix qu'on tire une partie de l'année, les fêtes militaires que ces prix occasionnent, le goût de la chasse, commun à tous les Genevois, reunissant frequemment les hommes, leur donnoient occasion de former entre eux des societés de table, des parties de campagne, et enfin des liaisons d'amitié (...). Sans être dépourvus de plaisir et de gayeté, ces amusemens ont quelque chose de simple et d'innocent qui convient à des mœurs républicaines ..."911.

⁹⁰⁸ Para Coleman, "Dans une ville riche comme Paris, on peut préférer le théâtre à d'autres distractions plus corrompues encore. Mais un peuple simple et pauvre court à sa ruine en admettant une telle institution ..." (cfr. Coleman, P., "Lettre À D'Alembert Sur Les Spectacles", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 508).

⁹⁰⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "À M. D'Alembert", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 69. "... que os homens se entregam à libertinagem; que as mulheres levam uma vida escandalosa ...".

⁹¹⁰ Pensa Coleman que "Contre l'accusation de rusticité, Rousseau défend les «cercles» masculins comme foyers d'une énergie civique que détruirait la culture efféminée des salons et des théâtres ..." (cfr. Coleman, P., "Lettre À D'Alembert Sur Les Spectacles", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 508).

⁹¹¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "À M. D'Alembert", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, pp. 90 - 91. "O exercício das armas que nos reúne todas as primaveras, os diversos prêmios que acontecem numa parte do ano, as festas militares que esses prêmios ocasionam, o gosto pela casa comum a todos os genebrinos, que frequentemente reúne os homens, proporcionando-lhes a oportunidade de formar sociedades de mesa, excursões pelo campo e, enfim, laços de amizade (...). Sem carecerem de prazer e de alegria, essas diversões têm algo de simples e de inocente que convém a costumes republicanos ...".

V. PERÍODO DE DESENCANTO (1763 a 1778)

1. Escritos Sobre Educação e Moral e Botânica

1.1. *Jean Jaques Rousseau, citoyen de Genève, a Christophe De Beaumont (1763)*⁹¹²

Em Junho de 1762, após a publicação do *Emile*, Rousseau é alvo de grande contestação por parte dos professores da Faculdade de Teologia de Paris, a Sorbone, mais concretamente por parte do arcebispo Christophe De Beaumont. Tal contestação deve-se às críticas, contidas no livro IV do *Emile*, na secção *Profession de foi du Vicaire savoyard*, à Igreja Católica, sobretudo à doutrina da Revelação e à defesa, feita por Rousseau, de uma religião natural.

O arcebispo Christophe De Beaumont escreve em Agosto desse ano um *mandement*, uma carta pastoral, na qual explica porque razão aquelas ideias eram inaceitáveis. Rousseau tomando conhecimento da carta do arcebispo⁹¹³, responde-lhe com a *Jean Jaques Rousseau, citoyen de Genève, a Christophe De Beaumont*, da qual é importante reter dois aspectos.

O primeiro consiste em o nosso autor sublinhar não se perceber a razão pela qual o arcebispo se insurge só contra este livro IV do *Emile*, quando nestas páginas se reafirmam ideias

⁹¹² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Jean Jaques Rousseau, citoyen de Genève, a Christophe De Beaumont", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 927.

⁹¹³ Ibidem, pp. 931 – 932. "... il lance, lui Prélat catholique, un Mandement contre un Auteur protestant ; il monte sur son Tribunal pour examiner comme Juge la doctrine particuliere d'un hérétique ; et, quoiqu'il damne indistinctement quiconque n'est pas de son Eglise, sans permettre à l'accusé d'errer à sa mode, il lui prescrit en quelque sorte la route par laquelle il doit aller en Enfer. Aussi-tôt le reste de son Clergé s'empresse, s'évertue, s'acharne autour d'un ennemi qu'il croit terrassé. Petits et grands, tout s'en mêle ; le dernier Cuisire vient trancher du capable, il n'y a pas un sot en petit collet, pas un chétif habitué de Paroisse qui, bravant à plaisir celui contre qui sont réunis leur Sénat et leur Evêque, ne veuille avoir la gloire de lui porter le dernier coup de pied ...". "... ele lança, ele Prelado católico, um Mandamento contra um autor protestante; ele sobe ao seu tribunal para examinar como Juiz a particular doutrina de um herético; e, ainda que ele condene indistintamente quem quer que não seja da sua Igreja, sem permitir ao acusado de errar à sua maneira, ele prescreve-lhe de alguma sorte o caminho pelo qual ele deve ir ao Inferno. Logo o resto do seu Clérigo se torna zeloso, se mobiliza, se torna implacável em torno de um inimigo que ele acredita demolido. Pequenos e grandes, todos se juntam; o último Pedante vem dilacerar o culpado, não há um tolo de colarinho pequeno, o mais misero membro habitual da Paróquia que, alardeando com prazer àquele contra o qual está reunido o seu Senado e o seu Bispado, não quer ter a glória de lhe dar o último golpe de pé ...".

já presentes em obras anteriores, nomeadamente no que toca à questão do bem e do mal. Assim, escreve Rousseau:

“J’ai écrit sur divers sujets, mais toujours dans les mêmes principes : toujours la même morale, la même croyance, les mêmes maximes, et, si l’on veut, les mêmes opinions (...). Mon *Discours sur l’inégalité* a couru votre Diocèse, et vous n’avez point donné de Mandement. Ma *Lettre à M. d’Alembert* a couru votre Diocèse, et vous n’avez point donné de Mandement. *La Nouvelle Héloïse* a couru votre Diocèse, et vous n’avez point donné de Mandement. Cependant tous ces Livres, que vous avez lus, puisque vous les jugez, respirent les mêmes maximes (...); et l’on y voit la profession de foi de l’Auteur exprimée avec moins de réserve que celle du Vicaire Savoyard. Pourquoi donc n’avez-vous rien dit alors ?”⁹¹⁴.

O segundo aspecto consiste em Rousseau, de um modo claro, afirmar a existência de um conspiração contra a sua pessoa. Com efeito, assim escreve: “... je me plains que vous l’avez donné contre ma personne avec aussi peu d’honnêteté que de vérité ...”⁹¹⁵; aquilo que, de facto, incomodou o nosso autor, foi sentir que a sua honra estava a ser atacada por um conjunto de injúrias que foram divulgadas a seu respeito.

Para além disto, a *Jean Jaques Rousseau, citoyen de Genève, a Christophe De Beaumont* é bastante pertinente no tocante à compreensão dos conceitos rousseaneanos de educação negativa e educação tradicional, bem como às concepções do nosso autor sobre a relação entre educação e religião.

⁹¹⁴ Ib., pp. 928 - 933. “Escrevi sobre diversos assuntos, mas sempre segundo os mesmos princípios: sempre a mesma moral, a mesma crença, as mesmas máximas, e, se se quiser as mesmas opiniões (...). O meu *Discurso sobre a desigualdade* percorreu a vossa diocese, e o senhor não publicou uma Carta Pastoral. A minha *Carta a d’Alembert* percorreu a vossa diocese e o senhor não publicou nenhuma Carta Pastoral. A *Nova Heloisa* percorreu vossa diocese e o senhor não publicou nenhuma Carta Pastoral. E, no entanto, todos estes livros, que o senhor certamente leu, dado que os julgou, estão imbuídos das mesmas máximas (...); e a profissão de fé do autor que expressa neles com menos reservas que a do Vigário Saboiano. Por que, então, o senhor nada disse na ocasião?”

⁹¹⁵ Ib., p. 934. “... queixo-me de que a tenha escrito contra a minha pessoa, de forma tão desonesta quanto falaciosa ...”.

1.2. *Emile et Sophie, ou Les Solitaires* (1768)⁹¹⁶

*Emile et Sophie, ou Les Solitaires*⁹¹⁷, é constituída por duas cartas que Emile dirige ao seu mestre contando-lhe alguns episódios da sua vida que o marcaram para sempre e que ficaram registados no seu coração - "... c'est à vous que je veux rendre compte de moi, de mes sentimens, de ma conduite, de ce coeur que vous m'avez donné ..." ⁹¹⁸.

Na primeira *Lettre* descreve a sua situação actual revelando o estado de espírito em que se encontra:

"Helas! Qu'est devenu ce tems heureux de jouissance et d'espérance, où l'avenir embelloit le présent ; où mon cœur, livre de sa joye, s'abruvoit chaque jour d'un siècle de félicité ? Tout s'est évanoui comme un songe ; jeune encore j'ai tout perdu, femme, enfans, amis, tout enfin, jusqu'au commerce de mes semblables. Je suis seule, j'ai tout perdu, mais je me reste, et le desespoir ne m'a point anéanti ..." ⁹¹⁹.

Qual a causa que provocou em Emile toda esta triteza? A ida para a cidade, para Paris. Na esperança de distrair Sophie da mágoa de ter perdido o filho e os pais, Emile não ouve o seu preceptor e muda-se para Paris. Esta torna-se uma mudança nefasta e causadora de sofrimento para o casal. A transformação do jovem foi total "J'étois un homme galant sans tendresse, un stoicien sans vertus, un sage occupé de folies, je n'avois plus de vôtre Emile que le nom et

⁹¹⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Emile et Sophie, ou Les Solitaires", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 881.

⁹¹⁷ Sobre esta obra escreve Trousson: "Des lors, si *Les Solitaires* témoignent d'un échec, ce n'est pas celui d'une éducation. L'échec est bien plutôt dans l'impossibilité de s'insérer dans un monde corrompu en y conservant une chance de bonheur par la vertu. La retraite dans l'île annonce la faillite irrémédiable du monde extérieur. Le bonheur et la paix ne sont concevables que dans l'île hors du monde. Solitaire, réfugié enfin à Ermenonville, c'est à ranimer le sentiment de ce bonheur tendre et triste que songeait sans doute Rousseau quand il rêvait de continuer *Émile et Sophie*. L'île est finalement la représentation de l'insularité intérieure de Jean-Jacques, douloureusement conquise ..." (cfr. Trousson, R., "Émile et Sophie, ou Les Solitaires", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 294).

⁹¹⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Emile et Sophie, ou Les Solitaires", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, pp. 882. "... é a vós que quero dar conta de mim, dos meus sentimentos, da minha conduta, e desse coração que me haveis dado ...".

⁹¹⁹ Ibidem, pp. 881 - 882. "Oh! Que é feito desses tempos felizes de alegria e de esperança, onde o futuro embelezava o presente; onde o meu coração, liberto para a alegria, se aproveitava de cada dia como de um século de felicidade? Tudo se esvaneceu como um sonho; jovem ainda tudo perdi, mulher, filhos, amigos, tudo enfim, até ao comércio com os meus semelhantes. Estou sozinho, perdi tudo, mas resto-me a mim, e o desespero em nada me aniquilou ...".

quelques discours ..."⁹²⁰. Resulta, desta nova vida, uma constante e dolorosa perda de tudo o que lhe era mais querido: "Ma franchise, ma liberté, mes plaisirs, mes devoirs, vous, mon fils, Sophie elle-même, tout ce qui jadis animoit, élevoit mon esprit et faisoit la plénitude de mon existence, en se détachant peu à peu de moi, sembloit m'en détacher moi-même ..."⁹²¹. O vazio instalara-se no seu coração.

Por esta mesma razão, Emile sente necessidade de fazer uma síntese descritiva de todas as etapas relativas ao projecto educativo de que foi alvo⁹²², concluindo: "J'appris ainsi que la première sagesse est de vouloir ce qui est, et de régler son coeur sur sa destinée ..."⁹²³. É justamente neste contexto que a afirmação que se segue é crucial para se poder entender o sentido último da obra:

"Voilà tout ce qui dépend de nous, me disiez-vous; tout le reste est de nécessité. Celui qui lutte le plus contre son sort est le moins sage et toujours le plus malheureux ; ce qu'il peut changer à sa situation le soulage moins que le trouble intérieur qu'il se donne pour cela ne le tourmente. Il réussit rarement, et ne gagne rien à réussir ..."⁹²⁴.

Ora, o que sucede, é que Emile parece ter aprendido a lição de seu mestre. Na passagem que se segue percebe-se de que modo a educação foi essencial e determinante para Emile pudesse ultrapassar todos os obstáculos que a vida na cidade lhe causou⁹²⁵: "Je n'ai jamais mieux

⁹²⁰ *Ib.*, p. 886. "Eu era um homem galante sem ternura, um estoíco sem virtudes, um sábio ocupado com extravagâncias, não tenho mais do vosso Emílio que o nome e alguns discursos ...".

⁹²¹ *Ib.*. "A minha isenção, a minha liberdade, os meus prazeres, os meus deveres, vós, os meus filhos, a própria Sofia, tudo o que outrora me animava, elevava o meu espírito e fazia a plenitude da minha existência, ao se afastarem pouco a pouco de mim, parece que me afasto de mim mesmo ...".

⁹²² *Ib.*, pp. 882 – 883.

⁹²³ *Ib.*, p. 883. "Aprendi assim que a primeira sabedoria é de querer aquilo que é, e de regular o nosso coração de acordo com o nosso destino ...".

⁹²⁴ *Ib.*. "Eis tudo o que depende de nós, dizeis-me vós; tudo o resto é por necessidade. Aquele que luta contra a sua sorte é o menos sábio e sempre o mais infeliz; o que ele pode mudar na sua situação, o consolo menor que a perturbação interior a que ele se dá por causa disso, não o atormenta. Consegue-o raramente, e não ganha nada em consegui-lo ...".

⁹²⁵ Segundo Parry, "... the fragmentary sequel to *Émile* in which Sophie, removed from her simple rural environment and the watchful supervision of her husband, is seduced literally and metaphorically by Parisian society and the marriage is destroyed. Female education is shown to be precarious, dependent as it is on constant surveillance. *Émile*, it seems, comes through the experience, sustained by an education that is internalised ..." (cfr. Parry, Geraint, "Émile: Learning to Be Men, Women, and Citizens", in *The Cambridge Companion to Rousseau*, Cambridge University Press, Cambridge, 2001, p.263).

senti la force de l'éducation que dans cette cruelle circonstance (...) je me trouvai maître de moi-même et capable de considérer ma situation avec autant de sang-froid que celle d'un autre ..."⁹²⁶. E logo de seguida acrescenta, "... et tirant de mon état présent les règles de ma conduite, en attendant que j'en fusse assés instruit je me mis paisiblement à l'ouvrage ..."⁹²⁷. Esta é uma ideia importante, pois é uma forma que Rousseau encontrou para frisar um tema que é central ao seu pensamento educacional: a autonomia do indivíduo, a sua independência e auto-suficiência. Daí o reforço deste tema, por via da pergunta retórica que coloca: "Que m'importoit ce qu'on penseroit de moi, pourvû que dans mon propre cœur je ne cessasse point d'être bon, juste, honnête?"⁹²⁸.

Na segunda *Lettre*, Emile conta em que estado de espírito abandonou o seu país e decidiu embarcar, em Marselha, para Nápoles "J'ai bu l'eau d'oubli; le passé s'efface de ma Mémoire et l'univers s'ouvre devant moi ..."⁹²⁹. Ainda, e relativamente à educação⁹³⁰, Rousseau, pela boca de Emile, sublinha o valor do trabalho do preceptor:

"Vous m'aviez fait acquérir l'instrument universel (...). Un des fruits de mon éducation étoit d'être pris au mot sur ce que je me donnois pour être, et rien de plus ; parce que j'étois simple en toute chose, et qu'en remplissant un poste je n'en brigois pas un autre. Ainsi j'étois toujours à ma place et l'on m'y laissoit toujours ..."⁹³¹.

⁹²⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Emile et Sophie, ou Les Solitaires", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 899. "Nunca senti tanto a força da educação quanto nessa cruel circunstância (...) descobri-me mestre de mim mesmo e capaz de considerar a minha situação com tanto sangue-frio como se fora a de outrém ...".

⁹²⁷ Ibidem. "... ao retirar do meu estado presente as regras da minha conduta, na expectativa de que por elas fosse bem instruído puz-me calmamente ao trabalho ...".

⁹²⁸ Ib., p. 900. "Que me importava aquilo que pensassem de mim, desde que no meu próprio coração eu não deixasse em nada de ser bom, justo, honesto?".

⁹²⁹ Ib., p. 912. "Bebi a água do esquecimento; o passado apaga-se da minha Memória e o universo abre-se diante de mim ...".

⁹³⁰ De acordo com Trousson: "... l'éducation d'Émile se révélera-t-elle un lamentable échec, ou y puisera-t-il les forces nécessaires pour triompher de l'adversité? *Les Solitaires* doivent donc se lire par constant référence au traité pédagogique, la forme romanesque devenant un substitut de l'expérience vécue: l'être abstrait est confronté à une série d'expériences imaginaires auxquelles il sera censé réagir selon sa loi interne et conformément à son apprentissage ..." (cfr. Trousson, R., "Émile et Sophie, ou Les Solitaires", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 292).

⁹³¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Emile et Sophie, ou Les Solitaires", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 913.

Nesta carta, o jovem descreve o episódio de ter sido sequestrado por piratas⁹³². Este episódio serviu de pretexto para o nosso autor fazer uma reflexão sobre a noção de liberdade, retomando criticamente o tema da socialização do Homem natural:

“Emile esclave! (...). Qu’ai-je perdu de ma liberté primitive ? Ne naquis-je pas esclave de la nécessité ? Quel nouveau joug peuvent m’imposer les hommes ? Le travail ? Ne travaillois-je pas quand j’étois libre ? La faim ? Combien de fois je l’ai soufferte volontairement ! La douleur ? Toutes les forces humaines ne m’en donneront pas plus que ne m’en fit sentir un grain de sable. La contrainte ? sera-t-elle plus rude que celle de mes premiers fers, et je n’en voulois pas sortir ...”⁹³³.

Emile discursa⁹³⁴ para os outros escravos e assume, desde logo, um lugar de destaque⁹³⁵. De seguida, apela⁹³⁶ para a união de forças, tentando conquistar o maior número possível dos seus companheiros - “... notre nombre fera plus d’effet et rendra nos tirans plus traitables ...”⁹³⁷.

⁹³² Ibidem, p. 916. “Il prit le sabre, il le leva sur ma tête ; j’attendis le coup en silence : il sourit, et, me tendant la main, il défendit qu’on m’mit aux fers avec les autres, mais il ne me parla point de l’expédition qu’il n’avoit vu faire ; ce qui me confirma qu’il en savoit assez la raison. Cette distinction, au reste, ne dura que jusqu’au port d’Alger, et nous fumes envoyés au Bagne en débarquant, couplés comme des chiens de chasse ...”. “Ele toma o sabre, leva-o à minha testa; espero o golpe em silêncio: ele sorri, e, pegando-me na mão, proíbe que me ponham em ferros junto com os outros, mas nada me diz acerca da expedição que não havia pretendido fazer; o que me confirma que ele sabia bem a razão disso. Essa distinção, de resto, não dura que até ao porto de Alger, e fomos enviados para a Colónia Penal ao desembarcar, emparelhados como cães de caça ...”.

⁹³³ Ib., pp. 916 - 917. “Emílio escravo! (...) Que perdi eu da minha liberdade primitiva? Não nasci eu escravo da necessidade? Que novo jugo podem impôr-me os homens? O trabalho? Não trabalhava eu quando era livre? A fome? Quantas vezes já eu a sofri voluntariamente? A dor? Todas as forças humanas mais não farão mais do que me fazê-la sentir qual um grão de areia? A coacção? Será ela mais rude que aquela dos meus primeiros ferros, dos quais não quero libertar-me ...”.

⁹³⁴ Ib., pp. 920 – 921. “Camarades leur dis-je, écoutez-moi! Ce que me reste de force ne peut suffire à quinze jours encor du travail dont on me surcharge, et je suis un des plus robustes de la troupe ; il faut qu’une situation si violente prenne une prompte fin, soit par un épuisement total soit par une resolution qui le previenne. Je choisis le dernier parti, et je suis déterminé à me refuser dès demain à tout travail au peril de ma vie, et de tous les traitemens que doit m’attirer ce refus ...”. “Camaradas, digo-lhes eu, escutem-me! O que me resta de forças não é suficiente para quinze dias para além do trabalho com que me sobrecargam, e eu sou um dos mais robustos do grupo; é preciso que uma situação tão violenta tenha um fim imediato, seja por um esgotamento total seja por uma resolução que o previna. Escolho o último caso, e estou determinado a recusar a partir de amanhã todo o trabalho sob perigo da minha vida, e de todos os tratamentos para que me deve encaminhar essa recusa...”.

⁹³⁵ Sobre este assunto escreve Trousson: “Émile se souvient aussi que l’un des instincts fondamentaux de l’homme naturel est la pitié, et il aide les moins robustes, ce qui lui vaut la persécution du surveillant. Il obéit alors au second instinct primordial, l’instinct de conservation, et fomenta une résistance passive, convaincant les prisonniers de cesser le travail. Il ne s’agit pas d’une action révolutionnaire : reconnaissant toujours la loi de la nécessité, il ne met en question ni le principe de l’esclavage, ni l’autorité du maître, mais seulement la barbarie du traitement que risque de priver le maître de son capital. Dans la société des esclaves comme dans celle du *Discours sur l’inégalité*, seul existe le pacte de sujétion, non celui d’association, qui formerait le véritable contrat social. Émile parle donc au maître le langage de son intérêt ...” (cfr. Trousson, R., “Émile et Sophie, ou Les Solitaires”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 293).

O texto termina com o reconhecimento das capacidades de Emile, que acaba por se tornar um valioso assessor de um rei poderoso⁹³⁸.

1.3. *Lettre a M. de Franquières (1769)*⁹³⁹

Em *Lettre a Franquières*, Rousseau centra a sua reflexão na existência de Deus. E sobre este assunto informa o seu interlocutor, de forma clara, sobre a posição que adopta, “J’ai cru dans mon enfance par autorité, dans ma jeunesse par sentiment, dans mon âge par raison; maintenant je crois parce que j’ai toujours cru ...”⁹⁴⁰. Partindo daqui, Rousseau desenvolve um discurso teológico-filosófico sobre a questão da existência de Deus e sobre o problema da existência do mal, com implicações fundamentais na ética.

Em síntese, o nosso autor defende que a revelação de Deus deu-se aos homens através das suas obras e na transformação que causou nos seus corações; por isso, “... s’il y en a qui ne le connoissent pas, c’est (...) parce qu’ils ne veulent pas le connoître, ou parce que qu’ils n’en ont pas besoin ...”⁹⁴¹. Quanto à questão do mal, isto é, sobre o problema de saber como conciliar a existência do mal com a defesa da acção de um Ser inteligente, poderoso e benfazejo, responde Rousseau:

⁹³⁸ Este apelo é caracterizado por Pierre Burgelin como sendo: “... une sorte de volonté générale, une loi que chacun reconnaisse comme sienne, dans la cité des esclaves. Mais le pacte de servitude qui les lie à leur maître n’existe que dans l’intérêt des maîtres, comme dans la société du *Discours sur l’inégalité*. Pour obtenir un adoucissement, il faut donc parler au maître le langage qu’il comprend : celui de son plus vrai intérêt. Il est déraisonnable de ne pas bien soigner et ménager des esclaves, puisqu’on risque de perdre leur capacité de travailler, donc de se ruiner soi-même ...” (cfr. Burgelin, P., “Notes et Variantes” [921], in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes* Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 1727).

⁹³⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Et Sophie, Ou Les Solitaires”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 921. “... o nosso número fará mais efeito e tornará os nossos tiranos mais suportáveis ...”.

⁹⁴⁰ *Ibidem*, p. 923. “Je n’ai pas besoin de vous dire comment je me conduisis dans ce nouveau poste et ce n’est pas de cela qu’il s’agit ici. Mon aventure fit du bruit, le soin qu’il prit de la répandre fit nouvelle dans Alger. Le Dey même entendit parler de moi et voulut me voir. Mon patron m’ayant conduit à lui et voiant que je lui plaisois lui fit présent de ma personne. Voilà votre Emile esclave di Dey d’Alger ...”. “Eu não preciso de dizer como me comortei nesse novo posto e não é disso que se trata aqui. A minha aventura fez alarde, o cuidado que ele teve em comunicá-la fez dela notícia em Alger. O próprio Dey ouviu falar de mim e quis-me ver. O meu patrão conduziu-me a ele e vendo que eu lhe agradava presenteou-o com a minha pessoa. Eis o vosso Emílio escravo do Dey de Alger ...”.

⁹⁴¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Lettre a Franquières”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 1133.

⁹⁴² *Ibidem*, p. 1134. “Acreditei, em minha infância, por autoridade, em minha juventude, por sentimento, na maturidade, pela razão; agora, acredito porque sempre acreditei ...”.

⁹⁴³ *Ib.*, p. 1137. “... se há aqueles que não o conhecem, isso se dá (...) porque não querem conhecer, ou porque não têm necessidade de conhecê-lo ...”.

“Nos philosophes se sont élevés contre les entités métaphysiques, et je ne connois personne qui fasse tant. Qu’entendent-ils par le mal? Qu’est-ce que le mal en lui-même? Où est le mal relativement à la nature et à son auteur? L’Univers subsiste, l’ordre y régne et s’y conserve; tout y perit successivement, parce que telle est la loi de sêtres matériels et mus; mais tout s’y renouvelle et rien n’y dégénère, parce que tel est l’ordre de son auteur, et cet ordre ne se dément point ...”⁹⁴².

O mal moral, para Rousseau, é obra da vontade do homem, pois Deus, ao fazê-lo livre, concedeu-lhe a possibilidade de escolha entre o bem e o mal, não fazendo sentido culpar “... Dieu des crimes des hommes et des maux qu’ils leur attirent? Faudra-t-il en voyant un champ de bataille lui reprocher d’avoir créé tant de jambes et de bras cassés?”⁹⁴³.

1.4. *Lettres sur la botanique* (1773)⁹⁴⁴

O conjunto de oito cartas sobre botânica intitulada *Lettres sur la botanique*⁹⁴⁵, revela um Rousseau entusiasmado em ensinar noções básicas sobre as plantas a uma menina de cinco anos, filha de Madame Delessert - “Votre idée d’amuser un peu la vivacité de votre fille et de

⁹⁴² Ib., pp. 1140 – 1141. “Nossos filósofos insurgiram-se contra as entidades metafísicas, e não conheço ninguém que as produza tanto. Que entendem eles por o mal? Que é o mal em si mesmo? Onde está o mal relativamente à natureza e a seu autor? O Universo subsiste, a ordem reina nele e se conserva. Tudo nele perece sucessivamente, porque essa é a lei dos seres materiais e movidos; mas tudo também nele se renova, e nada degenera, porque essa é a ordem de seu autor, e essa ordem não se contradiz ...”.

⁹⁴³ Ib., p. 1141. “... Deus pelos crimes dos homens e pelos males que eles atraem para si mesmos? Será preciso, ao ver um campo de batalha, repreendê-lo por ter criado tantas pernas e braços quebrados?”.

⁹⁴⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Lettres sur la botanique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 1151.

⁹⁴⁵ Sobre este assunto escreve Vilmorin: “Jean-Jacques n’était pas né pour la quiétude et la stabilité. Sous la menace, peut-être imaginaire, d’un nouveau complot dirigé contre lui, il quitta précipitamment l’Angleterre au printemps de 1767, pour se réfugier à Fleury-sous-Meudon, chez le marquis de Mirabeau, puis à Trye-le-Château, chez le prince de Conti, où il séjournera jusqu’au printemps de l’année suivante et où il recevra en hommage désintéressé de Joseph Dombey, jeune naturaliste montpelliérain, un bel herbier constitué principalement de plantes exotiques, qui le remplit de ravissement. A la rareté des échantillons s’alliait en effet une présentation des plus soignées, ce qui satisfaisait à la fois sa curiosité pour les végétaux étrangers à notre flore et ce goût minutieux pour la présentation des plantes séchées dont témoigne abondamment la *8 Lettre sur la botanique*, consacrée aux herbiers ...” (cfr. Vilmorin, Roger, “Lettres sur la botanique, Fragments pour un dictionnaire des termes d’usage en botanic”, in *Jean-Jacques Rousseau Œuvres complètes* Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. CXCVII).

l'exercer à l'attention sur des objets agréables et varies comme les plantes me paroît excellent ...⁹⁴⁶.

Sobre a importância deste estudo na educação global da criança, afirma: "... persuadé qu'à tout age l'étude de la nature emousse le gout des amusemens frivoles, prévient le tumulte des passions et porte à l'ame une nourriture qui lui profite en la remplissant du plus digne objet de ses contemplations ..."⁹⁴⁷. Decide, então, fazer um pequeno catálogo com indicadores que permitam reconhecer as plantas mais comuns, dando-se, contudo, conta de uma dificuldade: "... c'est de vous donner par écrit ces marques ou caractères d'une manière claire et cependant peu diffuse (...) les termes de cette langue forment un vocabulaire à part que vous ne sauriez entendre, s'il ne vous est préalablement expliqué ..."⁹⁴⁸.

Assim, faz uma proposta de estudo⁹⁴⁹ a Madame Delessert que consiste em proceder ao estudo preliminar de algumas noções relativas à "... la structure végétale ou de l'organisation des plantes ..."⁹⁵⁰. Rousseau expressa, deste modo, uma preocupação pedagógica já amplamente apresentada nos seus textos de educação, o cuidado de adequar os conteúdos de ensino às necessidades da criança. Essa preocupação manifesta-se no aviso que faz a Madame Delessert:

"Vous ne commencerez pas par dire tout cela à votre fille, et encore moins dans la suite quand vous serez initiée dans les mystères de la végétation ; mais vous ne lui en developerez par degrés que ce qui peut convenir à son age et à son

⁹⁴⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Lettres sur la botanique", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 1151. "A vossa ideia de entreter um pouco a vivacidade da vossa filha e de exercitar a sua atenção sobre objectos agradáveis e variados como as plantas pareceu-me excelente ...".

⁹⁴⁷ Ibidem. "... persuadido que em todas as idades o estudo da natureza esbata o gosto pelos divertimentos frívolos, previne o tumulto das paixões e traz à alma um alimento que a aproveita preenchendo-a com o mais digno objecto da suas contemplações ...".

⁹⁴⁸ Ib.. "... é de vos dar por escrito essas marcas ou caractères de uma maneira clara e no entanto menos difusa (...) os termos dessa lingua formam um vocabulário aparte que não saberíeis entender, se não vos for previamente explicado ...".

⁹⁴⁹ Escreve Vilmorin: "Si l'on excepte quelques enseignements épars dans sa correspondance, les *Lettres sur la botanique* sont seules à témoigner des dons pédagogiques de Rousseau en matière de botanique, lesquels sont, en toute objectivité, très loin d'être négligeables. Ce n'est nullement au hasard de sa fantaisie qu'il entreprit de faire faire à Madelon, par la raisonnable entremise de sa mère, ses premiers pas sur les sentiers de la nature. Dès le début, le professeur a conçu un plan d'ensemble et de détail dont il ne s'écartera pas et qu'il s'appliquera à développer avec autant de compétence que de clarté ..." (cfr. Vilmorin, Roger, "Lettres sur la botanique, Fragments pour un dictionnaire des termes d'usage en botanic", in *Jean-Jacques Rousseau Œuvres complètes* Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. CCXV).

⁹⁵⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Lettres sur la botanique", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 1152. "... a estrutura vegetal ou a organização das plantas ...".

sexe, en la guidant pour trouver les choses par elle-même plutôt qu'en les lui apprenant ..."⁹⁵¹.

Desta época datam, ainda, mais dois trabalhos de botânica, o que revela o gosto que esta temática despertou no Rousseau da última fase⁹⁵²: *Fragments pour un dictionnaire des termes d'usage en botanique*⁹⁵³ e *Caracteres de botanique*⁹⁵⁴.

2. Escritos de História e Política

2.1. *Histoire du gouvernement de Genève (1764)*⁹⁵⁵

Em *Histoire du gouvernement de Genève*⁹⁵⁶, Rousseau descreve a evolução das instituições políticas em Genebra. O estudo histórico que faz abrange o período que vai desde a Idade Média à época da Reforma, sendo sua intenção indagar o papel que desempenharam, neste espaço de tempo os bispos, os condes e o povo de Genebra, no que se refere à liberdade. Na passagem que se segue, o nosso pensador é bastante claro, quando apresenta a realidade política de Genebra:

⁹⁵¹ Ibidem, p. 1155. "Não começariéis por dizer tudo isso à vossa filha, e menos ainda a seguir quando fordes indicados nos mistérios dos vegetais; mas vós não desenvolvereis nela por graus que aquilo que pode convir à sua idade e ao seu sexo, guiando-a a encontrar as coisas por ela mesma ao invés de as aprender ...".

⁹⁵² Escreve, de novo, Vilmorin: "Ce ne fut donc que trente ans plus tard que Jean Jacques, à l'heure la plus douloureuse de son existence, maltraité, calomnié, condamné, exilé, trouva fortuitement les plus douces consolations dans l'observation des êtres poétiques et charmants qui peuplaient le val de Travers, dans la principauté de Neuchâtel, où il s'était réfugié «fuyant les hommes, cherchant la solitude, n'imaginant plus, pensant encor moins», ainsi qu'il dépeint lui-même son état d'âme dans la septième Promenade des *Réveries* (*O.C.*, Pléiade, t. I, p. 1066) ..." (cfr. Vilmorin, Roger, "Lettres sur la botanique, Fragments pour un dictionnaire des termes d'usage en botanic", in *Jean-Jacques Rousseau Œuvres complètes* Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, pp. CXCIV – CXCV).

⁹⁵³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Fragments pour un dictionnaire des termes d'usage en botanique", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 1201.

⁹⁵⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Caracteres de botanique", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 1196.

⁹⁵⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Histoire du gouvernement de Genève", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 497.

⁹⁵⁶ De acordo com Eigeldinger: "Ce texte inachevé en lui-même est en fait complété par les *Lettres de la montagne*, en particulier la 7^a, auxquelles il donne une perspective plus diachronique, qu'illustre particulièrement la question des quatre ordres sociaux des Genevois, mentionnés dans le *Contrat social* ..." (cfr. Eigeldinger, F. S., "Histoire du Gouvernement de Genève", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 411).

“Nous avons vu que durant l’Episcopat Genève étoit une ville libre sous l’autorité de ses Evêques, mais opprimée et tourmentée par un puissant voisin. Les Genevois souffroient dans leur liberté tous les maux de l’esclavage, et ce qui est peut être un exemple unique dans l’histoire, ils avoient pour défenseur de leurs droits leur propre Prince et pour usurpateur un Prince étranger (...). Après avoir secoué le joug de son terrible voisin, allechée par ce succès, elle secoua encore celui de l’Eglise (...). Les Genevois (...) croient que l’expulsion du Duc de Savoye et de son vidomne fut celle de l’Evêque et de son clergé ; ils se trompent ...”⁹⁵⁷.

2.2. *Lettres écrites de la montagne* (1764)⁹⁵⁸

As *Lettres écrites de la montagne*⁹⁵⁹ são constituídas por duas partes. A primeira (Lettres I – VI)⁹⁶⁰ corresponde à defesa do texto do *Contrat Social* e a uma apologia pessoal. A segunda parte (Lettres VII – IX)⁹⁶¹ corresponde aos assuntos políticos de Genebra. Nas *Lettres*, Rousseau dirige-se a um leitor, um suposto genebrino que precisa de ser esclarecido sobre acusações de ordem vária que lhe foram dirigidas a ele, Rousseau, pelos seus contemporâneos. O nosso autor escreve com

⁹⁵⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Histoire du gouvernement de Genève”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 522. “Nós vimos que durante o Episcopado Genebra era uma cidade livre sobre a autoridade dos seus Bispos, mas oprimida e atormentada por um poderoso vizinho. Os Genebrinos sofreram na sua liberdade todos os males da escravidão, e o que é talvez um exemplo único na história, eles tiveram por defensor dos seus direitos o seu próprio Príncipe e por usurpador um Príncipe estrangeiro (...). Depois de ter sacudido o jugo do seu terrível vizinho, tentada pelo seu sucesso, ela sacudirá ainda aquele da Igreja (...). Os Genebrinos (...) acreditavam que a expulsão do Duque de Savoia e do seu domínio fora aquela do Bispo e do seu clérigo; equivocavam-se ...”.

⁹⁵⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Lettres écrites de la montagne”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 685.

⁹⁵⁹ Sobre este texto escreve Terrasse : “L’ouvrage s’inscrit dans la polémique qui a suivi la condamnation d’*Émile* et du *Contrat social* par le Petit Conseil de Genève, le 19 juin 1762, sur fond lutte entre le parti bourgeois des «représentants» et les patriciens défenseurs du «droit négatif». Cette condamnation provoqua d’abord peu de réactions. Rousseau déçu renonça à son droit de bourgeoisie le 12 mai 1763 ...” (cfr. Terrasse, J., “Lettres Écrites de la Montagne”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 523).

⁹⁶⁰ Segundo Maria Pissarra, “Na primeira parte, ora adopta um tom teológico, ora adopta um tom jurídico ao se referir a si mesmo e a seus textos condenados, embora com maior destaque para o *Emílio* do que para o *Contrato Social*, ao explorar mais a questão religiosa a partir de uma preocupação ecuménica e não individual: os prosélitos terão apenas duas regras para guiá-los – a razão e o Evangelho -, conciliando a “liberdade filosófica e a piedade religiosa”. Em relação aos milagres, Rousseau aproxima-se muito mais de Malebranche, ao se distanciar da superstição popular sobre os milagres. Adopta a atitude do especialista: tal qual exegeta, apoia-se nos textos sagrados para demonstrar a fragilidade dos milagres para a compreensão da Revelação. Invoca o direito à dúvida e à indagação da consciência reflexiva ...” (cfr. Pissarra, M., “Rousseau, Jean-Jacques, *Cartas escritas da montanha*”, Editoras EDU & UNESP, São Paulo, 2006, p. 58).

⁹⁶¹ Ainda de acordo com Maria Pissarra, “... na segunda parte, concentra sua reflexão – de carácter muito mais político – na cidade de Genebra e em sua Constituição. Para sua análise, apoia-se nos argumentos dos Representantes, confrontando seus princípios teóricos, expostos no *Contrato Social*, com um caso concreto ...” (Ibidem).

a intenção de repor a verdade, “L’honneur de défendre un opprimé eut enflamé mon coeur si j’avois parlé pour un autre. Réduit au triste emploi de me défendre moi-même, j’ai du me borner à raisonner ; m’échauffer eut été m’avilir ...”⁹⁶².

Na primeira *Lettre*, Rousseau considera que o seu julgamento foi precipitado e que o Conselho⁹⁶³ foi parcial na sua análise, sendo que os conselheiros nem sequer um exame sério fizeram dos seus livros, acabando mesmo por tornar esta apreciação numa avaliação da pessoa e não da obra: “... l’on ne m’a pas même épargné les termes qu’on employe pour les malfaiteurs. Ces Messieurs n’ont pas été indulgens, ont-ils du moins été justes ?”⁹⁶⁴. Na segunda *Lettre*, e tendo em conta as críticas que lhe foram dirigidas relativamente ao facto de ter atacado a religião de Genebra, o autor objecta: “Je ne vois à cela que trois petites difficultés. La premiere, de savoir quelle est cette Religion de l’Etat ; la seconde, de montrer comment je l’ai attaquée ; la troisieme, de trouver cette Loi selon laquelle j’ai été jugé ...”⁹⁶⁵. Na terceira *Lettre*, e recorrendo a um ponto específico, explica porque razão os milagres não servem para provar a revelação divina “... il n’est pas vrai que les miracles soient l’unique preuve de la Révélation, et il n’est pas vrai que je rejette les autres preuves ; puisqu’au contraire on les trouve établies dans l’ouvrage même où l’on m’accuse de détruire la Révélation ...”⁹⁶⁶.

⁹⁶² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Lettres écrites de la montagne”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 685. “A honra de defender um oprimido teria inflamado meu coração se eu tivesse falado por outrem. Mas, reduzido ao triste encargo de defender a mim mesmo, limitei-me a raciocinar; exaltar-me seria aviltar-me ...”.

⁹⁶³ “Mes Livres sont, disent-ils, impies, scandaleux, téméraires, pleins de blasphèmes et de calomnies contre la Religion. Sous l’apparence des doutes l’Auteur y a rassemblé tout ce qui peut tendre à sapper, ébranler et détruire les principaux fondemens de la Religion Chrétienne révélée. Ils attaquent tous les Gouvernemens. Ces Livres sont d’autant plus dangereux et répréhensibles, qu’ils sont écrits en François, du style le plus séducteur, qu’ils paroissent sous le nom et la qualification d’un Citoyen de Genève, et que, selon l’intention de l’Auteur, l’*Emile* doit servir de guide aux peres, aux meres, aux précepteurs. En jugeant ces Livres, il n’a pas été possible au Conseil de ne jeter aucun regard sur celui qui en étoit présumé l’Auteur ...” (Ibidem, p. 689). “Os meus livros são, dizem eles, impios, escandalosos, temerários, cheios de blasfêmias e de calúnias contra a religião. Sob a aparência de dúvidas, o autor aí reuniu tudo que visa solapar, abalar e destruir os principais fundamentos da religião cristã revelada. Atacam todos os governos. Esses livros são tanto mais perigosos e repreensíveis quanto estão escritos no mais sedutor estilo francês, quanto aparecem sob o nome e a qualificação de um cidadão de Genebra e, segundo, a intenção do autor, o *Emilo* deve servir de guia aos pais, às mães e ao preceptores. Ao julgar esses livros, não foi possível para o Conselho não lançar nenhum olhar sobre aquele que presumidamente era seu autor ...”.

⁹⁶⁴ *Ib.*, p. 688. “... nem sequer evitaram os termos que são empregues para os malfeitores. Esses Senhores não foram indulgentes: ao menos foram justos?”.

⁹⁶⁵ *Ib.*, p. 712. “Eu não vejo senão três pequenas dificuldades. A primeira, saber qual é essa religião do Estado; a segunda, mostrar como é que eu a ataquei, terceira, encontrar essa lei segundo a qual fui julgado ...”.

⁹⁶⁶ *Ib.*, p. 731. “... não é verdade que os milagres sejam a única prova da revelação, e não é verdade que eu recuse outras provas, já que, ao contrário, nós as encontramos estabelecidas na própria obra pela qual sou acusado de destruir a revelação ...”.

Nas quarta e quinta *Lettres*, o autor escreve sobre todo o processo de que foi alvo, deixando as *Lettres* de ter um carácter teológico, para passarem a ter um carácter jurídico, “... quand même mon crime seroit un crime d’Etat, si pour le déclarer tel il faut préalablement une décision sur la doctrine, ce n’est pas au Conseil de la donner. C’est bien à lui de punir le crime, mais non pas de le constater ...”⁹⁶⁷. Na sexta *Lettre*, evidencia a injustiça das acções de que está a ser vítima, como, por exemplo, não saber de que é que está a ser acusado, “Concevez-vous qu’on ait à se justifier d’un crime qu’on ignore, et qu’il faille se défendre sans savoir de quoi l’on est accusé?”⁹⁶⁸; por outro lado, Rousseau entende que “Je suis, non pas accusé mais jugé, mais flétri pour avoir publié deux Ouvrages *téméraires, scandaleux, impies, tendans a détruire la Religion Chrétienne et tous les Gouvernemens* ...”⁹⁶⁹.

A sétima *Lettre* dá início à segunda parte da obra e, nela, Rousseau defende a burguesia da tirania do Conselho. Esta posição acaba por revelar ser outra forma de auto-defesa: “En parlant de moi je pensois à vous; et votre question tenoit si bien à la mienne, que l’une est déjà résolue avec l’autre, il ne me reste que la conséquence à tirer ...”⁹⁷⁰. Nas oitava e nona *Lettres*, Rousseau reforça a razão pela qual considera que foi perseguido e fundamenta a sua convicção quando acusa o Conselho de o ter julgado “... contre la Loi : des Représentations s’élevent. Pour établir le droit négatif il faut éconduire les Représentans ; pour prouver qu’ils ont tort il faut soutenir que je suis coupable, mais coupable à tel point que pour punir mon crime il a fallu déroger à la Loi ...”⁹⁷¹.

⁹⁶⁷ Ib., p. 755. “... mesmo que o meu crime fosse um crime de Estado, se, preliminarmente, par declará-lo como tal, fosse necessária uma decisão sobre a doutrina, não caberia ao Conselho dá-la. Cabe, de facto, a ele punir o crime, mas não constatá-lo ...”.

⁹⁶⁸ Ib., p. 804. “Podeis imaginar alguém que tenha de se justificar de um crime que se ignora e que seja necessário se defender sem saber de que se é acusado?”.

⁹⁶⁹ Ib. “Não sou acusado, mas julgado, aviltado por ter publicado duas obras *temerárias, escandalosas, impias, tendendo a destruir a religião cristã e todos os governos* ...”.

⁹⁷⁰ Ib., p. 813. “Ao falar de mim, pensava em vós, e vossa questão estava tão ligada à minha que uma já está resolvida juntamente com a outra, e só me restava tirar a consequência ...”.

⁹⁷¹ Ib., p. 869. “... contra a lei: os representantes se insurgem. Para estabelecer o direito negativo, deve-se afastar os Representantes; para afastá-los, deve-se provar de que estão errados; para provar que estão errados, é preciso sustentar que sou culpado, mas culpado a um tal ponto que, para punir o meu crime, foi necessário derogar a lei ...”.

2.3. *Projet de constitution pour la Corse (1765)*⁹⁷²

No *Projet de constitution pour la Corse* Rousseau elogia o povo da Córsega, que considera ser “... le plus heureusement disposé par la nature pour recevoir une bonne administration ...”⁹⁷³. Este é o povo que poderá ser capaz de instituir um regime político misto⁹⁷⁴; tal será possível na medida em que os corsos não apreendam os vícios das outras nações, pois “... ils ont déjà pris leurs préjugés; ce sont ces préjugés qu’il faut combattre et détruire pour former un bon établissement ...”⁹⁷⁵. Para Rousseau, os corsos encontram-se num estado privilegiado para garantirem a sua liberdade e autonomia⁹⁷⁶, comparativamente com os genoveses. Porém, considera o nosso filósofo que deve existir uma medida propedêutica que os alerte para certos perigos que tendem a surgir sub-repticiamente:

“Les Corses ont beaucoup gagné depuis qu’ils sont libres, ils ont joint la prudence au courage, ils ont appris à obéir à leur égaux, ils ont acquis des vertus et des mœurs, et ils n’avoient point de loix, s’ils pouvoient d’eux-mêmes rester ainsi, je ne verrois presque rien à faire. Mais quand le péril qui les a reunis s’éloignera, les factions qu’il écarte renaîtront parmi eux et, au lieu indépendance, ils les useront les uns contre les autres et n’en auront plus pour se défendre, si l’on vient encore à les attaquer. Voila déjà ce qu’il faut prévenir ...”⁹⁷⁷.

⁹⁷² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Projet de constitution pour la Corse”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 901.

⁹⁷³ Ibidem. “... o melhor e mais inclinado pela natureza a receber uma boa administração ...”.

⁹⁷⁴ Como sublinha Roussel: “Ce qui convient, c’est un gouvernement mixte: le peuple s’assemble par parties et les dépositaires du pouvoir sont souvent changés. Cette forme permettra de peupler l’île partout, de maintenir «la population partout en équilibre». La tyrannie génoise, en empêchant le commerce, a préparé cette institution, elle a fondé la liberté en gênant l’exportation des denrées ...” (cfr. Roussel, J., “Projet de Constitution pour la Corse”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 758).

⁹⁷⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Projet de constitution pour la Corse”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 902. “... já assumiram os seus preconceitos; são estes que precisarão ser combatidos e eliminados para que seja possível criar boas instituições ...”.

⁹⁷⁶ Sobre este assunto escreve Roussel: “Les Corses ont donné la preuve de leur courage en secouant le joug qui les opprimait: ils doivent se gouverner selon cette expérience, se conserver tels qu’ils ont été pour conquérir leur liberté. Les maîtres étrangers usaient de tous les moyens pour rendre les Corses faibles et dépendants. Ils favorisaient les divisions. Il faut maintenant établir la concorde par de bonnes lois ...” (cfr. Roussel, J., op. cit., p. 758).

⁹⁷⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Projet de constitution pour la Corse”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 903. “Desde que adquiriram a liberdade os corsos melhoraram muito: acrescentaram prudência à sua coragem, aprenderam a obedecer os seus iguais, adquiriram virtude e moralidade, tudo isso sem recorrer às leis. Se pudessem continuar assim, acho que pouco mais precisaria ser feito. Mas quando o perigo que os uniu se distancia, o facciosismo agora reprimido vai ressurgir, e em lugar de unir suas forças para manter a

Para Rousseau, o povo corso parece estar preparado, por natureza, a receber uma boa administração; contudo é importante lembrar-lhes que todo o erro começa quando se pretende separar o que é inseparável, "Toute cela vient de ce qu'on sépare trop deux choses inséparables, savoir le corps qui gouverne et le corps qui est gouverné. Ces deux corps n'en font qu'un par l'institution primitive, ils ne se séparent que par l'abus de l'institution ..." ⁹⁷⁸.

2.4. *Considérations sur le gouvernement de Pologne (1771)*⁹⁷⁹

Este texto resulta de um pedido dirigido a Rousseau para que apresenta-se um documento, o qual, deveria inspirar uma reforma no governo da Polónia. Aquilo que de facto foi solicitado ao nosso autor, foi a elaboração de uma constituição, a qual, deveria ter em consideração a liberdade e a autonomia deste povo. Para isto, o conde Wielhorski, forneceu a Rousseau um conjunto de documentos, composto por quinze capítulos, e que deveriam servir de base para a reformulação das instituições tradicionais.

Assim, o texto *Considérations sur le gouvernement de Pologne*, resulta das reflexões que o nosso autor fez sobre as temáticas destes diferentes quinze capítulos, nomeadamente: état de la question; esprit des anciennes institutions; application; éducation; vice radical; question de trois ordres; moyens de maintenir la constitution; du Roi; causes particulières de l'anarchie; administration; système économique; système militaire; projet pour assujettir à une marche graduelle tous les membres du gouvernement; élection des rois; conclusion. Aquilo que Rousseau pretendeu estabelecer para a Polónia foi uma utopia⁹⁸⁰, pois, o ideal de homem social, enquanto

independência, elas serão gastas nos conflitos intestinos, de uns contra os outros, nada restando para a defesa comum caso se renovem os ataques externos. É isto que é preciso prevenir ...".

⁹⁷⁸ Ibidem, p. 901. "Tudo isso se deve à separação indevida de duas coisas inseparáveis, o ente que governa e o que é governado. Na constituição original do governo os dois se confundem, e só se separam quando essa constituição é objecto de abuso ...".

⁹⁷⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Considérations sur le gouvernement de Pologne", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 953.

⁹⁸⁰ Relativamente a esta questão escreve Rosset: "Persécuté qu'il croit de toutes parts, il écrit ce que J. Favre a appelé le «premier roman de l'énergie nationale» en s'excusant d'avoir encore donné libre cours à ses rêveries: «ce n'est pas ma faute, confesse-t-il dans la conclusion, si elles [ses idées] ressemblent si peu à celles des autres hommes, et il n'a pas dépendu de moi d'organiser ma tête d'une autre façon ..." (cfr. Rosset, F., "Considérations sur le gouvernement de Pologne et sur sa Réforme Projetée" in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 169).

cidadão e membro consciente de um todo, em que o amor à pátria justifica o sacrifício pessoal, foi a ideia central na qual se sustentou esta proposta da nova constituição.

3. Obras Literárias

3.1. Contos e Apólogos: *Vision de Pierre de la Montagne, dit le voyant* (1765)⁹⁸¹

O texto *Vision de Pierre de la Montagne, dit le voyant*⁹⁸² revela-se interessante na medida em que, no capítulo I e nos pontos nº 20 a 23, o autor faz um elenco de algumas das principais acusações que lhe foram dirigidas. Ao mesmo tempo, Rousseau entende, mais uma vez, fazer a sua auto-defesa, concluindo no ponto 25 que tais acusações resultam do facto dos seus contemporâneos interpretarem mal as suas obras: “Car ceux qui les ont lus en pensent tout autrement, et le disent lorsqu’ils sont de bonne foi ...”⁹⁸³. É Rousseau, pois, entende que os seus textos não foram bem interpretados por aqueles que os leram e que, portanto, nunca chegaram a perceber o que o autor pretendia dizer.

⁹⁸¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Vision de Pierre de la Montagne, dit le voyant”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1232.

⁹⁸² “... trata da imaginada visão de Pedro, o vidente, acerca de seu irmão errante Jean-Jacques (isto é, o próprio Rousseau). As acusações levantadas contra Jean-Jacques são denunciadas; Rousseau faz um relato burlesco das injustas acusações apresentadas contra ele e expõe francamente a sua própria avaliação do caso, aproveitando a oportunidade para desferir alguns golpes de raspão aos seus acusadores ...” (Cfr. Dent, N.J.H., “Poesia e prosa variada”, in *Dicionário Rousseau*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1996, p. 185).

⁹⁸³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Vision de Pierre de la Montagne, dit le voyant”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1234. “Uma vez que aqueles que os leram pensando tudo diferentemente, isso lhes dizem enquanto permanecem de boa fé ...”.

3.2. Bailados, Pastorais, Poesias: *Romances*⁹⁸⁴ e *Les Consolations des misères de ma vie* (1770)⁹⁸⁵

Os textos *Romances*⁹⁸⁶ e *Les Consolations des misères de ma vie*⁹⁸⁷ resultam de uma compilação de centenas de peças diversas, escritas por Rousseau ao longo de vários anos, da responsabilidade dos editores⁹⁸⁸. O conteúdo destas peças aproxima-se de um gosto popular, da canção popular, exaltada por Saint-Preux, “La plupart de ces chansons sont de vieilles romances dont les airs ne sont pas piquans; mais ils sont je ne sais quoi d’antique et doux qui touche ala longue. Les paroles sont simples, naïves, souvent tristes; elles plaisent pourtant ...”⁹⁸⁹. O estilo a que o nosso autor recorreu, para escrever estas peças, foi ao dos poetas do século XVI, como por exemplo, Marot, Baif, Bertaut, Desportes, bem como a poetas do seu século, como, por exemplo, La Motte, Gresset, Moncrif, Berquin.

⁹⁸⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Romances”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1162.

⁹⁸⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Consolations des misères de ma vie”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1166.

⁹⁸⁶ De acordo com D. Paquette, “Le fragment «Air pastoral» est considéré par Dufour comme un «Air à la mode copié par R.»; la romance I «Contre un engagement» été publiée par Alfred Bougeault dans son *Étude sur l'état mental de J.J.R. et sa mort à Ermenonville* (Paris, 1883) qui avait retrouvé le manuscrit à St-Petersbourg. La romance II « Au lever de l'aurore» a été publié dans la *Correspondance secrète* de Métra avec en-tête: «voici une romance de sa façon dans laquelle on trouvera beaucoup de douceur et de facilité» ...” (cfr. Paquette, D., “Romances”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 828).

⁹⁸⁷ De acordo com D. Paquette, “... le libraire Guy lui aurait proposé d'établir un recueil de chansons le 15 janvier 1772. *Les Consolations* comprennent 83 chansons, 10 ariettes, 3 duos, avec des paroles de ses amis Corancez, de Flamenville, etc., ce qui correspond à son propre inventaire : «il a dans le même intervalle composé plus de cent morceaux de musique en divers genres, la plupart vocale avec des accompagnements, tant pour obliger des personnes qui lui ont fourni des paroles que pour son propre amusement ...” (cfr. Paquette, D., “Consolations (Les) des misères de ma vie ou recueil d'airs, romances et duos”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, pp. 171 -172).

⁹⁸⁸ “Ils se sont permis de rassembler tous les airs du même ton éparés dans le manuscrit afin de le présenter sous une suite de modulations plus conséquentes. [...] on s'est conformé scrupuleusement à ce qu'on a trouvé dans le manuscrit par respect pour les intentions de l'auteur qu'il a consignées dans une note en ces termes ...” (Ibidem, p. 171).

⁹⁸⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Julie, ou La Nouvelle Héloïse”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 609. “A maior parte dessas canções são de velhos romances cujas árias não são estimulantes; mas eles têm um não sei quê de antigo e doce que é tocante a prazo. As palavras são simples, ingénuas, amiúde tristes; agradam portanto ...”.

4. Escritos Autobiográficos

4.1. *Les Confessions de J.J. Rousseau (1770)*⁹⁹⁰

Com *Les Confessions de J.J. Rousseau*, Rousseau realiza um trabalho cujo objecto de análise é ele próprio “Je veux montrer à mes semblables un homme dans toute la vérité de la nature; et cet homme, ce sera moi. Moi seul ...”⁹⁹¹. Assim, no início desta obra, o autor assume um compromisso com os leitores e consigo mesmo no que diz respeito à veracidade do que vai relatar:

“Je dirai hautement: voila ce que j’ai fait, ce que j’ai pensé, ce que je fus. J’ai dit le bien et le mal avec la même franchise. Je n’ai rien tu de mauvais, rien ajouté de bon, et s’il m’est arrivé d’employer quelque ornement indifférent, ce n’a jamais été que pour remplir un vide occasionné par mon défaut de mémoire; j’ai pu supposer vrai ce que je savois avoir pu l’être, jamais ce que je savois être faux ...”⁹⁹².

A veracidade que o autor reclama para aquilo que escreve encontra a sua forma mais evidente no modo como apresenta o discurso e a relação que estabelece com Deus, garante das suas afirmações, por ser a única Pessoa que o conhece tal como ele é. Por isso escreve: “... je viendrai ce livre à la main me présenter devant le souverain juge (...); j’ai dévoilé mon intérieur tel que tu l’as vu toi-même (...) Etre éternel ...”⁹⁹³. Esta revelação da sua intimidade foi, por vezes, um trabalho penoso: “J’ai fait le premier pas et le plus pénible dans le labyrinthe obscur et fangeux de mes confessions. Ce n’est pas ce qui est criminel qui coût le plus à dire, c’est ce qui est ridicule et honteux. Dès à présent je suis sûr de moi, après ce que je viens d’oser dire, rien ne peut plus

⁹⁹⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J. Rousseau”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1.

⁹⁹¹ Ibidem, p. 5. “Quero mostrar aos meus semelhantes um homem em toda a verdade da natureza, e esse homem serei eu. Eu só ...”.

⁹⁹² Ib.. “Direi em voz alta: eis aquilo o que fiz, o que pensei, aquilo que fui. Falei, com igual franqueza, do bem e do mal. Nada calei de mau, nada acrescentei de bom, e, se me aconteceu empregar qualquer insignificante adorno, foi tão-somente para tapar uma lacuna motivada pela minha falta de memória; posso ter tomado como verdadeiro o que sabia havê-lo podido ser, nunca o que sabia ser falso ...”.

⁹⁹³ Ib.. “... irei com este livro na mão apresentar-me ao juiz supremo (...); revelei o meu íntimo tal qual como tu próprio o viste (...) Ser supremo ...”.

m'arrêter. On peut juger de ce qu'ont pu me coûter de semblables aveux ..."⁹⁹⁴. Repare-se como este trecho faz transparecer um autor confiante, alguém que parece ter resolvido os problemas com a vida e consigo mesmo. *Les Confessions de J.J. Rousseau*, em nossa opinião, mais do que o relato da vida de Rousseau, encerram também, simultaneamente, um carácter de auto-julgamento e absolvição.

No primeiro livro do segundo volume da obra, Rousseau faz um balanço positivo dos primeiros anos de vida, como o próprio afirma: "On a vu s'écouler ma paisible jeunesse dans une vie égale assez douce, sans de grandes traverses, ni de grandes prospérités ..."⁹⁹⁵. Porém, não deixa de reconhecer, nesse percurso, uma certa "... mediocrité ..."⁹⁹⁶, pois confessa que a sua natureza a isso o destinou - "... moins prompt encore à entreprendre que facile à décourager ..."⁹⁹⁷ - reconhecendo que "... loin des grandes vertus et plus loin des grandes vices, à la vie oiseuse et tranquille pour laquelle je me sentois né, ne m'a jamais permis d'aller à rien de grand, soit en bien soit en mal ..."⁹⁹⁸.

No segundo volume da obra, também composto por seis livros, retrata outra etapa da sua vida, confessando ser este o período em que terá tido mais dificuldade em conciliar os seus princípios com a forma de estar na sociedade de então. Em tom de desânimo, partilha a ideia de que "... de cette opposition continuelle entre ma situation et mes inclinations, on verra naitre des fautes énormes, des malheurs inouis, et toutes les vertus, excepté la force, qui peuvent honorer l'adversité ..."⁹⁹⁹.

Podemos dizer que o tempo de escrita que separa a primeira da segunda parte desta obra não é só uma divisão ocasional e temporal, mas exprime, também, a passagem de um estado emocional caracterizado pela estabilidade e serenidade para um outro que evidencia alguma

⁹⁹⁴ Ib., p. 18. "Dei o primeiro e o mais difícil passo no labirinto obscuro e lodoso das minhas confissões. O que custa mais a dizer não é o que é criminoso, mas o que é ridículo e vergonhoso. A partir deste momento, estou seguro de mim mesmo; depois do que tive a ousadia de dizer, nada pode deter-me. Pode-se avaliar do que me custaram semelhantes confissões ...".

⁹⁹⁵ Ibidem, p. 277. "Viram decorrer a minha plácida mocidade numa vida igual, bastante doce, sem grandes contratempos nem grandes prosperidades ...".

⁹⁹⁶ Ibidem. "... mediocridade ...".

⁹⁹⁷ Ib.. "... menos pronto ainda a empreender do que susceptível de desanimar ...".

⁹⁹⁸ Ib.. "... longe das grandes virtudes e mais longe ainda dos grandes vícios, à vida ociosa e tranquila para a qual sentia ter nascido, nunca me permiti alcançar nada de grande, nem no bem, nem no mal ...".

⁹⁹⁹ Ibidem. "... desta oposição constante entre a minha situação e as minhas tendências, ver-se-ão nascer erros enormes, desgraças inauditas, e todas as virtudes, com excepção da força, que podem honrar a adversidade ...".

revolta e exaltação. Este intervalo temporal é já expressão de um estado emocional debilitado. Como ele nos diz, a primeira parte foi escrita “... avec plaisir, avec complaisance, à mon aise, à Wooton ou dans le Château de Trye: tous les souvenirs que j’avois à me rappeler étoient autant de nouvelles jouissances ...”¹⁰⁰⁰. A segunda parte foi escrita num registo diferente: “Aujourd’hui ma mémoire et ma tête affoiblies me rendent presque incapable de tout travail; je ne m’occupe decelui-ci que par force et le coeur serré de détresse. Il ne m’offre que malheurs, trahisons, perfides, que souvenirs attristans et déchirans ...”¹⁰⁰¹

4.2. Fragmentos autobiográficos: *Déclaration destinée à un journal* (1766)¹⁰⁰², *Note mémorative sur la maladie et la mort de M. Deschamps* (1768)¹⁰⁰³, *Sentiment du public sur mon compte dans les divers états qui le composent* (1768)¹⁰⁰⁴, *Quiconque sans urgente nécessité* (1770)¹⁰⁰⁵, *Discours prononcé ou Projeté pour introduire la lecture des confessions* (1770)¹⁰⁰⁶, *Déclaration relative à différentes réimpressions de ses ouvrages* (1774)¹⁰⁰⁷

Também os textos *Déclaration destinée à un journal*, *Note mémorative sur la maladie et la mort de M. Deschamps*¹⁰⁰⁸, *Sentiment du public sur mon compte dans les divers états qui le*

¹⁰⁰⁰ Ib., p. 279. “... com prazer, com satisfação, à minha vontade, em Wooton ou no castelo de Trye; todas as recordações que tinha de relembrar eram para mim outros tantos gostos ...”.

¹⁰⁰¹ Ib.. “Hoje, a minha memória e a minha cabeça enfraquecidas tornam-me quase incapaz de qualquer trabalho; só à força e com o coração oprimido pela angústia é que me dedico a este. Só me oferece desgraças, traições, perfidias, recordações tristes e pungentes ...”.

¹⁰⁰² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Déclaration destinée à un journal*”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1178.

¹⁰⁰³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Note mémorative sur la maladie et la mort de M. Deschamps*”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1179.

¹⁰⁰⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Sentiment du public sur mon compte dans les divers états qui le composent*”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1183.

¹⁰⁰⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Quiconque sans urgente nécessité*”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1189.

¹⁰⁰⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discours prononcé ou Projeté pour introduire la lecture des confessions*”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1184.

¹⁰⁰⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Déclaration relative à différentes réimpressions de ses ouvrages*”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1186.

¹⁰⁰⁸ Escreve Trousson, “À l’époque des événements, Rousseau est en proie à l’obsession du conspiração, redoute tantôt d’être empoisonné, tantôt de passer pour un empoisonneur ...” (cfr. Trousson, Raymond, “*Note Mémorative sur la maladie et la mort de M. Deschamps*”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 651).

*composent, quiconque sans urgente nécessité*¹⁰⁰⁹, *Discours prononcé ou Projeté pour introduire la lecture des confessions e Déclaration relative à différentes réimpressions de ses ouvrages* são a expressão de um Rousseau desencantado com os seus semelhantes, com uma necessidade permanente de fazer a sua auto-defesa. É ao público, aos seus leitores, que ele se dirige, “Il demande sincerement pardon au public d’oser encore l’importuner de lui, mais il lui importe et il importera un jour à l’honneur de sa mémoire que la verité ou la fausseté d’une accusation intentée si publiquement soit publiquement et promptement constatée ...”¹⁰¹⁰. Este desencantamento baseava-se na convicção de uma conspiração dirigida contra a sua pessoa:

“Les Magistrats me haissent à cause du tort qu’ils m’ont fait. Les Philosophes, que j’ai démasqués, veulent à tout prix me perdre et réussiront. Les Evêques, fiers de leur naissance et de leur état, m’estiment sans me craindre et s’honorent en me marquant des égards. Les Prêtres, vendus aux philosophes, aboient après moi pour faire leur cour. Les beaux esprits se vengent en m’insultant de ma supériorité qu’ils sentent. Le peuple, qui fut mon idole, ne voit en moi qu’une perruque mal peignée et un homme décrété. Les femmes, dupes de deux pisse-froid qui les méprisent, trahissent l’homme qui mérita le mieux d’elles ...”¹⁰¹¹.

Não deixa de ser interessante este último gesto do autor, pois, mais do que encontrar nestes escritos apenas a sua auto-defesa, eles podem ser entendidos como um último alerta, um aviso aos seus leitores. É como se as acusações e traições de que foi alvo pudessem servir de

¹⁰⁰⁹ De acordo com Voisine este texto: “... énumère des propositions qui condamnent, au nom da la justice, le comportement des mystérieux responsables du conspiração. C’est à ces propositions que sont invités à souscrire les témoins de bonne foi sollicités par Jean-Jacques ...” (cfr. Voisine, J., “Quiconque sans urgent nécessité...” in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 781).

¹⁰¹⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Déclaration destinée à un journal”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1179. “Ele pede sinceramente perdão ao público de ousar ainda o importunar com ele, mas ele importa-lhes e importar-lhes-á um dia em honra da sua memória que a verdade ou a falsidade de uma acusação intentada tão publicamente seja publicamente e prontamente constatada ...”.

¹⁰¹¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Sentiment du public sur mon compte dans les divers états qui le composent”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1184. “Os Magistrados detestam-me por causa dos agravos que me fizeram. Os Filósofos, que eu desmascarei, querem a todo o custo perder-me e consegui-lo-ão. Os Bispos, orgulhosos da sua proveniência e do seu estado, estimam-me sem me temer e honram-se ao me chamarem a atenção sobre certos aspectos. Os Padres, vendidos aos filósofos, ladrão contra mim para fazerem de coro. Os belos espíritos vingam-se insultando-me com a minha superioridade da qual que se ressentem. O povo, que fora o meu idolo, não vê em mim que um peruca mal penteada e um homem decrepito. As mulheres, enganadas pela dupla friidez que as toma, traem o homem que merece o melhor delas ...”.

exemplo para todos aqueles que decidam agir de modo diferente àquilo que era convencional na sociedade. Um episódio fiel, que mostra bem a sua preocupação, é apresentado pelo próprio nos seguintes termos:

“Lorsque J. J. Rousseau découvrit qu’on se cachoit de lui pour imprimer furtivement ses écrits à Paris, et qu’on affirmoit au public que c’étoit lui qui dirigeoit ces impressions, il comprit aisément que le principal but de cette manœuvre étoit la falsification de ces mêmes écrits, et il ne tarda pas, malgré les soins qu’on prenoit pour lui en dérober la connoissance, à se convaincre par ses yeux de cette falsification ...”¹⁰¹².

4.3. Rousseau Juge de Jean Jaques – Dialogues (1776)¹⁰¹³

Rousseau Juge de Jean Jaques – Dialogues compõe-se de um prefácio, *Du sujet et de la forme de cet écrit*¹⁰¹⁴, de três diálogos e de um posfácio, *Histoire du précédent écrit*¹⁰¹⁵, o qual contém, ainda o panfleto intitulado *À tout Français aimant encore la justice et la vérité*.

No prefácio, Rousseau mostra-se estupefacto por o público aceitar de um modo acrítico as calúnias que lhe foram dirigidas: “Le silence profond, universel, non moins inconcevable que le mystère qu’il couvre, mystère que depuis quinze ans on me cache avec un soin que je m’abstiens

¹⁰¹² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Déclaration relative à différentes réimpressions de ses ouvrages”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1186. “Assim que J.J. Rousseau descobre que nos esconderamos dele para imprimir furtivamente os seus escritos em Paris, e que afirmáramos em público que foi ele que dirigiu as impressões, compreendeu facilmente que a principal finalidade dessa manobra era a falsificação desses mesmos escritos, e não demorará, apesar dos cuidados que tomamos para isso esconder do seu conhecimento, a se convencer a seus olhos dessa falsificação ...”.

¹⁰¹³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Rousseau Juge de Jean Jaques – Dialogues”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 657.

¹⁰¹⁴ De acordo com Trousson, “Contraint de parler de lui-même et de se défendre, il n’a pu éviter «des longueurs, des redites, di verbiage et du désordre», mais il se sente désormais incapable de faire mieux. Convaincu que ses *Dialogues* tomberont entre les mains de ses ennemis, Rousseau veut cependant croire qu’il se trouvera encore «un cœur d’homme» susceptible de lui rendre justice ...” (cfr. Trousson, Raymond, “Du sujet et de la forme de cet écrit”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 265).

¹⁰¹⁵ Sobre este texto escreve Jones: “Le projet de ce texte rejoint celui des *Confessions*, où il prétend se présenter devant Dieu «ce livre à la main» (OC I, 5). Ici, les *Dialogues* sont symboliquement déposés sur l’autel de Notre-Dame dans un appel à la justice et à la pitié, il abandonne son manuscrit à la protection divine, au «souverain juge» qu’il invoque aussi au début de son autobiographie. L’*Histoire* dit l’angoisse de l’écrivain, finalement dans l’impossibilité de trouver un destinataire de confiance pour des *Dialogues* ...” (cfr. Jones, J. F., “Histoire du précédent écrit”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 412).

de qualifier ...”¹⁰¹⁶. Rousseau mostra-se, também, desencantado com os seus contemporâneos. Por mais que tente encontrar motivos que justifiquem a conspiração de que julga ter sido alvo tem dificuldade em consegui-lo. Considera o nosso autor que o melhor modo de poder mostrar a sua verdadeira conduta, e desse modo poder contra-argumentar com os seus adversários, é através de um texto que se apresente sobre “La forme du dialogue (...) la plus propre à discuter le pour et le contre, je l’ai choisie pour cette raison ...”¹⁰¹⁷.

No primeiro *Dialogue* Rousseau conversa com um francês, representante do público, que está completamente convencido da veracidade das acusações feitas contra ele. Neste *Dialogue*, o nosso autor faz a distinção entre o verdadeiro Jean-Jacques e o Jean-Jacques falso, criação dos seus inimigos. Essa distinção baseia-se entre o Jean-Jacques autor das obras e o que é acusado dos crimes: “L’Auteur des Livres et celui des crimes vous paroît la même personne; je me crois fondé à en faire deux. Voila, Monsieur le mot de l’énigme ...”¹⁰¹⁸. No segundo *Dialogue*, Rousseau faz a descrição do verdadeiro Jean-Jacques, salientando que este nunca conheceu inimigos antes de se tornar escritor. Este *Dialogue* termina com uma apresentação exaustiva da conspiração, identificando algumas das pessoas que foram responsáveis por todos os males de que fora vítima. O terceiro *Dialogue* é o reconhecimento da inocência de Rousseau. É na figura do francês, que leu os textos do autor na íntegra, que o nosso pensador faz justiça à sua pessoa, sublinhando a ideia de que a verdade foi reposta, na medida em que é na leitura fiel das obras que se deve procurar quem foi Jean-Jacques Rousseau.

Rousseau termina voltando a dar ênfase à ideia de desilusão e desencantamento com os seus contemporâneos quando, em *Histoire du précédent écrit*, o pós-fácio, afirma não poder confiar em mais nenhum homem, pois a situação em que o lançaram não lhe deixa capacidade de discernimento para poder reconhecer quem são os seus amigos - “Ne pouvant plus me confier

¹⁰¹⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Rousseau Juge de Jean Jaques – Dialogues”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 662. “O silêncio profundo, universal, não menos inconcebível que o mistério que ele cobre, mistério que após quinze anos me escondem com um cuidado o qual eu me abstenho de qualificar ...”.

¹⁰¹⁷ Ibidem. “A forma do diálogo (...) a mais própria a discutir os prós e o contras, escolhi-a eu por esse motivo ...”.

¹⁰¹⁸ Ib., p. 674. “O autor dos livros e aquele dos crimes parece-vos a mesma pessoa; creio-me fundamentado a fazer de dois. Eis, meu senhor, a palavra do enigma ...”.

à aucun homme qui ne me trahit, je résolus de me confier uniquement à la providence et de remettre à elle seule l'entière disposition du dépôt que je desirois laisser en de sûres mains ..."¹⁰¹⁹.

4.4. *Les Rêveries du promeneur solitaire* (1778)¹⁰²⁰

A obra *Les Rêveries du promeneur solitaire*¹⁰²¹ é composta por dez capítulos, designados *rêveries*¹⁰²². Nela, Rousseau, mais uma vez, começa por descrever a situação em que se encontra: "Me voici donc seul sur la terre, n'ayant plus de frere, de prochain, d'ami, de société que moi-même ..."¹⁰²³. O seu estado de espírito é de desânimo e invadido por um sentimento de abandono¹⁰²⁴, pois considera que "Le plus sociable et le plus aimant des humains en a été proscrit par un accord unanime ..."¹⁰²⁵. Rousseau demonstra um sentimento nostálgico quando conclui que podia ter amado os seus semelhantes, porém, vê-os apenas como "... étrangers, inconnus, nuls ..."¹⁰²⁶. Decide então, como se fosse o seu último gesto empreendedor, fazer um auto-estudo.

¹⁰¹⁹ Ib., p. 978. "Não podendo mais confiar em que nenhum homem me traísse, resolvi confiar unicamente na providência e de remeter para ela apenas a inteira disposição do depósito que eu deseje deixar em mãos seguras ...".

¹⁰²⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Les Rêveries du promeneur solitaire", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 993.

¹⁰²¹ De acordo com Tripet: "Le titre contient déjà de précieuses indications sur la nature de l'oeuvre. Les trois notions qui le constituent (rêverie, promeneur., solitaire) expriment toutes un écart : écart qui renvoie à la solitude à laquelle Rousseau se voit contraint, à son goût pour une pensée libre, et dérivant d'un moi qui s'abandonne à son mouvement intime et ses goûts ambulatoires ..." (cfr. Tripet, A., "Rêveries (Les) du Promeneur Solitaire", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 809).

¹⁰²² Tripé apresenta a estrutura da obra dizendo que: "Or le texte n'est pas de nature homogène à cet égard, et si les dix chapitres qui forment l'ensemble méritent l'appellation de rêveries, c'est à des titres différents. On en distinguera deux à tout le moins. 1° La rêverie d'état qui se caractérise de manière plus ou moins explicite comme une extase au sein de la nature. La première partie des «Deuxième» et «Cinquième Promenades» et la deuxième partie de la «Septième» en fournissent des descriptions. 2° La rêverie qui se rapproche de la méditation libre et d'une recherche de la vérité à partir d'un constat particulier et d'une question qui surgit à son propos. Quand Rousseau place son œuvre nouvelle dans le prolongement des *Confessions*, il dessine clairement le champ d'activité de cette rêverie-méditation, la connaissance de soi ..." (Ibidem).

¹⁰²³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Les Rêveries du promeneur solitaire", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 995. "Eis-me sozinho na terra, sem irmão, parente próximo, amigo, ou companhia a não ser eu próprio ...".

¹⁰²⁴ Sobre esta questão escreve Tripet: "Ainsi, au moment où sa situation est la plus anormale, et au sein d'une hostilité qu'il croit unanime, Rousseau rencontre les conditions qui lui permettent de vivre et de léguer pour la dernière fois l'image de son unicité. Cette unicité est certes imposée, et Rousseau le répète. Mais qu'elle corresponde à l'idée qu'il se fait de lui, et qui s'exprime souvent par l'hyperbole (le meilleur des hommes, le plus sociable, le plus aimant, ou encore le seul) ne fait aucun doute ..." (cfr. Tripet, A., "Rêveries (Les) du Promeneur Solitaire", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 809).

¹⁰²⁵ Ibidem. "O mais sociável e o mais afectuoso dos homens foi proscrito da sociedade por um acordo unânime ...".

¹⁰²⁶ Ib.. "... estrangeiros, desconhecidos, em suma, inexistentes ...".

Rousseau é um homem desencantado, abalado emocionalmente, porque a imagem que criaram a seu respeito foi demasiado injusta – “... un monstre, un empoisonneur, un assassin, que je deviendrais l’horreur de la race humaine ...”¹⁰²⁷ - tornando-se o seu comportamento reflexo desse mal-estar. Rousseau acaba por encontrar tranquilidade quando decide submeter-se ao seu destino: J’ai trouvé dans cette résignation le dédomagement de tous mes maux ...”¹⁰²⁸. É justamente a impiedade dos seus inimigos que o convence que já não tem nada a perder, pois nada tem a temer. A partir desse momento, Rousseau é um homem livre – “Ne pouvant plus empirer mon état ils ne sauroient plus m’inspirer d’allarmes ...”¹⁰²⁹. Aludindo ao seu novo estado emocional, entende que os seus perseguidores, ao fazerem tudo o que podiam para o atormentar perderam todo o domínio que exerciam sobre si.

Há no entanto algo que parece permanecer, de uma forma aprazível, na memória do nosso autor: o conhecimento da natureza humana. Por isso, valoriza o que observou no comportamento das crianças – “Si j’ai fait quelque progrès dans la connoissance du coeur humain c’est le plaisir que j’avois à voir et observer les enfans ...”¹⁰³⁰. Rousseau mostra conhecer bem as crianças na medida em que entende e respeita os seus comportamentos:

“Les enfans n’aiment pas la vieillesse, l’aspect de la nature défaillance est hideux à leurs yeux, leur répugnance que j’apperçois me navre; et j’aime mieux m’abstenir de les caresser que de leur donner de la gêne ou du dégoût. Ce motif qui n’agit que sur les coeurs vraiment aimans est nul pour tous nos docteurs et doctresses ...”¹⁰³¹.

Ele é o educador que tem em consideração o que as crianças sentem. A sua reflexão é sobre a sabedoria em educação. Este é o Rousseau educador que reconhece em Jean-Jacques aquele que conseguiu nunca esquecer a natureza humana. A convicção e determinação com que desafia os seus adversários dão disso testemunho: “Que tous les philosophes viennent ergoter

¹⁰²⁷ Ib., p. 996. “... um monstro, um envenenador, um assassino que me tornaria o horror da raça humana ...”.

¹⁰²⁸ Ib.. “Nessa resignação encontrei a compensação para todos os meus males ...”.

¹⁰²⁹ Ib., p. 997. “Como já não podem agravar o meu estado, já não são capazes de me atemorizar ...”.

¹⁰³⁰ Ib., p. 1087. “Se fiz algum progresso no conhecimento do coração humano, resultou do prazer que eu sentia em ver e observar as crianças ...”.

¹⁰³¹ Ib., p. 1088. “As crianças não gostam da velhice, o aspecto da natureza alquebrada é hediondo aos seus olhos e a sua repugnância visível afflige-me; prefiro abster-me de as acariciar a causar-lhes embaraço ou aversão. Este motivo, que só toca almas verdadeiramente ternas, é nulo para os nossos sábios e sábias ...”.

contre (...). Je me tiens pour le reste de ma vie en toute chose au parti que j'ai pris quand j'étais plus en état de bien choisir ..."¹⁰³².

¹⁰³² Ib., pp. 1022 – 1023. "Que venham todos os filósofos argumentar em contrário (...). Mantenho-me fiel, para o resto da minha vida, e em todas as coisas, à decisão que tomei quando me encontrava mais apto a escolher correctamente ...".

CAPÍTULO III
CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS

I. PRINCÍPIOS ESTRUTURANTES DA PEDAGOGIA ROUSSEAUNEANA

1. Primeiro princípio: o respeito pelo desenvolvimento natural do educando

1.1. Consideração prévia

A procura pelo Homem natural, feita por Jean-Jacques Rousseau, encerra um conjunto de preocupações que serão constantes nos seus textos¹⁰³³, destacando-se como central a preocupação para com o respeito pelo desenvolvimento natural do Homem. Nessa medida, o nosso autor considera ser necessário conhecer o Homem e perceber qual é, de facto, a sua condição efectiva¹⁰³⁴. É justamente neste sentido que a questão relativa à educação se destaca: ela deve saber respeitar o desenvolvimento natural do educando. Esta procura dos fundamentos da natureza humana levou Rousseau a fazer um estudo “... serieuse de l’homme, de ses facultés naturelles, et de leurs développemens successifs ...”¹⁰³⁵. Este é um estudo essencial, pois só a partir do momento em que se conhecer o Homem natural se poderá distinguir o que é próprio da sua natureza e o que não é. Assim, evitar-se-á cair num estado de confusão e será possível “... séparer dans l’actuelle constitution des choses, ce qu’a fait la volonté divine d’avec ce que l’art humain a prétendu faire ...”¹⁰³⁶.

Em Rousseau, a relação entre a natureza humana e a educação baseia-se no facto de a educação ser o garante da conservação dessa mesma natureza, pois “La nature veut que les

¹⁰³³ De acordo com Dent: “A “natureza” é um dos temas de maior difusão e assiduidade na obra de Rousseau. O homem é “naturalmente” bom; o “estado de natureza” é benigno e tranquilo; uma educação “natural” é criativa e construtiva; a imersão na “natureza” é saudável e revigorante ...” (cfr. Dent, *Dicionário Rousseau*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1996, p. 172).

¹⁰³⁴ Para Dent Rousseau “[c]oncebe o carácter do homem como naturalmente inato e criativo; retrata a relação primitiva e inquebrantável do homem com a natureza; baseia o saudável desenvolvimento educacional no respeito pela natureza ...” (Ibidem).

¹⁰³⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondemens de l’inégalité parmi les hommes”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 127. “... sério do homem, das suas faculdades naturais e dos seus desenvolvimentos sucessivos ...”.

¹⁰³⁶ Ibidem. “... separar na actual situação das coisas, o que fez a vontade divina daquilo que a arte humana pretendeu fazer ...”.

enfants soient enfants avant que d'être hommes. Si nous voulons pervertir cet ordre nous produirons des fruits précoces qui n'auront ni maturité ni saveur et ne tarderont pas à se corrompre : nous aurons de jeunes docteurs et de vieux enfants ..."¹⁰³⁷. É a partir da necessidade de se respeitar o trajecto da natureza no desenvolvimento natural do educando que Rousseau interpela os seus semelhantes: "Observez la nature, et suivez la route qu'elle vous trace. Voilà la règle de la nature (...). Pourquoi la contrariez-vous ? Ne voyez-vous pas qu'en pensant la corriger vous détruisez son ouvrage, vous empêchez l'effet de ses soins ?"¹⁰³⁸.

1.2. As três educações (da natureza, dos homens e das coisas)

A cada uma destas necessidades corresponde uma forma de educação¹⁰³⁹, "Cette éducation nous vient de la nature ou des hommes, ou des choses. Le developement interne de nous facultés et de nos organes est l'éducation de la nature; l'usage qu'on nous apprend à faire de ce developement est l'éducation des hommes ; et l'acquis de nôtre propre expérience sur les objets qui nous affectent est l'éducation des choses ..."¹⁰⁴⁰. A cada forma de educação também corresponde um mestre, sendo essencial a harmonia entre estes três mestres¹⁰⁴¹, na medida em que "Le disciple dans lequel leurs diverses leçons se contrarient est mal élevé, et ne sera jamais d'accord avec lui-même. Celui dans lequel elles tombent toutes sur les mêmes points et tendent aux mêmes fins va seul à son but et vit consequemment. Celui-là seul est bien élevé ..."¹⁰⁴². Assim,

¹⁰³⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Emile ou De l'éducation" in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 319. "A natureza quer que as crianças sejam crianças antes de serem homens. Se quisermos perverter essa ordem, produziremos frutos ainda verdes, que não estarão maduros e nem terão sabor, e não tardarão em se corromper; teremos jovens doutores e velas crianças ...".

¹⁰³⁸ *Ibidem.*, pp. 259 - 260. "Observai a natureza e e segui a rota que ela vos traça (...). Eis a regra da natureza. Por que a contrariarais? Não vedes que, acreditando corrigi-la, destruis sua obra, impedis o resultado de seus trabalhos?".

¹⁰³⁹ De acordo com Vargas: "Ces trois "éducations" sont hétérogènes, elles ne découlent pas l'une de l'autre, il existe donc une menace de disharmonie. Cette disharmonie paraît si évident à Rousseau qu'il ne pose d'emblée qu'un problème, celui de la dominance. La source dominant sera la nature pour des raisons étrangement négatives : "C'est sur celle à laquelle nous ne pouvons rien qu'il faut diriger les deux autres" (247) ..." (cfr. Vargas, Yves, *Introduction à l'Emile de Rousseau*, Presses Universitaires de France, 1995, p. 10).

¹⁰⁴⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Emile ou De l'éducation", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 247. "Essa educação vem-nos da natureza, ou dos homens ou das coisas. O desenvolvimento interno de nossas facultades e de nossos órgãos é a educação da natureza; o uso que nos ensinam desse desenvolvimento é a educação dos homens; e a aquisição da nossa própria experiência sobre os objectos que nos afectam é a educação das coisas ...".

¹⁰⁴¹ (*Ibidem.*). "Chacun de nous est donc formé par trois sortes de maitres ...". "Cada um de nós é formado por três tipos de mestres ...".

¹⁰⁴² *Ib.*. "O discípulo em quem suas diversas lições se opõem é mal educado e jamais estará de acordo consigo mesmo; aquele em quem todas elas recaem sobre os mesmos pontos e tendem aos mesmos fins vai sozinho para seu objectivo e vive consequentemente. Só esse é bem educado ...".

a educação da natureza¹⁰⁴³ apela ao desenvolvimento espontâneo da criança e, portanto, à aquisição de forças; a educação dos homens¹⁰⁴⁴ apela à orientação da utilização dessas forças e a educação das coisas¹⁰⁴⁵ educa no sentido das experiências, ou seja, no resultado das acções sobre as coisas, formando um julgamento.

Não admira, pois, que Rousseau considere que “Tout est bien, sortant des mains de l’auteur des choses: tout dégénère entre les mains de l’homme ...”.¹⁰⁴⁶ É porque o Homem é dependente dos outros homens que Rousseau dirige um conjunto de críticas severas aos seus contemporâneos, sendo que essa críticas se dirigem directamente às instituições sociais¹⁰⁴⁷. É como se o Homem sentisse necessidade de se negar a si mesmo negando para isso tudo aquilo que é a sua natureza, “Il ne veut rien tel que l’a fait la nature, pas même l’homme; il le faut dresser pour lui comme un cheval de manège ; il le faut contourner à sa mode comme un arbre de son jardin ...”¹⁰⁴⁸. E a educação convencional, também ela, é alvo de fortes e severas críticas¹⁰⁴⁹. Embora Rousseau reconheça que sem a educação “... nôtre espèce ne veut pas être façonnée à demi (...) un homme abandonné dès sa naissance à lui-même parmi les autres seroit le plus

¹⁰⁴³ Vargas caracteriza este estilo de educação do seguinte modo: “Précisons: personne n’y peut rien, ni les hommes en général, ni l’éducateur. L’éducation naturelle est un processus interne, autonome, de développement des forces qui se fait vaille que vaille, il suffit de laisser faire. Bonne nourriture, vie au grand air, libre agitation du corps suffisent, et les discours, préjugés et exemples de l’environnement social n’y peuvent rien : aucun préjugé social n’a jamais empêché un enfant de grandir, de faire ses dents, de gazouiller ...” (cfr. Vargas, Yves, *Introduction à l’Emile de Rousseau*, Presses Universitaires de France, 1995, p. 12).

¹⁰⁴⁴ Vargas afirma: ““Les hommes”, ce n’est pas le précepteur mais l’environnement social, le milieu immaîtrisable. Monde bavard et pervers qui détruit l’homme d’un mot, d’un rire, d’un exemple pernicieux ...” (Ibidem, p. 14).

¹⁰⁴⁵ Vargas afirma: “Comment les choses peuvent-elles instruire sans détruire l’homme, sans contagion des préjugés qui les recouvrent ? La réponse purement théorique est assez simple : le rapport de l’homme aux choses est fondé sur le besoin, c’est à partir du besoin que l’homme structure le monde, construire une vision du monde ...” (Ib., p. 13).

¹⁰⁴⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De l’éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 245. “Tudo está bem quando sai das mãos do autor das coisas, tudo degenera entre as mãos do homem ...”.

¹⁰⁴⁷ Sobre este assunto escreve Vargas: “Avec férocité, Rousseau assimile l’éducation à un dressage monstrueux, identifie l’homme éduqué à un arbre greffé forcé de porter des fruits qui ne sont pas ses fruits. Il inscrit l’éducation dans l’activité tétatologique de l’homme ...” (cfr. Vargas, Yves, *Introduction à l’Emile de Rousseau*, Presses Universitaires de France, 1995, p. 7).

¹⁰⁴⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De l’éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 245. “Não quer nada da maneira como a natureza o fez, nem mesmo o homem: é preciso que seja domado por ele, como um cavalo adestrador: é preciso apará-lo à sua maneira como uma árvore de seu jardim ...”.

¹⁰⁴⁹ Relativamente a este assunto Vargas faz a seguinte leitura: “Si cette éducation est bonne c’est parce qu’elle adapte l’homme à l’ordre des choses; car avant même d’être éduqué l’homme était déjà monstrueux, déjà défiguré, et comme une moitié de monstre est plus monstrueuse qu’un monstre accompli, c’est une bonne chose que l’éducation fasse le reste et forme l’homme à sa complète difformité ...” (cfr. Vargas, Yves, *Introduction à l’Emile de Rousseau*, Presses Universitaires de France, 1995, p. 7).

défiguré de tous”¹⁰⁵⁰, não deixa, porém, de sublinhar o carácter nocivo da educação, em particular a do seu tempo, o século das luzes, “Les préjugés, l’autorité, la necessite, l’exemple, toutes les institutions sociales dans lesquelles nous nous trouvons sumergés, etoufferoient en lui la nature, et ne mettroient rien à la place ...”¹⁰⁵¹. A acusação que Rousseau dirige à educação convencional é a de que não respeita o ritmo natural de aprendizagem do educando. Os educadores querem que as crianças sejam, desde sempre, adultos – “Une erreur (...) de lumieres est de supposer leurs enfans raisonnables dès leur naissance, et de leur parler comme à des hommes avant même qu’ils sachent parler ...”¹⁰⁵²; logo, a educação ministrada a estes pequenos seres é completamente estranha à sua condição. Se a natureza quer que as crianças sejam crianças antes de serem adultos, então, é porque “L’enfance a des manieres de voir, de penser, de sentir qui lui sont propres ...”¹⁰⁵³. Ao fazer depender a vontade do educando da linguagem dos outros¹⁰⁵⁴, aquilo que se consegue é tornar as crianças “... “... disputeurs et mutins, et tout ce qu’on pense obtenir d’eux par des motifs raisonnables, on ne l’obtient en effet que par ceux de crainte ou de vanité qu’on est toujours forcé d’y joindre ...”¹⁰⁵⁵. Daí a pertinência de uma educação natural que garanta conservar aquilo que é próprio ao educando, evitando, assim, a degeneração e deformação do Homem. Essa educação conservará o ritmo próprio do desenvolvimento natural do educando:

¹⁰⁵⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De l’éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 245. “... nossa espécie não quer ser moldada pela metade (...) um homem abandonado a si mesmo desde o nascimento entre os outros seria o mais desfigurado de todos ...”.

¹⁰⁵¹ Ibidem. “Os preconceitos, a autoridade, a necessidade, o exemplo, todas as instituições sociais em que estamos submersos abafariam nele a natureza, e nada poriam em seu lugar ...”.

¹⁰⁵² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Julie, ou La Nouvelle Héloïse”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 562. “Um erro (...) das luzes é o de supor que desde o nascimento seus filhos sejam capazes de raciocinar, e de falar-lhes como homens antes mesmo que saibam falar ...”.

¹⁰⁵³ Ibidem. “A infância tem maneiras de ver, de pensar, de sentir, que lhe são próprias ...”.

¹⁰⁵⁴ Gauthier reforça esta ideia quando afirma: “To be dependent on another person for the fulfillment of one’s needs and desires is to be dependent on an alien will, a will that is by its very nature outside of oneself, beyond one’s control. But the person who is dependent on other persons and so enslave to them is unable to imagine herself freed from her slavery – no augmentation of her power can extend their domain to include the will of another person. Dependence on another person thus is, for Rousseau, not simply dependence on his power; most deeply, it is dependence on his recognition. It is at this point that the sentiment of existence is alienated in the other; one exists only insofar as the other recognizes one’s existence ...” (cfr. Gauthier, David, *Rousseau – The sentiment of existence*, Cambridge University Press, New York, 2006, pp. 30 – 31).

¹⁰⁵⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Julie, ou La Nouvelle Héloïse”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 562. “... conflituosas e teimosas e tudo o que se pensa obter delas por motivos sensatos só obtemos, de facto, pelos de temor ou de vaidade que sempre somos obrigados a acrescentar ...”.

“Encore une fois il ne s’agit point de changer le caractere et de plier le naturel, mais au contraire de le pousser aussi loin qu’il peut aller, de le cultiver et d’empêcher qu’il ne dégénere ; car c’est ainsi qu’un homme devient tout ce qu’il peut être, et que l’ouvrage de la nature s’acheve en lui par l’éducation ...”¹⁰⁵⁶.

Todavia, a questão relativa à educação é muito mais complexa, na medida em que, para Rousseau, “Sitot donc que l’éducation est un art, il est presque impossible qu’elle réussisse ...”¹⁰⁵⁷, isto porque “... le concours nécessaire à son succès ne depend de personne ...”¹⁰⁵⁸. Sendo assim, “Tout ce qu’on peut faire à force de soins est d’approcher plus ou moins du but, mais il faut du bonheur pour l’atteindre ...”¹⁰⁵⁹. É este carácter específico da educação, de ser uma arte, que deve ser apreendido¹⁰⁶⁰, manifestando-se no respeito pelo desenvolvimento da criança, objectivo último do qual o educador deve tentar aproximar-se ao máximo. O acto educativo é um acto de subtilidade, como de resto expressa o nosso pedagogo:

“Le chef-d’œuvre d’une bonne éducation est de faire un homme raisonnable, et l’on prétend élever un enfant par la raison ! C’est commencer par la fin, c’est vouloir faire l’instrument de l’ouvrage. Si les enfans entendoient raison ils n’auroient pas besoin d’être élevés ; mais en leur parlant dès leur bas âge une langue qu’ils n’entendent point on les accoutume à se payer de mots, à contrôler tout ce qu’on leur dit, à se croire aussi sages que leur maitres, à devenir disputeurs et mutins ...”¹⁰⁶¹.

¹⁰⁵⁶ Ibidem, p. 566. “Ainda uma vez, não se trata se transformar o carácter e de modificar o natural mas, pelo contrário, de lançá-lo tão longe quanto pode ir, de cultivá-lo e de impedir que degenere, pois é assim que um homem se torna tudo o que pode ser e que a obra da natureza nele se completa pela educação ...”.

¹⁰⁵⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De l’éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 247. “Portanto, uma vez que a educação é uma arte, é quase impossível que ela tenha exito ...”.

¹⁰⁵⁸ Ibidem. “... o concurso necessário ao seu sucesso não depende de ninguém ...”.

¹⁰⁵⁹ Ib.. “Tudo o que podemos fazer à custa de esforços é nos aproximar mais ou menos do alvo, mas é preciso sorte para atingi-lo ...”.

¹⁰⁶⁰ Sobre este assunto a interpretação de Vargas é que: “L’éducation semble donc être condamnée à la simple théorie, sans prétende à quelque application dans la réalité, et le passage de la théorie à la pratique est le lieu de son échec inévitable (...). En clair : l’éducateur, le pédagogue qui irait chercher dans *Emile* quelque nourriture à son métier aura toutes les raisons de fermer le livre après ces trois premières pages !” (cfr. Vargas, Yves, *Introduction à l’Emile de Rousseau*, Presses Universitaires de France, 1995, p. 12).

¹⁰⁶¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De l’éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 317. “A obra-prima de uma boa educação é formar um homem razoável, e pretende-se educar uma criança pela razão! Isso é começar pelo fim, é da obra querer fazer o instrumento. Se as crianças ouvissem a razão, não precisariam ser educadas; mas, falando-se a elas desde a primeira idade numa língua que elas não entendem, estar-se-á acostumando-as a se contentarem com palavras, a controlarem tudo o que lhes é dito, a se acreditarem tão sábias quanto seus mestres, a se tornarem altercadoras e rebeldes ...”.

Esse tempo próprio a cada momento é a condição essencial ao desenvolvimento pleno e harmonioso do educando. Cabe ao educador entender esta realidade, de progresso contínuo e estável, como fundamental ao seu educando:

“Laissez longtems agir la nature avant de vous mêler d’agir à sa place, de peur de contrarier ses opérations. Vous connaissez, dites-vous, le prix du tems, et n’en voulez point perdre ? Vous ne voyez pas que c’est bien plus le perdre d’en mal user que de n’en rien faire, et qu’un enfant mal instruit est plus loin de la sagesse que celui qu’on n’a point instruit du tout ...”¹⁰⁶².

A conservação do estado natural do educando implica que se reconheçam as diferenças entre a criança e o adulto. Ora, para Rousseau, os adultos não conhecem a infância, apenas possuem “... fausses idées qu’on en a, plus on va, plus on s’égare ...”¹⁰⁶³. Porque procuram constantemente “... l’homme dans l’enfant, sans penser à ce qu’il est avant que d’être homme ...”¹⁰⁶⁴, o nosso autor, acusa-os de não “... considérer ce que les enfans sont en état d’apprendre ...”¹⁰⁶⁵. Por esta mesma razão, Rousseau anuncia que o seu propósito relativamente à educação é dirigir a atenção para o educando, “... mon premier objet devoit être de bien connoitre les sujets auxquels j’aurai affaire ...”¹⁰⁶⁶. Dentro deste contexto, o nosso pensador afirma de uma forma peremptória a diferença que existe entre a criança e o adulto. No crescimento do indivíduo devem-se respeitar os diferentes momentos e considerá-los na sua especificidade - “L’humanité a sa place dans l’ordre des choses ; l’enfance a la sienne dans l’ordre de la vie humaine ; il faut considérer l’homme dans l’homme, et l’enfant dans l’enfant ...”¹⁰⁶⁷. Sendo assim, aquilo que o Homem pode e deve fazer é “Assigner à chacun sa place et l’y fixer (...) est tout ce que nous

¹⁰⁶² Ibidem, p. 343. “Deixai a natureza agir bastante tempo antes de resolver agir em seu lugar, temendo contrariar suas opções. Dizeis que conheceis o valor do tempo e não quereis perdê-lo. Não vedes que perdeis muito mais empregando-o mal do que não fazendo nada, e que uma criança mal instruída está mais distante da sabedoria do que aquela que não foi absolutamente instruída ...”.

¹⁰⁶³ Ib., pp. 241 - 242. “... falsas ideias que se têm, quanto mais se anda, mais se fica perdido ...”.

¹⁰⁶⁴ Ib., p. 242. “... o homem na criança, sem pensar no que ela é antes de ser homem ...”.

¹⁰⁶⁵ Ib.. “... considerar o que as crianças estão em condições de aprender ...”.

¹⁰⁶⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Projet pour l’éducation de Monsieur de Sainte-Marie”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 35. “... o meu primeiro trabalho deve ser o de conhecer bem os sujeitos aos quais me vou dirigir ...”.

¹⁰⁶⁷ Ibidem, p. 303. “A humanidade tem o seu lugar na ordem das coisas, e a infância tem o seu na ordem da vida humana; é preciso considerar o homem no homem e a criança na criança ...”.

pouvons faire pour son bien-être ...”¹⁰⁶⁸. Rousseau faz um apelo à humanidade: “Hommes, soyez humains, c’est vôtre premier devoir : soyez-le pour tous les états, pour tous les âges, pour tout ce qui n’est pas étranger à l’homme ...”¹⁰⁶⁹. E qual é o significado desse apelo? O respeito que o Homem deve ter pelo seu desenvolvimento, não interferindo no trajecto que a natureza lhe traçou.

Porque a conservação do estado natural do educando é um objectivo da educação natural, é justamente essa educação que permite ao educando perceber qual é a sua natureza evitando deste modo, confundi-la com a questão do hábito. Sobre esta temática explica o nosso autor:

“Plus nous nous éloignons de l’état de nature, plus nous perdons de nos goûts naturels; ou plutôt l’habitude nous fait une seconde nature que nous substituons tellement à la première que nul d’entre nous ne connaît plus celle-ci. Il suit de là que les goûts les plus naturels doivent être aussi les plus simples ; car ce sont ceux qui se transforment le plus aisément ; au lieu qu’en s’aiguissant, en s’irritant par nos fantaisies ils prennent une forme qui ne change plus ...”¹⁰⁷⁰.

De acordo com Rousseau, o hábito passa a ganhar estatuto de segunda natureza quando consegue fazer esquecer à criança o seu estado originário, porque a natureza é simples é fácil de se esquecer. O hábito é construído e, por isso, é fácil simular realidades tidas como naturais:

“La nature, nous dit-on n’est que l’habitude. Que signifie cela? N’y a-t-il pas des habitudes qu’on ne contracte que par force et qui n’étouffent jamais la nature ? (...) Il en est de même des inclinations des hommes. Tant qu’on reste dans le même état on peut garder celles qui résultent de l’habitude et qui nous

¹⁰⁶⁸ *Ib.*. “Determinar para cada qual o seu lugar e ali fixá-lo (...) é tudo o que podemos fazer pelo seu bem-estar ...”.

¹⁰⁶⁹ *Ib.*, p. 302. “Homens, sede humanos, este é o vosso primeiro dever: sede humanos para todas as condições, para todas as idades, para tudo o que não é alheio ao homem ...”.

¹⁰⁷⁰ *Cfr.* Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De l’éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, pp. 407 - 408. “Quanto mais nos afastamos do estado de natureza, mais perdemos de nossos gostos naturais, ou antes, o hábito forma para nós uma segunda natureza, que substituímos de tal modo à primeira, que ninguém de nós conhece essa primeira. Segue-se daí que os gostos mais naturais devem ser também os mais simples, pois são aqueles que se transformam mais facilmente, ao passo que, ao se aguçarem, ao se irritarem com as nossas fantasias, eles assumem uma forma que não muda mais ...”.

sont moins naturelles ; mais sitot que la situation change l'habitude cesse, et le naturel revient ..." ¹⁰⁷¹.

1.3. A educação natural e a educação convencional

Rousseau considera que a educação natural, ao preocupar-se com o verdadeiro estudo "... de la condition humaine ..." ¹⁰⁷², surge como uma forma de alimento para o Homem, pois, do mesmo modo que temos necessidade de uma ama-de-leite para nos alimentar, também temos necessidade de um preceptor: "Aussi ce mot éducation avoit-il chez les anciens un autre sens que nous ne lui donnons plus: il signifioit nourriture ..." ¹⁰⁷³. Embora reconhecendo dificuldades na implementação de uma educação natural, o nosso autor, mesmo assim, propõe o seu exercício:

"Mais vous ai-je dit que ce fut une entreprise aisée qu'une éducation naturelle? Ô hommes, est-ce ma faute si vous avez rendu difficile tout ce qui est bien? Je sens ces difficultés, j'en conviens: peut-être sont elles insurmontables. Mais toujours est-il sur qu'en s'appliquant à les prévenir, on les prévient jusqu'à certain point. Je montre le but qu'il faut qu'on se propose; je ne dis pas qu'on y puisse arriver; mais je dis que celui qui en approchera davantage aura le mieux réussi ..." ¹⁰⁷⁴.

A pergunta para a qual Rousseau pretende obter resposta é aquela que pretende saber como pode o Homem preservar a sua natureza, "... comment l'homme viendra-t-il à bout de se voir tel que l'a formé la Nature ..." ¹⁰⁷⁵. A resposta que dá a esta pergunta implica que, por um lado, se defina o que é próprio da natureza humana; por outro lado, implica uma educação natural.

¹⁰⁷¹ Ibidem, pp. 247 – 248. "Dizem que a natureza é apenas o hábito. Que significa isso? Não existem hábitos que só se contraem pela força e jamais abafam a natureza? (...). O mesmo ocorre com as inclinações dos homens. Enquanto permanecemos na mesma condição, podemos conservar as que resultam do hábito e nos são menos naturais; mas, assim que a situação muda, o hábito cessa e a natureza retoma ...".

¹⁰⁷² Ib., p. 252. "... o da condição humana ...".

¹⁰⁷³ Ib.. "Assim, a palavra educação tinha entre os antigos um sentido diferente, que já não lhe damos: significava alimentação ...".

¹⁰⁷⁴ Ib., p. 325. "Mas terei dito que era coisa fácil uma educação natural? Ô homens! Será culpa minha se torne difícil tudo o que é bom? Percebo essas dificuldades, concordo; talvez sejam insuperáveis, mas também é verdade que nos esforçando para preveni-las, prevenimo-la até certo ponto. Mostro o alvo que devemos propormos; não digo que não possamos alcançá-lo, mas sim que aquele que mais se aproximar dele será o mais bem-sucedido ...".

¹⁰⁷⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 122. "... como o homem conseguiria ver-se tal como o formou a natureza ...".

Contudo, isto pressupõe que se faça uma distinção rigorosa entre o que é natural e o que é artificial no Homem - "... mais il y a tant de contradictions entre les droits de la nature et nos loix sociales, que pour les concilier, il faut gauchir et tergiverser sans cesse: il faut employer beaucoup d'art pour empêcher l'homme social d'être tout à fait artificiel ..." ¹⁰⁷⁶. Só a partir desse momento, de esclarecimento, é que se poderá compreender a possibilidade de um estado originário:

"Car ce n'est pas une légère entreprise de démêler ce qu'il y a d'originaire et d'artificiel dans la Nature actuelle de l'homme, et de bien connoître un Etat qui n'existe plus, qui n'a peut-être point existé, qui probablement n'existera jamais, et dont il est pourtant nécessaire d'avoir des Notions justes pour bien juger nôtre état présent ..." ¹⁰⁷⁷.

Na educação natural, então, "... les hommes étant tous egaux leur vocation commune est l'état d'homme ..." ¹⁰⁷⁸, consegue-se evitar o estado de tensão interna que existe na educação convencional. Mais uma vez, o que está em causa é o tema da incompatibilidade entre homem natural e o homem social, fazendo-nos reflectir sobre que tipo de educação se quer estabelecer, "... que faire (...), quand au lieu d'élever un homme pour lui même on veut l'élever pour les autres? Alors le concert est impossible ..." ¹⁰⁷⁹. Por conseguinte, há uma pergunta que se impõe: que resultados esperar de uma educação natural e de uma educação convencional? A resposta de Rousseau é categórica:

"Les bonnes institutions sociales sont celles qui savent le mieux dénaturer l'homme, lui ôter son existence absolue pour lui en donner une relative,

¹⁰⁷⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Emile ou De l'éducation", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 640.

"Existem, porém, tantas contradições entre os direitos da natureza e as nossas leis sociais que, para conciliá-los, é preciso deformar e tergiversar sem cessar, é preciso usar de muita arte para impedir o homem social de ser totalmente artificial ...".

¹⁰⁷⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 123. "Pois não é de pouca monta o empreendimento de distinguir o que há de original e de artificial na natureza actual do homem e de bem conhecer um estado que já não existe, que talvez não tenha existido, que provavelmente jamais existirá, e do qual é necessário, porém, ter noções exactas para bem julgar nosso estado presente ...".

¹⁰⁷⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Emile ou De l'éducation", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 252. "... sendo os homens todos iguais, sua vocação comum é a condição de homem ...".

¹⁰⁷⁹ *Ibidem*, p. 248. "... que fazer (...), se, em vez de educar um homem para si mesmo, queremos educá-lo para os outros? Este acordo torna-se, então, impossível ...".

et transporter le moi dans la unité commune; en sorte que chaque particulier ne se croye plus un, mais partie de l'unité, et ne soit plus sensible que dans le tout ...¹⁰⁸⁰.

Assim sendo, parece que o Homem, ao pretender corrigir a sua própria natureza, o que consegue é instalar uma espécie de confusão de identidade, pois quando tenta conciliar aspectos da ordem social com aspectos da ordem natural "... il ne será jamais ni homme ni citoyen; il ne sera bon ni pour lui ni pour les autres. Ce será un de cês hommes de nos jours; un François, un Anglois, un Bourgeois; ce ne será rien ..." ¹⁰⁸¹. O que verdadeiramente Rousseau condena na educação convencional é o facto de ela esvaziar o sentido da condição humana. O Homem fica descaracterizado¹⁰⁸², deixa de ser visto como um indivíduo auto-suficiente, passando a ser concebido como uma função do sistema social:

"Dans l'ordre social, où toutes les places sont marquées, chacun doit être eleve pour la sienne. Si un particulier forme pour sa place en sort il n'est plus propre à rien. L'éducation n'est utile qu'autant que la fortune s'accorde avec la vocation des parens; en tout autre cas elle est nuisible à l'élève, ne fut-ce que par les préjugés qu'elle lui a donnés ..." ¹⁰⁸³.

¹⁰⁸⁰ Ib., p. 249. "As boas instituições sociais são as que melhor sabem desnaturar o homem, retirar-lhe sua existência absoluta para dar-lhe uma relativa, e transferir o eu para a unidade comum, de sorte que cada particular não se julgue mais como tal, e sim como uma parte da unidade, e só seja perceptível no todo ...".

¹⁰⁸¹ Ib., p. 250. "... jamais será nem homem, nem cidadão; não será bom nem para si mesmo, nem para os outros. Será um dos homens de hoje, um francês, um inglês, um burguês; não será nada ...".

¹⁰⁸² Ib., p. 253. "Toute nôtre sagesse consiste en préjugés serviles; tous nos usages ne sont qu'assujettissement, gêne, et contrainte. L'homme civil nait, vit et meurt dans l'esclavage (...) tant qu'il garde la figure humaine il est enchainé par nos institutions ...". "Toda a nossa sabedoria consiste em preconceitos servis, todos os nossos costumes não passam de sujeição, embaraço e constrangimento. O homem civil nasce, vive e morre na escravidão; (...) enquanto conservara figura humana, está acorrentado por nossas instituições ...".

¹⁰⁸³ Ib., p. 251. "Na ordem social, onde todos os postos são marcados, cada um deve ser educado para o seu. Se um particular formado para seu posto vem a deixá-lo, já não serve para nada. A educação só é útil na medida em que a fortuna se harmonize com a vocação dos pais; em qualquer outro caso, ela é nociva ao aluno, ao menos pelos preconceitos que lhe inculcou ...".

2. Segundo princípio: a responsabilidade orientadora do preceptor

2.1. Consideração prévia

Rousseau considera que a educação dos filhos, idealmente, deve ser da responsabilidade do pai. Por isso, critica todo aquele progenitor que paga a outros para educar os seus filhos, acusando-o de abandono - "Il paye un autre homme pour remplir ces soins qui lui sont à charge. Ame venale ! crois-tu donner à ton fils un autre père avec l'argent ? Ne t'y trompe point ; ce n'est pas même un maître que tu le donnes, c'est un valet ..." ¹⁰⁸⁴.

Porém, o nosso autor não exclui a possibilidade do preceptorado em determinadas condições. Daí ser pertinente definir qual o papel do preceptor. Duas questões daqui emergem. A primeira: o que deve fazer o preceptor? A segunda: qual a finalidade daquilo que faz? Para Rousseau, "C'est en considérant cequ'il doit faire que nous verrons ce qu'il doit être ..." ¹⁰⁸⁵. Referindo-se à figura do preceptor pergunta em tom irónico: "Ce rare mortel est-il introuvable?" ¹⁰⁸⁶, sendo a resposta bastante ilustrativa do seu estado de alma "Je l'ignore. En ces tems d'avilissement qui sait à quel point de vertu peut atteindre encore une ame humaine?" ¹⁰⁸⁷. Parece, pois, que a figura de preceptor, tal como Rousseau a entende, deve compreender um conjunto de qualidades, destacando-se, de entre elas, aquela que o caracteriza como pessoa virtuosa, aquela que encara a sua tarefa como uma missão. Sobre este assunto, o nosso autor, tem uma posição definida:

"On raisonne beaucoup sur les qualités d'un gouverneur. La première que j'en exigerois, et celle-là seule en suppose beaucoup d'autres, c'est de n'être point un homme à vendre. Il y a des metiers si nobles qu'on ne peut les faire pour de

¹⁰⁸⁴ Ib., p. 263. "Ele paga a outro homem para realizar esses trabalhos que são de sua obrigação. Alma venal! Crês dar com o dinheiro outro pai a teu filho? Não te enganes; não é nem mesmo um professor que lhe dás, mas um criado ...".

¹⁰⁸⁵ Ib.. "É considerando aquilo que ele deve fazer que nós veremos o que ele deve ser ...".

¹⁰⁸⁶ Ib.. "Esse raro mortal não pode ser encontrado?".

¹⁰⁸⁷ Ib.. "Ignoro. Nestes tempos de aviltamento, quem sabe a que ponto de virtude ainda pode chegar uma alma humana?".

**l'argent sans se montrer indigne de les faire : tel est celui de l'homme de guerre ;
tel est celui de instituteur ..."**¹⁰⁸⁸.

2.2. O preceptorado

2.2.1. A importância da figura do preceptor

Ser preceptor é ser alguém digno a quem se pode confiar a educação dos filhos. O que o autor questiona é o facto de muitas vezes os pais confundirem a figura do preceptor com a daqueles que a troco de dinheiro vendem um serviço: "Un gouverneur ! Ô quelle ame sublime... en vérité, pour faire un homme, il faut être ou père ou plus qu'homme soi-même. Voilà la fonction que vous confiez tranquillement à des mercenaires ..." ¹⁰⁸⁹. Considera o nosso pensador que ser preceptor¹⁰⁹⁰ implica ser alguém cuja educação foi cuidada e, portanto, salvaguardada de qualquer tipo de preconceitos¹⁰⁹¹, "Comment se peut-il qu'un enfant soit bien élevé par qui n'a pas été bien élevé lui-même ?" ¹⁰⁹². Por essa mesma razão é que Wolmar, uma das personagens de *Julie*,

¹⁰⁸⁸ Ib.. "Muito se tem raciocinado sobre as qualidades de um bom preceptor. A primeira qualidade que eu exigiria dele, e só esta supõe muitas outras, é a de não ser um homem venal. Há ofícios tão nobres que ninguém pode fazê-los por dinheiro sem se mostrar digno de fazê-los; é o caso do soldado e também do preceptor ...".

¹⁰⁸⁹ Ib.. "Um preceptor! Que alma sublime... Na verdade, para criar um homem é preciso ser ou pai, ou mais do que um homem. Eis a função que confiais a mercenários ...".

¹⁰⁹⁰ A conclusão de Burgelin é de que "... ce rare mortel" nous renvoie au philosophe de la cité platonicienne. Comme le dit Rousseau à Beaumont en toute simplicité : «Si des hommes sans passions instruisoient des hommes sans préjugés, ... la raison régneroit toujours» (*supra*, p. 968). Évidemment. L'interprétation de notre gouverneur suppose qu'il est Athéna, la Raison elle-même, extérieure d'abord au sujet, à laquelle ce dernier finit par prêter serment d'obéissance, au moment où il devient libre, c'est-à-dire lorsque la raison est passée de l'extérieur à l'intérieur du sujet sage, lorsqu'elle est devenue, en langage hégélien, consciente de soi ..." (cfr. Burgelin, P., "Notes et Variantes" [263], in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes* Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, pp. 1312-1313).

¹⁰⁹¹ Para Vargas : "La "place" du gouverneur est une place vide, non parce qu'elle est trop difficile à occuper (vivre sans femme, sans repos, sans désir ...) mais parce qu'elle désigne une nécessité autant qu'une impossibilité : réussir l'éducation d'Emile impliquerait d'avoir été soi-même élevé pour cela, et de même le gouverneur de ce gouverneur, etc. Il y a plus, ce gouverneur ne peut occuper sa place que dans un monde sur mesure qui ne risque pas d'annuler ses actes par les faits, par les vices. Bref, il faut refaire le monde, revenir au commencement des temps, être à la place de Dieu ..." (cfr. Vargas, Yves, *Introduction à l'Emile de Rousseau*, Presses Universitaires de France, 1995, p. 274).

¹⁰⁹² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Emile ou De l'éducation", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 263. "Como é possível que uma criança seja bem educada por quem não tenha sido bem educado?".

afirma: “Le respectable état de précepteur exige tant de talents qu’on ne sauroit payer, tant de vertus qui ne sont point à prix, qu’il est inutile d’en chercher un avec de l’argent ...”¹⁰⁹³.

A educação dada pelo preceptor é uma educação personalizada¹⁰⁹⁴, dirigida a um aluno em particular, em que o papel do preceptor é acompanhá-lo por um longo período e em regime de exclusividade¹⁰⁹⁵. A ciência que o educando tem de aprender é a ciência dos deveres do Homem e, neste sentido, o autor não distingue a figura do preceptor da figura do governador¹⁰⁹⁶, no próprio sentido sociopolítico do termo, pois a tarefa do preceptor é conduzir o educando a descobrir aquilo que ele, preceptor, quer que seja descoberto:

“Vous distinguez le precepteur du gouverneur : autre folie ! Distinguez-vous le disciple de l’élève ? Il n’y a qu’une science à enseigner aux enfants ; c’est celle des devoirs de l’homme. Cette science est une, et, quoi qu’ait dit Xenophon de l’Éducation des Perses, elle ne se partage pas. Au reste, j’appelle plutôt gouverneur que precepteur le maître de cette science ; parce qu’il s’agit moins pour lui d’instruire que de conduire. Il ne doit point donner de préceptes, il doit les faire trouver ...”¹⁰⁹⁷.

¹⁰⁹³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Julie, ou La Nouvelle Héloïse”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 507. “A respeitável condição de preceptor exige tantos talentos que não se poderiam pagar, tantas virtudes que não se vendem, que é inútil procurar com dinheiro ...”.

¹⁰⁹⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De l’éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 266. Como escreve o autor: “Il est fort différent, j’en conviens, de suivre un jeune homme durant quatre ans, ou de le conduire durant vingt-cinq. Vous donnez un gouverneur à votre fils déjà tout formé ; moi je veux qu’il en ait un avant que de naître. Votre homme à chaque lustre peut changer d’élève ; le mien n’en aura jamais qu’un ...”. “Concordo que é muito diferente acompanhar um rapaz durante quatro anos, ou conduzi-lo durante vinte e cinco. Dais um preceptor ao vosso filho quando ele já está formado; eu quero que ele tenha um antes de nascer. Vosso homem pode trocar de aluno a cada sucesso obtido, o meu não terá mais do que um ...”.

¹⁰⁹⁵ Escreve Gauthier: “From Émile’s earliest years, the Tutor is his constant companion, and it is only this constancy that permits the Tutor to perform his task ...” (cfr. Gauthier, David, *Rousseau – The sentiment of existence*. Cambridge University Press, New York, 2006, p. 31).

¹⁰⁹⁶ “Émile’s Tutor gives life to Rousseau’s ideas; he does what Rousseau would do. He is thus an idealized Jean-Jacques, able to put into practice the principles of pedagogy that the real Rousseau can only articulate in theory. We shall encounter a different Jean-Jacques in the novel *Julie* – the pseudonymous St. Preux, also a tutor, but whose role is to express not Rousseau’s idea of pedagogy but his ideal of love. But Émile’s Tutor, unlike St. Preux, is also one of Rousseau’s redemptive artificers, persons who, immune themselves from denaturing, possess, or seem to possess, the power to lift their fellows from their fallen condition. In this respect the Tutor joins the Legislator of Rousseau’s political writings, and Julie’s husband Wolmar in his novel ...” (Ibidem, pp. 31 – 32).

¹⁰⁹⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De l’éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 266. “Distinguis o preceptor do governador: outra loucura! Distinguis o discípulo do aluno? Só há uma ciência a ensinar as crianças, que é a dos deveres de homem. Essa ciência é uma e, diga Xenofonte o que dizer da educação dos persas, ela não se divide. De resto prefiro chamar de governador e não de preceptor o professor dessa ciência, pois trata-se menos, para ele, de instruir do que de dirigir. Não deve dar preceitos, e sim fazer com que eles sejam encontrados ...”.

Rousseau considera que a criança começa a sua educação com o nascimento, de onde que entenda que a natureza seja o seu primeiro mestre. Garantir que a natureza siga o seu percurso será a tarefa do preceptor¹⁰⁹⁸: "... en naissant l'enfant est déjà disciple, non du gouverneur, mais de la nature. Le gouverneur ne fait qu'étudier sous ce premier maître et empêcher que ses soins ne soient contrariés ..." ¹⁰⁹⁹. O apelo que o autor dirige ao preceptor é bastante claro: "Jeune instituteur, je vous prêche un art difficile ; c'est de gouverner sans préceptes et de tout faire en ne faisant rien ..." ¹¹⁰⁰. Se há algo que o preceptor possa fazer é não fazer nada. Neste processo, quem deve sobressair é o educando; por isso afirma Rousseau: "Cet art, j'en conviens, n'est pas de vôtre âge ; il n'est pas propre à faire briller d'abord vos talents, ni à vous faire valoir auprès des pères ; mais c'est le seul propre à réussir ..." ¹¹⁰¹.

Em determinadas apreciações, poderá parecer que Rousseau desvaloriza a figura do preceptor, "Le grand inconvénient de cette première éducation est qu'elle n'est sensible qu'aux hommes clairvoyans, et que dans un enfant levé avec tant de soin des yeux vulgaires ne voyent qu'un poliçon ..." ¹¹⁰²; contudo, não é isso que sucede. Quando afirma que a clarividência é algo essencial à primeira educação, o que está em causa é chamar a atenção do preceptor para a importância do lugar que ele deve ocupar¹¹⁰³. O estatuto do preceptor é, portanto, muito específico. É essa especificidade que caracteriza a relação que estabelece com o seu educando, a qual é

¹⁰⁹⁸ Sobre este assunto escreve O'Hagan: "To form a firm identity requires discipline, so "the capriciousness of children is never the work of nature but of bad discipline". It is thus to promote the freedom of his knowledge of the "natural movement of the human heart", manoeuvres the setting so that the drives will be well directed. Concealment, guile and stage setting are techniques deployed by the tutor ..." (cfr. O'Hagan, Timothy. *Rousseau*. Routledge, London, 2003, p. 81).

¹⁰⁹⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Emile ou De l'éducation", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 279. "... ao nascer a criança já é discípula, não do preceptor, mas da natureza. O preceptor só estuda com esse primeiro mestre e impede que os seus esforços sejam contrariados ...".

¹¹⁰⁰ *Ibidem*, p. 362. "Jovem professor, prego-vos uma arte difícil, a de educar sem preceitos e tudo fazer sem nada fazer ...".

¹¹⁰¹ *Ib.*. "Concordo que essa arte não é própria para a vossa idade; não serve para fazer brilhar vossos talentos, nem para vos realçar diante dos pais, mas é a única capaz de ser bem sucedida ...".

¹¹⁰² *Ib.*, p. 424. "O grande inconveniente dessa primeira educação é que só ela é perceptível aos homens clarividentes e, numa criança educada com tanto trabalho, olhos vulgares veem apenas um traquin ...".

¹¹⁰³ Vargas coloca a questão nos seguintes termos: "En un mot, le gouverneur doit vivre en deux temps à la fois, le présent et le futur, il n'est pas visionnaire mais précurseur, au sens où le précurseur serait cet homme qui vivrait le futur sans sortir de son présent. Il ne s'agit pas de "prévoyance" qui construit un avenir incertain au détriment du présent, mais de prévision qui fixe le présent dans ce qu'il est en tant qu'il est déjà son devenir : sorte d'avant-garde de humanité, la nature faite philosophie marche au même pas que l'homme, mais un pas en avant ..." (cfr. Vargas, Yves, *Introduction à l'Emile de Rousseau*, Presses Universitaires de France, 1995, p. 278).

fundamentada numa espécie de acordo tácito: o educando pensa ser ele a comandar a relação, quando na realidade não é isso que ocorre:

“... qu’il croye toujours être le maitre et que ce soit toujours vous qui le soyez. Il n’y a point d’assujettissement si parfait que celui qui garde l’apparence de la liberté ; on captive ainsi la volonté même. Le pauvre enfant qui ne sait rien, qui ne peut rien, qui ne connoit rien, n’est-il pas à vôtre merci ? (...). N’êtes-vous pas le maitre de l’affecter comme il vous plait ? Ses travaux, ses jeux, ses plaisirs, ses peines, tout n’est-il pas dans vos mains sans qu’il le sache ? Sans doute, il ne doit faire que ce qu’il veut ; mais il ne doit vouloir que ce que vous voulez qu’il fasse ; il ne doit pas faire un pas que vous ne l’ayez prévu, il ne doit pas ouvrir la bouche que vous ne sachiez ce qu’il va dire ...”¹¹⁰⁴.

2.2.2. O preceptorado das aldeias e das cidades

É justamente neste contexto que é importante considerar as diferenças entre o preceptor da aldeia e o preceptor da cidade. Para Rousseau, o preceptor da aldeia é mais autónomo na escolha livre que faz dos objectos que apresenta ao educando, sendo que a sua responsabilidade é exercida de forma directa, não necessitando de mediadores:

“Au village un gouverneur sera beaucoup plus maitre des objets qu’il voudra présenter à l’enfant ; sa réputation, ses discours, son exemple auront une autorité qu’ils ne sauroient avoir à la ville : étant utile à tout le monde chacun s’empressera de l’obliger, d’être estimé de lui, de se montrer au disciple tel que le maitre voudroit qu’on fut en effet, et si l’on ne se corrige pas du vice on s’abstiendra du scandale ; c’est tout ce dont nous avons besoin pour nôtre objet ...”¹¹⁰⁵.

¹¹⁰⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De l’éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, pp. 362 - 363. “... que ele sempre acredite ser o mestre, e que sempre o sejais vós. Não há sujeição mais perfeita de que a que conserva a aparência de liberdade; assim, se cativa a própria vontade. A pobre criança que nada sabe, que nada pode, que nada conhece, não está à vossa mercê? (...). Não podeis agir sobre ela como quereis? Seus trabalhos, suas brincadeiras, seus prazeres, seus sofrimentos, não está tudo nas vossas mãos sem que ela saiba? Sem dúvida, ela só deve fazer o que quer, mas só deve querer o que quereis que ela faça. Ela não deve dar um passo sem que o tenhais previsto; não deve abrir a boca sem que saibais o que vai dizer ...”.

¹¹⁰⁵ Ibidem, p. 326. “Na aldeia, um preceptor será muito mais senhor dos objectos que quise apresentar à criança. Sua reputação, seus discursos, seu exemplo terão uma autoridade que não poderiam ter na cidade. Sendo útil a todos, todos se esforçarão por obsequiá-lo, por serem estimados

Inevitavelmente, as consequências desta escolha vão-se reflectir na educação. O preceptor da aldeia garante uma educação natural, permitindo que o seu educando permaneça no estado que lhe é mais conveniente; quanto ao preceptor da cidade, esse garante uma educação convencional, obrigando o seu educando a abandonar o estado natural e a transitar para um estado social¹¹⁰⁶. Não deixa de ser pertinente a crítica que Rousseau dirige ao preceptor da cidade, acusando-o de não promover a autonomia do educando:

“Savant precepteur, voyons lequel de nos deux élèves ressemble au sauvage et lequel ressemble au paysan ? Soumis en tout à une autorité toujours enseignante, le vôtre ne fait rien que sur parole, il n’ose manger quand il a faim, ni rire quand il est gai, ni pleure quand il est triste, ni présenter une main pour l’autre, ni remuer le pied que comme on le lui prescrit, bientôt il n’osera respirer que sur vos règles. A quoi voulez-vous qu’il pense, quand vous pensez à tout pour lui ?”¹¹⁰⁷.

Porque destituído de uma vontade autónoma, o educando da cidade mais parece um boneco construído por terceiros e articulado de acordo com a função que terá de cumprir dentro do sistema social¹¹⁰⁸. Pelo contrário, o educando da aldeia é aquele que se basta a si mesmo,

por ele, por se apresentarem ao discípulo tal como o mestre gostaria que fossem de facto, e, se não se corrigirem do vício, abster-se-ão do escândalo. Isso é tudo de que precisamos para o nosso objecto ...”.

¹¹⁰⁶ Vargas para falar deste assunto começa por esclarecer a expressão *le double de la nature*. E sobre este assunto escreve: “Cet intitulé est acceptable à la condition de préciser ce qu’on entend par “lui-même”. Si on prend l’expression en un sens empirique et qu’on fait de l’éducation une sorte d’autodéveloppement, on tombe dans le dilemme de faire Emile heureux mais sauvage (réellement seul) ou social mais misérable, or il s’agit de le faire social et heureux. Il faut donc préciser : “lui-même” ne désigne pas l’individu empirique, mais sa nature, le “coeur” en lui qui n’est pas encore mort ...” (cf. Vargas, Yves, *Introduction à l’Emile de Rousseau*, Presses Universitaires de France, 1995, p. 275).

¹¹⁰⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De l’éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 360. “Douto preceptor, vejamos qual dos nossos alunos se assemelha ao selvagem, e qual se parece com o camponês. Submisso em tudo a uma autoridade sempre a ensinar, o vosso nada faz a não ser quando lhe dizem; não ousa comer quando tem fome, nem rir quando está alegre, nem chorar quando está triste, nem mostrar uma mão em vez de outra, nem mexer o pé a não ser como lhe é prescrito: logo ele não ousará respirar a não ser de acordo com vossas regras ...”.

¹¹⁰⁸ Sobre este assunto problematiza Gauthier. Parece existir um dilema na compreensão do pensamento de Rousseau quando pretendemos relacionar a noção de liberdade (do educando) com a figura do tutor? Concentrando-se na análise do Emílio, Gauthier explica: “To structure Émile’s environment so that nothing interferes with the course of nature requires his entire dependence on the Tutor. Since nature has been banished from society, the Tutor’s will must serve as substitute, so that what happens to Émile must be and must be only what the Tutor wills to happen. And yet Émile must remain entirely independent of others and their wills - and so of the will of the Tutor. How is this possible? How can Émile be at once totally dependent on the Tutor and yet dependent only on things and never on the wills of other persons? How can an education that requires complete dependence bring Émile to independence? Rousseau is well aware that overcoming this apparent contradiction is that task that he has set

justamente na medida em que sabe o que lhe é conveniente, "... celui de la nature, exercé de bonne heure à se suffire à lui-même autant qu'il est possible (...), il juge, il prévoit, il raisonne en tout ce qui se rapporte immédiatement à lui. Il ne jase pas, il agit ; il ne sait pas un mot de ce qui se fait dans le monde, mais il sait fort bien faire ce qui lui convient ..."1109.

2.3. A relação preceptor/educando

Para Rousseau, o preceptor deve ser alguém com poder de exercer autoridade sobre o educando, isto porque "... un enfant qui ne tarde pas à s'apercevoir de l'impuissance d'un maître à son égard, en prend occasion de faire peu de cas de ses défenses et de ses préceptes, et de détruire sans retour l'ascendant que l'autre s'efforçoit de prendre ..."1110. Contudo, essa autoridade deve ser exercida simultaneamente amável e subtilmente, de modo a que o educando a aceite voluntariamente: "Un maître doit être craint ; il faut pour cela que l'élève soit bien convaincu qu'il est en droit de le punir : mais il doit sur-tout être aimé ..."1111.

Queria também o nosso autor que a relação preceptor/educando fosse construída sobre um sólido plano de estudos traçado pelo preceptor1112, tendo sempre em consideração os interesses do aluno:

the Tutor – or if you like, has set himself. He begins with the idea of "well-regulated freedom." (Bl.92, OC4.321). Émile knows nothing of "the laws of the possible and the impossible... they can be expanded and contracted around him as one wants." (Ibid.). The Tutor must be the master, and « [y]ou will not be the child's master if you are not the master of all that surrounds him." (Bl.95, OC4.325). Rousseau's insistence on total control is clear. But this is not how things are to appear to Émile. His dependence must appear to him as independence. He may see no will opposed to or affecting his own, so that the Tutor's contrivances must appear to him as the natural course of events ..." (cfr. Gauthier, David, *Rousseau – The sentiment of existence*. Cambridge University Press, New York, 2006, pp. 35 – 36).

1109 Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Emile ou De l'éducation", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 361. "... ao aluno da natureza, desde cedo treinado a bastar-se a si mesmo tanto quanto possível (...), julga, prevê, raciocina sobre tudo o que se relaciona imediatamente com ele mesmo. Não fala , mas age; não sabe uma palavra do que se faz na sociedade, mas sabe muito bem o que lhe convém ...".

1110 Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Projet pour l'éducation de Monsieur de Sainte-Marie", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 36. "... uma criança que não tarde a aperceber-se da impotência do mestre em relação a ela, aproveita para fazer pouco caso das suas proibições e dos seus preceitos, e de destruir sem retorno o ascendente que o outro se esforçou por tomar ...".

1111 Ibidem, p. 37. "Um mestre deve ser temido; é preciso para isso que o aluno esteja bem convencido que ele está no direito de o punir: mas ele deve sobretudo ser amado ...".

1112 Ib., p. 40. "Je vais maintenant tracer l'esquisse de son éducation telle que j'en avois conçu le plan sur ce que j'ai connu jusqu'ici de son caractère et de vos vues ...". "Vou agora traçar o esboço da sua educação tal como disse concebi o plano a partir do que conheci até aqui do seu carácter e das vossas opiniões ...".

“... les sciences ne doivent pas être négligées, j’en parlerai tout-à-l’heure, mais aussi elles ne doivent pas précéder les mœurs sur-tout dans un esprit pétillant et plein de feu, peut capable d’attention jusqu’à un certain âge et dont le caractère se trouvera décidé très à bonne heure. A quoi sert à un homme le savoir de Varron, si d’ailleurs il ne sait pas penser juste ...”¹¹¹³.

Deste modo, a responsabilidade do preceptor passa pela formação do educando em três domínios fundamentais, a saber: a formação do coração, a formação do julgar e a formação do espírito. Assim, Rousseau critica aqueles preceptores que apenas valorizam a ciência como único aspecto principal da educação, “... c’est de lui former le coeur, le jugement, et l’esprit; et cela dans l’ordre que je les nomme: la plupart des maîtres, les pédans sur-tout, regardent l’acquisition et l’entassement des sciences comme l’unique objet d’une belle éducation ...”¹¹¹⁴.

Para o nosso autor, o preceptor deve mostrar aos discípulos a importância de se trabalhar de um modo sério e permanente “... et de se faire ainsi à leurs dépens la réputation d’homme exact et laborieux ...”¹¹¹⁵. Rousseau é bastante claro quanto à responsabilidade de ser preceptor:

“... je le déclare une fois pour toutes; jaloux jusqu’au scrupule de l’accomplissement de mon devoir, je suis incapable de m’en relâcher jamais : mon goût ni mes principes ne me portent ni à la paresse ni au relâchement : mais de deux voies pour m’assurer le même succès, je préférerai toujours celle qui coûtera le moins de peine et de désagrément à mes élèves, et j’ose assurer, sans vouloir passer pour un homme très-occupé, que moins ils travailleront en apparence, et plus en effet je travaillerai pour eux ...”¹¹¹⁶.

¹¹¹³ *Ib.*, p. 41. “... as ciências não devem ser negligenciadas, como o disse ainda agora, mas também elas não devem preceder os costumes sobretudo num espírito cintilante e cheio de fogo, pouco capaz de atenção até uma certa idade e cujo carácter se decidirá em boa hora. De que serve a um homem saber de Varrão, se por outro lado ele não sabe pensar com justeza ...”.

¹¹¹⁴ *Ib.* “... é de lhe formar o coração, o julgamento e o espírito; e isso na ordem em que os nomeie: a maior parte dos mestres, sobretudo os pedantes, olham para a aquisição e a acumulação das ciências como o único objecto de uma bela educação ...”.

¹¹¹⁵ *Ib.*, p. 43. “... e de se apresentar assim a eles depende a reputação do homem exacto e laborioso ...”.

¹¹¹⁶ *Ib.* “...declaro-o de uma vez por todas; cioso até ao escrupulo do cumprimento do meu dever, sou incapaz de me descuidar jamais: o meu gosto nem os meus princípios me levam nem à preguiça nem ao relaxamento: mas das duas vias para me assegurar do meu sucesso, prefiro sempre aquele que tratará menos penas e desconforto aos meus alunos, e ousa assegurar, sem querer passar por um homem muito ocupado, que quanto menos eles trabalharem em aparência, mais efectivamente eu trabalho para eles ...”.

O preceptor é alguém que estabelece com o educando uma relação de caráter privado. Essa relação de caráter privado permite que preceptor e educando possam negociar um acordo no qual está salvaguardado o interesse de ambas as partes:

“... et quel moien à un Precepteur de se faire aimer d’un Enfant à qui il n’a jamais à proposer que des occupations contraires à son gout, si d’ailleurs il n’a le pouvoir de lui accorder certaines petites douceurs de détail qui ne coûtent presque ni dépense ni perte de tems et qui ne laissent pas, étant ménagées à propos, d’être infiniment sensibles à un Enfant et de l’attacher beaucoup à son Maître?”¹¹¹⁷.

Rousseau tem consciência da dificuldade que existe em construir uma relação deste tipo, assente na esfera do privado; no entanto, e como o próprio diz, “Ces réflexions m’ont occupé dès longtems et sur les consequences que j’en ai tirées j’avois formé un plan d’éducation bien différente de celle qui est en usage. Je ne sais quel en seroit le succès; ce que je puis dire, c’est qu’il est trop opposé et aux idées receuës et aux coutumes établies ...”¹¹¹⁸. Compreende-se, assim, que o sucesso desta educação está estritamente ligado à qualidade da relação estabelecida entre preceptor e educando¹¹¹⁹. Essa relação de cumplicidade manifesta-se nas palavras do preceptor de Emile:

“Vous n’imaginez pas comment à vingt ans Emile peut être docile ? Que nous pensons différemment ! Moi je ne conçois pas comment il a pu l’être à dix; car quelle prise avois-je sur lui à cet âge ? Il m’a fallu quinze ans de soins pour me ménager cette prise. Je ne l’élevois pas alors, je le préparois pour être docile ; il

¹¹¹⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Memoire présenté a Monsieur de Mably sur l’éducation de M. son fils”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 5. “... e que meio tem um Perceptor de se fazer amar por uma Criança a quem ele nunca propôs mais do que ocupações contrárias ao seu gosto, se por outro lado ele não tem o poder de lhe conceder certas pequenas gentilezas de detalhe que não custam nada nem dispensam perda de tempo e que não deixam, se geridas com propósito, de ser infinitamente sensíveis a uma Criança e de a ligar muito ao seu Mestre?”.

¹¹¹⁸ Ibidem, p. 9. “Estas reflexões ocuparam-me longamente e das consequências que delas tirei formei um plano de educação bem diferente daquele que está em uso. Não sei qual será o seu sucesso; o que posso dizer é que ele é muito oposto quer às ideias recebidas quer aos costumes estabelecidos ...”.

¹¹¹⁹ Segundo Gauthier “... the trick is done ; Émile has internalized the Tutor’s will. He does this by identifying his own will with what he understands as Tutor’s laws ...” (cfr. Gauthier, David, *Rousseau – The sentiment of existence*. Cambridge University Press, New York, 2006, p. 37).

reconoit la voix de l'amitié et il sait obéir à la raison. Je lui laisse, il est vrai, l'apparence de l'indépendence, mais jamais il ne me fut mieux assujeti, car il l'est parce qu'il veut être. Tant que je n'ai pu me rendre maître de sa volonté je le suis demeuré de sa personne ; je ne le quittois pas d'un pas. Maintenant je le laisse quelquefois à lui-même parce que je le gouverne toujours ..."¹¹²⁰.

E manifesta-se, também, nas palavras do próprio Emile:

"Ô mon ami, mon protecteur, mon maître! Reprenez l'autorité que vous voulez déposer au moment qu'il m'importe le plus qu'elle vous reste ; vous ne l'aviez jusqu'ici que par ma foiblesse, vous l'aurez maintenant par ma volonté, et elle m'en sera plus sacrée. Défendez-moi de tous les ennemis qui m'assiègent, et surtout de ceux que je porte avec moi et qui me trahissent ; veillez sur votre ouvrage, afin qu'il demeure digne de vous ..."¹¹²¹.

O papel passivo, outrora característica do preceptor que se limitava a exercer a função mecânica de ensinar, passa agora a ser activo, por via do compromisso que assume com o educando. A responsabilidade do preceptor deixa de estar ligada ao cumprimento da sua função, para a qual era pago, passando a estar ligada ao compromisso pessoal que assumiu. É o próprio Emile que exprime os resultados dessa relação quando afirma: "Je veux obéir à vos loix, je le veux toujours, c'est ma volonté constante ; si jamais je vous desobéis ce sera malgré moi ; rendez-moi libre en me protégeant contre mes passions qui me font violence ; empêchez-moi d'être leur

¹¹²⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Emile ou De l'éducation", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 661.

"Não podeis imaginar como, aos vinte anos, Emilio pode ser dócil. Como pensamos de maneira diferente! Da minha parte, não consigo conceber como ele pôde sê-lo aos dez anos, pois que autoridade tinha eu sobre ele naquela idade? Precisei de quinze anos de trabalhos para obter essa autoridade. Na época, eu não o educava, preparava-o para ser educado. Agora ele o é o bastante para ser dócil, reconhece a voz da amizade e sabe obedecer à razão. É verdade que lhe concedo uma aparência de independência, mas nunca esteve tão submetido a mim, porque o está porque quer. Enquanto não pude apoderar-me da sua vontade, permaneci senhor da sua pessoa; não o deixei por um instante. Agora deixo-o às vezes entregue a si mesmo, porque o governo a todo o instante ...".

¹¹²¹ Ibidem, p. 651. "Meu amigo, meu protector, meu mestre, retoma a autoridade de que queres abdicar no momento em que é mais importante para mim que permaneças; até agora só a tinhas por causa da minha fraqueza, mas agora a terás por minha vontade, e assim ela será mais sagrada para mim. Defende-me de todos os inimigos que me assaltam, e sobretudo dos que trago comigo e que me traem; cuida de tua obra, para que eu permaneça digno de ti ...".

esclave et forcez-moi d'être mon propre maitre en n'obéissant point à mes sens, mais à ma raison ..."¹¹²².

Rousseau também entende ser muito importante que se responsabilize a criança. Através da negociação, o preceptor faz com que a criança se responsabilize pelas consequências da sua acção. Senão veja-se:

“Enfin après que l'enfant aura demeuré là plusieurs heures, assés longtems pour s'y ennuyer et s'en souvenir, quelqu'un lui suggérera de vous proposer un accord au moyen duquel vous lui rendriez la liberte, e il casseroit plus de vitres; il ne demandera pas mieux. Il vous fera prier de le venir voir, vous viendrez, il vous fera sa proposition, et vous l'accepterez à l'instant en lui disant: c'est très bienpensé, nous y gagnerons tous deux, que n'avez-vous eu plus tôt cette bonne idée! Et puis, sans lui demander ni protestation, ni confirmation de sa promesse, vous l'embrasserez avec joye et l'emmenerez sur le champ dans sa chambre, regardant cet accord comme sacré et inviolable autant que si le serment y avoit passé ...”¹¹²³.

De acordo com o que ficou dito anteriormente, a noção de mentira deve ser abordada de um modo diferente do habitual. O preceptor não deve confrontar a criança com o facto de esta lhe ter mentido, mas deve, isso sim, confrontar a criança com as consequências de lhe ter mentido. Assim, de acordo com o ponto de vista de Rousseau, “... ne déclamez point contre le mensonge, vous ne les punirez point précisément pour avoir menti; mais vous ferez que tous les mauvais effets du mensonge (...), se rassemblent sur leur tête quand ils ont menti ...”¹¹²⁴.

¹¹²² Ib., pp. 651 – 652. “Quero obedecer às tuas leis, quero-o sempre, é a minha vontade constante; se alguma vez eu te desobedecer, será contra a vontade; torna-me livre protegendo-me contra as minhas paixões que me violentam; impede que eu seja escravo delas e força-me a ser meu próprio senhor não obedecendo aos sentidos mas à razão ...”.

¹¹²³ Ib., pp. 333 - 334. “Finalmente, depois da criança ter ficado ali por várias horas, tempo bastante para se aborrecer e para não esquecer, alguém lhe sugerirá que vos proponha um acordo por meio do qual vós lhe restituiríeis a liberdade e ela não quebraria mais vidros. Ela aceitará. Pedirá que ides vê-la, e vós ireis; far-vos-á sua proposta e vós a aceitareis imediatamente, dizendo-lhe: muito bem pensado; nós dois lucraremos com isso; porque não tiveste essa ideia antes? E depois, sem lhe pedir nem declaração, nem confirmação de sua promessa, vós a beijareis com alegria e a conduzireis imediatamente até seu quarto, encarando esse acordo sagrado e inviolável, tanto quanto se tivesse sido jurado ...”

¹¹²⁴ Ib., p. 335. “... não declameis contra a mentira, não a punireis exactamente por haverem mentido, mas fareis com que todos os maus efeitos da mentira (...), juntem-se sobre suas cabeças quando tiverem mentido ...”.

Numa tentativa de definir o que é a mentira para a criança, o nosso autor faz a distinção entre verdade de facto (relacionada com o passado) e verdade de direito (relacionada com o futuro), desejando que, nenhum desses dois tipos de mentiras é natural à criança. A primeira situação ocorre "... quand on parle sciemment contre la vérité des choses ..." ¹¹²⁵, e isto porque é "... la loi de l'obéissance qui produit la necessite de mentir, parce que l'obéissance étant pénible (...) l'intérest présent d'éviter le châtiment ou le reproche, l'emporte sur l'intérest éloigné d'exposer la vérité ..." ¹¹²⁶. A segunda situação sucede "... quand on promet ce qu'on n'a pas dessein de tenir ..." ¹¹²⁷. Contudo, quando estamos a falar de crianças devemos ter em consideração que "... tous les engagements des enfans sont nuls par eux-mêmes, attendu que leur vue bornée ne pouvant s'étendre au dela du présent, en s'engageant ils ne savent ce qu'ils font ..." ¹¹²⁸. Por tudo o que ficou dito relativamente à noção de mentira, o procedimento do preceptor deve ser apropriado a esta realidade. Assim, o preceptor "... n'est point pressé d'instruire, on n'est point pressé d'exige, et l'on prend son tems pour ne rien exiger qu'à propos ..." ¹¹²⁹. Pelo contrário, se o "... étourdi de precepteur, ne sachant comment s'y prendre, lui fait à chaque instant promettre ceci ou cela sans distinction, sans choix, sans mesure, l'enfant, ennuyé, surchargé de toutes ces promesses, les néglige, les oublie, les dédaigne ..." ¹¹³⁰. Concluindo Rousseau, mais uma vez, em forma de apelo: "Voulez-vous donc qu'il soit fidelle à tenir sa parole? Soyez discret à l'exiger ..." ¹¹³¹.

Se, por um lado, o preceptor deve ser discreto, isso não significa que, por outro lado, não deva ter um papel activo. Estes dois comportamentos não são paradoxais. O inspirar a caridade é disso exemplo: "Eh! Ce n'est pas l'enfant qui doit donner, c'est le Maître: quelque attachement qu'il ait pour son Eleve, il doit lui disputer cet honneur, il doit lui faire juger qu'à son âge on n'en

¹¹²⁵ lb.. "... quando falamos conscientemente contra a verdade das coisas ...".

¹¹²⁶ lb.. "... a lei da obediência que produz a necessidade de mentir, porque, sendo penosa a obediência (...) o interesse presente de evitar o castigo ou a censura sobrepuja o interesse distante de dizer a verdade ...".

¹¹²⁷ lb.. "... quando prometemos o que não planeamos cumprir ...".

¹¹²⁸ lb., p. 336. "... todos os compromissos das crianças são nulos por si mesmos, visto que sua visão limitada não pode ir mais além do presente e, quando prometem não sabem o que fazem ...".

¹¹²⁹ lb., p. 337. "... não tem pressa de instruir, não tem pressa de exigir, e ocupa-se o tempo em não exigir nada que não seja pertinente ...".

¹¹³⁰ lb.. "... preceptor aturdido, não sabendo o que fazer, faz a todo o instante com que ela prometa isto ou aquilo, sem distinção, sem escolha, sem medida, a criança, aborrecida, sobrecarregada de todas essas promessas, desdenha-as, esquece-as, deixa-as de lado ...".

¹¹³¹ lb.. "Se quereis, então, que ela seja fiel à palavra dada? sede discreto ao exigí-la ...".

est point encore digne ...”¹¹³². Considerando a necessidade de um papel activo dos preceptores, Rousseau não se cansa de apelar para a importância dos exemplos de conduta que os preceptores devem dar: “Maîtres, laissez les simagrées, soyez vertueux et bons; que vos exemples se gravent dans la mémoire de vos Eleves, en attendant qu’ils puissent entrer dans leurs coeurs ...”¹¹³³. O nosso autor justifica esta posição por entender que o processo mimético, num primeiro momento do desenvolvimento educativo, é extremamente eficaz:

“Mais dans un age où le coeur ne sent rien encore, il faut bien faire imiter aux enfans les actes dont on veut leur donner l’habitude en attendant qu’ils les puissent faire par discernement et par amour du bien. L’homme est imitateur, l’animal même l’est; le goût de l’imitation est de la nature bien ordonnée, mais il dégénere en vice dans la société ...”¹¹³⁴.

Neste contexto, Rousseau faz algumas recomendações. Primeiro, aconselha um conhecimento antecipado do educando, pois assim não será inadvertidamente surpreendido com possíveis variações de estados de humor. Escreve o nosso autor: “Traitez-le donc selon son age malgré les apparences et craignez d’épuiser ses forces pour les avoir voulu trop exercer. Si ce jeune cerveau s’échauffe, si vous voyez qu’il commence à bouilloner, laissez-le d’abord fermenter en liberté, mais ne l’excitez jamais de peur que tout ne s’exhale ...”¹¹³⁵. Segundo, aconselha a respeitar o ritmo natural de aprendizagem da criança: “Examinez vôtre prétendu prodige. En de certains momens vous lui trouverez un ressort d’une extreme activité, une clarté d’esprit à percer

¹¹³² Ib., p. 337. “Ah! Não é a criança que deve dar, é o mestre; tenha o apego que tiver por seu aluno, deve disputar com ele essa honra, deve fazê-lo pensar que na sua idade ainda não se é digno disso ...”.

¹¹³³ Ib., p. 339. “Mestres, deixai os fingimentos, sede virtuosos e bons e que vossos exemplos se gravem na memória de vossos alunos, enquanto esperamos que possam entrar em seus corações ...”.

¹¹³⁴ Ib., pp. 339 – 340. “Numa idade, porém, em que o coração ainda nada sente, devemos fazer com que as crianças imitem os actos cujo o hábito lhes queremos dar, enquanto elas não os possam fazer por discernimento e por amor ao bem. O homem é imitador, o próprio animal também o é. O gosto pela imitação é da natureza bem ordenada, mas, em sociedade, degenera em vício ...”.

¹¹³⁵ Ib., p. 342. “Tratai-a pois conforme sua idade, apesar das aparências, e evitai esgotar suas forças exercitando-as demais. Se aquele jovem cérebro aquece, se virdes que está começando a ferver, deixai-o primeiro fermentar em liberdade, mas não o provoqueis jamais, para que nem tudo se exale ...”.

les nûes. Le plus souvent ce même esprit vous paroît lâche, moite, et comme environné d'un épais brouillard. Tanto til vous devance un genie, et l'instant d'après: c'est un sot ..."¹¹³⁶.

Estas duas recomendações são a base sólida para poder garantir um trabalho educativo bem sucedido. E como o próprio afirma: "Autrement vous perdrez vôtre tems et vos soins; vous détruirez vôtre propre ouvrage, et après vous être indiscretement enivrés de toutes cês vapeurs inflammables, il ne vous restera qu'un marc sans vigueur ..."¹¹³⁷.

2.4. Rousseau preceptor: a experiência Mably

Em 1740 Rousseau foi convidado para ser preceptor dos filhos de Jean Bonnet de Mably. Segundo as suas próprias palavras não foi bem sucedido, pelo que, por mútuo acordo, um ano depois renunciou ao emprego¹¹³⁸. Esta experiência acabou por ser enriquecedora, pois permitiu-lhe fazer uma reflexão mais profunda sobre o papel do preceptor. Um dos aspectos que sobressai é

¹¹³⁶ Ib.. "Examinei vosso pretensio prodígio. Em certos momentos, encontrareis nele uma energia de extrema actividade, uma clareza de espirito capaz de atravessar as nuvens. Ora ele vos ultrapassa, ora permanece imóvel. Num instante dirieis: é um génio; e no instante seguinte: é um tolo ...".

¹¹³⁷ Ib.. "Caso contrário, perderéis vosso tempo e vosso trabalho, destruireis vossa própria obra e, depois de vos terdes indiscretamente embriagado com todos esses vapores inflamáveis, só vos restará um resíduo sem vigor ...".

¹¹³⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Les Confessions de J.J. Rousseau" in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. 1, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 267. "J'avois à peu près les connoissances necessaires pour un Precepteur et j'en croyois avoir le talent. Durant un na que je passai chez M. de Mably j'eus le tems de me desabuser. La douceur de mon naturel m'eut rendu propre à ce métier si l'emportement n'y eut mêlé ses orages. Tant que tout alloit bien et que je voyois reussir mës soins et mës peines qu'alors je n'épargnois point, j'étois un ange. J'étois un Diable quand les choses alloient de travers. Quand mes élèves ne m'entendoient pas j'extravagais, et quand ils marquoient de la méchanceté je les aurois tués: ce n'étoit pas le moyen de les rendre savans et sages. J'en avois deux; ils étoient d'humeurs très différentes. L'un de 8 à 9 ans appellé Ste. Marie étoit d'une jolie figure, l'esprit assez ouvert, assez vif, étourdi, badin, malin, mais d'une malignité gaye. Le Cadet appellé Condillac paroissoit presque stupide, musard, têtu comme une mule, et ne pouvant rien apprendre. On peut juger qu'entre ces deux sujets je n'avois pas besogne faite. Avec de la patience et du sang-foid peutêtre aurois-je pu reussir; mais faute de l'une et de l'autre je ne fis rien qui vaille et mës élèves tournoient très mal ...". "Eu tinha pouco mais ou menos os conhecimentos necessários a um preceptor, e julgava-me com talento para tal. Tive tempo para me desiludir durante o ano que passei em casa de Monsieur de Mably. O meu natural brando ter-me-ia tornado apto para desempenhar esta profissão, se a exaltação com as suas borrascas não tivesse intervindo. Enquanto tudo corria bem, e eu via frutificarem os cuidados e as penas, a que então não me poupava, era um anjo. Era um diabo quando as coisas corriam mal. Quando os meus pupilos não me compreendiam, disparatava, e, quando se mostravam maus, seria capaz de os matar: o que não era o processo de os tornar sábios e ajuizados. Tinha dois; eram de feito muito diferente. Um, de oito a nove bastante aberto, bastante vivo, bastante estouvado, divertido, malicioso, mas de uma malícia alegre. O mais novo, chamado Condillac, quase parecia estúpido, amigo do laré, teimoso que nem um jerico, e não era capaz de aprender nada. Está-se a ver que com dois sujeitos destes nada podia fazer. Com paciência e presença de espirito talvez tivesse podido obter resultados; mas à falta de uma coisa e de outra, nada fiz que prestasse, e os meus alunos iam muito mal ...".

aquele que diz respeito à relação entre o preceptor e o pai dos educandos¹¹³⁹: “C’est l’harmonie parfaite qui doit régner entre nous, la confiance que vous daignerez m’accorder, et l’autorité que vous me donnerez sur mes élèves qui décidera de l’effet de mon travail ...”¹¹⁴⁰. O autor define claramente qual o elemento que diferencia o papel do preceptor do papel do pai:

“... il y a bien de la différence entre nous: en faisant mon devoir autant que vous m’en lisserez la liberté, je ne suis responsable de rien, et dans le fond, comme vous êtes, Monsieur, le maître et le supérieur naturel de vos enfans, je ne suis pas en droit de vouloir à l’égard de leur éducation, forcer votre goût de se rapporter au mien ...”¹¹⁴¹.

Contudo, isto não significa que o preceptor se demite da sua tarefa, a sua responsabilidade é de outra natureza, “... ainsi après vous avoir fait les représentations qui m’ont paru nécessaires, s’il arrivoit que vous n’en jugeassiez pas de même, ma conscience seroit quitte à cet égard, et il ne me resteroit qu’a me conformer à votre volonté ...”¹¹⁴².

¹¹³⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Projet pour l’éducation de Monsieur de Sainte-Marie”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, pp. 35 – 36. “... et l’on voit bien qu’il ne falloit pas tant de frais ni de façons pour donner à Messieurs vos enfans un précepteur ordinaire qui leur apprit le rudiment, l’orthographe et le catéchisme: je me promets bien aussi de justifier de tout mon pouvoir les espérances favorables que vous avez pu concevoir sur mon compte, et tout plein d’ailleurs de fautes et de foiblesses vous ne me trouverez jamais à me démentir un instant sur le zele et l’attachement que je dois à mes élèves ...”. “... e vemos bem que não é preciso tantos fretes nem modas para dar às Senhoras vossas crianças um preceptor comum que lhes ensine o rudimentar, a ortografia e o catequismo: prometo-me também a justificar tanto quanto possa as esperanças favoráveis que haveis podido conceber a meu respeito, e cheio por outra lado de faltas e de fraquezas não acharei porém em mim um insante jamais que desmint a zelo e a ligação que devo aos meus alunos ...”.

¹¹⁴⁰ Ibidem, p. 36. “É a harmonia perfeita que deve reinar entre nós, a confiança que vós depositais em mim, e a autoridade que me concedeis sobre os meus educandos decidirá sobre o efeito do mau trabalho ...”.

¹¹⁴¹ Ib., p. 39. “... existe uma diferença substancial entre nós: em realizar o meu trabalho enquanto vós me concedeis a liberdade, eu não serei responsável por nada, e no fundo, como vós sois. Senhor, o mestre e o superior natural de vossos filhos, eu não terei o direito de querer a respeito da sua educação, forçar vosso gosto de acordo com o meu ...”.

¹¹⁴² Ib.. “... assim depois de vos ter feito as representações que me pareceram necessárias, se acontecer de não as julgardes de igual modo, a minha consciência está tranquila a esse respeito, e não me resta que conformar-me à vossa vontade ...”.

3. Terceiro princípio: a educação negativa

3.1. Consideração prévia

Uma educação natural¹¹⁴³, tal como propõe Rousseau, implica a conjugação de três elementos: o respeito pelo desenvolvimento natural do educando, a presença de um preceptor com características específicas e a prática de uma educação negativa, sendo que a educação negativa permite filtrar e isolar os elementos que desnaturam o desenvolvimento do educando¹¹⁴⁴.

É precisamente “Notre manie enseignante pédantesque est toujours d’apprendre aux enfans ce qu’ils apprendroient beaucoup mieux d’eux-mêmes, et d’oublier ce que nous aurions pu seuls leur enseigner...”¹¹⁴⁵. E prossegue, com o seguinte exemplo: “Y a-t-il rien de plus sot que la peine qu’on prend pour leur apprendre à marcher, comme si l’on en avoit vû quelqu’un, qui par la négligence de sa nourrice ne sût pas marcher étant grand?”¹¹⁴⁶. O preceptor tem, pois, um papel bastante activo numa educação de cariz negativo¹¹⁴⁷. Ele deve definir o caminho que o educando deve seguir sem olvidar aquilo que é essencial à educação¹¹⁴⁸. Daí que conclua em tom irónico :

¹¹⁴³ “Ce qui porte la notion d’éducation à trois sens. Le premier, le sens courant, l’adaptation de l’homme à son milieu, qui achève sa défiguration (...). Le deuxième sens qui distingue trois éducations (éducation de la nature, des choses, des hommes) est le modèle théorique mis en scène (...). Enfin, ce troisième sens (éducation négative) opère comme un filtre qui isole et exhibe les éléments dénaturants et les rend analysables grâce à la fiction naturelle (Emile) qu’ils menacent ...” (cfr. Vargas, Yves, *Introduction à l’Emile de Rousseau*, Presses Universitaires de France, 1995, p. 66).

¹¹⁴⁴ Cfr. De acordo Vargas: “... “l’éducation négative” qui doit assurer le développement de la nature en Emile, le développement d’Emile par la nature. Il s’agit de protéger l’homme des interférences dommageables, et le “gouverneur” est ce dispositif d’épuration, il ressemble à un laboratoire où l’expérience se mène sous protection, contre toute cause étrangère à la nature ...” (Ibidem, pp. 275 – 276).

¹¹⁴⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De l’éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 300. “Nossa mania professoral e pedantesca é de sempre ensinar às crianças o que aprenderiam muito melhor por si mesmas, e esquecer o que só nós lhes poderíamos ensinar ...”.

¹¹⁴⁶ Ibidem. “Haverá algo mais tolo do que o trabalho que temos para ensiná-las a andar, como se tivéssemos visto alguém que, por descuido da ama-de-leite, não soubesse andar quando adulto?”.

¹¹⁴⁷ De acordo com Shklar a educação negativa difere “... from conventional education not only in its ends, but also, of necessity, in its entire method. Its aim is to make a self-sufficient adult who lives at peace with himself. To achieve this, one must at all costs avoid trying to impose a foreign, social character on the child. His natural self must not be inhibited in any way. On the contrary, everything must be arranged so that the child may learn everything that he has to know, without losing his natural characteristics ...” (cfr. Shklar, Judith N., “Rousseau’s Images of Authority”, in *The Cambridge Companion to Rousseau*, Cambridge University Press, UK, 2001, p. 173).

¹¹⁴⁸ Escreve Vargas: “Mais cette protection négative ne suffit pas, elle règle la question des accidents fâcheux sans assurer le développement autonome. Après avoir fait le choix de la nature, le gouverneur doit encore faire le chemin de la nature et s’identifier aux forces, aux besoins, aux passions qui émergent quand vient le temps de leur naissance : c’est la troisième figure du gouverneur, véritable miroir de l’âme qui prend tour à

“Combien voit-on de gens au contraire marcher mal toute leur vie, parce qu’on leur a mal appris à marcher ?”¹¹⁴⁹.

3.2. A crítica à educação convencional (educação positiva)

É neste contexto que faz uma crítica cerrada à educação convencional, acusando-a de contribuir para a infelicidade dos educandos:

“Que faut-il donc penser de cette éducation barbare qui sacrifie le présent à un avenir incertain, qui charge un enfant de chaînes de toute espèce et commence par le rendre misérable pour lui préparer au loin je ne sais quel prétendu bonheur dont il est à croire qu’il ne jouira jamais? Quand je supposerois cette éducation raisonnable dans son objet, comment voir sans indignation de pauvres infortunés soumis à un joug insupportable et condamnés à des travaux continuels comme des galériens, sans être assuré que tant de soins leur seront jamais utiles?”¹¹⁵⁰.

Rousseau considera que a educação convencional, isto é, a educação positiva, não respeita os interesses naturais do educando. Para o nosso autor, não se trata de defender que se deve abandonar o educando à sua natureza¹¹⁵¹; antes pelo contrário, trata-se de respeitar e

tour les caractères de l'évolution humaine ...” (cf. Vargas, Yves, *Introduction à l'Emile de Rousseau*, Presses Universitaires de France, 1995, p. 276).

¹¹⁴⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De l'éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 300. “Pelo contrário, quantas pessoas vemos que andam mal por toda a vida porque lhes ensinaram mal a andar!”.

¹¹⁵⁰ *Ibidem*, pp. 301 - 302. “Que devemos pensar, então, dessa educação bárbara que sacrifica o presente por um futuro incerto, que prende uma criança a correntes de todo o tipo e começa por torná-la miserável, para lhe proporcionar mais tarde não sei que pretença felicidade de que provavelmente não gozará jamais? Mesmo que eu considerasse razoável essa educação por seu fim, como encarar sem indignação essas pobres infelizes submetidas a um jugo insuportável e condenadas a trabalhos contínuos como os galeotes, sem ter certeza de que tantos trabalhos algum dia lhes serão úteis ...”.

¹¹⁵¹ Pierre Burgelin escreve: “Il y a bien de l'équivoque dans la notion d'éducation *négative*. Car le laisser-être ne signifie rien en soi. La négativité n'est pas la nature, mais de la raison avertie, qui protège la nature contre les opinions d'abord, mais aussi contre son propre foisonnement, contre ses sollicitations prématurées ou excessives, lorsque chaque fonction qui surgit tend d'elle-même à s'exercer jusqu'au bout, au lieu de se tenir en réserve. Comme le disaient les stoiciens, la nature confie l'homme à la raison, faculté de l'ordre. Mais celle-ci, faculté “composée”, naît tardivement, et, sans la raison du gouverneur, jamais ne serait heureusement franchie la longue étape de la déraison. Épier l'apparition des pouvoirs, respecter le temps des maturations, développer les habitudes est oeuvre éminemment positive. La négation est essentiellement dans le refus d'opposer volonté à volonté ou persuasion à faiblesse ignorante, mais de laisser, autant qu'il est possible, la liberté se heurter d'elle-même à la

proteger essa mesma natureza¹¹⁵². Explicando: “Je ne redirai jamais assés que la bonne éducation doit être négative. Empêchez les vices de naitre, vous aurez assez fait pour la vertu ...”¹¹⁵³. Aquilo que está em causa é o sentido benéfico ou não de algum tipo de intervenção dirigista. Por outras palavras, podemos dizer que para o autor a intervenção negativa é aquela que é mais adequada a uma educação natural¹¹⁵⁴.

Para aqueles que defendem que a educação convencional é a forma mais acertada de se poder corrigir os erros da natureza, e que consideram que “... le tems de corriger les mauvaises inclinations de l’homme; c’est dans l’age de l’enfance, où les peines sont le moins sensibles, qu’il faut les multiplier pour les épargner dans l’age de raison ...”¹¹⁵⁵, Rousseau responde-lhes com a seguinte objecção: “Mais qui vous dit que tout cet arrangement est à vôtre disposition, et que toutes ces belles instructions dont vous accablez le foible esprit d’un enfant ne lui seront pas un jour plus pernicieuses qu’utiles ?”¹¹⁵⁶. Questionando os seus contemporâneos prossegue: “... et

nécessité naturelle, à ce qui se contente d’être, indépendamment du bien et du mal. Ainsi le négatif est régulateur ...” (cfr. Burgelin, Pierre, “Émile Ou De L’Éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes* Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, pp. CXIII – CXIV).

¹¹⁵² Sobre este assunto Vargas faz a seguinte interpretação: “C’est donc ainsi que se passe la petite enfance selon les lois de la nature, c’est ainsi que tout se passerait si la nature agissait sans influence perturbatrice. Mais la nature n’est seule et c’est pourquoi les enfants ne ressemblent pas à Emile mais son capricieux, menteurs, vaniteux, agités... Cette perturbation est présentée par le moyen des efforts qui seraient nécessaires pour l’empêcher, comme une présence menaçante autour du havre naturel que constitue le mûrissement d’Emile et qu’il faudrait repousser, empêcher d’agir... Cette protection de la nature contre la dénature, Rousseau l’appelle *éducation négative* ...” (cfr. Vargas, Yves, *Introduction à l’Emile de Rousseau*, Presses Universitaires de France, 1995, p. 66).

¹¹⁵³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Considérations sur le gouvernement de Pologne”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 968. “Não insisterei demais em que a boa educação deve ser negativa: se impedimos o nascimento dos vícios teremos feito bastante em favor da virtude ...”.

¹¹⁵⁴ De acordo com Dent “A tônica da abordagem educacional favorecida por Rousseau é a ideia de “educação negativa”. Ele quis dizer com isso que se evite controlar, dirigir, admoestar ou forçar a criança a todo o instante. Devemos, pelo contrário, perceber que existe um curso naturalmente saudável e ordenado no desenvolvimento do corpo, raciocínio e sentimentos de uma criança, e o papel do educador consiste em respeitar a integridade desse desenvolvimento, em dar espaço e oportunidade para que ele ocorra em seu modo e tempos adequados, e em ajustar as lições das crianças de forma que sua atenção seja atraída directa e imediatamente em conformidade com o seu nível corrente de interesses e aptidões ...” (cfr. Dent, *Dicionário Rousseau*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1996, p.117).

¹¹⁵⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De l’éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 302. “... é tempo de corrigir as más inclinações do homem; é na infância, onde as dores são menos sensíveis, que devemos multiplicá-las, para poupá-las na idade da razão ...”.

¹¹⁵⁶ *Ibidem*, p. 303. “Mas quem vos diz que todo esse arranjo está à vossa disposição, e todas essas belas instruções com que tornais o débil espirito de uma criança não lhe serão um dia mais nocivas do que úteis?”.

comment me prouverez-vous que ces mauvais penchans dont vous prétendez le guérir ne lui viennent pas de vos soins malentendus bien plus que de la nature ?”¹¹⁵⁷.

3.3. A imaginação, faculdade do Homem no estado natural

Por isso, Rousseau, relativamente às faculdades que a natureza fornece ao Homem no estado natural, afirma serem elas as responsáveis pelo equilíbrio entre o desejo e a força:

“Elle ne lui donne immédiatement que les desirs nécessaires à sa conservation, et les facultés suffisantes pour les satisfaire. Elle a mis toutes les autres comme en réserve au fond de son ame pour s’y développer au besoin. Ce n’est que dans cet état primitif que l’équilibre du pouvoir et du désir se rencontre et que l’homme n’est pas malheureux ...”¹¹⁵⁸.

Assim, afirma que o Homem é dotado de um conjunto de faculdades, sendo que umas encontram-se activadas desde a sua nascença e outras serão activadas conforme as necessidades forem surgindo. A imaginação é uma dessas faculdades¹¹⁵⁹. Sobre a qual diz: “... la plus active de

¹¹⁵⁷ Ib.. “... e como me provareis que essas más inclinações de que pretendéis curá-la não provêm de vossos cuidados mal compreendidos, muito mais do que da natureza?”.

¹¹⁵⁸ Ib., p. 304. “Ela lhe dá de imediato apenas os desejos necessários à sua conservação e as faculdades suficientes para satisfazê-los. Ela colocou todas as outras como que de reserva no fundo da sua alma, para que se desenvolvessem quando necessário. Só nesse estado primitivo o equilíbrio entre o poder e o desejo é reencontrado e o homem não é infeliz ...”.

¹¹⁵⁹ Escreve Vargas: “Examinons le détail de cette “éducation négative” où l’on trouvera certes, des longueurs mais non des incohérences si on garde à l’esprit qu’il ne s’agit pas de recettes éducatives mais d’expérience sur la nature de l’homme, expérience de pensée sur “l’homme abstrait”. La pédagogie négative filtre tout ce qui vient troubler le rapport immédiat de soi à soi, c’est-à-dire que le plaisir, la douleur, la mort doivent être débarrassés des rapports humains. Le bien-être n’est pas une donnée immédiate de la nature, car la souffrance existe et la nature le veut ainsi : “Souffrir est la première chose qu’il doit apprendre et celle qu’il aura besoin de savoir” (300). En cela la nature calcule bien et, une fois encore, prévoit bien: “Il faut qu’il connaisse les petits maux... Si le physique va trop bien, le moral se corrompt. L’homme qui ne connaît pas la douleur... se serait pas sociable, il serait un monstre parmi ses semblables” (313). La maladie existe et le rapport naturel à la maladie est un rapport brutal, un choc sans dimension mentale (...). Si la maladie est un mal moral fait de représentations, de terreurs, de prévoyances, c’est à cause des médecins, qui ont créé l’illusion extravagante de pouvoir repousser la mort, hypertrophiant l’amour de soi: “Cet amour tel que nos nous le sentons est en grande partie l’ouvrage des hommes...les sauvages ainsi que les bêtes se débattent fort peu contre la mort” (307), et la transformant en obsession: “Chasse les médecins, tu n’éviteras pas la mort mais tu ne la sentiras qu’une fois tandis qu’ils la portent chaque jour dans ton imagination”(306). La mort et la maladie appartiennent au monde de la sensation (“tu ne la sentiras...”), donc de l’enfance, du présent actuel: “il ne mourra pas pour ainsi dire, il sera vivant ou mort, rien de plus” (378); en la transposant dans l’imagination (“ils la portent... dans ton imagination”) les médecins opèrent un glissement qui entraîne un dérapage de la nature humaine, et lui donne un caractère craintif “sans cesse attentif à sa santé” (375) ...” (cfr. Vargas, Yves, *Introduction à l’Emile de Rousseau*, Presses Universitaires de France, 1995, pp. 69 – 70).

toutes, s'éveille et les devance. C'est qui étend pour nous la mesure des possibles soit en bien soit en mal, et qui par conséquent excite et nourrit les desirs par l'espoir de les satisfaire ..."¹¹⁶⁰. É justamente a desmedida, provocada pela imaginação, entre as forças e os apetites, que desequilibra a condição natural do Homem. Daí que inicialmente a educação deva ser realizada por via das coisas¹¹⁶¹ e não pela faculdade da imaginação. Por isso afirma o autor:

“Au contraire, plus l'homme est resté près de sa condition naturelle, plus la difference de ses facultés à ses desirs est petite, et moins par conséquent il est éloigné d'être heureux. Il n'est jamais moins misérable que quand il paroît dépourvû de tout: car la misère ne consiste pas dans la privation des choses, mais dans le besoin qui s'en fait sentir ...”¹¹⁶².

3.4. A educação negativa: dos apetites às necessidades

A educação negativa deve, pois, assegurar que os apetites não se transformem em necessidades. É precisamente esse movimento de alteração que faz com que as instituições humanas alterem o estado natural do Homem: “Avant que les préjugés et les institutions humaines aient altéré nos penchans naturels le bonheur des enfans ainsi que des hommes consiste dans l'usage de leur liberté ; mais cette liberté dans les premiers est bornée par leur foiblesse. Quiconque fait ce qu'il veut est heureux s'il se suffit à lui-même ; c'est le cas de

¹¹⁶⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De L'éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 304. “... a mais activa de todas, desperta e as ultrapassa. É a imaginação que amplia para nós a medida dos possíveis, tanto para o bem quanto para o mal e, por seguinte, provoca e nutre os desejos com a esperança de satisfazê-los ...”.

¹¹⁶¹ “L'activité de l'homme est le jugement, où il se manifeste vraiment comme sujet. L'éducation se fera donc par les choses, dont la valeur pédagogique est considérable. A ce plan, le maniement des choses développe la maîtrise du corps et sert de mesure à la force. Au plan intellectuel, l'enfant s'élève de la perception à l'objet, puis de l'objet à la relation. Son univers s'étend et il faut le mettre à même de s'y orienter. Enfin, la chose est exactement ce qu'elle est, elle ne se plie à aucune fantaisie et n'obéit à aucune magie, ni aux mots, ni à l'impatience ou à colère ...” (cfr. Burgelin, Pierre “Émile Ou De L'Éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, pp. CXV - CXVI).

¹¹⁶² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De L'éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 304. “Pelo contrário, quanto mais o homem tiver permanecido próximo à sua condição natural, mais a diferença entre as suas faculdades e os seus desejos será pequena e, conseqüentemente, menos distante estará de ser feliz. Nunca ele é menos miserável do que quando parece carente de tudo, pois a miséria não consiste na privação das coisas, mas na necessidade que sentimos delas ...”.

l'homme vivant dans l'état de nature ..."¹¹⁶³. Pelo contrário, o mesmo não sucede com aquele em que as necessidades ultrapassam as forças: "... c'est le cas de l'enfant dans le même état. Les enfans ne jouissent, même dans l'état de nature, que d'une liberté imparfait, semblable à celle dont jouissent les hommes dans l'état civil. Chacun de nous ne pouvant plus se passer des autres redevient à cet égard foible et misérable. Nous étions faits pour être hommes, les loix et la société nous ont replongés dans l'enfance ..."¹¹⁶⁴.

O autor é bastante claro quando acusa a instrução precoce de ser a responsável pelo surgimento de vícios no educando, vícios tais como a vaidade, o orgulho e a inveja¹¹⁶⁵. Por essa razão é que Rousseau questiona os meios pedagógicos utilizados para motivar os educandos:

"Il est bien étrange que depuis qu'on se mêle d'élever des enfans on n'ait imaginé d'autre instrument pour les conduire que l'émulation, la jalousie, l'envie, la vanité, l'avidité, la vile crainte, toutes les passions les plus dangereuses, les plus promptes à fermenter et les plus propes à corrompre l'âme ..."¹¹⁶⁶.

Quanto à educação convencional, acusa-a de não cuidar da conservação da natureza humana, aspirando continuamente à perfectibilidade: "C'est dès nos premières années qu'une éducation insensée orne notre esprit et corrompt notre jugement. Je vois de toutes parts des établissemens immenses, où l'on élève à grands frais la jeunesse pour lui apprendre toutes

¹¹⁶³ Ib., p. 310. "Antes que os preconceitos e as instituições humanas tenham alterado as nossas inclinações naturais, a felicidade das crianças e dos homens consiste no uso da sua liberdade. Mas nos primeiros, esta liberdade é limitada pela fraqueza. Quem faz o que quer é feliz quando se basta a si mesmo: é o caso do homem que vive no estado de natureza ...".

¹¹⁶⁴ Ib.. "... é o caso da criança no mesmo estado. As crianças, até mesmo no estado de natureza, só gozam de uma liberdade imperfeita, semelhante àquela de que gozam os homens no estado civil. Cada um de nós não podendo dispensar os outros, volta a ser, a esse respeito, fraco e miserável. Éramos feitos para sermos homens; as leis e a sociedade voltaram a mergulhar-nos na infância ...".

¹¹⁶⁵ Para Vargas "L'éducation négative doit assurer d'avoir "bien bouché d'avance toutes les portes de la vanité" (421), c'est-à-dire d'empêcher que l'amour de soi, qui pousse à la gourmandise et aux exercices, ne se transforme en amour-propre qui passe à la comparaison aux autres (...). C'est là qu'est le danger le plus grand, car la vanité décentre l'enfant, le fait sortir de sa place, c'est-à-dire de soi, et donne aux autres hommes un statut qui dépasse celui des choses, par l'émulation et la jalousie. Comment donc éviter ces comparaisons si l'enfant n'est pas isolé, comment vivre parmi les hommes sans comparer à eux ?" (cfr. Vargas, Yves, *Introduction à l'Emile de Rousseau*, Presses Universitaires de France, 1995, p. 72).

¹¹⁶⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Emile ou De l'éducation", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 321. "É muito estranho que, desde que se começaram a educar as crianças, não se tenha imaginado outro instrumento para governá-las que não a rivalidade, os ciúmes, a inveja, a vaidade a avidez, o temor vil, todas as paixões mais perigosas, mais próprias para fermentar e corromper a alma ...".

choses, excepté ses devoirs ...”¹¹⁶⁷. Neste sentido, a educação que o preceptor deve fomentar é uma educação negativa¹¹⁶⁸.

Rousseau identifica o período entre o nascimento e os doze anos como sendo o mais perigoso na formação do educando - “Le plus dangereux intervalle de la vie humaine est celui de la naissance à l’âge de douze ans ...”¹¹⁶⁹ – explicando que este é precisamente o tempo em que começam a germinar os erros e os vícios “... sans qu’on ait encore aucun instrument pour les détruire ...”¹¹⁷⁰. E então o que deve ser feito? O nosso autor entende que é necessário “... qu’ils ne fissent rien de leur ame jusqu’à ce qu’elle eut toutes ses facultés ...”¹¹⁷¹, concluindo que a primeira educação deve ser negativa. Rousseau descreve a educação negativa¹¹⁷² nos seguintes moldes:

“Elle consiste, non point à enseigner la vertu ni la vérité, mais à garantir le cœur du vice et l’esprit de l’erreur. Si vous pouviez ne rien faire et ne rien laisser faire ; si vous pouviez amener votre élève sain et robuste à l’âge de douze ans sans qu’il sut distinguer sa main droite de sa main gauche, dès vos premières leçons les yeux de son entendement s’ouvriraient à la raison ; sans préjugé, sans habitude il n’auroit rien en lui qui put contrarier l’effet de vos soins. Bientôt il

¹¹⁶⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur les sciences et les arts”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 24. “É logo nos primeiros anos que uma educação insensata nos orna o espírito e nos corrompe o juízo. Vejo em todos os lugares estabelecimentos imensos nos quais, com grandes despesas, se educa a juventude, para ensinar-lhe todas as coisas, excepto os seus deveres ...”.

¹¹⁶⁸ Sobre este assunto escreve Pierre Burgelin: “Ce texte résume toute la méthode qui est de liberté, mais bien réglée. Le gouverneur sait le possible et l’impossible, l’enfant l’ignore, il vit dans une sphère de possibilité liée à son savoir et à son pouvoir. Notons l’image de cette éducation dans la liberté: «on l’enchaîne». Mais ce ne sont pas les hommes qui enchainent: Robinson n’est pas un esclave dans la sphère de son île, où il est «enchaîné», mais par l’immensité de la mer. Le gouverneur organise donc le milieu, de telle sorte qu’Émile ne soit lié que par l’impossibilité des choses, non par celle des interdictions ...” (cfr. Burgelin, Pierre “Notes et Variantes” [321], in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes* Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, pp. 1355 - 1356).

¹¹⁶⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De l’éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 323. “O mais perigoso intervalo da vida humana é aquele que decorre entre o nascimento e a idade dos doze anos ...”.

¹¹⁷⁰ *Ibidem*. “... sem que se possua ainda um instrumento para os destruir ...”.

¹¹⁷¹ *Ib.*. “... que nada fizessem de sua alma até que ela estivesse de posse de todas as suas facultades ...”.

¹¹⁷² *Ib.*, p. 251. Rousseau já havia dado o mote daquilo que considerava ser a educação negativa quando recorrendo à metáfora do marinheiro escreveu: “Pour former cet homme rare qu’avons-nous à faire? Beaucoup, sans doute; c’est d’empêcher que rien ne soit fait. Quand il ne s’agit que d’aller contre le vent, on louvoie ; mais si la mer est forte et qu’on veuille rester en place il faut jeter l’ancre. Prend garde, jeune pilote, que ton cable ne file ou que ton ancre ne labouré, et que le vaisseau ne dérive avant que tu t’en sois aperçû ...”. “Para formar este homem raro o que temos de fazer? Muito, sem dúvida; impedir que algo seja feito. Quando se trata apenas de ir contra o vento, bolinamos; se, porém, o mar estiver agitado e quisermos permanecer parados, deveremos lançar âncora. Toma cuidado, jovem piloto, para que o teu cabo não se desamarre ou a âncora não se solte, e o barco se ponha à deriva antes que o percebas ...”.

deviendrait entre vos mains le plus sage des hommes et en commençant par ne rien faire, vous auriez fait un prodige d'éducation ..."¹¹⁷³.

Relativamente à educação negativa o autor justifica porque razão a considera importante, ela respeita as características de cada educando, não oferecendo um conjunto de regras universais que possam ser aplicadas indiscriminadamente a todos, "... l'utilité de cette methode est celle du génie particulier de l'enfant qu'il faut bien connoitre pour savoir quel régime moral lui convient. Chaque esprit a sa forme propre, selon laquelle il a besoin d'être gouverné par cette forme et non par une autre ..." ¹¹⁷⁴. Daí o apelo para que o preceptor observe o maior tempo possível a natureza e que, relativamente ao seu educando, deixe "... le germe de son caractère en pleine liberté de se montrer ne le contraignez en quoi que ce puisse être afin de le mieux voir tout entier ..." ¹¹⁷⁵. Rousseau sublinha a necessidade de que a cada estágio de desenvolvimento do educando corresponda uma forma de educação, daí, a importância de perceber que as diferentes educações devem ser aplicadas conforme o estágio de desenvolvimento do educando¹¹⁷⁶. O tempo de realização das diferentes etapas torna-se essencial¹¹⁷⁷. Existe um tempo certo para se ser criança e, outro tempo para se ser Homem, por isso é que, em *Jean Jaques Rousseau, citoyen de Genève, a Christophe De Beaumont*, escreve Rousseau:

¹¹⁷³ Ib., pp. 323 - 324. "Consiste, não em ensinar a virtude ou a verdade, mas em proteger o coração contra o vício e o espírito contra o erro. Se pudésseis nada fazer e nada deixar que fizessem, se pudésseis levar o vosso aluno são e rebusto até a idade de doze anos sem que ele soubesse distinguir a mão esquerda da direita, desde vossas primeiras lições os olhos de seu entendimento se abririam para a razão; sem preconceitos, sem hábitos, ele nada teria em si que pudesse obstar o efeito de vossos trabalhos. Logo se tornaria em vossas mãos o mais sábio dos homens e, começando por nada fazer, teríeis feito um prodígio de educação ...".

¹¹⁷⁴ Ib., p. 324. "... a utilidade deste método é o do génio particular da criança, que se deve conhecer para saber que regime moral lhe convém. Cada espírito tem a sua forma própria, segundo a qual precisa ser governado, e é importante para o êxito dos nossos trabalhos que se determine que ele seja governado dessa forma e não de outra ...".

¹¹⁷⁵ Ib., "... o germe de seu carácter em plena liberdade para se mostrar, não o constranjais a seja o que for, para melhor vê-lo por inteiro ...".

¹¹⁷⁶ De acordo com Vargas: "Si chaque age est un système clos, c'est qu'il est globalisant, et forme une synthèse entre ses forces, ses facultés, ses passions... qui se recomposent différemment lorsqu'on passe à l'âge suivant, et l'histoire de l'individu n'est pas un dépôt successif de passés inertes mais une succession de reconstructions globales. Il n'y a que les vices, produits par les erreurs de l'éducation, qui traversent les âges sans être annulés par la globalisation de l'âge suivant : un vice né de la faiblesse n'est pas guéri par la force mais perdure en elle. C'est pourquoi le vice n'a pas d'âge, "tout est perdu" dans l'instant même et l'enfant-tyran se retrouvera tyran : adulte et infantile ..." (cfr. Vargas, Yves, *Introduction à l'Emile de Rousseau*, Presses Universitaires de France, 1995, pp. 282 – 283).

¹¹⁷⁷ Segundo a interpretação de O'Hagan "... Rousseau's sense of timing is precise. We learn about justice, he suggests, by encountering injustice, injustice committed against ourselves. Children complain "that's not fair" (rather than "that hurts" or "that's uncomfortable") remarkably early, as they by parents, brothers and sisters ..." (cfr. O'Hagan, Timothy. *Rousseau*. Routledge, London, 2003, p. 67).

“J’appelle éducation positive celle qui tend à former l’esprit avant l’âge et à donner à l’enfant la connoissance des devoirs de l’homme. J’appelle éducation négative celle qui tend à perfectionner les organes, instrumens de nos connoissances, avant de nous donner ces connoissances et qui prépare la raison par l’exercice des sens. L’éducation négative n’est pas oisive, tant s’en faut. Elle ne donne pas des vertus, mais elle préserve de l’erreur. Elle dispose l’enfant à tout ce qui peut le mener au vrai quand il est en état de l’entendre, et au bien quand il est en état de l’aimer ...”¹¹⁷⁸.

¹¹⁷⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Jean Jaques Rousseau, citoyen de Genève, a Christophe de Beaumont”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 945. “Denomino educação positiva aquela que pretende formar o espirito antes da idade, e dar à criança um conhecimento dos deveres do homem. Chamo educação negativa aquela que procura aperfeiçoar os órgãos, instrumentos de nosso conhecimento, antes de nos dar esses próprios conhecimentos, e nos prepara para a razão pelo exercício dos sentidos. A educação negativa não é ociosa, muito pelo contrário. Ela não produz virtudes, mas evita os vícios; ela não ensina a verdade, mas protege do erro. Ela prepara a criança para tudo o que pode conduzi-la à verdade, quando estiver em condições de entendê-la, e ao bem, quando estiver em condições de amá-lo ...”.

II. FORMAS DA EDUCAÇÃO

1. A educação doméstica

1.1. A educação do bebê

1.1.1. A idade da natureza entre o nascimento e os dois anos

Para Rousseau, a educação do Homem é composta por dois grandes períodos. Ao primeiro chama idade da natureza e situa-o entre o nascimento e a pré-adolescência; ao segundo chama segundo nascimento e coloca-o entre a adolescência e o casamento. O primeiro período comporta duas fases: a que se refere aos bebês, dos zero aos dois anos e a que se refere às crianças, dos dois aos doze anos¹¹⁷⁹.

Relativamente à primeira fase da idade da natureza, para a qual propunha uma educação doméstica, afirmava Rousseau o seguinte:

“Les premiers développemens de l'enfance se font presque tous à la fois. L'enfant apprend à parler, à manger, à marcher à peu près dans le même tems. C'est ici proprement la première époque de sa vie. Auparavant il n'est rien de plus que ce qu'il étoit dans le sein de sa mère; il n'a nul sentiment, nulle idée; à peine a-t-il des sensations; il ne sent pas même sa propre existence ...”¹¹⁸⁰.

¹¹⁷⁹ De acordo com Vargas: “L' «éducation» de l'individu se partage en deux périodes principales : de la naissance à la prépuberté, et de la puberté au mariage ; cette seconde période est nommée “seconde naissance” (498). Ces deux périodes se divisent en cinq “âges” correspondant aux cinq livres d'*Émile* : le nourrisson, l'enfant, le préadolescent, l'adolescent, le jeune homme ...” (cfr. Vargas, Yves, *Introduction à l'Emile de Rousseau*, Presses Universitaires de France, 1995, pp. 280 - 281).

¹¹⁸⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De l'éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 298. “Os primeiros desenvolvimentos da infância dão-se quase todos ao mesmo tempo. A criança aprende a falar, a comer e a andar aproximadamente ao mesmo tempo. Esta é propriamente a primeira fase da sua vida. Antes, não é nada mais do que aquilo que era no ventre da mãe; não tem nenhum sentimento, nenhuma ideia; mal tem sensações e nem mesmo percebe a sua própria existência ...”.

É justamente porque a cada idade específica do indivíduo corresponde uma estrutura interna própria de perceber o mundo que devem ser tidas em consideração diferentes formas educativas¹¹⁸¹, pois, de acordo com as diferentes idades existem faculdades específicas que regem e enquadram quer as forças e as paixões, quer as aquisições culturais de cada indivíduo¹¹⁸². Daí a importância de perceber quais as condições e quais os requisitos necessários à criança para que se lhe ensine aquilo que é próprio da infância¹¹⁸³. Por essa razão, afirma o autor que não "... connoit point l'enfance: sur les fausses idées qu'on en a, plus on va, plus on s'égaré. Les plus sages s'attachent à ce qu'il importe aux hommes de savoir, sans considérer ce que les enfans sont en état d'apprendre. Ils cherchent toujours l'homme dans l'enfant, sans penser à ce qu'il est avant que d'être homme ..."¹¹⁸⁴.

Este é, de facto, um aspecto essencial: perceber a condição específica do bebé, pelo que se torna fácil perceber a responsabilidade que o autor atribui ao lugar ocupado pela mãe na educação do filho. No *Emile*, Rousseau, começando por avisar que "Ce recueil de réflexions et

¹¹⁸¹ Vargas afirma: "Dans une perspective éducative, et au risque de quelque anachronisme, on peut voir chez Rousseau l'annonce des diverses théories sur les "stades", les "phases", les "rythmes" infantiles. Rousseau considère que l'enfance ne prépare pas continûment la maturité mais qu'elle y *résiste* diversement, car chaque "âge" est verrouillé dans un système propre qu'on ne peut modifier sans dégâts (...). *Emile* rompt ainsi avec le continuisme expérimental (des sensualistes) et innéiste (des rationalistes). (281). «Contre le sensualisme, il pose qu'une expérience infantile n'est pas une empreinte univoque qui fixe un acquis dans la cire molle de l'esprit, car une expérience change de sens et d'effet selon le système d'accueil établi par l' "âge". Par exemple un jeu peut devenir gloire orgueilleuse, une fable une leçon de vanité, une douleur un apprentissage de la tyrannie, etc.». (281). «Contre le rationalisme il affirme que la raison est absente de l'enfance et que les raisonnements ne la réveilleront pas : si les enfants pouvaient entendre raison, l'éducation serait inutile ..." (cfr. Vargas, Yves, *Introduction à l'Emile de Rousseau*, Presses Universitaires de France, 1995, p. 281).

¹¹⁸² Vargas escreve: "L'accumulation des forces est le moteur du passage d'âge en âge (dans la première période) mais ce n'est pas le principe unique : les forces nouvelles permettent le passage mais ne créent pas les éléments nouveaux (facultés, passions...). Il n'y a pas mutation de la force en facultés par une sorte de dialectique (quantité/qualité), mais déverrouillage des facultés, réveil de celles-ci qui étaient déjà là mais devaient attendre le moment favorable pour agir ..." (Ibidem, 283).

¹¹⁸³ Para L'Aminot: "Il [Rousseau] considère en effet l'enfance comme une période particulière de la vie et l'enfant comme un être singulier qui a ses manières de voir, de sentir et de s'exprimer qui lui sont propres et dont il faut prendre conscience. C'est un temps passager et qui ne revient pas : il est donc important de le bien vivre pour devenir un adulte digne de ce nom ..." (cfr. L'Aminot, T., *Enfance/Enfant*, In Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 296).

¹¹⁸⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Emile ou De l'éducation", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, pp. 241 – 242. "... conhece a infância; no caminho das falsas ideias que se têm, quanto mais se anda, mais se fica perdido. Os mais sábios prendem-se ao que aos homens importa saber, sem considerar o que as crianças estão em condições de aprender. Procuram sempre o homem na criança, sem pensar no que ela é antes de ser homem ...".

d'observations, sans ordre et presque sans suite, fut commencé pour complaire à une bonne mere qui sait penser ..."¹¹⁸⁵, assim se dirige, em abstracto, à figura da mãe:

“C'est à toi que je m'adresse, tendre et prévoyante mère, qui sus t'ecarter de la grande route, et garantir l'arbrisseau naissant du choc des opinions humaines! Cultive, arrose la jeune plante avant qu'elle meure: ses fruits feront un jour tes délices. Forme de bonne heure une enceinte autour de l'ame de ton enfant; un autre en peut marquer le circuit, mais toi seule y dois poser la barrière ...”¹¹⁸⁶.

Desta afirmação podemos retirar três conclusões importantes para a educação do bebé¹¹⁸⁷: a primeira é a de que há uma responsabilidade da mãe em o proteger; a segunda é a de que lhe cabe a ela, mãe, cuidar do bebé; a terceira é a de que lhe incumbe garantir a autonomia do pequeno ser perante a influência dos outros¹¹⁸⁸. Rousseau evidencia esta tríplice responsabilidade materna justamente porque considera que quando nascemos não vimos munidos de tudo aquilo de que vamos necessitar durante a nossa vida, pelo que é à educação que devemos recorrer para

¹¹⁸⁵ Ibidem, p. 241. “Esta colectânea de reflexões e de observações, sem ordem e quase sem sequência, foi iniciada para agradar a uma boa mãe que sabe pensar ...”.

¹¹⁸⁶ Ib., pp. 245 – 246. “É a ti que me dirijo, terna e previdente mãe, que soubeste afastar-te da estrada principal e proteger o arbusto nascente do choque das opiniões humanas! Cultiva, rega a jovem planta antes que ela morra; um dia, seus frutos serão tuas delicias. Forma desde cedo um cercado ao redor da alma de teu filho; outra pessoa pode marcar o seu traçado, mas apenas tu podes colocar a cerca ...”.

¹¹⁸⁷ Relativamente ao papel que a mãe desempenha na educação do bebé Vargas considera o seguinte: “La tendre mire est appelée à créer un monde artificiel, un cosmos sous cloche, derrière la “barrière”, au milieu de l’ “enceinte” pour supprimer le monde réel et couper les liens réels qui unissent l’éducation à “l’état des choses”. Cet artifice protecteur, qui n’a d’autre but que de saisir l’essence d’une chose hors de son existence factuelle, s’appelle un *laboratoire*. Dès les premières lignes, Rousseau constitue un laboratoire – la mère prévoyante – afin de séparer l’éducation du réel pour en établir une définition. Il faut donc éviter le contre-sens qui ferait de la mère l’éducatrice interpellée par le philosophe, elle n’est que la gardienne négative, la police des frontières de la nature, chargée de repousser la contrebande sociale et permettre de concevoir la notion d’éducation en elle-même, une éducation dégagée de la situation qui la réduit à n’être qu’une phase terminale de destruction ...” (cfr. Vargas, Yves, *Introduction à l’Emile de Rousseau*, Presses Universitaires de France, 1995, p. 9).

¹¹⁸⁸ De acordo com L’Aminot: “La pédagogie moderne a reconnu “l’apport génial de R.” à la science de l’enfant (R. Dottrens, 112). L’auteur d’*Émile* a réalisé un véritable renversement des valeurs en plaçant le petit homme au centre de tout, de telle sorte que c’est désormais à partir de lui que l’on doit envisager programmes, rythmes ou méthodes scolaires, et non pas l’inverse. L’observation des enfants dont Rousseau a donné maint exemple est la base de la pédagogie dans les petites classes d’école maternelle. C’est parmi elles que l’influence de Rousseau se fait le plus sentir : le souci d’éveiller l’enfant, de le placer dans un cadre à sa mesure ou d’ouvrir l’école sur le monde extérieur procède directement de l’*Émile*. Comme l’a dit M. Tournier, avec ce livre, Rousseau a assuré “le sacre de l’enfant” ...” (cfr. L’Aminot, T., *Enfance/Enfant*, In Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 297).

suprir tal carência – “Tout ce que nous n'avons pas à nôtre naissance et dont nous avons besoin étant grands, nous est donné par l'éducation ...”¹¹⁸⁹

1.1.2. Primazia e importância da figura materna

Quando começa a falar da idade entre o nascimento e os dois anos, Rousseau não deixa de analisar o papel das parteiras. Estas acabam por servir de imagem para mostrar como, desde o nascimento, o bebé está condenado a ser moldado pelo exterior. O autor é claro quando denuncia o papel que as parteiras desempenham aquando do nascimento da criança: “On dit que plusieurs sages-femmes prétendent, en païtrissant la tête des enfans nouveaux-nés, lui donner une forme plus convenable, et on le souffre! Nos têtes seroient mal de la façon de l'auteur de nôtre être: il nous les faut façonnées au dehors par les sages-femmes, et au dedans par les philosophes ...”¹¹⁹⁰.

Podemos ver, assim, como o tema da limitação da liberdade física é desde logo abordado, começando o autor por apontar as consequências negativas que uma limitação física provoca no desenvolvimento do bebé:

“L'enfant nouveau-né a besoin d'étendre et de mouvoir ses membres, pour les tirer de l'engourdissement où, rassemblés en un peloton, ils ont resté si longtems. On les étend, il est vrai, mais on les empêche de se mouvoir; on assujettit la tête même par des tétières: il semble qu'on a peur qu'il n'ait l'air d'être en vie ...”¹¹⁹¹.

¹¹⁸⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De l'éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 247.

“Tudo o que não temos ao nascer e de que precisamos quando grandes nos é dado pela educação ...”.

¹¹⁹⁰ *Ibidem*, p. 253. “Dizem que muitas parteiras pretendem, ao moldar a cabeça das crianças recém-nascidas, dar-lhes uma forma mais conveniente, e isso é tolerado! Nossas cabeças não estariam bem à maneira do autor de nosso ser; precisamos tê-las modeladas por fora através das parteiras e por dentro através dos filósofos ...”.

¹¹⁹¹ *Ib.*, p. 254. “A criança recém-nascida precisa esticar e mover os membros para tirá-los do entorpecimento em que, unidos como um novelo, permaneceram por longo tempo. É verdade que os esticamos, mas os impedimos de se moverem; chegamos até a prender-lhes a cabeça a testeiras: até parece que temos medo de que ela pareça estar viva ...”.

Para o nosso pedagogo, uma das primeiras consequência negativa é justamente a dificuldade que o bebê tem em se desenvolver, devido à inação a que está submetido. Este primeiro procedimento limita grandemente a forma como o bebê se relacionar com o exterior:

“L'inaction, la contrainte où l'on retient les membres d'un enfant, ne peuvent que gêner la circulation du sang, des humeurs, empêcher l'enfant de se fortifier, de croître, et altérer sa constitution (...). De peur que les corps ne se déforment par des mouvements libres, on se hâte de les déformer en les mettant en presse. On les rendroit volontiers perclus pour les empêcher de s'estropier ...”¹¹⁹².

Daí que as consequências negativas ao nível físico possam desencadear consequências idênticas ao nível psicológico. Ou seja, as limitações físicas vão originar repercussões negativas ao nível do carácter emocional:

“Leur premier sentiment est un sentiment de douleur et de peine: ils ne trouvent qu'obstacles à tous les mouvemens dont ils ont besoin (...). Leurs premières voix, dites-vous, sont des pleurs? Je le crois bien: vous les contrariez dès leur naissance; les premiers dons qu'ils reçoivent de vous sont des chaînes; les premiers traitemens qu'ils éprouvent sont des tourmens. N'ayant rien de libre que la voix, comment ne s'en serviroient-ils pas pour se plaindre? Ils crient du mal que vous leur faites: ainsi garrottés, vous crieriez plus fort qu'eux ...”¹¹⁹³.

Contudo, para Rousseau, a situação agrava-se com o lugar de destaque que as amas-de-leite ocupam no relacionamento com o bebê. Questiona o autor: “D'où vient cet usage déraisonnable?”¹¹⁹⁴. A resposta é assertiva: “Depuis que les mères, méprisant leur premier devoir,

¹¹⁹² Ib.. “A inação, o constrangimento em que se mantêm os membros de uma criança só podem dificultar a circulação do sangue, dos humores, impedir que a criança se torne mais forte, cresça, e alterar sua constituição (...). Temendo que os corpos se deformem com os movimentos livres, apressam-se em deformá-los pondo-os entre prensas. De bom grado os tornariam paralíticos para impede-los de se estropiarem ...”.

¹¹⁹³ Ib., pp. 254 – 255. “O primeiro sentimento das crianças é um sentimento de dor e de sofrimento; só encontram obstáculos em todos os movimentos de que precisam (...). Dizeis que seus primeiros sons são choros? Acredito, vós as contrariais desde o nascimento. Os primeiros presentes que recebem de vós são correntes; os primeiros cuidados que recebem são torturas. Não tendo nada de livre a não ser a voz, como não se serviriam dela para se queixarem? Gritam pela dor que lhes provocais: garroteados do mesmo modo, gritarieis mais forte ainda ...”.

¹¹⁹⁴ Ib., p. 255. “De onde vem esse costume insensato?”.

n'ont plus voulu nourrir leurs enfans, il a falu les confier à des femmes mercenaires, qui, se trouvant ainsi méres d'enfans étrangers pour qui la nature ne leur disoit rien, n'ont cherché qu'à s'épargner de la peine ..."¹¹⁹⁵. E em tom critico prossegue: "Le devoir des femmes n'est pas douteux: mais on dispute si, dans le mépris qu'elles en font, il est égal pour les enfans d'être nourris de leur lait ou d'un autre ..."¹¹⁹⁶.

Ora, o que está em causa é saber se de facto se deve apenas considerar o aspecto físico do problema – "... et l'enfant a-t-il moins besoin des soins d'une mère que de sa mamelle?"¹¹⁹⁷ - ou se, pelo contrário, se deve ter em consideração o aspecto afectivo. Isto porque, de acordo com o autor, é fundamental perceber que "D'autres femmes, des bêtes même, pourront lui donner le lait qu'elle lui refuse: la sollicitude maternelle ne se supplée point ..."¹¹⁹⁸. Assim, relativamente à questão dos afectos, Rousseau é claro quando distingue as mães das amas-de-leite: "Celle qui nourrit l'enfant d'une autre au lieu du sien est une mauvaise mère: comment sera-t-elle une bonne nourrice? Elle pourra le devenir, mais lentement; il faudra que l'habitude change la nature: et l'enfant mal soigné aura le tems de perir cent fois avant que sa nourrice ait pris pour lui une tendresse de mère ..."¹¹⁹⁹.

O que esta situação origina é que ocorra uma transferência de afectos, sendo que a primeira consequência negativa provocada pela atitude da mãe surge quando vê "... partager le droit de mère, ou plustôt de l'aliener; de voir son enfant aimer une autre femme autant et plus qu'elle; de sentir que la tendresse qu'il conserve pour sa propre mère est une grace, et que celle qu'il a pour sa mère adoptive est un devoir ..."¹²⁰⁰. Como é, então, que as mães tentam remediar esta situação? Inspirando "... aux enfans du mépris pour leur nourrice en les traitant en véritables

¹¹⁹⁵ Ib.. "Desde que as mães, desprezando seu primeiro dever, não mais quiseram alimentar seus filhos, foi preciso confiá-los a mulheres mercenárias que, vendo-se assim mãe de filhos alheios, por quem a natureza nada lhes dizia, só procuram furtar-se ao incômodo ...".

¹¹⁹⁶ Ib., p. 256. "O dever das mulheres não é fácil, mas o que se discute é se, com o desprezo que elas têm por ele, é indiferente para os filhos que sejam amamentados com seu leite ou com outro ...".

¹¹⁹⁷ Ib., p. 257. "... terá a criança menos necessidade de uma mãe do que de suas tetas?".

¹¹⁹⁸ Ib.. "Outras mulheres, e até animais, poderão dar-lhe o leite que a mãe recusar, mas a sollicitude materna não se pode substituir ...".

¹¹⁹⁹ Ib.. "A mulher que dá leite ao filho de outra em lugar do seu é uma má mãe; como poderá ser uma boa ama-de-leite? Poderá vir a sê-lo, mas pouco a pouco; será preciso que o hábito mude a natureza, e a criança mal cuidada terá cem vezes o tempo de morrer antes que sua ama-de-leite tenha adquirido por ela uma ternura de mãe ...".

¹²⁰⁰ Ib.. "... dividir o direito de mãe, ou melhor, de aliená-lo; de ver o filho amar outra mulher tanto e mais do que a ela; de sentir que a ternura que ele conserva por sua própria mãe é um favor, enquanto que a que têm por sua mãe adoptiva é um dever ...".

servantes ...”¹²⁰¹. As consequências deste comportamento são, para Rousseau, nefastas: “Au lieu de faire un tendre fils d'un nourriçon dénaturé, elle l'exerce à l'ingratitude; elle lui apprend à mépriser un jour celle qui lui donna la vie, comme celle qui l'a nourri de son lait ...”¹²⁰².

Entende-se, pois, que o autor defendia que o retorno de cada um aos primeiros deveres terá que, justamente, começar pelas mães: “Commencez par les mères; vous serez étonné des changements que vous produirez. Tout vient successivement de cette première dépravation ...”¹²⁰³. Veja-se como Rousseau retrata este movimento de decadência:

“... tout l'ordre moral s'altère; le naturel s'éteint dans tous les cœurs; l'intérieur des maisons prend un air moins vivant; le spectacle touchant d'une famille naissante n'attache plus les maris, n'impose plus d'égards aux étrangers; on respecte moins la mère dont on ne voit pas les enfans; il n'y a point de résidence dans les familles; l'habitude ne renforce plus les liens du sang; il n'y a plus ni pères ni mères, ni enfans, ni frères, ni soeurs; tous se connoissent à peine; comment s'aimeroient-ils? Chacun ne songe plus qu'à soi. Quand la maison n'est qu'une triste solitude, il faut bien aller s'égayer ailleurs ...”¹²⁰⁴.

A mãe é, para o bebê, um elemento essencial na rota da natureza, já que “Pour de mère, point d'enfant. Entre eux les devoirs sont réciproques; et s'ils sont mal remplis d'un côté, ils seront négligés de l'autre ...”¹²⁰⁵. Sobre esta relação de filiação natural, Rousseau considera que “L'enfant

¹²⁰¹ Ib.. “... às crianças o desprezo pelas amas-de-leite, tratando-as como verdadeiras servas ...”.

¹²⁰² Ib.. “Em vez de transformar um bebê desnaturado num filho carinhoso, ela excita-o para a ingratidão; ensina-o a um dia desprezar aquela que lhe deu a vida, assim como aquela que o alimentou com seu leite ...”.

¹²⁰³ Ib.. “Começai pelas mães; ficareis admirados com as mudanças que produzireis. Todos os acontecimentos nefastos surgem sucessivamente dessa primeira depravação ...”.

¹²⁰⁴ Ib., pp. 257 - 258. “... toda a ordem moral fica alterada; a naturalidade apaga-se em todos os corações; o interior das casas assume um interior menos vivo; o espectáculo tocante de uma família nascente já não atrai os maridos, já não impõe o respeito aos estranhos, respeita-se menos a mãe cujos filhos não se vêem; não há permanência nas famílias; o hábito já não reforça os laços de sangue; já não há pais, nem mães, nem filhos, nem irmãos, nem irmãs, todos mal se conhecem; como se amariam? Cada um já não pensa senão em si mesmo. Quando o lar não passa de uma triste solidão, é preciso divertir-se em outro lugar ...”.

¹²⁰⁵ Ib., p. 259. “Sem mãe, não há filho. Entre eles os deveres são reciprocos e, se forem mal cumpridos por um lado, serão desdenhados por outro ...”.

doit aimer sa mère avant de savoir qu'il le doit ..."¹²⁰⁶, pois, é necessário fortalecer, desde o nascimento, "... la voix du sang ..." ¹²⁰⁷, caso contrário "Nous voilà (...) hors de la nature ..." ¹²⁰⁸.

A qualidade da educação fornecida pela mãe é, pois, fundamental. Nesta medida, Rousseau alerta para os perigos de uma educação castradora: "On en sort encore [de la nature] par une route opposée, lors qu'au lieu de négliger les soins de mère, une femme les porte à l'excès ..." ¹²⁰⁹. Tal comportamento reflectir-se-á, mais tarde, no comportamento do adulto, pois, ao afastar dele "... des atteintes pénibles (...), quelques incomodités ..." ¹²¹⁰, esquece o "... combien c'est une précaution barbare de prolonger la foiblesse de l'enfance sous les fatigues des hommes faits ..." ¹²¹¹. Por isso é que o autor apela para que se preste atenção ao caminho traçado pela natureza, - "Observez la nature, et suivez la route qu'elle vous trace ..." ¹²¹² -, o qual define como sendo de uma constante exercitação de sofrimento e de dor que visa fortalecer a criança: "Elle [la nature] exerce continuellement les enfans; elle endurecit leur tempérament par des épreuves de toute espèce; elle leur apprend de bonne heure ce que c'est que peine et douleur. Les dents qui percent leur donnent la fièvre; des coliques aiguës leur donnent des convulsions; de longues toux les suffoquent; les vers les tourmentent; la pléthore corrompt leur sang; des levains divers y fermentent, et causent des éruptions périlleuses. Presque tout le premier âge est maladie et danger ..." ¹²¹³.

¹²⁰⁶ lb.. "O filho deve amar a mãe antes de saber que este é o seu dever ...".

¹²⁰⁷ lb.. "... a voz do sangue ...".

¹²⁰⁸ lb.. "Eis-nos (...) fora da natureza ...".

¹²⁰⁹ lb.. "Também saímos dela [da natureza] por um caminho oposto, quando, ao invés de desdenhar os cuidados de mãe, uma mulher os exagera ...".

¹²¹⁰ lb.. "... alguns golpes dolorosos (...) alguns incômodos ...".

¹²¹¹ lb.. "... quanto é bárbara a precaução de prolongar a fraqueza da infância sob a fadiga dos homens adultos ...".

¹²¹² lb.. "Observei a natureza e segui a rota que ela vos traça ...".

¹²¹³ lb.. "Ela [natureza] exercita continuamente as crianças, enrijece seu temperamento com provas de toda a espécie e cedo lhes ensina o que é sofrimento e dor. Os dentes cariados dão-lhes febre, cólicas agudas dão-lhes convulsões, longas tosses sufocam, os vermes atormentam-nas, a plethora corrompe seu sangue e leveduras diversas fermentam, causando erupções perigosas. Quase toda a primeira infância é doença e perigo ...".

1.1.3. Os primeiros cuidados (parto, vestuário, exercício físico, alimentação e relação com os pais)

Os anos iniciais da vida são determinantes, para o nosso pensador, de onde que ele quisesse que, desde logo, se resguardassem as crianças dos males dos mais crescidos¹²¹⁴, como escreve no *Emile*, "... c'est contre les maux de la jeunesse qu'il faut l'armer avant qu'il y soit parvenu: car, si le prix de la vie augmente jusqu'à l'age de la rendre utile, quelle folie n'est-ce point d'épargner quelques maux à l'enfance en les multipliant sur l'age de raison!"¹²¹⁵.

Para tanto, havia que ter consciência da educação tradicional. Com efeito, pensava Rousseau que os adultos não sabem educar um bebé, o tipo de relação que estabelecem com ele revela uma total confusão de comportamentos. E isto ocorre porque não entendem a natureza da primeira idade da infância: "En naissant, un enfant crie; sa première enfance se passe à pleurer. Tantôt on l'agite, on le flatte pour l'appaiser (...). Point de milieu, il faut qu'il donne des ordres ou qu'il en reçoive ..." ¹²¹⁶. Não admira que, devido a esta postura confusa dos adultos, a criança não perceba como é que se deve comportar; logo, conclui Rousseau: "C'est ainsi qu'on verse de bonne heure dans son jeune coeur les passions qu'on impute ensuite à la nature, et qu'après avoir pris peine à le rendre méchant, on se plaint de le trouver tel ..." ¹²¹⁷.

Sendo a criança deformada desde tenra idade, nunca mais poderá recuperar a sua natureza, transformando-se, ao invés, num homem que resulta, então, não da sua natureza, mas da fantasia dos adultos:

¹²¹⁴ Ib., pp. 260 – 261. Escreve Rousseau: "Heureux de ne connoître dans son enfance que les maux physiques! maux bien moins cruels, bien moins douloureux que les autres, et qui bien plus rarement qu'eux nous font renoncer à la vie. On ne se tue point pour les douleurs de la goutte; il n'y a guères que celles de l'ame qui produisent le desespoir. Nous plaignons le sort de l'enfance, et c'est le nôtre qu'il faudroit plaindre ..." "Feliz de quem conhece na infância só os males físicos, males bem menos cruéis, bem menos dolorosos do que os outros, e que bem mais raramente do que eles nos fazem renunciar à vida! Ninguém se mata por causa das dores da gota; quase que só as dores da alma produzem o desespero. Lamentamos a sorte da infância, mas é a nossa que deveríamos lamentar ...".

¹²¹⁵ Ib., p. 260. "... é contra os males da juventude que devemos armá-la antes que tenha chegado a ela, pois, se o valor da vida aumenta até a idade de torná-la útil, que loucura é não poupar alguns males na infância e multiplicá-los na idade da razão!".

¹²¹⁶ Ib., p. 261. "Ao nascer, uma criança grita; sua primeira infância passa-se chorando. Ora a sacodem e a mimam para acalmá-la, ora a ameaçam e lhe batem para que fique quieta (...). Não há meio-termo, ela deve dar ordens ou recebe-las ...".

¹²¹⁷ Ib.. "É assim que cedo vertemos em seu jovem coração as paixões que depois imputamos à natureza, e após nos termos esforçado para torná-la má, queixamo-nos de vê-la assim ...".

“... après avoir chargé sa mémoire ou de mots qu'il ne peut entendre, ou de choses qui ne lui sont bonnes à rien; après avoir étouffé le naturel par les passions qu'on a fait naître, on remet cet être factice entre les mains d'un precepteur, lequel achève de développer les germes artificiels qu'il trouve déjà tout formés, et lui apprend tout, hors à se connaître, hors à tirer parti de lui-même, hors à savoir vivre et se rendre heureux. Enfin, quand cet enfant, esclave et tiran, plein de science et dépourvu de sens, également débile de corps et d'ame, est jetté dans le monde en y montrant son ineptie, son orgueil et tous ses vices, il fait déplorer la misère et la perversité humaines. On se trompe; c'est là l'homme de nos fantaisies: celui de la nature est fait autrement ...”¹²¹⁸.

Tendo em conta tudo isto, Rousseau tenta desconstruir o tipo tradicional de educação, traçando uma pedagogia alternativa que vai incidir em aspectos como o local ideal para o parto, o vestuário, o exercício físico, a alimentação e a relação com os pais.

Sobre o local de nascimento do bebé, Rousseau demonstra simpatizar com a ideia de que o parto é tanto melhor quanto mais ocorrer num ambiente natural: “Les femmes grosses qui sont à la campagne se hâtent de revenir accoucher à la ville: elles devraient faire tout le contraire, celles surtout qui veulent nourrir leurs enfans. Elles auroient moins à regretter qu'elles ne pensent; et, dans un séjour plus naturel à l'espèce, les plaisirs attachés aux devoirs de la nature leur ôteroient bientôt le gout de ceux qui ne s'y rapportent pas ...”¹²¹⁹. O autor equaciona, pois, o facto de existir uma diferença qualitativa em o bebé nascer no campo ou na cidade. Rousseau apresenta, ainda, recomendações sobre aquele momento a seguir ao parto, em que se dá banho ao recém-nascido:

¹²¹⁸ Ib., p. 261. “... depois de terem enchido sua memória ou de palavras que não pode entender, ou de coisas que não lhe servem para nada, depois de terem sufocado a natureza pelas paixões que fizeram nascer, colocam este ser factício nas mãos de um preceptor que acaba de desenvolver as sementes artificiais que já encontra completamente formadas, e lhe ensina tudo, excepto a se conhecer (...) excepto a saber viver e se tornar feliz. Enfim, quando essa criança, escrava e tirana, cheia de ciência e carente de juízo, (...) é jogada no mundo, mostrando sua incapacidade, seu orgulho e todos os seus vícios, faz com que se deplorem a miséria e a perversidade humanas. É engano; aquele é o homem de nossas fantasias; o da natureza é feito de outra maneira ...”

¹²¹⁹ Ib., p. 277. “As mulheres grávidas que estão nos campos apressam-se em vir dar à luz na cidade; deveriam fazer exactamente o contrário, sobretudo as que pretendem amamentar seus filhos. Teriam menos a lamentar do que pensam, e, num ambiente mais natural para a espécie, os prazeres unidos aos deveres da natureza logo lhes tirariam o gosto pelos que não se relacionam com ela ...”.

“... on lave l'enfant avec quelque eau tiède où l'on mêle ordinairement du vin. Cette addition du vin me paroît peu nécessaire. Comme la nature ne produit rien de fermenté, il n'est pas à croire que l'usage d'une liqueur artificielle importe à la vie de ses créatures (...) cette précaution de faire tiedir l'eau n'est pas non plus indispensable; et en effet des multitudes de peuples lavent les enfans nouveaux nés dans les rivières ou à la mer sans autre façon ...”¹²²⁰.

Com este tipo de procedimento o temperamento das crianças começa, desde logo, a ser moldado. Ora, um temperamento amolecido, torna-se mimado, e já não sente necessidade de passar por provas difíceis para ser revigorado.

Relativamente ao vestuário, considera que este deve ser confortável, de modo a que a criança possa respirar melhor: “Point de tétières, point de bandes, point de maillot; des langes flotants et larges, qui laissent tous ses membres en liberté, et ne soient ni assés pesans pour gêner ses mouvemens, ni assés chauds pour empêcher qu'il ne sente les impressions de l'air ...”¹²²¹.

No que se refere à educação física, Rousseau é peremptório quando assim afirma: “Exercez-les donc aux atteintes qu'ils auront à supporter un jour. Endurcissez leurs corps aux intempéries des saisons, des climats, des éléments, à la faim, à la soif, à la fatigue; trempez-les dans l'eau du Styx ...”¹²²². O próprio berço, primeiro e, depois, o quarto, deveriam ser tais que proporcionassem sem reservas esta exercitação física: “Placez-le dans un grand berceau bien rembourré, où il puisse se mouvoir à l'aise et sans danger. Quand il commence à se fortifier, laissez-le ramper par la chambre; laissez lui développer, étendre ses petits membres; vous les verrez se renforcer de jour en jour ...”¹²²³.

¹²²⁰ Ib.. “... lava-se a criança com água morna, à qual de ordinário mistura-se vinho. O acréscimo de vinho parece-me pouco necessário. Como a natureza nada produz de fermentado, não é de acreditar que um licor artificial seja importante para a vida das criaturas (...), a preocupação de se aquecer um pouco a água tampouco é indispensável, e, de facto, muitos povos lavam as crianças recém-nascidas nos rios ou no mar, sem mais ...”.

¹²²¹ Ib., p. 278. “Nada de testeiras e nada de faixas; fraldas soltas e largas que deixem todos os seus membros em liberdade e não sejam muito pesadas para atrapalhar seus movimentos, nem quentes demais para impedir que sintam as impressões do ar ...”.

¹²²² Ib., p. 260. “Exercitai-as, pois, para os golpes que um dia terão de suportar. Enrijecei seus corpos para as intempéries das estações, dos climas, dos elementos, para a fome, para a sede, a fadiga; mergulhai-as na água do Estige ...”.

¹²²³ Ib., p. 278. “Colocai-a num grande berço bem acolchoado, onde ela possa movimentar-se à vontade e sem perigo. Quando começar a ficar mais forte, deixai-a engatinhar pelo quarto; deixai que a criança se desenvolva e estique as perninhas e os bracinhos e vereis que ela se fortalecerá a cada dia ...”.

Relativamente à importância e à necessidade quer da alimentação quer do descanso aconselha:

“La nourriture et le sommeil, trop exactement mesurés, leur deviennent nécessaires au bout des mêmes intervalles; et bientôt le desir ne vient plus du besoin, mais de l'habitude, ou plutôt l'habitude ajoute un nouveau besoin à celui de la nature: voilà ce qu'il faut prévenir ...”¹²²⁴.

No aspecto da nutrição o que está em causa, para o nosso autor, é saber que tipo de alimentação, carnívora ou herbívora, é melhor para o bebé. Relembrando que, “Les paysannes mangent moins de viande et plus de légumes que les femmes de la ville; et ce régime végétal paroit plus favorable que contraire à elles et à leurs enfans. Quand elles ont des nourrissons bourgeois, on leur donne des pot-au-feux, persuadé que le potage et le bouillon de viande leur font un meilleur chile et fournissent plus de lait ...”¹²²⁵, Rousseau revela-se contrário a esta orientação: “Je ne suis point du tout de ce sentiment; et j'ai pour moi l'expérience qui nous apprend que les enfans ainsi nourris sont plus sujets à la colique et aux vers que les autres ...”¹²²⁶. Consequentemente, não é, pois, de admirar que o nosso autor considere que o leite “... femelles herbivores est plus doux et plus salubre que celui des carnivores ...”¹²²⁷, e nesse caso, “... moins sujet à la putrefaction ...”¹²²⁸.

Tratando da importância que a família assume na educação e no desenvolvimento holístico do bebé, o nosso pedagogo defendia que a presença dos progenitores era essencial, que, quer a mãe, quer o pai, desempenham um papel fundamental, pois, “Comme la véritable nourrice est la mère, le véritable précepteur est le père ...”¹²²⁹. De acordo com o autor, seria preferível que o

¹²²⁴ Ib., p. 282. “A alimentação e o sono, medidos muito exactamente, tomam-se-lhes necessários a intervalos iguais, e logo o desejo já não vem da necessidade, mas sim do hábito, ou melhor, o hábito acrescenta uma nova necessidade à da natureza: eis o que é preciso prevenir ...”.

¹²²⁵ Ib., p. 274. “As camponesas comem menos carne e mais legumes do que as mulheres da cidade, e esse regime vegetal parece mais favorável do que o contrário a elas e a suas crianças e que quando elas cuidam de crianças burguesas, recebem cozidos, acreditando-se que a sopa e a carne lhes proporcionam um melhor quilo digestivo e fornecem mais leite ...”.

¹²²⁶ Ib., pp. 274 – 275. “Não compartilho de modo algum essa distinção e tenho, de minha parte, a experiência que nos ensina que as crianças assim alimentadas são mais sujeitas do que as outras à cólica e aos vermes ...”.

¹²²⁷ Ib., p. 275. “... das fêmeas herbívoras é mais doce e mais salubre do que o das carnívoras ...”.

¹²²⁸ Ib.. “... menos sujeito à putrefacção ...”.

¹²²⁹ Ib., p. 261. “Assim como a verdadeira ama-de-leite é a mãe, o verdadeiro preceptor é o pai ...”.

bebê fosse educado por um pai judicioso e limitado do que por um professor hábil, "... car le zèle suppléera mieux au talent que le talent au zèle ..." ¹²³⁰. Por isso, a sua postura é muito crítica em relação aos pais que abandonam esta tarefa:

"Mais les affaires, les fonctions, les devoirs... Ah! les devoirs, sans doute le dernier est celui du père! Ne nous étonnons pas qu'un homme dont la femme a dédaigné de nourrir le fruit de leur union, dédaigne de l'élever. Il n'y a point de tableau plus charmant que celui de la famille; mais un seul trait manqué défigure tous les autres. Si la mère a trop peu de santé pour être nourrice, le père aura trop d'affaires pour être précepteur ..." ¹²³¹.

1.1.4. Orientação do conhecimento (sentidos e linguagem)

Rousseau sublinha a necessidade de ter em conta a função dos sentidos na aprendizagem efectuada pela criança até aos dois anos. Isto porque o bebê "... veut tout toucher, tout manier: ne vous opposez point à cette inquiétude; elle lui suggère un apprentissage très nécessaire ..." ¹²³². E o autor explica claramente a importância dos sentidos por serem eles os primeiros instrumentos de conhecimento de que o bebê se vai servir, por ser através deles que o bebê inicia a construção do seu auto e hetero conhecimento, "Dans le commencement de la vie, où la mémoire et l'imagination sont encore inactives, l'enfant n'est attentif qu'à ce qui affecte actuellement ses sens ..." ¹²³³.

Rousseau pretende, ainda, que, "Ses sensations étant les premiers matériaux de ses connoissances, les lui offrir dans un ordre convenable, c'est préparer sa mémoire à les fournir un jour dans le même ordre à son entendement ..." ¹²³⁴. Oferecê-las numa ordem conveniente é uma

¹²³⁰ Ib., p. 262. "... pois o zelo suprirá melhor o talento do que o talento ao zelo ...".

¹²³¹ 25 "Mas os negócios, os serviços, os deveres... Ah! os deveres, sem dúvida o último deles é o do pai! Não nos espantemos que um homem cuja a mulher não quis amamentar o fruto de sua união não queira educá-lo. Não há quadro mais encantador do que o da família, mas um só traço mal feito desfigura todos os outros. Se a mãe tiver muita pouca saúde para dar leite, o pai terá ocupações demais para ser preceptor ...".

¹²³² Ib., p. 284. "... quer tocar tudo: não vos oponhais a esta inquietação; ela sugere um aprendizado muito necessário ...".

¹²³³ Ib.. "No início da vida, quando a memória e a imaginação ainda estão inactivas, a criança só presta atenção ao que realmente atinge seus sentidos ...".

¹²³⁴ Ib.. "... sendo as sensações os primeiros materiais de seus conhecimentos, oferecê-las numa ordem conveniente é preparar sua memória para um dia apresentá-las na mesma ordem ao entendimento ...".

expressão que faz subentender a existência de alguém que, no sentido de dirigir, oferece ao bebê um determinado conjunto de conhecimentos. Implica, ainda, a necessidade de orientação desses conhecimentos no processo de aprendizagem. Esta ideia de uma aprendizagem sensorial direccionada é mais notória quando Rousseau, escrevendo para os educadores, considera que "... il faut changer de méthode, et ne le porter que comme il vous plait, et non comme il lui plait; car sitôt qu'il n'est plus abusé par le sens, son effort change de cause ..." ¹²³⁵.

Rousseau, relativamente ao desenvolvimento da linguagem da criança, começa por entender que "D'abord ils ont, pour ainsi dire, une grammaire de leur âge, dont la syntaxe a des règles plus générales que la nôtre ..." ¹²³⁶. Daí que seja muito importante o modo como os educadores se comportam quando se relacionam com as crianças. Eles devem ser exemplares na utilização correcta da linguagem, esperando, sem pressas o fruto desse exemplo: "Parlez toujours correctement devant eux, faites qu'ils ne se plaisent avec personne autant qu'avec vous, et soyez sûrs qu'insensiblement leur langage s'épurera sur le vôtre sans que vous les ayez jamais repris. Mais un abus de tout autre importance, et qu'il n'est pas moins aisé de prévenir, est qu'on se presse trop de les faire parler, comme si l'on avoit peur qu'ils n'apprirent pas à parler d'eux-mêmes ..." ¹²³⁷.

Rousseau defende, ainda, que o bom fim da educação para a aquisição e correcta utilização da linguagem depende, também, do meio – urbano ou rural - em que o bebê aprende a falar. Quando ocorre na cidade, as crianças, porque educadas no seu quarto, pela governanta, "... n'ont besoin que de marmotter pour se faire entendre: sitôt qu'ils remuent les lèvres on prend peine à les écouter; on leur dicte des mots qu'ils rendent mal ..." ¹²³⁸, isto porque, sendo alvo de constante atenção sempre pelas mesmas pessoas, "... devinent ce qu'ils ont voulu dire, plutôt

¹²³⁵ Ib., 285. "... será preciso mudar de método e só levá-la [a criança] para onde vos agradar, e não para onde ela quiser, pois, assim que não for mais enganada pelos sentidos, seu esforço mudará de causa ...".

¹²³⁶ Ib., p. 293. "Em primeiro lugar, as crianças têm, por assim dizer, uma gramática para a sua idade, cuja sintaxe tem regras mais gerais do que a nossa ...".

¹²³⁷ Ib., p. 294. "Falai sempre com correcção diante delas, fazei com que não se sintam melhor com os outros do que convosco e tereis certeza de que imperceptivelmente sua linguagem se purificará com a vossa sem que jamais a tenhais corrigido. Mas um erro de maior importância, e que não é menos fácil de se prevenir, consiste em nos apressarmos para fazer as crianças falarem, como se teméssemos que não aprendessem a falar por si mesmas ...".

¹²³⁸ Ib., p. 295. "... só precisam resmungar para se fazerem ouvir. Tão logo movem os lábios, alguém já se empenha em escutá-las; palavras lhes são ditadas que elas repetem mal ...".

que ce qu'ils ont dit ..."¹²³⁹. Quando ocorre no campo o mesmo não sucede. Assim, o facto, de as crianças andarem livremente, a brincar, no campo "... éloignés du père, de la mère et des autres enfans, s'exercent à se faire entendre à distance, et à mesurer la force de la voix sur l'intervalle qui les sépare de ceux dont ils veulent être entendus. Voila comment on apprend véritablement à prononcer, et non pas en bégayant quelques voyelles à l'oreille d'une gouvernante attentive ..."¹²⁴⁰.

1.2. A educação da criança

1.2.1. A idade da natureza entre os dois e os doze anos

O segundo período, da idade da natureza corresponde às crianças com idades compreendidas entre os dois e os doze anos. Rousseau nomeia esta fase como poericia, assim, o diferenciamento da fase anterior; a infância. Sem prejuízo de, como nos diz, continuar a empregar a palavra infância para designar a totalidade dos doze anos anteriores a adolescência, "C'est ici le second terme de la vie et celui auquel proprement finit l'enfance; car les mots *infans* et *puer* ne sont pas synonymes. Le premier est compris dans l'autre et signifie *qui ne peut* parler: d'où vient que dans Valère Maxime on trouve *puerum infantem*. Mais je continue à me servir de ce mot selon l'usage de nôtre langue, jusqu'à l'âge pour laquelle elle a d'autres noms ..."¹²⁴¹.

O autor caracteriza este período como sendo aquele que é mais delicado para a vida humana. Na realidade, reforça mais uma vez a ideia da desnaturalização da criança causada pelos erros e vícios a que esta está sujeita por parte dos adultos, "Le plus dangereux intervalle de la vie humaine est celui de la naissance à l'age de douze ans. C'est le tems où germent les erreurs et les vices, sans qu'on ait encore aucun instrument pour les détruire; et quand l'instrument vient, les racines sont si profondes, qu'il n'est plus tems de les arracher. Si les enfans sautoient tout d'un coup de la mammelle à l'age de raison, l'éducation qu'on leur donne pourroit leur convenir

¹²³⁹ Ib.. "... advinha-se o que quieram dizer, mais do que o que disseram ...".

¹²⁴⁰ Ib.. "... longe do pai, da mãe e das outras crianças, exercitam-se em se fazer ouvir à distância e a medir a força da voz pelo intervalo que as separa daqueles por quem querem ser ouvidas. Eis como realmente se aprende a pronunciar, e não gaguejando algumas vogais no ouvido de uma governanta atenta ...".

¹²⁴¹ Ib., p. 299. "Eis a segunda fase da vida, aquela onde acaba propriamente a infância, pois as palavras *infans* e *puer* não são sinónimas. A primeira está contida na segunda e significa *quem não pode falar*, daí em Valério Máximo encontramos *puerum infantem*. Mas continuo a me servir dessa palavra segundo o costume da nossa língua, até para a idade em que ela possui outros nomes ...".

...¹²⁴². Esta afirmação leva-nos a duas ideias fundamentais. A primeira ideia, implícita, é a da necessidade de desconstrução dos hábitos educativos tradicionais, como forma propedêutica de garantir que a criança não vai ser vítima da acção errada dos adultos. A segunda ideia prende-se com a questão da oportunidade para garantir que essa acção nefasta dos adultos não se chegue nunca a concretizar.

Assim sendo, Rousseau aconselha deste modo os educadores: “Approfondissez toutes les règles de vôtre éducation, vous les trouverez ainsi toutes à contresens, surtout en ce qui concerne les vertus et les moeurs ...”¹²⁴³. Exorta-os, ainda, a que amem esse tempo de vida que é a infância e a que respeitem os seus interesses característicos: “Aimez l'enfance; favorisez ses jeux, ses plaisirs, son aimable instinct ...”¹²⁴⁴. O que aqui está em causa é, então, a necessidade de respeitar o período da infância, e de não exigir das crianças mais do que aquilo que elas podem dar. Todavia, a leitura que se pode fazer do apelo rousseauneano não será, como o próprio sublinha, a defesa de um modelo de permissividade. Dentro deste contexto, afirma Rousseau:

“Mais quand je me figure un enfant de dix à douze ans, sain, vigoureux, bien formé pour son age, il ne me fait pas naitre une idée qui ne soit agréable, soit pour le présent, soit pour l'avenir: je le vois bouillant, vif, animé, sans souci rongé, sans longue et pénible prévoyance, tout entier à son être actuel, et jouissant d'une plénitude de vie qui semble vouloir s'étendre hors de lui ...”¹²⁴⁵.

Ora, a criança que é descrita por Rousseau na afirmação precedente simboliza o resultado ideal de uma educação natural bem dirigida, na medida em que consegue conservar aquilo que é próprio da criança. Esta modalidade educativa, correspondente à idade da natureza, tem como objectivo contribuir para a harmonia das diferentes faculdades no desenvolvimento da criança: “Je

¹²⁴² *Ib.*, p. 323. “O mais perigoso intervalo da vida humana é o que vai do nascimento até a idade dos doze anos. É o tempo em que germinam os erros e os vícios, sem que tenhamos ainda algum instrumento para destruí-los. E, quando chega o instrumento, as raízes são tão profundas, que já não é tempo de arrancá-las. Se as crianças saltassem de uma vez das tetas para a idade da razão, a educação que lhes damos poderia ser-lhes conveniente ...”.

¹²⁴³ *Ib.*, p. 340. “Aprofundai todas as regras da vossa educação e as considerareis todas elas igualmente despropositadas, sobretudo no que diz respeito às virtudes e aos costumes ...”.

¹²⁴⁴ *Ib.*, p. 302. “Amái a infância; favorecei suas brincadeiras, seus prazeres, seu amável instinto ...”.

¹²⁴⁵ *Ib.*, 419. “Quando, porém, imagino uma criança de dez ou doze anos, sadia, forte, bem formada para a idade, ela não provoca em mim qualquer ideia que não seja agradável, quer para o presente, quer para o futuro; vejo-a ardente, viva, animada, sem preocupações, sem uma longa e penosa previdência, inteiramente entregue ao seu ser actual, gozando de uma plenitude de vida que parece querer estender-se para fora dela ...”.

le prévois dans un autre age, exerçant le sens, l'esprit, les forces, qui se développent en lui de jour en jour, et dont il donne à chaque instant de nouveaux indices. Je le contemple enfant, et il me plaît; je l'imagine homme, et il me plaît davantage ..."¹²⁴⁶.

1.2.2. Educação não permissiva e limites do castigo

Se, no apelo rousseauiano, no amor para com a infância o que está em causa é a necessidade de respeitar as crianças e de não lhes exigir mais do que aquilo que elas podem dar, nem por isso se pode concluir que Jean-Jacques Rousseau pretendia, com isto, fazer a apologia de uma educação permissiva. Atente-se, a propósito na seguinte passagem:

“L'enfant donc qui n'a qu'à vouloir pour obtenir se croit le propriétaire de l'univers; il regarde tous les hommes comme ses esclaves: et quand enfin l'on est forcé de lui refuser quelque chose, lui, croyant tout possible quand il commande, prend ce refus pour un acte de rébellion; toutes les raisons qu'on lui donne dans un age incapable de raisonnement ne sont à son gré que des prétextes; il voit par tout de la mauvaise volonté: le sentiment d'une injustice prétendue aigrissant son naturel, il prend tout le monde en haine, et sans jamais savoir gré de la complaisance, il s'indigne de toute opposition ...”¹²⁴⁷.

Em forma de crítica e de alerta Rousseau aponta algumas consequências negativas de um modelo baseado na permissividade: “Savez-vous quel est le plus sur moyen de rendre votre enfant misérable? c'est de l'accoutumer à tout obtenir; car ses desirs croissant incessamment par la facilité de les satisfaire, tôt ou tard l'impuissance vous forcera malgré vous d'en venir au refus ...”¹²⁴⁸. Assim, aquilo que está em causa é que os educadores percebam as idiosincrasias da

¹²⁴⁶ Ib.. “Prevejo-a em outra idade, exercitando o juízo, o espírito e as forças que nela se desenvolvem todos os dias, dos quais ela dá a cada instante novos indícios; contemplo-a ainda criança e ela me agrada; imagino-a adulta, e ela me agrada ainda mais ...”.

¹²⁴⁷ Ib., p. 314. “Assim, a criança que só precisa querer para conseguir acredita ser a proprietária do universo; considera todos os homens seus escravos e, quando finalmente somos forçados a lhe recusar alguma coisa, ela, acreditando que tudo é possível quando manda, toma essa recusa como um acto de rebeldia. Todas as razões que lhes damos numa idade incapaz de raciocinar só lhe parecem pretextos; vê por toda a parte má vontade. Irritando a sua natureza o sentimento de uma pretensa injustiça, a criança passa a ter ódio de todos e, sem nunca ter gratidão pela complacência, indigna-se com qualquer oposição ...”.

¹²⁴⁸ Ib.. “Sabeis qual é o meio mais seguro de se tornar miserável vosso filho? É acostumá-lo a obter tudo, pois, crescendo seus desejos sem cessar pela facilidade de satisfazê-los, mais cedo ou mais tarde a impotência vos forçará, ainda que contra a vontade, a usar da recusa ...”.

infância de acordo com as diferentes idades, não significando isto que o educador, ao respeitar o ritmo natural de desenvolvimento da criança, se deixe submeter aos seus caprichos. O autor, sobre este aspecto, define de um modo muito claro qual o papel do educador. O educador nunca deve infligir às crianças o castigo de modo gratuito, deve fazer perceber às crianças que ele resulta como consequência de uma má acção, “Ainsi vous ne déclamez point contre le mensonge, vous ne les punirez point précisément pour avoir menti; mais vous ferez que tous les mauvais effets du mensonge, comme de n'être point cru quand on dit la vérité, d'être accusé du mal qu'on n'a point fait, quoiqu'on s'en deffende ...”¹²⁴⁹.

1.2.3. Início da educação moral

O educador deve reconhecer que é nesta idade da infância que a criança começa a ganhar consciência de si mesma. Rousseau identifica o início desta idade quando a criança se torna capaz de direccionar a sua força de acordo com um conhecimento que adquiriu previamente – “Avec leur force se développe la connaissance qui les met en état de la diriger. C'est à ce second degré que commence proprement la vie de l'individu; c'est alors qu'il prend la conscience de lui-même ...”¹²⁵⁰. Este é um momento importante, isto porque, a partir de agora, sendo a criança capaz de perceber a sua existência é também capaz de perceber a sua felicidade e a sua miséria. Nesse sentido, o tipo de relação que os adultos mantêm com ela deverá ser adequado a esta nova realidade:

“La mémoire étend le sentiment de l'identité sur tous les momens de son existence; il devient véritablement un, le même, et par conséquent déjà capable de bonheur ou de misère. Il importe donc de commencer à le considérer ici comme un être moral ...”¹²⁵¹.

¹²⁴⁹ Ib., p. 335. “Assim, não declamareis contra a mentira, não as punireis exactamente por haverem mentido, mas fareis com que todos os maus efeitos da mentira, como o acreditar nelas quando dizem a verdade, o de serem acusadas pelo mal que não fizeram, embora se defendendo ...”.

¹²⁵⁰ Ib., p. 301. “Junto com a força, desenvolve-se o conhecimento, que as põe em condições de dirigi-la. É nesse segundo grau que propriamente começa a vida do individuo; é então que ele toma consciência de si mesmo ...”.

¹²⁵¹ Ib.. “A memória amplia o sentimento da identidade para todos os momentos de sua existência; ele se torna verdadeiramente uno, o mesmo e, por conseguinte, já capaz de felicidade e de miséria. Portanto, é importante começar a considerá-lo agora como um ser moral ...”.

Na medida em que a criança é um ser moral, já é capaz de compreender a pertinência de duas ideias centrais, a saber: a ideia de liberdade e a ideia de propriedade. Relativamente à primeira ideia afirma o autor: “... le premier de tous les biens n'est pas l'autorité, mais la liberté. L'homme vraiment libre ne veut que ce qu'il peut, et fait ce qu'il lui plait. Voilà ma maxime fondamentale. Il ne s'agit que de l'appliquer à l'enfance, et toutes les règles de l'éducation vont en découler ...”¹²⁵².

Neste sentido é fundamental exercer essa mesma liberdade, que, num primeiro momento, se evidencia no domínio físico. Respeitar os ritmos naturais dos movimentos do corpo é reconhecer essa liberdade, a qual acaba por se manifestar na vontade de saltar e de correr da criança. É justamente por isto que os educadores devem ter em consideração que “La nature a (...) des moyens qu'on ne doit jamais contrarier ...”¹²⁵³. Neste sentido devem os educadores entender que “Quand la volonté des enfans n'est point gâtée par nôtre faute, ils ne veulent rien inutilement. Il faut qu'ils sautent, qu'ils courent, qu'ils crient, quand ils en ont envie. Tous leurs mouvemens sont des besoins de leur constitution, qui cherche à se fortifier ...”¹²⁵⁴.

Relativamente à segunda ideia, afirma o autor que “... l'idée de la propriété remonte naturellement au droit du premier occupant par le travail. Cela est clair, net, simple, et toujours à la portée de l'enfant ...”¹²⁵⁵. Considera finalmente Rousseau que, para que de facto a criança “... puisse avoir cette idée, il faut qu'il ait quelque chose en propre ...”¹²⁵⁶. A criança, quando ganha consciência de que é senhora de algo, entende que tem o direito e o dever de proteger aquilo que é seu. Por esta mesma razão, Rousseau faz questão de destacar o impacto que a ideia de pertença provoca na criança. É justamente a partir do momento em que é senhora de algo que a criança pode ser responsabilizada. Ora, parece-nos que aquilo que o autor pretende demonstrar é que o princípio de propriedade é essencial para alicerçar uma educação para a responsabilidade, sendo isto o que anima o comportamento da criança, definido como justo ou injusto:

¹²⁵² Ib., p. 309. “... o primeiro de todos os bens não é a autoridade, mas a liberdade. O homem verdadeiramente livre só quer o que pode e faz o que lhe agrada. Eis a minha máxima fundamental. Trata-se apenas de aplicá-la à infância, e todas as regras da educação decorrerão dela ...”.

¹²⁵³ Ib., p. 312. “A natureza (...) dispõe de meios que nunca devemos contrariar ...”.

¹²⁵⁴ Ib.. “Quando a vontade das crianças não está mimada por nossa culpa, elas nada querem inutilmente. Elas devem pular, correr, gritar quando têm vontade. Todos os seus movimentos são necessidades de sua constituição, que procura fortalecer-se ...”.

¹²⁵⁵ Ib., pp. 332 – 333. “... a ideia da propriedade remonta naturalmente ao direito do primeiro ocupante pelo trabalho. Isto é claro, limpo, simples e está sempre ao alcance da criança ...”.

¹²⁵⁶ Ib., p. 330. “... possa ter essa ideia, é preciso que ela tenha algo de seu ...”.

“... leur imposant un devoir qu'ils ne sentent pas, vous les indisposez contre votre tyrannie; et les détournez de vous aimer; que vous leur apprenez à devenir dissimulés, faux, menteurs, pour extorquer des récompenses ou se dérober aux châtimens; qu'enfin, les accoutumant à couvrir toujours d'un motif apparent un motif secret, vous leur donnez vous-même le moyen de vous abuser sans cesse, de vous ôter la connaissance de leur vrai caractère, et de payer vous et les autres de vaines paroles dans l'occasion ...”¹²⁵⁷.

1.2.4. Orientação do conhecimento (sentidos e razão)

Para Rousseau, aquilo que, nesta idade, caracteriza o cérebro da criança é o facto de ele ser uma espécie de espelho: “Leur cerveau lisse et poli rend comme un miroir les objets qu'on lui présente; mais rien ne reste, rien ne pénètre ...”¹²⁵⁸. Para o autor, a criança apenas retém imagens. Rousseau é claro quando explica as operações que a criança é capaz de fazer:

“Avant l'age de raison l'enfant ne reçoit pas des idées, mais des images; et il y a cette différence entre les unes et les autres, que les images ne sont que des peintures absolues des objets sensibles, et que les idées sont des notions des objets, déterminées par des rapports. Une image peut être seule dans l'esprit qui se la représente; mais toute idée en suppose d'autres. Quand on imagine, on ne fait que voir; quand on conçoit, on compare. Nos sensations sont purement passives, au lieu que toutes nos perceptions ou idées naissent d'un principe actif qui juge ...”¹²⁵⁹.

Rousseau considera que a criança apenas é capaz de receber imagens, as quais são, sempre, resultado da acção dos objectos sensíveis. As ideias, pelo contrário, porque implicam

¹²⁵⁷ Ib., p. 319. “... impondo-lhes um dever que não sentem, vós os indispondes contra vossa tirania e impedis que vos amem; ensinai-lhes a se tornarem dissimulados, falsos, mentirosos, para extorquirem recompensas ou fugir ao castigo; finalmente; habituando-os a sempre encobrirem com um motivo aparente um motivo secreto, vós mesmos lhes dais um meio de vos enganar continuamente, de vos impedir o conhecimento de seus verdadeiros caracteres, e de fazer com que vós e os outros vos contenteis com palavras quando preciso ...”.

¹²⁵⁸ Ib., p. 344. “Seu cérebro liso e polido reflecte como um espelho os objectos que lhe apresentamos, mas nada fica, nada o penetra ...”.

¹²⁵⁹ Ibidem. “Antes da idade da razão, a criança não recebe ideias, apenas imagens, e a diferença entre umas e outras é que as imagens são apenas pinturas absolutas dos objectos sensíveis, e as ideias são noções dos objectos determinadas por relações. Uma imagem pode estar sozinha no espírito que a imagina, mas toda a ideia supõe outras ideias. Quando imaginamos, não fazemos nada além de ver; quando concebemos, comparamos. Nossas sensações são meramente passivas, ao passo que todas as nossas percepções ou ideias nascem de um principio activo que julga ...”.

relações, são incapazes de ser retidas pelas crianças. Não significa, porém, esta interpretação, que a criança não seja capaz de uma espécie de raciocínio, o que sucede é que a criança estabelece raciocínios a partir dos seus interesses sensíveis e presentes, ou seja, a partir de uma noção de tempo presente "... je vois qu'ils raisonnent très bien dans tout ce qu'ils connoissent et qui se rapporte à leur intérêt présent et sensible ..." ¹²⁶⁰. É a incompreensão dos adultos ¹²⁶¹, nomeadamente dos educadores, que Rousseau critica acusando-os de ignorarem os conhecimentos que a criança possui, acabando por lhes ensinar matérias de pouco interesse:

"(...) car, que leur apprennent-ils, enfin? Des mots, encore des mots, et toujours des mots. Parmi les diverses sciences qu'ils se vantent de leur enseigner, ils se gardent bien de choisir celles qui leur seroient véritablement utiles, parce que ce seroient des sciences de choses, et qu'ils n'y réussiroient pas; mais celles qu'on paroît savoir quand on en sait les termes, le blazon, la géographie, la chronologie, les langues, etc.; toutes études si loin de l'homme, et surtout de l'enfant, que c'est une merveille si rien de tout cela lui peut être utile une seule fois en sa vie ..." ¹²⁶².

É dentro deste contexto que, o nosso autor, dirige um conjunto de críticas a diferentes ciências. No que se refere ao estudo das línguas afirma: "On sera surpris que je compte l'étude des langues au nombre des inutilités de l'éducation: mais on se souviendra que je ne parle ici que des études du premier âge; et, quoi qu'on puisse dire, je ne crois pas que, jusqu'à l'âge de douze

¹²⁶⁰ Ib., p. 345. "... vejo que raciocinam muito bem em tudo o que conhecem e que se relacione com seu interesse presente e sensível ...".

¹²⁶¹ Ib., p. 351. "... si la nature donne au cerveau d'un enfant cette souplesse qui le rend propre à recevoir toutes sortes d'impressions, ce n'est pas pour qu'on y grave des noms de rois, des dates, des termes de blason, de sphère, de géographie, et tous ces mots sans aucun sens pour son âge et sans aucune utilité pour quelque âge que ce soit; dont on accable sa triste et stérile enfance; mais c'est pour que toutes les idées qu'il peut concevoir et qui lui sont utiles, toutes celles qui se rapportent à son bonheur et doivent l'éclairer un jour sur ses devoirs, s'y tracent de bonne heure en caractères ineffaçables, et lui servent à se conduire pendant sa vie d'une manière convenable à son être et à ses facultés ...". "... se a natureza dá ao cérebro de uma criança essa flexibilidade que o torna próprio para receber todo o tipo de impressões, não é para que gravemos nele nomes de reis, datas, termos de heráldica, de esfera, de geografia e todas essas palavras sem sentido nenhum para sua idade, e sem nenhuma utilidade para qualquer idade que seja, com que massacramos sua triste e estéril infância, mas sim para que todas as ideias que ela pode conceber e lhe são úteis, todas as que se relacionam com sua felicidade e um dia devem ajudá-la a compreender seus deveres, nele se gravem desde cedo em caracteres indelévels e lhe sirvam para se orientar durante a vida de uma maneira que convenha a seu ser e a suas facultades ...".

¹²⁶² Ib., p. 346. "Pois o que lhes ensinam, afinal? Palavras, mais palavras, sempre palavras. Dentre as diversas ciências que se vangloriam de lhes ensinar, evitam escolher as seriam realmente úteis para as crianças, porque seriam ciências de coisas e as crianças não se dariam bem. No entanto, escolhem as ciências que parecemos saber quando sabemos os seus termos: a heráldica, a geografia, a cronologia, as línguas, etc., todos estudos tão distantes do homem, e sobretudo da criança, que será uma maravilha se algo de tudo isso puder ser útil uma só vez em sua vida ...".

ou quinze ans, nul enfant, les prodiges à part, ait jamais vraiment appris deux langues ...¹²⁶³; sobre a Geografia afirma: “En pensant lui apprendre la description de la terre, on ne lui apprend qu'à connoître des cartes; on lui apprend des noms de villes, de pays, de rivières, qu'il ne conçoit pas exister ailleurs que sur le papier où l'on les lui montre ...”¹²⁶⁴. No que se refere à História diz: “Par une erreur encore plus ridicule, on leur fait étudier l'histoire: on s'imagine que l'histoire est à leur portée, parce qu'elle n'est qu'un recueil de faits. Mais qu'entend-on par ce mot de faits? Croit-on que les rapports qui déterminent les faits historiques soient si faciles à saisir, que les idées s'en forment sans peine dans l'esprit des enfans?”¹²⁶⁵.

No que respeita à moral promovida pelas fábulas questiona, “Comment peut-on s'aveugler assés pour appeller les fables la morale des enfans? sans songer que l'apologue, en les amusant, les abuse; que, séduits par le mensonge, ils laissent échapper la vérité, et que ce qu'on fait pour leur rendre l'instruction agréable les empêche d'en profiter.”¹²⁶⁶.

Qual é, então, a teoria da aprendizagem proposta por Rousseau? Aquela que compreende que “... tout ce qu'il [l'enfant] voit, tout ce qu'il entend le frappe, et il s'en souvient; il tient registre en lui-même des actions, des discours des hommes; et tout ce qui l'environne est le livre dans lequel, sans y songer, il enrichit continuellement sa mémoire ...”¹²⁶⁷. Nesta medida, o papel do educador é importante e relevante, pois cabe-lhe a responsabilidade de decidir sobre as matérias que deverão ser apresentadas à criança:

“C'est dans le choix de ces objets, c'est dans le soin de lui présenter sans cesse ceux qu'il peut connoître et de lui cacher ceux qu'il doit ignorer, que

¹²⁶³ Ib.. “Ficareis surpresos que eu conte o estudo das línguas entre as inutilidades da educação, mas lembrai-vos de que estou falando aqui apenas dos estudos da primeira idade e, diga-se o que for, não acredito que até a idade dos doze ou quinze anos alguma criança, com exceção dos prodígios, tenha realmente aprendido duas línguas ...”.

¹²⁶⁴ Ib., p. 347. “Julgando ensinar-lhe a descrição da terra, só lhe ensinamos a conhecer mapas; ensinamos-lhe nomes de cidades, de países, de rios, que ela não concebe que existam em outra parte que não sobre o papel onde lhes mostramos ...”.

¹²⁶⁵ Ib., p. 348. “Por um erro mais ridículo, fazem-nas estudar a história. Imagina-se que a história está a seu alcance porque não passa de uma coleção de factos. Mas o que se entende pela palavra “factos”? Crer-se-á que as relações que determinam os factos históricos sejam tão fáceis de se apreenderem, que as ideias a esse respeito se formem sem dificuldade no espírito das crianças?”.

¹²⁶⁶ Ib., p. 352. “Como podemos ser tão cegos a ponto de chamar as fábulas de a moral das crianças, sem imaginar que o apólogo, ao divertí-las, engana-as, que, seduzidas pela mentira, elas deixam escapar a verdade e que o que fazemos para tornar agradável a instrução impede-as de tirar proveito dela ...”.

¹²⁶⁷ Ib., p. 351. “... tudo o que ela [criança] vê, tudo o que ouve a impressiona e ela lembra; guarda em si mesma o registo das acções e das palavras dos homens, e tudo o que a rodeia é o livro no qual, sem perceber, ela enriquece continuamente a sua memória ...”.

consiste le véritable art de cultiver en lui cette première faculté; et c'est par là qu'il faut tâcher de lui former un magasin de connoissances qui serve à son éducation durant sa jeunesse, et à sa conduite dans tous les tems ...¹²⁶⁸.

Rousseau, ao reconhecer que este tipo de aprendizagem "... ne forme point de petits prodiges et ne fait pas briller les gouvernantes et les precepteurs ..."1269, afirma, porém, que forma homens autônomos, sãos de corpo e de entendimento, que se farão "... honorer étant grands ..."1270. A metodologia proposta por Rousseau passa por manter o aluno sempre atento ao que o rodeia, capaz de conservar a ordem da natureza.

A razão sensitiva¹²⁷¹ surge como elemento fundamental na teoria de aprendizagem de Rousseau. Os nossos órgãos são os instrumentos da nossa inteligência, daí a importância de o nosso corpo estar saudável:

"Comme tout ce qui entre dans l'entendement humain y vient par les sens, la première raison de l'homme est une raison sensitive; c'est elle qui sert de base à la raison intellectuelle: nos premiers maitres de philosophie sont nos pieds, nos mains, nos yeux ..."¹²⁷².

A importância que o autor atribui aos sentidos é abrangente, ou seja, não valoriza uns em detrimento de outros. Cada um deles tem a sua função e, nessa medida, a conjugação de todos eles é essencial, "N'exercez donc pas seulement les forces, exercez tous les sens qui les dirigent;

¹²⁶⁸ Ib.. "É na escolha destes objectos, é no cuidado de lhes apresentar continuamente aqueles que ela pode conhecer e de lhe esconder os que ela deve ignorar que consiste a verdadeira arte de cultivar essa primeira dificuldade; e é assim que deve tentar formar para ela um depósito de conhecimentos que sirvam para a sua educação durante a juventude, assim como para sua orientação em qualquer época ...".

¹²⁶⁹ Ib.. "... não forma pequenos prodígios e não faz com que os preceptores e os professores brilhem ...".

¹²⁷⁰ Ib.. "... honrar quando adultos ...".

¹²⁷¹ Ib., p. 380. "Les premières facultés qui se forment et se perfectionnent en nous sont les sens. Ce sont donc les premières qu'il faudroit cultiver; ce sont les seules qu'on oublie ou celles qu'on néglige le plus ...". "As primeiras faculdades que se formam e se aperfeiçoam em nós são os sentidos. São, portanto, as primeiras faculdades que seria preciso cultivar: são as únicas que são esquecidas, ou as mais desdenhadas ...".

¹²⁷² Ib., p. 370. "Como tudo que entra no entendimento humano vem pelos sentidos, a primeira razão do homem é uma razão sensitiva; é ela que serve de base para a razão intelectual: nossos primeiros mestres de filosofia são nossos pés, nossas mãos, nossos olhos ...".

tirez de chacun d'eux tout le parti possible, puis vérifiez l'impression de l'un par l'autre. Mesurez, comptez, pesez, comparez ..." ¹²⁷³.

Relativamente a cada sentido faz uma descrição. Sobre o tacto afirma: "C'est aussi celui dont, bon gré malgré, nous acquérons le plus tôt l'expérience par cet exercice continüel, et auquel, par consequent, nous avons moins besoin de donner une culture particulière ..." ¹²⁷⁴. Sobre a audição assim escreve "... combien j'ai sans cesse l'oreille alerte! Au moindre bruit dont je ne puis discerner la cause, l'intérêt de ma conservation me fait d'abord supposer tout ce qui doit le plus m'engager à me tenir sur mes gardes, et par consequent tout ce qui est le plus propre à m'effrayer ..." ¹²⁷⁵. Sobre a visão diz: "... est de tous nos sens le plus fautif, précisément parce qu'il est le plus étendu, et que, précédant de bien loin tous les autres, ses opérations sont trop promptes et trop vastes pour pouvoir être rectifiées par eux. Il y a plus, les illusions mêmes de la perspective nous sont nécessaires pour parvenir à connoître l'étendue et à comparer ses parties. Sans les fausses apparences, nous ne verrions rien dans l'éloignement ..." ¹²⁷⁶.

Sobre o paladar discursa deste modo: "... la suprême bonté (...), nous avertit, par ce qui plait à notre palais, de ce qui convient à nôtre estomac ..." ¹²⁷⁷, sobre o olfacto afirma: "... il le prévient, il l'avertit de la manière dont telle ou telle substance doit l'affecter, et dispose à la rechercher ou à la fuir, selon l'impression qu'on en reçoit d'avance ..." ¹²⁷⁸. No que se refere ao senso comum, este é entendido como uma espécie de sexto sentido, sendo que "... n'a point par consequent d'organe particulier: il ne réside que dans le cerveau, et ses sensation purement internes s'appellent perceptions ou idées ..." ¹²⁷⁹.

¹²⁷³ lb., p. 380. "Não exerciteis apenas as forças, exercitai todos os sentidos que as dirigem; tirai de cada um deles todo o partido possível, e depois verificaí a impressão de um pelo outro. Medi, contai, pesai, comparai ...".

¹²⁷⁴ lb., p. 383. "É também o sentido cuja experiência, queiramos ou não, adquirimos mais cedo por esse exercício continuo e o qual, por conseguinte, temos menos necessidade de cultivar particularmente ...".

¹²⁷⁵ lb., p. 384. "... como está sempre alerta meu ouvido! Ao menor ruído cuja causa eu não possa discernir, o interesse da minha conservação me faz primeiro supor tudo o que mais me deve levar a ficar na defensiva, e, por conseguinte, tudo o que é mais propício a me assustar ...".

¹²⁷⁶ lb., 391. "... é de todos os nossos sentidos o mais falível, exactamente porque é o mais extenso e, precedendo de muito todos os outros, suas operações são rápidas e amplas demais para poderem ser rectificadas por eles. Além disso, as próprias ilusões da perspectiva são-nos necessárias para chegarmos a conhecer a extensão e a comparar as suas partes. Sem as falsas aparências, nada veríamos em profundidade ...".

¹²⁷⁷ lb., p. 407. "... a suprema bondade (...), avverte-nos, através do que agrada a nosso paladar, sobre o que convém ao estômago ...".

¹²⁷⁸ lb., p. 415. "... ele o previne, avverte-o sobre a maneira como esta ou aquela substância devem afectá-lo, e dispõe a que se a procure ou evite, conforme a impressão que se receba previamente ...".

¹²⁷⁹ lb., p. 417. "... não tem órgão particular; reside apenas no cérebro, e suas sensações, puramente internas, chamam-se percepções ou ideias ...".

Sobre a questão da verdade ou falsidade das informações fornecidas pelos sentidos, defende que a articulação entre os sentidos do tacto e da visão é essencial¹²⁸⁰. É justamente neste contexto que Rousseau considera ser fundamental uma teoria da aprendizagem, em que as crianças perante um objecto sejam capazes de distinguir o original de uma imitação. Por isso afirma:

“Je me garderai donc bien de lui donner un maitre à dessiner, qui ne lui donneroit à imiter que des imitations, et ne le feroit dessiner que sur des dessins: je veux qu'il n'ait d'autre maitre que la nature, ni d'autre modèle que les objets. Je veux qu'il ait sous les yeux l'original même et non pas le papier qui le représente, qu'il crayonne une maison sur une maison, un arbre sur un arbre, un homme sur un homme, afin qu'il s'accoutume à bien observer les corps et leurs apparences, et non pas à prendre des imitations fausses et conventionnelles pour de véritables imitations ...”¹²⁸¹.

Concluindo sobre a sua teoria da aprendizagem, a qual, se alicerça numa razão sensitiva:

“Ainsi ce que j'appellois raison sensitive ou puérile consiste à former des idées simples par le concours de plusieurs sensations; et ce que j'appelle raison intellectuelle ou humaine consiste à former des idées compléxes par le concours de plusieurs idées simples ...”¹²⁸².

¹²⁸⁰ “Ib., p. 396. “... il faut beaucoup de tems pour apprendre à voir; il faut avoir longtems comparé la vûe au toucher pour accoutumer le prémier de ces deux sens à noius faire un raport fidelle des figures et des distances ...”. “ ... é preciso muito tempo para aprender a ver; é preciso ter comparado durante muito tempo a vista com o tacto para habituar o primeiro desses sentidos a nos fazer um relato fiel das figuras e das distâncias ...”.

¹²⁸¹ Ib., p. 397. “Evitarei dar-lhe um professor de desenho, que só lhe daria imitações para imitar, e só o faria desenhar sobre desenhos: quero que ele tenha como único mestre a natureza, e como modelos apenas os objectos. Quero que ele tenha diante dos olhos o próprio original, e não o papel que o representa, que ele rabisque uma casa diante de uma casa, uma árvore diante de uma árvore, um homem diante de um homem, para que se acostume a bem observar os corpos e suas aparências, e não a tomar imitações falsas e convencionais por verdadeiras imitações ...”.

¹²⁸² Ib., p. 417. “Assim, o que eu chamava de razão sensitiva ou pueril consiste em formar ideias simples com o auxilio de várias sensações, e o que chamo de razão intelectual ou humana consiste em formar ideias complexas com o auxilio de várias ideias simples ...”.

2. A educação social¹²⁸³

2.1. A educação do jovem

2.1.1. A idade do segundo nascimento (1ª fase: entre os quinze e os vinte anos)

Para o nosso autor, o período do segundo nascimento é aquele que decorre entre os quinze e os vinte anos do jovem, marcado pelo seu despertar para a sexualidade. Rousseau inicia o Livro IV do *Emile* afirmando: “Nous naissons, pour ainsi dire, en deux fois: l’une pour exister, et l’autre pour vivre; l’une pour l’espèce et l’autre pour le sexe ...”¹²⁸⁴. É porque o homem sente a necessidade de se unir à mulher que a sociedade existe, “Un sexe est attiré vers l’autre, voila le mouvement de la nature ...”¹²⁸⁵. Este segundo nascimento significa o abandono definitivo da infância, “Il en sort au tems prescrit par la nature, et ce moment de crise (...) a de longues influences ...”¹²⁸⁶, e o ingresso na vida social. Para o nosso pedagogo, a chegada da “... seconde naissance...”¹²⁸⁷ representa o momento em que “... l’homme naît véritablement à la vie et que rien d’humain n’est étranger à lui (...). Cette époque où finissent les éducations ordinaires est proprement celle où la nôtre doit commencer ...”¹²⁸⁸. Neste contexto, considera Rousseau que o estudo que mais convém ao Homem é o estudo das relações com os seus semelhantes:

¹²⁸³ Para Rousseau o ingresso na vida social efectua-se em três etapas. A primeira etapa, consiste no reconhecimento de uma predisposição social no Homem, sem que para isso tenha que entrar na sociedade; a segunda etapa, consiste no aperfeiçoamento do Homem enquanto ser racional, percebendo o mundo enquanto manifestação de uma ordem e é-lhe dado, ao mesmo tempo, a conhecer a existência de Deus e da consciência moral; a terceira etapa, consiste na entrada efectiva na sociedade, as suas disposições sociais transformaram a sua natureza sem, contudo, a ter destruído. Sobre esta temática escreve Vargas, “Devenu un être de raison, de foi et de devoir, il peut accéder à la société réelle (...) son acceptation de la loi (renoncement à la liberté naturelle), ses qualités relationnelles (politesse, mœurs, goûts) qui en font un être sociable ...” (cfr. Vargas, Yves, *Introduction à l’Emile de Rousseau*, PUF, Paris, 1995, p.116).

¹²⁸⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De l’éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 489. “Nascesmos, por assim dizer, duas vezes: uma para existir, outra para viver: uma para a espécie, outra para o sexo ...”.

¹²⁸⁵ *Ibidem*, p. 493. “Um sexo é atraído pelo outro, eis o movimento da natureza ...”.

¹²⁸⁶ *Ib.*, p. 489. “Dela sai no tempo indicado pela natureza, e esse momento de crise (...) tem longas influências ...”.

¹²⁸⁷ *Ib.*, p. 490. “... segundo nascimento ...”.

¹²⁸⁸ *Ib.* “... o homem nasce verdadeiramente para a vida e que nada de humano lhe é alheio (...). Esta época em que terminam as educações comuns é propriamente aquela em que a nossa deve começar ...”.

“Tant qu’il ne se connoit que par son être physique, il doit s’étudier par ses rapports avec les choses; c’est l’emploi de son enfance; quand il commence à sentir son être moral, il doit s’étudier par ses rapports avec les hommes; c’est l’emploi de sa vie entière ...”¹²⁸⁹.

Rousseau entende que a idade em que o jovem adquire consciência do seu sexo pode variar com base em de dois elementos: por um lado, pela acção da natureza, por outro lado, por efeito da educação. Tendo em consideração esta posição, o autor aconselha o educador a nunca mentir nas respostas que dá aos jovens quando pretende esclarecer-lhes algumas curiosidades, defendendo que essas respostas devem ser “... graves, courtes, décidées, et sans jamais paroître hésiter ...”¹²⁹⁰. Daí que, quanto à questão sobre se devemos satisfazer todas as curiosidades da criança dá assim resposta o autor:

“Une ignorance absolue sur certaines matières est peut-être ce qui conviendrait le mieux aux enfans: mais qu’ils apprennent de bonne heure ce qu’il est impossible de leur cacher toujours. Il faut, ou que leur curiosité ne s’éveille en aucune manière, ou qu’elle soit satisfaite avant l’age où elle n’est plus sans danger (...), et si vous n’êtes pas sur de lui faire ignorer jusqu’à seize ans la différence des sexes, ayez soin qu’il l’apprenne avant dix ...”¹²⁹¹.

Para Rousseau não se trata, portanto, de ensinar ou não ensinar matérias que estejam de acordo com uma preocupação de pudor, pois, para ele, as crianças não têm essa noção naturalmente. A noção de pudor só faz sentido quando adquirimos a noção de vergonha – “... la vraye innocence n’a honte de rien ...”¹²⁹² - por isso mesmo, “Leur donner des leçons de pudeur et

¹²⁸⁹ Ib., p. 493. “Enquanto ele só conhecer pelo seu ser físico, deverá estudar-se pelas suas relações com as coisas; é o trabalho da sua infância. Quando começar a sentir o seu ser moral, deverá estudar-se pelas relações com os homens; é o trabalho da sua vida inteira ...”.

¹²⁹⁰ Ib., p. 497. “... graves, curtas, decididas, e sem jamais parecer hesitar ...”.

¹²⁹¹ Ib.. “Talvez uma ignorância absoluta sobre certas matérias fosse o que mais conviesse às crianças; mas deverão aprender cedo o que for impossível de esconder-lhes sempre. É preciso ou que a curiosidade delas não desperte de maneira alguma, ou que seja satisfeita antes da idade em que corra algum perigo (...), e, se não tendes a certeza de fazê-lo ignorar até aos dezasseis anos a diferença dos sexos, cuidai de que ele a aprenda antes dos dez ...”.

¹²⁹² Ib., p. 498. “... a verdadeira inocência de nada tem vergonha ...”.

d'honnêteté, c'est leur apprendre qu'il y a des choses honteuses et deshonnêtes, c'est leur donner un desir secret de connoitre ces choses-là ..."¹²⁹³.

2.1.2. A educação moral: a amizade e a piedade

A preocupação inicial de Rousseau foi a de limitar pelo maior tempo possível, a sensibilidade do indivíduo, não podendo, deste modo, as suas acções serem caracterizadas sob a perspectiva da moral. Só quando a sensibilidade "... commence à s'étendre hors de lui, qu'il prend d'abord les sentimens et ensuite les notions du bien et du mal ..."¹²⁹⁴ e, assim, começa a constituir-se verdadeiramente como Homem. O primeiro sentimento resultante de uma educação desta natureza é o da amizade: "Le premier sentiment don't un jeune homme élevé soigneusement est susceptible n'est pas l'amour, c'est l'amitié ..."¹²⁹⁵. O jovem que foi educado com os cuidados já enunciados, é aquele a quem a sua imaginação ensina "... qu'il a des semblables, et l'espèce l'affecte avant le sexe ..."¹²⁹⁶, portanto, o prolongar da inocência parece ser uma vantagem deste período de vida:

"... c'est de profiter de la sensibilité naissante pour jeter dans le coeur du jeune adolescent les premières semences de l'humanité. Avantage d'autant plus précieux que c'est le seul tems de la vie où les mêmes soins puissent avoir un vrai succès ..."¹²⁹⁷.

É dentro deste contexto que Rousseau confronta a educação ministrada nos colégios com a educação baseada na simplicidade. No que se refere à primeira, os jovens, porque corrompidos, tornam-se "... inhumains et cruels (...) impatient, vindicatifs, furieux (...) ne connoissoient ni pitié ni miséricorde ..."¹²⁹⁸; quanto à segunda, os jovens são levados "... par les premiers mouvemens

¹²⁹³ lb., pp. 497 – 498. "Dar-lhes aulas de pudor e de decência equivale a ensinar-lhes que existem coisas vergonhosas e indecentes, a dar-lhes um secreto desejo de conhecer essas coisas ...".

¹²⁹⁴ lb., p. 501. "... começa a se estender para além dele, é que ele adquire primeiro os sentimentos, depois as noções do bem e do mal ...".

¹²⁹⁵ lb., p. 502. "O primeiro sentimento de que um jovem educado com esmero é susceptível não é o amor, mas a amizade ...".

¹²⁹⁶ lb.. "... que existem semelhantes, e a espécie o afecta antes do sexo ...".

¹²⁹⁷ lb.. "... tirar proveito da sensibilidade nascente para jogar no coração do jovem adolescente as primeiras sementes da humanidade; vantagem tanto mais preciosa quanto esse é o único tempo da vida em que os mesmos cuidados podem ter um verdadeiro sucesso ...".

¹²⁹⁸ lb.. "... inumanos e cruéis (...) impacientes, vingativos e furiosos (...) não conheciam nem piedade, nem misericórdia ...".

de la nature vers les passions tendres et affectueuses ..."¹²⁹⁹. O nosso autor é muito claro quando define este período de idade: "L'adolescence n'est l'âge ni de la vengeance ni de la haine; elle est celui de la commisération, de la clémence, de la générosité ..."¹³⁰⁰, sublinhando ainda que "... un enfant qui n'est pas mal né, et qui a conservé jusqu'à vingt ans son innocence, est à cet age le plus généreux, le meilleur, le plus aimant et le plus aimable des hommes ..."¹³⁰¹.

Como educar estes jovens adolescentes, como garantir uma educação simples, que os preserve na sua bondade natural?

"... n'allez point faire germer en lui l'orgueil, la vanité, l'envie, par la trompeuse image du bonheur des hommes; n'exposez point d'abord à ses yeux la pompe des Cours, le faste des palais, l'attrait des spectacles; ne le promenez point dans les cercles, dans les brillantes assemblées. Ne lui montrez l'extérieur de la grande société qu'après l'avoir mis en état de l'apprécier en elle-même ..."¹³⁰².

A piedade é o "... premier sentiment relatif qui touche le coeur humain ..."¹³⁰³. Para que o jovem se torne sensível e piedoso é necessário que saiba que há seres semelhantes a si que sofrem o que ele também já sofreu, que sentem as dores que ele também já sentiu. Para promover e nutrir esta sensibilidade nascente é preciso que se estimulem "... toutes les passions attirantes et douces (...) et d'empêcher de naître (...) toutes les passions repoussantes et cruelles ..."¹³⁰⁴. Rousseau apresenta três máximas, que, na sua opinião, sintetizam toda esta temática, servindo de ideias directrizes para o educador guiar o jovem. Primeira máxima: "Il n'est pas dans le coeur humain de se mettre à la place des gens qui sont plus heureux que nous, mais seulement de ceux qui sont plus à plaindre ..."¹³⁰⁵. Segunda máxima: "On ne plaint jamais dans autrui que les

¹²⁹⁹ lb.. "... pelos primeiros movimentos da natureza na direcção das paixões ternas e afectuosas ...".

¹³⁰⁰ lb., p. 503. "A adolescência não é a idade nem da vingança, nem do ódio: é a da comiseração, da clemência e da generosidade ...".

¹³⁰¹ lb.. "... uma criança que não teve um mau nascimento e que conservou até aos vinte anos a inocência e nessa idade o mais generoso, o melhor, o mais amoroso é o mais amável dos homens ...".

¹³⁰² lb., p. 504. "... não façais com que nele germinem o orgulho, a vaidade, a inveja, através da imagem enganosa dos homens; não o exponhais logo a seus olhos a pompa das cortes, o luxo dos palácios, o atractivo dos espectáculos; não o leveis a passear nos círculos, nas brilhantes assembleias. Não lhe mostreis o exterior da grande sociedade a não ser depois de o terdes colocado em condições de apreciá-la em si mesma ...".

¹³⁰³ lb., p. 505. "... primeiro sentimento relativo que toca o coração humano ...".

¹³⁰⁴ lb., p. 506. "... todas as paixões atraentes e doces (...) e impedir que nasçam (...) todas as paixões repugnantes e cruéis ...".

¹³⁰⁵ lb.. "Não pertence ao coração humano colocar-se no lugar de pessoas mais felizes do que nós, mas apenas no lugar das que estão em situação mais lastimável ...".

maux dont on ne se croit pas exempt soi-même ...”¹³⁰⁶. Terceira máxima escreve: “La pitié qu'on a du mal d'autrui ne se mesure pas sur la quantité de ce mal, mais sur le sentiment qu'on prête à ceux qui le souffrent ...”¹³⁰⁷.

2.1.3. A educação moral: papel do preceptor; importância do estudo da História e da educação pelas fábulas

Considera Rousseau que esta é a idade em que o preceptor deve mostrar subtileza, pois “... commence, dans l'habile maître, la véritable fonction de l'observateur et du Philosophe, qui sait l'art de sonder les coeurs en travaillant à les former ...”¹³⁰⁸. A figura do preceptor deve estar presente em todas as situações, embora essa presença não se manifeste pela visibilidade da sua acção. Todas as impressões e expressões do jovem, resultantes do contacto directo com a realidade e com os objectos, devem ser registadas, pois “... dans son air, dans ses yeux, dans son geste (...) on lit sur son visage tous les mouvemens de son ame ...”¹³⁰⁹, pelo que, assim, “... à force de les épier, on parvient à les prévoir, et enfin à les diriger ...”¹³¹⁰. Porque esta é a idade em que o homem começa verdadeiramente a viver, ela deve ser cuidada – “... son importance exige une attention sans relâche ...”¹³¹¹ - competindo ao preceptor a responsabilidade desse cuidado, sendo neste sentido que Rousseau formula alguns conselhos: “... offrez aux jeunes gens des spectacles qui les retiennent (...); donnez le change à leur imagination naissante par des objets qui (...) en répriment l'activité. Eloignez-les des grandes villes (...). Ramenez-les dans leurs premières habitations (...). Choisissez avec soin leurs sociétés, leurs occupations, leurs plaisirs: ne leur montrez que des tableaux touchans, mais modestes, qui les remuent sans les séduire ...”¹³¹².

¹³⁰⁶ Ib., p. 507. “Só lamentamos no outro os males de que não nos acreditamos isentos ...”.

¹³⁰⁷ Ib., p. 508. “A piedade que se tem pelo mal de outrem não se mede pela quantidade desse mal, mas pelo sentimento que atribuímos aos que o sofrem ...”.

¹³⁰⁸ Ib., p. 511. “... começa para o mestre hábil a verdadeira função do observador e do filósofo, que conhece a arte de sondar os corações enquanto trabalha por formá-los ...”.

¹³⁰⁹ Ib.. “... pelo seu jeito, em seus olhos, no seu gesto (...) lemos no seu rosto todos os movimentos de sua alma ...”.

¹³¹⁰ Ib.. “... à força de observá-los, conseguimos prevê-los e finalmente dirigi-los ...”.

¹³¹¹ Ib., p. 518. “... sua importância exige uma atenção contínua ...”.

¹³¹² Ib., p. 517. “... ofereci aos jovens espectáculos que os moderem (...); despistai sua imaginação nascente com objectos que (...) reprimam sua actividade. Afastai-os das grandes cidades (...). Levai-os de volta às suas primeiras moradas (...). Escolhei com cuidado suas companhias, suas ocupações, seus prazeres; mostrai-lhes apenas quadros tocantes, mas modestos, que os comovam sem os seduzir ...”.

Porque os sentidos estimulam a imaginação do jovem, e esta, por sua vez, permite-lhe produzir imagens de determinados prazeres, é necessário que o preceptor esteja atento a estes movimentos para que não dêem origem a actos excessivos. Porém, considera o nosso autor que esse vigor da juventude é fundamental, pois "... ce feu de l'adolescent soit un obstacle à l'éducation, c'est par lui qu'elle se consomme et s'acheve ..." ¹³¹³; além do mais, é essa energia própria do adolescente que lhe permite chegar às primeiras afeições, "... si-tôt qu'il aime, il dépend de ses attachemens ..." ¹³¹⁴ - estabelecendo com o seu preceptor uma relação baseada na amizade "... dans le zèle qui vous fait occuper de lui sans cesse, il ne voit plus l'attachement d'un esclave, mais l'affection d'un ami ..." ¹³¹⁵.

Assim, esta relação pedagógica, baseada na amizade, por um lado, caracteriza-se pela confiança que o educando deposita no preceptor, a qual "... doit porter sur l'autorité de la raison, sur la supériorité des lumières ..." ¹³¹⁶. Por outro lado, a arte maior do professor consiste "... d'amener les occasions et de diriger les exhortations de manière qu'il sache d'avance quand le jeune homme cédera, et quand il s'obstinera ..." ¹³¹⁷.

Até agora o nosso adolescente tem olhado apenas para si. Mas como "Nous entrons enfin dans l'ordre moral: nous venons de faire un second pas d'homme ..." ¹³¹⁸, chegou o momento de conhecer os seus semelhantes olhando para o Homem de acordo com as suas diferenças.

Atente-se na seguinte passagem:

"... après lui avoir montré les hommes par les accidents communs à l'espèce, il faut maintenant les lui montrer par leurs différences. Ici vient la mesure de l'inégalité naturelle et civile (...). Il faut étudier la société par les hommes, et les hommes par la société: ceux qui voudront traiter séparément la

¹³¹³ lb., p. 520. "... esse fogo adolescente, longe de ser um obstáculo à educação, é quem a consoma e termina ...".

¹³¹⁴ lb.. "... a partir do momento em que ama, depende de seus apegos ...".

¹³¹⁵ lb., p. 522. "... e no zelo que faz com que vos ocupeis dele continuamente não vê mais o apego de um escravo mas o afecto de um amigo ...".

¹³¹⁶ lb., p. 539. "... deve dizer respeito à autoridade da razão, à superioridade das luzes ...".

¹³¹⁷ lb., p. 540. "... em provocar as ocasiões e dirigir as exortações de maneira que ele saiba antecipadamente quando o jovem irá ceder e quando irá teimar ...".

¹³¹⁸ lb., p. 522. "Entramos finalmente na ordem moral: acabamos de dar um segundo passo de homem ...".

politique et la morale n'entendront jamais rien à aucune des deux (...). Voilà maintenant l'étude qui nous importe ..."¹³¹⁹.

Para realizar este estudo, Rousseau, propõe que se siga um outro caminho, ou seja, que se adopte uma nova metodologia, aquela que consiste em "... instruire plutôt le jeune homme par l'expérience d'autrui que par la sienne ..." ¹³²⁰, com o objectivo de ele ver que "... l'homme est naturellement bon (...); mais (...) comment la société déprave et pervertit les hommes (...) qu'il trouve dans leurs préjugés la source de tous leurs vices ..." ¹³²¹. Neste contexto, o melhor cenário para mostrar ao jovem quais as causas externas que transformam as inclinações naturais em vícios é a História¹³²², isto porque, "... je voudrais lui montrer les hommes au loin, les lui montrer dans d'autres tems ou dans d'autres lieux, et de sorte qu'il put voir la scène sans jamais y pouvoir agir. Voilà le moment de l'histoire ..." ¹³²³.

O estudo da História, para Rousseau, deve assumir e expressar um sentido exemplar¹³²⁴. No entanto, isso implica que o historiador seja imparcial na descrição dos factos, pelo que o nosso autor alerta para os perigos da manipulação:

"... les faits décrits dans l'Histoire ne soient la peinture exacte des mêmes faits tels qu'ils sont arrivés: ils changent de forme dans la tête de l'historien, ils se moulent sur ses intérêts, ils prennent la teinte de ses préjugés (...). Et quelles leçons puis-je tirer d'un événement dont j'ignore la vraie cause? L'historien m'en

¹³¹⁹ Ib., p. 524. "... depois de lhe ter mostrado os homens pelos acidentes comuns à espécie, é preciso agora mostrar-lhos por suas diferenças. Aqui se dá a medida da desigualdade natural e civil (...). É preciso estudar a sociedade pelos homens, e os homens pela sociedade; quem quiser tratar separadamente a política e a moral nada entenderá de nenhuma das duas (...). Eis o estudo que agora nos importa fazer ...".

¹³²⁰ Ib., p. 525. "...instruir o jovem mais pela experiência dos outros do que pela sua própria ...".

¹³²¹ Ib.. "... o homem é naturalmente bom (...); mas (...) como a sociedade deprava e perverte os homens (...) [que] descubra nos preconceitos a fonte de todos os vícios dos homens ...".

¹³²² "O Livro Quarto corresponde à idade da razão e das paixões, e é dedicado a dois grandes temas: a educação moral e a educação religiosa. O estudo da história faz parte da educação moral do jovem aluno ..." (cfr. Graças de Sousa, Maria, *Ilustração e História*, Discurso Editorial & Fapesp, São Paulo, 2001, p. 45).

¹³²³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Emile ou De l'éducation", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 526. "... gostaria de mostrar-lhe os homens de longe, mostrá-los em outros tempos e em outros lugares, de maneira que ele pudesse ver a cena sem jamais poder agir. Este é o momento da história ...".

¹³²⁴ "Exemplar, no sentido de ser uma história da qual se pode extrair lições morais. Antes de o jovem ser capaz de ler a história nesta perspectiva, é absolutamente inútil e mesmo prejudicial ensinar-lhe história..." (cfr. Graças de Sousa, Maria, *Ilustração e História*, Discurso Editorial & Fapesp, São Paulo, 2001, p. 46).

donne une, mais il la controuve; et la critique elle-même, dont on fait tant de bruit, n'est qu'un art de conjecturer, l'art de choisir entre plusieurs mensonges celui qui ressemble le mieux à la vérité ...”¹³²⁵.

Realçando a importância educativa da fábula, começa Rousseau por considerar que “Le tems des fautes est celui des fables ...”¹³²⁶ e, por essa razão, entende que estas são apropriadas para os homens¹³²⁷ e não para as crianças – “... il n'appartient qu'aux hommes de s'instruire dans les fables ...”¹³²⁸. Prossegue afirmando que, através destas, levamos os nossos educandos a mascarar a realidade.

A crítica efusiva feita pelo nosso pedagogo à moral que as fábulas promovem, torna-se evidente quando afirma que “Rien n'est si vain, si mal entendu ...”¹³²⁹, isto porque aos jovens são-lhes apresentados os resultados finais, ou seja, as máximas morais são-lhes oferecidas sem que o jovem tenha necessidade de pensar por si. Queria o nosso autor que o caminho fosse outro:

“Il importeroit encore de donner à ces fables un ordre plus didactique et plus conforme aux progrès des sentimens et des lumières du jeune adolescent. Conçoit-on rien de moins raisonnable que d'aller suivre exactement l'ordre numérique du livre, sans égard au besoin ni à l'occasion? (...) Non seulement je n'ai jamais vû d'enfans faire aucune application solide des fables qu'ils apprennent, mais je n'ai jamais vu que personne se souciât de leur faire faire cette application ...”¹³³⁰.

¹³²⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De l'éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, pp. 527 – 528. “... os factos descritos na história estão longe de ser a pintura exacta dos próprios factos tal como aconteceram; eles mudam de forma na cabeça do historiador, moldam-se aos seus interesses, tomam a cor de seus preconceitos (...). E que lições posso tirar de um acontecimento cuja a verdadeira causa ignoro? O historiador apresenta-me uma, mas ele a inventa, e a própria crítica, de que tanto falam, não passa de uma arte de conjecturar, a arte de escolher entre várias mentiras a que mais se parece com a verdade ...”.

¹³²⁶ *Ibidem*, p. 540. “O tempo dos erros é o das fábulas ...”.

¹³²⁷ Sobre este assunto escreve Vargas, “Les «fables» ne sont rien d'autre qu'un mécanisme spontané de la nature, une sorte d'expérience morale de la vie, un apprentissage de l'homme parmi les hommes. C'est en ces termes-là que Rousseau présente la fable, comme un rapport à sa propre expérience ou à celle d'autrui, don't on «rédige» la maxime morale, à ceci près qu'elle n'est pas même «énoncée», mais rédigée en silence dans l'âme humaine ...” (cfr. Vargas, Yves, “Introduction à l'Emile de Rousseau”, PUF, Paris, 1995, pp.131 - 132).

¹³²⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De l'éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 542. “... cabe apenas aos homens instruir-se com as fábulas ...”.

¹³²⁹ *Ibidem*, p. 541.

¹³³⁰ *Ib.*, p. 542. “Também seria importante dar a essas fábulas uma ordem mais didáctica e mais conforme aos progressos dos sentimentos e das luzes do jovem adolescente. Pode-se conceber algo de menos razoável do que seguir exactamente a ordem numérica do livro, sem considerar a

Percebemos deste modo que aquilo para que Rousseau chama a atenção, relativamente à educação do jovem, está intimamente relacionado com o cuidado que se deve ter na apresentação de determinados objectos aos educandos, pois “... c’est dans le soin de lui cacher ceux qu’il doit ignorer que consiste le véritable art de cultiver la première de ses facultés, et c’est par là qu’il faut tâcher de lui former un magasin de connoissances qui serve à son éducation durant la jeunesse ...”¹³³¹. É justamente esse cuidado e essa preocupação que Julie, na obra homónima, expressa a propósito das fábulas de La Fontaine¹³³² que lê ao seu filho:

“J’avois dessein de lui dire de tems en tems quelque fable de La Fontaine pour l’amuser, et j’avois déjà commencé, quand il me demanda si les corbeaux parloient? A l’instant je vis la difficulté de lui faire sentir bien nettement la différence de l’apologue au mensonge, je me tirai d’affaire comme je pus, et convaincue que les fables sont faites pour les hommes, mais qu’il faut toujours dire la vérité nue aux enfans ...”¹³³³.

2.1.4. A educação religiosa

Embora Rousseau julgue que a abstracção é natural ao Homem, “L’homme ne commence pas aisément à penser; mais sitôt qu’il commence il ne cesse plus. Quiconque a pensé pensera toujours, et l’entendement une fois exercé à la réflexion ne peut plus rester en

necessidade nem a ocasião? (...). Não somente nunca vi crianças fazerem qualquer aplicação sólida das fábulas que aprendiam, como nunca vi ninguém que se preocupasse com que elas fizessem essa aplicação ...”

¹³³¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Julie ou La Nouvelle Héloïse”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 581. “... é no cuidado de apresentar-lhe sem cessar os que deve conhecer e de esconder-lhe os que deve ignorar que consiste a verdadeira arte de cultivar a primeira das suas faculdades e é por esse caminho que se deve procurar formar um acervo de conhecimentos que serve para a sua educação durante a juventude ...”.

¹³³² “A présent, il sert à la fois d’exemple et de repoussoir pour faire entendre comment la vie imprime des fables. Il est exemple en ce que ses fables sont des situations types, aisément transposables: «L’étourdi qui vient d’être dupe d’un flatteur conçoit à merveille que le corbeau n’était qu’un sot» (541). Et contre-exemple en même temps, car La Fontaine rédige les maximes morales alors que la nature ne les dit pas, et n’a pas besoin de les dire, elle les imprime silencieusement dans le jugement, pendant la déconvenue elle-même («dans la fable même») et non après coup. «Rien n’est si vain, si mal entendu, que la morale par laquelle on termine la plupart des fables, comme si cette morale n’était pas... entendue dans la fable même» (541)” (cfr. Vargas, Yves, “Introduction à l’Emile de Rousseau”, PUF, Paris, 1995, p.131).

¹³³³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Julie ou La Nouvelle Héloïse”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 581. “Tinha a intenção de dizer-lhe, de vez em quando, para divertí-lo, alguma fábula de La Fontaine e já começara quando ele me perguntou se os corvos falavam. Vi imediatamente a dificuldade para lhe fazer sentir bem claramente a diferença entre o apólogo e a mentira; escapei-me da dificuldade como pude e, convencida de que as fábulas são feitas para os homens mas de que é preciso dizer sempre a verdade às crianças ...”.

repos ..."¹³³⁴, sublinha que algumas noções abstractas estão afastadas dos jovens, pois estes estão muito limitados pelas suas faculdades às coisas sensíveis, não tendo "... presque aucune prise aux notions abstraites de la philosophie et aux idées purement intellectuelles ..."¹³³⁵. Para a realização do processo de abstracção é necessário um progresso gradual, o qual se vai realizando por etapas. Para exemplificar o que ficou dito, e evocando o conceito de espírito, escreve Rousseau:

"Ce mot esprit n'a aucun sens pour quiconque n'a pas philosophé. Un esprit n'est qu'un corps pour le peuple et pour les enfants. N'imaginent-ils pas des esprits qui crient, qui parlent, qui batent, qui font du bruit? Or on m'avouera que des esprits qui ont des bras et des langues ressemblent beaucoup à des corps ..."¹³³⁶.

Emile "A quinze ans (...) ne savoit s'il avoit une ame, et peut-être à dix-huit n'est-il pas encore tems qu'il l'apprenne ..."¹³³⁷. É preferível que o jovem não tenha nenhuma ideia sobre Deus, a só ter ideias confusas, senão mesmo erradas, considerando o nosso autor que "... c'est un moindre mal de la méconnoître que de l'outrager ..."¹³³⁸. Assim, a resposta à pergunta "... dans quelle religion l'éleverons-nous?"¹³³⁹ torna-se central. A resposta de Rousseau é simples e directa "... ne l'aggrégerons ni à celle-ci ni à celle-là, mais nous le mettrons en état de choisir celle où le meilleur usage de sa raison doit le conduire ..."¹³⁴⁰.

Se o caminho percorrido pelo educando, até agora, foi uma tentativa para afastá-lo do jugo das coisas, da opinião dos outros, cabe agora ao educador cuidar do seu discípulo relativamente a

¹³³⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Emile ou De l'éducation", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 550. "O homem não começa facilmente a pensar; mas, assim que começa, não pára mais. Quem já pensou pensará sempre, e, uma vez exercitada na reflexão, o entendimento não poderá mais permanecer em repouso ...".

¹³³⁵ *Ib.*, p. 551. "... quase nenhum contacto com as noções abstractas da filosofia e com as ideias puramente intelectuais ...".

¹³³⁶ *Ib.*, p. 552. "A palavra espírito não tem qualquer sentido para quem não tenha filosofado. Um espírito não passa de um corpo para o povo e para as crianças. Não imaginam espíritos que gritam, falam, batem e fazem barulho? Ora, convenhamos que espíritos que têm braços e línguas parecem-se muito com corpos ...".

¹³³⁷ *Ib.*, p. 554. "Aos quinze anos (...) não sabia se tinha uma alma e talvez aos dezoito ainda não seja hora de aprendê-lo ...".

¹³³⁸ *Ib.*, p. 556. "... é um mal menor desconhecê-lo do que ultrajá-lo ...".

¹³³⁹ *Ib.*, p. 558. "... em que religião o educaremos?".

¹³⁴⁰ *Ib.* "... não o filiaremos nem a esta, nem àquela religião, mas colocá-lo-emos em condições de escolher aquela a que seja conduzido pelo melhor emprego da razão ...".

esta temática, na medida em que “C'est surtout en matière de Religion que l'opinion triomphe ...”¹³⁴¹. Repare-se como o autor ao descrever o quadro de alguém que ensina o catecismo, lança uma crítica feroz sobre aqueles que pretendem ensinar, aos educandos, aquilo que não é ensinável:

“Si j'avois à peindre la stupidité fâcheuse, je peindrais un pédant enseignant le catéchisme à des enfans; si je voulois rendre un enfant fou, je l'obligerois d'expliquer ce qu'il dit en disant son catechisme (...), il y a des mystères qu'il est non seulement impossible à l'homme de concevoir, mais de croire, et que je ne vois pas ce qu'on gagne à les enseigner aux enfans, si ce n'est de leur apprendre à mentir de bonne heure (...), pour admettre les mystères, il faut comprendre au moins qu'ils sont incompréhensibles; et les enfans ne sont pas même capables de cette conception-là. Pour l'age où tout est mystère, il n'y a pas de mystères proprement dits ...”¹³⁴².

2.2. A idade do segundo nascimento (2ª fase: entre os vinte e os vinte e cinco anos)

2.2.1. O jovem como membro da sociedade

Rousseau alerta os educadores para a importância de considerarem a natureza diferente que caracteriza a educação que é dirigida a jovens adultos: “... pour conduire un adulte, il faut prendre le contrepied de tout ce que vous avez fait pour conduire un enfant. Ne balancez point à l'instruire de ces dangereux mystères que vous lui avez cachés si longtems avec tant de soin ...”¹³⁴³. De facto, o que sucede é que a partir dos vinte anos as necessidades do Homem são outras, e é justamente por essa razão que a atenção do preceptor deve ser outra e, assim, mudar o seu

¹³⁴¹ Ib.. “É sobretudo em matéria de religião que a opinião triunfa ...”.

¹³⁴² Ib., p. 554. “Se eu tivesse de retratar a estupidez deplorável, pintaria um pedante a ensinar o catecismo às crianças; se eu quisesse enlouquecer uma criança, obrigá-la-a a explicar o que diz quando recita o catecismo (...), há mistérios que é impossível ao homem não só os conceber como acreditar neles, e que não vejo o que ganha ensinando-os às crianças, a não ser ensiná-las a mentir desde cedo (...), para admitir os mistérios é preciso pelo menos compreender que são incompreensíveis, e as crianças não são capazes nem mesmo dessa concepção. Para a idade em que tudo é mistério, não há mistérios propriamente ditos ...”.

¹³⁴³ Ib., p. 641. “... para orientar um adulto, deveis tomar o contrapé de tudo o que fizeste para orientar uma criança. Não hesiteis em informá-lo sobre os perigosos mistérios que lhe escondestes durante tanto tempo com tanto cuidado ...”.

método. Se, até agora, a criança e o jovem foram protegidos, dos perigos da sociedade, mantendo-se afastado dela, agora a proteção deverá ser feita noutros moldes.

Como, no *Émile*, o próprio autor reconhece, “Emile n'est pas fait pour rester toujours solitaire ...”¹³⁴⁴. Agora, com vinte anos e “... membre de la société, il en doit remplir les devoirs. Fait pour vivre avec les hommes, il doit les connoître ...”¹³⁴⁵. O seu trabalho educativo deve basear-se em “... connoître les individus ...”¹³⁴⁶, visto que já conhece o Homem em geral. Rousseau prossegue indicando o que o jovem deverá aprender: “Il sait ce qu'on fait dans le monde: il lui reste à voir comment on y vit. Il est tems de lui montrer l'exterieur de cette grande scène dont il connoit déjà tous les jeux cachés ...”¹³⁴⁷.

Mais uma vez, o nosso pensador faz questão em que se respeite o ritmo natural de aprendizagem do educando: “Comme il y a un age propre à l'étude des sciences, il y en a un pour bien saisir l'usage du monde ...”¹³⁴⁸, pois, “De même, introduisez un jeune homme de vingt ans dans le monde; bien conduit, il sera dans un an plus aimable et plus judicieusement poli que celui qu'on y aura nourri dès son enfance ...”¹³⁴⁹. E Rousseau justifica esta sua convicção afirmando que “... le premier, étant capable de sentir les raisons de tous les procedés relatifs à l'age, à l'état, au sexe, qui constituent cet usage, les peut réduire en principes, et les étendre aux cas non prévus; au lieu que l'autre, n'ayant que sa routine pour toute règle, est embarrassé sitot qu'on l'en sort ...”¹³⁵⁰.

¹³⁴⁴ Ib., p. 654. “Emílio não foi feito para permanecer sempre solitário ...”.

¹³⁴⁵ Ib.. “... membro da sociedade, deve cumprir seus deveres. Feito para viver com os homens, deve conhecê-los ...”.

¹³⁴⁶ Ib.. “... conhecer os indivíduos ...”.

¹³⁴⁷ Ib.. “Sabe o que se faz na sociedade; falta-lhe ver como se vive nela. Já é tempo de mostrar-lhes o exterior desse grande teatro cujos jogos secretos já conhece todos ...”.

¹³⁴⁸ Ib.. “Assim como há uma idade própria para o estudo das ciências, também há uma para bem compreender os costumes do mundo ...”.

¹³⁴⁹ Ib.. “Da mesma forma, introduzi um jovem de vinte anos no mundo; bem orientado, em um ano ele será mais amável e mais judiciosamente polido do que aquele que tiver frequentado o mundo desde a infância ...”.

¹³⁵⁰ Ib., pp. 664 - 655. “... o primeiro, sendo capaz de perceber as razões de todos os procedimentos relativos à idade, à condição social e ao sexo que constituem esses costumes, poderá reduzir esses procedimentos a princípios e estendê-los aos casos não previstos, ao passo que o outro, tendo como regra apenas a sua rotina, perde-se assim que a abandona ...”.

2.2.2. O papel do preceptor sobretudo na orientação afectiva

Nesta fase da vida, a questão mais premente para o nosso autor continua a ser aquela que esta relacionada com a educação, pois, como nos diz: “Si je l'introduis dans le monde avec le seul projet de l'instruire, il s'instruira plus que je ne veux. Si je l'en tiens éloigné jusqu'à la fin, qu'aura-t-il appris de moi? Tout, peut-être, hors l'art le plus nécessaire à l'homme et au citoyen, qui est de savoir vivre avec ses semblables ...”¹³⁵¹. Ora, mais uma vez, a educação mostra ser um processo que implica subtilidade, sendo a acção do preceptor determinante para o seu sucesso. Repare-se nas palavras dirigidas pelo preceptor ao Emile, e repare-se, ainda, no modo como faz a abordagem relativamente à questão da necessidade de ter uma companheira: “Ton coeur, dis-je au jeune homme, a besoin d'une compagne; allons chercher celle qui te convient ...”¹³⁵².

O lugar do preceptor sempre foi determinante no modelo de educação proposto por Rousseau. Mais uma vez, e agora na idade adulta, ele se destaca, pois é o preceptor de Emile que decide descrever a mulher ideal para o seu jovem, defendendo que “Il n'importe que l'objet que je lui peindrai soit imaginaire, il suffit qu'il le dégoûte de ceux qui pourroient le tenter ...”¹³⁵³, e que assim, poderá fazer ver ao seu discípulo que essa é a mulher que melhor serve para ser sua esposa, “... je choisirai tellement les défauts de sa maitresse, qu'ils lui conviennent, qu'ils lui plaisent, et qu'ils servent à corriger les siens (...). Appelons Sophie vôtre future maitresse ...”¹³⁵⁴.

¹³⁵¹ Ib., p. 655. “Se eu o introduzir no mundo com o único objectivo de instruí-lo, instruir-se-á mais do que quero. Se eu o mantiver afastado do mundo até ao fim, que terá aprendido comigo? Tudo, talvez, excepto a arte mais necessária ao homem e ao cidadão, que é saber viver com os seus semelhantes ...”.

¹³⁵² Ib., p. 656. “Teu coração, digo eu ao rapaz, precisa de uma companheira; vamos procurar a moça que te convém ...”.

¹³⁵³ Ib.. “Não importa se o objecto que lhe representarei seja imaginário, basta que o afastem dos que poderiam tentá-lo ...”.

¹³⁵⁴ Ib., pp. 656 – 657. “... escolherei os defeitos de sua amada de tal forma que lhe convenham, que lhe agradem e sirvam para corrigir os dele (...). Chamemos de *Sofia* a tua futura namorada ...”.

3. A educação pública

3.1. Orientações gerais

Em, *Considérations sur le gouvernement de Pologne*¹³⁵⁵, Rousseau entende que “C'est l'éducation qui doit donner aux ames la forme nationale, et diriger tellement leurs opinions et leurs goûts, qu'elles soient patriotes par inclination, par passion, par nécessité ...”¹³⁵⁶. Tendo isto em conta, a posição assumida por Rousseau pode parecer extremar-se, na medida em que, sugere uma submissão da educação doméstica à educação pública. Veja-se: “Un enfant, en ouvrant les yeux, doit voir la patrie, et jusqu'à la mort ne doit plus voir qu'elle. Tout vrai républicain suçá avec le lait de sa mère l'amour de sa patrie: c'est-à-dire, des loix et de la liberté ...”¹³⁵⁷. Ainda em, *Considérations sur le gouvernement de Pologne*, há que notar que Rousseau faz sobressair que a educação pública serve para formar “... hommes libres; il n'y a qu'eux qui aient une existence commune et qui soient vraiment liés par la Loi ...”¹³⁵⁸.

O nosso autor não deixa dúvidas quanto à natureza da educação pública e nem relativamente a quem a administra:

“... ce ne sont pas les études ordinaires, dirigées par des étrangers et des prêtres, que je voudrais faire suivre aux enfans. La loi doit régler la matière, l'ordre et la forme de leurs études. Ils ne doivent avoir pour instituteurs que des Polonois: tous mariés, s'il est possible; tous distingués par leurs moeurs, par leur probité, par leur bon sens, par leurs lumières ...”¹³⁵⁹.

¹³⁵⁵ “Here the reader is offered an alternative vision of an education that deliberately “denatures” human beings but allows them to live a satisfying communal life ...” (cfr. Parry, Geraint, Émile: Learning to Be Men, Women, and Citizens, in, *The Cambridge Companion to Rousseau*, Cambridge University Press, Cambridge, 2001, p.249).

¹³⁵⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Considérations sur le gouvernement de Pologne”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 966. “Cabe à educação dar aos espíritos uma formação nacional, orientando seus gostos e opiniões de modo que sejam patriotas por inclinação, por paixão e por necessidade ...”.

¹³⁵⁷ Ibidem. “Ao abrir os olhos pela primeira vez a criança deve ver a pátria, e até morrer nada mais deveria ver. Todo o republicano autêntico recebeu com o leite materno o amor da pátria, ou seja, o amor à lei e à liberdade ...”.

¹³⁵⁸ Ib.. “... homens livres, pois só eles podem ter uma existência colectiva e são verdadeiramente disciplinados pela lei ...”.

¹³⁵⁹ Ib., pp. 966 – 967. “... não aconselho uma educação ordinária, dirigida por estrangeiros e por padres. A legislação deve regular o conteúdo, a ordem e a forma desses estudos. Os professores devem ser todos poloneses; se possível, casados e distinguidos pelo carácter moral, a probidade, o bom senso e as suas realizações ...”.

A questão do direito ao ensino por parte de todos é fundamental para Rousseau, que assim justifica a sua posição:

“Tous, étant égaux par la constitution de l'État, doivent être élevés ensemble et de la même manière; et si l'on ne peut établir une éducation publique tout à fait gratuite, il faut du moins la mettre à un prix que les pauvres, puissent payer. Ne pourroit-on pas fonder dans chaque collège un certain nombre de places purement gratuites?”¹³⁶⁰.

E à pergunta sobre qual o critério que definiria quem é que teria direito a essas bolsas? O nosso autor defende que seriam “... données aux enfans des pauvres gentilshommes qui auroient bien mérité de la patrie, non comme une aumone, mais comme une récompense des bons services des peres (...). Il faudroit pour cela que la nomination n'en fut pas arbitraire, mais se fit par une espèce de jugement ...”¹³⁶¹.

3.2. O valor da cooperação entre os educandos

Que forma de relacionamento pedagógico defende Rousseau numa educação pública? que tipo de relação devem manter os alunos entre si? A resposta é inequívoca - a forma mais adequada é a que privilegia a cooperação¹³⁶², “On ne doit point permettre qu'ils jouent séparément

¹³⁶⁰ lb., p. 967. “Como pela constituição do Estado eles são iguais, devem ser educados em conjunto e do mesmo modo, e se não é possível instituir um sistema de educação pública inteiramente gratuito, quando menos ela deve ter um preço tal que os pobres possam pagar. Portanto, não seria possível criar em cada colégio um certo número de vagas inteiramente gratuitas?”

¹³⁶¹ lb.. “... destinadas aos filhos dos cavaleiros pobres, que merecessem esse tratamento da pátria, não como esmola mas como recompensa pelos bons serviços prestados pelos pais (...). Para isso seria preciso que a concessão de tais bolsas não fosse arbitrária, mas resultasse de uma espécie de julgamento ...”.

¹³⁶² “Citizen education has to be continuing education. The pupils learn in the course of active life. It is sustained through participation in public sports and festivals and involvement in the citizen militia. The runners in the races, the soldiers in the regiment, the dancers in the festivals are learning to be men of political action and decision ...” (cfr. Parry, Geraint, Émile: Learning to Be Men, Women, and Citizens, in, *The Cambridge Companion to Rousseau*, Cambridge University Press, Cambridge, 2001, p.264).

à leur fantaisie, mais tous ensemble et en public, de manière qu'il y ait toujours un but commun auquel tous aspirent, et qui excite la concurrence et l'émulation ..."¹³⁶³.

Salvaguardando sempre a sua posição quanto à educação pública, considera que "Les parens qui préféreront l'éducation domestique, et feront élever leurs enfants sous leurs yeux, doivent cependant les envoyer à ces exercices. Leur instruction peut être domestique et particulière, mais leurs jeux doivent toujours être public set communs à tous ..."¹³⁶⁴. Daí a importância do exercício físico: "Dans tous les collèges il faut établir un gymnase, ou lieu d'exercices corporels, pour les enfants. Cet article si négligé est, selon moi, la partie la plus importante de l'éducation, non seulement pour former des temperamens robustes et sains, mais encore plus pour l'objet moral, qu'on néglige ..."¹³⁶⁵.

Qual é o objectivo desta educação, que investe numa relação de cooperação? A resposta é simples, é aquele que justamente permite que a criança se vá habituando a um conjunto de regras e preceitos essenciais, tendo em vista, a formação de um verdadeiro patriota. Sobre este assunto escreve Rousseau:

"... car il ne s'agit pas, seulement ici de les occuper, de leur former une constitution robuste, de les rendre agiles et découplés, mais de les accoutumer de bonne heure à la règle, à l'égalité, à la fraternité, aux concurrences, à vivre sous les yeux de leurs concitoyens et à desirer l'approbation publique ..."¹³⁶⁶.

¹³⁶³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Considérations sur le gouvernement de Pologne", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 968. "Não se deve permitir que brinquem separadamente, seguindo a sua fantasia, mas deve haver jogos em conjunto, e públicos, de forma que haja sempre um objectivo comum a que todos aspiram, e que sejam promovidas a concorrência e a emulação ...".

¹³⁶⁴ Ibidem. "Os pais que preferirem a educação doméstica, instruindo os filhos directamente sob as suas vistas, devem enviá-los para os exercícios colectivos. A sua instrução pode ser doméstica e particular, mas os jogos de que participam devem ser sempre comuns a todos, e públicos ...".

¹³⁶⁵ *Ib.*, pp. 967 – 968. "Em todos os colégios será preciso criar um ginásio para os exercícios físicos dos alunos. Na minha opinião esse item tão desprezado é a parte mais importante da educação, não só por formar organismos sadios e robustos porém mais ainda pelo efeito moral, que se costuma negligenciar ...".

¹³⁶⁶ *Ib.*, p. 968. "... com efeito, não se trata aqui apenas de ocupar essas crianças, de dar-lhes uma constituição robusta, tornando-as sadias e ágeis; é preciso habituá-las desde cedo às regras, à fraternidade à competição, a viverem expostas aos seus concidadãos e a almejarem a aprovação pública ...".

3.3. Os responsáveis pela educação pública

Para Rousseau, a responsabilidade última pela educação pública deveria ser assumida por "... un collège de magistrats (...) qui nomme, révoque et change à sa volonté tant les Principaux et chefs des collèges, (...), que les maîtres des exercices, dont on aura soin d'exciter aussi le zèle et la vigilance par des places plus élevées, (...) selon la manière dont ils auront selon la manière dont ils auront rempli celles-là ..." ¹³⁶⁷.

Conclui o autor que caberá a este colégio a responsabilidade de gerir e dirigir a educação pública, de modo, a esta poder alcançar os objectivos a que se propõem: apreciar e respeitar as leis. Assim, para o nosso pensador, se orientados "... dans cet esprit l'éducation, les usages, les coutumes, les mœurs, des Polonois; vous développerez en eux ce levain qui n'est pas encore eventé par des maximes corrompues ..." ¹³⁶⁸.

4. A educação feminina

4.1. A particularidade da educação feminina

Para o nosso autor, há necessidade de uma educação diferente para a mulher e para o homem, uma vez que "... l'homme et la femme ne sont ni ne doivent être constitués de même, de caractère ni de tempérament, il s'ensuit qu'ils ne doivent pas avoir la même education ..." ¹³⁶⁹. Ora, se para Rousseau está definido, como o próprio afirma, que a educação deve visar "... former l'homme naturel ..." ¹³⁷⁰, então, "... doit se former aussi la femme qui convient à cet homme ..." ¹³⁷¹,

¹³⁶⁷ *Ib.*, p. 969. "... um Colégio de Magistrados (...) que nomeie, revogue e altere livremente tanto os directores dos colégios, (...), como os encarregados dos exercícios físicos, nos quais se estimulará também o zelo e a vigilância com a possibilidade de acesso aos cargos mais elevados, (...), conforme se tenham desempenhado bem ou mal das funções junto aos estudantes ...".

¹³⁶⁸ *Ib.*. "... a educação, os costumes, as práticas dos poloneses forem orientados dentro desse espírito, desenvolver-se-á neles o fermento que ainda não foi neutralizado por princípios corrompidos ...".

¹³⁶⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Emile ou De l'éducation", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 700. "... o homem e a mulher não são nem devem ser constituídos da mesma maneira, nem quanto ao carácter, nem quanto ao temperamento, segue-se que não devem ter a mesma educação ...".

¹³⁷⁰ *Ibidem*. "... formar o homem natural ...".

pelo que é necessário fazer para formar essa mulher é seguir "... toujours les indications de la nature ..." ¹³⁷², mesmo naquilo que, aos olhos dos homens, são defeitos, uma vez que estes, aos olhos das mulheres, poderão ser qualidades.

À pergunta sobre se quem deve educar as mulheres são os homens ou as próprias mulheres, Rousseau responde: "Je ne sais: je voudrais bien qu'elles n'eussent besoin ni des uns ni des autres ..." ¹³⁷³. E justifica a sua posição dizendo que gostaria que as mulheres, "... apprirent librement ce qu'elles ont tant de penchant à vouloir apprendre ..." ¹³⁷⁴. De seguida, apresenta detalhadamente a razão pela qual elas não necessitam de professores: "Dans les arts qui n'ont que l'agrément pour objet tout peut servir de maître aux jeunes personnes: leur père, leur mère, leur frère, leur soeur, leurs amies, leurs gouvernantes, leur miroir, et surtout leur propre goût. On ne doit point offrir de leur donner leçon, il faut que ce soient elles qui la demandent; on ne doit point faire une tâche d'une récompense ..." ¹³⁷⁵.

Se, para Rousseau, a mulher e o homem foram feitos um para o outro, "... leur mutuelle dépendance n'est pas égale ..." ¹³⁷⁶. Nesta medida, "... le système de son éducation doit être à cet égard contraire à celui de la nôtre ..." ¹³⁷⁷. O autor justifica esta sua posição na convicção de que a mulher necessita sempre da aprovação dos outros; por isso, para a mulher, antes de ser é preciso parecer ¹³⁷⁸. Veja-se o que escreve a este respeito: "L'homme, en bien faisant, ne dépend que de lui-même, et peut braver le jugement public; mais la femme en bien faisant, n'a fait que la moitié de sa tâche, et ce que l'on pense d'elle ne lui importe pas moins que ce qu'elle est en effet ..." ¹³⁷⁹.

¹³⁷¹ Ib.. "... deve formar-se também a mulher que convém a esse homem ...".

¹³⁷² Ib.. "... sempre as indicações da natureza ...".

¹³⁷³ Ib., p. 717. "Não sei; gostaria muito de que elas não precisassem nem de uns nem de outras ...".

¹³⁷⁴ Ib.. "... aprendessem livremente o que têm tanta queda para querer aprender ...".

¹³⁷⁵ Ib.. "Nas artes que só têm o prazer como objecto, todos podem servir de professor para as meninas: o pai, a mãe, o irmão, a irmã, as amigas, as governantas, o espelho e sobretudo o seu próprio gosto. Não devemos oferecer-lhes aulas, é preciso que elas as peçam; não devemos fazer de uma recompensa uma obrigação ...".

¹³⁷⁶ Ib., p. 702. "... sua mútua dependência não é igual ...".

¹³⁷⁷ Ib.. "... o sistema da sua educação deve ser a este respeito contrário ao da nossa ...".

¹³⁷⁸ Ib., p. 704. Escreve Rousseau: "Les petites filles presque en naissant aiment la parure: non contentes d'être jolies elles veulent qu'on les trouve telles; on voit dans leurs petits airs que ce soin les occupe déjà, et à peine sont elles en état d'entendre ce qu'on leur dit qu'on les gouverne en leur parlant de ce qu'on pensera d'elles ...". "As meninas, quase desde o nascimento, gostam de enfeites; não contentes com serem bonitas, querem que as julguemos tais; vemos pelo seu arzinho que já têm essa preocupação; e, mal estão em condições de entender o que lhes dizemos, já as dominamos falando-lhes do que vão pensar delas ...".

¹³⁷⁹ Ib., p. 702. "Ao agir bem, o homem só depende de si mesmo e pode enfrentar o julgamento público; mas a mulher, ao agir bem, fez apenas metade da sua tarefa e o que pensam dela não importa menos do que aquilo que ela de facto é ...".

E conclui: "... l'opinion est le tombeau de la vertu parmi les hommes, et son trône parmi les femmes ..." ¹³⁸⁰. É dentro deste contexto, de seguir o caminho traçado pela natureza, que "... la femme aura l'éducation qui lui convient ..." ¹³⁸¹. É assim e não como um discurso menosprezador da mulher, que devemos entender Rousseau quando escreve o seguinte:

"Ainsi toute l'éducation des femmes doit être relative aux hommes. Leur plaisir, leur être utiles, se faire aimer et honorer d'eux, les élever jeunes, les soigner grands, les conseiller, les consoler, leur rendre la vie agréable et douce: voilà les devoirs des femmes dans tous les tems, et ce qu'on doit leur apprendre dès leur enfance ..." ¹³⁸².

Assim, alerta as mães para que não caiam no erro de "... les élever comme des hommes (...). Plus elles voudront leur ressembler, moins elles les gouverneront, et c'est alors qu'ils seront vraiment les maîtres ..." ¹³⁸³. É que, se as mulheres deixarem de governar os homens, aquilo que é posto em causa é a sua própria natureza, alargando, deste modo, o leque das consequências nefastas, não só para elas mesmas, mas também, para a própria espécie humana. Por essa razão escreve: "Cultiver dans les femmes les qualités de l'homme, et négliger celles qui leur sont propres, c'est donc visiblement travailler à leur préjudice. Les rusées le voyent trop bien pour en être les dupes (...). Croyez-moi, mère judicieuse, ne faites point de vôtre fille un honnête-homme, comme pour donner un démenti à la nature; faites en une honnête- femme, et soyez sure qu'elle en vaudra mieux pour elle et pour nous ..." ¹³⁸⁴.

Não obstante, o nosso autor não deixa de atribuir às mães um papel essencial na educação das suas filhas, responsabilizando-as pela preservação, nestas, daquilo que é

¹³⁸⁰ Ib., pp. 702 – 703. "... a opinião é o túmulo da virtude entre os homens, e seu trono entre as mulheres ...".

¹³⁸¹ Ib., p. 703. "... a mulher terá a educação que lhe convém ...".

¹³⁸² Ib.. "Assim, toda a educação das mulheres deve ser relativa aos homens. Agradar-lhes, ser-lhes útil, fazer-se amar e honrar por eles, educá-los quando jovens, cuidar deles quando grandes, aconselhá-los, consolá-los, tornar suas vidas agradáveis e doces: eis os deveres da mulher em todos os tempos e o que lhes deve ser ensinado desde a infância ...".

¹³⁸³ Ib., p. 701. "... educá-las como homens (...). Quanto mais se parecerem com eles, menos elas os governarão, e então serão eles realmente os senhores ...".

¹³⁸⁴ Ib.. "Cultivar nas mulheres as qualidades do homem e deixar de lado as que lhe são próprias é, pois, claramente trabalhar contra elas. As mais astutas percebem isso bem demais para se enganarem (...). Mãe judiciosa, acreditei em mim e não façais de vossa filha um cavalheiro, como que para desmentir a natureza; tornai-a uma dama, e podeis estar certa de que será melhor para ela e para nós ...".

característico às mulheres. Assim sendo, que tipo de educação deve ter a mulher? Pretendia Rousseau que ela fosse educada para se tornar "... un véritable automate?"¹³⁸⁵. A resposta dada pelo próprio a esta pergunta é peremptória: "Non, sans doute; ainsi ne l'a pas dit la nature, qui donne aux femmes un esprit si agréable et si délié; au contraire, elle veut qu'elles pensent, qu'elles jugent, qu'elles aiment, qu'elles connoissent, qu'elles cultivent leur esprit comme leur figure; ce sont les armes qu'elle leur donne pour suppléer à la force qui leur manque et pour diriger la nôtre ..." ¹³⁸⁶.

Concluindo, o nosso pedagogo entendia que a particularidade da educação feminina se deveria concretizar dando "... sans scrupule une éducation de femme aux femmes ..." ¹³⁸⁷. Passemos a ver, então, como Rousseau proponha que fosse esta educação da mulher a dar às mulheres.

4.2. Os âmbitos estético, intelectual, moral e religioso da educação feminina

4.2.1. A educação estética

Quanto à educação estética, entendia o nosso autor que, os dois sexos tinham gostos próprios que acabavam por sublinhar mais a sua diferença, explicando que a escolha dos brinquedos e das brincadeiras feita quer pelos meninos quer pelas meninas, eram desde logo, reveladoras da natureza de cada um:

"Les garçons cherchent le mouvement et le bruit; des tambours, des sabots, de petits carrosses: les filles aiment mieux ce qui donne dans la vue et sert à l'ornement; des miroirs, des bijoux, des chiffons, surtout des poupées: la poupée est l'amusement spécial de ce sexe; voilà très évidemment son goût déterminé sur

¹³⁸⁵ lb., p. 703. "... um verdadeiro autômato?".

¹³⁸⁶ lb., p. 702. "Não sem dúvida; não foi isso que ditou a natureza, que dá às mulheres um espírito tão agradável e fino; pelo contrário, ela quer que as mulheres pensem, que julguem, que amem, que conheçam, que cultivem o espírito tanto quanto sua aparência; estas são as armas que lhes dá para suprir a força que lhes falta e para que governem a nossa ...".

¹³⁸⁷ lb., p. 715. "... sem escrúpulos uma educação de mulher às mulheres ...".

sa destination. Le physique de l'art de plaire est dans la parure: c'est tout ce que des enfans peuvent cultiver de cet art ...”¹³⁸⁸.

Isto significava, para Rousseau, um primeiro caminho a seguir na educação estética – “Voilà donc un premier goût bien décidé: vous n'avez qu'à le suivre et le régler ...”¹³⁸⁹.

Outro caminho por ele sugerido às educadoras era o dos labores femininos: “... la couture, la broderie, la dentelle viennent d'elles-mêmes (...). La tapisserie est l'amusement des femmes; de jeunes filles n'y prendront jamais un fort grand plaisir ...”¹³⁹⁰.

Rousseau refere ainda o desenho – “Ces progrès volontaires s'étendront aisément jusqu'au dessein ...”¹³⁹¹ - chamando a atenção para a importância de desenvolver o aspecto criativo nas meninas. Contudo, defende que os temas a serem tidos em consideração devem promover o sentido da autonomia artística: “... je ne voudrais point qu'on les appliquât au paysage, encore moins à la figure. Des feuillages, des fruits, des fleurs, des draperies, tout ce qui peut servir à donner un contour élégant aux ajustemens, et à faire soi-même un patron de broderie quand on n'en trouve pas à son gré, cela leur suffit ...”¹³⁹².

Neste contexto, Rousseau faz o elogio da simplicidade. De resto, esta é uma ideia essencial ao pensamento do nosso autor, na medida em que aquilo que a pessoa é deve manifestar-se de acordo com a sua natureza e não deve procurar encontrar formas dissimulatórias, como, por exemplo, os ornamentos¹³⁹³ que servem apenas para disfarçar defeitos. Assim, entende o nosso autor, que se pode “... briller par la parure, mais on ne plait que par la

¹³⁸⁸ Ib., p. 706. “Os meninos procuram o movimento e o barulho: tambores piões, pequenas carruagens; as meninas preferem o que é vistoso e serve de enfeite: espelhos jóias, panos e principalmente bonecas; a boneca é a diversão especial deste sexo; eis de modo bastante evidente seu gosto sendo determinado por sua destinação. O físico da arte de agradar está nos adereços; isto é tudo o que as crianças podem cultivar dessa arte ...”.

¹³⁸⁹ Ib., p. 707. “Eis, pois, um primeiro gosto bem pronunciado, tendes apenas de segui-lo e ordená-lo ...”.

¹³⁹⁰ Ib.. “... a costura, o bordado e as rendas vêm por si mesmos (...). A tapeçaria é a diversão das mulheres; as meninas nunca terão grande prazer com ela ...”.

¹³⁹¹ Ib.. “Tais progressos voluntários estender-se-ão facilmente até o desenho ...”.

¹³⁹² Ib.. “... eu não gostaria que fossem ocupadas com paisagens, e ainda menos com as figuras. Folhagens, frutas, flores, roupagens, tudo o que pode servir para dar um perfil elegante aos arranjos e para fazer por si mesma uma figura de bordado quando não se encontra uma que satisfaça, isso lhes basta ...”

¹³⁹³ Ib., p. 713. Como sublinha Rousseau: “L'amour des modes est de mauvais gout parce que les visages ne changent pas avec elles et que la figure restant la même ce qui lui sied une fois lui sied toujours ...”. “O amor pelas modas é de mau gosto, porque os rostos não mudam com elas e, permanecendo os mesmos, o que lhes cai bem uma vez cai-lhes bem sempre ...”.

persone. Nos ajustemens ne sont point nous; souvent ils déparent à force d'être recherchés, et souvent ceux qui font le plus remarquer celle qui les porte sont ceux qu'on remarque le moins ..."¹³⁹⁴. Quanto à beleza natural das mulheres estar de acordo com as modas da época conclui: "Donnez à une jeune fille qui ait du goût, et qui méprise la mode, des rubans, de la gaze, de la mousseline et des fleurs; sans diamans, sans pompons, sans dentelle, elle va se faire un ajustement qui la rendra cent fois plus charmante ..."¹³⁹⁵.

4.2.2. Educação intelectual

Quanto à educação intelectual, o caso particular da leitura assume um papel de destaque. Para as meninas que começam desde muito cedo a saber ler, a leitura, para Rousseau, pode ser perigosa, isto porque "Il y en a bien peu qui ne fassent plus d'abus que d'usage de cette fatale science ..."¹³⁹⁶. Sendo assim, defende que "Peut-être devroient-elles apprendre à chiffrer avant tout; car rien n'offre une utilité plus sensible en tout tems, ne demande un plus long usage, et ne laisse tant de prise à l'erreur que les comptes ..."¹³⁹⁷.

Rousseau considera que os dois defeitos mais perigosos das meninas são os do "...oisiveté et l'indocilité ..."¹³⁹⁸. Por isso mesmo, "Il faut les exercer d'abord à la contrainte, afin qu'elle ne leur coûte jamais rien; à dompter toutes leurs fantaisies, pour les soumettre aux volontés d'autrui ..."¹³⁹⁹. Percebe-se, assim, porque razão a leitura pode tornar-se perigosa para o sexo feminino, ela estimula a sua imaginação. Daí que Rousseau seja apologista de que, antes de aprender a ler, as meninas devem "... sentir à quoi sert la lecture ..."¹⁴⁰⁰. Considera o nosso autor

¹³⁹⁴ lb. P. 713. "... brilhar pelo traje, mas só se agrada pela pessoa. Nossa roupa não somos nós; muitas vezes ela nos enfeita, de tão rebuscada, e muitas vezes quem veste as que mais realçam são as que menos se notam ...".

¹³⁹⁵ lb., p. 714. "Dai fitas, gaze, musselina e flores a uma moça que tenha gosto e despreze a moda, sem diamantes, sem borlas e sem rendas, ela comporá um traje que a tornará cem vezes mais encantadora ...".

¹³⁹⁶ lb., p. 708. "Bem poucas há que não abusem do emprego dessa ciência fatal ...".

¹³⁹⁷ lb.. "Talvez devessem aprender antes de tudo a fazer contas, pois nada tem uma utilidade mais visível em qualquer tempo, exige um maior uso e dá tantas oportunidades ao erro do que as contas ...".

¹³⁹⁸ lb., p. 709. "... ócio e a indocilidade ...".

¹³⁹⁹ lb.. "Devemos treiná-las primeiro para as coisas obrigatórias, para que nunca lhes custem, devemos ensiná-las a domar todas as suas fantasias, para submetê-las às vontades de outrem ...".

¹⁴⁰⁰ lb., p. 708. "... perceber para que serve a leitura ...".

que a leitura não deve corromper os seus gostos naturais, sucedendo que quando esses gostos são corrompidos a natureza do sexo feminino é posta em causa:

“La dissipation, la frivolité, l'inconstance, sont des défauts qui naissent aisément de leurs premiers goûts corrompus et toujours suivis. Pour prévenir cet abus, apprenez-leur surtout à se vaincre. Dans nos insensés établissements, la vie de l'honnête femme est un combat perpétuel contre elle-même (...). Empêchez que les filles ne s'ennuyent dans leurs occupations et ne se passionnent dans leurs amusemens, comme il arrive toujours dans les éducations vulgaires ...”¹⁴⁰¹.

4.2.3. Educação moral (carácter)

Se “La première et la plus importante qualité d'une femme est la douceur ...”¹⁴⁰², então deve “... obéir à un être aussi imparfait que l'homme, souvent si plein de vices, et toujours si plein de défauts ...”¹⁴⁰³. Deste modo estará a respeitar aquilo que é próprio à sua natureza, acabando por contornar as situações que inicialmente lhe poderiam ser adversas: “Chacun doit garder le ton de son sexe; un mari trop doux peut rendre une femme impertinente; mais, à moins qu'un homme ne soit un monstre, la douceur d'une femme le ramène, et triomphe de lui tôt ou tard ...”¹⁴⁰⁴. Então o que é necessário para que a educação torne uma menina dócil? A resposta surge de forma negativa:

“... il ne faut pas l'abrutir; au contraire, je ne serois pas fâché qu'on lui laissât mettre un peu d'adresse, non pas à éluder la punition dans sa désobéissance, mais à se faire exempter d'obéir ...”¹⁴⁰⁵.

¹⁴⁰¹ Ib., p. 709. “A dissipação, a frivolidade, a inconstância são os defeitos que nascem facilmente de seus primeiros gostos corrompidos e sempre satisfeitos. Para prevenir esse defeito, ensinaí-as principalmente a vencerem a si mesmas. Em nossas loucas instituições, a vida da mulher de bem é uma luta perpétua contra si mesma (...). Não deixeis que as meninas se aborreçam em suas ocupações e se entusiasmem com suas diversões, como sempre acontece nas educações vulgares ...”.

¹⁴⁰² Ib., p. 710. “A primeira e a mais importante qualidade de uma mulher é a doçura ...”.

¹⁴⁰³ Ib.. “... obedecer a um ser tão imperfeito quanto o homem, tantas vezes tão cheio de vícios e sempre tão cheio de defeitos ...”.

¹⁴⁰⁴ Ib., p. 711. “Cada qual deve conservar o tom do seu sexo; um marido manso demais pode tornar a mulher impertinente, mas, a menos que um homem seja um monstro, a doçura de uma mulher trá-lo de volta e vence-o mais cedo ou mais tarde ...”.

¹⁴⁰⁵ Ib.. “... não é preciso torná-la infeliz; para torná-la modesta, não é preciso embrutecê-la; pelo contrário, eu não me zangaria se às vezes a deixassem usar de um pouco de habilidade, não para escapar à punição pela desobediência, mas para não obedecer ...”.

A astúcia, sendo uma das características principais das mulheres, não é considerada por Rousseau como algo de prejudicial. Aquilo que ele defende é que, sendo uma habilidade natural, não deve, como todas as outras características, sofrer nenhum abuso. Por essa razão, afirma com clareza: “La ruse est un talent naturel au sexe; et, persuadé que tous les penchans naturels sont bons et droits par eux-mêmes, je suis d'avis qu'on cultive celui-là comme les autres: il ne s'agit que d'en prévenir l'abus ...”¹⁴⁰⁶. E justifica do seguinte modo esta característica concedida à mulher pela natureza:

“Cette adresse particulière (...) est un dédomagement très equitable de la force qu'il a de moins; sans quoi la femme ne seroit pas la compagne de l'homme, elle seroit son esclave: c'est par cette supériorité de talent qu'elle se maintient son égale, et qu'elle le gouverne en lui obéissant ...”¹⁴⁰⁷.

Quanto à educação moral, Rousseau lança uma crítica severa contra aqueles professores que consideram que não se deve ensinar às meninas nem canto, nem dança, nem qualquer outra arte agradável. Questiona o nosso autor: “... à qui veulent-ils donc qu'on les apprenne? Aux garçons? A qui des hommes ou des femmes appartient-il d'avoir ces talents par préférence? A persone, répondront-ils; les chansons profanes sont autant de crimes; la danse est une invention du démon, une jeune fille ne doit avoir d'amusement que son travail et la prière ...”¹⁴⁰⁸. Rousseau define, de um modo claro, qual é a sua posição relativamente a este assunto. Considera o nosso autor que se “... faut avoir égard à ce qui convient à l'âge aussi bien qu'au sexe; qu'une jeune fille ne doit pas vivre comme sa grand-mère; qu'elle doit être vive, enjouée, folâtre, chanter, danser

¹⁴⁰⁶ Ib.. “A astúcia é um talento natural das mulheres e, convencido de que as inclinações naturais são boas e justas por si mesmas, sou de opinião de que estas devem ser cultivadas tanto quanto as outras: basta prevenir os abusos ...”.

¹⁴⁰⁷ Ib., p. 712. “Essa habilidade particular (...) é uma compensação muito justa pela força que ela tem a menos; sem ela a mulher não seria a companheira do homem, é sim sua escrava; é por essa superioridade de talento que ela se mantém como sua igual e o governa obedecendo-lhe ...”.

¹⁴⁰⁸ Ib., p. 715. “... a quem, então, querem que se ensinem essas coisas? Aos meninos? A quem, aos homens ou às mulheres, cabe possuir tais talentos? A ninguém, responderão eles; as canções profanas são crimes; a dança é uma invenção do demónio, uma moça deve ter por diversão apenas o trabalho e a oração ...”.

autant qu'il lui plait, et goûter tous les innocens plaisirs de son âge ..."¹⁴⁰⁹. Conclui, de seguida que "... le tems ne viendra que trop tôt d'être posée et de prendre un maintien plus sérieux ..."¹⁴¹⁰.

Relativamente à questão dos deveres faz uma crítica directa à religião católica quando afirma que ela os torna "... impraticables et vains; à force d'interdire aux femmes le chant, la danse, et tous les amusemens du monde, il les rend maussades, grondeuses, insupportables dans leurs maisons ..."¹⁴¹¹. E continua o seu raciocínio apresentando esses deveres, muitas vezes, como motivos que fazem com que os homens sejam infieis, contribuindo, deste modo, para que a própria noção de família vá desaparecendo do espírito dos casais. Dentro deste contexto, Rousseau faz a seguinte apreciação:

"Il n'y a point de religion où le mariage soit soumis à des devoirs si sévères, et point où un engagement si saint soit si méprisé. On a tant fait pour empêcher les femmes d'être aimables, qu'on a rendu les maris indifférens. Cela ne devoit pas être; j'entends fort bien: mais moi je dis que cela devoit être, puisqu'enfin les chrétiens sont homes (...), vraiment je le crois, quand ces talens, loin d'être employés à leur plaisir, ne servent que d'amorce pour attirer chez eux de jeunes impudens qui les deshonnorent ..."¹⁴¹².

4.2.4. Educação religiosa

A questão que se segue é a de saber como ensinar religião às meninas¹⁴¹³. Esta é, para Rousseau, mais uma questão de método que acaba por estar estritamente relacionada com a razão prática das meninas, o qual o nosso pensador descreve do seguinte modo:

¹⁴⁰⁹ Ib., p. 716. "... deve respeitar o que convém à idade e ao sexo, que uma menina não deve viver como sua avó; ela deve ser viva, alegre engraçada, cantar, dançar tanto quizer e saborear todos os inocentes prazeres de sua idade ...".

¹⁴¹⁰ Ib.. "... não tardará o tempo de ser séria e assumir uma postura mais grave ...".

¹⁴¹¹ Ib.. "... impraticáveis e vãos; de tanto proibir às mulheres o canto, a dança e todas as diversões do mundo, torna-as aborrecidas, resmungonas e insuportáveis em suas casas ...".

¹⁴¹² Ib.. "Não há religião em que o casamento esteja submetido a deveres tão severos e em que um compromisso tão santo seja tão desprezado. Tanto fizeram para impedir que as mulheres fossem atraentes, que tornaram os maridos indiferentes. Isso não deveria acontecer; compreendo muito bem, mas da minha parte digo que isso não deveria acontecer; já que afinal os cristãos são homens (...). De facto, acredito, quando tais talentos, longe de serem empregues para lhes agradar, só servem de isca para atrair à sua casa jovens impudentes que os desonram ...".

¹⁴¹³ Ib., p. 720. "On comprend bien que si les enfans mâles sont hors d'état de se former aucune véritable idée de religion, à plus forte raison la même idée est-elle au dessus de la conception des filles; c'est pour cela même que je voudrais en parler à celles-ci de meilleure heure; car s'il falait

“La raison des femmes est une raison pratique qui leur fait trouver très habilement les moyens d'arriver à une fin connue, mais qui ne leur fait pas trouver cette fin (...). La recherche des vérités abstraites et spéculatives, des principes, des axiomes dans les sciences, tout ce qui tend à généraliser les idées n'est point du ressort des femmes, leurs études doivent se rapporter toutes à la pratique; c'est à elles à faire l'application des principes que l'homme a trouvés, et c'est à elles de faire les observations qui mènent l'homme à l'établissement des principes ...”¹⁴¹⁴.

É justamente por isso que considera que as mulheres não conseguem, por si mesmas, extrair a razão da sua fé, devido a estarem “... toujours en deça ou au delà du vrai. Toujours extrêmes, elles sont toutes libertines ou dévotes ...”¹⁴¹⁵. Daí não serem capazes de saber articular a faculdade da razão com a piedade e, portanto, necessitarem de uma autoridade que as oriente:

“Puisque l'autorité doit régler la religion des femmes, il ne s'agit pas tant de leur expliquer les raisons qu'on a de croire, que de leur exposer nettement ce qu'on croit: car la foi qu'on donne à des idées obscures est la première source du fanatisme, et celle qu'on exige pour des choses absurdes mène à la folie ou à l'incrédulité. Je ne sais à quoi nos catechismes portent le plus, d'être impie ou fanatique; mais je sais bien qu'ils font nécessairement l'un ou l'autre ...”¹⁴¹⁶.

attendre qu'elles fussent en état de discuter méthodiquement ces questions profondes, on courroit risque de ne leur en parler jamais ...”. “É compreensível que, se os meninos não têm condições de formar qualquer verdadeira ideia sobre religião, com mais forte razão a mesma ideia está acima da compreensão das meninas; é por isso mesmo que eu gostaria de falar com elas sobre isso mais cedo, pois, de fosse preciso aguardar que elas estivessem em condições de discutir metodicamente essas questões profundas, correríamos o risco de não lhes falar nunca sobre o assunto ...”.

¹⁴¹⁴ Ib., pp. 720 - 736. “A razão das mulheres é uma razão prática, que faz com que elas encontrem muito habilmente os meios de alcançar um fim conhecido, mas que não as faz descobrir esse fim (...). A busca das verdades abstractas e especulativas, dos princípios, dos axiomas nas ciências, tudo o que tende a generalizar as ideias não é da alçada das mulheres, pois todos os seus estudos devem ligar-se à prática; cabe a elas fazer as observações que levam o homem ao estabelecimento dos princípios ...”.

¹⁴¹⁵ Ib., p.721. “... sempre aquém ou além da verdade. Sempre extremadas, são todas ou libertinas ou devotas ...”.

¹⁴¹⁶ Ib.. “Já que a autoridade deve ordenar a religião das mulheres, não se trata tanto de explicar-lhes as razões que temos para crer quanto de expor-lhes claramente o que cremos, pois a fé que damos a ideias obscuras é a primeira fonte do fanatismo, e a fé que exigimos em coisas absurdas leva à loucura e à incredulidade. Não sei a que nossos catecismos mais conduzem, a ser impio ou a ser fanático, mas sei muito bem que levam a uma ou outra coisa ...”.

Quanto à questão do método a seguir Rousseau apresenta algumas propostas sobre como educar religiosamente as meninas:

“... n'en faites jamais pour elles un objet de tristesse et de gêne, jamais une tâche ni un devoir; par consequent ne leur faites jamais rien apprendre par coeur qui s'y rapporte, pas même les prières. Contentez-vous de faire régulièrement les vôtres devant elles, sans les forcer pourtant d'y assister. Faites-les courtes, selon l'instruction de Jesus-Christ. Faites-les toujours avec le recueillement et le respect convenables; songez qu'en demandant à l'Etre suprême de l'attention pour nous écouter, cela vaut bien qu'on en mette à ce qu'on va lui dire ...”¹⁴¹⁷.

Uma outra questão é aquela que se refere ao carácter religioso das matérias. Sobre esta temática, aconselha o nosso autor:

“Quand vous leur expliquez des articles de foi, que ce soit en forme d'instruction directe, et non par demandes et par réponses. Elles ne doivent jamais répondre que ce qu'elles pensent, et non ce qu'on leur a dicté. Toutes les réponses du catechisme sont à contresens, c'est l'écolier qui instruit le maitre; elles sont même des mensonges dans la bouche des enfans, puisqu'ils expliquent ce qu'ils n'entendent point, et qu'ils affirment ce qu'ils sont hors d'état de croire ...”¹⁴¹⁸.

¹⁴¹⁷ Ib.. “... nunca façás disso um objecto de tristeza e de obrigação para elas, nem uma tarefa ou um dever; por conseguinte nada façás com que aprendam de memória nessa matéria, nem mesmo as orações. Contentai-vos com fazer regularmente vossas orações diante delas, sem obrigá-las, no entanto, a assistir a elas. Fazei-as curtas, conforme o ensinamento de Jesus Cristo. Fazei-as sempre com o recolhimento e o respeito convenientes; considerai que, ao pedir ao Ser supremo certa atenção para nos ouvir, é melhor que também prestemos certa atenção no que lhes vamos dizer ...”.

¹⁴¹⁸ Ib., p. 722. “Quando lhes explicardes os artigos de fé, fazei-o em forma de instrução directa, e não por perguntas e respostas. Elas devem responder o que pensam, e não o que lhes foi ditado. Todas as respostas do catecismo são despropositadas, é o aluno que ensina o professor; são até mesmo mentiras na boca das crianças, já que elas explicam o que não entendem e afirmam o que não têm condições de crer ...”.

III. A construção do paradigma antropagógico rousseauneano

1. O Emile

1.1. Livro I: a formação do Homem completo e a primeira educação (do nascimento aos 2 anos)

O texto *Emile ou De l'éducation* é composto por cinco livros. Para Rousseau este texto é uma obra de sùmula¹⁴¹⁹, como de resto o próprio afirma, no terceiro diálogo de *Rousseau juge de Jean Jaques - Dialogues*, pela voz do francês:

“J’avois senti dès ma première lecture que ces écrits marchaient dans un certain ordre qu’il falloit trouver pour suivre la chaine de leur contenu (...), l’Auteur remontant de princpe en principes n’avoit atteint les premiers que dans ses derniers écrits. Il falloit donc pour marcher par synthèse commencer par ceux-ci, et c’est ce que je fis en m’attachant d’abord à L’*Emile* par lequele il a fini ...”¹⁴²⁰.

Sobre *Emile*, que pode ser lido de acordo com várias perspectivas, escreve L’Aminot: “Il existe certes un *Emile* pour les littéraires, un autre pour les philosophes et encore un autre pour les pédagogues qui ne coïncident pas toujours, mais *Emile* n’est pas pour autant un livre confus

¹⁴¹⁹ Sobre este texto escreve L’Aminot: “On y trouve des réflexions sur l’état présent des sociétés, sur l’inégalité des conditions, sur les sciences et les arts, sur les gouvernements ou la famille. Il est un essai sur l’éducation et présente même une philosophie de l’éducation, mais il ne renonce pas à être aussi un traité pratique d’éducation. Il développe une théorie sur l’homme et sur sa place dans l’univers, propose une étude de la condition humaine, et il est également un essai d’anthropologie systématique ...” (cfr. T. L’Aminot “*Émile, Ou De L’Éducation*”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 288).

¹⁴²⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Rousseau Juge de Jean Jaques - Dialogues”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 933. “Senti desde a minha primeira leitura que esses escritos prosseguiam por uma certa ordem que era preciso encontrar para seguir a cadeia do seu conteúdo (...), o Autor remontando de principio em principio não havendo atendido aos primeiros a não ser nos seus últimos escritos. Era preciso pois para prosseguir por sintese começar por estes, e foi isso que eu fiz ao me atarefar desde o começo no *Emilio* pelo qual ele termina ...”

...¹⁴²¹. O texto do *Emile* é, pois, complexo, porque rico em diversas interpretações, mas não é um texto equívoco.

No livro I do *Emile*, Rousseau faz uma apresentação geral do seu projecto de educação. Apontando como finalidade desse projecto a formação do Homem completo, totalmente independente, quer do país, quer da religião, quer de qualquer tipo de governo. De acordo com as suas palavras “Vivre est le métier que je lui veux apprendre. En sortant de mes mains il ne sera, j’en conviens, ni magistrat, ni soldat, ni prêtre: il sera premièrement homme ...”¹⁴²². Neste contexto, o nosso autor constrói um plano de educação completamente novo¹⁴²³, alicerçado nas figuras do preceptor e do educando. Relativamente ao primeiro, começa por imaginar um educando - “J’ai donc pris le parti de me donner un élève imaginaire, de me supposer l’âge, la santé, les connoissances, et tous les talens convenables pour travailler à son éducation ...”¹⁴²⁴ -, tendo como finalidade “... conduire depuis le moment de sa naissance jusqu’à celui où devenu homme fait il n’aura plus besoin d’autre guide que lui-même ...”¹⁴²⁵. No que se refere ao preceptor, evidencia o carácter excepcional da relação que este mantém com o educando: “Mais quand ils se regardent comme devant passer leurs jours ensemble, il leur importe de se faire aimer l’un de l’autre, et par cela même ils se deviennent chers ...”¹⁴²⁶.

Rousseau termina este primeiro livro abordando a questão que diz respeito à primeira educação, dando conselhos de puericultura, como, por exemplo, os cuidados a ter com a água do banho: “D’abord après l’accouchement on lave l’enfant avec quelque eau tiède où l’on mêle

¹⁴²¹ Cfr. T. L’Aminot “Émile, Ou De L’Éducation”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 288. “Existe por certo um Emílio para os literários, um outro para o filósofos e ainda um outro para os pedagogos que não coincidiram sempre, mas o Emílio não é por isso um livro confuso ...”.

¹⁴²² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De l’éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 252. “Viver é o ofício que quero ensinar-lhe. Aos sair das minhas mãos, concordo que não será nem magistrado, nem soldado, nem padre; será homem em primeiro lugar; tudo o que um homem deve ser, ele será capaz de ser ...”.

¹⁴²³ “Rousseau commence donc par imaginer les conditions d’une éducation exceptionnelle, mais qui est bien plus normale qu’idéale : normale par rapport à une société qui ne l’est plus, et non pas idéale parce que Rousseau ne renonce pas à la pratique ...”(cfr. T. L’Aminot “Émile, Ou De L’Éducation”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 284).

¹⁴²⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De l’éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 264. “Assim, tomei o partido de arranjar um aluno imaginário, de supor em mim a idade, a saúde, os conhecimentos e todos os talentos convenientes para trabalhar na sua educação ...”.

¹⁴²⁵ *Ibidem*. “... conduzi-la desde o momento do seu nascimento até que, já homem não precise mais de outro guia que não ele mesmo ...”.

¹⁴²⁶ *Ib.*, p. 268. “Quando, porém, consideram-se um ao outro como pessoas que devem passar os dias juntos, é importante para eles que se façam amar um pelo outro, e por isso mesmo se tornam queridos ...”.

ordinairement du vin. Cette addition du vin me paroît peu nécessaire. Comme la nature ne produit rien de fermenté, il n'est pas à croire que l'usage d'une liqueur artificielle importe à la vie de ses créatures ..."¹⁴²⁷.

1.2. Livro II: o despertar da moral na criança (dos 2 aos 12 anos)

No livro II do *Emile* corresponde ao período em que a criança se torna um ser moral e que tem como única preocupação cuidar do seu corpo. Tal ideia transparece quando Rousseau afirma que o discípulo deverá brincar num espaço ao ar livre e não ficar preso dentro do seu quarto:

“Là qu’il coure, qu’il s’ébâte, qu’il tombe cet fois le jour, tant mieux: il en apprendra plus tôt à se relever. Le bien-être de la liberté rachette beaucoup de blessures. Mon élève aura souvent des contusions; en revanche il sera toujours gai : si les vôtres en ont moins, ils sont toujours contrariés, toujours enchaînés, toujours tristes ...”¹⁴²⁸.

A actividade física, ao contrário de actividades como a leitura, assume um papel de destaque, na medida em que desenvolve o indivíduo e define melhor as sensações¹⁴²⁹. Este é também o momento em que “La mémoire étend le sentiment de l’identité sur tous les momens de son existence, il devient véritablement un, le même (...). Il importe donc de commencer à le

¹⁴²⁷ *Ib.*, p. 277. “Em primeiro lugar, depois do parto, lava-se a criança com água morna, à qual de ordinário mistura-se vinho. O acréscimo de vinho parece-me pouco necessário. Como a natureza nada produz de fermentado, não é de acreditar que um licor artificial seja importante para a vida das crianças ...”.

¹⁴²⁸ *Ib.*, p. 301. “Ali, que corra, se divirta, caia, cem vezes por dia, tanto melhor, aprenderá mais cedo a se levantar. O bem-estar da liberdade compensa muitas dores. Meu aluno terá muitas vezes contusões; em compensação, estará alegre. Se vossos filhos se magoarem menos, estão sempre contrariados, sempre presos, sempre tristes ...”.

¹⁴²⁹ Sobre este assunto escreve Pierre Burgelin “On note ici la manière dont Rousseau souligne le rôle de la force pour commander le développement mental (cfr. *supra*, pp. 289-290, 359 et 426). Après la sensation, la mémoire est la deuxième étape du progrès: «de toutes les facultés de l’homme, la mémoire est la première qui se développe» (*Nouvelle Héloïse*, V.3, O.C., Pléiade, t.II, p. 579). Elle est tout autre chose qu’une sensation transformée, elle nous ouvre à la conscience du moi comme identité, comme permanence, dans l’écoulement de la durée (cf. *supra*, p. 590)” (cfr. Burgelin, Pierre “Notes et Variantes” [301], in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes* Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 1336).

considérer ici comme un être moral ..."¹⁴³⁰. Como podemos constatar, estamos perante um período determinante no desenvolvimento da criança, em que os passeios e as brincadeiras são fundamentais para conhecer o meio envolvente. Porém, L'Aminot coloca duas questões que merecem a nossa atenção. São elas: "Est-ce à dire que Rousseau veut former un polisson inculte? (...). Est-ce à dire aussi qu'Emile ne connaîtra aucune discipline?"¹⁴³¹.

No que se refere à primeira questão a resposta é negativa, pois cabe ao preceptor o dever de fomentar situações que possam fornecer ao educando algumas noções básicas, sendo a noção de propriedade disso exemplo. Veja-se o que diz o nosso autor a esse respeito:

"Dans cet essai de la manière d'inculquer aux enfans les notions primitives, on voit comment l'idée de la propriété remonte naturellement au droit de premier occupant par le travail. Cela est clair, net, simple, et toujours à la portée de l'enfant. De là jusqu'au droit de propriété et aux échanges il n'y a plus qu'un pas, après lequel il faut s'arrêter tout court ..."¹⁴³².

Quanto à segunda questão, a resposta também é negativa. Aquilo que sucede é que os limites que são impostos às crianças são-no de um modo diferente do da educação tradicional. Portanto, à criança não lhe é admitida uma permissividade desmedida, apenas lhe é consentido que desfrute da sua liberdade natural, pois, "Ta liberté, ton pouvoir ne s'étendent qu'aussi loin que tes forces naturelles et pas au dela ..."¹⁴³³. Este é o tempo da educação negativa. Sobre este assunto escreveu L'Aminot, "L'éducation négative est plus une éducation attentive qu'une

¹⁴³⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Emile ou De l'éducation", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 301. "A memória amplia o sentimento da identidade para todos os momentos da sua existência; ele torna-se verdadeiramente uno, o mesmo (...). Portanto, é importante começar a considerá-lo agora como um ser moral ...".

¹⁴³¹ Cfr. T. L'Aminot "Émile, Ou De L'Éducation", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 285. "Quer isso dizer que Rousseau quer formar um libertino inculto? (...) Quer isso dizer que Emílio desconhece qualquer disciplina?"

¹⁴³² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Emile ou De l'éducation", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, pp. 332 - 333. "Neste ensaio da maneira de inculcar nas crianças as noções primitivas, vemos como a ideia da propriedade remonta naturalmente ao direito do primeiro ocupante pelo trabalho. Isso é claro, limpo, simples e está sempre ao alcance da criança. Daí até ao direito de propriedade e as trocas não é mais que um passo, depois do qual devemos simplesmente nos deter ...".

¹⁴³³ *Ib.*, p. 308. "A tua liberdade, o teu poder só vão até onde vão tuas forças naturais, e não além ...".

éducation permissive ...”¹⁴³⁴. Rousseau define bem este tipo de educação quando, sobre o modo como a criança deve entender a liberdade, escreve:

“Maintenez l’enfant dans la seule dépendance des choses ; vous aurez suivi l’ordre de la nature dans le progrès de son éducation. N’offrez jamais à ses volontés indiscrettes que des obstacles physiques ou des punitions qui naissent des actions mêmes et qu’il se rappelle dans l’occasion. Sans lui deffendre de mal faire il suffit de l’en empêcher. L’expérience ou l’impuissance doivent seules lui tenir lieu de loi. N’accordez rien à ses desirs parce qu’il le demande, mais parce qu’il en a besoin. Qu’il ne sache ce que c’est qu’obeissance quand il agit, ni ce que c’est qu’empire quand on agit pour lui. Qu’il sente également sa liberté dans ses actions et dans les vôtres ...”¹⁴³⁵.

Para Rousseau, é fundamental que a criança possa crescer de acordo com a sua idade. A noção de harmonia e equilíbrio é essencial para um desenvolvimento que respeite a natureza humana. Por essa razão é que a liberdade da criança é dirigida, de forma subtil, pelo preceptor. O final deste livro apela justamente para essa noção de equilíbrio que a criança deve evidenciar aos doze anos. Escreve o autor:

“Il met à tout ce qu’il fait un intérêt qui fait rire et une liberté qui plait, en montrant à la fois le tour de son esprit et la sphère de ses connoissances. N’est-ce pas le spectale de cet age, un spectale charmant et doux de voir un joli enfant l’œil vif et gai, l’air content et serein, la phisionomie ouvert et riante, faire en se jouant les choses les plus sérieuses ou profondément occupé des plus frivoles amusemens?”¹⁴³⁶.

¹⁴³⁴ Cfr. T. L’Aminot “Émile, Ou De L’Éducation”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 285. “A educação negativa é mais uma educação respeitadora que uma educação permissiva ...”.

¹⁴³⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De l’éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 311. “Conservai a criança unicamente na dependência das coisas e teries seguido a ordem da natureza no progresso da sua educação. Nunca ofereçais às suas vontades indiscretas senão obstáculos físicos ou punições que nasçam dass próprias acções, de que se lembrem quando oportuno: sem lhe proibir de agir mal, basta que seja impedida. Só a experiência e a impotência devem ser a lei para a criança. Nada concedei a seus desejos porque ela o pede, mas porque precisa. Que ela não saiba o que é a obediência quando age, nem o que é a dominação quando agem por ela. Que sinta de igual modo a sua liberdade em suas próprias acções e nas vossas ...”.

¹⁴³⁶ *Ib.*, p. 423. “Em tudo o que faz, mostra um interesse que faz rir e uma liberdade que agrada, revelando ao mesmo tempo o jeito de seu espirito e a esfera dos seus conhecimentos. Não é o espectáculo dessa idade, um espectáculo doce e encantador, ver uma linda criança, de olhos vivos e

1.3. Livro III: as primeiras noções de relação social (dos 12 aos 15 anos)

No livro III do *Emile*, Rousseau disserta sobre a idade compreendida entre os doze e os quinze anos, um período da vida que é excepcional:

“Cet intervalle où l’individu peut plus qu’il ne desire, bien qu’il ne soit pas le tems de sa plus grande force absolue, est, comme je l’ai dit, celui de sa plus grande force relative. Il est le tems le plus précieux de la vie; tems qui ne vient qu’une seule fois; tems très court, et d’autant plus court comme on verra dans la suite, qu’il lui importe plus de le bien employer ...”¹⁴³⁷.

Defende o nosso autor que, sendo este um intervalo de vida tão preciosa para o jovem, este deve saber aproveitá-lo ao máximo. Neste sentido, aquilo que surge como prioridade pedagógica pertinente é aprender a gerir bem o tempo. E essa boa gestão passa essencialmente por fazer com que o educando aprenda a empregar bem o seu tempo. É, portanto, sobre este aspecto da boa utilização do tempo que deve recair a acção do preceptor. Ele deve ajudar Emile a perceber o que de facto deve aprender, acreditando, sempre, que antes do seu trabalho está a natureza, que já preparou o educando. O saber nunca deverá ser imposto ao discípulo, quer pelo preceptor, quer por alguma instituição. Será Emile, ele próprio, quem determinará o ritmo do seu desenvolvimento: “Voici donc le tems des travaux, des instructions, des études; et remarquez que ce n’est pas moi qui fais arbitrairement ce choix, c’est la nature elle-même qui l’indique ...”¹⁴³⁸.

Nesta idade um dos temas mais difíceis de se abordar é o da relação social. Para isto, o preceptor deve começar por recorrer ao “... plus heureux traité d’éducation naturelle ...”¹⁴³⁹ e iniciar o pupilo na sua leitura, a fim de ganhar consciência do seu estado natural, para, a partir

alegres, jeito contente e tranquilo, fisionomia aberta e risonha, fazer enquanto brinca as coisas mais sérias, ou então profundamente ocupada com as mais frívolas diversões?”.

¹⁴³⁷ *Ib.*, p. 427. “Esse intervalo em que o indivíduo pode mais do que o que deseja, embora não seja o período de sua maior força absoluta, é, como já disse, o de sua maior força relativa. É o tempo mais precioso da vida, tempo que só aparece uma vez; tempo muito curto e, por ser tão curto, como veremos a seguir, é importante que seja bem empregue ...”.

¹⁴³⁸ *Ib.*, pp. 427 - 428. “É, portanto, o tempo dos trabalhos, da instrução, dos estudos; observai que não sou eu quem faz arbitrariamente essa escolha, mas é a própria natureza quem a indica ...”.

¹⁴³⁹ *Ib.*, p. 454. “... o melhor tratado de educação natural ...”.

dele começar a saber julgar as diferentes características do Homem quando vive em sociedade. O livro a que Rousseau se refere é o relato das aventuras de Robinson Crusôé, de Daniel Defoe:

“Robinson Crusôé dans son isle, seul, dépourvu de l’assistance de ses semblables et des instrumens de tous les arts, pourvoyant cependant à sa subsistance, à sa conservation, et se procurant même une sorte de bien-être, voila un objet intéressant pour tout age et qu’on a mille moyens de rendre agréable aux enfans. Voila comment nous réalisons l’isle deserte qui me servoit d’abord de comparaison. Cet état n’est pas, j’en conviens, celui de l’homme social; vraisemblablement il ne doit pas être celui d’Emile; mais c’est sur ce même état qu’il doit apprécier tous les autres ...”¹⁴⁴⁰.

Esta passagem realça, também, a importância de Emile, educado de acordo com a natureza e não nas instituições educativas próprias da sociedade, ser capaz de prover às suas necessidades, de onde a pertinência da aprendizagem de uma profissão lhe permita subsistir de forma autónoma¹⁴⁴¹. A profissão que aprenderá será a de marceneiro¹⁴⁴², na medida em que esse

¹⁴⁴⁰ *Ib.*, p. 455. “Robinson Crusoe em sua ilha, sozinho, sem o amparo dos seus semelhantes e dos instrumentos de todas as artes, provendo porém à sua subsistência, à sua conservação e conseguindo até uma espécie de bem-estar, eis um tema interessante para qualquer idade e que temos mil maneiras de tornar agradável para as crianças. Eis como realizamos a ilha deserta que inicialmente me servia de comparação. Esse estado não é, concordo, o do homem social; provavelmente não é o de Emílio, mas é através desse mesmo estado que ele deve apreciar todos os outros ...”

¹⁴⁴¹ L’Aminot sobre esta matéria escreve, “S’il s’initie aux travaux manuels, ce ne doit pas être par simple curiosité, mais pour vaincre les préjugés qui s’attachent à sa condition sociale, et pour se suffire à lui-même en quelque occasion de la vie ...” (cfr. T. L’Aminot “Émile, Ou De L’Éducation”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 286).

¹⁴⁴² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De l’éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 473. “Je veux absolument qu’Emile apprenne un métier. Un métier honnête, au moins, direz-vous ? Que signifie ce mot? Tout métier utile au public n’est-il pas honnête? Je ne veux point qu’il soit brodeur, ni doreur, ni vernisseur comme le gentilhomme de Locke ; je ne veux qu’il soit ni musicien, ni comédien, ni faiseur de Livres (...). J’aime mieux qu’il soit cordonnier que poète ; j’aime mieux qu’il pave les grands chemins que de faire des fleurs de porcelaine. Mais, direz-vous, les archers, les espions, les bourreaux sont des gens utiles. Il ne tient qu’au gouvernement qu’ils ne le soient point : mais passons, j’avois tort ; il ne suffit pas de choisir un métier utile, il faut encore qu’il n’exige pas de gens qui l’exercent des qualités d’ame odieuses et incompatibles avec l’humanité. Ainsi revenant au premier mot, prenons un métier honnête ; mais souvenons-nous toujours qu’il n’y a point d’honnêteté sans l’utilité ...”. “Quero absolutamente que Emílio aprenda uma profissão. Uma profissão honesta, pelo menos, direis? O que significa essa expressão? Não é honesta toda a profissão que seja útil ao público? Não quero que ele seja bordador, nem dourador, nem envernizador, como o fidalgo de Locke; não quero que seja nem músico, nem comediante, nem fazedor de livros (...). Prefiro que seja sapateiro a poeta; prefiro que pavimente estradas a que faça flores de porcelana. Mas, direis, os arqueiros, os espíões, os carrascos são pessoas úteis. Só depende do governo que não sejam. Mas vamos em frente: eu errei: não basta escolher uma profissão útil, é também preciso que ela requeira das pessoas que a exercem qualidades de alma odiosas e incompatíveis com a humanidade. Assim, voltando à primeira palavra, tomemos uma profissão honesta, mas lembremo-nos sempre de que não há honestidade sem utilidade ...”.

trabalho "... est propre, il est utile, il peut s'exercer dans la maison ..."1443 e porque o Emile possui as características necessárias para exercer essa profissão, "... il tient suffisamment le corps en haleine, il exige dans l'ouvrier de l'adresse et de l'industrie, et dans la forme des ouvrages que l'utilité determine, l'élégance et le goût ne son pas exclus ..."1444.

Rousseau conclui o terceiro livro afirmando que o método que aplicou neste período de vida do educando pode ter avançado pouco em conhecimentos, contudo, "... on ne fait jamais un pas inutile, et l'on n'est point forcé de retrograder ..."1445.

1.4. Livro IV: o abandono da infância (dos 15 aos 20 anos)

No livro IV, Rousseau situa a primeira crise pela qual passa o jovem Emile. Este é o período em que o jovem abandona a infância - "Il en sort au tems prescrit par la nature, et ce moment de crise, bien qu'assés court, a de longues influences ..."1446. O período de vida que se inicia é o da puberdade, que, de acordo com o autor, corresponde a um segundo nascimento - "... c'est ici que l'homme nait véritablement à la vie et que rien d'humain n'est étranger à lui ..."1447. Este segundo nascimento, o nosso autor descreve-o nos seguintes termos:

"... cette orageuse révolution s'annonce par le murmure des passions naissantes: une fermentation sourde avertir de l'approche du danger. Un changement dans l'humeur, des emportemens fréquens, une continuelle agitation d'esprit, rendent l'enfant presque indisciplinable. Il devient sourd à la voix qui le rendoit docile: c'est un lion dans sa fièvre; il méconnoit son guide, il ne veut plus être gouverné ..."1448.

¹⁴⁴³ lb., p. 478. "... é limpo, é útil, pode ser feito em casa ...".

¹⁴⁴⁴ lb.. "... cansa suficientemente o corpo; exige do trabalhador habilidade e inteligência, e a elegância e o gosto não estão excluídos da forma das obras que a utilidade determina ...".

¹⁴⁴⁵ lb., p. 487. "... mas nunca damos um passo inútil e não somos obrigados a voltar atrás ...".

¹⁴⁴⁶ lb., p. 489. "De lá sai no tempo indicado pela natureza, e esse momento de crise, embora muito curto, tem longas influências ...".

¹⁴⁴⁷ lb., p. 490. "... é aqui que o homem nasce verdadeiramente para a vida e que nada de humano lhe é alheio ...".

¹⁴⁴⁸ lb.. "... essa tempestuosa revolução é anunciada pelo murmúrio das paixões nascentes; uma fermentação úda anuncia a aproximação do perigo. Uma mudança no humor, arroubos frequentes, uma contínua agitação do espírito tornam a criança quase indisciplinável. Torna-se surda à voz que a fazia ficar dócil; é um leão em sua febre; desconhece seu guia, já não quer ser governada ...".

Para Rousseau é inútil tentar evitar que as paixões se manifestem. É que, se elas nascem com o indivíduo, “... c’est donc une entreprise aussi vaine que ridicule de vouloit les détruire ...”¹⁴⁴⁹. Aquilo que é possível fazer, num primeiro momento, é retardá-las; num segundo momento, é reverter a vivacidade dessas paixões para outras situações¹⁴⁵⁰. Este é um assunto de suma importância, na medida em que é necessário saber se todas as paixões que sentimos são naturais. A resposta de Rousseau é peremptória: “Nos passions naturelles sont très bornées, elles sont les instrumens de nôtre liberté, elles tendent à nous conserver. Toutes celles qui nous subjuguent et nos détruisent nous viennent d’ailleurs; la nature ne nous les donne pas, nous nous les approprions à son préjudice ...”¹⁴⁵¹. As consequências que podem ser retiradas desta resposta são cruciais, sendo de destacar aquela que, de forma directa, diz respeito à qualidade das relações entre os homens. Para isso, é necessário compreender, de entre as diversas paixões, a diferença que Rousseau estabelece entre aquilo a que chama de amor de si e aquilo a que chama de amor-próprio, diferença esta que ele assim nos evidencia:

“L’amour de soi, qui ne regarde qu’à nous, est content quand nos vrais besoins sont satisfaits; mais l’amour-propre, qui se compare, n’est jamais content et ne sauroit l’être, parce que ce sentiment, en nous préférant aux autres, exige aussi que les autres nous préfèrent à eux, ce qui est impossible. Voila comment les passions douces et affectueuses naissent de l’amour de soi, et comment les passions haineuses et irascibles naissent de l’amour-propre ...”¹⁴⁵².

¹⁴⁴⁹ *Ib.*, pp. 490 - 491. “... portanto, é uma tentativa tão vã quanto ridícula querer destruí-las ...”.

¹⁴⁵⁰ É justamente este aspecto que é sublinhado por L’Aminot, “Il va aussi utiliser ce feu de l’adolescence pour tenter d’avoir prise sur Émile en lui faisant prendre conscience du sentiment qui les attache l’un à l’autre ...” (cfr. T. L’Aminot “Émile, Ou De L’Éducation”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 286).

¹⁴⁵¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De l’éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 491. “Nossas paixões naturais são muito limitadas, são os instrumentos da nossa liberdade, tendem a nos conservar. Todas as paixões que nos subjagam e nos destroem vêm-nos de outra parte; a natureza não no-la dá, apropriamo-nos delas à sua revelia ...”.

¹⁴⁵² *Ib.*, p. 493. “O amor de si, que só a nós mesmos considera, fica contente quando as nossas verdadeiras necessidades são satisfeitas, mas o amor próprio, que se compara, nunca está contente nem poderia estar, pois esse sentimento, preferindo-nos aos outros, também exigem que os outros prefiram-nos a eles, o que é impossível. Eis como as paixões doces e afectuosas nascem do amor de si, e como as paixões odientas e irascíveis nascem do amor-próprio ...”.

Torna-se pois, claro, que o estudo que convém a Emile é o das relações humanas, “... il doit s’étudier par ses rapports avec les hommes; c’est l’emploi de sa vie entière, à commencer au point où nous voila parvenus ...”¹⁴⁵³.

Porque Émile já entrou definitivamente na ordem moral, é necessário que saiba qual o seu lugar no meio dos seus semelhantes e quais as dificuldades que terá de vencer. Para Rousseau, é preciso educá-lo de modo a que ele compreenda as diferenças entre os homens, pois elas são a medida da desigualdade natural e civil, bem como do ordenamento do quadro social. De uma forma clara, o autor mostra como é impossível separar a política da moral. A passagem que se segue é bastante ilustrativa. Ora veja-se:

“Il faut étudier la société par les hommes, et les hommes par la société: ceux qui voudront traiter séparément la politique et la morale, n’entendront jamais rien à aucune des deux (...). Il y a dans l’état de Nature une égalité de fait réel et indestructible, parce qu’il est impossible dans cet état que la seule difference d’homme à homme soit assez grande, pour rendre l’un dépendant de l’autre. Il y a dans l’état civil une égalité de droit chimerique et vaine, parce que les moyens destinés à la maintenir servent eux-mêmes à la détruire; et que la force publique ajoutée au plus fort pour opprimer le foible, rompt l’espece d’équilibre que la Nature avoit mis entr’eux ...”¹⁴⁵⁴.

É neste livro que se insere o texto *Profession de foi du Vicaire savoyard*. O nosso autor entende que “C’est surtout en matière de Réligion que l’opinion triomphe ...”¹⁴⁵⁵. Por isso, considera que a Emile não deve ser ensinado qualquer tipo de dogma. A questão que Rousseau coloca é a de saber “... dans quelle réligion l’élèverons-nous?”¹⁴⁵⁶ A resposta não deixa qualquer

¹⁴⁵³ Ib.. “... deverá estudar-se por suas relações com os homens; é o trabalho de sua vida inteira, a começar pelo ponto a que acabamos de chegar ...”.

¹⁴⁵⁴ Ib., p. 524. “É preciso estudar a sociedade pelos homens, e os homens pela sociedade; quem quiser tratar separadamente a política e a moral nada entenderá de nenhuma das duas. Há no estado de Natureza uma igualdade de facto real e indestrutível, porque é impossível, nesse estado, que a mera diferença de homem para homem seja suficientemente grande para tornar um dependente do outro. Há no estado civil uma igualdade de direito quimérica e vã, porque os meios destinados a mantê-la servem eles próprios para destruí-la, a força pública somada ao mais forte para oprimir o fraco rompe a espécie de equilíbrio que a natureza colocara entre eles ...”.

¹⁴⁵⁵ Ib., p. 558. “É sobretudo em matéria de religião que a opinião triunfa ...”.

¹⁴⁵⁶ Ib.. “... em que religião o educaremos?”.

dúvida quanto à posição do nosso autor, "... nous ne l'aggrégerons ni à celle-ci ni à celle-là, mais nous le mettrons en état de choisir celle où le meilleur usage de sa raison doit le conduire ..." ¹⁴⁵⁷.

Na exposição sobre religião feita pelo vigário, o discurso utilizado está de acordo com os métodos utilizados pelo preceptor do Emile. Veja-se como o vigário se dirige ao seu interlocutor ¹⁴⁵⁸:

"Mon enfant, n'attendez de moi ni des discours savans, ni de profonds raisonnemens. Je ne suis pas un grand philosophe, et je me soucie peu de l'être. Mais j'ai quelquefois du bon sens et j'aime toujours la vérité. Je ne veux pas argumenter avec vous, ni même tenter de vous convaincre; il me suffit de vous exposer ce que je pense dans la simplicité de mon coeur. Consultez le vôtre durant mon discours; c'est tout ce que je vous demande ..." ¹⁴⁵⁹.

Assim, partindo de si mesmo, o educando deve chegar às primeiras conclusões, daí a importância de Emile consultar "... la lumière intérieure, elle m'égarera moins qu'ils [les philosophes] ne m'égareront, ou de moins mon erreur sera la mienne, et je me dépraverai moins en suivant mes propres illusions, qu'en me livrant à leurs mensonges ..." ¹⁴⁶⁰. Com este exercício interior, o educando apercebe-se, primeiro, do que é sentir e julgar:

"Appercevoir, c'est sentir; comparer, c'est juger: juger et sentir ne sont pas la même chose. Par la sensation, les objets s'offrent à moi séparés, isolés, tels qu'ils sont dans la nature; par la comparaison, je les remue, je les transporte, pour

¹⁴⁵⁷ Ib.. "... não o filiaremos nem a esta, nem àquela religião, mas colocá-lo-emos em condições de escolher aquela a que seja conduzido pelo melhor emprego da razão ...".

¹⁴⁵⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Emile ou De l'éducation", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 563. O interlocutor é o jovem Rousseau, "Je me lasse de parler en tierce personne, et c'est un soin fort superflu; car vous sentez bien, cher concitoyen, que ce malheureux fugitif, c'est moi-même ...". "Estou cansado de falar naterceira pessoa, trata-se, além disso, de um trabalho inútil, pois percebeis, caro concidadão, que esse infeliz fugitivo, sou eu mesmo ...".

¹⁴⁵⁹ Ib., pp. 565 - 566. "Meu filho, não esperes de mim nem discursos sábios nem profundos raciocínios; não sou um grande filósofo e pouco me preocupo em sê-lo. Mas às vezes tenho bom senso e amo sempre a verdade. Não quero argumentar contigo, nem mesmo tentar convencer-te; basta-me expor-te o que penso na simplicidade do meu coração. Consulta o teu durante o meu discurso, é tudo o que te peço ...".

¹⁴⁶⁰ Ib., p. 569. "... a luz interior, desorientar-me-á menos do que eles me desorientam, ou, pelo menos, meu erro será meu e perverter-me-ei menos seguindo as minhas próprias ilusões do que me entregando às suas mentiras ...".

ainsi dire, je les pose l'un sur l'autre pour prononcer sur leur différence ou sur leur similitude, et généralement sur tous leurs rapports ...”¹⁴⁶¹.

E apercebe-se, depois, da existência de uma vontade exterior a si, à qual chama Deus:

“Cet Être que veut et qui peut, cet Etre actif par lui-même, cet Être, enfin, quel qu’il soit, qui meut l’univers et ordonne toutes choses, je l’appelle Dieu. Je joins à ce nom les idées d’intelligence, de puissance, de volonté que j’ai rassemblées, et celle de bonté qui en est une suite nécessaire (...); je sais très certainement qu’il existe, et qu’il existe par lui-même; je sais que mon existence est subordonnée à la sienne, et que toutes les choses qui me sont connues sont absolument dans le même cas ...”¹⁴⁶².

A partir daqui Émile deverá ser capaz de perceber qual o lugar que ocupa na ordem do mundo. É a sua consciência¹⁴⁶³ que passa a determinar as suas acções, pois, ela nunca nos engana, é o nosso verdadeiro guia. Sobre este assunto afirma Rousseau, “Tout la moralité de nos actions est dans le jugement que nous en portons nous-mêmes. S’il est vrai que le bien soit bien il doit l’être au fond de nos coeurs comme dans nos oeuvres, et le premier prix de la justice est de sentir qu’on la pratique ...”¹⁴⁶⁴. O homem que é justo e honesto compreende a voz da sua consciência e encontra uma força interior que lhe fundamenta a razão da sua acção. Há uma

¹⁴⁶¹ Ib., p. 571. “Perceber é sentir; comparar é julgar; julgar e sentir não são a mesma coisa. Pela sensação, os objectos oferecem-se a mim separados, isolados, tais como existem na natureza; pela comparação, movimento-os, transporto-os, por assim dizer, coloco-os uns sobre os outros para julgar sua diferença ou sua semelhança e geralmente todas as suas relações ...”.

¹⁴⁶² Ib., p.581. “O ser que quer e que pode, o ser activo por si mesmo, o ser, enfim, qualquer que seja ele, que move o universo e ordena todas as coisas, chamo-o Deus. Junto a esse nome as ideias de inteligência, de potência, de vontade, que reuni, e mais a de bondade, que é uma consequência necessária das primeiras (...); sei com toda a certeza que ele existe, e que existe por si mesmo; sei que a minha existência é subordinada à sua e que todas as coisas que conheço estão absolutamente no mesmo caso ...”.

¹⁴⁶³ Ib., p. 598. “Il est donc au fond des ames un principe inné de justice et de vertu, sur lequel, malgré nos propres maximes, nous jugeons nos actions et celles d’autrui comme bonnes ou mauvaises, et c’est à ce principe que je donne le nom de conscience ...”. “Existe, pois, no fundo das almas um princípio inato de justiça e de virtude a partir do qual, apesar de nossas próprias máximas, julgamos as nossas acções e as de outrem como boas ou más, e é a esse princípio que dou o nome de consciência ...”.

¹⁴⁶⁴ Ib., p. 595. “Toda a moralidade das nossas acções está no juízo que nós mesmos fazemos sobre elas. Se é verdade que o bem esteja bem, ele deve estar no fundo dos nossos corações assim como nas obras, e o primeiro prémio da justiça é sentir que a praticamos ...”.

conjugação harmoniosa entre a sabedoria da fé e a razão, sendo esta, de acordo com as palavras de L'Aminot, "... la religion naturelle destinée à Emile ..." ¹⁴⁶⁵.

O livro termina numa altura em que Émile é capaz de transitar de forma tranquila do mundo da infância para o mundo da adolescência e tornar-se um adulto. Esta passagem serena, também, só foi possível devido à boa qualidade da relação que o educando manteve com o preceptor. A confiança que caracteriza essa relação foi, desde logo, expressa num contrato pedagógico, em que o preceptor aceitou as paixões do jovem como parte integrante da educação. Ao contrário dos outros preceptores, o preceptor de Emile nunca considerou que fosse necessário reprimir as paixões do seu educando.

1.5. Livro V: o jovem adulto (dos 20 aos 25 anos)

No livro V do *Emile*, Rousseau aborda o tema da necessidade de o seu educando arranjar uma companheira: "Emile est homme; nous lui avons promis une compagne, il faut la lui donner ..." ¹⁴⁶⁶. O nosso autor começa, então, por fazer uma exposição sobre a mulher, afirmando que é necessário conhecer as características que são próprias dos dois sexos. Assim, escreve: "Sophie doit être femme comme Emile est homme ; c'est-à-dire, avoir tout ce qui convient à la constitution de son espèce et de son sexe pour remplir sa place dans l'ordre physique et moral. Commençons donc par examiner les conformités et les différences de son sexe et du notre ..." ¹⁴⁶⁷.

Para Rousseau, a distinção entre sexos implica a diferenciação da educação. A mulher deve ser educada em função da opinião que os outros têm de si. Segundo O'Hagan, os quatro primeiros livros do *Emile* tratam da educação do rapaz, o qual deveria ser protegido das influências do exterior e do contacto com o sexo oposto. No entanto, no que se refere a Sophie "... her belated appearance, it is not in her own right, but as «a companion», to be «given» to Emile

¹⁴⁶⁵ Cfr. T. L'Aminot "Émile, Ou De L'Éducation", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 287. "... a religião natural destinada a Emílio ...".

¹⁴⁶⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Emile ou De l'éducation", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 692. "Emílio é homem; prometemos-lhe uma companheira, é preciso dar-lha ...".

¹⁴⁶⁷ Ib.. "Sofia deve ser mulher como Emílio é homem, isto é, deve ser tudo o que convém à constituição de sua espécie e de seu sexo para ocupar o seu lugar na ordem física e moral. Começemos, pois, por examinar as conformidades e as diferenças entre o seu sexo e o nosso ...".

(...), she will maintain the subordinate role which Rousseau has assigned to her here ..."¹⁴⁶⁸. É justamente porque lhes são ministradas educações diferentes que os dois sexos se complementam, segundo Streck:

“A mulher aparece na educação de Emile quando este precisa ser introduzido na sociedade. Ela é, por assim dizer, a porta de entrada para o mundo perigoso do qual Emile havia sido cuidadosamente protegido. Quando estuda história, religião e os gostos e costumes, seu coração será despertado para a vida social, e é importante que seja adequadamente orientado para o ingresso nessa nova realidade. Sofia será uma espécie de garantia da sobrevivência moral do novo cidadão ...”¹⁴⁶⁹.

É, pois, dentro deste contexto, que Rousseau cria a figura de Sophie. Ela foi educada segundo estes princípios, como aliás, também as palavras do seu pai confirmam: “Ma fille (...) vous avez de la droiture et de la piété, vous avez les talens qui conviennent à d’honnêtes femmes, et vous n’êtes pas dépourvue d’agrémens ; mais vous êtes pauvre (...). N’aspirez (...) qu’à ce que vous pouvez obtenir ...”¹⁴⁷⁰.

Antes de se casar com Sophie, Emile faz uma viagem de dois anos pela Europa. Esta viagem tem dois propósitos pedagógicos: primeiro, testar o amor dos jovens; segundo, instruir o Emile sobre os diferentes costumes e governos de acordo com os países por onde passa. Regressado Emile, realiza-se o casamento, terminando o livro V com o anúncio, ao preceptor, de que o jovem casal espera um filho, “... mon maitre, félicitez vôtre enfant; il espère avoir bientôt l’honneur d’être père ...”¹⁴⁷¹.

¹⁴⁶⁸ Cfr. O’Hagan, Timothy, *Rousseau*, Routledge, London, 1999, p. 194. “... a sua aparência frágil, não é por direito próprio, mas enquanto “companheira”, para ser “dada” ao Emílio (...), manterá o papel subordinado que Rousseau aqui lhe atribuiu...”.

¹⁴⁶⁹ Cfr. Streck, Danilo R., *Rousseau & a Educação*, Autêntica Editora, São Paulo, 2004, p. 57.

¹⁴⁷⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De l’éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 756. “Minha filha (...) tens rectidão e piedade, tens os talentos que convêm às mulheres de bem e não careces de atractivos; és, no entanto, pobre (...). Não aspises (...) senão àquilo que podes obter ...”.

¹⁴⁷¹ *Ibidem*, p. 867. “... meu mestre, felicitei vosso filho; ele espera ter logo a honra de ser pai ...”.

1.6. A finalidade da educação: o dilema entre o Homem (natural) e o Cidadão

No *Emile* Rousseau traçou um ambicioso projecto para a educação do ser humano. De acordo com o nosso autor, é a educação que nos fornece tudo aquilo que não temos quando nascemos e de que precisaremos quando adultos. Neste sentido, é importante questionar que educação é esta. A resposta torna-se clara se atentarmos na afirmação de Rousseau de que “Cette éducation nous vient de la nature ...”¹⁴⁷².

É precisamente esta ideia de educação pela natureza que Rousseau enfatiza quando afirma que a natureza faz tudo do melhor modo e que, quanto mais o Homem se aproximar da sua condição natural, menos distante estará da felicidade¹⁴⁷³. Para o autor, quando o homem voltar à sua condição natural perceberá que “Ce n’est que dans cet état primitif que l’équilibre du pouvoir et du desir se rencontre ...”¹⁴⁷⁴. Então o projecto educativo que Rousseau propõe, visa justamente fazer lembrar ao Homem qual a sua natureza, realçando o sentido holístico da condição natural humana: “L’homme naturel est tout pour lui: il est l’unité numérique, l’entier absolu ...”¹⁴⁷⁵. Precisamente por esta razão, considera Rousseau que para se formar esse Homem natural o que deve ser feito é, paradoxalmente, “... c’est d’empêcher que rien ne soit fait ...”¹⁴⁷⁶.

No livro I do *Emile*, Rousseau começa por dizer que “Tout est bien, sortant des mains de l’auteur des choses: tout dégénère entre les mains de l’homme ...”¹⁴⁷⁷. É justamente uma leitura atenta desta afirmação, que nos permitirá realizar uma reflexão sobre o modo como o nosso autor entende a educação. Se analisarmos a frase em dois momentos, sendo o primeiro “... tout est bien, sortant des mains de l’auteur des choses ...”, e o segundo “... tout dégénère entre les mains de l’homme ...”, podemos afirmar que este segundo momento corresponde ao ponto crucial da

¹⁴⁷² *Ib.*, p. 247. “Essa educação vem-nos da natureza ...”.

¹⁴⁷³ Sobre esta questão escreve Pissarra: “O homem natural é auto-suficiente e em nada depende dos outros, ao mesmo tempo que é bom e sem nenhum vício. Se a finalidade das suas acções não é o mal, pois não é um ser vicioso, ele só busca a sua felicidade, só se esforça por si próprio. Ao contrário, a vida em sociedade em que todos fazem parte de um todo exige que as vontades particulares cedam lugar à vontade de todos ...” (cfr. Pissarra, Maria Constança P., *Rousseau: a política como exercício pedagógico*, Editora Moderna, São Paulo, pp. 67 - 68).

¹⁴⁷⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De l’éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 304. “Só nesse estado primitivo o equilíbrio entre o poder e o desejo é reencontrado ...”.

¹⁴⁷⁵ *Ibidem*, p. 249. “O homem natural é tudo para si mesmo; é a unidade numérica, o inteiro absoluto ...”.

¹⁴⁷⁶ *Ib.*, p. 251. “... impedir que algo seja feito ...”.

¹⁴⁷⁷ *Ib.*, p. 245. “Tudo está bem quando sai das mãos do autor das coisas, tudo degenera entre as mãos do homem ...”.

nossa análise. Pois bem, o que sucede é que na medida em que o Homem é educado pelo Homem a sua natureza acaba por ser corrompida. A questão à qual Rousseau pretende responder é aquela que pergunta sobre como educar o Homem de acordo com a sua natureza: "... que faire quand elles sont opposées? Quand au lieu d'élever un homme pour lui même on veut l'élever pour les autres? Alors le concert est impossible (...), il faut opter entre faire un homme ou un citoyen; car on ne peut faire à la fois l'un et l'autre ..." ¹⁴⁷⁸.

Consideramos que, quando Rousseau problematiza acerca da oposição relacional entre o Homem natural e o Cidadão (Homem social e político), o que está a fazer é a constatar a existência de duas realidades: a esfera do privado e a esfera do público, sendo que o problema surge quando se tenta conciliar as duas esferas. Sobre isto mesmo se pronunciaram estudiosos de Rousseau, sobretudo Geraint Parry.

Entende Geraint Parry que a educação, em Rousseau, significa a tentativa de resolução de dilemas sociais e políticos. Parry avança com a ideia de que a transformação da sociedade implica a transformação da humanidade, porém, tal só é possível tendo em consideração uma nova sociedade. A interpretação que o autor faz da concepção rousseauiana do contrato social vem precisamente nesta linha de raciocínio, ou seja, a de que Rousseau afirma a necessidade de criar uma nova geração numa nova sociedade que seja capaz de produzir um novo ciclo:

"A fundamental objective is to create a virtuous circle in which transformed human beings could live in a transformed society in which all could equally enjoy a sense both of self-fulfilment and community with others (...). Education promises, at first glance, a solution to the problem. If it were feasible to re-educate a new generation to understand the world and themselves differently it might be possible to make a new start ..." ¹⁴⁷⁹.

¹⁴⁷⁸ *Ib.*, p. 248. "... que fazer, porém, se são opostas, se, em vez de educar um homem para si mesmo, queremos educá-lo para os outros? Este acerto torna-se, então, impossível (...), é preciso optar entre fazer um homem ou um cidadão; pois não se podem fazer os dois ao mesmo tempo".

¹⁴⁷⁹ Cfr. Parry, Geraint, *Émile: Learning to Be Men, Women, and Citizens*, in *The Cambridge Companion to Rousseau*, Cambridge University Press, Cambridge, 2001, p. 248. "Um objectivo fundamental é criar um círculo virtuoso onde seres humanos transformados pudessem viver numa sociedade transformada em que todos pudessem igualmente usufruir de um sentimento simultaneamente de auto-realização e de comunidade com os outros (...). A educação promete, à primeira vista, uma solução para o problema. Se fosse possível reeducar uma nova geração a compreender o mundo e ela própria de outra maneira talvez seja possível fazer um novo começo ...".

Aquilo que distancia Rousseau dos seus contemporâneos, de acordo com Parry, é que estes conceberam a educação como imitação da sociedade - "... by substituting imitation of newer bourgeois values for imitation of aristocratic conduct. Their concern remained with educating children for society as they knew it ..." ¹⁴⁸⁰. Rousseau, pelo contrário, embora não tivesse abdicado do princípio da imitação da sociedade, considera que o modelo a ser imitado deve ser o da natureza intocada pela sociedade, e não, continua Parry, "... a version of nature that had been transmogrified by the effects of society ..." ¹⁴⁸¹. Ao *Émile* é-lhe dada uma educação de acordo com a natureza, ao Cidadão é-lhe dada uma educação que desnatura o Homem. No *Emile* é muito clara a distinção que se estabelece entre indivíduo/cidadão e as vantagens de uma educação baseada na esfera do individual.

No entanto, algumas das obras de Rousseau parecem defender uma outra teoria, aquela que valoriza a educação pública, surgindo, por vezes, aos olhos dos leitores, o pensamento do autor como paradoxal. Alguns desses textos são a *À M. D'Alembert, Considérations sur le gouvernement de Pologne* e o artigo *Discours sur l'économie politique*, escritos em que Rousseau faz uma longa explanação sobre a necessidade e a importância da educação pública. Sobre este assunto partilhamos da posição defendida por Parry:

"Nevertheless, even if the education of *Emile* is a second best, it does not follow that his account of the education of the citizen presents the ideal, despite the warmth with which it is delineated. Rousseau is too aware of the shortcomings of even the most comprehensive attempts at political education for it not to be also an alternative second best to an ideal in which one learns to become at the same time an individual and a member of a true community of equals ..." ¹⁴⁸².

¹⁴⁸⁰ Ibidem, p. 249. "... em substituírem a imitação de valores burgueses novos pela imitação da conduta aristocrática. O seu cuidado permanecia o de educar as crianças para a sociedade que conheciam ...".

¹⁴⁸¹ Ib.. "... uma versão da natureza que tivesse sido transmutada pelos efeitos da sociedade ...".

¹⁴⁸² Ib., p. 264. "Seja como for, mesmo se a educação do *Emilio* é só uma segunda opção, daí não se segue que o seu relato da educação do cidadão apresente o ideal, apesar do entusiasmo com que é delineada. Rousseau está demasiado ciente das deficiências mesmo das tentativas mais compreensivas da educação política para ela não ser também só uma segunda opção face a um ideal em que cada um aprende a ser ao mesmo tempo um indivíduo e um verdadeiro membro de uma comunidade de iguais ...".

Não obstante, permanece o problema de saber se é possível ensinar o indivíduo a ser Homem (natural) e a ser Cidadão ao mesmo tempo, e, se sim em que condições. Para Parry, a solução encontra-se no *Du contract social*, obra que, em sua opinião apresenta uma proposta que parece conciliar as duas esferas.

O *Emile* seria o modelo do homem que viveria, de uma forma harmoniosa, na sociedade prevista no *Du contract social*. Estes dois textos ensaiariam a conciliação da esfera do privado e da esfera do público, ou, na linguagem de Rousseau, a conciliação entre o Homem natural e o Cidadão. Porém, e como o próprio Rousseau afirma, "... o acerto é impossível e não se podem fazer os dois ao mesmo tempo ...". Portanto, aqueles que pensam encontrar na figura do cidadão, que vive na sociedade do *Du contract social*, a síntese conciliadora, equivocam-se. A figura do cidadão torna-se uma ilusão, na medida em que não só não faz a síntese das duas esferas, como também relega a esfera do privado para um estado de aprisionamento. Considere-se, a propósito, a seguinte passagem:

"L'homme naturel est tout pour lui: il est l'unié numérique, l'entier absolu qui n'a de rapport qu'à lui-même ou à son semblable. L'homme civil n'est qu'une unité fractionnaire qui tient au dénominateur, et dont la valeur est dans son rapport avec l'entier, qui est le corps social. Les bonnes institutions sociales sont celles qui savent le mieux dénaturer l'homme, lui ôter son existence absolue pour lui en donner une relative, et transporter le *moi* dans l'unité commune; en sorte que chaque particulier ne se croye plus un, mais partie de l'unité, et ne soit plus sensible que dans le tout ..."¹⁴⁸³.

A nossa proposta de leitura é a seguinte: Rousseau não procura conciliar as duas esferas, procura, sim, elaborar um projecto politico-educacional que as articule. Essa articulação consiste em não negar nenhuma das esferas para que elas possam fazer parte do mesmo projecto. Ou seja, cada uma delas deve ocupar o lugar que lhe pertence. Contudo, tal só é possível se for

¹⁴⁸³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Emile ou De l'éducation", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 249. "O homem natural é tudo para si mesmo; é a unidade numérica, o inteiro absoluto, que só se relaciona consigo mesmo ou com o seu semelhante. O homem civil é apenas uma unidade fraccionária que se liga ao denominador, e cujo valor está em sua relação com o todo, que é o corpo social. As boas instituições sociais são as que melhor sabem desnaturar o homem, retira-lhe a sua existência absoluta para dar-lhe uma relativa, e transfere o eu ara a unidade commum, de sorte que cada particular não se julgue mais como tal, e sim como uma parte da unidade, e só seja perceptível no todo ...".

criado um mecanismo conceptual que permita a manifestação de cada uma dessas esferas, sem que, para isso, tenham necessariamente que colidir. De acordo com a nossa leitura, esse mecanismo conceptual que Rousseau apresenta consubstancia-se na noção de articulação funcional das duas esferas, privada e pública, consistindo esta articulação funcional na consciência plena, por parte do indivíduo, dos momentos em que se encontra ora numa ora noutra esfera.

É aqui que emerge a figura daquele a que nos permitimos designar por solitário, pois só ela é capaz de, pela articulação funcional, superar o dilema Homem natural/Cidadão.

2. O Solitário

2.1. O Solitário: via para a libertação da educação convencional

A proposta rousseaneana do modelo do Solitário não significa que o Homem tenha que deixar de viver com os seus semelhantes, que tenha que ser isolado, que tenha que ser só e sem os outros. A figura do Solitário manifesta, isso sim, a convicção de que, ao ser humano, é possível salvaguardar a esfera do privado da interferência abusiva de outro privado, de um homem sobre o outro, sem que seja obrigatoriamente necessária fazê-lo por via da interferência desse terceiro elemento que é o Estado. A apologia do Solitário exprime a possibilidade de uma via para ultrapassar a condição instável do domínio ora do privado ora do público, ora do individual ora do colectivo, em que o Homem vive. Só conhecendo ambas as esferas poderia cada homem verdadeiramente ser autónomo e garantir assim a sua liberdade. A não ser assim, o caminho que o Homem percorria desde o nascimento até à morte seria sempre um processo doloroso.

Mas não saber discernir entre quem se é enquanto indivíduo (esfera privada), nem qual a sua função na vida social (esfera pública), era uma consequência da educação convencional (tradicional ou social), defensora da prevalência do Homem social face ao Homem natural. Este modelo era um modelo pedagógico pernicioso, porque, ao querer implementar e manter uma determinada ordem social, potenciava a criação de desigualdades entre seres (os homens) que iguais tinham nascido:

“... si l'on compare la diversité prodigieuse d'éducatons et de genres de vie qui régnent dans les différents ordres de l'état civil, avec la simplicité et l'uniformité de la vie animale et sauvage, où tous se nourrissent des mêmes aliments, vivent de la même manière, et font exactement les mêmes choses, on comprendra combien la différence d'homme à homme doit être moindre dans l'état de Nature que dans celui de société, et combien l'inégalité naturelle doit augmenter dans l'espèce humaine par l'inégalité d'institution ...”¹⁴⁸⁴.

Daqui que Rousseau entendesse que era necessário “... d'anciennes erreurs et des préjugés invétérés à détruire ...”¹⁴⁸⁵ e que “... devoir creuser jusqu'à la racine, et montrer dans le tableau du véritable état de Nature combien l'inégalité, même naturelle, est loin d'avoir dans cet état autant de réalité et d'influence ...”¹⁴⁸⁶. Era assim que o nosso pensador defendia, logo no tocante à constituição psicofisiológica humana, que “... un tempérament robuste ou délicat, la force ou la faiblesse qui en dépendent, viennent souvent plus de la manière dure ou efféminée dont on a été élevé que de la constitution primitive des corps ...”¹⁴⁸⁷. Como também defendia que, à semelhança do sucedido com a constituição psicofísica, os espíritos fortes eram mais uma decorrência da educação do que da natureza: “Il en est de même des forces de l'Esprit, et non seulement l'éducation met la différence entre les Esprits cultivés, et ceux qui ne le sont pas, mais elle augmente celle qui se trouve entre les premiers à proportion de la culture ...”¹⁴⁸⁸.

¹⁴⁸⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, pp. 160 - 161. “... se compararmos a prodigiosa diversidade de educações e de géneros de vida que reina nas diferentes ordens do estado civil com a simplicidade e a uniformidade da vida animal e selvagem, em que todos se nutrem com os mesmos alimentos, vivem da mesma maneira e fazem exactamente as mesmas coisas, compreenderemos quanto deve ser menor a diferença de homem para homem no estado de natureza do que no de sociedade e quanto deve ser aumentada a desigualdade natural na espécie humana pela desigualdade de instituição ...”.

¹⁴⁸⁵ *Ibidem*, p. 160. “... destruir antigos erros e preconceitos inveterados ...”.

¹⁴⁸⁶ *Ib.* “... devia escavar até a raiz e mostrar, no quadro do verdadeiro estado de natureza, como a desigualdade, mesmo natural, está longe de ter nesse estado tanta realidade e influência ...”.

¹⁴⁸⁷ *Ib.* “... um temperamento robusto ou delicado, a força e a fraqueza que daí decorrem, provêm amiúde mais da maneira rude ou efeminada pela qual se foi educado do que da constituição primitiva do corpo...”.

¹⁴⁸⁸ *Ib.* “Dá-se o mesmo com as forças do espírito; e a educação não só introduz diferença entre os espíritos cultos e aqueles que não o são, mas também aumenta a que existe entre os primeiros em proporção da cultura ...”.

O Homem, portanto, tinha sobreposto, na educação, os seus critérios aos da natureza, tinha optado pela educação social em vez de ter respeitado as directrizes da natureza¹⁴⁸⁹. Tinha feito a opção pelo pior: “Quand l’homme empiète une fois sur les sois de la nature elle abandonne l’ouvrage et laisse tout faire à l’art humain (...). L’homme de la nature a disparu pour jamais revenir, et celui qui s’éloigne le plus d’elle est celui que l’art néglige le plus. Il n’a d’autre éducation que celle du monde, la pire que l’on puisse avoir ...”¹⁴⁹⁰. Daqui que o nosso autor assim se exprima sobre a penosidade da vida humana: “Nous entrons en lice à notre naissance, nous en sortons à la mort ...”¹⁴⁹¹. E daqui ser inelutável o desencanto final nessa mesma vida humana:

“L’étude d’un vieillard (...) est uniquement d’apprendre à mourir (...). Tous les vieillards tiennent plus à la vie que les enfants et en sortent de plus mauvaise grâce que les jeunes gens. C’est que tous leurs travaux ayant été pour cette même vie, ils voient à sa fin qu’ils ont perdu leurs peines (...). Ils n’ont songé à rien acquérir durant leur vie qu’ils pussent emporter à leur mort ...”¹⁴⁹².

Inelutável, mas não fatal, já que é possível superar este estado de desencanto a que a educação convencional leva o Homem. Como? Através de uma outra e diferente educação que recrie o indivíduo, o que só é possível fazer retirando-o da sociedade, distanciando-se dela, para, então se reconhecer como Solitário e, nesta condição, perceber, também, os contornos do seu exercício funcional como Cidadão. A solução que Rousseau propõe é, então, a seguinte: já que a sobreposição da esfera pública sobre a privada é a causa do problema do asfixiamento do

¹⁴⁸⁹ Relativamente a esta temática escreve Spink: “Rétrograder vers la première enfance, c’est en quelque sorte rétrograder vers la vie primitive. Renoncer à l’éducation du citoyen, c’est défaire en quelque sorte le contrat social. Rousseau opérait une manière de retraite stratégique en remplaçant l’éducation publique par l’éducation privée, et cette retraite correspond à celle qui conduit vers la première jeunesse de l’élève ...” (cfr. Spink, John, S., Première Version D’Émile, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. LVII).

¹⁴⁹⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Émile (Manuscrit Favre)”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 57. “Quando o homem por uma vez invade o que é próprio da natureza ela abandona o seu trabalho e entrega tudo à arte humana (...). O homem da natureza desapareceu para nunca mais regressar, e aquele que se afasta mais dela é aquele que a arte negligência mais. Não há outra educação que a do mundo, por pior que ela seja ...”

¹⁴⁹¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Rêveries du promeneur solitaire”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1012. “Ao nascermos, iniciamos uma luta que só termina com a morte ...”.

¹⁴⁹² *Ibidem*. “O estudo de um velho (...) consiste unicamente em aprender a morrer (...). Os velhos estão mais agarrados à vida do que as crianças e saem dela com muito mais má vontade do que os jovens. É que, como todos os seus trabalhos se destinaram a essa mesma vida, ao chegarem ao fim vêem que os seus esforços foram inúteis (...). Em vida, não pensaram em adquirir algo que pudessem levar consigo quando morressem...”.

indivíduo, cada homem deverá ser capaz de saber quando é que está a exercer uma função sob domínio público, do colectivo, ou quando se encontra no domínio privado individual.

2.2. A educação do Solitário

Rousseau, então, insurge-se contra a educação tradicionalmente orientada para preparar as crianças para a vida em sociedade, acusando-a de manipular e confundir os espíritos, antes pugnando por uma educação que leve o Homem a regressar a si próprio, assumindo a condição de Solitário, a única forma de existir que lhe dá verdadeira autonomia, na medida em que assenta, essencialmente, num gesto ostensivamente anti-contratualista: o da recusa de celebrar quaisquer pactos - o Solitário basta-se a si mesmo. Nisto, ele opõe-se à figura contratualista do Cidadão¹⁴⁹³. Por esta razão, Rousseau afirma que a educação natural é aquela que melhor respeita a natureza da pessoa e a única capaz de contribuir para a formação do Solitário:

“Reste donc l'éducation domestique ou celle de la nature. Il seroit curieux d'examiner un homme élevé pour lui et de voir ce qu'il deviendroit pour les autres. Au moins la vérité, la solidité seroient dans son caractère, il seroit un et se montreroit tel qu'il est, il ne donneroit rien à l'opinion, il ne voudroit pas paroître heureux mais l'être; si peut-être le double objet qu'on se propose pouvoit se réunir

¹⁴⁹³ No entanto Barbara de Negroni, defende uma conciliação total entre o pedagógico e o político só assim podendo-se formar o Homem autónomo. Para Negroni as dificuldades com que a pedagogia e a política têm que lidar reportam-se à noção de perfectibilidade humana. Assim, fundamenta a sua posição: "... on doit arriver à une sorte de fusion entre la pédagogie et la politique. Il ne suffit pas de mettre la loi au-dessus de l'homme, il faut l'y maintenir. Lorsque Rousseau écrit, dans *l'Emile*, qu'il serait à souhaiter que les lois des nations aient, comme celles de la nature, «une inflexibilité que jamais aucune force humaine ne pût vaincre» (p. 101), il emploie un conditionnel : il est impossible de donner à l'obligation le statut de la nécessité, on rencontrera toujours dans un Etat des hommes qui refuseront d'obéir à la volonté générale, qu'on «forcera d'être libre» en les contraignant à respecter la loi. Pour minimiser un tel recours à la contrainte, il faut développer chez le peuple le respect de l'obligation ...” (cfr. Negroni, Barbara, Education privée et éducation publique: la politique du précepteur et la pédagogie du législateur, in Rousseau, *l'Emile et la Révolution, Actes du colloque international de Montmorency* (org. Robert Thiéry) 27 septembre – 4 octobre 1989, Universitas, Paris, 1992, p. 128). Embora consideremos que a relação entre o pedagógico e o político seja inevitável, aquilo que nos distancia da leitura de Negroni é o facto de a autora entender que Rousseau pretende instaurar uma educação que ensine as crianças a respeitar a obrigação. Por outras palavras, que ensine as crianças a obedecer. Para Negroni Rousseau faz com que a educação privada seja uma subserviente da educação pública. É precisamente sobre esta questão que nós discordamos. Aquilo que a autora nos propõe é que o *Emile* seja um modelo de educação que forme cidadãos capazes de viverem na sociedade do *Du contract social*, ora, o que nós entendemos é que o *Emile* é um modelo de educação para formar homens, que pela sua natureza, são incapazes de viver na sociedade do *Du contract social*.

en un seul, en ôtant les contradictions de l'homme on oteroit un grand obstacle à son bonheur ..."¹⁴⁹⁴.

O Solitário descobre-se a si mesmo no instante feliz, isto é, no momento da redescoberta da natureza humana tal como ela é na sua originalidade e de, em função desta redescoberta, tomar consciência do seu lugar no mundo. Porque recusa fazer pactos, o Solitário está, como o Cidadão não está, em condição privilegiada para se aperceber desse momento. Mas porque se trata de um momento, de um instante, percebê-lo implica uma atenção especial. A educação que, em alternativa à educação convencional, Rousseau propõe, visa essencialmente levar a aprender a estar atento à ocorrência desse instante. O *Emile* é precisamente sobre isso: "... il n'aura qu'un seul mérite, un seul art, mais qui supplée à tous, et le seul qui manque à ceux qui en ont tant d'autres: c'est de voir sa place et de s'y tenir ..."1495.

A educação, para Rousseau, deve ser um processo que leve o educando a alcançar uma clarividência acerca da verdadeira natureza do ser humano. É nessa perspectiva que é preciso afastar a criança de tudo aquilo que, confundindo-a, lhe dificulta a percepção desse instante. Este estado de confusão é que distancia o Solitário do Cidadão e que faz com que o primeiro seja percebido como louco aos olhos do último. O Cidadão é aquela criança que nunca se libertou do estado de confusão, que nunca pôde perceber o instante feliz, certamente porque a educação convencional a isso obstou, e que, por isso e até certo ponto, nunca abandonou o plano da infantilidade. Por sua vez, aquele cuja educação consistiu em aprender a ser Solitário é aquele que, não tendo nenhum outro compromisso para além dos que tem consigo próprio, pode viver em sociedade sem conflitualidade. Por esta razão, "Emile n'est pas un sauvage que je veuille releguer dans les deserts. C'est un sauvage qui doit habiter les villes ..."1496. Porque o verdadeiro

¹⁴⁹⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Emile (Manuscrit Favre)", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 59. "Resta pois a educação doméstica ou aquela da natureza. Será curioso examinar um homem ensinado por esta e ver aquilo em que ele se tornou para os outros. Ao menos a verdade, a solidez serão no seu carácter, ele será uno e mostrar-se-á tal qual ele é, nada concederá à opinião, não quererá parecer feliz mas sê-lo; se porventura o duplo objectivo a que nos propomos possa reunir-se num só, ao retirar as contradições do homem, retiraremos um grande obstáculo à sua felicidade ...".

¹⁴⁹⁵ *Ibidem*, p. 237. "... não haverá que um só mérito, uma só arte, mas que substitui todas, e a única que falta aqueles que têm tantas outras: é de ter o seu lugar e de nele se manter ...".

¹⁴⁹⁶ *Ib.*, p. 213. "Emilio não é um selvagem que eu quero relegar para o deserto. É um selvagem que deve habitar as cidades ...".

pacto, puramente informal, já foi celebrado e é esse que vigora: aquele que, sozinhos, fazemos conosco mesmo.

2.3. Rousseau, exemplo de Solitário

Em *Les Rêveries du promeneur solitaire*, Rousseau dá conta do preço que considera que teve que pagar por se ter transformado num exemplo vivo de Solitário¹⁴⁹⁷. Assim escreve o nosso autor sobre a sua situação no mundo: “Me voici donc seul sur la terre, n'ayant plus de frère, de prochain, d'ami, de société que moi-même ...”¹⁴⁹⁸. Perante esta realidade, o seu estado de espírito era o de uma forte convicção da existência de uma conspiração generalizada contra si: “Le plus sociable et le plus aimant des humains en a été proscrit par un accord unanime. Ils ont cherché dans les raffinements de leur haine quel tourment pouvait être le plus cruel à mon âme sensible, et ils ont brisé violemment tous les liens qui m'attachaient à eux ...”¹⁴⁹⁹.

E, como que tentando melhor compreender este estado próprio da condição de Solitário, Rousseau interroga-se e responde-se a si mesmo: “Mais moi, détaché d'eux et de tout, que suis-je moi-même? Voilà ce qui me reste à chercher (...). Cette recherche doit être précédée d'un coup d'oeil sur ma position. C'est une idée par laquelle il faut nécessairement que je passe pour arriver d'eux à moi ...”¹⁵⁰⁰. Aparentemente encontramos aqui um paradoxo: se, por um lado, o autor pretende saber quem é, independentemente dos outros e de tudo, por outro lado parece só conseguir responder a essa pergunta partindo, justamente, dos outros, pois só assim poderá saber qual o lugar que ocupa entre os seus semelhantes. Mas adiante.

¹⁴⁹⁷ “Aussi est-il naturel qu'on soit tenté d'organiser l'oeuvre de Rousseau autour du thème de la solitude, de le reconnaître comme le motif principal qui agence l'ensemble des contenus de sa vision du monde. Cependant, l'oeuvre de Rousseau ne se réduit ni à l'expérience, ni à l'expression de la solitude en tant que situation existentielle, pas plus qu'à la réflexion sur la solitude. Le sens de la solitude, ou plutôt ses multiples significations dans cette expérience et cette réflexion sont imbriquées dans d'autres thèmes, qu'en répondant aux questions sur la fonction que l'une et l'autre assument dans la vision du monde dans son ensemble (...). Nous n'avons pas en effet affaire à un simple procédé stylistique : ce thème exprime un aspect fondamental de la vision qu'a Jean-Jacques de son destin personnel, comme de sa vision du monde ...” (cfr. Baczkó, Bronislaw, *Rousseau solitude et communauté*, EPDHE, Sorbonne, 1974, p. 157).

¹⁴⁹⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Rêveries du promeneur solitaire”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. 1, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 996. “Eis-me sozinho na terra, sem irmão, parente próximo, amigo, ou companhia a não ser eu próprio ...”.

¹⁴⁹⁹ Ibidem. “O mais sociável e o mais afectuoso dos homens foi proscrito da sociedade por um acordo unânime. No requinte do seu ódio, procuraram o tormento que fosse mais cruel para a minha alma sensível e quebraram violentamente todos os laços que a eles me ligavam ...”.

¹⁵⁰⁰ Ib.. “Mas eu, desligado deles e de tudo, o que sou afinal? É o que me falta descobrir (...). Tenho de analisar a minha situação. É uma ideia pela qual tenho forçosamente de passar para, partindo deles, chegar até mim ...”.

Para desenvolver o processo de autognose que lhe desvende a sua identidade de Solitário -*eu desligado deles e de tudo o que sou afinal?*-, o nosso pensador aponta como melhor método a meditação introspectiva: "... je n'ai vu nulle manière plus simple et plus sûre d'exécuter cette entreprise que de tenir un registre fidèle de mes promenades solitaires et des rêveries qui les remplissent ..." ¹⁵⁰¹. É que essas "... heures de solitude (...) sont les seules de la journée où je sois pleinement moi et à moi sans diversion, sans obstacle, et où je puisse véritablement dire être ce que la nature a voulu ..." ¹⁵⁰². O acto de reflectir tornou-se fundamental para o nosso autor e foi a partir dele que chegou à conclusão de que "... la source du vrai bonheur est en nous, et qu'il ne dépend pas des hommes de rendre vraiment misérable celui qui sait vouloir être heureux ..." ¹⁵⁰³.

Assim, o aparente paradoxo acima realçado, resolver-se-á se aceitarmos aquelas palavras como a admissão, por Rousseau, de que a vida e relacionamento com os outros, a sociedade, enfim, é o local onde o Homem deve estar para viver como ser humano; contudo, é também o local do qual cada homem individualmente se deve distanciar para não ser diluído no todo social e, conseqüentemente, perder a individualidade definidora da sua identidade e a própria liberdade.

Assim explica Rousseau a necessidade que sentiu em distanciar-se dos outros e aproximar-se de si. Esta foi a forma que encontrou para se manter livre. Sem se afastar da sociedade, mas não se deixando corromper por ela, conseguiu preservar a sua identidade natural. Porém, deste distanciamento resultou incómodo para os outros, que não o compreenderam nem aceitaram. Mas resultou também a sua (de Rousseau) felicidade. Como consequência, o nosso autor, no crepúsculo da vida e detentor de uma experiência pessoal de solidão acumulada ao longo dos anos, exalta, convictamente, o modelo do Solitário ¹⁵⁰⁴:

¹⁵⁰¹ *Ib.*, p. 1002. "... não descobri maneira mais simples e mais segura de realizar esse trabalho do que efectuar um registo fiel dos meus passeios solitários e das reflexões que os preenchem ...".

¹⁵⁰² *Ib.* "... horas de solidão (...) são as únicas do dia em que sou plenamente eu mesmo, e em que posso dizer que sou verdadeiramente aquilo que a natureza desejou ...".

¹⁵⁰³ *Ib.*, p. 1003. "... a fonte da verdadeira felicidade está em nós próprios e que não depende dos homens tornar verdadeiramente infeliz aquele que sabe querer ser feliz ...".

¹⁵⁰⁴ "Jean-Jacques associe également à son modèle de l'homme solitaire une situation privilégiée pour la connaissance. La solitude permet de se détacher, d'échapper aux «systèmes», au «scepticisme dogmatique» des philosophes, de trouver le «moyen de sortir de son incertitude» par soi-même. La connaissance acquise dans la solitude possède une valeur spécifique: elle est «sienne», non seulement dans la mesure où elle est acquise à l'issue de son propre effort, mais aussi où on l'obtient au terme d'une démarche spécifique qui fait que les résultats acquis «appartiennent» à la personnalité et son conformes à ses attitudes morales. Dans la solitude, l'homme acquiert la connaissance de soi la plus complète et la plus sûre, mais aussi – ou plutôt grâce à ce fait – la connaissance du monde et de soi en tant que «petite partie d'un grand tout». La

“Avec le dédain qu'ils m'ont inspiré leur commerce me seroit insipide et même à charge, et je suis cent fois plus heureux dans ma solitude que je ne pourrois l'être en vivant avec eux. Ils ont arraché de mon coeur toutes les douceurs de la société. Elles n'y pourroient plus germer derechef à mon âge; il est trop tard. Qu'ils me fassent désormais du bien ou du mal tout m'est indifférent de leur part, et quoi qu'ils fassent, mes contemporains ne seront jamais rien pour moi ...”¹⁵⁰⁵.

connaissance du monde est en effet donnée alors à l'homme comme un vécu spécifique, et non seulement comme le résultat d'une réflexion impersonnelle ...” (cfr. Baczkó, Bronislaw, *Rousseau solitude et communauté*, EPDHE, Sorbonne, 1974, p. 163).

¹⁵⁰⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Réveries du promeneur solitaire”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 998. “Graças ao desprezo que eles me inspiraram, a sua convivência seria para mim insípida e mesmo incômoda; sinto-me cem vezes mais feliz na minha solidão do que se vivesse entre eles. Arrancaram do meu coração todos os prazeres da sociedade. Na minha idade já não podem voltar a germinar; é demasiado tarde. Doravante, é-me indiferente que os meus contemporâneos me causem bem ou mal, e façam o que fizerem, nunca serão nada para mim ...”.

CAPÍTULO IV
FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS

I. Homem

1. A natureza humana

1.1. O progresso histórico e a condição humana

O pensamento de Jean-Jacques Rousseau direcciona-se para o conhecimento do Homem procurando saber qual a sua condição natural. Para o autor genebrino, este conhecimento é aquele que é mais útil e o que está menos avançado. Quanto mais a espécie humana pretende progredir, mais se distancia do seu estado primitivo¹⁵⁰⁶ - "... à force d'étudier l'homme que nous nous sommes mis hors d'état de le connaître ..." ¹⁵⁰⁷. De acordo com Rousseau, a principal questão filosófica é a que pergunta sobre pelo Homem. Na resposta à pergunta sobre o Homem está o centro para onde convergem as respostas para as outras questões. Rousseau refaz a pergunta original, questionando-se quer sobre o homem natural, quer sobre o homem social. Porém, a resposta a cada uma destas questões está envolta numa dificuldade - a de que o Homem está em constante mudança. O progresso histórico é justamente resultado dessa mesma mudança, a qual se inscreve quer numa linha de tempo, quer numa linha de um determinado espaço. Daí resulta para o nosso autor, inevitavelmente a desfiguração da alma humana. Para Rousseau, as funções da História assumem uma concepção pragmática¹⁵⁰⁸. Quando olhámos para a História da sociedade humana ela mostra-nos imediatamente como nada é "... moins stable parmi les hommes que ces relations extérieures que le hazard produit plus souvent que la sagesse ..." ¹⁵⁰⁹.

¹⁵⁰⁶ Sobre este assunto escreve Moreau: "... car l'homme a subi au cours de l'histoire tant de transformations, il se présente à l'observation sous une telle variété d'aspects, qu'il est presque impossible de discerner sa nature primitive ..." (cfr. Moreau, Joseph, "*Jean Jacques Rousseau*", PUF, Paris, pp. 14 -15).

¹⁵⁰⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 123. "... é à força de estudar o homem que nos tornamos incapazes de conhecê-lo ...".

¹⁵⁰⁸ Cfr. Bronislaw, Baczo, *Rousseau Solitude et Communauté*, Mouton, Paris, 1974, p.107.

¹⁵⁰⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 127. "... menos estável entre os homens do que essas relações exteriores, produzidas com mais frequência pelo acaso do que pela sabedoria ...".

Por isso mesmo é que é necessário conhecer "... la base inébranlable ..." ¹⁵¹⁰ do edifício e então "... qu'on apprend à en respecter les fondemens ..." ¹⁵¹¹.

Porque é na mudança, portanto, no progresso, que se deve procurar a primeira origem da desigualdade entre os homens, pretende Rousseau encontrar o momento histórico que permita estabelecer aquilo que é original e aquilo que é artificial na natureza actual do Homem ¹⁵¹²:

"Car ce n'est pas une légère entreprise de démêler ce qu'il y a d'originaire et d'artificiel dans la Nature actuelle de l'homme, et de bien connoître un Etat qui n'existe plus, qui n'a peut-être point existé, qui probablement n'existera jamais, et dont il est pourtant nécessaire d'avoir des Notions justes pour bien juger de nôtre état présent ..." ¹⁵¹³.

No início do *Second Discours*, o nosso pensador afirma que o objecto da sua argumentação é o Homem. Começa, então, por apresentar aquilo que considera serem os dois modos de desigualdade no que se refere à espécie humana: por um lado, aquela a que chama "... naturelle ou Phisique, parce qu'elle est établie par la Nature, et qui consiste dans la différence des âges, de la santé, des forces du Corps et des qualités de l'Esprit, ou de l'Ame ..." ¹⁵¹⁴; por outro lado, aquela que denomina de "... inégalité morale ou politique, parce qu'elle dépend d'une sorte

¹⁵¹⁰ Ibidem. "... a base inabalável ...".

¹⁵¹¹ Ib.. "... aprende-se a respeitar-lhe os fundamentos ...". É justamente dentro deste contexto, que Baczko afirma, "Rousseau construit une philosophie de l'histoire sans s'occuper de l'étude historique. En d'autres termes, il est un philosophe de l'histoire sans être historien. Sa réflexion sur le sens de l'histoire prend le pas sur son intérêt pour le cours des événements historiques ..." (cfr. Bronislav, Baczko, *Rousseau Solitude et Communauté*, Mouton, Paris, 1974, p. 106).

¹⁵¹² "Toute la théorie de l'homme, chez Rousseau, repose sur cette opposition entre ce qui lui est naturel et ce qui lui est ajouté par la vie sociale. Il se réfère sans cesse implicitement, à l'opposition établie chez les Grecs, par les Sophistes, entre la nature et la loi, c'est-à-dire ce qui est admis, l'opinion, les préjugés, les conventions; il est impossible, à son avis, de se faire une idée exacte de l'homme et de la société, si l'on ne commence par discerner, au-dessous de l'homme social e artificiel, l'homme de la nature ou l'homme naturel ..." (cfr. Moreau, Joseph, "*Jean Jacques Rousseau*", PUF, Paris, p. 15).

¹⁵¹³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 123. "Pois não é de pouca monta o empreendimento de distinguir o que há de original e de artificial na natureza actual do Homem e de bem conhecer um estado que já não existe, que talvez não tenha existido, que provavelmente jamais existirá, e do qual é necessário, porém, ter noções exactas para bem julgar nosso estado presente ...".

¹⁵¹⁴ Ibidem, p. 131. "... natural ou física, por ser estabelecida pela natureza, e que consiste na diferença das idades, da saúde, das forças do corpo e das qualidades do espírito ou da alma ...".

de convention, et qu'elle est établie, ou du moins autorisée, par le consentement des Hommes
...¹⁵¹⁵.

Nesta distinção estabelecemos o momento em que se pode encontrar em Rousseau a indicação para a formulação de uma genealogia que explique a desigualdade entre os homens e consequentemente a corrupção da condição humana. De acordo com o nosso autor, com efeito, devemos "... *marquer dans le progrès des choses le moment où, le Droit succédant à la Violence, la Nature fut soumise à la Loi; d'expliquer par quel enchaînement de prodiges le fort put se résoudre à servir le foible, et le Peuple à acheter un repos en idée, au prix d'une félicité réelle* ..."¹⁵¹⁶.

Dentro deste contexto, é importante ter em consideração a noção de mudança, quer quando ela surge como um movimento para a frente, a que Rousseau chama progresso, quer quando surge como um movimento para trás, a que podemos chamar de retrocesso. Para Rousseau, se a desigualdade que é estabelecida pela Natureza está fora de qualquer movimento temporal, pelo contrário, a desigualdade estabelecida pelos homens está dentro do movimento temporal, ou seja, no tempo histórico. A desigualdade que é estabelecida pela Natureza é originária, posiciona-se sempre como anterior a qualquer ponto inicial e, neste sentido, é aquela que convém ao ser humano; a desigualdade que está dependente de uma convenção, insere-se num tempo cronológico (passado, presente e futuro). Na medida em que se posiciona num destes tempos é aquela que menos convém ao ser humano¹⁵¹⁷. Neste sentido, veja-se o que Rousseau afirma:

"Il y a, je le sens, un âge auquel l'homme individuel voudroit s'arrêter; Tu

¹⁵¹⁵ *Ib.*, "... desigualdade moral ou política, por depender de uma espécie de convenção e ser estabelecida, ou pelo menos autorizada, pelo consentimento dos homens ...".

¹⁵¹⁶ *Ib.*, p. 132. "... apontar, no progresso das coisas, o momento em que, sucedendo o direito à violência, a natureza foi submetida à lei; de explicar por qual encadeamento de prodígios o forte pôde resolver-se a servir o fraco, e o povo a comprar uma tranquilidade imaginária pelo preço de uma felicidade real ...".

¹⁵¹⁷ De resto como afirma Moreau a propósito desta questão: "En effet, l'homme de la nature est extrêmement difficile à saisir; nus ne le rencontrons pas autour de nous, dans la société où nous vivons; mais il ne se livre pas no plus à la observation ethnographique: les peuples que l'on dit primitifs ou sauvages nous montrent l'homme déjà engagé dans la vie sociale; et cet homme naturel ne se montre pas non plus dans l'histoire. L'histoire repose sur des documents écrits, qui supposent la vie sociale; l'état de nature est antérieur à l'histoire, et il a pu ainsi se prolonger longtemps dans l'humanité sans laisser de traces; il est donc inaccessible à l'histoire, à tel point qu'on ne saurait même assurer s'il a jamais existé ..." (cfr. Moreau, Joseph, "*Jean Jacques Rousseau*", PUF, Paris, pp. 15 -16).

chercheras l'âge auquel tu désirerois que ton Espece se fût arrêtée. Mécontent de ton état présent, par des raisons qui annoncent à ta Postérité malheureuse de plus grands mécontentemens encore, peut-être voudrais-tu pouvoir rétrograder; et ce sentiment doit faire l'Eloge de tes premiers ayeux, la critique de tes contemporains, et l'effroi de ceux qui auront le malheur de vivre après toi ..."¹⁵¹⁸.

Ora, é a confusão entre estas duas espécies de desigualdade entre os homens que faz com que, muitas vezes, a leitura de Rousseau surja paradoxal ou induza a leituras abusivas. Podemos dizer que Rousseau é um nostálgico, na medida em que apela constantemente para um estado natural¹⁵¹⁹. Contudo, ele tem consciência de "...que le premier Homme, ayant reçu immédiatement de Dieu des lumieres et des Preceptes, n'étoit point lui-même dans cet état ..." ¹⁵²⁰. Por que razão, então, considerar estes raciocínios? Porque, como o próprio admite, "Il ne faut pas prendre les Recherches, dans lesquelles on peut entrer sur ce Sujet, pour des vérités historiques, mais seulement pour des raisonnemens hypothétiques et conditionnels ..." ¹⁵²¹.

¹⁵¹⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 133. "Há, sinto-o, uma idade em que o Homem individual gostaria de deter-se; procurarás a idade em que desejarías que tua espécie se tivesse detido. Descontente com teu estado presente, por razões que anunciam à tua infeliz posteridade maiores descontentamentos ainda, talvez desejaesses poder retroceder. E esse sentimento deve constituir o elogio de teus primeiros ancestrais, a crítica de teus contemporâneos e o medo daqueles que tiverem a infelicidade de viver depois de ti ...".

¹⁵¹⁹ A interpretação realizada por Baczko, sobre o significado do estado nostálgico, para o século das luzes é de suma importância: "La "critique du siècle" et la critique du progrès acquièrent une signification sous-jacente qui est la nostalgie de l'état pré-individualiste de l'homme, d'une existence irréflexive dans laquelle l'individu se libérerait de ses tensions internes et du besoin de se définir lui-même; la nostalgie d'une existence dans laquelle le sentiment de sa propre personnalité ne serait pas liée avec le sentiment "d'être tiré de l'ordre" et avec la nécessité de se débattre contre le monde de l'histoire et contre soi-même. Cette nostalgie se fond avec l'image de " l'état de nature", ainsi qu'avec une exhortation à un "retour aux origines" qui serait un retour à soi-même et la négation du processus de l'individualisation, tel qu'il s'est déroulé dans l'histoire ..." (cfr. Bronislaw, Baczko, *Rousseau Solitude et Communauté*, Mouton, Paris, 1974, p. 136).

¹⁵²⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 132. "... que o primeiro homem, tendo recebido imediatamente de Deus luzes e preceitos, não estava ele mesmo nesse estado ...".

¹⁵²¹ Ibidem, pp. 132 – 133. "Não se devem tomar as pesquisas que se podem realizar sobre esse assunto por verdades históricas, mas somente por raciocínios hipotéticos e condicionais ...".

1.2. A lei natural: a questão da desigualdade entre os homens

1.2.1. A dimensão física

Entende o nosso pensador que se a desigualdade entre os homens é autorizada pela lei natural, esta está baseada numa grande confusão e incoerência que advém justamente da ignorância face à própria natureza humana. Procuram-se leis que são tiradas de conhecimentos que os homens não possuem naturalmente e que não são uniformes, servindo apenas para favorecer conveniências. Por isso mesmo é que Rousseau critica a sociedade: é que, para esta se estabelecer, foi necessário utilizar um conjunto de "... lumières qui ne se développent qu'avec beaucoup de peine et pour fort peu de gens ..." ¹⁵²², resultando daí o entendimento da lei natural como a "... collection de ces règles, sans autre preuve que le bien qu'on trouve qui résulteroit de leur pratique universelle ..." ¹⁵²³.

A interpretação que Rousseau faz da lei natural baseia-se em dois eixos: primeiro, "...que la volonté de celui qu'elle oblige puisse s'y soumettre avec connaissance ..." ¹⁵²⁴; segundo, "... qu'elle parle immédiatement par la voix de la nature ..." ¹⁵²⁵. Tendo em consideração estes dois eixos, o nosso autor entende que a alma humana possui dois princípios anteriores à razão. São eles o da conservação de nós mesmos e o de comiseração, isto é, da repugnância em ver sofrer qualquer ser sensível. Veja-se o que escreve Rousseau:

"C'est du concours et de la combinaison que nôtre esprit est en état de faire de ces deux Principes, sans qu'il soit nécessaire d'y faire entrer celui de la sociabilité, que me paroissent découler toutes les règles du droit naturel; règles que la raison est ensuite forcée de rétablir sur d'autres fondemens, quand par ses développemens successifs elle est venue à bout d'étouffer la Nature ..." ¹⁵²⁶.

¹⁵²² lb., p. 125. "... luzes que só se desenvolve com muita dificuldade e para poucas pessoas ...".

¹⁵²³ lb.. "... coleção dessas regras, sem outra prova além do bem que, segundo supõem, resultaria da sua prática universal ...".

¹⁵²⁴ lb.. "... que a vontade de quem ela obriga possa submeter-se a ela com conhecimento ...".

¹⁵²⁵ lb.. "... que se expresse imediatamente pela voz da natureza ...".

¹⁵²⁶ lb., p. 126. "É do concurso e da combinação que nosso espírito é capaz de fazer desses dois princípios, sem que seja necessário incluir-lhes o da sociabilidade, que me parecem decorrer todas as regras do direito natural; regras que a razão depois vê-se forçada a restabelecer sobre outros fundamentos, quando, por seus desenvolvimentos sucessivos, conseguiu sufocar a natureza ...".

Aquilo que Rousseau se propõe fazer é uma descrição do Homem que mostre como originariamente a desigualdade se fundou numa base natural. Por isso, afirma que descreverá o Homem “...tel qu'il a dû sortir des mains de la Nature ...”¹⁵²⁷. Começa, assim, por considerar a dimensão física do ser humano, apresentando o Homem como o único animal que pertence a uma espécie sem um instinto próprio, vendo-se assim conduzido a uma condição frágil entre os outros animais. Contudo, o facto de o homem selvagem reconhecer o seu corpo como o único instrumento que possui e que lhe possibilita desenvolver “... toutes ses forces à sa disposition ...”¹⁵²⁸, confere-lhe uma autonomia fundamental e o desenvolvimento de uma capacidade de apropriação que o faz elevar-se em relação às outras espécies.

É a partir daqui que o autor estabelece a primeira distinção entre o homem selvagem e o homem que vive em sociedade, mostrando como o último se encontra num estado de inferioridade relativamente ao primeiro, na medida em que, sendo “Le corps de l'homme sauvage étant le seul instrument qu'il connoisse, il l'employe à divers usages, dont, par le défaut d'exercice ...”¹⁵²⁹, não sucedendo o mesmo com o homem que vive na sociedade, pois, “... sont incapables, et c'est notre industrie qui nous ôte la force et l'agilité que la nécessité l'oblige d'acquérir ...”¹⁵³⁰. A segunda distinção que estabelece refere-se ao conjunto das causas que podem debilitar o Homem e os outros animais, como é o caso das enfermidades naturais, ressaltando porém, que há doenças que só afectam o Homem que vive em sociedade. Veja-se o que escreve a este respeito:

“... les excès de toute espece, les transports immodérés de toutes les Passions, les fatigues, et l'épuisement d'Esprit, les chagrins, et les peines sans nombre qu'on éprouve dans tous les états, et dont les ames sont perpétuellement rongées. Voilà les funestes garands que la plupart de nos maux sont notre propre ouvrage, et que nous les aurions presque tous évités, en conservant la manière de vivre simple, uniforme, et solitaire qui nous étoit prescrite par la Nature ...”¹⁵³¹.

¹⁵²⁷ lb., p. 134. “... tal como deve ter saído das mãos da natureza ...”.

¹⁵²⁸ lb., p. 136. “... todas as suas forças à disposição ...”.

¹⁵²⁹ lb., p. 135. “O corpo o único instrumento conhecido pelo homem selvagem, ele o emprega em diversos usos, dos quais, por falta de exercicios ...”.

¹⁵³⁰ lb., “... são incapazes, e é nossa indústria que nos tira a força e a agilidade que a necessidade o obriga adquirir ...”.

¹⁵³¹ lb., p. 138. “... os excessos de toda a espécie, os arrebatamentos imoderados de todas as paixões, as fadigas e o esgotamento do espirito, os desgostos e os inúmeros pesares que se experimentam em todos os estados e pelos quais as almas são perpetuamente corroidas: eis a prova de que a maioria de nossos males é obra nossa e de que os teríamos evitado quase todos conservando a maneira de viver simples, uniforme e

Ou seja, o autor fixa a origem da desigualdade e do mal no momento em que o Homem procurou encontrar mais comodidades do que aquelas que a Natureza lhe concedeu a si e aos outros animais. Não admira que afirme peremptoriamente: “Gardons nous donc de confondre l'homme Sauvage avec les hommes, que nous avons sous les yeux ...”¹⁵³², pois, o mesmo ocorre com “... l'homme même: en devenant sociable et Esclave, il devient foible, craintif, rampant, et sa manière de vivre molle et efféminée acheve d'énerver à la fois sa force et son courage ...”¹⁵³³.

Para Rousseau, aquilo que é fundamental ao Homem, para permanecer no estado de natureza, o qual lhe é próprio, é que tenha como único cuidado a sua conservação, devendo, neste sentido, desenvolver apenas as faculdades que lhe são naturais: a de ataque e a de defesa. Tudo o que ultrapasse este cuidado são excessos que transportam o homem natural para o homem social.

1.2.2. A dimensão moral

Num segundo momento, Rousseau estabelece a distinção entre os homens e os animais tendo em consideração a dimensão moral. Se, por um lado, a Natureza tem um papel preponderante nos animais, visto que é ela sozinha que desempenha todas as funções de sobrevivência, por outro lado, com o Homem, o mesmo não sucede. O Homem surge como agente livre, e é nessa medida que se entrega a excessos, visto que o espírito supera os sentidos e que a vontade se manifesta quando a Natureza já serenou. Por isso é que o autor afirma que o animal “... choisit ou rejette par instinct ...”¹⁵³⁴ e que o Homem, por sua vez, decide “... par un acte de liberté ...”¹⁵³⁵.

Só deste modo se compreende que o Homem, por possuir a faculdade de escolher, é o único ser capaz de manifestar actos espirituais. Como refere Rousseau:

“Ce n'est donc pas tant l'entendement qui fait parmi les animaux la

solitária que nos era prescrita pela natureza ...”.

¹⁵³² lb., p. 139. “Evitemos, portanto, confundir o homem Selvagem com os homens que temos diante dos olhos ...”.

¹⁵³³ lb.. “... o próprio Homem: ao tornar-se sociável e escravo, torna-se fraco, temeroso, rastejante, e sua maneira de viver, indolente e efeminada, acaba por debilitar-lhe ao mesmo tempo a força e a coragem ...”.

¹⁵³⁴ lb., p. 141. “... escolhe ou rejeita por instinto ...”.

¹⁵³⁵ lb.. “... por um acto de liberdade ...”.

distinction spécifique de l'homme que sa qualité d'agent libre. La Nature commande à tout animal, et la Bête obéit. L'homme éprouve la même impression, mais il se reconnoît libre d'acquiescer, ou de résister; et c'est surtout dans la conscience de cette liberté que se montre la spiritualité de son ame ...” ¹⁵³⁶.

Também a faculdade de aperfeiçoamento estabelece a diferença e distancia o Homem dos outros animais. É esta faculdade que, de acordo com a combinação de novas circunstâncias, permite o desenvolvimento de todas as outras. Para Rousseau, as paixões são o elemento determinante que faz com que a nossa razão se aperfeiçoe: “Nous ne cherchons à connoître que parce que nous desirons de jouir, et il n'est pas possible de concevoir pourquoi celui qui n'auroit ni desirs ni craintes se donneroit la peine de raisonner ...”¹⁵³⁷. Rousseau considera que as paixões são fruto das nossas necessidades ou “... simple impulsion de la Nature ...”¹⁵³⁸. Por esta razão, “... l'homme Sauvage, privé de toute sorte de lumières, n'éprouve que les Passions de cette dernière espèce; ses desirs ne passent pas ses besoins Physiques ...”¹⁵³⁹. Consequentemente, a aquisição de novos conhecimentos por parte do homem selvagem é bastante limitada, na medida em que a faculdade da imaginação não foi suficientemente estimulada:

“Son imagination ne lui peint rien; son cœur ne lui demande rien. Ses modiques besoins se trouvent si aisément sous sa main, et il est si loin du degré de connaissances nécessaire pour désirer d'en acquérir de plus grandes qu'il ne peut avoir ni prévoyance, ni curiosité ...”¹⁵⁴⁰.

Assim, a relação que o homem selvagem estabelece com a História, ou, se quisermos,

¹⁵³⁶ Ib., p. 142. “Portanto, não é tanto o entendimento quanto a sua qualidade de agente livre que confere ao Homem sua distinção específica entre os animais. A natureza manda em todos os animais, e o bicho obedece. O Homem sente a mesma impressão, mas se reconhece livre para aquiescer ou para resistir, sendo sobretudo na consciência dessa liberdade que se mostra a espiritualidade de sua alma ...”.

¹⁵³⁷ Ib., p. 143. “Só procuramos conhecer porque desejamos usufruir, não sendo possível conceber por que aquele que não tivesse desejos nem temores se daria ao trabalho de raciocinar ...”.

¹⁵³⁸ Ib.. “... mero impulso da natureza ...”.

¹⁵³⁹ Ib.. “... o homem selvagem, privado de qualquer tipo de luzes, só experimenta as paixões dessa última espécie; seus desejos não ultrapassam suas necessidades físicas ...”.

¹⁵⁴⁰ Ib., p. 144. “Sua imaginação nada lhe descreve, seu coração nada lhe pede. Suas módicas necessidades encontram-se tão facilmente ao alcance da mão e ele está tão longe do grau de conhecimentos necessários para desejar adquirir outros maiores, que não pode ter nem previdência, nem curiosidade ...”.

com a ideia de progresso, é a de alguém cujo estado de alma apenas vive um único tempo, a saber o presente, percebendo-se então que "Son ame, que rien n'agite, se livre au seul sentiment de son existence actuelle, sans aucune idée de l'avenir, quelque prochain qu'il puisse être, et ses projets, bornés comme ses vûes, s'étendent à peine jusqu'à la fin de la journée ..." ¹⁵⁴¹.

2. Homem natural *versus* homem social

2.1. O homem natural e o homem social

Rousseau começa por definir o homem natural como sendo tudo "... pour lui: il est l'unité numérique, l'entier absolu, qui n'a de rapport qu'à lui-même ou à son semblable ..." ¹⁵⁴²; pelo contrário, o homem civil "... qu'une unité fractionnaire qui tient au dénominateur, et dont la valeur est dans son rapport avec l'entier, qui est le corps social ..." ¹⁵⁴³. É justamente neste contexto que o nosso autor afirma a bondade do Criador, pois, "Tout est bien, sortant des mains de l'auteur des choses: tout dégénère entre les mains de l'homme ..." ¹⁵⁴⁴. Rousseau considera a passagem do estado natural para o estado social, ou civil, como uma mudança irretrocedível operada pelo Homem:

"Ce passage de l'état de nature à l'état civil produit dans l'homme un changement très remarquable, en substituant dans sa conduite la justice à l'instinct, et donnant à ses actions la moralité qui leur manquoit auparavant. C'est alors seulement que, la voix du devoir succédant à l'impulsion physique et le droit à l'appetit, l'homme, qui jusques là n'avoit regardé que lui-même, se voit forcé

¹⁵⁴¹ Ib.. "Sua alma, que nada agita, entrega-se apenas ao sentimento de sua existência actual, sem nenhuma ideia de futuro, por mais próximo que possa ser, e seus projectos, limitados como suas vistas, mal se estendem ao fim do dia ...".

¹⁵⁴² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Emile ou De l'éducation", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 249. "... para si mesmo: é a unidade numérica, o inteiro absoluto, que só se relaciona consigo mesmo ou com seu semelhante ...".

¹⁵⁴³ Ibidem. "... é apenas uma unidade fraccionária que se liga ao denominador, e cujo valor está em sua relação com o todo, que é o corpo social ...".

¹⁵⁴⁴ Ib., p. 245. "Tudo está bem quando sai das mãos do autor das coisas, tudo degenera entre as mãos do homem ...".

d'agir sur d'autres principes, et de consulter sa raison avant d'écouter, ses penchants ..."¹⁵⁴⁵.

Esta passagem de um para outro estado revela-se determinante e terrível para toda a história humana. Ela estabelece uma realidade que fragilizará para sempre a natureza humana, justamente porque tornará impossível conciliar, numa mesma pessoa e num mesmo momento, o ser Homem e ser Cidadão: "Forcé de combattre la nature ou les institutions sociales, il faut opter entre faire un homme ou un citoyen; car on ne peut faire à la fois l'un et l'autre ..."¹⁵⁴⁶.

No texto, *Que l'état de guerre naît de l'état social*, Rousseau apresenta esta preocupação nos seguintes termos:

"La première chose que je remarque, en considérant la position du genre humain, c'est une contradiction manifeste dans sa constitution, qui la rend toujours vacillante. D'homme à homme, nous vivons dans l'état civil et soumis aux lois; de peuple à peuple, chacun jouit de la liberté naturelle: ce qui rend au fond notre situation pire que si ces distinctions étaient inconnues. Car vivant à la fois dans l'ordre social et dans l'état de nature, nous sommes assujettis aux inconvénients de l'un et de l'autre, sans trouver la sûreté dans aucun des deux ..."¹⁵⁴⁷.

É que, para Rousseau, o homem natural tinha no seu instinto tudo o que era necessário para viver no estado de natureza, enquanto que "... dans une raison cultivée que ce qu'il lui faut

¹⁵⁴⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Du contract social ou Principes du droit politique", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 364. "Essa passagem do estado de natureza ao estado civil produz no homem uma mudança muito significativa, ao substituir na sua conduta o instinto pela justiça, e dando às suas ações a moralidade que antes lhe faltava. Só agora, quando a voz do dever sucede ao impulso físico e o direito ao apetite, é que o homem, que até então só havia olhado para si mesmo, vê-se forçado a agir baseado em outros princípios e a consultar sua razão antes de ouvir suas inclinações ...".

¹⁵⁴⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Emile ou De l'éducation", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 248. "Forçado a combater a natureza ou as instituições sociais, é preciso optar entre fazer um homem ou um cidadão, pois não se podem fazer os dois ao mesmo tempo ...".

¹⁵⁴⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Que l'état de guerre naît de l'état Social", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 610. "A primeira coisa que noto, ao considerar a condição da espécie humana, é a contradição explícita na sua constituição, que a faz vacilar incessantemente. Como indivíduos vivemos em um estado civil, sujeitos às leis; como pessoas gozamos uma liberdade natural, o que torna a nossa posição fundamentalmente pior do que se essas distinções fossem desconhecidas. Por vivermos ao mesmo tempo na ordem social e no estado de natureza somos submetidos aos inconvenientes de ambos, sem encontrar garantia em nenhum deles ...".

pour vivre en société ...”¹⁵⁴⁸. Em jeito de conclusão, Rousseau, define o estado do homem selvagem como aquele estado que permitiria ao Homem continuar a ser permanentemente criança mesmo que a espécie já tivesse envelhecido:

“... qu'errant dans les forêts sans industrie, sans parole, sans domicile, sans guerre, et sans liaisons, sans nul besoin de ses semblables, comme sans nul désir de leur nuire, peut-être même sans jamais en reconnoître aucun individuellement, l'homme Sauvage sujet à peu de passions, et se suffisant à lui-même, n'avoit que les sentimens et les lumières propres à cet état, qu'il ne sentoit que ses vrais besoins, ne regardoit que ce qu'il croyoit avoir intérêt de voir, et que son intelligence ne faisoit pas plus de progrès que sa vanité. Si par hasard il faisoit quelque découverte, il pouvoit d'autant moins la communiquer qu'il ne reconnoissoit pas même ses Enfants. L'art périssoit avec l'inventeur; il n'y avoit ni éducation ni progrès, les générations se multiplioient inutilement; et chacune partant toujours du même point, les Siècles s'écouloient dans toute la grossièreté des premiers âges ...”¹⁵⁴⁹.

O homem social tal como nós o conhecemos é resultado da acção do próprio Homem, o qual não querendo “... rien tel que l'a faite la nature, pas même l'homme ...”¹⁵⁵⁰, entende ser “... il le faut dresser pour lui comme un cheval de manège ...”¹⁵⁵¹. É assim, que toda a sua natureza foi asfixiada como resultado do trabalho das instituições sociais, nomeadamente os “... préjugés, l'autorité, la nécessité, l'exemple ...”¹⁵⁵².

¹⁵⁴⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 152. “... numa razão cultivada, não tem senão o que lhe é preciso para viver em sociedade ...”.

¹⁵⁴⁹ Ibidem, pp. 159 – 160. “... errando pelas florestas, sem engenho, sem a palavra, sem domicilio, sem guerra e sem vínculos, sem a menor necessidade de seus semelhantes, assim como sem nenhum desejo de prejudicá-los, talvez até sem jamais reconhecer algum deles individualmente, o Homem selvagem, sujeito a poucas paixões e bastando-se a si mesmo, tinha apenas os sentimentos e as luzes próprias desse estado, sentia apenas suas verdadeiras necessidades, só olhava o que acreditava ter interesse de ver e sua inteligência não fazia mais progressos do que sua vaidade. Se porventura fazia alguma descoberta, não podia comunicá-la, pois nem sequer os filhos reconhecia. A arte perecia com o inventor; não havia educação nem progresso, as gerações se multiplicavam inutilmente e, partindo cada uma sempre do mesmo ponto, os séculos escoavam-se em toda a grosseria das primeiras épocas ...”.

¹⁵⁵⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De l'éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 245. “... nada da maneira como a natureza o fez, nem mesmo o homem ...”.

¹⁵⁵¹ Ibidem. “... preciso [que tudo seja] domado por ele, como um cavalo adestrado ...”.

¹⁵⁵² Ib.. “... preconceitos, a autoridade, a necessidade, o exemplo ...”.

Rousseau apresenta quer as perdas quer os ganhos dessa mudança, a todos os níveis. Começando por afirmar que se, por um lado, as "... facultés s'exercent et se développent, ses idées s'étendent, ses sentimens s'ennoblissent ..." ¹⁵⁵³, por outro lado, deve cuidar desta nova condição para que "... les abus (...) ne le dégradent souvent au dessous de celle dont il est sorti ..." ¹⁵⁵⁴. É justamente neste sentido que Rousseau defende que o homem "... devrait bénir sans cesse l'instant heureux qui l'en arracha pour jamais, et qui, d'un animal stupide et borné, fit un être intelligent ..." ¹⁵⁵⁵.

Porém, Rousseau, é peremptório quando critica esta condição actual do ser humano, acusando-o de não saber reconhecer a sua natureza, acaba por confundir a sua própria essência: "Celui qui, dans l'ordre civil, veut conserver la primauté des sentimens de la nature ne sait ce qu'il veut. Toujours en contradiction avec lui-même, toujours flotant entre ses penchans et ses devoirs, il ne sera jamais ni homme ni citoyen; il ne sera bon ni pour lui ni pour les autres. Ce sera un de ces hommes de nos jours, un François, un Anglois, un Bourgeois; ce ne sera rien ..." ¹⁵⁵⁶. A confusão passou a ser o seu estado; o homem social nada vê, porque recusou uma existência absoluta para aceder a uma relativa ao ter decidido "... transporter le moi dans l'unité commune; en sorte que chaque particulier ne se croye plus un, mais partie de l'unité, et ne soit plus sensible que dans le tout ..." ¹⁵⁵⁷. Rousseau é muito claro quando confronta a condição do homem natural com a do homem civil:

"Dans l'ordre naturel, les hommes étant tous egaux, leur vocation commune est l'état d'homme; et quiconque est bien élevé pour celui-là ne peut mal remplir ceux qui s'y rapportent (...). Avant la vocation des parens, la nature l'appelle à la vie humaine (...). Toute nôtre sagesse consiste en préjugés serviles;

¹⁵⁵³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Du contract social ou Principes du droit politique", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 364. "... facultades se exercitam e se desenvolvem, as suas ideias se ampliam, os seus sentimentos se enobrecem ...".

¹⁵⁵⁴ Ibidem. "... os abusos (...) não o degradem frequentemente a uma condição inferior àquela donde saiu ...".

¹⁵⁵⁵ Ib.. "... deveria bendizer sem cessar o instante feliz que o arrancou de lá para sempre, e que transformou um animal estúpido e limitado em um ser inteligente ...".

¹⁵⁵⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Emile ou De l'éducation", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 250. "Aquele que, na ordem civil, quer conservar o primado dos sentimentos da natureza não sabe o que quer. Sempre em contradição consigo mesmo, sempre passando das inclinações para os deveres, jamais será nem homem, nem cidadão; não será bom nem para si mesmo, nem para os outros. Será um dos homens de hoje, um francês, um inglês, um burguês; não será nada ...".

¹⁵⁵⁷ Ibidem, p. 249. "... transferir o eu para a unidade comum, de sorte que cada particular não se julgue mais como tal, e sim como uma parte da unidade, e só seja perceptível no todo ...".

tous nos usages ne sont qu'assujettissement, gêne et contrainte. L'homme civil nait, vit et meurt dans l'esclavage: à sa naissance on le coud dans un maillot; à sa mort on le cloüe dans une bière; tant qu'il garde la figure humaine, il est enchaîné par nos institutions ...”¹⁵⁵⁸.

Não admira, pois, que o homem selvagem seja aquele que mais próximo está do estado originário. Para ele “C'est toujours le même ordre, ce sont toujours les mêmes révolutions; il n'a pas l'esprit de s'étonner des plus grandes merveilles ...”¹⁵⁵⁹.

2.2. Causas da passagem do estado natural ao estado social

2.2.1. A função da linguagem

A linguagem era, para Rousseau, um dos factores que explicavam a passagem do estado natural ao estado social. Para o autor, “Le premier langage de l'homme, le langage le plus universel, le plus énergique, et le seul dont il eut besoin, avant qu'il fallut persuader des hommes assemblés, est le cri de la Nature ...”¹⁵⁶⁰. E continua: “Des cris inarticulés, beaucoup de gestes et quelques bruits imitatifs durent composer pendant longtems la Langue universelle ...”¹⁵⁶¹. A este primeiro momento seguiu-se outro, quando as ideias começaram a multiplicar-se e se estabeleceu uma comunicação mais próxima entre os homens. Houve, então, a necessidade de procurar um maior número de sinais e, por consequência, uma linguagem mais alargada, pelo que os homens “... multiplièrent les inflexions de la voix, et y joignirent les gestes, qui, par leur Nature, sont plus

¹⁵⁵⁸ *Ib.*, pp. 251 – 253. “Na ordem natural, sendo os homens todos iguais, sua vocação comum é a condição de homem, e quem quer que seja bem educado para tal condição não pode preencher mal as outras relacionadas com ela (...). Antes da vocação dos pais, a natureza o chama para a vida humana (...). Toda a nossa sabedoria consiste em preconceitos servis, todos os nossos costumes não passam de sujeição, embaraço e constrangimento. O homem civil nasce, vive e morre na escravidão; enquanto conservava figura humana, está acorrentado por nossas instituições ...”.

¹⁵⁵⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 144. “É sempre a mesma ordem, são sempre as mesmas revoluções; ele não tem o espírito de espantar-se com as maiores maravilhas ...”.

¹⁵⁶⁰ *Ibidem*, p. 148. “A primeira linguagem do homem, a linguagem mais universal, a mais enérgica e a única de que precisou antes de ter de persuadir homens reunidos, é o grito da Natureza ...”.

¹⁵⁶¹ *Ib.*, p. 167. “Gritos inarticulados, muitos gestos e alguns ruídos imitativos devem ter composto por muito tempo a lingua universal ...”.

expressifs ...”¹⁵⁶². Os objectos visíveis e móveis, até determinada altura sinalizados por gestos, passaram, devido à insuficiência e inadequação da gestualidade para referir toda a realidade, a ser substituídos, pelas “... articulations de la voix, qui, sans avoir le même rapport avec certaines idées, sont plus propres à les représenter toutes, comme signes institués ...”¹⁵⁶³.

Como consequência deste procedimento os homens faziam do significado das palavras um uso mais vasto e ignoravam a divisão do discurso, dando “... d'abord à chaque mot le sens d'une proposition entière ...”¹⁵⁶⁴. Assim, “Chaque objet reçut d'abord un nom particulier, sans égard aux genres, et aux Espèces ...”¹⁵⁶⁵. Também “... tous les individus se présentèrent isolés à leur esprit, comme ils le sont dans le tableau de la Nature ...”¹⁵⁶⁶. Daqui o nosso autor concluindo que “... pour ranger les êtres sous des dénominations communes, et génériques, il en falloit connoître les propriétés et les différences; il falloit des observations, et des définitions, c'est-à-dire, de l'Histoire Naturelle et de la Métaphysique, beaucoup plus que les hommes de ce tems-là n'en pouvoient avoir ...”¹⁵⁶⁷.

Ou seja, há operações mentais que implicam um grau de pensamento para o qual o homem natural não estava dotado pela Mãe-Natureza. Por isso é que Rousseau, relativamente à origem da linguagem, afirma:

“Quoi qu'il en soit de ces origines, on voit du moins, au peu de soin qu'a pris la Nature de rapprocher les Hommes par des besoins mutuels, et de leur faciliter l'usage de la parole, combien elle a peu préparé leur Sociabilité, et combien elle a peu mis du sien dans tout ce qu'ils ont fait, pour en établir les liens ...”¹⁵⁶⁸.

¹⁵⁶² Ib., p. 148. “... multiplicaram as inflexões da voz e lhes acrescentaram os gestos que, por sua natureza, são mais expressivos ...”.

¹⁵⁶³ Ib.. “... pelas articulações da voz que, sem terem a mesma relação com certas ideias, são mais apropriadas para representar todas elas como sinais instituídos ...”.

¹⁵⁶⁴ Ib., p. 149. “... inicialmente a cada palavra o sentido de uma proposição inteira ...”.

¹⁵⁶⁵ Ib.. “Cada objecto recebeu de início um nome particular, sem levar em consideração os géneros e as espécies ...”.

¹⁵⁶⁶ Ib.. “... todos os indivíduos se apresentaram isolados ao seu espírito, como estão no quadro da natureza ...”.

¹⁵⁶⁷ Ib.. “... para classificar os seres em denominações comuns e genéricas, cumpria conhecer-lhes as propriedades e as diferenças; impunham-se observações e definições, ou seja, noções de história natural e de metafísica, muito mais do que os homens daquele tempo podiam ter ...”.

¹⁵⁶⁸ Ib., p. 151. “Sejam quais forem essas origens, vê-se pelo menos, no pouco cuidado que teve a natureza em aproximar os homens por necessidades mútuas e em lhes facilitar o uso da palavra, quão mal ela preparou a sociabilidade deles e quão pouco de si mesma colocou em tudo quanto eles fizeram para lhes estabelecer os vínculos ...”.

2.2.2. O surgimento da propriedade

Outro factor explicativo da passagem do estado natural ao estado social era, para o nosso autor, o surgimento da propriedade. Entendia Rousseau que o homem natural tinha querido dominar a Natureza, ao ponto de ele próprio, utilizando instrumentos adequados, ter criado a supérflua actividade de cultivar a terra. A metalurgia e a agricultura foram, então, as actividades que Rousseau elegeu como responsáveis pelo surgimento da propriedade: “... sont le fer et le bled qui ont civilisé les hommes et perdu le Genre-humain ...”¹⁵⁶⁹. Da cultura da terra seguiu-se a sua partilha – “... quel seroit (...) l'homme assés insensé pour se tourmenter à la culture d'un Champ qui sera dépouillé par le premier venu, homme, ou bête ...”¹⁵⁷⁰ -, acabando por instituir-se, deste modo, a noção de propriedade – “Le premier qui ayant enclos un terrain, s'avisait de dire, *ceci est à moi* (...) fut le vrai fondateur de la société civile ...”¹⁵⁷¹.

Os homens, dizia Rousseau, “... tant qu'ils ne s'appliquèrent qu'à des ouvrages qu'un seul pouvoit faire, et à des arts qui n'avoient pas besoin du concours de plusieurs mains, ils vécutent libres, sains, bons et heureux autant qu'ils pouvoient l'être par leur Nature, et continuèrent à jouir entre eux des douceurs d'un commerce independant ...”¹⁵⁷². Mas, na medida em que precisou do auxílio dos outros homens e que percebeu que bastava um homem para sustentar dois, “... l'égalité disparut, la propriété s'introduisit, le travail devint nécessaire et les vastes forêts se changèrent en des Campagnes riantes qu'il falut arroser de la sueur des hommes, et dans lesquelles on vit bientôt l'esclavage et la misère germer et croître avec les moissons ...”¹⁵⁷³.

O momento do surgimento da propriedade terá sido o momento em que todas as qualidades do Homem, concedidas pela Natureza, foram desenvolvidas na medida em que foram colocadas em acção: “Voilà donc toutes nos facultés développées, la mémoire et l'imagination en

¹⁵⁶⁹ Ib., p. 171. “... foram o ferro e o trigo que civilizaram os homens e perderam o género humano ...”.

¹⁵⁷⁰ Ib., p. 145. “... qual seria (...) o homem insensato o suficiente para atormentar-se na cultura de um campo que será despojado pelo primeiro a chegar, homem ou bicho ...”.

¹⁵⁷¹ Ib., p. 164. “O primeiro que, tendo cercado um terreno, atreveu-se a dizer: *Isto é meu* (...) foi o verdadeiro fundador da sociedade civil ...”.

¹⁵⁷² Ib., p. 171. “... enquanto se aplicaram apenas a obras que um homem podia fazer sozinho e a artes que não precisavam do concurso de várias mãos, viveram tão livres, sadios, bons e felizes quanto o poderiam ser por sua natureza e continuaram a usufruir entre si as doçuras de um relacionamento independente ...”.

¹⁵⁷³ Ib., “... desapareceu a igualdade, introduziu-se a propriedade, o trabalho tornou-se necessário e as vastas florestas se transformaram em campos risonhos que cumpria regar com o suor dos homens e nos quais logo se viu a escravidão e a miséria germinarem e medrarem com as searas ...”.

jeu, l'amour propre intéressé, la raison rendüe active et l'esprit arrivé presqu'au terme de la perfection, dont il est susceptible ..."¹⁵⁷⁴. Torna-se assim claro que quem possuísse estas qualidades podia utilizá-las em proveito próprio. Advém daqui que, pelo contrário, quem não as possuísse deveria fingir tê-las, fazendo com que fosse "Il falut (...) se montrer autre que ce qu'on étoit en effet ..."¹⁵⁷⁵, assim nascendo "... la ruse trompeuse, et tous les vices qui en sont le cortège ..."¹⁵⁷⁶.

Aquilo que sucede é que o Homem " ... riche, il a besoin de leurs services; [et l'homme] pauvre, il a besoin de leur secours, et la médiocrité ne le met point en état de se passer d'eux ..."¹⁵⁷⁷. Neste sentido, torna-se fundamental que o rico faça os seus semelhantes acreditarem que tiram proveito em trabalhar para ele, nem que para isso seja necessário, por um lado, tornar-se "... fourbe et artificieux avec les uns, imperieux et dur avec les autres, et le met dans la nécessité d'abuser tous ceux dont il a besoin ..."¹⁵⁷⁸; e que por outro lado, use a "... masque de la bienveillance ..."¹⁵⁷⁹.

Assim, conclui Rousseau:

"... en un mot, concurrence et rivalité d'une part, de l'autre opposition d'intérêt, et toujours le désir caché de faire son profit aux dépens d'autrui, tous ces maux sont le premier effet de la propriété et le cortège inséparable de l'inégalité naissante (...), c'est ainsi que les usurpations des riches, les Brigandages des Pauvres, les passions effrénées de tous étouffant la pitié naturelle, et la voix encore foible de la justice, rendirent les hommes avarés, ambitieux et méchants ..."¹⁵⁸⁰.

¹⁵⁷⁴ Ib., p. 174. "Eis, portanto, todas as nossas faculdades desenvolvidas, a memória e a imaginação em jogo, o amor-próprio interessado, a razão em actividade e o espirito atingindo o termo de perfeição de que é susceptível ...".

¹⁵⁷⁵ Ib.. "Era preciso mostrar-se diferente do que de facto se era ...".

¹⁵⁷⁶ Ib.. " ... a astúcia enganadora e todos os vícios que lhes formam o cortejo ...".

¹⁵⁷⁷ Ib., p. 175. "... rico, precisa de seus servidores; [e o homem] pobre, precisa de seu auxílio, e a mediocridade não o coloca em situação de viver sem eles ...".

¹⁵⁷⁸ Ib.. "... dissimulado e artificioso com uns, imperioso e duro para com os outros e torna-lhe imprescindível lograr todos aqueles de que necessita ...".

¹⁵⁷⁹ Ib.. "... máscara da benevolência ...".

¹⁵⁸⁰ Ib., p. 176. "... em suma, concorrência e rivalidade de um lado, oposição de interesses do outro e sempre o desejo oculto de tirar proveito à custa de outrem; todos esses males constituem o primeiro efeito da propriedade e o cortejo inseparável da desigualdade nascente (...), foi assim que as usurpações dos ricos, as pilhagens dos pobres, as paixões desenfreadas de todos, ao abafarem a piedade natural e a voz ainda fraca da justiça, tornaram os homens avaros, ambiciosos e maus ...".

Contudo, a legitimidade de alguém requerer para si o direito ao terreno só é possível graças à credulidade das restantes pessoas. Para o autor, a ideia de propriedade não se forma de uma só vez, ela resulta de um processo contínuo do espírito humano: “Il falut faire bien des progrès, acquérir bien de l'industrie et des lumières, les transmettre et les augmenter d'âge d'âge, avant que d'arriver à ce dernier terme de l'état de Nature ...”¹⁵⁸¹.

2.2.3. Outras causas

Para além da linguagem e da propriedade, Rousseau faz uma apresentação de outras causas que possibilitaram a transição do homem natural para o homem social, começando por descrever “... la condition de l'homme naissant ...”¹⁵⁸² do modo que se segue:

“Le premier sentiment de l'homme fut celui de son existence, son premier soin celui de sa conservation. Les productions de la Terre lui fournissoient tous les secours nécessaires, l'instinct le porta à en faire usage. La faim, d'autres appetits lui faisant éprouver tour à tour diverses manières d'exister, il y en eut une qui l'invita à perpétuer son espèce; et ce penchant aveugle, dépourvú de tout sentiment du coeur, ne produisoit qu'un acte purement animal. Le besoin satisfait, les deux sexes ne se reconnoissoient plus, et l'enfant même n'étoit plus rien à la Mère sitôt qu'il pouvoit se passer d'elle ...”¹⁵⁸³.

Para superar as dificuldades que lhe foram surgindo, o Homem viu-se obrigado a utilizar e a desenvolver o único instrumento que possuía: o seu corpo¹⁵⁸⁴. Aquilo que daí resultou foi que se

¹⁵⁸¹ Ib., p. 164. “Foi necessário fazer-se muitos progressos, adquirir-se muito engenho e luzes, transmiti-los e aumentá-los de século em século, antes de se chegar a esse derradeiro limite do estado da Natureza ...”.

¹⁵⁸² Ib.. “... a condição do homem nascente...”.

¹⁵⁸³ Ib.. “O primeiro sentimento do homem foi de sua existência, seu primeiro cuidado, o de sua conservação. As produções da terra lhe forneciam todos os socorros necessários, o instinto levou-o a utilizá-los. Como a fome e outros apetites o faziam experimentar sucessivamente diversas maneiras de existir, houve uma que o convidou a perpetuar sua espécie; e essa inclinação cega, desprovida de qualquer sentimento do coração, não produzia mais um acto puramente animal. Satisfeita a necessidade, os dois sexos já não se reconheciam e o próprio filho, assim que conseguia viver sem a mãe, nada mais representava para ela ...”.

¹⁵⁸⁴ Ib., p. 165. “Le long de la mer, et les Rivieres, ils inventèrent la ligne et le hameçon, et devinrent pêcheurs et Ichtyophages. Dans les forêts ils se firent des arcs et des flèches, et devinrent Chasseurs et Guerriers. Dans les Pays froids ils se couvrirent des peaux des bêtes qu'ils avoient tuées. Le tonnerre, un Volcan, ou quelque heureux hasard, leur fit connoître le feu, nouvelle ressource contre la rigueur de l'hiver: ils apprirent à conserver cet élément, puis à le reproduire, et enfin à en préparer les viandes qu'auparavant ils dévorient crues ...”. “Ao longo do mar e dos rios, inventaram

gerou no seu espírito a percepção de determinadas relações com os seus semelhantes, as quais, por sua vez, "... produisirent enfin chez lui quelque sorte de réflexion, ou plutôt une prudence machinale qui lui indiquoit les précautions les plus nécessaires à sa sûreté ..." ¹⁵⁸⁵.

Assim, o homem selvagem começou a chegar a determinadas conclusões: primeira, no que se refere às regras de conduta, percebeu que a sua maneira de pensar e de sentir era conforme à dos seus semelhantes. E essa importante verdade, bem acente no seu espírito, fê-lo compreender que para seu proveito e segurança, lhe convinha manter uma relação próxima com os seus semelhantes; segunda, relativamente à noção de bem comum, entendeu que o bem-estar é o único móbil das acções humanas. Neste contexto, para Rousseau o homem selvagem, por um lado, unia-se aos seus semelhantes numa "... sorte d'association libre qui n'obligeoit personne, et qui ne duroit qu'autant que le besoin passager qui l'avoit formée ..." ¹⁵⁸⁶, por outro lado, quando cada um decidi-a procurar "... cherchoit à prendre ses avantages, soit à force ouverte s'il croyoit le pouvoir, soit par adresse et subtilité s'il se sentoit le plus foible ..." ¹⁵⁸⁷; terceira, relativamente à noção de compromisso, o nosso pensador conclui que o homem selvagem foi capaz de adquirir "... insensiblement acquerir quelque idée grossière des engagements mutuels (...), mais seulement autant que pouvoit l'exiger l'intérêt présent et sensible ..." ¹⁵⁸⁸.

Rousseau considerava que "Plus l'esprit s'éclaircit, et plus l'industrie se perfectionna ..." ¹⁵⁸⁹, e que, como consequência directa deste aperfeiçoamento, surgira a necessidade de deixar de dormir debaixo das árvores e de trocar as cavernas por outro tipo de habitação. Pode-se, na óptica do nosso autor, apontar este período como aquele em que se "... forma l'établissement et la distinction des familles, et qui introduisit une sorte de propriété; d'où peut-être naquirent déjà

a linha e o anzol e tornaram-se pescadores e ictiófagos. Nas florestas, construíram arcos e flechas e tornaram-se caçadores guerreiros. Nos países frios, cobriram-se de peles dos animais que haviam matado. O trovão, um vulcão, ou algum feliz acaso, fez que conhecessem o fogo, novo recurso contra o rigor do inverno: aprenderam a conservar esse elemento, depois a reproduzi-lo e, enfim a preparar nele as carnes que antes devoravam cruas ...".

¹⁵⁸⁵ Ib.. "... acabaram por produzir-lhe uma certa espécie de reflexão, ou melhor, uma prudência maquinal que lhe indicava as precauções mais necessárias à sua segurança ...".

¹⁵⁸⁶ Ib., p. 166. "... espécie de associação livre que não obrigava ninguém e não durava mais que a necessidade passageira que a formara ...".

¹⁵⁸⁷ Ib.. "... obter vantagens, quer abertamente à força, se acreditasse possuí-la, quer por habilidade e subtileza, caso se sentisse mais fraco ...".

¹⁵⁸⁸ Ib.. "... insensivelmente certa ideia grosseira dos compromissos mútuos (...), mas somente o quanto o poderia exigir o interesse presente e palpável ...".

¹⁵⁸⁹ Ib., p. 167. "Quanto mais se esclarecia o espírito, mais se aperfeiçoava o engenho ...".

bien des querelles et des Combats ..."¹⁵⁹⁰. Esta nova situação, em que o Homem abandona o estado nómada e começa a sedentarizar-se, proporciona o desenvolvimento do estado afectivo e a noção de família encontra aí a sua origem:

“Les premiers développemens du coeur furent l'effet d'une situation nouvelle qui réunissoit dans une habitation commune les maris et les Femmes, les Peres et les Enfans; l'habitude de vivre ensemble fit naître les plus doux sentimens qui soient connus des hommes, l'amour conjugal, et l'amour Paternel. Chaque famille devint une petite Société d'autant mieux unie que l'attachement réciproque et la liberté en étoient les seuls liens ...”¹⁵⁹¹.

Também a reunião em grupos resultou não de uma imposição legislativa, mas da partilha dos mesmos costumes, do mesmo género de vida e de alimentos e do mesmo clima. Desta maneira, rapidamente se desenvolve a teia de relações comunitárias: “Un voisinage permanent ne peut manquer d'engendrer enfin quelque liaison entre diverses familles. De jeunes gens de differens séxes habitent des Cabanes voisines, le commerce passager que demande la Nature en amène bientôt un autre non moins doux et plus permanent par la fréquentation mutuelle ...”¹⁵⁹².

Rousseau explica a génese da infelicidade quando, relativamente a este novo estado, descreve a gestão e a ocupação do tempo feita pelo homem:

“Dans ce nouvel état, avec une vie simple et solitaire, des besoins très bornés, et les instruments qu'ils avoient inventés pour y pourvoir, les hommes jouissant d'un fort grand loisir l'emploierent à se procurer plusieurs sortes de commodités inconnues à leurs Peres; et ce fut là le premier joug qu'ils s'imposèrent sans y songer, et la premiere source de maux qu'ils préparèrent à leurs Descendans; car outre qu'ils continuèrent ainsi à s'amolir le corps et l'esprit,

¹⁵⁹⁰ Ib.. “... formou o estabelecimento e a distinção das famílias e que introduziu uma espécie de propriedade, da qual nasceram talvez muitas brigas e combates ...”.

¹⁵⁹¹ Ib., p. 168. “Os primeiros desenvolvimentos do coração decorreram de uma situação nova que reunia numa habitação comum os maridos e as mulheres, os pais e os filhos. O hábito de viver junto fez nascer os mais doces sentimentos porventura conhecidos pelos homens, o amor paterno. Cada família tornou-se uma pequena sociedade, ainda mais unida por serem o apego recíproco e a liberdade os seus únicos vínculos ...”.

¹⁵⁹² Ib., p. 169. “Uma vizinhança permanente não pode deixar de engendrar afinal alguma ligação entre diversas famílias. Jovens de diferentes sexos moram em cabanas vizinhas, o relacionamento passageiro, exigido pela natureza, traz logo outro não menos doce e mais permanente, pelo convívio mútuo ...”.

ces commodités ayant par l'habitude perdu presque tout leur agrément, et étant en même tems dégénérées en de vrais besoins, la privation en devint beaucoup plus cruelle que la possession n'en étoit douce, et l'on étoit malheureux de les perdre, sans être heureux de les posséder ...”¹⁵⁹³.

A consequência de ter tempo disponível levou à proliferação de atividades como a dança e a música, que fizeram com que os homens começassem a reparar uns nos outros e a estabelecer as primeiras comparações. E assim, rapidamente o reconhecimento público e as preferências deram origem, por um lado, à vaidade e ao desprezo, e, por outro lado, à vergonha e ao desejo. A inocência do estado inicial perdeu-se para sempre, pois “C'est ainsi que chacun punissant le mépris qu'on lui avoit témoigné d'une manière proportionnée au cas qu'il faisoit de lui-même, les vengeances devinrent terribles, et les hommes sanguinaires et cruels ...”¹⁵⁹⁴.

3. A dimensão ética: o Homem em relação com os outros

3.1. A bondade natural

Uma leitura atenta do *Second Discours* permite-nos perceber uma tensão entre o estado de natureza e o estado de raciocínio. Rousseau descreve o estado natural associando-o ao homem selvagem e o estado de raciocínio associando-o ao homem que vive em sociedade. Assim, para ele, “... les hommes n'eussent jamais été que des monstres, si la Nature ne leur eût donné la pitié à l'appui de la raison ...”¹⁵⁹⁵. Sobre a piedade afirma: “Il est donc certain que la pitié est un sentiment naturel, qui, modérant dans chaque individu l'activité de l'amour de soi même, concourt

¹⁵⁹³ Ib., p. 168. “Nesse novo estado, tendo uma vida simples e solitária, necessidades muito limitadas e os instrumentos que haviam inventado para satisfazer-las, os homens, desfrutando um grande lazer, empregaram-no para obter vários tipos de comodidades desconhecidas de seus pais; e foi esse o primeiro jugo que impensadamente se impuseram e a primeira fonte de mal que prepararam para seus descendentes, pois, além de continuarem assim e enfraquecer o corpo e o espírito, ao se habituarem com essas comodidades, estas perderam quase todo o atractivo e ao mesmo tempo degeneraram em verdadeiras necessidades. Assim, a privação delas tornou-se mais cruel do que doce era a sua posse, e sentiam-se infelizes por perde-las, sem serem felizes por possuí-las ...”.

¹⁵⁹⁴ Ib., p. 170. “Foi assim que, punindo cada qual o desprezo que lhe haviam demonstrado de uma maneira proporcional à importância que atribuía a si mesmo, as vinganças se tornaram terríveis e os homens, sanguinários e cruéis ...”.

¹⁵⁹⁵ Ib., p. 155. “... os homens nunca teriam passado de monstros se a natureza não lhes houvesse concedido a piedade para o apoio da razão ...”.

à la conversation mutuelle de toute l'espèce ..."¹⁵⁹⁶. Compreende-se, deste modo, que a máxima que melhor expressa a bondade natural do Homem é aquela que o aconselha a alcançar o seu bem com o menor mal possível para o próximo¹⁵⁹⁷. Por isso, quando Rousseau critica Hobbes, aquilo que pretende evidenciar é que o Homem no estado natural não estabelece "... entre eux aucune sorte de relation morale ..."¹⁵⁹⁸ e, por esse mesmo motivo, os homens não poderiam ser considerados nem bons nem maus. Neste sentido, o estado mais apropriado à paz é aquele que tem em consideração o cuidado com a nossa conservação¹⁵⁹⁹. Pelo contrário, Hobbes entende que o Homem, por não conhecer a ideia de bondade, é naturalmente mau; e, por não conhecer a ideia de virtude, é vicioso. De acordo com o autor genebrino, o erro de Hobbes está em "... avoir fait entrer mal à propos dans le soin de la conversation de l'homme Sauvage le besoin de satisfaire une multitude de passions qui sont l'ouvrage de la Société, et qui ont rendu le Lois nécessaires ..."¹⁶⁰⁰. A este respeito diz Rousseau o seguinte:

¹⁵⁹⁶ Ib., p. 156. "Portanto, é certo que a piedade é um sentimento natural que, moderando em cada indivíduo a actividade do amor de si mesmo, concorre para a conservação mútua de toda a espécie ...".

¹⁵⁹⁷ Ib.. "C'est elle qui nous porte sans réflexion au secours de ceux que nous voyons souffrir: c'est elle qui, dans l'état de nature, tient lieu de lois, de mœurs, de vertu, avec cet avantage que nul n'est tenté de désobéir à sa douce voix: c'est elle qui détournera tout sauvage robuste d'enlever à un faible enfant, ou à un vieillard infirme, sa subsistance acquise avec peine, si lui-même espère pouvoir trouver la sienne ailleurs; c'est elle qui, au lieu de cette maxime sublime de justice raisonnée: *Fais à autrui comme tu veux qu'on te fasse*, inspire à tous les hommes cette autre maxime de bonté naturelle bien moins parfaite, mais plus utile peut-être que la précédente: *Fais ton bien avec le moindre mal d'autrui qu'il est possible*. C'est, en un mot, dans ce sentiment naturel, plutôt que dans des arguments subtils, qu'il faut chercher la cause de la répugnance que tout homme éprouverait à mal faire, même indépendamment des maximes de l'éducation ...". "É ela que nos leva a socorrer, sem reflectir, aqueles que vemos sofrer; é ela que, no estado de natureza, substitui leis, costumes e virtude, com a vantagem de ninguém ficar tentado a desobedecer-lhe a doce voz; é ela que tolherá qualquer selvagem robusto de tirar uma criança fraca, ou de um velho enfermo, sua subsistência adquirida a duras penas, se ele mesmo esperar poder encontrar a sua em outro lugar; é ela que, em vez desta maxime sublime da justiça ponderada: *Faz ao próximo o que queres que te façam*, inspira a todos os homens esta outra maxime de bondade natural, bem menos perfeita, porém talvez mais útil do que a precedente: *Alcança tem bem com o menor mal possível para o próximo*. É, em suma, nesse sentimento natural, mais do que nos argumentos súbtis, que se deve procurar a causa da repugnância que todo o homem experimenta ao fazer o mal, mesmo independentemente das máximas da educação ...".

¹⁵⁹⁸ Ib., p. 152. "... entre si nenhuma espécie de relação moral ...".

¹⁵⁹⁹ Neste contexto escreve Moreau: "Il faut donc se représenter l'homme naturel appliqué au soin de sa conservation, à la satisfaction de ses besoins physiques élémentaires, auxquels il doit subvenir par lui-même (...). Mais si l'homme n'est pas naturellement social, il n'en faut pas conclure qu'il est naturellement antisocial, et dire avec Hobbes que l'homme est un loup pour l'homme, que l'état de nature est la guerre de tous contre tous. Ce serait oublier que l'homme, considéré dans l'état de nature, n'a ni occasion ni moyen de nuire à ses semblables, et ne peut de leur part subir aucun dommage. Ses besoins sont si limités qu'il trouve toujours à les satisfaire, et il lui est plus facile de se procurer lui-même sa nourriture ou son gîte que de les disputer à autrui. Si néanmoins il entre en conflit avec un autre homme, le débat est vite tranché, et le vaincu n'en garde point rancune; car l'homme naturel n'a point d'amour-propre ..." (cfr. Moreau, Joseph, "Jean Jacques Rousseau", PUF, Paris, pp. 17 – 18).

¹⁶⁰⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 153. "... ter introduzido impropriamente no cuidado com a conservação do homem selvagem a necessidade de satisfazer uma imensa quantidade de paixões que são obra da sociedade e tornaram necessárias as leis ...".

“Hobbes n'a pas vû que la même cause qui empêche les Sauvages d'user de leur raison, comme le prétendent nos Jurisconsultes, les empêche en même tems d'abuser de leurs facultés, comme il le prétend lui-même; de sorte qu'on pourroit dire que les Sauvages ne sont pas méchants précisément, parce qu'ils ne savent pas ce que c'est qu'être bons; car ce n'est ni le développement des lumières, ni le frein de la Loi, mais le calme des passions, et l'ignorance du vice qui les empêche de mal faire ...”¹⁶⁰¹.

Aquilo que, para Rousseau faz com que o homem natural consiga acalmar em determinadas situações o seu amor-próprio, e a ansiedade que tem pelo seu bem-estar é o princípio da piedade¹⁶⁰², virtude que é tanto mais universal e tanto mais útil, na medida em que resulta de um movimento puro da natureza e que precede a qualquer reflexão. Compreendendo-se assim, que para o nosso autor, a sociedade surja como o palco privilegiado, no qual o estado de natureza é corrompido pelas paixões e em que a condição humana natural se perde para sempre “... l'homme est naturellement bon (...) mais qu'il voye comment la société déprave et pervertir les hommes ...”¹⁶⁰³.

3.2. O sentimento amoroso e a escravatura

Para melhor explicar a distinção entre o homem selvagem e o homem social, o nosso autor recorre a duas definições que considera serem paradigmáticas para se compreender como cada um deles entende a importância da relação com os outros, a saber, o sentimento amoroso e a noção de escravatura. Relativamente ao sentimento amoroso na sua dupla dimensão, física

¹⁶⁰¹ Ibidem, p. 154. “Hobbes não viu que a mesma causa que impede os selvagens de usar da razão, como pretendem nossos juristas, impede-os ao mesmo tempo de abusar de suas faculdades, como ele mesmo pretende; de sorte que se poderia dizer que os selvagens não são maus justamente por não saberem ser bons pois não é nem o desenvolvimento das luzes, nem o freio da lei, mas sim a calma das paixões e a ignorância dos vícios que os impedem de proceder mal ...”.

¹⁶⁰² “L'homme n'est donc point, nous l'avons vu, social par nature, c'est-à-dire engagé naturellement dans des liens sociaux, comme l'abeille dans la ruche. Il a avant tout le souci de sa propre conservation; mais dans les conditions naturelles de son existence, cet égoïsme instinctif est innocent, incapable de nuire gravement; d'ailleurs il est tempéré, le cas échéant, par un sentiment naturel de pitié pour son semblable ...” (cfr. Moreau, Joseph, “Jean Jacques Rousseau”, PUF, Paris, p. 19).

¹⁶⁰³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De l'éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 525. “... o homem é naturalmente bom (...) mas veja ele como a sociedade deprava e perverte os homens ...”.

moral, Rousseau é muito claro e preciso. Para ele, a dimensão física do sentimento amoroso prende-se com o desejo que leva um sexo a unir-se ao outro; a dimensão moral do sentimento amoroso é aquela que determina o desejo em relação a um objecto. Assim, de acordo com o autor "... est facile de voir que le moral de l'amour est un sentiment factice; né de l'usage de la société, et célébré par les femmes avec beaucoup d'habileté et de soin pour établir leur empire, et rendre dominant le sexe qui devoit obéir ..." ¹⁶⁰⁴.

Rousseau entende que o homem selvagem nunca degolaria seu semelhante por questões passionais, na medida em que "... l'amour même, ainsi que toutes les autres passions, n'a acquis que dans la société cette ardeur impétueuse qui le rend si souvent funeste aux hommes ..." ¹⁶⁰⁵. Assim, para ele, a sociedade só pode surgir como campo privilegiado deste amor funesto por duas razões: a primeira, é a de que só o homem da sociedade é capaz de fazer comparações entre noções abstractas, como por exemplo, as de mérito ou de beleza; a segunda, é a de que a imaginação exerce maior influência no homem da sociedade. Por isso é que o homem selvagem "... écoute uniquement le temperament qu'il a reçu de la Nature, et non le goût qu'il n'a pu acquerir, et toute femme est bonne pour lui ..." ¹⁶⁰⁶.

No que diz respeito à escravatura, o nosso autor entende que, por natureza, ela não existe, pois, para ele, na medida em que "... aucun homme n'a une autorité naturelle sur son semblable ..." ¹⁶⁰⁷ esta só é possível quando a convenção se torna a "... base de toute autorité légitime parmi les hommes ..." ¹⁶⁰⁸. Mas que tipo de convenção? Certamente uma que não seja vã e contraditória, nomeadamente que não implique a alienação da liberdade individual, isto porque, "Renoncer à sa liberté c'est renoncer à sa qualité d'homme, aux droits de l'humanité, même à ses devoirs (...). Une telle renonciation est incompatible avec la nature de l'homme, et c'est ôter toute

¹⁶⁰⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 158. "... é fácil ver que a moral do amor é um sentimento factício, nascido do convívio na sociedade, e celebrado pelas mulheres com muita habilidade e cuidado a fim de estabelecerem seu império e tornar dominante o sexo que deveria obedecer ...".

¹⁶⁰⁵ Ibidem. "... o próprio amor, assim como todas as outras paixões, só na sociedade adquiriu esse ardor impetuoso que tantas vezes o torna funesto aos homens ...".

¹⁶⁰⁶ Ib.. "... ouve unicamente o temperamento que recebeu da natureza, e não o gosto que não pôde adquirir, e qualquer mulher lhe serve ...".

¹⁶⁰⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Du contract social ou Principes du droit politique", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 355. "... nenhum homem tem autoridade natural sobre seu semelhante ...".

¹⁶⁰⁸ Ibidem. "... base de toda autoridade legítima entre homens ...".

moralité à ses actions que d'ôter toute liberté à sa volonté ..."¹⁶⁰⁹. Por conseguinte, para Rousseau, o estado de escravatura é nulo, porque, se por um lado o considera ilegítimo, por outro lado, considera-o absurdo, sem qualquer significado. No entanto e respondendo àqueles que pretendem encontrar na guerra a origem do direito da escravatura, o nosso autor afirma:

“C'est le rapport des choses et non des hommes qui constitue la guerre, et l'état de guerre ne pouvant naitre des simples relations personnelles, mais seulement des relations réelles, la guerre privée ou d'homme à homme ne peut exister, ni dans l'état de nature où il n'y a point de propriété constante, ni dans l'état social où tout est sous l'autorité des lois ...”¹⁶¹⁰.

A guerra, neste sentido, não resulta da relação conflituosa de um homem com outro homem, mas de uma relação conflituosa de um Estado com outro Estado. Assim, os particulares só são inimigos acidentalmente – não como homens ou como cidadãos, mas apenas como soldados. Em que consiste então a finalidade da guerra? Responde Rousseau: “La fin de la guerre étant la destruction de l'Etat ennemi, on a droit d'en tuer les défenseurs tant qu'ils ont les armes à la main; mais sitôt qu'ils les posent et se rendent, cessant d'être ennemis ou instrumens de l'ennemi, ils redeviennent simplement hommes et l'on n'a plus de droit sur leur vie ...”¹⁶¹¹.

Numa análise aproximativa com o homem social, o homem selvagem distancia-se dele diametralmente, pois, para ele, o estado de guerra nem sequer existe, na medida em que não tendo “... cet admirable talent; et faute de sagesse et de raison, on le voit toujours se livrer étourdiment au premier sentiment de l'Humanité ...”¹⁶¹². Exemplo disso são as rebeliões, as brigas

¹⁶⁰⁹ *Ib.*, p. 356. “Renunciar à sua liberdade é renunciar à sua condição de homem, aos direitos da humanidade, e até mesmo aos próprios deveres (...). Tal renúncia é incompatível com a natureza do homem, e destituir sua vontade de toda liberdade é o mesmo que destituir suas acções de toda moralidade ...”.

¹⁶¹⁰ *Ib.*, p. 357. “É a relação entre as coisas e não entre os homens que gera a guerra, e não podendo o estado de guerra nascer das simples relações pessoais, mas apenas das relações reais, não pode existir a guerra particular ou de homem a homem – nem no estado de natureza, onde não há propriedade constante, nem no estado social onde tudo é regulamentado pela autoridade das leis ...”.

¹⁶¹¹ *Ib.*. “Sendo a finalidade da guerra a destruição do Estado inimigo, tem-se direito de matar seus defensores desde que empunhem armas; mas tão logo as baixem e se rendam, deixando de ser inimigos ou instrumentos do inimigo, tornam-se simplesmente homens, e não temos mais direito sobre a sua vida ...”.

¹⁶¹² *Cfr.* Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 156. “... esse admirável talento e, por falta de sabedoria e de razão, vemo-lo sempre entregar-se estouvadamente ao primeiro sentimento de humanidade ...”.

das ruas, em que "... la Populace s'assemble, l'homme prudent s'éloigne: c'est la canaille, ce sont les femmes des Halles, qui séparent les combattants, et qui empêchent les honnêtes gens de s'entr'égorger .."¹⁶¹³.

Deste modo, a relação natural que o Homem mantém com os seus semelhantes é bondosa. Contudo, tendo por base a distinção entre estado natural e estado social, essa relação acaba por ser baseada numa dimensão específica, que Rousseau descreve nos seguintes moldes:

"... et c'est faute d'avoir suffisamment distingué les idées, et remarqué combien ces Peuples étoient déjà loin du premier état de Nature, que plusieurs se sont hâtés de conclure que l'homme est naturellement cruel et qu'il a besoin de police pour l'adoucir, tandis que rien n'est si doux que lui dans son état primitif, lorsque placé par la nature à des distances égales de la stupidité des brutes et des lumières funestes de l'homme civil, et borné également par l'instinct et par la raison à se garantir du mal qui le menace, il est retenu par la pitié Naturelle de faire lui-même du mal à personne, sans y être porté par rien, même après en avoir reçu ..."¹⁶¹⁴.

No entanto, com "... la moralité commençant à s'introduire dans les Actions humaines ..."¹⁶¹⁵, acelerou-se também a passagem do homem do seu estado natural ao estado social, começando cada um a ser juiz e justiceiro das ofensas recebidas, justificando-se, assim, o surgimento das punições. Estas "... devinssent plus sévères à mesure que les conditions d'offenser devenoient plus fréquentes, et que c'étoit à la terreur des vengeances de tenir lieu du frein des Lois ..."¹⁶¹⁶, pelo que "... la bonté convenable au pur état de Nature n'étoit plus celle qui convenoit à la Société naissante ..."¹⁶¹⁷.

¹⁶¹³ Ibidem. "... o populacho se reúne, [e] o Homem prudente se afasta; é a canalha, são as mulheres dos mercados que separam os combatentes e impedem as pessoas de bem de degolarem-se reciprocamente ...".

¹⁶¹⁴ Ib., p. 170. "... por não terem distinguido suficientemente as ideias e observado quão distantes tais povos [povos selvagens] já estavam do primeiro estado de natureza é que vários estudiosos se precipitaram em concluir que o Homem é naturalmente cruel e que é necessário a policia para amansá-lo, quando nada é tão manso como ele em seu estado primitivo, quando, colocado pela natureza em igual distância da estupidez dos brutos e das luzes funestas do homem civil e limitado tanto pelo instinto como pela razão a proteger-se do mal que o ameaça, é contido pela piedade natural de fazer ele próprio mal a alguém, sem a isso ser levado por nada, mesmo depois de tê-lo recebido ...".

¹⁶¹⁵ Ib.. "... a moralidade a introduzir-se nas acções humanas ...".

¹⁶¹⁶ Ib., pp. 170 – 171. "... deviam tornar-se mais severas à medida que as ocasiões de ofender ficavam mais frequentes e que competia ao terror das vinganças ficar no lugar do freio das leis ...".

¹⁶¹⁷ Ib., p. 170. "... a bondade conveniente ao puro estado de natureza já não era a que convinha à sociedade nascente ...".

Embora para Rousseau este estado selvagem já resultasse de mudanças que implicaram menor tolerância e uma modificação no que se refere à piedade natural, ele considera, no entanto, que continua a ser o período em que o desenvolvimento das faculdades humanas, "... tenant un juste milieu entre l'indolence de l'état primitif et la pétulante activité de nôtre amour propre, dut être l'époque la plus heureuse et la plus durable ..." ¹⁶¹⁸.

Se, de facto, se pretender fundamentar uma dimensão ética no pensamento de Jean-Jacques Rousseau é essencial que se estabeleça de um modo evidente a distinção entre o homem natural e o homem social. O primeiro vive em si mesmo, enquanto que o segundo vive fora de si, faz depender a sua vivência da opinião dos outros. Nas palavras de Rousseau "... d'une telle disposition naît tant d'indifférence pour le bien et le mal, avec de si beaux discours de morale; comment, tout se réduisant aux apparences, tout devient factice et joué; honneur, amitié, vertu, et souvent jusqu'aux vices mêmes, dont on trouve enfin le secret de se glorifier ..." ¹⁶¹⁹.

3.3. Defesa de uma ética da sensação

Quanto à moralidade da vida humana, Rousseau começa por realçar a relação intrínseca entre o sentimento e prática das nossas acções: "S'il est vrai que le bien soit bien, il doit l'être au fond de nos coeurs comme dans nos oeuvres, et le premier prix de la justice est de sentir qu'on la pratique ..." ¹⁶²⁰. Para o autor, a moralidade é uma questão do foro privado, daí a importância do auto-conhecimento: "Il faut donc tourner d'abord mes regards sur moi pour connoître l'instrument dont je veux me servir, et jusqu'à quel point je puis me fier à son usage ..." ¹⁶²¹. E neste sentido que

¹⁶¹⁸ *Ib.*, p. 171. "... mantendo-se no exacto meio-termo entre a indolência do estado primitivo e a petulante actividade de nosso amor-próprio, deve ter sido a época mais feliz e duradoura ...".

¹⁶¹⁹ *Ib.*, p. 193. "... de tal disposição nasce tanta indiferença pelo bem e pelo mal, com tão belos discursos sobre moral; como, reduzindo-se tudo às aparências, tudo se torna factício e artificial: honra, amizade, virtude e amiúde os próprios vícios, dos quais por fim se encontra o segredo de glorificar-se ...".

¹⁶²⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Lettres morales", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 1107. "Se o bem é verdadeiramente um bem, ele deve sê-lo no fundo de nosso coração, tanto quanto em nossas obras, e a primeira recompensa da justiça é sentir que a praticamos ...".

¹⁶²¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Emile ou De l'éducation", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 570. "Devo, pois, voltar o olhar primeiro para mim, a fim de conhecer o instrumento de que me quero servir e saber até que ponto posso confiar em seu uso ...".

o autor considera que a paz interior de uma alma é uma satisfação para o indivíduo, pois, ao contrário, o mal-feitor só encontra alegria fora de si:

“... la sérénité du juste est intérieure; son ris n’est point de malignité mais de joye, il en porte la source en lui même. Seul il est aussi gai qu’au milieu d’un cercle; et ce contentement inaltérable qu’on voit régner en lui il ne tire pas ceux qui l’approchent, il le leur comunique ...”¹⁶²².

Tal estado de alma só é possível de ser alcançado porque todos os homens são constituídos por um princípio chamado de consciência, o qual é “... inné de justice et de vérité morale antérieur à tous les préjugés nationaux, à toutes les maximes de l’éducation. Ce principe est la règle involontaire sur laquelle malgré nos propres maximes nous jugeons nos actions et celles d’autrui comme bonnes ou mauvaises ...”¹⁶²³.

Rousseau reconhece que esta definição de consciência é alvo de várias críticas por parte de alguns filósofos¹⁶²⁴, para os quais bastava “... sitot qu’il est des monstres l’espèce humaine ne fut plus rien ...”¹⁶²⁵. O nosso pensador responde a esta objecção apelando para a importância de um elemento original, a saber, o sentir, “... la vérité est dans les choses et non pas dans mon esprit qui les juge, et que moins je mets du mien dans les jugements que j’en porte, plus je suis sûr d’approcher de la vérité ...”¹⁶²⁶. Daí que, para ele a regra principal seja aquela que “... me livrer au sentiment plus qu’à la raison ...”¹⁶²⁷.

¹⁶²² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Lettres morales”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 1107. “... a serenidade do justo é interior, seu riso não é de maldade mas de alegria, cuja fonte ele traz em si mesmo. Sozinho ele está tão alegre como no meio de um círculo, e esse contentamento inalterável que nele vê reinar não é retirado dos que se aproximam, mas lhes é comunicado ...”.

¹⁶²³ Ibidem, p. 1108. “... inato de justiça e de verdade moral anterior a todos os preconceitos nacionais, a todas as máximas de educação. Esse princípio é a regra involuntária pela qual, apesar de nossas máximas pessoais, julgamos nossas acções e as de outros como boas ou más ...”.

¹⁶²⁴ Ib., pp. 1108 – 1109. “... erreurs de l’enfance, préjugés de l’éducation (...). Il n’y a rien dans l’entendement humain que ce qui s’y introduit par l’expérience et nous ne jugeons d’aucune chose que sur des idées acquises (...). O Montagne, toi qui te piques de franchise et de vérité, sois sincère et vrai si un philosophe peut l’être et dismoi s’il est quelque climat sur la terre où ce soit un crime de garde sa foi, d’être clement, bienfaisant et généreux; où l’homme de bien soit méprisable et le scelerat honoré ...”. “... erros infantis, preconceitos de educação (...). Nada há no entendimento humano que não se tenha introduzido pela experiência, e não julgamos sobre coisa alguma senão com base em ideias adquiridas (...). Ó Montaigne, tu que te orgulhas da franqueza e veracidade, sê sincero e veraz, se é que um filósofo pode sê-lo, e diz-me se há algum lugar sobre a Terra onde seja um crime manter sua palavra, ser clemente, benfeitor e generoso, onde o homem de bem seja desprezível e o celerado receba honras”.

¹⁶²⁵ Ib.. “... a existência de alguns monstros para que a espécie humana não fosse mais nada ...”.

¹⁶²⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De l’éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 573. “... a verdade está nas coisas e não no meu espírito que as julga, e que, quanto menos coloco de meu nos juízos que faço sobre elas, mais estou

E Rousseau continua a sua reflexão sobre esta temática partindo da premissa de que existe e que possui sentidos que o afectam, de onde lhe surge uma dúvida: “Ai-je un sentiment propre de mon existence, ou ne la sens-je que par mes sensations?”¹⁶²⁸. Na resposta, tendo em conta que a “... ma sensation qui est en moi, et sa cause ou son objet qui est hors de moi, ne sont pas la même chose ...”¹⁶²⁹, premissa a partir da qual passa a considerar que “... non-seulement j'existe, mais il existe d'autres êtres, savoir les objets de mes sensations, et quand ces objets ne seroient que des idées, toujours est-il vrai que ces idées ne sont pas moi ...”¹⁶³⁰, conclui que existir é sentir:

“Exister pour nous c'est sentir; et nôtre sensibilité est incontestablement antérieur à nôtre raison même. Quelle que soit la cause de nôtre existence, elle a pourvu à nôtre conservation en nous donnant des sentimens conformes à nôtre nature; et l'on ne sauroit nier qu'qu moins ceux là ne soient innés ...”¹⁶³¹.

A relação que Rousseau estabelece entre as ideias e os sentimentos, então é a de que se as primeiras chegam até nós de fora, os segundos são os que as avaliam, e essas “... sont au dedans de nous ...”¹⁶³², pelo que, “Apercevoir, c'est sentir; comparer, c'est juger: juger et sentir ne sont pas la même chose. Par la sensation, les objets s'offrent à moi séparés, isolés, tels qu'ils sont dans la nature; par la comparaison, je les remüe, je les transporte pour ainsi dire, je les pose l'un sur l'autre pour prononcer sur leur différence ou sur leur similitude, et généralement sur tous leurs rapports ...”¹⁶³³.

seguro de me aproximar da verdade ...”.

¹⁶²⁷ Ibidem. “... me entrega mais ao sentimento do que à razão ...”.

¹⁶²⁸ Ib., pp. 570 – 571. “Terei um sentimento próprio de minha existência, ou só a sinto por minhas sensações?”.

¹⁶²⁹ Ib., p. 571. “... minha sensação, que é eu, e sua causa ou seu objecto, que é fora de mim, não são a mesma coisa ...”.

¹⁶³⁰ Ib.. “... não apenas eu existo, mas existem outros seres, a saber, os objectos de minhas sensações, e mesmo que esses objectos não passem de ideias, continua sendo verdade que essas ideias não são eu ...”.

¹⁶³¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Lettres morales”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 1109. “Para nós existir é sentir, e nossa sensibilidade é incontestavelmente anterior à nossa própria razão. Qualquer que seja a causa de nossa existência, ela proveu a nossa conservação ao dar-nos sentimentos conformes à nossa natureza, e não se poderia negar que ao menos esses são inatos ...”.

¹⁶³² Ibidem. “... estão em nosso interior ...”.

¹⁶³³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De l'éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 571. “Perceber é sentir; comparar é julgar; julgar e sentir não são a mesma coisa. Pela sensação, os objectos oferecem-se a mim separados, isolados, tais como existem na natureza; pela comparação, movimento-os, transporte-os, por assim dizer, coloco-os uns sobre os outros para julgar sua diferença ou sua semelhança e geralmente todas as suas relações ...”.

Daqui passa o autor a apresentar como que uma genealogia da consciência moral, identificando e explicando a que é que se refere quando fala em sentimentos inatos:

“Ces sentimens eu égard à l’individu sont l’amour de soi même, la crainte de la douleur et de la mort, et le desir du bien être. Mais si, comme on n’en peut douter, l’h[omme] est un animal sociable par sa nature ou du moins fait pour le devenir, il ne peut l’être que par d’autres sentimens innés relatifs à son espèce. Et c’est du système moral formé par ce double raport à soi même et à ses semblables que nait l’impulsion naturelle de la conscience ...” ¹⁶³⁴.

Compreende-se, assim, a crítica que faz à posição racionalista vigente, “... que ces tristes raisonneurs sont à plaindre, en effaçant en eux les sentimens de la nature ils détruisent la source de tous leurs plaisirs, et ne savent se delivrer du poids de la conscience qu’en se rendant insensibles ...”¹⁶³⁵. O autor chega, inclusivamente, a questionar qual o significado da existência para aqueles que apenas advogam em favor da razão: “Si nous ne voyons plus dans l’universe que de la matière et du mouvement où seront donc les biens moraux dans nôtre ame est toujours avide, et quel sera le prix de la vie humaine si nous n’en jouissons que pour végéter?”¹⁶³⁶. Entendemos que a evocação que Rousseau faz, na passagem que se segue, é essencial, na medida em que nos possibilita perceber que, sendo o homem por natureza um ser sociável, o princípio que lhe permite essa realização é o da consciência, pois é a consciência que faz com que o homem se eleve acima dos outros animais e atualize em pleno a sua natureza:

“Conscience, conscience, instinct divin, voix immortelle et celeste, guide assuré d’un être ignorant et borné mais intelligent et libre, juge infaillible du bien et du mal, sublime émanation de la substance éternelle, qui rends,

¹⁶³⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Lettres morales”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 1109. “Esses sentimentos, em relação ao indivíduo, são o amor a si mesmo, o medo da dor e da morte, e o desejo do bem-estar. Mas se, como não se pode duvidar, o homem é um animal sociável por sua natureza, ou, pelo menos, feito para tornar-se tal, ele não pode sê-lo senão por meio de outros sentimentos inatos relativos a sua espécie. E é do sistema moral formado por essa dupla relação a si mesmo e a seus semelhantes que nasce o impulso natural da consciência ...”.

¹⁶³⁵ Ibidem, p. 1110. “... como merecem piedade esses tristes raciocinadores. Ao apagar em si os sentimentos da natureza, destroem a fonte de todos os seus prazeres, e não sabem livrar-se do peso da consciência senão tomando-se insensíveis a ela ...”.

¹⁶³⁶ Ibidem. “Se não vemos no universo senão matéria em movimento, onde estariam então os bens morais pelos quais nossa alma incessantemente anseia, e qual será o valor da vida humana se gozamos dela senão para vegetar?”.

l'hommesemblable aux Dieux; c'est toi seule qui fais l'excellence de ma nature. Sans toi je ne sens rien en moi qui m'élève au dessus des bêtes, que le triste privilège de m'égarer d'erreurs en erreurs à l'aide d'un entendement sans règle et d'une raison sans principe ..."¹⁶³⁷.

A natureza humana implica que "S'il est vrai que le bien soit bien, il doit l'être au fond de nos coeurs comme dans nos oeuvres, et le premier prix de la justice est de sentir qu'on la pratique ..."¹⁶³⁸. Portanto, nada é injusto se tudo estiver bem, pois, "La justice est inséparable de la bonté ..."¹⁶³⁹. Assim sendo, "... l'Etre souverainement bon parce qu'il est souverainement puissant, doit être aussi souverainement juste (...); car l'amour de l'ordre qui le produit s'appelle bonté, et l'amour de l'ordre qui le conserve s'appelle justice ..."¹⁶⁴⁰. Por esta razão, não basta que a consciência, enquanto nosso guia, exista, mas é fundamental que seja reconhecida. Contudo, não é isso que ocorre, como, de resto, o próprio autor reconhece, ao se interrogar sobre qual a razão de, falando a consciência "... à tous les coeurs, pourquoi donc y en a-t-il si peu qui l'entendent?"¹⁶⁴¹. A resposta dada por Rousseau é muito objectiva: é porque a consciência moral fala a língua da Natureza. Ouçamo-lo:

"La conscience est timide, elle aime la retraite et la paix; le monde et le bruit l'épouvantent: les préjugés dont on la fait naitre sont ses plus cruels ennemis (...). Elle se rebute enfin à force d'être éconduite. Elle ne nous parle plus; elle ne nous répond plus, et après de si longs mépris pour elle il en coute autant de la rappeler qu'il en coûta de la bannir ..."¹⁶⁴².

¹⁶³⁷ *Ib.*, p. 1111. "Consciência, consciência, instinto divino, voz imortal e celeste, guia seguro de um ser ignorante e limitado, mas inteligente e livre, juiz infalível do bem e do mal, sublime emanção da substância eterna, que torna o homem semelhante aos deuses; és tu apenas que perfazes a excelência da minha natureza. Sem ti não sinto nada em mim que me eleve acima dos animais, a não ser o triste privilégio de me perder de erro em erro com a ajuda de um entendimento sem regra e uma razão sem princípio ...".

¹⁶³⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Emile ou De l'éducation", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 595. "Se é verdade que o bem esteja bem, ele deve estar no fundo de nossos corações assim como nas obras, e o primeiro prémio da justiça é sentir que a praticamos ...".

¹⁶³⁹ *Ibidem*, p. 588. "A justiça é inseparável da bondade ...".

¹⁶⁴⁰ *Ib.*, p. 589. "... o Ser soberanamente bom, por ser soberanamente poderoso, deve ser também soberanamente justo (...); pois o amor da ordem que o produz chama-se bondade e o amor da ordem que o conserva chama-se justiça ...".

¹⁶⁴¹ *Ib.*, p. 601. "... a todos os corações, porque há tão poucos que a escutam?".

¹⁶⁴² *Ib.* "A consciência é tímida, ela ama o sossego e a paz; o mundo e o barulho assustam-na, os preconceitos de que a fazem nascer são seus mais cruéis inimigos (...). Por fim, ela se revolta de tanto ser mandada embora; já não nos fala, já não nos responde e, depois de tão longos desprezos por ela, é tão difícil chamá-la de volta quanto custou bani-la ...".

II. Sociedade

1. Da família à sociedade

1.1. A família

A família é, para Rousseau, a mais antiga de todas as comunidades humanas¹⁶⁴³. Os filhos encontram-se ligados aos pais inicialmente por uma questão de necessidade, o cuidado com a sua conservação. Logo que esta ligação natural termina, aquilo que fundamenta a sua ligação posterior é da ordem do convencional, de onde que o nosso autor faça uma comparação entre a família e a sociedade politicamente organizada¹⁶⁴⁴: “La famille est donc si l'on veut le premier modèle des sociétés politiques; le chef est l'image du pere, le peuple est l'image des enfans, et tous étant nés égaux et libres n'aliénent leur liberté que pour leur utilité ...”¹⁶⁴⁵.

No entanto, existem diferenças substanciais entre ambas. Desde logo, enquanto que, na família, o amor do pai pelos seus filhos é, para aquele, recompensa suficiente pela sua chefia, na sociedade politicamente organizada esse amor não existe, sendo substituída pelo prazer de comandar. Mais: o governo doméstico difere do governo civil, na medida em que, no primeiro

¹⁶⁴³ Sobre este assunto Burgelin é bastante preciso, para o autor a chave do pensamento político de Rousseau passa pelo confronto entre a doutrina da família e a doutrina da humanidade. Assim, escreve: “L'esprit allant volontiers du simple au complexe, ne convient-il pas d'étudier d'abord la société sur le cas où les individus se sentent homogènes au groupe, qui les situe et les encadre exactement? Chacun fait partie d'une famille; ne peut-on voir dans la cite une agglomération de familles, ces “cellules sociales”, dirá-t-on plus tard? L'article *Économie politique* pose que la société se compose de sociétés élémentaires, “tacites ou formelles”, dont elle assure l'intégration. Chacune est une réalité pourvue d'un lien de cohésion interne, une volonté générale par rapport à ses membres, particulière par rapport au tout: l'esprit decors des magistrats, par exemple ...” (cfr. Burgelin, Pierre, *La Philosophie de L'existence de J.-J. Rousseau*, Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1973, pp. 516 – 517).

¹⁶⁴⁴ Esta ideia é eforçada por Burgelin quando afirma: “Dès que les parents ont pourvu aux premiers besoins, l'enfant prenddon indépendance. S'il reste, se ses parents le conduisent à l'humanité, à la civilization, c'est en vertu de la nature actuelle, non de l'autre. Au moment où il se trouve, la famille donc cesse d'être naturelle pour devenir institutionnelle, ou, comme dit Rousseau, contractuelle ...” (Ibidem, p. 519).

¹⁶⁴⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 371. “Pode-se dizer então que a família é o primeiro modelo das sociedades políticas: o chefe é a imagem do pai, o povo é a imagem dos filhos, e tendo todos nascidos iguais e livres, só alienam sua liberdade em proveito próprio ...”.

caso, "... le pere peut tout voir par lui-même ..." ¹⁶⁴⁶; no segundo caso, "... le chef ne voit presque rien que par les yeux d'autrui ..." ¹⁶⁴⁷.

Uma outra diferença é aquela relativa aos direitos de propriedade, já que, "... les enfants n'ayant rien que ce qu'ils reçoivent du pere, il est évident que tous les droits de propriété lui appartiennent, ou émanent de lui; c'est tout le contraire dans la grande famille, où l'administration générale n'est établie que pour assûrer la propriété particuliere, qui lui est antérieure" ¹⁶⁴⁸.

Também o fundamento do poder difere quer na família quer no Estado. Na primeira é um poder baseado na Natureza. Na segunda, é um poder baseado na convenção. Para o nosso autor, com efeito, o poder paternal é estabelecido por natureza e fundamenta-se num aspecto de pendor físico e de conservação, "Le pere étant physiquement plus fort que ses enfans, aussi long-tems que son secours leur est nécessaire ..." ¹⁶⁴⁹. Consequentemente, os deveres do pai encontram a sua origem em sentimentos naturais, fazendo com que a obediência a estes seja inevitável. Quanto à autoridade política do Estado, esta é estabelecida por convenção, visto que os seus membros são naturalmente iguais, pelo que o governante só pode comandar os outros considerando as leis. Por esta razão, a regra que os chefes devem cumprir é a do compromisso.

Desenvolvendo esta questão da diferença de fundamento do poder na família e no Estado, Rousseau apresenta quatro razões para justificar que seja o pai a comandar a família: a autoridade não deve ser igual entre o pai e a mãe, porque, embora haja a necessidade de uma união no governo da casa, deve haver uma voz preponderante; é forçoso excluir a mulher de qualquer tipo de primazia, na medida em que esta não tem os mesmos direitos sobre o marido que este tem sobre ela; os filhos devem obedecer ao pai, quer por necessidade quer por reconhecimento; os criados devem os seus serviços ao senhor, pois é dele a assistência que recebem em troca. Ora, diz Rousseau, "Il n'y a rien de tout cela dans la société politique ..." ¹⁶⁵⁰,

¹⁶⁴⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Discours sur l'économie politique", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 241. "... o pai pode ver tudo por si mesmo...".

¹⁶⁴⁷ Ibidem. "... o chefe não vê nada a não ser pelos olhos dos outros ...".

¹⁶⁴⁸ *Ib.*, p. 242. "... tendo as crianças só o que recebem do pai, é dele que partem todos os direitos de propriedade; ao contrário da grande família em que a administração geral foi estabelecida apenas para assegurar a propriedade particular anterior a ela ...".

¹⁶⁴⁹ *Ib.*, p. 241. "O pai é fisicamente mais forte que seus filhos e estes necessitam da sua protecção por muito tempo ...".

¹⁶⁵⁰ *Ib.*, p. 243. "Nada disso acontece na sociedade política ...".

porque o chefe não tem "... un intérêt naturel au bonheur des particuliers ..." ¹⁶⁵¹ e mesmo "... ne lui est pas rare chercher le sien dans leur misere ..." ¹⁶⁵².

Assim, a grande diferença entre o pai e o chefe político é que o primeiro tem um vínculo natural que o une aos filhos, enquanto que o segundo só se relaciona com os particulares a partir do interesse público e pelas leis. Ora, não possuindo estas qualquer espécie de vínculo natural com os particulares, torna-se inevitável que o interesse pessoal e as paixões do chefe e do governo causem abusos frequentes e consequências funestas à sociedade. Daí que Rousseau considere que "... si la voix de la nature est le meilleur conseil que doit écouter un bon pere pour bien remplir ses devoirs, elle n'est, pour le magistrat, qu'un faux guide qui travaille sans cesse à l'écartier des siens et qui l'entraîne tôt ou tard à sa perte ou à celle de l'état, s'il n'est retenu par la plus sublime vertu ..." ¹⁶⁵³. Se, por um lado, o chefe de família, o pai, deve garantir não agir contra as inclinações naturais, precisando apenas de consultar o seu coração, o mesmo não ocorre com os governantes, porque as inclinações naturais os corrompem, pelo que a única regra que aqueles devem escutar é a da razão pública, a lei.

1.2. O poder parental: a figura da autoridade

Se consideramos as personagens de Sophie e Julie, respectivamente em *Emile ou De l'éducation* e em *Julie, ou La Nouvelle Héloïse*, verificaremos como a família é o elemento preponderante que, aquando da entrada dos jovens na sociedade, estabelece o elo de passagem entre o que é natural e o que é social. Podem-se indicar dois grandes vectores desse elo: por um lado, a família é o lugar por excelência do confronto entre aquilo que é instintivo e o que é social ¹⁶⁵⁴;

¹⁶⁵¹ Ib.. " ... algum interesse natural pela felicidade dos particulares ...".

¹⁶⁵² Ib.. " ... não raro procura alcançar a sua por meio da miséria deles ...".

¹⁶⁵³ Ib.. " ... se a voz da natureza é o melhor conselho que um pai deve escutar para melhor cumprir seus deveres, para o magistrado ela não passa de um falso guia, que trabalha sem cessar para afastá-lo das suas obrigações e conduz cedo ou tarde a uma perda, sua e do Estado, se não for detido pela mais sublime virtude ...".

¹⁶⁵⁴ " ... car la nature a ses droits et le société les siens, à la première les sentiments, à la deuxième la législation. Aussi c'est à la nature que revient le choix du conjoint selon l'inextricable alchimie de l'amour (...), et à la société revient le choix selon (...) les ajustements familiaux ..." (cfr. Vargas, Yves, *Introduction à l'Emile de Rousseau*, Presses Universitaires de France, 1995, p. 238).

por outro lado, é o lugar por excelência de conflito entre a escolha pessoal, a do coração, e a escolha da opinião social¹⁶⁵⁵.

Neste contexto, e para o processo de socialização, é fundamental compreender a figura da autoridade enquanto forma de poder parental no pensamento do nosso autor¹⁶⁵⁶. Quer o pai de Sophie, quer o pai de Julie, embora com posturas completamente diferentes, representam a figura da autoridade paternal, justamente na medida em que, cada um a seu modo, interfere no futuro conjugal das filhas.

A este respeito, e sobre o casamento, as palavras do pai de Sophie são bastante claras: “Rien n’est plus difficile que le choix d’un bon mari (...), il s’agit d’en trouver un qui vous convienne, de le connoître et de vous faire connoître à lui ...”¹⁶⁵⁷. A maior preocupação do pai é aquela que diz respeito à felicidade da filha, isto porque a “... bonheur du mariage dépend de tant de convenances que c’est une folie de les vouloir toutes rassembler ...”¹⁶⁵⁸. E é porque há conveniências de várias ordens - naturais, educacionais e de natureza opinativa -, que os pais têm um papel activo nesta etapa fulcral da vida das filhas¹⁶⁵⁹, pois eles são como que juizes: “Dans les mariages qui se font par l’autorité des pères, on se règle uniquement sur les convenances

¹⁶⁵⁵ “En cas de conflits, il faudra sauver la société au détriment du cœur car derrière le cœur menace toujours la sauvagerie de l’instinct. C’est pourquoi dans *La Nouvelle Héloïse*, Julie, mariée contre son cœur, s’éleve au moment de la cérémonie nuptiale à la compréhension de la sainteté du mariage et son importance pour le genre humain ; elle sait désormais qu’elle sera la fidèle épouse de son mari, reléguant au rang de souvenir magnifique et vain son amour pour Saint-Preux ...” (Ibidem, p. 239).

¹⁶⁵⁶ Sobre esta matéria escreve Shklar: “Rousseau provided portraits of such men of authority in almost every one of his works. Clearly he found them fascinating and deeply attractive. They were far more than mere mechanical contrivances, invented to give a utopia a star. The authority that radiates from great men was obviously a form of psychological power that appealed to Rousseau directly. That was due at least in part to his own sensitivity to relations of authority. He longed for a paternal protector and also feared such men. He was constantly and intensely aware of his own desire for dependence, as well as of dangers of domination that he might thus invite. From the painful experience that inevitably came with these dispositions, he was, as always, able to draw a public message that his figures of authority embodied ...” (cfr. Shklar, Judith N., “Rousseau’s Images of Authority”, in *The Cambridge Companion to Rousseau*, Cambridge University Press, UK, 2001, p. 156).

¹⁶⁵⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De l’éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 755. “Nada é mais difícil do que a escolha de um bom marido (...), trata-se de encontrar entre eles um que te convenha, de conhecê-lo e de fazer com que ele te conheça ...”.

¹⁶⁵⁸ Ibidem. “... felicidade do casamento depende de tantas conveniências, que é loucura querer reuni-las todas ...”.

¹⁶⁵⁹ Relativamente a esta questão escreve Vargas: “On ne doit pas se laisser abuser par les séductions du roman, et s’il est vrai que l’amour éclôt dans le secret des cœurs, dans cette gêne que chacun rend d’autant manifeste qu’il s’efforce de la dissimuler, il reste que cet amour n’échappe jamais – pas une seule fois – au regard du cercle familial. La famille de Sophie est à la fois le cadre, le témoin et l’acteur de l’amour ...” (cfr. Vargas, Yves, *Introduction à l’Emile de Rousseau*, Presses Universitaires de France, 1995, p. 234).

d'institution et d'opinion: ce ne sont pas les personnes qu'on marie, ce sont les conditions et les biens ...”¹⁶⁶⁰.

No entanto não será este modelo convencional que os pais de Sophie irão seguir, de resto como se pode ler nas palavras do pai:

“Je vous propose un accord qui vous marque nôtre estime et rétablisse entre nous l'ordre naturel. Les parens choisissent l'époux de leur fille, et ne la consultent que pour la forme: tel est l'usage. Nous ferons entre nous tout le contraire: vous choisirez, et nous serons consultés. Usez de vôtre droit, Sophie; usez en librement et sagement. L'époux qui vous convient doit être de vôtre choix et non pas du nôtre ...”¹⁶⁶¹.

Porém, não devemos entender estas palavras como uma ausência de autoridade. O que sucede é que a autoridade exercida corresponde não a uma imposição mas a um aconselhamento de carácter regulador¹⁶⁶². Entenda-se como exemplo desse carácter regulador a advertência que é lançada pelo pai à jovem Sophie: “Tant que vous serez de sang-froid restez vôtre propre juge; mais sitot que vous aimerez rendez à vôtre mère le soin de vous ...”¹⁶⁶³. Porque o pai de Sophie pretende a felicidade da filha, está disposto a abdicar da aprovação pública, sem, no entanto, descurar o papel que a família tem na organização da sociedade¹⁶⁶⁴, percebendo-se, assim, que o pai não se

¹⁶⁶⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De l'éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 755. “Nos casamentos que se realizam pela autoridade dos pais, as pessoas baseiam-se unicamente nas conveniências de educação e de opinião; não são as pessoas que se casam, e sim as condições e os bens ...”.

¹⁶⁶¹ Ibidem, p. 757. “Proponho-te um acordo que te prove a nossa estima e restabeleça entre nós a ordem natural. Os pais escolhem o marido da filha e só a consultam formalmente, esse é o costume. Faremos exactamente o contrário: tu escolherás e seremos consultados. Usa o teu direito, Sofia; usa dele livre e sabiamente. O esposo que te convém deve ser da tua escolha e não da nossa ...”.

¹⁶⁶² Tendo em consideração este aspecto regular escreve Vargas: “... le père offre sa fille et la mère la garde. Disons qu'il l'offre sous la garde de la mère qui a pour charge d'adapter l'offre aux circonstances et de réguler le flux de passions. Le père relance la dynamique du mariage si elle s'essouffle (fâcheries, éloignements, projets divergents) et la mère l'oriente vers le but final. Cette distribution naturelle des rôles apparaît dans le “roman” comme autant de caractères singuliers ...” (cfr. Vargas, Yves, *Introduction à l'Emile de Rousseau*, Presses Universitaires de France, 1995, p. 236).

¹⁶⁶³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De l'éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 757. “Enquanto tiveres sangue-frio, continua a ser o teu próprio juiz, mas, assim que amares, devolve à tua mãe o cuidado de ti ...”.

¹⁶⁶⁴ Justamente sobre a importância da articulação entre a família e a sociedade Vargas faz a seguinte análise: “Dans l'enceinte familiale naturelle se distribuent des rôles contraste autour de la fille nubile. Il s'agit contradictoirement de la protéger du désir des hommes et des ses propres instincts, tout en la préparant à y répondre. En fait, il n'y a pas contradiction car il s'agit d'y répondre selon des normes : celles-là mêmes qui produisent la société. Puisque la famille est le lieu où aboutit le désir amoureux en quête d'une fille, elle doit être celui que relance la dynamique sociale. Si elle

afasta nem um pouco do seu dever natural, o de conservar o bem da filha, na medida em que assume que a ele compete – “... juger si vous ne vous trompez pas sur les convenances, et si sans le savoir vous ne faites point autre chose que ce que vous voulez ...”¹⁶⁶⁵.

No caso de Julie, é o pai que, de forma peremptória, é o responsável pela escolha do seu esposo, o Sr. de Wolmar¹⁶⁶⁶: “... mon pere nous déclara à ma mere et a moi qu’il me l’avoit destiné pour époux, et m’ordonna d’un ton qui ne laissoit point de replique à ma timidité de me disposer à recevoir sa main ...”¹⁶⁶⁷. Este é, pois, um casamento que denota de um modo bastante claro como a autoridade paterna defende que as conveniências sociais se sobreponham totalmente às razões do coração e em que a função social do casamento é marcante, pois faz da família a primeira forma de instituição social¹⁶⁶⁸.

Julie, contudo, não está de acordo com o pai: “Je lui protestai netement que jamais M. De Wolmar ne me seroit rien; que j’étois déterminée à mourrir fille; qu’il étoit maitre de ma vie, mais non pas de mon coeur, et que rien ne me feroit changer ma volonté ...”¹⁶⁶⁹. Depois de ter

n’était qu’un réceptable passif où grandissent les filles pour qu’on les y vienne choisir, toute la préformation sociale installée par la quête de l’absente s’évanouirait devant cette offre naturelle. Si on veut que l’homme reste social, la famille ne doit pas être un arbre à filles ...” (cfr. Vargas, Yves, *Introduction à l’Emile de Rousseau*, Presses Universitaires de France, 1995, p. 234).

¹⁶⁶⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile ou De l’éducation”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 759. “... julgar se não te enganas sobre as conveniências e se, sem o saber, não fazes algo diferentes do que queres fazer ...”.

¹⁶⁶⁶ Na interpretação que Shklar faz da figura da autoridade o papel de relevo que atribui a Wolmar é muito importante. Existe de facto uma grande diferença na autoridade exercida pelo o pai de Julie e por Wolmar, seu esposo, porém, aquilo que importa para a nossa análise é a questão do poder paternal representado na figura da autoridade. Sobre o assunto afirma o estudioso de Rousseau: “The man of authority, the genuinely good and capable man, who educates, saves, and builds, is inherently admirable. He automatically arouses moral aspirations in those around him, because to know him is to come aware of morality. Without these qualities teachers are mere masters, fathers are domestic tyrants, and legislators are mere Hobbesian despots. The miracle of the true man of authority is that he subjugates the will of his pupils so that they may develop enough inner strength to throw off the yoke of personal servitude ...” (cfr. Shklar, Judith N., “Rousseau’s Images of Authority”, in *The Cambridge Companion to Rousseau*, Cambridge University Press, UK, 2001, p. 156).

¹⁶⁶⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Julie, ou La Nouvelle Héloïse”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 343. “... meu pai declarou-nos, a minha mãe e a mim, que mo destinara como esposo e ordenou-me, com um tom que não deixava réplica à minha timidez, que me preparasse para receber a sua mão ...”.

¹⁶⁶⁸ A este respeito escreve Shklar: “In all corrupt, that is in all contemporary, societies, parents are the agents who transmit false traditions and habits from one generation to the next. Children are sacrificed to social vanity, cast too early into the conventional mold and, thanks to the ambitions of their fathers, forced into unhappy marriages ...” (cfr. Shklar, Judith N., “Rousseau’s Images of Authority”, in *The Cambridge Companion to Rousseau*, Cambridge University Press, UK, 2001, p. 170).

¹⁶⁶⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Julie, ou La Nouvelle Héloïse”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 348. “Garanti-lhe claramente que jamais o Sr. de Wolmar seria alguma coisa para mim, que estava determinada a morrer solteira, que ele era o dono da minha vida mas não de meu coração, e que nada faria mudar a minha vontade ...”.

tomado tal atitude, seu pai terá percebido que "... ne gagneroit rien sur moi par autorité ..." ¹⁶⁷⁰; assim, vendo que não conseguiu falar à razão da filha, o Sr. Etange decide falar-lhe ao coração:

"Mais que devins-je quand tout à coup je vis à mes pieds le plus sévère des peres attendri et fondant en larmes? Sans me permettre de me lever il me serroit les genoux, et fixant ses yeux mouillés sur les miens, il me dit d'une voix touchante que j'entens encore au dedans de moi: Ma fille! Respecte les cheveux blancs de ton malheureux pere ..." ¹⁶⁷¹.

É bastante interessante perceber de que modo o pai de Julie faz prevalecer a sua autoridade. Não sendo ostensivamente severo como em situações anteriores – "Je ne vous parlerai ni de sa colere, ni des traitemens que j'eus à souffrir ..." ¹⁶⁷² -, decide exercer essa mesma autoridade apelando para sentimentos que entende serem nobres:

"Il est tems de sacrifier au devoir et à honnêteté une passion honteuse qui vous deshonne et que vous ne satisferez jamais qu'aux dépends de ma vie. Ecoutez une fois ce que l'honneur d'un pere et le votre exigent de vous, et jugez vous vous-même ..." ¹⁶⁷³.

Ao conceder a mão de sua filha Julie ao Sr. de Wolmar como forma de gratidão – "Je lui dois la vie ..." ¹⁶⁷⁴ -, o Sr. Etange não tem outra alternativa senão cumprir a sua palavra, pois aquilo que estabeleceu com o Sr. de Wolmar foi uma espécie de contracto ¹⁶⁷⁵. Por este motivo tenta explicar a Julie porque razão não pode violar o contracto. A seguinte passagem revela todo o

¹⁶⁷⁰ Ibidem. "... pela autoridade nada obteria ...".

¹⁶⁷¹ Ib.. "Mas que houve comigo quando, de repente, vi a meus pés o mais severo dos pais, enternecido e desfazendo-se em lágrimas? Sem permitir que me levantasse, apertava-me os joelhos e, fazendo seus olhos molhados nos meus, disse-me com voz comovente que ouço ainda dentro de mim: Minha filha! respeita os cabelos brancos de teu infeliz pai ...".

¹⁶⁷² Ib.. "Não vos falarei nem da sua cólera nem dos tratos que tive de sofrer ...".

¹⁶⁷³ Ib., p. 349. "É tempo de sacrificar ao dever e à honestidade uma paixão vergonhosa que vos desonra e que somente satisfareis a expensas de minha vida. Ouvi por uma vez o que a honra de um pai e a vossa exigem de vós e julgai vós mesma ...".

¹⁶⁷⁴ Ibidem. "Devo-lhe a vida ...".

¹⁶⁷⁵ Relativamente a esta ideia de contracto escreve Burgelin: "Sans doute, M. Etange, avec ses préjugés, a tort; le *Discours* maudit "quiconque ose, au nom même de la nature [le droit paternel], violer le plus sacré de ses droits [celui des amants] (4)", puisque ici le droit du père ne saurait venir de la nature. Mais s'il vient du pacte social il n'est pas moins sacré, Julie le reconnaîtra plus tard ..." (cfr. Burgelin, Pierre, *La Philosophie de L'existence de J.-J. Rousseau*, Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1973, p. 404).

poder paternal e de que modo a figura da autoridade se sustenta em Julie ter sido completamente usurpada na possibilidade de fazer opções. O facto consumado não deixa margem de liberdade à jovem:

“Lui dirai-je: Monsieur, je vous promis ma fille tandis que vous étiez riche, mais à présent que vous n’avez plus rien je me retracte, et ma fille ne veut point de vous? Si ce n’est pas ainsi que j’énonce mon refus, c’est ainsi qu’on l’interprétera: vos amours allégués seront pris pour un prétexte, ou ne seront pour moi qu’un affront de plus, et nous passerons, vous pour une fille perdue, moi pour un malhonnête homme qui sacrifie son devoir et sa foi à un vil intérêt, et joint l’ingratitude à l’infidélité ...” ¹⁶⁷⁶.

Rousseau relata a transformação que ocorreu em Julie no dia do seu casamento, “Arrivée à Eglise, je sentis en entrant une sorte d’émotion que je n’avois jamais éprouvée (...). Je crus voir l’organe de la providence (...), je crus sentir intérieurement une révolution subite ...”¹⁶⁷⁷. Esta foi a forma que o nosso pensador encontrou para demonstrar como o casamento, esse “... saint noeud ...”¹⁶⁷⁸, é a base da constituição familiar e, conseqüentemente, a família é o alicerce da espécie humana. Considerem-se as palavras de Julie que, em última instância, abdica de um grande amor em favor de algo maior:

“La pureté, la dignité, la sainteté du mariage (...), ses chastes et sublimes devoirs si importants au bonheur, à l’ordre, à la paix, à la durée du genre humain, si doux à remplir pour eux-mêmes; toute cela me fit une telle impression (...). Une puissance inconnue sembla corriger tout à coup le desordre de mes affections et les rétablir selon la loi du devoir et de la nature ...”¹⁶⁷⁹.

¹⁶⁷⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Julie, ou La Nouvelle Héloïse”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 349. “Dir-lhe-ei: Senhor, prometi-vos minha filha enquanto fostes rico, mas agora que não tendes mais nada retrato-me e minha filha não vos quer? Se não é assim que enuncio minha recusa é assim que será interpretada: vossos amores alegados serão tomados por um pretexto ou serão para mim apenas uma afronta a mais, e passaremos, vós por uma, moça perdida, eu por um homem desonesto que sacrifica seus deveres e sua palavra a um vil interesse e une a ingratidão à infidelidade ...”.

¹⁶⁷⁷ Ibidem, p. 354. “Ao chegar à Igreja senti, uma espécie de imolação que nunca experimentara (...). Julguei ouvir a voz da providência (...), julguei sentir interiormente uma revelação súbita ...”.

¹⁶⁷⁸ Ib.. “... santo laço ...”.

¹⁶⁷⁹ Ib.. “A pureza, a dignidade, a santidade do casamento (...), seus castos e sublimes deveres, tão importantes para a felicidade, a ordem, a paz, a conservação do género humano, tão doces de cumprir por si mesmos, tudo isso me causou uma impressão (...). Um poder desconhecido pareceu

A ideia do carácter sagrado do contracto é evidente e, de facto, para o nosso autor, o casamento é a primeira forma de contracto no seu sentido convencional. Na família acontece, assim, a passagem de um estado natural, enquanto garante da conservação dos filhos, para um estado social, pois está ela própria alicerçada num contracto primordial, o casamento, do qual "... le Ciel et la terre sont témoins ..." ¹⁶⁸⁰. Esta afirmação é muito interessante na medida em que apela para a confirmação do contracto por parte de duas instâncias. Por um lado, o Céu, e, neste sentido, a "Providence éternelle ..." ¹⁶⁸¹; por outro lado, a terra, e neste sentido, o público, "... garant d'une convention passée en sa présence, et l'on peut dire que l'honneur d'une femme pudique est sous la protection spéciale de tous les gens de bien ..." ¹⁶⁸².

1.3. O surgimento da sociedade

Rousseau atribuiu o surgimento das sociedades politicamente organizadas a razões de ordem defensiva. Porém, na sua óptica, essas mesmas razões transportavam consigo uma intenção perversa, pois o homem rico "Destitué de raisons valables pour se justifier, et de forces suffisantes pour se défendre ..." ¹⁶⁸³, iludiu os seus semelhantes com "... autres maximes, et de leur donner d'autres institutions qui lui fussent aussi favorables que le Droit naturel lui étoit contraire ..." ¹⁶⁸⁴. Considera o nosso autor que estas máximas e instituições serviram de instrumento manipulador, na medida em que permitiram a alguns homens, os ricos, "... employer en sa faveur les forces mêmes de ceux qui l'attaquoient, de faire ses défenseurs de ses adversaires ..." ¹⁶⁸⁵.

Não será difícil de entender que tipo de discurso foi adoptado para fundar esta organização da sociedade, estabelecendo na população a crença de uma segurança baseada num discurso comum, o qual reflectiria a partilha dos mesmos objectivos e a defesa das mesmas

corrigir de repente a desordem de minhas afeições e restabelecê-las segundo a lei do dever e da natureza ...".

¹⁶⁸⁰ Ib.. "... o Céu e a terra são testemunhas ...".

¹⁶⁸¹ Ib., p. 356. "Providência eterna ...".

¹⁶⁸² Ib., p. 360. "... garantia de uma convenção feita em sua presença, e pode-se dizer que a honra de uma mulher pudica está sob a protecção especial de todas as pessoas de bem ...".

¹⁶⁸³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 176. "Destituído de razões válidas para justificar-se e de forças suficientes para defender-se ...".

¹⁶⁸⁴ Ibidem, p. 177. "... outras máximas e outras instituições que lhe[s] fossem tão favoráveis [a eles, ricos] quanto lhe[s] era contrário o direito natural ...".

¹⁶⁸⁵ Ib.. "... empregar em seu favor as próprias forças daqueles que o atacavam, [e] transformar em defensores seus adversários ...".

causas. Na procura de segurança e de estabilidade, o Homem vendeu a sua liberdade por uma ilusão e o preço que acabou por pagar foi o de hipotecar a sua condição natural para todo o sempre, já que aquilo que ocorreu foi que “Tous coururent au devant de leurs fers croyant assurer leur liberté; car avec assés de raison pour sentir les avantages d’un établissement politique, ils n’avoient pas assés d’expérience pour en prévoir les dangers ...”¹⁶⁸⁶.

Assim, para Rousseau, o nascimento das sociedades estruturadas politicamente não se deve fundamentar nem nas conquistas dos mais poderosos, pois o direito de conquista não pode ser fundamentado em outro direito qualquer e aquilo que permanece não é outra lei a não ser a do mais forte, nem na união dos fracos, porque a liberdade era apenas o bem que os pobres tinham a perder, ao contrário dos ricos, que tinham a perder os seus bens. Daqui ser uma ilusão acreditar que os primeiros abdicaram do único bem que possuíam e que os segundos não defenderam os seus. Por isto mesmo, entendia o nosso autor ser mais razoável acreditar que a polis foi “... une chose a été inventée par ceux à qui elle est utile plutôt que par ceux à qui elle fait du tort ...”¹⁶⁸⁷.

Por que razão, então, se lançaram os povos nos braços de um senhor absoluto? A resposta, para Rousseau, é esta: porque pretendiam que o senhor os defendesse do inimigo e salvaguardasse os seus bens e a sua liberdade. Assim, a justificação do direito político passou a ser o medo – “Que nous fera de plus l’ennemi?”¹⁶⁸⁸. É, pois, por esta razão, que Rousseau acusa os políticos de cometerem inúmeros erros e de iludirem os seus semelhantes, como, maximamente, naquilo que se prende com o sentido da fundamentação da escravatura: “... jugent des choses très différentes qu’ils n’ont pas vues, et ils attribuent aux hommes un penchant naturel à la servitude par la patience avec laquelle ceux qu’ils ont sous les yeux supportent la leur ...”¹⁶⁸⁹. Ora, sendo a liberdade um dom que o Homem recebeu da Natureza, ninguém tem o direito de a retirar a ninguém, de modo que, de acordo com o nosso autor, “...comme pour établir l’Esclavage, il a fallu faire violence à la Nature, il a fallu la changer pour perpetuer ce Droit; et les

¹⁶⁸⁶ *Ib.*, pp. 177 – 178. “Todos correram ao encontro de seus grilhões, acreditando assegurar a liberdade, pois, com razão suficiente para perceber as vantagens de um estabelecimento político, não tinham experiência suficiente para prever-lhe os perigos ...”.

¹⁶⁸⁷ *Ib.*, p. 180. “... uma coisa inventada por aqueles a quem é útil mais do que por aqueles a quem prejudica ...”.

¹⁶⁸⁸ *Ib.*, p. 181. “O que nos fará a mais o inimigo?”.

¹⁶⁸⁹ *Ib.* “... julgam coisas muito diferentes que não viram e atribuem aos homens uma inclinação natural para a servidão pela paciência com que aqueles que têm diante dos olhos suportam a deles ...”.

Jurisconsultes (...) ont décidé en d'autres termes qu'un homme ne naît pas homme ..."¹⁶⁹⁰, acabando a sociedade e as leis por serem o resultado de todo este percurso.

A liberdade natural foi destruída com a origem quer das sociedades quer das leis, as quais "... fixèrent pour jamais la Loi de la propriété et de l'inégalité, d'une adroite usurpation firent un droit irrévocable, et pour le profit de quelques ambitieux assujétirent désormais tout le Genre humain au travail, à la servitude et à la misère ..."¹⁶⁹¹. Daqui partiu Rousseau para considerar que, à sociedade nascente e por causa desta, seguiu-se um estado de guerra, de tal modo que sociedade e guerra se tornaram em como que duas faces de uma mesma moeda:

"Les Corps Politiques (...) se ressentirent bientôt des inconveniens qui avoient forcé les particuliers d'en sortir [etat de nature], et ce Etat devint encore plus funeste entre ces grands Corps qu'il ne l'avoit été auparavant entre les individus dont ils étoient composés. De là sortirent les Guerres Nationales, les Batailles, les meurtes, les représailles, qui font fremir la Nature et choquent la raison ..."¹⁶⁹².

Porque o governo nascente nunca se apresentou de uma forma regular e constante, a sociedade desenhada politicamente permaneceu sempre imperfeita, porque a sua constituição era obra do acaso e porque a sua origem teve um fundamento errado, não tendo sequer conseguido "... le tems en découvrant les défauts, et suggérant des remédes, (...) réparer les vices de la Constitution ..."¹⁶⁹³.

¹⁶⁹⁰ Ib., p. 184. "... foi preciso violentar a natureza para estabelecer a escravatura, foi preciso mudá-la para perpétuar esse direito e os jurisconsultos (...) decidiram, em outros termos, que um Homem não nasceria Homem ...".

¹⁶⁹¹ Ib., p. 178. "... fixaram para sempre a lei da propriedade e da desigualdade, de uma hábil usurpação fizeram um direito irrevogável e, para lucro de alguns ambiciosos, sujeitaram daí para frente todo o género humano ao trabalho, à servidão e à miséria ...".

¹⁶⁹² Ib., pp. 178 – 179. "Os corpos políticos (...), logo se ressentiram dos inconvenientes que haviam forçado os particulares a sair dele [estado de natureza], e esse estado tornou-se ainda mais funesto entre esses grandes corpos do que o fora anteriormente entre os indivíduos dos quais eram compostos. Daí provieram as guerras nacionais, as batalhas, os assassinios, as represálias que fazem estremecer a natureza e chocam a razão ...".

¹⁶⁹³ Ib., p. 180. "... o tempo, descobrindo-lhe os defeitos e sugerindo os remédios, (...) reparar os vícios da constituição ...".

2. Necessidade e sentido do contracto social: a emergência do Estado

Para Rousseau, como vimos, uma das primeiras leis naturais do Homem é a da conservação. O problema surge quando começa a preocupar-se com outras necessidades que não estas. Chega-se, assim, a um ponto em que os próprios homens se tornam num obstáculo à preservação do seu estado natural, devido à "... résistance sur les forces que chaque individu peut employer pour se maintenir dans cet état ..." ¹⁶⁹⁴. Aquilo que Rousseau pretende é que o Homem não faça depender a sua existência de coisas supérfluas; daí, aliás, a sua crítica feroz ao luxo e a todas as vaidades da cidade. Porém, a história do Homem parece mostrar que a felicidade é algo que só se atinge quanto mais as extravagâncias se tornam bens de primeira necessidade. A este processo o nosso autor chamou de progresso histórico do Homem. Assim é, então, que, para o nosso pensador, quanto mais rápido for o progresso histórico, mais as vontades particulares se manifestam e cada vez menos o bem comum é tido em consideração. Torna-se, pois, necessário contrariar essa tendência, o que será feito formando "... par aggrégation une somme de forces qui puisse l'emporter sur la résistance, de les mettre en jeu par un seul mobile et de les faire agir de concert ..." ¹⁶⁹⁵.

Para ultrapassar a coerção da minoria sobre a maioria, ou, pelo menos, para a atenuar, Rousseau propõe o contracto social, uma convenção primordial que garanta a liberdade do indivíduo e que participe no bem comum. Nesse sentido define-o assim:

"... une forme d'association qui défende est protegé de toute la force commune la personne et les biens de chaque associé, et par laquelle chacun s'unissant à tous n'obéisse poutant qu'à lui-même et reste aussi libre qu'auparavant? Tel est le problème fondamental dont le contact social donne la solution ..." ¹⁶⁹⁶.

¹⁶⁹⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Du contract social ou Principes du droit politique", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 360. "... resistência sobre as forças que cada indivíduo pode empregar para se manter nesse estado ...".

¹⁶⁹⁵ Ibidem. "... por agregação um somatório de forças que possa agir sobre a resistência, movido por um único interesse e agindo em conjunto ...".

¹⁶⁹⁶ Ib.. "... uma forma de associação que defenda e proteja a pessoa e os bens de cada associado de toda a força comum, e pela qual cada um, unindo-se a todos, só obedeça a si mesmo, permanecendo tão livre quanto antes? Esse é o problema fundamental que o contracto social soluciona ...".

Com esta definição de contracto social, o pensador genebrino pretende mostrar a diferença que existe entre subjugar uma multidão e governar uma sociedade. Assim, num estado que seja defensor do despotismo, aquilo que o autor encontra é um conjunto de homens submetidos a um único homem e, nesse sentido, "... l'on veut une aggrégation, mais non pas une association; il n'y a là ni bien public ni corps politique ..." ¹⁶⁹⁷, subsistindo, outrossim, a vontade de um particular.

Para que o contracto social se efective realmente e não seja violado é fundamental "... l'aliénation totale de chaque associé avec tous ses droits à toute la communauté ..." ¹⁶⁹⁸. Deste modo, fica garantido que "... l'union est aussi parfaite, (...) [puis] car s'il restoit quelques droits aux particuliers, (...) l'état de nature subsisteroit et l'association deviendroit nécessairement tyrannique ou vaine ..." ¹⁶⁹⁹. Rousseau afirma que o pacto social surge no momento em que "Chacun de nous met en commun sa personne et toute sa puissance sous la suprême direction de la volonté générale; et nous recevons en corps chaque membre comme partie indivisible de tout ..." ¹⁷⁰⁰. É deste modo que nasce um corpo moral e colectivo ¹⁷⁰¹, um eu comum, nas palavras do

¹⁶⁹⁷ Ib., p. 359. "... trata-se de uma agregação, mas não de uma associação; não existe aí nem bem público nem corpo político ...". A este respeito escreve Derathé: "Selon Vaughan (*Du Contract social*, éd. Classique, p. 128), cette formule «contient en germe la critique que Rousseau fera de la conception individualiste de l'Etat». Le chapitre ne justifie pas cette interprétation puisque Rousseau montre, au contraire, tout comme l'avait fait Locke, qu'une véritable association suppose le consentement de ceux qui font partie. C'est cette adhésion volontaire qui distingue un simple agrégat où les hommes n'ont d'autre lien que leur commune servitude. C'est dans le même esprit que le Manuscrit de Genève (1. I, ch.v, *in fine*) oppose «États légitimes» aux «atroupemens forcés»" (cfr. Derathé, Robert, "Notes et Variantes" [359], in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes* Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, pp. 1442-1443).

¹⁶⁹⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Du contract social ou Principes du droit politique", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 361. "... a total alienação de cada associado com todos os seus direitos, a toda a comunidade ...".

¹⁶⁹⁹ Ibidem. "... a união é a mais perfeita possível, (...) [pois] se restasse qualquer direito aos particulares (...), subsistiria o estado de natureza e a associação tomar-se-ia necessariamente tirânica e vã ...".

¹⁷⁰⁰ Ib.. "Cada um põe em comum a sua pessoa e todo o seu poder sob a suprema direcção da vontade geral; e enquanto corpo, recebe-se cada membro como parte indivisível do todo ...".

¹⁷⁰¹ Relativamente esta matéria, a interpretação de Derathé diferencia-se da de Vaughan. Assim, escreve Derathé: "Selon Vaughan (*Du Contract social*, éd. Classique, p. XXVIII), cette formule témoigne d'une conception organiciste de la société et celle-ci «suggère infailliblement une absorption des membres individuels dans la vie collective de tout le corps». Nous avons discuté ailleurs cette interprétation (*Rousseau et la science politique de son temps*, Appendice, pp. 410 sq.). Nous nous bornerons à signaler ici que Vaughan ne tient pas compte de l'adjectif «moral» qui qualifie ici le corps politique. Pour Rousseau, un corps moral est un «être moral» ou un «être de raison» qui n'a d'existence qu'en fonction de l'union de ses membres. C'est ce qui résulte du moins de certaines formules du fragment sur l'*État de guerre* (cf. *supra*, p. 608): «Qu'est-ce qu'une personne publique? Je réponds que c'est cet être moral qu'on appelle souverain, à qui le pacte social a donné l'existence ... Au fond, le Corps politique, n'étant qu'une personne morale, n'est qu'un être de raison. Ôtez la convention publique, à l'instant l'Etat est détruit sans le moindre altération dans tout ce qui le compose; et jamais toutes les conventions des hommes ne sauraient changer rien dans le physique des choses.»" (cfr. Derathé, Robert, "Notes et Variantes" [361], in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes* Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1446).

nosso autor, uma pessoa pública, a Cidade, a República, o corpo político ou social, expressões todas estas que também utiliza para designar o “eu comum”, sendo, porém, que a palavra Soberano é o mais rousseauneano dos termos que designam este eu colectivo no seu estado activo, isto é, enquanto soberano na escolha dos seus governantes. No estado passivo designa-o por Estado e, quando em comparação com os seus pares, designa-o de Potência. O nome atribuído aos seus associados – o povo – é, quando são participantes da autoridade, cidadãos, e, quando submetidos às leis do Estado, súbditos.

2.1. O Soberano (o eu colectivo)

2.1.1. A natureza do Soberano

É importante perceber a natureza do acto de associação, pois este implica um envolvimento recíproco do público com os particulares¹⁷⁰², sendo que cada indivíduo “... contractant, (...) avec lui-même ...”¹⁷⁰³ se encontra envolvido sob uma dupla relação, uma, como membro do Soberano, em relação aos particulares, outra, como membro do Estado, em relação ao Soberano. Evidencia-se, assim, a natureza da relação do contractante que é o indivíduo - a de ser cidadão e súbdito ao mesmo tempo. Se, por um lado, o indivíduo, enquanto súbdito, deve obrigações em relação ao Soberano, por outro lado, enquanto cidadão, membro do Soberano, não se pode obrigar a si mesmo. Rousseau é claro quando explica esta relação:

“... est contre la nature du corps politique que le Souverain s’impose une loi qu’il ne puisse enfreindre. Ne pouvant se considérer que sous un seul et même rapport il est alors dans le cas d’un particulier contractant avec soi-même: par où

¹⁷⁰² Moreau explica que “Ce terme [souverain] ne désigne pas une classe, ni une nation, mais la communauté de ceux qui veulent former un Etat, vivre sous les lois, et qui pour cela consentent à incliner leurs volontés particulières devant la volonté générale. (...) c’est-à-dire qu’il ne peut y avoir d’Etat, ni de lois, sans cet engagement préalable que chacun n’exigera pour lui-même que ce qui peut être garanti tous ...” (cfr. Moreau, Joseph, *Jean Jacques Rousseau*, PUF, Paris, 1973, p. 141).

¹⁷⁰³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 362. “... contractante, (...) consigo mesmo ...”.

L'on voit qu'il n'y a ni ne peut y avoir nulle espece de loi fondamentale obligatoire pour le corps du peuple, pas même le contract social ..."¹⁷⁰⁴.

Dentro deste contexto, o autor afirma que "Mais le corps politique ou le Souverain ne tirant son être que de la sainteté du contract ne peut jamais s'obliger, même envers autrui, à rien qui déroge à cet acte primitif (...). Violer l'acte par lequel il existe seroit s'anéantir, et ce qui n'est rien ne produit rien ..." ¹⁷⁰⁵. Mas, para garantir que o pacto social se efetive e não seja um acordo vão, "... chaque individu peut comme homme avoir une volonté particuliere contraire ou dissemblable à la volonté générale qu'il a comme Citoyen ..." ¹⁷⁰⁶.

Assim, para que o pacto social resulte, é necessário que esteja compreendido nele um envolvimento, mesmo que implícito, do indivíduo, de forma a que ninguém possa recusar obedecer à vontade geral, "... ce qui ne signifie autre chose sinon qu'on le forcera d'être libre ..." ¹⁷⁰⁷. Substituindo a liberdade natural pela liberdade civil, sucede que esta surge como condição que "... chaque Citoyen à la Patrie le garantit de toute dépendance personnelle ..." ¹⁷⁰⁸; assim, garantiu-se que o corpo político não se desagregasse, fazendo "... l'artifice et le jeu de la machine politique, et qui seule rend légitimes les engagements civils, lesquels sans cela seroient absurdes, tyranniques, et sujets aux plus énormes abus ..." ¹⁷⁰⁹.

De acordo com Rousseau as sociedades surgiram para tentar conciliar "... l'opposition des intérêts particuliers ..." ¹⁷¹⁰ e, sendo que o único objectivo da vontade geral é o bem comum¹⁷¹¹,

¹⁷⁰⁴ Ibidem. "... é contra a natureza do corpo político que o Soberano imponha-se uma lei que ele não possa rejeitar. Só podendo se considerar sob uma única e mesma relação, encontra-se então no mesmo caso de um particular, contractando consigo mesmo: donde se conclui que não há nem pode haver espécie alguma de lei fundamental obrigatória para o corpo do povo, nem mesmo o contracto social ...".

¹⁷⁰⁵ Ib., p. 363. "Mas, existindo o corpo político ou o Soberano apenas pela integridade do contracto, não pode absolutamente obrigar-se a nada que se oponha a esse acto primitivo (...). Violar o acto pelo qual existe seria anular-se, e, aquilo que não é nada, não produz nada ...".

¹⁷⁰⁶ Ib.. "... cada indivíduo pode, como homem, ter uma vontade particular contrária ou dissonante da vontade geral, que tem como Cidadão ...".

¹⁷⁰⁷ Ib., 364. "... o que não significa outra coisa a não ser que será forçado a ser livre ...".

¹⁷⁰⁸ Ib.. "... cada Cidadão dá à Pátria e que o garante de toda a dependência pessoal ...".

¹⁷⁰⁹ Ib.. "... o artificio e o jogo da máquina política, e [sendo] a única que toma legitimos os compromissos civis que sem ela seriam absurdos, tirânicos e sujeitos aos maiores abusos ...".

¹⁷¹⁰ Ib., p. 368. "... a oposição dos interesses particulares ...".

¹⁷¹¹ A interpretação que Bertram faz das palavras do nosso autor a este respeito é de justamente considerar que "The basic interest that each of us has in safeguarding our freedom underlies Roussau's claim that sovereignty is essentially inalienable ..." (cfr. Bertram, Christopher, *Rousseau and The Social Contrat*, Routledge, London, 2004, p. 100).

só ela pode dirigir “... les forces de l’Etat ...”¹⁷¹². Dentro deste contexto, o nosso pensador define soberania como “... l’exercice de la volonté générale ne peut jamais s’aliéner, et que le souverain, qui n’est qu’un être collectif, ne peut être représenté que par lui-même; le pouvoir peut bien se transmettre, mais non pas la volonté ...”¹⁷¹³. De onde que o Soberano deixa de existir se o povo prometer apenas obedecer, resultando imediatamente que “... les ordres des chefs ne puissent passer pour des volontés générales ...”¹⁷¹⁴.

A soberania é indivisível¹⁷¹⁵. Se a vontade é geral, essa vontade resulta de um acto de soberania e tem valor de lei; se a vontade não é geral “... ce n’est qu’une volonté particuliere, ou un acte de magistrature ...”¹⁷¹⁶, tendo valor de decreto. Para o nosso autor, não admira, pois, que vários sejam os erros que acontecem ao abrigo da falta de exactidão dos políticos:

“... nos politiques ne pouvant diviser la souveraineté dans son principe, la divisent dans son objet; ils la divisent en force et en volonté, en puissance législative et en exécutive, en droits d’impôts, de justice, et de guerre, en administration intérieure et en pouvoir de traiter avec l’étranger: tantôt ils confondent toutes ces parties et tantôt ils les séparent; ils font du Souverain un être fantastique et formé de pieces rapportées ...”¹⁷¹⁷.

É justamente na tentativa de apresentar com clareza os diferentes conceitos, que o autor distingue a vontade de todos da vontade geral¹⁷¹⁸: “... celle-ci ne regarde qu’à l’intérêt commun,

¹⁷¹² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 368. “... as forças do Estado ...”.

¹⁷¹³ Ibidem. “... o exercício da vontade geral, [o qual] não pode alienar-se, e que o soberano, que é apenas um ser colectivo, só pode ser representado por ele mesmo: o poder pode muito bem ser transmitido, mas não a vontade ...”.

¹⁷¹⁴ Ib.. “... as ordens dos chefes podem passar por vontades gerais ...”.

¹⁷¹⁵ Para Bertram o objective de Rousseau, relativamente a esta questão era o de “... reject the idea that sovereignty could be exercised by someone other than the people as a whole and yet still count as their role. Sovereignty, for Rousseau, is a matter of the people applying their capacity for deliberation and decision to the direction of the state, just as autonomous action by an individual involves the application of their capacity for deliberation and decision to what they do ...” (cfr. Bertram, Christopher, *Rousseau and The Social Contract*, Routledge, London, 2004, p. 99).

¹⁷¹⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 369. “... não passa de uma vontade particular, ou de um acto de magistratura ...”.

¹⁷¹⁷ Ibidem. “... nossos políticos, não podendo dividir a soberania no seu principio, dividem-na no seu objecto; dividem-na em força e em vontade, em poder legislativo e em poder executivo, em direitos de impostos, de justiça, e de guerra, em administração interna e em autonomia para tratar com o estrangeiro: tanto confundem essas partes quanto as separam; fazem do Soberano um ser fantástico e formado de peças sobrepostas ...”.

¹⁷¹⁸ Sobre esta matéria escreve Bertram: “The suggestion, though, is that the general will is not arrived at by simple assembling the maximal demands of individuals (the will of all) but, rather, through a rational consideration of how those interests may be furthered, given a similar pursuit of

l'autre regarde à l'intérêt privé, et n'est qu'une somme de volontés particulières: mais ôtez de ces mêmes volontés les plus et les moins qui s'entredétruisent, reste pour somme des différences la volonté générale ..."¹⁷¹⁹. Dentro deste contexto, torna-se claro e sobretudo desejável que as diferenças particulares sejam reconhecidas enquanto tal e que não sejam usurpadas por uma associação que fale a uma só voz, caso contrário o que estaria em causa era a substituição da vontade geral pela vontade de todos¹⁷²⁰:

"Si, quand le peuple suffisamment informé délibère, les citoyens n'avoient aucune communication entre eux, du grand nombre de petites différences résulteroit toujours la volonté générale, et la délibération seroit toujours bonne. Mais quand il se fait des brigues, des associations partielles aux dépens de la grande, la volonté de chacune de ces associations devient générale par rapport à ses membres, et particulière par rapport à l'Etat: on peut dire alors qu'il n'y a plus autant de votans que d'hommes, mais seulement autant que d'associations. Les différences deviennent moins nombreuses et donnent un résultat moins général. Enfin quand une de ces associations est si grande qu'elle l'emporte sur toutes les autres, vous n'avez plus pour résultat une somme de petites différences, mais une différence unique; alors il n'y a plus de volonté générale, et l'avis qui l'emporte n'est qu'un avis particulier ..."¹⁷²¹.

Resta, então, perguntar por aquilo que é próprio do acto de soberania, para, deste modo, compreender como se estabelece a relação de igualdade entre os cidadãos. A resposta dada pelo

interest by others ..." (cfr. Bertram, Christopher, *Rousseau and The Social Contract*, Routledge, London, 2004, p. 106).

¹⁷¹⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Du contract social ou Principes du droit politique", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 371. "... esta olha apenas o interesse comum, a outra olha o interesse privado e é só uma soma de vontades particulares; mas ao retirar dessas vontades os mais e os menos que aí se introduzem, a soma das diferenças é a vontade geral ...".

¹⁷²⁰ "Par volonté générale il ne faut pas entendre nécessairement unanimité des voix. Il se peut aussi que le plus grand nombre des citoyens veuille des choses contraires à les intérêt commun. C'est la faiblesse inhérente au corps politique: ce qui peut en définitive causer sa perte et sa mort ..." (cfr. Scarca, D., "Souveraineté/Souverain", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 867).

¹⁷²¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Du contract social ou Principes du droit politique", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, pp. 371 – 372. "Quando o povo, suficientemente informado, delibera, se os Cidadãos não tiverem nenhuma comunicação entre si, da variedade de pequenas diferenças resultaria sempre a vontade geral, e todas as vezes a deliberação seria boa. Mas, quando se fazem intrigas, associações parciais às expensas do todo, a vontade de cada uma dessas associações torna-se geral em relação aos seus membros, e particular em relação ao Estado; pode-se dizer, então, que não há tantos votantes quantos são os homens, mas somente tantas quantas são as associações. Finalmente, quando uma dessas associações é tão grande que se sobrepõe a todas as outras, não teréis como resultado de uma soma de pequenas diferenças, mas uma diferença única; então, não há mais vontade geral e a opinião que domina é particular ...".

nosso autor é a de que é “... une convention du corps avec chacun de ses membres; convention légitime, parce qu'elle a pour base le contract social; équitable, parce qu'elle est commune à tous; utile, parce qu'elle ne peut avoir d'autre objet que le bien général; et solide, parce qu'elle a pour garant la force publique et le pouvoir suprême ...”¹⁷²². Contudo, é importante perceber que, devido à sua natureza, o poder Soberano não pode ultrapassar os limites das convenções gerais, pois “... n'est jamais en droit de charger un sujet plus qu'un autre, parce qu'alors, l'affaire devenant particuliere, son pouvoir n'est plus compétent ...”¹⁷²³.

2.1.2. Soberania e representação

Rousseau distingue a noção de governo da noção de soberania. Faz corresponder à primeira aquilo que chama de economia política; à segunda faz corresponder o que chama de autoridade suprema¹⁷²⁴. O governo possui o direito legislativo, obrigando a nação como um todo; a soberania tem o poder executor, só podendo obrigar os particulares. Torna-se, pois, fundamental estabelecer uma vontade geral que se distinga dos interesses particulares, fazendo com que essa vontade geral ganhe um carácter imparcial, na medida em que “... est aussi toujours la plus juste, et que la voix du peuple est en effet la voix de Dieu ...”¹⁷²⁵. Só deste modo se poderá evitar que o povo seja seduzido “... par des intérêts particuliers, qu'avec du crédit et de l'éloquence quelques hommes adroits sauront substituer aux siens ...”¹⁷²⁶.

¹⁷²² Ibidem, pp. 374 – 375. “... uma convenção do corpo com cada um de seus membros: convenção legítima, porque tem por base o contracto social; equitativa, porque é comum a todos; útil, porque não pode ter outro objectivo, a não ser o bem geral; e sólida porque tem por garantia a força pública e o poder supremo ...”.

¹⁷²³ Ib., p. 375. “... nunca tem direito de sobrecarregar mais um súbdito que o outro, uma vez que seu poder não é mais competente, quando o assunto se torna particular ...”.

¹⁷²⁴ Sobre este assunto escreve Bertram: “It is the people who are to exercise supreme power in the state rather than kings, tyrants or even parliaments. In fact, sovereignty is nothing but the exercise of the general will of the people, or, more exactly, the direction of the common force of the united citizenry by principles that issue from their general will ...” (cfr. Bertram, Christopher, *Rousseau and The Social Contract*, Routledge, London, 2004, p. 97).

¹⁷²⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l'économie politique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 246. “... é sempre mais justa e de que a voz do povo é de facto a voz de Deus ...”.

¹⁷²⁶ Ibidem. “... por interesses particulares, apresentados como interesses do povo por alguns homens hábeis, valendo-se do seu prestígio e eloquência ...”.

Rousseau afirma que a vontade geral é o primeiro princípio da economia pública e a primeira regra fundamental do governo. Diz ainda o nosso autor que a economia pública pode-se dividir em popular e tirânica, estabelecendo que “La premiere est celle de tout état, où regne entre le peuple et les chefs unité d’intérêt et de volonté; l’autre existera nécessairement par-tout où le gouvernement et le peuple auront des intérêts différens et par conséquent des volontés opposées ...”¹⁷²⁷.

Tendo isto em conta, Rousseau apresentou três máximas que caracterizam o governo popular¹⁷²⁸. A primeira defende que este deve “... suivre en tout la volonté générale ...”¹⁷²⁹; a segunda que deve “... faites regner la vertu ...”¹⁷³⁰; uma vez que esta “... n’est que cette conformité de la volonté particuliere à la générale ...”¹⁷³¹, a terceira diz ser fundamental “... pouvoir aux besoins publics ...”¹⁷³².

Para o nosso pensador, a autoridade soberana só se mantém na medida em que não é possível à “... Souverineté (...) être représentée ...”¹⁷³³, pois esta consiste “... essentiellement dans la volonté générale, et la volonté ne se représente point: elle est la même, ou elle est autre; il n’y a point de milieu ...”¹⁷³⁴. Deste modo, pode-se concluir que os deputados não podem ser representantes do povo¹⁷³⁵. Eles apenas podem ser “... ses commissaires ...”¹⁷³⁶. Só assim se

¹⁷²⁷ Ib., p. 247. “A primeira corresponde a todo Estado onde reina unidade de interesses e de vontade entre o povo e os chefes, a outra, existirá necessariamente em todo lugar onde o povo e o governo tiverem interesses diferentes, e, consequentemente, vontades opostas ...”.

¹⁷²⁸ Estas três máximas referem-se todas elas a um mesmo centro o da vontade geral. Sobre este aspecto Bertram faz a seguinte interpretação: “We have, then at least two, apparently contradictory, conceptions of the general will as a transcendent standard or principle. Further adding to the complexity of this picture is the fact that Rousseau writes of the general will not only as an attribute of the people as a whole, but also as a property of each individual ...” (cfr. Bertram, Christopher, *Rousseau and The Social Contract*, Routledge, London, 2004, p. 98).

¹⁷²⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’économie politique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 247. “... seguir em tudo a vontade geral ...”.

¹⁷³⁰ *Ibidem*, p. 252. “... fazer reinar a virtude ...”.

¹⁷³¹ Ib.. “... nada mais é do que essa conformidade da vontade particular à geral ...”

¹⁷³² Ib., p. 262. “... atender às necessidades públicas ...”.

¹⁷³³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 429. “... Soberania (...) ser representada ...”.

¹⁷³⁴ *Ibidem*. “... essencialmente na vontade geral e a vontade não se faz absolutamente representar: ela é a mesma ou é outra, não havendo meio termo ...”.

¹⁷³⁵ Carl Schmitt defende a tese de que “... a crise do princípio da representação, ou seja, a crise do princípio no qual repousa o conceito político de poder soberano, desemboca necessariamente na emergência de um poder total ...” (Sá, Alexandre Franco de, *Metamorfose do Poder*, Ariadne Editora, Coimbra, 2004, p. 23).

¹⁷³⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 430. “... seus comissários ...”.

compreende que a lei tenha que ser necessariamente ratificada directamente pelo povo ele mesmo, e que, caso isso não ocorra, a lei não é de forma alguma válida para ser aplicada, sendo que a consequência é a perda da liberdade: "... les peuples modernes qui se croient libres ont des Représentans (...). Quoi qu'il en soit, à l'instant qu'un Peuple se donne Représentans, il n'est plus libre; il n'est plus ..." ¹⁷³⁷, logo, "La loi n'étant que la déclaration de la volonté générale, il est clair que dans la puissance Législative le Peuple ne peut être représenté; mais il peut et doit l'être dans la puissance exécutive, qui n'est que la force appliquée à la loi ..." ¹⁷³⁸.

Por paradoxal que possa parecer, Rousseau sente necessidade de recorrer a uma concepção de liberdade forçada ¹⁷³⁹, na medida em que reconhece os perigos ¹⁷⁴⁰ de um Estado baseado numa vontade geral, sendo o maior perigo aquele que possibilita o estabelecimento de um regime que "... parviendrait enfin à fouler aux pieds les Loix et le Peuple, et à s'établir sur les ruines de la République ..." ¹⁷⁴¹, pois "Les usurpateurs amènent ou choisissent toujours ces tems de troubles pour faire passer, à la faveur de l'effroi public, des loix destructives que le peuple n'adopteroit jamais de sang-froid. Le choix du moment de l'institution est un des caracteres les plus surs par lesquels on peut distinguer l'oeuvre du Législateur d'avec celle du Tiran ..." ¹⁷⁴².

¹⁷³⁷ Ibidem, p. 431. "... os povos modernos, que se acreditam livres, têm Representantes (...). De qualquer modo, um Povo não é mais livre a partir do instante em que se dá Representantes: ele não mais existe ...".

¹⁷³⁸ Ib., p. 148-149. "Se a Lei nada mais é do que a declaração da vontade geral, fica claro que o Povo não pode ser representado no poder Legislativo, mas pode e deve sê-lo no poder executivo, que é a força aplicada à Lei ...".

¹⁷³⁹ Sobre este assunto argumenta Berlin: "To force a man to be free is to force him to behave in a rational manner. A man is free who gets what he wants; what he truly wants is a rational end. If he does not want a rational end, he does not truly want; if he does not want a rational end, what he wants is not true freedom but false freedom. I force him to do certain things which will make him happy. He will be grateful to me for it if he ever discovers what his own true self is: that is the heart of this famous doctrine ..." (Berlin, Isaiah, *Freedom and its Betrayal – Six Enemies of Human Liberty*, Pimlico, London, 2002, p. 47).

¹⁷⁴⁰ Por isso afirma Scarca: "Le pouvoir dont le souverain dispose n'est pas, finalement, sans bornes (...). Si les actes de la souveraineté, les actes authentiques de la volonté générale, engagent également tous les citoyens qui sont tous égaux devant les lois qu'ils se donnent, il n'en reste pas moins vrai, selon Rousseau, que ces actes par lesquels la souveraineté s'exprime et se déclare ne peuvent pas passer les bornes des conventions générales ..." (cfr. Scarca, D., "Souveraineté/Souverain", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 867).

¹⁷⁴¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 191. "... conseguiria por fim pisar com os pés as leis e o povo e estabelecer-se sobre as ruínas da república ...".

¹⁷⁴² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Du contract social ou Principes du droit politique", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 390. "Os usurpadores suscitam ou escolhem sempre esses períodos de perturbação, para conseguir aprovar leis destrutivas, graças ao temor público, e que o povo – de cabeça fria – nunca aprovaria. A escolha do momento da promulgação é uma das manifestações mais seguras pela qual se pode distinguir a obra do Legislador daquela do Tirano ...".

Rousseau defende que deve existir um corpo particular de magistrados que faça a ligação e mantenha o equilíbrio entre as partes: entre o Príncipe e o Povo, bem como entre o Príncipe e o Soberano. A esse corpo, o nosso autor dá o nome de Tribunato, definindo-o como "... le conservateur des loix et du pouvoir législatif ..." ¹⁷⁴³. Assim, a figura do Tribunato assume um papel muito importante, pois, "... n'est point une partie constitutive de la Cité, et ne doit avoir aucune portion de la puissance législative ni de l'exécutive, mais c'est en cela même que la sienne est plus grande: car ne pouvant rien faire il peut tout empêcher ..." ¹⁷⁴⁴.

2.1.3. A Soberania: o primado da lei

Desenvolvendo a sua reflexão sobre a primeira máxima atrás referida (seguir em tudo a vontade geral) Rousseau começa por dizer que é fundamental distinguir a vontade geral da vontade particular, reconhecendo a dificuldade em conciliar a liberdade pública com a autoridade do governo: "Comment se peut-il faire qu'ils obéissent et que personne ne commande, qu'ils servent et n'ayent point de maître; d'autant plus libres en effet que sous une apparente sujétion, nul ne perd de sa liberté que ce qui peut nuire à celle d'un autre?" ¹⁷⁴⁵.

É dentro deste contexto que surge o primado da lei ¹⁷⁴⁶, "Ces prodiges sont [leur] ouvrage ..." ¹⁷⁴⁷. Para o nosso pensador, a lei é o órgão que garante a justiça e a liberdade, já que só por ela os homens podem restabelecer a vontade de todos, e portanto, "... dans le droit [rétablit] l'égalité naturelle entre les hommes ..." ¹⁷⁴⁸. Assim, a respeito da lei conclui Rousseau:

¹⁷⁴³ Ibidem, p. 454. "... o conservador das leis e do poder legislativo ...".

¹⁷⁴⁴ Ib.. "... não é absolutamente uma parte constitutiva da Cidade, e não deve ter parte alguma nem do poder legislativo nem do executivo, e é nisso que seu poder é maior: por não poder fazer nada, pode impedir tudo ...".

¹⁷⁴⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Discours sur l'économie politique", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 248. "Como se pode, ao mesmo tempo, fazer que obedeam e que ninguém os comande, que sirvam e que não tenham senhor, sendo de facto mais livres sob uma aparente sujeição onde ninguém perde parte da sua liberdade, a não ser naquilo que pode prejudicar a do outro?".

¹⁷⁴⁶ Relativamente ao primado da lei analisa Bertram: "The requirement that acts of the sovereign apply to all is a requirement that no one should be outside the law. There are to be no laws which apply some people or some groups of people and not to others (...). Certainly, the law must not name individuals – that would be a clear loss of generality – but it would also be unacceptable for the law to use definite descriptions to single out one group for special treatment ..." (cfr. Bertram, Christopher, *Rousseau and The Social Contract*, Routledge, London, 2004, p. 113).

¹⁷⁴⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Discours sur l'économie politique", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 248. "... a única responsável por esses prodígios ...".

¹⁷⁴⁸ Ibidem. "... por meio do direito, [restabelece] a igualdade natural dos homens ...".

“C’est cette voix céleste qui dicte à chaque citoyen les préceptes de la raison publique, et lui apprend à agir selon les maximes de son propre jugement, et à n’être pas en contradiction avec lui-même ...”¹⁷⁴⁹.

Mais uma vez Rousseau estabelece a distinção entre o estado civil e o estado de natureza¹⁷⁵⁰. O primeiro obedece à lei, o segundo, porque segue a vontade particular, obedece ao princípio de necessidade¹⁷⁵¹. Ora, é justamente enquanto formulação teórica que a lei surge como instrumento capaz de intervir com eficácia na economia pública, porque se num primeiro momento surge concebida como instrumento independentemente de uma vontade particular, como “... une inspiration céleste, qui apprend à l’homme à imiter ici-bas les decrets immuables de la divinité ...”¹⁷⁵², num segundo momento surge com um carácter propedêutico, na medida em que ensina o homem “... à agir selon les maximes de son propre jugement, et à n’être pas en contradiction avec lui-même ...”¹⁷⁵³. Assim, a formulação teórica da lei, relativa à sua eficácia, assenta mais naquilo que o autor pensava ser o espírito da lei e não tanto os modos da sua aplicação:

“La puissance des lois dépend encore plus de leur propre sagesse que de la sévérité de leurs ministres (...). En effet, la première des lois est de respecter les lois: la rigueur des châtimens n’est qu’une vaine ressource imaginée par les petits esprits pour substituer la terreur à ce respect qu’ils ne peuvent obtenir (...).

¹⁷⁴⁹ Ib.. “É essa voz celeste que dita a cada cidadão os preceitos da razão pública e ensina-o a agir de acordo com as máximas de seu próprio juízo e a não entrar em contradição consigo mesmo ...”.

¹⁷⁵⁰ A propósito desta temática escreve Scarca: “L’acte de l’établissement de la société civile coïncide avec une métamorphose de l’homme qui se voit dès lors non plus soumis à l’instinct, à l’impulsion physique, mais capable de consulter sa propre raison, conscient d’être engagé politiquement vis-à-vis de ses semblables: membre du Souverain et membre de l’Etat. La souveraineté, prérogative sans distinction de tous les citoyens, est synonyme de puissance législative: elle est l’exercice de la volonté générale, elle ne s’exprime que par des lois ...” (cfr. Scarca, D., “Souveraineté/Souverain”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 866).

¹⁷⁵¹ Sobre o assunto escreve Bertram: “However much the institutions of a just society reshape human beings (...), that such denaturing has definite limits. «Men as they are» always retain a sense of self and of self-interest that is distinct from society as a whole. They are never wholly engulfed by their common identity as citizens but always retain a private identity as men ...” (cfr. Bertram, Christopher, *Rousseau and The Social Contract*, Routledge, London, 2004, p. 112).

¹⁷⁵² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’économie politique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 248. “... uma inspiração celeste que ensinou o homem neste mundo a imitar os decretos imutáveis da divindade ...”.

¹⁷⁵³ Ibidem. “... a agir de acordo com as máximas de seu próprio juízo e a não entrar em contradição consigo mesmo ...”.

Un imbécille obéi peut comme un autre punir les forfaits: le véritable homme d'état sait les prévenir ..."¹⁷⁵⁴.

3. O Estado

3.1. Estado e Cidadania

Um Estado que aspire à sua perfeição enquanto Estado puro, só poderá ser, para Rousseau, artificial e totalitário, pois a possibilidade da sua existência assenta na ilusão de pensar conseguir anular a vontade humana. No entanto, como a razão dessa possibilidade resulta de uma construção teórica, própria da vontade de um homem ou de um conjunto de homens, um paradoxo transparece, fazendo com que a configuração do Estado oscile entre duas formas possíveis: uma, a do Estado manipulador quando controla o poder (Estado de direito¹⁷⁵⁵); outra, a do Estado manipulado quando deixa de controlar o poder e a todo o custo tenta recuperá-lo (Estado tirânico¹⁷⁵⁶).

Rousseau dá-se conta deste problema. Ao reconhecer-lhe uma vontade, considera o Estado semelhante ao Homem. Daí que perceba que o que se encontra em jogo são duas

¹⁷⁵⁴ *Ib.*, p. 250. "A eficácia das leis depende muito mais de sua própria sabedoria do que da severidade de seus ministros (...). De facto, a primeira das leis é respeitá-las: o melhor dos castigos não passa de recurso vão imaginado por espíritos pequenos para substituir pelo terror o respeito que não podem obter (...). Um imbecil obediente pode, como qualquer outro, punir as confusões, mas o verdadeiro homem de Estado sabe como preveni-las ...".

¹⁷⁵⁵ *Ib.*, p. 253. "C'est alors qu'à la voix du devoir qui ne parle plus dans les coeurs, les chefs sont forces de substituer le cri de la terreur ou le leurre d'un intérêt apparent dont ils trompent leurs créatures. C'est alors qu'il faut recourir à toutes les petites et méprisables ruses qu'ils appellent *maximes d'état, et mystères du cabinet* (...) le véritable intérêt des chefs soit d'anéantir les peuples pour les soumettre, et de ruiner leur propre bien pour s'en assurer la possession ...". "É por isso que os chefes são obrigados a substituir a voz do dever que não fala mais ao coração, pelo grito de terror ou pelo artifício de um interesse aparente por meio do qual enganam seus súditos, e se faz necessário recorrer a todas as pequenas e desprezíveis astúcias por eles chamadas de *máximas de Estado e mistérios de gabinete* (...) o verdadeiro interesse dos chefes é aniquilar os povos para subjugá-los e arruinar os seus bens para se assegurarem da posse deles ...".

¹⁷⁵⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 190 – 191. "C'est du sein de ce désordre et de ces révolutions que le Despotisme élevant par degrés sa tête hideuse et dévorant tout ce qu'il auroit apperçu de bon et de sain dans toutes les parties de l'Etat, parviendroit enfin à fouler aux pieds les Loix et le Peuple et à s'établir sur les ruines de la République ...". "É do seio dessa desordem e dessas revoluções que o despotismo, erguendo paulatinamente sua horrorosa cabeça e devorando tudo o que tivesse percebido de bom e sadio em todas as partes do Estado, conseguiria por fim pisar com os pés as leis e o povo e estabelecer-se sobre suas ruínas ...".

vontades, por isso chama a atenção para o seguinte: “Ce n’est pas que, comme quelques maladies bouleversent la tête des hommes et leur ôtent le souvenir du passé, il ne se trouve quelquefois dans la durée des Etats des époques violentes où les révolutions font sur les peuples ce que certaines crises font sur les individus ...”¹⁷⁵⁷. Nesta medida, o Estado estará condenado ao declínio, tal como o Homem natural esteve. Para Rousseau esta é uma realidade essencial, na medida em que, considera que existem determinadas situações em que pessoa pode ser mais forte do que o próprio Estado:

“Que l’on considère combien dans l’agrégation du corps politique, la force publique est inférieure à la somme des forces particulières, combien il y a, pour ainsi dire, de frottement dans le jeu de toute la machine et l’on trouvera que toute proportion gardée l’homme le plus débile a plus de force pour sa propre conservation que l’Etat le plus robuste n’en a pour la sienne ...”¹⁷⁵⁸.

Assim, a ideia de se criar um Estado perfeito, que produza instrumentos capazes de garantir a homogeneidade da vontade, é o primeiro passo para a sua autodestruição, precisamente porque essa homogeneidade resulta sempre da vontade de alguém, de um indivíduo ou de um grupo, o que constitui um paradoxo. Este é precisamente o Estado no qual o Homem natural não tem lugar, pois a sua idiossincrática transparência é nociva a um Estado que pretende fundamentar a sua existência numa criação artificial e ilusória. O nosso autor é peremptório, quando escreve:

“La différence de l’art humain à l’ouvrage de la nature se fait sentir dans ses effets, les citoyens ont beau s’appeler membres de l’état, ils ne sauroient s’unir à lui comme de vrai membres le sont au corps ; il est impossible de faire que chacun d’eux n’ait pas une existence individuelle et séparée, par laquelle il peut

¹⁷⁵⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 385. “Isso não significa que da mesma forma que certas doenças transtornam a cabeça dos homens e apagam a lembrança do passado, não ocorra algumas vezes, ao longo da história dos Estados, períodos violentos onde as revoluções causam nos povos aquilo que certas crises causam nos indivíduos ...”.

¹⁷⁵⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Que l’état de guerre naît de l’état social”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 606. “Se considerarmos como opoder público é inferior à soma dos poderes particulares, dentro da totalidade do ente político, e em que medida, por assim dizer, há fricção no funcionamento de toda a máquina, descobriremos que o mais fraco dos homens tem proporcionalmente mais poder de preservar-se do que o Estado mais forte ...”.

seul suffire à sa propre conservation ; les nerfs sont moins sensibles, les muscles ont moins de vigueur, tous les liens sont plus lâches, le moindre accident peut tout désunir ...”¹⁷⁵⁹.

Tendo consciência desta realidade, isto é, que o que está em causa é o conflito entre duas vontades¹⁷⁶⁰, a particular e a do Estado, bastará, então, anular uma dessas vontades, argumento este que Rousseau fundamenta na verificação da necessidade que os homens tiveram de alterar negativamente a sua condição: “S’il est bon de savoir employer les hommes tels qu’ils sont, il vaut beaucoup mieux encore les rendre tels qu’on a besoin qu’ils soient; l’autorité la plus absolue est celle qui pénètre jusqu’ à l’intérieur de l’homme, et ne s’exerce pas moins sur la volonté que sur les actions ...”¹⁷⁶¹.

Deste modo, deixamos de ter homens e passamos a ter cidadãos. A transparência do Homem natural é substituída pelo mecanismo da dissimulação do Homem da sociedade – “Il est certain, du moins, que le plus grand talent des chefs est de déguiser leur pouvoir pour le rendre moins odieux, et de conduire l’état si paisiblement qu’il semble n’avoir pas besoin de conducteurs ...”¹⁷⁶². Ocorre, então, uma subordinação das características idiossincráticas dos indivíduos às características do Cidadão. A transparência deixa de ser aquilo que o Homem é enquanto ser natural e passa a ser aquilo que o Homem social artificialmente pretende que seja¹⁷⁶³. Passa,

¹⁷⁵⁹ Ibidem. “A diferença entre o engenho humano e a obra da natureza torna-se evidente nos seus efeitos. Os cidadãos podem qualificar-se como membros do Estado, mas são incapazes de unir-se a ele como membros reais de um corpo; é impossível impede-los de ter uma existência separada, individual, como auto-suficiência; os nervos dessa vinculação são menos sensíveis, os músculos têm menos força, todos os laços são menos firmes, e o menor acidente pode provocar um rompimento geral ...”.

¹⁷⁶⁰ A este respeito escreve Scholz: “Rousseau attempts to reconstruct society preserving the individual’s natural goodness. He does this by creating a theoretical state in which some of the freedoms of the state of nature are sacrificed for greater freedom and happiness in civil society. Whereas the individual was isolated in the state of nature, in civil society the individual becomes part of a greater whole. A crucial difference between his social contract and the organization of society that he critiques is that he uses the natural virtue of the individual as a foundation of the state rather than supplanting that virtue with the rule of law (...), individuals must be taught to be virtuous. In the state, they are virtuous insofar as their will conforms to the general will ...” (cfr. Scholz, Sally, *On Rousseau*. Wadsworth, Belmont, 2001, p. 64).

¹⁷⁶¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’économie politique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 251. “Se é bom saber valer-se dos homens tais como eles são, melhor ainda é transformá-los naquilo que se tem necessidade de que sejam; a autoridade mais absoluta é a que penetra até o interior do homem e que se exerce igualmente sobre a vontade e sobre as acções ...”.

¹⁷⁶² Ibidem, p. 250. “Ao menos uma coisa é certa: o maior talento dos chefes é dissimular seu poder para torná-lo menos odioso, e conduzir o Estado de forma tão aprazível, que pareça não haver necessidade de dirigentes ...”.

¹⁷⁶³ É justamente esta ideia que Scholz sublinha quando afirma que: “Society, however, has hidden humans from themselves, obscuring the souls Nature gave them. Man is hardly recognizable because society has so changed him ...” (cfr. Scholz, Sally, *On Rousseau*. Wadsworth, Belmont, 2001, p. 64).

então, a ser necessário que o Homem dissimule aquilo que é, que perca a sua identidade originária, para se tornar naquilo que é suposto ser enquanto Homem na sociedade. A transparência deixa de ser o mecanismo que permite ao indivíduo mostrar-se tal como ele é perante os outros, para passar a ser o mecanismo que faz com que todos sejam iguais entre si.

Rousseau continua a desenvolver o seu discurso apresentando a lei como instrumento conceptual que possibilita a sua concretização: “Formez donc des hommes si vous voulez commander à des hommes: si vous voulez qu’on obéisse aux lois, faites qu’on les aime, et que pour faire ce qu’on doit, il suffise de songer qu’on le doit faire ...”¹⁷⁶⁴. A tarefa do legislador tem por objectivo modificar a natureza humana, ou seja, o indivíduo enquanto Solitário e, nesta medida, um todo fechado e perfeito. A partir daqui, Rousseau expande a sua argumentação e assume a incompatibilidade entre um Estado perfeito e a condição natural do Homem:

“Celui qui ose entreprend d’instituer un peuple doit se sentir en état de changer, pour ainsi dire, la nature humaine; de transformer chaque individu, qui par lui-même est un tout parfait et solitaire, en partie d’un plus grand tout donc cet individu reçoive en quelque sorte sa vie et son être ...”¹⁷⁶⁵.

Esta mudança, para o nosso pensador, deverá dar-se de modo tal que se possa “... d’altérer la constitution de l’homme (...). Il faut, en un mot, qu’il ôte à l’homme ses forces propres pour lui en donner qui lui soient étrangères et dont il ne puisse faire usage sans le secours d’autrui ...”¹⁷⁶⁶. Revela-se-nos, assim, o modo como Rousseau entende o Estado perfeito. O Estado perfeito só se pode erguer na medida em que se pode manipular o indivíduo e em que se lhe retira a sua capacidade de se distinguir dos outros. A partir do momento em que o Homem não consegue estabelecer a distinção entre o seu eu e o eu do outro, deixa de ter poder de se

¹⁷⁶⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’économie politique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, pp. 251 – 252. “Para se comandar homens é preciso fazer leis que possam ser amadas, de forma que para cumprir o que se deve basta acreditar que se deve fazê-lo ...”.

¹⁷⁶⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 381. “Aquele que ousa empreender a instituição de um povo, deve sentir-se em condição de mudar, por assim dizer, a natureza humana; de transformar cada indivíduo que por si mesmo é um todo perfeito e solitário, em uma parte de um todo maior, do qual esse indivíduo recebe de alguma forma sua vida e seu ser ...”.

¹⁷⁶⁶ Ibidem, pp. 381 – 382. “... alterar a constituição do homem (...). Em uma palavra, é necessário que se destitua o homem de suas próprias forças para lhe dar outras que lhe são estranhas e das quais não pode fazer uso sem a ajuda de alguém ...”.

reconhecer como um todo individual e, portanto, como um Solitário, tornando-se, ao invés, Cidadão. A mudança deve ocorrer ao nível da constituição humana, ou seja, deve-se substituir tudo o que é natural no Homem e que lhe permite estabelecer a distinção entre si e os diferentes indivíduos, por algo que permite fazer com que todos os indivíduos sejam apenas parte de um todo maior. Aqui reside, aliás, a cidadania:

“... chaque Citoyen n’est rien, ne peut rien, que par tous les autres, et que la force acquise par le tout soit égale ou supérieur à la somme des forces naturelles de tous les individus, on peut dire que la législation est au plus haut point de perfection qu’elle puisse atteindre ...”¹⁷⁶⁷.

Rousseau mostra-nos, assim, como é que deixamos de ser agentes para passarmos a ser actores de uma grande peça de teatro, sendo que o papel que temos que representar e que encontra na lei a sua fonte inspiradora é o do Cidadão.

A questão torna-se mais complexa quando se pergunta pelo autor da peça. Porque se subsume o indivíduo à totalidade cívica, a vontade deixa de ser a do indivíduo que, por ela, se distingue dos outros indivíduos, para passar a ser a do Cidadão orientado pelos governantes, actor entre os outros actores que partilha dessoutro rosto da cidadania que é a vontade geral:

“... connoître la volonté générale dans les cas où elle ne s’est point expliquée? Faudra-t-il assembler toute la nation à chaque événement imprévu? Il faudra d’autant moins l’assembler, qu’il n’est pas sûr que sa décision fût l’expression de la volonté générale; que ce moyen est impraticable dans un grand peuple, est qu’il est rarement nécessaire quand le gouvernement est bien intentionné: car les chefs savent assez que la volonté générale est toujours pour le parti le plus favorable à l’intérêt public, c’est-à-dire le plus équitable; de sorte qu’il ne faut qu’être juste pour assurer de suivre la volonté générale ...”¹⁷⁶⁸.

¹⁷⁶⁷ Ibidem, p. 382. “... cada Cidadão não é nada, e não pode nada, a não ser por meio dos outros, e (...) a força adquirida pelo todo é igual ou superior à soma das forças naturais de todos os indivíduos, [podendo-se] dizer que a legislação está no mais alto ponto de perfeição que possa atingir ...”.

¹⁷⁶⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’économie politique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, pp. 250 – 251. “... como se pode conhecer a vontade geral nos casos em que ela não está clara? Será necessário reunir toda a nação a cada acontecimento imprevisto? Quanto mais certo estiver o governo que a sua decisão expressa a vontade geral, menos será necessário reuni-la; essa alternativa é impraticável num grande povo e raramente é necessária quando o governo é bem intencionado, pois os chefes sabem que a vontade

Rousseau introduz, desta forma, um outro elemento no seu discurso, a saber, investe o Estado de algo que é próprio dos indivíduos, ou seja, de vontade. Para Rousseau, “Le corps politique est donc aussi un être moral ...”¹⁷⁶⁹, dotado de uma vontade que é geral e que, portanto, “... tend toujours à la conservation et au bien-être du tout et de chaque partie, et qui est la source des lois, est pour tous les membres de l’état par rapport à eux et à lui, la règle du juste et de l’injuste ...”¹⁷⁷⁰. Ao considerar o corpo político como um ser moral, Rousseau está a conceder-lhe a legitimidade para acrescentar à Natureza aquilo que achar conveniente, podendo deste modo controlar os indivíduos, na medida em que procura dirigir e restringir a liberdade das acções voluntárias do Homem, assim traçando um mais alargado esboço do âmbito da cidadania.

3.2. Função e modelos da governação

No âmbito da sua definição de corpo político¹⁷⁷¹, o nosso autor afirma que “Toute action libre a deux causes qui concourent à la produire, l’une morale, savoir la volonté qui détermine l’acte, l’autre physique, savoir la puissance qui l’exécute (...). Le corps politique a les mêmes mobiles; on y distingue de même la force et la volonté; celle-ci sous le nom de *puissance législative*, l’autre sous le nom de *puissance exécutive* ...”¹⁷⁷². E esses poderes pertencem a quem?:

geral é sempre partidária do interesse público, isto é, da equidade, de maneira que é necessário apenas ser justo para se estar seguro de seguir a vontade geral ...”

¹⁷⁶⁹ Ibidem, p. 245. “O corpo político é também um ser moral ...”. É importante considerar que Rousseau foi influenciado pela leitura de Pufendorf, “Portanto na minha opinião, a definição mais exacta que se pode dar de seres morais é a seguinte: trata-se de certos modos que os seres inteligentes acrescentam às coisas naturais ou aos movimentos físicos, procurando dirigir e restringir a liberdade das acções voluntárias do homem, com o objectivo de colocar ordem, conveniência e a beleza na vida humana”(cfr. Pufendorf, Samuel, *Le Droit de Nature et des Gens*. Jean Nours, Londres, 1740, p. 3).

¹⁷⁷⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’économie politique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 245. “... tende sempre à conservação e ao bem-estar do todo e de cada parte e que é a fonte das leis, é para todos os membros do Estado a regra do justo e do injusto ...”.

¹⁷⁷¹ A este respeito escreve Scarca: “Le corp politique n’est tel que lorsqu’il forme un tout qu’on ne peut pas démembrer sans le détruire. Les gouvernants charges de faire executer les lois ne sont que des mandataires, des commissaries, des officiers du souverain: ils ne forment pas un corps independent ...” (cfr. Scarca, D., “Souveraineté/Souverain”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 867).

¹⁷⁷² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 395. “Toda acção livre é produzida por duas causas: uma moral, a saber, a vontade que determina o acto; e outra física,

“... puissance législative appartient au peuple (...). Il est aisé de voir au contraire, par les principes ci-devant établis, que la puissance exécutive ne peut appartenir à la généralité comme Législatrice ou Souveraine; parce que cette puissance ne consiste qu’en des actes particuliers qui ne sont point du ressort de la loi, ni par conséquent de celui du Souverain, dont tous les actes ne peuvent être que des lois ...”¹⁷⁷³.

Neste contexto, é necessário que a força pública seja ordenada por um agente próprio para poder funcionar de acordo com a vontade geral. O agente a que Rousseau se refere é o governo¹⁷⁷⁴, o qual deve estabelecer a “... communication de l’Etat et du Souverain, qui fasse en quelque sorte dans la personne publique ce que fait dans l’homme l’union de l’ame et du corps ...”¹⁷⁷⁵. Sendo assim, o nosso autor apresenta como definição de governo aquele corpo intermediário criado “... entre les sujets et le Souverain pour leur mutuelle correspondance, chargé de l’exécution des lois, et du maintien de la liberté , tant civile que politique (...). J’appelle donc *Gouvernement* ou suprême administration l’exercice légitime de la puissance exécutive, et Prince ou magistrat l’homme ou le corps chargé de cette administration ...”¹⁷⁷⁶. Porque o governo recebe do Soberano as ordens que dá ao povo, é necessário que o Estado seja equilibrado e que nele “... qu’il y ait égalité entre (...) la puissance du Gouvernement pris en lui-même et (...) la puissance des citoyens qui sont souverains d’un côté et sujets de l’autre ...”¹⁷⁷⁷.

a saber, o poder que a executa (...). O corpo político tem os mesmos móveis; é possível distinguir igualmente nele a força e a vontade: esta recebe o nome de poder legislativo, aquela, o nome de poder executivo ...”.

¹⁷⁷³ Ibidem, pp. 395 – 396. “... o poder legislativo pertence ao povo (...). Por outro lado, é fácil perceber, através dos princípios aqui estabelecidos, que o poder executivo não possa pertencer à generalidade, como Legisladora ou Soberana, uma vez que esse poder só consiste em actos particulares que não são de alçada da lei, nem consequentemente do Soberano, e todos os seus actos só podem ser leis ...”.

¹⁷⁷⁴ De acordo com a opinião de Bertram, “One of Rousseau’s central innovations is his distinction between government and sovereign (...). He argues that although sovereign power is always vested in the people, the power to execute, administer and interpret the laws should be placed in a special body, the government, composed of figures he calls magistrates ...” (cfr. Bertram, Christopher, *Rousseau and The Social Contract*, Routledge, London, 2004, p. 139).

¹⁷⁷⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 396. “... comunicação entre o Estado e o Soberano, significando de alguma forma, na pessoa pública, o mesmo que no homem significa a união da alma e do corpo ...”.

¹⁷⁷⁶ Ibidem. “... entre os súbditos e o Soberano, para sua mútua correspondência, encarregado da execução das leis e da manutenção da liberdade, tanto civil quanto política (...). Chamo então Governo ou suprema administração o exercício legítimo do poder executivo, e de Príncipe ou magistrado, o homem ou o corpo encarregado dessa administração ...”.

¹⁷⁷⁷ Ib.. “... haja igualdade entre (...) o poder do Governo tomado em si mesmo, e (...) o poder dos cidadãos, que são soberanos de um lado e súbditos do outro ...”.

Assim, para Rousseau, não existe apenas um modelo de governo, “... mais (...) il peut y avoir autant de Gouvernemens différens en nature que d’Etats différens en grandeur ...”¹⁷⁷⁸. Para o autor é importante que se compreenda que, pelo facto de a pessoa do magistrado poder representar três vontades distintas, isso é um elemento essencial para se perceber a força que um governo pode ter:

“Premierement la volonté propre de l’individu, qui ne tend qu’à son avantage particulier; secondement, la volonté commune des magistrats, qui se rapporte uniquement à l’avantage du Prince, et qu’on peut appeller volonté de corps, laquelle est générale par rapport au Gouvernement, et particuliere par rapport à l’Etat, dont le Gouvernement fait partie; en troisieme lieu, la volonté du peuple ou la volonté souveraine, laquelle est générale, tant par rapport à l’Etat considéré comme le tout, que par rapport au Gouvernement considéré comme partie du tout ...”¹⁷⁷⁹.

Como consequência directa desta realidade dá-se a divisão dos governos, pois o Soberano pode confiar o governo a todo o povo ou à maior parte do povo, “... en sorte qu’il y ait plus de citoyens magistrats que de citoyens simples particuliers. On donne à cette forme de Gouvernement le nom de *Démocratie* ...”¹⁷⁸⁰. Ou então confia o governo a “... un petit nombre, en sorte qu’il y ait plus de simples Citoyens que de magistrats, et cette forme porte le nom d’*Aristocratie* ...”¹⁷⁸¹. Ou coloca o governo “... dans les mains d’un magistrat unique dont tous les autres tiennent leur pouvoir. Cette troisieme forme est la plus commune, et s’appelle *Monarchie* ou Gouvernement royal ...”¹⁷⁸². Conclui o nosso autor:

¹⁷⁷⁸ Ib., p. 398. “... mas (...) podem existir tantos Governos diferentes pela natureza, quantos Estados diferentes pela extensão ...”.

¹⁷⁷⁹ Ib., pp. 400 – 401. “Primeiramente, a vontade própria do individuo, que tende apenas ao seu beneficio pessoal; segundo, a vontade comum dos magistrados, que diz respeito somente à vantagem do Principe, e que podemos chamar de vontade de corpo, a qual é geral em relação ao Governo, e particular em relação ao Estado do qual o Governo faz parte; em terceiro lugar, a vontade do povo ou a vontade soberana; que é geral, tanto em relação ao Estado considerado como o todo, como em relação ao Governo, considerado como parte do todo ...”.

¹⁷⁸⁰ Ib., p. 403. “... de tal forma que haja mais cidadãos magistrados do que simples cidadãos particulares. Dá-se a essa forma de Governo o nome de Democracia ...”.

¹⁷⁸¹ Ib.. “... um pequeno número, de maneira que haja mais simples Cidadãos que magistrados, e essa forma tem o nome de Aristocracia ...”.

¹⁷⁸² Ib.. “... nas mãos de um único magistrado, do qual todos os outros recebem seu poder. Esta terceira forma é a mais comum, e se chama Monarquia, ou governo Real ...”.

“Les diverses formes des Gouvernemens tirent leur origine des différences plus ou moins grandes qui se trouvèrent entre les particuliers au moment de l'Institution. Un homme étoit-il éminent en pouvoir, en vertu, en richesses ou en crédit? il fut seul élu Magistrat, et l'Etat devint Monarchique; si plusieurs à peu près égaux entre-eux l'emportoient sur tous les autres, ils furent élus conjointement, et l'on eut une Aristocratie; Ceux dont la fortune ou les talents étoient moins disproportionnés et qui s'étoient le moins éloignés de l'Etat de Nature gardèrent en commun l'Administration suprême et formèrent une Démocratie ...”¹⁷⁸³.

Vejamos, então, mais pormenorizadamente, a teorização de Rousseau sobre as diferentes formas de governo.

3.3. Formas de Governo

3.3.1. Democracia

Rousseau começa por afirmar que “... il n’a jamais existé de véritable Démocratie, et il n’en existera jamais. Il est contre l’ordre naturel que le grand nombre gouverne et que le petit soit gouverné ...”¹⁷⁸⁴. Esta forma de governo seria aquela que mais se aproximaria do estado natural defendido pelo autor¹⁷⁸⁵, porém uma situação paradoxal passaria a existir: “... un peuple qui

¹⁷⁸³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondemens de l’inégalité parmi les hommes”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 186. “As diferentes formas de governos originam-se das diferenças mais ou menos acentuadas que existiam entre os particulares no momento da instituição. Era um Homem eminente em poder, em virtude, em riquezas ou em crédito? Foi o único a ser eleito magistrado, e o Estado tornou-se monárquico. Se muitos homens, quase iguais entre si, superavam todos os outros, foram eleitos conjuntamente, e teve-se uma aristocracia. Aqueles cuja fortuna ou talentos era menos desproporcionais e estavam menos distanciados do estado de natureza conservaram em comum a administração suprema e formaram uma democracia ...”.

¹⁷⁸⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 404. “... nunca existiu a verdadeira Democracia e jamais existirá. É contra a ordem natural que o maior número governe e que o menor seja governado ...”.

¹⁷⁸⁵ Para Scholz a articulação entre o *II Discours* e o *Contract Social* é fundamental, pois, para ele: “The *Second Discourse* examines the state of nature and the evolution of moral or political inequality from this natural state. Rousseau’s thorough social critique traces the sources of the limits we place on our own liberty and shows how this “enslavement” becomes cemented in law ...” (cfr. Scholz, Sally, *On Rousseau*. Wadsworth, Belmont, 2001, p. 63).

gouverneroit toujours bien n'auroit pas besoin d'être gouverné ..."¹⁷⁸⁶. Por esta, razão a democracia, enquanto forma de governo, nunca existiu e possivelmente jamais existirá¹⁷⁸⁷. Entende Rousseau ser impossível que o povo se reúna constantemente para deliberar sobre os assuntos públicos. Sobre esta matéria escreve:

"Il n'est pas bon que celui qui fait les loix les exécute, ni que le corps du peuple détourne son attention des vues générales, pour la donner aux objets particuliers. Rien n'est plus dangereux que l'influence des ces intérêts privés dans les affaires publiques ..."¹⁷⁸⁸.

Assim, é essencial que um governo democrático seja aplicado a um "... Etat très petit ..."¹⁷⁸⁹, no qual seja fácil reunir o povo e onde cada cidadão possa conhecer todos os outros; em segundo lugar, deve ser um Estado de "... simplicité de moeurs qui prévienne la multitude d'affaires et [de] discussions ..."¹⁷⁹⁰; por fim, terá que existir "... égalité dans les rangs et dans les fortunes (...) peu ou point de luxe ..."¹⁷⁹¹. Ora, um governo com estas características é muito difícil de edificar, concluindo Rousseau que, "S'il y avoit un peuple de Dieux, il se gouverneroit Démocratiquement. Un Gouvernement si parfait ne convient pas à des hommes ..."¹⁷⁹².

Em *Project de constitution pour la Corse* e relativamente à disponibilidade do povo corso para aceitar as leis de um governo, Rousseau afirma que "... il [le peuple corse] (...) paroit le plus

¹⁷⁸⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Du contract social ou Principes du droit politique", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 404. "... um povo que nunca abusasse do Governo, também não abusaria da independência; um povo que governasse sempre bem, jamais teria necessidade de ser governado ...".

¹⁷⁸⁷ Dentro deste contexto a posição de Scholz é a seguinte: "Democracy, for Rousseau, is probably not suitable for most states because it requires that the people never let their particular wills interfere with their obligation to the general will. Nonetheless, it does seem fitting that those who make the laws ought to execute them. In the end, Rousseau holds that democracy requires a small state to allow for the assembly of the people, relative equality in wealth, and simple customs. The difficulty of combining all these characteristics, which are the same characteristics Rousseau used to describe the perfect State, make it nearly impossible to imagine a pure democracy ..." (cfr. Scholz, Sally, *On Rousseau*. Wadsworth, Belmont, 2001, p. 77).

¹⁷⁸⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Du contract social ou Principes du droit politique", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 404. "Não é bom que aquele que faz as leis as execute, nem que o corpo do povo desvie sua atenção dos interesses gerais, para atribuí-la aos objectivos particulares. Nada é mais perigoso do que a influência dos interesses privados nos assuntos públicos ...".

¹⁷⁸⁹ *Ibidem*, p. 405. "... Estado muito pequeno ...".

¹⁷⁹⁰ *Ib.* "... simplicidade de costumes que evite a variedade de assuntos e [de] discussões ...".

¹⁷⁹¹ *Ib.* "... igualdade nos cargos e nas fortunas (...) pouco ou nenhum luxo ...".

¹⁷⁹² *Ib.*, p. 406. "Se existisse um povo de Deuses, ele se governaria Democraticamente. Um Governo tão perfeito não convém aos homens ...".

heureusement disposé par la nature pour recevoir une bonne administration ...¹⁷⁹³; no entanto reconhece que o abuso das instituições políticas é demasiado frequente, sendo que "... n'est presque pas la peine de la faire pour la voir si vite degenerer ..."¹⁷⁹⁴. Esta situação verifica-se porque ocorre um desajuste¹⁷⁹⁵ entre aquele "... qui gouverne et (...) qui est gouverné ..."¹⁷⁹⁶; por isso, sugere o nosso autor que ou se dá ao governo "... de convenance forment le gouvernement pour la nation ..."¹⁷⁹⁷ ou "... c'est former la nation pour le gouvernement ..."¹⁷⁹⁸. Para Rousseau o povo da Córsega encontra-se num estado em que pode receber uma boa constituição, pois os corsos "... n'ont pas pris encore les vices des autres nations ..."¹⁷⁹⁹, os quais precisam de ser combatidos e eliminados, possibilitando a criação de "... un bon établissement ..."¹⁸⁰⁰.

Sobre o tipo de governo que melhor se pode adequar à ilha em questão, o nosso autor defende que o que determinará a natureza desse mesmo governo é a situação em que se encontra a Córsega¹⁸⁰¹:

"... l'extrême epuiselement où les ont jettés 40 ans de guerres continuelles, la pauvreté présente de leur Isle et l'état de depopulation et de devastation où elle est ne leur permettent pas de se donner sitôt une administration dispendieuse ..."¹⁸⁰².

¹⁷⁹³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Projet de constitution pour la Corse", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 901. "... nenhum povo [como o da Córsega] é tão bem inclinado pela natureza a receber uma boa administração ...".

¹⁷⁹⁴ Ibidem. "... quase não vale a pena corrigi-los, para assistir em seguida a uma nova degeneração ...".

¹⁷⁹⁵ Christopher Bertram afirma: "What Rousseau seems to have in mind here is the thought that if citizens were to govern directly, they would often be involved in judging in cases where their own private interests were involved and would therefore be susceptible to the same distortions of judgement that normally occur in such cases ..." (cfr. Bertram, Christopher, *Rousseau and The Social Contract*, Routledge, London, 2004, p. 157).

¹⁷⁹⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Projet de constitution pour la Corse", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 901. "... que governa e o que é governado ...".

¹⁷⁹⁷ Ibidem. "... uma forma que se ajuste à nação ...".

¹⁷⁹⁸ Ib.. "... se forma a nação de modo a que se ajuste ao governo ...".

¹⁷⁹⁹ Ib., p. 902. "... ainda não adoptaram os vícios das outras nações ...".

¹⁸⁰⁰ Ib.. "... boas instituições ...".

¹⁸⁰¹ Bertram evidencia a importância que Rousseau atribui a três condições que considera como essenciais, "... a small state where citizens know one another and easily assembled. Second, a rough equality both of wealth and status. Third, an absence of luxury which inevitably gives rise to selfishness, laxity and vanity ..." (cfr. Bertram, Christopher, *Rousseau and The Social Contract*, Routledge, London, 2004, p. 157).

¹⁸⁰² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Projet de constitution pour la Corse", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 902. "... a profunda exaustão em que mergulharam, devido a quarenta anos de guerra ininterrupta, a pobreza existente na ilha e o estado de despovoamento e devastação em que ela se encontra, não lhes permitirá adoptar de imediato uma forma de governo dispendiosa ...".

Assim, qualquer que seja o objectivo do povo corso ao instituir uma constituição, impõe-se que seja estável, pois “Quiconque dépend d’autrui et n’a pas ses ressources en lui-même, ne sauroit être libre ...”¹⁸⁰³. É dentro deste contexto que o nosso pensador avança com algumas propostas que considera serem essenciais para servir de fundamento às leis deste povo¹⁸⁰⁴. A primeira proposta é que devem os corsos “... tirer parti de leur peuple et de leur pays ...”¹⁸⁰⁵, a segunda proposta incentiva a “... cultiver et rassembler leurs propres forces ...”¹⁸⁰⁶; por fim, “... ne songer pas plus aux puissances étrangères ...”¹⁸⁰⁷. Conclui Rousseau que o povo corso deve enriquecer não em dinheiro mas em população, na medida em que este poder “... est plus réelle que celle qui vient des finances et produit plus surement son effet ...”¹⁸⁰⁸, compreendendo-se, assim, a importância que atribuirá à agricultura, exactamente porque ela garante “... maintenir un Etat dans l’indépendance ...”¹⁸⁰⁹. De resto, como afirma, “Pour multiplier les h[ommes] il faut multiplier leur subsistence, de là l’agriculture (...), un peuple [devoit] s’étendre sur toute la surface de son territoire, à s’y fixer, à le cultiver dans tous les points ...”¹⁸¹⁰.

O nosso autor sublinha a importância da escolha da forma de governo para esta ilha, entendendo que, por um lado, deve ser a menos onerosa:

“L’administration la moins couteuse est celle qui passe par le moins de degrés et demande le moins de différens ordres, tel est en général l’état républicain et en particulier le démocratique ...”¹⁸¹¹.

¹⁸⁰³ Ibidem, p. 903. “Ninguém pode ser livre se depender dos outros e não dispuser de recursos próprios ...”.

¹⁸⁰⁴ Moreau: “Puisque le gouvernement démocratique n’est pas nécessairement et toujours le meilleur, et que le meilleur gouvernement n’est pas dans tous les cas le même, c’est une tâche ardue pour un peuple de se donner des lois, pour ceux qui veulent former un Etat d’en dresser la constitution. Il leur faut pour cela tenir compte de la situation, des conditions géographiques et historiques, des différents facteurs de la vie sociale ...” (cfr. Moreau, Joseph, “Jean Jacques Rousseau”, PUF, Paris, p. 157).

¹⁸⁰⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Projet de constitution pour la Corse”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 904. “... recorrer em toda a medida do possível ao seu país e ao seu povo ...”.

¹⁸⁰⁶ Ibidem. “... cultivar e reagrupar as suas forças ...”.

¹⁸⁰⁷ Ib.. “... não dar mais atenção às potências estrangeiras ...”.

¹⁸⁰⁸ Ib.. “... é mais real do que o produzido pelas finanças, e tem efeitos mais seguros ...”.

¹⁸⁰⁹ Ib., p. 905. “... a independência externa de um Estado ...”.

¹⁸¹⁰ Ib., p. 904. “Para multiplicar a população é necessário multiplicar os seus meios de subsistência, ou seja, a agricultura (...), o povo [deve] espalhar-se por toda a extensão do território; fixar-se nele e cultivá-lo por completo ...”.

¹⁸¹¹ Ib., p. 906. “A administração de menor custo é aquela que tem a linha de comando mais curta, exigindo o menor número de categorias, este é o Estado republicano, e em especial o democrático ...”.

Por outro lado, deve ser aquela que for mais propícia à agricultura:

“L’administration la plus favorable à l’agriculture est celle dont la force n’étant point reunie en quelque point n’emporte pas l’inégale distribution du peuple mais le laisse également dispersé sur le territoire, telle est la démocratie ...”¹⁸¹².

Como se pode observar, para Rousseau um sistema rural de subsistência implica que o Estado seja democrático. Assim, e relativamente à ilha da Córsega, “... la forme que nous avons à choisir est donnée ...”¹⁸¹³; porém, como a Córsega é uma nação e o governo puramente democrático é mais adequado a uma cidade, é necessário “... un Gouvernement mixte où le peuple ne s’assemble que par parties et où les depositaires de son pouvoir sont souvent changés ...”¹⁸¹⁴. A respeito da exequibilidade desta forma de governo, o nosso autor entende que a estrutura necessária já existe, na medida em que valoriza a impotência de valências já criadas:

“Les pièves et juridictions particulières qu’ils ont formées ou conservées pour faciliter les recouvrements des impôts et l’exécution des ordres sont le seul moyen possible d’établir la démocratie dans tout un peuple qui ne peut s’assembler à la fois dans un même lieu ...”¹⁸¹⁵.

¹⁸¹² Ib.. “A administração mais favorável à agricultura é aquela onde o poder, não estando cocentrado inteiramente em um só ponto, deixa de provocar uma distribuição desigual da população, mas faz com que ela se disperse por igual em todo o território: ou seja a democracia ...”.

¹⁸¹³ Ib., p. 907. “... não temos outra escolha com respeito à forma de governo a ser adoptada ...”.

¹⁸¹⁴ Ib.. “... um governo misto, onde o povo possa reunir-se por partes, e no qual os depositários do poder sejam mudados com intervalos frequentes ...”.

¹⁸¹⁵ Ib., p. 908. “As paróquias rurais e jurisdições formadas ou conservadas para facilitar a cobrança de impostos e a execução das ordens são a única forma possível de estabelecer o regime democrático para toda uma população que não tem condições de se reunir ao mesmo tempo no mesmo lugar ...”.

3.3.2. Aristocracia

Entendia Rousseau que as primeiras sociedades representaram modelos de governo aristocrático¹⁸¹⁶, pois “Les chefs des familles délibéroient entre eux des affaires publiques, [et] les jeunes gens cédoient sans peine à l’autorité de l’expérience ...”¹⁸¹⁷. Para o nosso autor, há três tipos de aristocracia: natural¹⁸¹⁸, electiva¹⁸¹⁹ e hereditária¹⁸²⁰ - “La premiere ne convient qu’à des peuples simples; la troisieme est le pire de tous les Gouvernemens. La deuxieme est le meilleur: c’est l’Aristocratie propement dite ...”¹⁸²¹. Aquilo que determinou que a aristocracia electiva se tornasse a melhor opção, ficou-se a dever ao facto de “... l’inégalité d’institution l’emporta sur l’inégalité naturelle, la richesse (...) fut préférée à l’âge, et l’Aristocratie devint élective ...”¹⁸²².

Na aristocracia, enquanto forma de governo, não deixava Rousseau de ver vantagens, nomeadamente a que permite a “... distinction des deux pouvoirs ...”¹⁸²³ e ainda a “... choix de ses membres ...”¹⁸²⁴. No que se refere à imagem que passa para o exterior, esta sugere ordem e diligência, fazendo com que o “... crédit de l’Etat est mieux soutenu chez l’étranger par de

¹⁸¹⁶ Bertram escreve: “Along with popular sovereignty, Rousseau was to claim later that the second principle established in the *Social Contract* was that aristocracy was the best form of government ...” (cfr. Bertram, Christopher, *Rousseau and The Social Contract*, Routledge, London, 2004, p. 158).

¹⁸¹⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 406. “Os chefes das famílias deliberavam entre si sobre os assuntos públicos, [e] os jovens cediam naturalmente à autoridade da experiência ...”.

¹⁸¹⁸ “Natural aristocracy, rejected as a form of sovereign power is seen as the original form of government. Here Rousseau is thinking of natural deference to established leaders, usually blood-relatives, in simple tribal societies. Although he clearly believes that this form of government can be a good one, it is unlikely to be best for societies that are somewhat more developed and complex ...” (cfr. Bertram, Christopher, *Rousseau and The Social Contract*, Routledge, London, 2004, p. 158).

¹⁸¹⁹ “The best form of government is elective aristocracy. In this form, a small subset of the population are chosen on the grounds of their “probity, enlightenment, experience and all the other reasons for public preferment” (...). Other factors also work in favour of this form: a small assembly of people is easier to convene than a large one and business is carried on more efficiently ...” (ibidem, p. 159).

¹⁸²⁰ “Hereditary aristocracy he describes as the worst of all Governments: it is the culmination of a process of historical degeneration issuing in the emergence of a patrician class who are not likely to be suited to the job of governing ...” (ib., p. 158).

¹⁸²¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, 406. “A primeira convém apenas a povos simples; a terceira é a pior de todos os Governos. A segunda é a melhor: é a Aristocracia propriamente dita ...”.

¹⁸²² Ibidem. “... a desigualdade instituída se [sobrepor] à desigualdade natural (...) [fazendo com que] o critério da idade [fosse] preterido pela riqueza ou o poder, e a Aristocracia se tornou electiva ...”.

¹⁸²³ Ib.. “... distinção entre os dois poderes ...”.

¹⁸²⁴ Ib.. “... escolha dos seus membros ...”.

vénérables sénateurs que par une multitude inconnue ou méprisée ...”¹⁸²⁵. Por outro lado, Rousseau também entendia que a aristocracia transportava consigo desvantagens, nomeadamente aquela que se refere à impossibilidade de “... une égalité rigoureuse ...”¹⁸²⁶. Percebe-se, pois, que esta forma de governo acarreta um perigo inquestionável, o da possibilidade de originar uma oligarquia, e o nosso pensador não concordava que uma minoria de pessoas governasse todas as outras, com muita facilidade, e fizesse valer os seus interesses privados em detrimento do interesse público¹⁸²⁷.

3.3.3. Monarquia

Rousseau começa por definir o monarca como sendo aquele que reúne o poder nas suas mãos e “... qui seul ait droit d’en disposer selon les loix ...”¹⁸²⁸. O que ocorre é que se nas outras formas de governo, o colectivo representa o indivíduo, na monarquia “... un être collectif représente un individu ...”¹⁸²⁹. Muito embora Rousseau entenda esta forma de governo como eficaz, a crítica que lhe dirige é justamente a de, nela, a governação ser dependente da vontade de um único homem¹⁸³⁰.

¹⁸²⁵ Ib., p. 407. “... crédito do Estado no exterior [seja] mais facilmente conseguido por verdadeiros senadores do que por uma multidão desconhecida ou desprezada ...”.

¹⁸²⁶ Ib.. “... uma igualdade rigorosa ...”.

¹⁸²⁷ Para Bertram o problema coloca-se do seguinte modo: “... they will need to be kept in check since their natural affections will lead them to try to convert elective aristocracy into a hereditary form of government unless the law clearly prescribes the form of election. Moreover, this is inevitably an inequalitarian form of government: the magistrates are to be freed from the necessity of work so as to permit them to give all their attention to the business of administration ...” (cfr. Bertram, Christopher, *Rousseau and The Social Contract*, Routledge, London, 2004, p. 159).

¹⁸²⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 408. “... que tem poder de dispor dele sozinho, segundo as leis ...”.

¹⁸²⁹ Ib.. “... um indivíduo representa um ser colectivo ...”.

¹⁸³⁰ Para Bertram, muito embora, Rousseau considere, na monarquia, negativo o governo por um único homem, reconhece-lhe um aspecto favorável “... it is efficient ...”. E continua o autor: “Since the person charged with executing the popular will and the will of the government is the same natural individual, this is a form of government free of inner conflict. The business of government will not be held up by inner dissension or interminable delay but will be quick, efficient and decisive. At least that is Rousseau’s view: he seems not to have considered the possibility that the natural individual in charge might be a hopeless procrastinator or someone pathologically incapable of knowing their own mind. But even though he believes that monarchy will be the best the most vigorous form of government, Rousseau thinks that kings will almost inevitably use their hold on government to subvert the authority of the sovereign and will not reliably pursue the public good ...” (cfr. Bertram, Christopher, *Rousseau and The Social Contract*, Routledge, London, 2004, p. 160).

Na monarquia, “... tout marche au même but, (...); mais ce but n’est point celui de la félicité publique ...”¹⁸³¹. É neste sentido que o nosso autor entende que esta forma de governo só se justifica em Estados de grande dimensão, nos quais a administração é o elemento determinante que regula o grau de proximidade entre o Príncipe e o povo¹⁸³²:

“Plus l’administration publique est nombreuse, plus le rapport du Prince aux sujets diminue et s’approche de l’égalité, en sorte que ce rapport est un ou l’égalité-même dans la Démocratie. Ce même rapport augmente à mesure que le Gouvernement se resserre, et il est dans son *maximum* quand le Gouvernement est dans les mains d’un seul. Alors il se trouve une trop grande distance entre le Prince et le Peuple, et l’Etat manque de liaison. Pour la former il faut donc des ordres intermédiaires: Il faut des Princes, des Grands, de la noblesse pour les remplir. Or rien de tout cela ne convient à un petit Etat, que ruinent tous ces degrés ...”¹⁸³³.

3.3.4. Governos mistos

Para Rousseau não há governos simples, isto porque “Il faut qu’un Chef unique ait des magistrats subalternes; il faut qu’un Gouvernement populaire ait un Chef ...”¹⁸³⁴. Então, uma pergunta se impõe, a saber: um governo deve ser simples ou deve ser um governo misto? Rousseau responde assertivamente:

¹⁸³¹Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 409. “... tudo caminha para o mesmo fim, (...); mas esse não é de modo algum a felicidade pública ...”.

¹⁸³² A este respeito escreve Scholz: “Monarchy, with its single magistrate, is well suited to large, wealthy states but is also a dangerous form of government because the particular will of the monarch easily usurps the general will of the state. Rousseau includes a scathing critique of absolute monarchy noting that it is extremely rare that a person of merit occupies that office ...” (cfr. Scholz, Sally, *On Rousseau*. Wadsworth, Belmont, 2001, p. 78).

¹⁸³³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, pp. 409 - 410. “Quanto mais numerosa é a administração pública, mais a relação do Príncipe com os súditos diminui e se aproxima da igualdade, de modo que essa relação, ou é uma, ou é a igualdade propriamente dita da Democracia. Essa mesma relação aumenta, à medida que o Governo está nas mãos de um só. Então, há uma grande distância entre o Príncipe e o Povo, faltando coesão ao Estado que, para formá-la, necessita de ordens intermediárias: são necessários Príncipes, Grandes, e a nobreza. Ora, nada disso convém a um Estado pequeno, uma vez que todas essas divisões o arruinariam ...”.

¹⁸³⁴ *Ibidem*, p. 413. “Um chefe único precisa de magistrados subalternos; um Governo popular tem um Chefe ...”.

“Le Gouvernement simple est le meilleur en soi, par cela seul qu’il est simple. Mais quand la Puissance exécutive ne dépend pas assez de la législative, c’est-à-dire, quand il y a plus de rapport du Prince au Souverain que du Peuple au Prince, il faut remédier à ce défaut de proportion en divisant le Gouvernement; car alors toutes ses parties n’ont pas moins d’autorité sur les sujets, et leur division les rend toutes ensemble moins fortes contre le Souverain ...”¹⁸³⁵.

Porém, aquilo que o nosso autor considera essencial é que exista um equilíbrio de poderes. Assim, quando o governo estiver forte demais compreende-se a necessidade de “... magistrats intermédiaires, qui, laissant le Gouvernement en son entier, servent seulement à balancer les deux Puissances ...”¹⁸³⁶; por outro lado, quando o governo estiver fraco “... ériger des Tribunaux pour le concentrer ...”¹⁸³⁷. É neste jogo de equilíbrio de forças que se deve entender aquilo a que o autor chamou de governo temperado¹⁸³⁸. Conclui Rousseau a respeito dos governos mistos¹⁸³⁹: “Dans le premier cas on divise le Gouvernement pour l’affoiblir, et dans le second pour le renforcer; car les *maximum* de force et de foiblesse se trouvent également dans les Gouvernemens simples, au lieu que les formes mixtes donnent une force moyenne ...”¹⁸⁴⁰.

¹⁸³⁵ Ib., pp. 413 - 414. “O Governo simples é o melhor em si, pelo simples facto de ser simples. Mas quando o Poder executivo não depende muito do legislativo, ou seja, quando há mais obrigação do Príncipe em relação ao Soberano do que do Povo em relação ao Príncipe, é preciso remediar essa falha de proporção, dividindo o Governo; assim, suas partes não têm a menor autoridade sobre os súbditos, e sua divisão torna-as todas juntas menos fortes em relação ao Soberano ...”.

¹⁸³⁶ Ib., p. 414. “... magistrados intermédios que, deixando o governo íntegro, servem somente para balancear os dois poderes ...”.

¹⁸³⁷ Ib.. “... erguem-se os tribunais para concentrá-lo ...”.

¹⁸³⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 414.

¹⁸³⁹ Relativamente a esta forma de governo argumenta Bertram: “Rousseau canvasses mixed government – that is, a government composed of interdependent institutions – as a pragmatic remedy in the case where the size of the state necessitates a proportionally smaller government (hence more decisive and efficient) in order to compensate for the diminution of moral community among the citizens (...). Here, particular governmental functions can be delegate by the citizenry as a whole to particular individuals and committees. What we have in this case is a dilution of democratic government and its transformation into a form of elective aristocracy ...” (cfr. Bertram, Christopher, *Rousseau and The Social Contract*, Routledge, London, 2004, p. 162).

¹⁸⁴⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 414. “No primeiro caso, divide-se o governo para enfraquecê-lo, e, no segundo, para reforçá-lo, pois se encontra o maximum de força e de fraqueza nos governos simples, enquanto que as formas mistas têm uma força média ...”.

III. Deus

1. Existência e atributos de Deus

Perante a questão de Deus, Rousseau posiciona-se do seguinte modo: “... je crois en Dieu tout aussi fortement que je croye aucune autre vérité ...”¹⁸⁴¹. Com efeito, para o nosso autor, “... l'état de doute est un état trop violent ...”¹⁸⁴², porque, se, por um lado, é permitido à razão questionar e especular, por outro lado, o mesmo não ocorre com a fé, a qual “... ne peut rester long-tems en supens, et se determine sans elle [raison] ...”¹⁸⁴³. É neste sentido que se deve entender a afirmação de que “Le Dogme n'est rien, la morale est tout, Dieu n'exige point de nous de croire puisqu'il ne nous en donne pas le pouvoir, mais il exige la pratique de la vertu parce chacun est maitre de ses actions ...”¹⁸⁴⁴, pois, na medida em que todos têm um sentimento sobre o bem e sobre o mal isso faz com que sejam julgados pelo coração e não pela razão.

De Deus predicava Rousseau atributos, bem como a própria imortalidade da alma, de acordo com a seguinte linha de raciocínio: se Deus existe “... est parfait ...”¹⁸⁴⁵; se é perfeito então “... est sage, puissante et juste ...”¹⁸⁴⁶; se é sábio, e poderoso então “... toute est bien ...”¹⁸⁴⁷; se é justo e poderoso então a “... ame est immortelle ...”¹⁸⁴⁸. Mas o mais importante atributo de Deus era, para o nosso autor, a sua “... une Providence bienfaisante ...”¹⁸⁴⁹, da qual nem os discursos dos filósofos, “... subtilités de la Métaphysique ...”¹⁸⁵⁰, o faziam duvidar: “Je la sens, je la crois, je la

¹⁸⁴¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Lettre de J.J. Rousseau a M. de Voltaire”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 1070. “... creio em Deus tão fortemente quanto em qualquer outra verdade ...”.

¹⁸⁴² Ibidem. “... o estado de dúvida é um estado demasiado violento ...”.

¹⁸⁴³ Ib., pp. 1070 - 1071. “... não pode permanecer muito tempo em suspenso e se decide sem ela [razão] ...”.

¹⁸⁴⁴ Ib., p. 1077. “O dogma não é nada, a moral é tudo, Deus não exige que creiamos pois não nos dá esse poder, mas exige a prática da virtude porque cada um é senhor das suas acções ...”.

¹⁸⁴⁵ Ib., p. 1070. “... é perfeito ...”.

¹⁸⁴⁶ Ib.. “... é sábio, poderoso e justo ...”.

¹⁸⁴⁷ Ib.. “... tudo está bem ...”.

¹⁸⁴⁸ Ib.. “... alma é imortal ...”.

¹⁸⁴⁹ Ib., p. 1075. “... Providência benfazeja ...”.

¹⁸⁵⁰ Ibidem. “... subtilidades da metafísica ...”.

veux, je l'espere, je la défendrai jusque'à mon dernier soupir; et ce sera, de toutes les disputes que j'aurai soutenues, la seule où mon intérêt ne sera pas oublié ..."¹⁸⁵¹.

Entenda-se, contudo, que, na economia do pensamento rousseauiano, a Providência Divina tem um sentido cósmico geral e não um sentido de uma Providência atenta à vida de cada ser humano. Ela, a Providência, é "... seulement universelle, qu'il se contente de conserver les genres et les especes, et de présider au tout, sans s'inquiéter de la maniere dont chaque individu passe cette courte vie ..."¹⁸⁵². Neste sentido, não será difícil perceber que para Rousseau o mundo não seja uma entidade que se move por si mesma, mas que exija uma causa – "... il y a donc de ces mouvemens quelque cause étrangère à lui ..."¹⁸⁵³. Por isso, o nosso autor confessava não poder ver "... rouler le soleil sans imaginer une force qui le pousse, ou que si la terre tourne, je crois sentir une main qui la fait tourner ..."¹⁸⁵⁴.

2. Evolução e complexidade do fenômeno religioso

Fazendo um historial relativo dos tipos de governo que, desde os seus inícios, a humanidade teve, afirma Rousseau: "Les hommes n'eurent point d'abord d'autres Rois que les Dieux, ni d'autre Gouvernement que le Théocratique ..."¹⁸⁵⁵. Este era o governo em que o poder político se confundia com o poder teológico, na medida em que, tendo "... chaque Etat ayant son culte propre aussi bien que son Gouvernement, ne distingoit point ses Dieux de ses loix. La guerre politique étoit aussi Théologique: les départemens des Dieux étoient, pour ainsi dire, fixés par les bornes des Nations ..."¹⁸⁵⁶. De acordo com o nosso autor, "... le paganisme ne fut enfin dans le

¹⁸⁵¹ *Ib.*, p. 1075. "Eu sinto, creio nela, quero-a, espero por ela, defendê-la-ei até ao meu último suspiro; e essa será, de todas as discussões que terei sustentado, a única em que meu interesse não será esquecido ...".

¹⁸⁵² *Ib.*, p. 1069. "... apenas universal, que ele se contenta em conservar os géneros e as espécies e presidir ao todo, sem se inquietar com a maneira como cada individuo passa esta curta vida ...".

¹⁸⁵³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Emile ou De l'éducation", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 575. "... há, pois, alguma causa de seus movimentos estranha a ele ...".

¹⁸⁵⁴ *Ibidem*. "... o sol caminhar sem imaginar uma força que o empurre, ou, se a terra gira, acredito sentir uma mão que a faz girar ...".

¹⁸⁵⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Du contract social ou Principes du droit politique", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 460. "A princípio os homens não tiveram outros Reis que não os Deuses, nem outro Governo, que não o Teocrático ...".

¹⁸⁵⁶ *Ibidem*. "... cada Estado seu culto próprio tanto quanto seu Governo, não distinguiam absolutamente seus Deuses das suas leis. A guerra política era também Teológica: a jurisdição dos Deuses era, de certa forma, fixada pelos limites das Nações ...".

monde connu qu'une seule et même Religion ..."¹⁸⁵⁷, sendo dentro deste contexto que Rousseau considera que, com Jesus e o surgimento do Cristianismo, chegou o momento em que se "... vint établir sur la terre un royaume Spirituel; ce qui, séparant le système Théologique du système politique, fit que l'Etat cessa d'être un, et causa les divisions intestines qui n'ont jamais cessé d'agiter les peuples chrétiens ..."¹⁸⁵⁸.

E esta será a razão pela qual os pagãos começaram a temer os cristãos e a persegui-los:

"Or cette idée nouvelle d'un royaume de l'autre monde n'ayant pu jamais entrer dans la tête des payens, ils regarderont toujours les Chrétiens comme vrais rebelles qui, sous une hypocrite soumission, ne cherchoient que le moment de se rendre indépendans et maitres, et d'usurper adroitement l'autorité qu'ils feignoient de respecter dans leur foiblesse ..."¹⁸⁵⁹.

Tida em conta esta evolução histórica, Rousseau sublinhava a complexidade do fenómeno religioso, por este se apresentar sob três formas, a saber: a religião do Homem¹⁸⁶⁰ ou religião natural, a religião do Cidadão¹⁸⁶¹ ou religião civil e a religião do Padre ou religião eclesial.

Relativamente à primeira¹⁸⁶², caracteriza-a por se manifestar "... sans Temples , sans autels, sans rites, bornée au culte purement intérieur du Dieu Suprême et aux devoirs éternels de

¹⁸⁵⁷ Ib., p. 462. "... o paganismo foi no mundo conhecido uma única e mesma Religião ...".

¹⁸⁵⁸ Ib.. "... veio estabelecer sobre a Terra um reino Espiritual, o qual, separando o sistema teológico do sistema político, fez com que o Estado deixasse de ser uno, causando as divisões intestinas que jamais deixaram de agitar os povos cristãos ...".

¹⁸⁵⁹ Ib.. "Ora, como essa ideia nova de um reino do outro mundo jamais entrou na cabeça dos pagãos, passaram a olhar os Cristãos como verdadeiros rebeldes que, sob uma hipócrita submissão, esperavam apenas o momento de se tornarem independentes e senhores, e de usurparem assim a autoridade que fingiam respeitar na sua fraqueza ...".

¹⁸⁶⁰ De acordo com O'Hagan "The religion of man is founded on theological truth, and so yields accurate knowledge about God. It inspires benevolence towards the universal community and indifference towards the particular ..." (cfr. O'Hagan, Timothy, *Rousseau*, Routledge, London, 1999, p. 225).

¹⁸⁶¹ "The religion of the citizen, being founded on theological error, is mistaken about the real nature of God. Failing to recognize a universal community, it inspires in its believers hostility towards members of other particular communities and limitless loyalty to their own particular community ..." (ibidem.).

¹⁸⁶² "The religion of man which Rousseau moves onto next, has somewhat the opposite faults: it is good for peace between peoples but contributes nothing to their internal solidarity. This religion of man is basically a nondoctrinaire Christianity. It enjoins men to universal peace and brotherhood. Rousseau's principal political objections to such a religion are twofold. First, he argues (...) that although adherence to a universal morality may be admirable, given "men as they are" there is insufficient motive for compliance with such a morality and those that are motivated to comply simply end by delivering themselves into the hands of the unjust and rapacious (...). Second, Rousseau asserts that Christians are indifferent to the success or failure of worldly institutions: their attention is on the next world and not on this one ..." (cfr. Bertram, Christopher, *Rousseau and The Social Contract*, Routledge, London, 2004, pp. 182 – 183).

la morale ...”¹⁸⁶³. Esta era, para ele, “... la pure et la simple Religion de l’Evangile, le vrai Théisme, (...) [ce qu’on appelle] le droit divin naturel ...”¹⁸⁶⁴.

Quanto à segunda¹⁸⁶⁵ descreve-a como estando limitada a um país, que a constitui dando-lhe deuses próprios, fornecendo-lhe também dogmas, ritos e um culto que se exterioriza pelo respeito às leis “Telles furent toutes les Religions des premiers peuples, auxquelles (...) [on doit le] droit divin civil ou positif ...”¹⁸⁶⁶.

Da última¹⁸⁶⁷ dizia ser a “... plus bizarre, qui donnant aux hommes deux législations, deux chefs, deux patries, les soumet à des devoirs contradictoires et les empêche de pouvoir être à la fois dévots et Citoyens ...”¹⁸⁶⁸. A esta o nosso autor apelidou de religião do Padre.

No entanto, entende que os três tipos de religiões, politicamente têm os seus defeitos. Relativamente à última afirma ser má, na medida em que “Tout ce qui rompt l’unité sociale ne vaut rien: Toutes les institutions qui mettent l’homme en contradiction avec lui-même ne valent rien ...”¹⁸⁶⁹; quanto à segunda caracteriza-a como “... mauvaise (...), elle trompe les hommes, les rend crédules, superstitieux ...”¹⁸⁷⁰; resta a Religião do homem, a qual “... loin d’attacher les coeurs

¹⁸⁶³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 464. “... sem Templos, sem altares, sem ritos, limitada ao culto puramente interior do Deus Supremo e aos deveres eternos da moral ...”.

¹⁸⁶⁴ Ibidem. “... a Religião pura e simples do Evangelho, o verdadeiro Teísmo, (...) [aquilo a que chamamos] direito divino natural ...”.

¹⁸⁶⁵ Sobre a religião dos cidadãos escreve Bertram: “This form of religion is highly conducive to political stability and social solidarity: love of God and love of the laws are combined within a single institution. But even though some of the purely political effects of this form are good, they are not sufficient to outweigh its manifest defects. The religion of the citizen is to be rejected because it is false and thus induces superstitious beliefs in the citizenry (...). The second major fault with the religion of the citizen is that it makes its believers antagonistic to surrounding peoples. If each people believes itself to be chosen and also believes that it has no duties towards its neighbours, peoples will be drawn into vicious wars with one another. So, though this form of religion is good for the internal cohesion of a people, it cannot be commended as being congenial to their long-term survival ...” (cfr. Bertram, Christopher, *Rousseau and The Social Contract*, Routledge, London, 2004, pp. 182).

¹⁸⁶⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 464. “Assim foram todas as Religiões dos primeiros povos, às quais se (...) [deve o] direito divino civil ou positivo ...”.

¹⁸⁶⁷ “... the religion of the priests, which explicitly sets up a religious body with the authority to command alongside the state, is manifestly defective on the Hobbesian grounds (...): it gives subjects two masters and contradictory duties (...). But it is the first two forms – the religion of man and the religion of the citizen – that command Rousseau’s attention ...”. (cfr. Bertram, Christopher, *Rousseau and The Social Contract*, Routledge, London, 2004, pp. 182).

¹⁸⁶⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 464. “... mais bizarra, porque, dando aos homens duas legislações, dois chefes, duas pátrias, submete-os a deveres contraditórios e os impede de poder ser ao mesmo tempo devotos e Cidadãos ...”.

¹⁸⁶⁹ Ibidem. “Tudo que rompe a unidade social nada vale: todas as instituições que colocam o homem em contradição consigo mesmo nada valem ...”.

¹⁸⁷⁰ Ib., “... malévola (...), engana os homens, torna-os crédulos, supersticiosos ...”.

des Citoyens à l'Etat, elle les en détache comme de toutes les choses de la terre: je ne connois rien de plus contraire à l'esprit social ..."¹⁸⁷¹.

3. A religião natural

3.1. Teorização negativa da religião natural: religião civil e religião revelada

Em matéria de religião, Rousseau defende claramente a primazia de uma religião natural sob outras manifestações religiosas – a religião civil e a religião revelada. Aliás, a própria forma como aborda a sua visão das religiões civil e revelada consiste já, ela mesma, numa primeira explicação da religião natural, agora, claro, pela negativa¹⁸⁷². Rousseau, dizendo-nos o que é a religião civil e a religião revelada, diz-nos o que a religião natural não é.

Assim, tratando a temática da religião civil, o nosso pensador começa por fazer uma distinção nítida entre o que pertence à esfera do público e o que pertence à esfera do privado. Por esta razão é que fica indignado quando vê que a fé de cada indivíduo não goza de plena liberdade: "Les Rois de ce monde ont-ils donc quelque inspection dans l'autre? et sont-ils en droit de tourmenter leurs Sujets ici-bas, pour les forcer d'aller en Paradis? Non; tout Gouvernement humain se borne par sa nature aux devoirs civils ..."¹⁸⁷³. É precisamente tendo isto em conta que Rousseau faz uma primeira abordagem ao que chamará religião civil, admitindo, só ao nível desta, a possibilidade da intervenção do Estado. Deste modo, o que sucede é que o autor cria um

¹⁸⁷¹ *Ib.*, p. 465. "... longe de ligar os corações dos Cidadãos ao Estado, separa-os dele, como de todas as coisas da terra: não conheço nada mais contrário ao espírito social ...".

¹⁸⁷² De acordo com Vargas "Rousseau a entrepris une méditation «négative» au sens de son « éducation négative», et tout comme cette éducation négative se termine souvent par une autonégation (...), ce combat théologique a pour tâche d'embarrasser les adversaires mais non de fonder une théologie spéculative. De même que l'éducation négative fait taire l'opinion pour laisser la nature dire son fait, cette méditation a pour objet d'imposer un silence philosophique de manière à laisser parler le cœur en toute sincérité ; et le cœur parle deux domaines qui sont les siens, l'intimité de ses sentiments qui adore un Dieu intérieur et sa vocation sociale qui respecte les dieux de la paix civile ..." (cfr. Vargas, Yves, "Introduction à l'Emile de Rousseau", PUF, Paris, 1995, p. 195).

¹⁸⁷³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Lettre de J.J. Rousseau a M. de Voltaire", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 1072. "Têm, então, os reis deste mundo alguma visão no outro? E têm eles o direito de atormentar seus súditos aqui na Terra para forçá-los a ir para o Paraíso? Não, todo governo humano limita-se por sua natureza aos deveres civis ...".

mecanismo de salvaguarda relativamente à esfera do privado. Assim, não será de estranhar que fale numa profissão de fé que pode ser imposta pelas leis, "... une sorte de profession de foi que les loix peuvent imposer; mais hors les principes de la morale et du droit naturel, elle doit être purement négative, parce qu'il peut exister des Religions qui attaquent les fondemens de la société, et qu'il faut commencer par exterminer ces Religions pour assurer la paix de l'Etat ..." ¹⁸⁷⁴.

Sendo assim, em que consiste, então, a religião civil? ¹⁸⁷⁵ Rousseau é peremptório quando define a religião civil como "... un code moral, ou une espece de profession de foi civile, qui contint positivement les maximes sociales que chacun seroit tenu d'admettre ..." ¹⁸⁷⁶, só assim, "... chacun seroit libré de n'en avoir point d'autre que le code même ..." ¹⁸⁷⁷.

Considera Rousseau que é fundamental para o Estado que o Cidadão tenha uma religião ¹⁸⁷⁸ que o faça amar os seus deveres ¹⁸⁷⁹ e cujos princípios levem cada membro do corpo

¹⁸⁷⁴ Ibidem, p. 1073. "... uma espécie de profissão de fé que as leis podem impor; mas, excepto os princípios da moral e do direito natural, ela deve ser puramente negativa, porque podem existir religiões que ataquem os fundamentos da sociedade, e é preciso começar por exterminar essas religiões para assegurar a paz do Estado ...".

¹⁸⁷⁵ A interpretação de Joseph Moreau é bastante pertinente na medida em que faz uma análise comparativa entre a religião natural do Vigário saboiano e a religião civil do Contracto Social. Entende o autor que "Cette conversion d'un credo philosophique en morale civique était préparée par le fait que le Vicaire ne tient pour essentielles au christianisme que les croyances qui importent à la pratique. Nousavons remarqué que cette réduction, si elle n'empêche pas le Vicaire de demeurer dans l'Eglise, n'en implique pas moins une mutilation du christianisme, don't elle méconnaît l'élément primordial, le mystère de la Rédemption et de la Grâce. La religion civile n'interdira pas certes aux citoyens de professer un christianisme intégral, comportant des dogmes don't l'Etat n'a pas à connaître; mais d'autre part, il faut qu'elle insère au christianisme évangélique, caractérisé par Rousseau comme purement spirituel, comme principe de la Religion universelle, un rapport à la cité terrestre, l'amour du prochain dans une société particulière. Aux articles de foi du Vicaire, la religion civile ajoute "la sainteté du contract social et des lois"; la religion de l'homme n'exclut pas les mystères de la Révélation, mais elle ne peut se dispenser de consacrer les devoirs du citoyen ..." (cfr. Moreau, Joseph, "*Jean Jacques Rousseau*", PUF, Paris, p. 176).

¹⁸⁷⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Lettre de J.J. Rousseau a M. de Voltaire", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 1073. "... um código moral, ou uma espécie de profissão de fé civil, contendo, positivamente, as máximas sociais que cada um seria obrigado a admitir ...".

¹⁸⁷⁷ Ibidem. "... cada um seria livre de não ter outra a não ser o próprio código ...".

¹⁸⁷⁸ "In the *Social Contract*, Rousseau sketches a civil profession of faith in a similar manner: the sovereign has "no competence in the other world" and so has no right to force some beliefs rather than others on the citizens. But the sovereign does have competence in this world, and insofar as it is not possible to be a good citizen without believing (or appearing to believe) in certain principles, it is permissible and even mandatory for the sovereign to insist that all citizens adhere to those principles. What, according to Rousseau are these dogmas? They are five: first, that benevolent deity exists; second, that there will be life after death; third, that the just will be rewarded and the wicked punished; fourth, that the social contract and the laws are sacred; and, finally, fifth, that sectarian intolerance is prohibited ..." (cfr. Bertram, Christopher, *Rousseau and The Social Contract*, Routledge, London, 2004, p. 185).

¹⁸⁷⁹ Esta é a diferença entre a Religião civil e o Cristianismo, isto porque, este último, "... est une religion toute spirituelle, occupée uniquement des choses du Ciel: la patrie du Chrétien n'est pas ce monde. Il fait son devoir, il est vrai, mais il le fait avec une profonde indifférence sur le bon ou mauvais succès de ses soins ..." (cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Du contract social ou Principes du droit politique", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 466). "... é uma religião totalmente espiritual, preocupada apenas com as coisas do Céu; a

social a relacionar-se com os demais na sociedade em que se encontra inserido, de acordo com o contrato que estabeleceu. Para além desta religião civil, o Soberano não interfere com as opiniões particulares, "... n'a point de compétence dans l'autre monde ..." ¹⁸⁸⁰, de onde que "... quel que soit le sort des sujets dans la vie à venir ce n'est pas son affaire, pourvu qu'ils soient bons citoyens dans celle-ci ..." ¹⁸⁸¹. Assim, esclarece:

"Il y a donc une profession de foi purement civile dont il appartient au Souverain de fixer les articles, non pas précisément comme dogmes de Religion, mais comme sentimens de sociabilité, sans lesquels il est impossible d'être bon Citoyen ni sujet fidelle. San pouvoir obliger personne à les croire, il peut le bannir, non comme impie, mais comme insociable, comme incapable d'aimer sincerement les loix, la justice, et d'immoler au besoin sa vie à son devoir ..." ¹⁸⁸².

Para o nosso pensador, os dogmas da religião civil devem possuir determinadas características: ser simples, em número reduzido, enunciados com clareza e sem qualquer tipo de comentários. Rousseau identifica os dogmas positivos: "L'existence de la Divinité puissante, intelligente, bienfaisante, prévoyante et pourvoyante, la vie à venir, le bonheur des justes, le châtement des méchans, la sainteté du Contract social et des Loix ..." ¹⁸⁸³. Quanto aos dogmas negativos, o autor apresenta apenas um – "... c'est l'intolérance ..." ¹⁸⁸⁴. Isto mesmo é que Rousseau não distingue a intolerância civil da intolerância religiosa; para ele, estas duas formas de intolerância são inseparáveis ¹⁸⁸⁵ - "Partout où l'intolérance théologique est admise, il est impossible qu'elle n'ait pas quelque effet civil ..." ¹⁸⁸⁶.

pátria do Cristão não pertence a este mundo. É verdade que ele cumpre seu dever, mas o faz com uma profunda indiferença em relação ao bom ou mau sucesso de suas aspirações ...".

¹⁸⁸⁰ Ibidem, p. 468. "... não tem competência sobre o outro mundo ...".

¹⁸⁸¹ Ib.. "... qualquer que seja a sorte dos súditos na outra vida não é assunto seu, desde que sejam bons cidadãos nesta ..."

¹⁸⁸² Ib.. "Há então uma profissão de fé puramente civil cujos artigos compete ao Soberano fixar, não exactamente como dogmas de Religião, mas como princípios de sociabilidade, sem os quais é impossível ser bom Cidadão ou súdito fiel. Sem que possa obrigar alguém a acreditar neles, pode banir do Estado qualquer um que não acredite neles, pode bani-lo, não como ímpio, mas como insociável, como incapaz de amar sinceramente as leis, a justiça, e de imolar sua vida, sempre que necessário ao seu dever ..."

¹⁸⁸³ Ib.. "A existência da Divina potência, inteligente, benfeitora, prevendo e prevenindo a vida futura, a felicidade dos justos, o castigo dos maus, a santidade do Contracto Social e das Leis ...".

¹⁸⁸⁴ Ib., p. 469. "... trata-se da intolerância ...".

¹⁸⁸⁵ "... Rousseau suggests that there should be a civil profession of faith which should consist of "those social maxims everyone would be bound to acknowledge" and a list of the fanatical maxims that have to be rejected "not as impious, but as seditious". Citizens are free to adopt any religion

Passando para o campo da religião revelada, da religião emanada "... de la révélation, des écritures, de ces dogmes obscurs sur lesquels je vais errant dès mon enfance ..." ¹⁸⁸⁷, Rousseau critica a noção de revelação, na medida em que entende que os povos ao terem a ideia de "... faire parler Dieu, chacun l'a fait parler à sa mode, et lui a fait dire ce qu'il a voulu ..." ¹⁸⁸⁸. Ora, é justamente isto que o leva a concluir que a falta de ordem que há na realidade fica a dever-se ao facto de os homens emprestarem a Deus "... passions humaines ..." ¹⁸⁸⁹.

O nosso autor, para fundamentar a ideia de que a verdade da revelação não pode depender da autoridade dos homens, começa por defender que, "... nul homme n'étant d'une autre espèce que moi, tout ce qu'un homme connoit naturellement je puis aussi le connoître, et un autre homme peut se tromper aussi bien que moi ..." ¹⁸⁹⁰. Assim sendo, continua: "C'est l'ordre inaltérable de la nature qui montre le mieux l'être suprême ..." ¹⁸⁹¹. Por esta razão é que Rousseau é severamente crítico com a noção de milagre, "... je crois trop en Dieu pour croire à tant de miracles si peu dignes de lui ..." ¹⁸⁹².

Para Rousseau, "... les livres sacrés sont écrits en des langues inconnues aux peuples qui les suivent ..." ¹⁸⁹³, o que implica que alguém assumia o papel de intermediário entre Deus e os homens, o que leva Rousseau a questionar-se: "... quand Dieu fait tant que de perler aux hommes pourquoi faut-il qu'il ait besoin d'interprete?" ¹⁸⁹⁴. Esta é uma pergunta que transporta consigo uma crítica dirigida às instituições, na medida em que não respeitam a esfera do individual, pois

that is in conformity with this code or even to adopt the code itself as their religion (...). Intolerant doctrines reject other codes of belief on the ground that they are false (...). But the civil religion makes no assertion about the truth or falsity of bodies of doctrine: it simply assesses their conformity with the possibility of a well-ordered society. People who claim that only the adherents of their own sect are saved will be meddling in the affairs of others – indeed they have a duty to meddle – as such they are not conducive to a united citizenry ..." (cfr. Bertram, Christopher, *Rousseau and The Social Contract*, Routledge, London, 2004, pp. 184 - 185).

¹⁸⁸⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Du contract social ou Principes du droit politique", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 469. "Em toda a parte onde a intolerância teológica é admitida, é impossível que não surta qualquer efeito civil ...".

¹⁸⁸⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Emile ou De l'éducation", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 606. "... da revelação da escrituras, desses dogmas obscuros sobre os quais erro desde infância ...".

¹⁸⁸⁸ Ibidem, p. 608. "... fazer Deus falar, cada um o fez falar à sua maneira e fê-lo dizer o que quis ...".

¹⁸⁸⁹ Ib., p. 607. "... paixões humanas ...".

¹⁸⁹⁰ Ib., p. 610. "... não pertencendo nenhum homem a uma espécie diferente da minha, tudo o que um homem conhece naturalmente também posso conhecer, e um outro homem pode enganar-se tanto quanto eu ...".

¹⁸⁹¹ Ib., p. 612. "É a ordem inalterável da natureza que melhor mostra a sábia mão que a rege ...".

¹⁸⁹² Ib., "... creio demais em Deus para acreditar em tantos milagres tão pouco dignos dele ...".

¹⁸⁹³ Ib., p. 619. "... os livros sagrados são escritos em linguas desconhecidas aos povos que os seguem ...".

¹⁸⁹⁴ Ib., p. 620. "... quando Deus chega a falar com os homens, por que deverá ter necessidade de um intérprete?".

Rousseau considera que "... les vrais devoirs de la Religion sont indépendans des institutions des hommes ..." ¹⁸⁹⁵, e que só "... un coeur juste est le vrai temple de la divinité ..." ¹⁸⁹⁶, compreendendo-se, então, "... que le culte intérieur est le premiere de ces devoirs, et que sans la foi nulle véritable vertu n'existe ..." ¹⁸⁹⁷. Neste sentido, falar na necessidade de "... un culte uniforme ..." ¹⁸⁹⁸ significa que não se deve confundir "... le cérémonial de la religion avec la religion ..." ¹⁸⁹⁹; conseqüentemente, para o nosso autor, "Le culte que Dieu demande est celui du coeur; et celui-là, quand il est sincère est toujours uniforme ..." ¹⁹⁰⁰. Assim sendo, o culto exterior que necessita de um "... uniforme pour le bon ordre, c'est purement une affaire de police, il ne faut point de révélation pour cela ..." ¹⁹⁰¹.

3.2. A fé religiosa natural

Em *Profession de foi du Vicaire savoyard*, Rousseau apresenta os três artigos de fé ¹⁹⁰² constitutivos da religião natural. Assim, o primeiro artigo de fé fundamenta-se naquilo que para o nosso autor é a causa do movimento, a vontade, "... tout mouvement qui n'est pas produit par un autre, ne peut venir qu'un acte spontané, volontaire; les corps inanimés n'agissent que par le mouvement, et il n'y a point de véritable action sans volonté ..." ¹⁹⁰³. E continua: "Je crois donc qu'une volonté meut l'univers et anime la nature. Voila mon premier dogme, ou mon premier article de foi ..." ¹⁹⁰⁴.

¹⁸⁹⁵ Ib., p. 632. "... os verdadeiros deveres da religião são independentes das instituições dos homens ...".

¹⁸⁹⁶ Ib.. "... um coração justo é o verdadeiro templo da Divindade ...".

¹⁸⁹⁷ Ib.. "... que o culto interior é o primeiro desses deveres e que sem a fé não existe nenhuma verdadeira virtude ...".

¹⁸⁹⁸ Ib., p. 608. "... um culto uniforme ...".

¹⁸⁹⁹ Ib.. "... o cerimonial da religião com a religião ...".

¹⁹⁰⁰ Ib.. "O culto que Deus pede é o do coração, e este, quando sincero, é sempre uniforme ...".

¹⁹⁰¹ Ib.. "... uniforme para que reine a boa ordem, é meramente um caso de policia; não é preciso revelação para isso ...".

¹⁹⁰² Sobre este assunto escreve Vargas: "La religion de Rousseau s'établit en trois «articles de foi» et quelques thèses. Le premier pose l'existence d'une volonté pour premier moteur de la matière, laquelle resterait inerte sans cela (...). La deuxième affirme que cette volonté est accompagnée d'intelligence, affirmation qui s'appuie sur l'évidence d'un ordre naturel (...). La troisième établit l'existence d'une âme humaine distincte du corps et, partant, immortelle ..." (cfr. Vargas, Yves, "Introduction à l'Emile de Rousseau", PUF, Paris, 1995, p. 157).

¹⁹⁰³ ¹⁹⁰³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, "Emile ou De l'éducation", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 576. "... todo movimento que não é produzido por um outro só pode provir de um acto espontâneo, voluntário; os corpos inanimados só agem pelo movimento e não há verdadeira acção sem vontade ...".

¹⁹⁰⁴ Ibidem. "Creio, portanto, que uma vontade move o universo e ainda a natureza. Eis meu primeiro dogma, ou meu primeiro artigo de fé ...".

O segundo artigo de fé defende a existência de um Ser que é responsável pelas operações relativas à vontade e ao raciocínio: “Agir, comparer, choisir, sont des opérations d’un être actif et pensant; donc cet être existe ...”¹⁹⁰⁵. Para Rousseau, o homem pode ver esse ser nos céus que giram, no astro que ilumina, em nós mesmos, na ovelha que pasta, no passarinho que voa, na pedra que cai, na folha que cai. Assim, conclui que “Si la matière me montre une volonté, la matière mûe selon de certaines loix me montre une intelligence: c’est mon second article de foi ...”¹⁹⁰⁶. É justamente neste contexto que a definição que dá de Deus no âmbito da religião natural resulta dos atributos que Lhe reconhece e do modo como O percepçiona:

“Ce Être qui veut et qui peut, cet Etre actif par lui-même, cet Être, enfin, quel qu’il soit, qui meut l’univers et ordonne toutes choses, je l’appelle Dieu. Je joins à ce nom les idées d’intelligence, de puissance, de volonté que j’ai rassemblées, et celle de bonté qui en est une suite nécessaire ...”¹⁹⁰⁷.

Quanto ao terceiro artigo de fé, Rousseau defende que, porque Deus concebeu o Homem enquanto ser livre, então ele, Homem, “... est actif et libre, il agit de lui-même; tout ce qu’il fait librement n’entre point dans le système ordonné de la providence, et ne peut lui être imputé ...”¹⁹⁰⁸. Neste sentido, entende-se que o Homem, jamais Deus, é quem deve ser responsabilizado pelas acções que pratica. Por isso, “Murmurer de ce que Dieu ne l’empêche pas de faire le mal, c’est murmurer de ce qu’il la fit d’une nature excellente, de ce qu’il mit à ses actions la moralité qui les ennoblit, de ce qu’il lui donna droit à la vertu ...”¹⁹⁰⁹. O autor justifica esta sua interpretação interpelando o próprio Homem no sentido de saber se o abuso das suas faculdades não é a verdadeira causa da sua infelicidade: “Le mal moral est incontestablement nôtre ouvrage, et le mal physique ne seroit rien sans nos vices qui nous l’ont rendu sensible (...). Homme, ne cherche

¹⁹⁰⁵ Ib., p. 578. “Agir, comparar, escolher são as operações de um ser activo e pensante; logo esse ser existe ...”.

¹⁹⁰⁶ Ib.. “Se a matéria movida me indica uma vontade, a matéria movida segundo certas leis me indica uma inteligência: este é o meu segundo artigo de fé ...”.

¹⁹⁰⁷ Ib., p. 581. “O Ser que quer e que pode, o ser activo por si mesmo, o ser, enfim, qualquer que seja ele, que move o universo e ordena todas as coisas, chamo-o Deus. Junto a esse nome as ideias de inteligência, de potência, de vontade, que reuni, e mais a de bondade, que é uma consequência necessária das primeiras ...”.

¹⁹⁰⁸ Ib., p. 587. “... é activo e livre, ele age por si mesmo. Tudo o que faz livremente não entra no sistema ordenado da providência e não lhe pode ser imputado ...”.

¹⁹⁰⁹ Ib.. “Murmurar contra o facto de Deus não o impedir de fazer o mal é murmurar por tê-lo feito de uma natureza excelente, por ter posto em suas acções a moralidade que as enobrece, por ter-lhe dado direito à virtude ...”.

plus l'auteur du mal, cet auteur c'est toi-même. Il n'existe point d'autre mal que celui que tu fais ou que tu souffres et l'un et l'autre te vient de toi ..." ¹⁹¹⁰.

Em jeito de conclusão, Rousseau explica em que baseia a experiência interior que estabelece com Deus, dizendo que ela resulta mais de uma auto-reflexão do que de qualquer ensinamento dos livros, pois, para ele, o único livro que pode mostrar e "... [que] est un seul ouvert à tous les yeux, c'est celui de la nature. C'est dans ce grand et sublime livre que j'apprends à servir et adorer son divin auteur: nul n'est excusable de n'y pas lire, parce qu'il parle à tous les hommes une langue intelligible à tous les esprits ..." ¹⁹¹¹.

¹⁹¹⁰ Ib., p. 589. "O mal moral é incontestavelmente obra nossa, e o mal físico nada seria sem os nossos vícios, que no-lo tornaram sensível (...). Homem, não mais procures o autor do mal; esse autor és tu mesmo. Não existe outro mal além do que fazes ou do que sofres, e ambos vêm de ti ...".

¹⁹¹¹ Ib., pp. 624 – 625. "... um só há que está aberto a todos os olhos: é o da natureza. É nesse grande e sublime livro que aprendo a servir e a adorar seu divino autor: ninguém tem desculpas para não o ler, pois ele fala a todos os homens uma língua inteligível a todos os espíritos ...".

CONCLUSÃO

1. Conclusões quanto à vida

A principal conclusão que podemos retirar da vida de Jean-Jacques Rousseau é a de que ela foi, ao mesmo tempo, inspiradora e reflexo fiel do seu pensamento. Todos os acontecimentos que ocorreram na sua vida, de uma forma ou de outra, tiveram significado naquilo em que ele se tornou e naquilo que escreveu.

Assim, podemos concluir que desde os primeiros anos o nosso autor considerou que a natureza da relação que estabeleceu com os seus semelhantes, mesmo com os mais próximos, foi complexa. De resto, a auto-imagem que construiu revela isso mesmo, sendo que, por um lado, entende que a sua concepção foi ela mesmo resultado infeliz do regresso do seu pai de Constantinopla, e, por outro lado, assume que o pai o considerou responsável pela morte da mãe. Outra conclusão, no que se refere ao início da sua educação, é a de salientar a importância do auto-conhecimento consciente, pois, foi a partir dos primeiros contactos que estabeleceu com a leitura, que Rousseau começou a apreender determinados conceitos e a reconhecer o valor dessas aprendizagens. Foi precisamente neste período, na ausência da figura materna, que a relação que manteve com o pai foi de maior proximidade e fundamental no seu crescimento afectivo.

Porém, rapidamente a estabilidade emocional do nosso autor foi interrompida, devido a um incidente que ocorreu com o seu pai, ficando Rousseau sob a tutela do tio Bernard, acabando por se ver obrigado, em 1722, a ir para Bossey, para casa do pastor Lambercier. Podemos concluir que datam desta época as desventuras que marcaram para sempre a personalidade do autor genebrino. Esta foi a época do despertar para a sensualidade e a época em que, pela primeira vez, a criança vive o sentimento da decepção, que de resto o acompanhou ao longo da vida.

Conclui-se ainda, que Rousseau foi um adolescente precoce, que desde muito cedo experimentou a relação com o mundo, nem sempre do melhor modo. No entanto, essa foi uma experiência *sui generis*: se, por um lado, a saída de Bossey lhe provocou um sentimento de desencantamento, por outro lado, foi a sua educação que mais sofreu com as consequências negativas das novas vivências. É justamente, na procura de um futuro profissional - como aprendiz de gravador -, o qual faliu, que Rousseau viu a génese nefasta da transformação do seu carácter,

quer a nível interno, quer a nível externo. A nível interno, no modo como as suas paixões começaram a governar os seus comportamentos, cegando-o, o que teve como consequência, a nível externo, a manifestação de comportamentos que o próprio classificou como odiosos. A educação que tinha tido até então sofre um forte revés e Rousseau tornou-se um jovem desiludido, desanimado e sem laços afectivos que o ligassem aos outros.

Em 1728 o nosso autor parte para Annecy. Uma conclusão importante a reter deste período é que o encontro com Madame de Warens foi um acontecimento marcante na formação de carácter de Jean-Jacques Rousseau enquanto homem. É nesta relação, que desde o seu início se mostrou atribulada, que o nosso pensador encontrou algum equilíbrio, porque encontrou afinidades com Madame de Warens e, além disso, porque pôde recomeçar a cuidar da sua educação. A relação que manteve com esta pode ser avaliada em duas perspectivas distintas: se, por um lado, esta figura feminina assume o papel protector, surgindo conseqüentemente como modelo maternal, por outro lado a mesma figura surge como modelo de mulher. É precisamente esta relação ambígua que mantém com Madame de Warens que sempre caracterizou as relações amorosas do nosso pensador.

Este é, também, o período do desenvolvimento integral da personalidade de Rousseau. O gosto pelas diversas formas de saber começaram a solidificar-se, nomeadamente o interesse pela leitura, aritmética, o desenho, a botânica e a música. Esta foi, ademais, a época de estabilidade e serenidade, que permitiu ao nosso autor fazer algo que sempre lhe agradou, ou seja, fazer longos passeios, característica que o acompanhou até aos últimos dias de vida, nos quais Rousseau encontrou uma forma de introspecção, um modo próprio de ser livre, que se foi transformando numa inegável forma de condição solitária no mundo.

Quando a natureza da relação com Madame de Warens sofreu modificações e se tornou mais íntima, Rousseau começou a aperceber-se de que o estado de confusão em que vivia resultaria em algo que não mais podia perdurar. A saúde física e psíquica de Rousseau deu sinais de um desequilíbrio caracterizado por um sentimento de autocomiseração, o qual foi uma constante até à sua morte, e por um estado de inconstância permanente, o qual se reflectiu na relação que manteve com a sociedade e com os seus contemporâneos através de comportamentos reveladores de estados emocionais extremos e contraditórios. Aliás, o empenho

e o interesse que expressou relativamente ao estudo resultou precisamente do seu estado de alma apaixonado.

Podemos deste modo concluir que Rousseau foi um autodidacta por paixão e, por isso, decidiu impor a si mesmo, no âmbito da rotina diária, um plano de trabalho que lhe possibilitasse um estudo constante. A necessidade de criar esta espécie de obrigatoriedade de estudo deveu-se ao facto de Rousseau confessar ter pouca paciência para estudar, quer no que se refere à necessidade de concentração, quer no que se refere à recepção das ideias dos outros.

Em 1742, o nosso autor deslocou-se para Paris, assim começando uma nova etapa da sua vida, a qual, para o bem ou para o mal, mostrou ser determinante naquilo que Jean-Jacques Rousseau se tornou como homem e como autor: alguém que viveu na inquietude. Este foi um período em que o nosso pensador estabeleceu contactos com intelectuais e pessoas influentes da sociedade parisiense, como por exemplo com Madame de Broglie, com Diderot, entre outros.

Em 1743, a sua nomeação para secretário do embaixador Monsieur Montaigu, em Veneza, foi uma experiência muito importante na vida do nosso autor, pois permitiu-lhe aperceber-se como funcionavam, por dentro, as instituições civis.

Contudo, em 1750, após ter ganho o prémio da Academia de Dijon, a vida do nosso autor ganhou um novo rumo. Rousseau decidiu realizar um objectivo que desde muito cedo o acompanhou, o de fazer a transformação pessoal que lhe abriu caminho para um estado do qual nunca mais abdicou, o estado de solitário que encarnou até ao dia da sua morte em Ermenonville, a 2 de Julho de 1778.

2. Conclusões quanto à obra

Tendo em consideração a obra rousseauneana que aqui apresentámos, duas grandes conclusões, desde logo, nos parecem essenciais: a primeira é a de que a produção literária do nosso autor é muito vasta e revela uma diversidade de géneros literários; a segunda conclusão é a de que Rousseau mostrou uma evolução contínua quanto ao estilo e às temáticas da produção literária, desde os primeiros escritos, com temáticas mais descomprometidas, até aos últimos textos, de forte cariz autobiográfico.

Pormenorizando e passando à apreciação de cada um dos quatro períodos em que apresentámos a evolução da obra do autor, podemos concluir, relativamente ao primeiro período (1728 – 1748), que se tratou de uma época de grande vigor produtivo, que se exprimiu em poesias, textos de literatura e de moral, bailados e pastorais, textos de teatro; escritos sobre educação e moral; e escritos sobre música, língua e teatro.

Quanto ao segundo período (1749 – 1756) conclui-se que predominam os textos relativos aos temas políticos, com atenção, ainda, e na sequência do primeiro período, para escritos variados sobre música, língua e teatro, começando, também, a desenhar-se a produção de cariz autobiográfico.

No que se refere ao terceiro período (1756 – 1762), Rousseau não só consolida uma escrita associada a temáticas político-educacionais, como a pretende firmar no seu sistema: assim, predominam os escritos de educação e moral e os escritos políticos. Mantém-se, ainda, a produção literária, marcando também presença a autobiográfica.

O quarto período (1763 – 1778) permite-nos concluir que os textos autobiográficos são aqueles que predominam, sobretudo como a forma que o autor encontrou para mais uma vez poder fazer a sua auto-defesa. Neste período, porém, não deixam de marcar presença obras literárias (contos e apólogos, bailados, pastorais e poesias) e escritos de outras temáticas: educação, moral, botânica (de resto o interesse pela botânica surgiu nos últimos anos da sua vida), história e política.

3. Conclusões quanto às concepções pedagógicas

No que concerne às concepções pedagógicas do nosso autor podemos, em primeiro lugar, concluir que existem três princípios estruturantes da pedagogia rousseauiana, a saber, o princípio pelo respeito do desenvolvimento natural do educando, o princípio da responsabilidade orientadora do preceptor e o princípio da educação negativa.

Quanto ao primeiro princípio Rousseau procura evidenciar como é fundamental respeitar o desenvolvimento do homem natural. Para isso, demonstrou a necessidade que há em saber relacionar as três dimensões do Homem (física, moral e racional) com outras tantas dimensões

educativas - educação da Natureza, educação dos homens e educação das coisas - tendo entendido ser a educação natural, na medida em que se distingue da educação convencional, o único meio que permite a realização plena da condição humana.

No que se refere ao segundo princípio, o nosso autor tem uma concepção muito própria sobre o preceptorado, defendendo ser fundamental estabelecer a distinção entre o preceptor da cidade e o preceptor da aldeia, na medida em que a qualidade da relação preceptor/educando passa necessariamente pelo tipo de autoridade que o preceptor é capaz de exercer sobre o educando. No primeiro caso, o preceptor entende o educando como alguém passivo sobre quem se exerce influência, no segundo caso, o preceptor promove a autonomia do educando.

Tendo agora em consideração o terceiro princípio, conclui-se que, para o nosso pensador, a boa educação terá que ser substancialmente diferente da educação convencional, à qual não poupa críticas, acusando-a, inclusivamente, de ser a responsável pela infelicidade dos educandos. Por esta razão é que a educação negativa deve surgir como o garante de que os apetites, despertados pela faculdade da imaginação, não se tornem em necessidades essenciais para a realização plena da natureza humana.

Segunda conclusão: Rousseau apresenta quatro formas distintas de educação, a saber, a educação doméstica, a educação social, a educação pública e a educação feminina.

A primeira destas formas de educação assenta em dois vectores, o da educação do bebé e o da educação da criança. Pelo primeiro, a educação do bebé, entenda-se as preocupações referentes à idade da natureza, a qual decorre entre o nascimento e os dois anos, período este em que o autor valoriza e salienta a primazia da figura materna e a importância dos primeiros cuidados a ter aquando do parto, do tipo vestuário que a criança deve usar, do exercício físico, da qualidade da alimentação, do tipo de relação que a criança estabelece com os pais, do desenvolvimento dos sentidos e da aquisição da primeira forma de linguagem. Quanto ao segundo vector, o da educação da criança, o período que decorre entre os dois e os doze anos, conclui-se que Rousseau defende ser este um período em que a educação não deve ser permissiva e em que o preceptor deve ter em atenção os limites do castigo. Esta é uma ideia importante, na medida em que o que está em causa é o início da educação moral e em que a orientação do conhecimento deve estar voltada para os sentidos em relação à razão, procurando Rousseau alicerçar uma teoria da aprendizagem numa razão sensitiva.

A segunda forma de educação, a educação social, que corresponde à educação do jovem, Rousseau caracteriza-a como sendo a idade do segundo nascimento, dela havendo a concluir, essencialmente, o valor de uma educação moral que promova os sentimentos (não valores) de amizade e piedade.

Sobre a terceira forma de educação, a educação pública, podemos concluir que Rousseau elogia uma educação baseada na cooperação entre os educandos, na medida em que entende ser essencial fomentar uma educação nacional promotora do gosto pelo respeito das regras e das normas da vida social. Por isto, é que afirma a necessidade de um colégio de magistrados responsáveis por esta forma de educação.

A conclusão a extrair sobre a particularidade da educação feminina, a quarta forma de educação, é a de que esta terá de ser uma educação que seja conveniente à natureza da mulher, de onde que os seus âmbitos - o estético, o intelectual, o moral e o religioso - devam fomentar aquilo que são as qualidades do sexo feminino.

Em terceiro lugar há que concluir, quanto ao paradigma antropagógico rousseauneano, que ele se sustenta no percurso educativo que começa com o modelo de educação do Emile e que termina no modelo de educação do Solitário. No que diz respeito ao primeiro, a finalidade da educação é a de respeitar a natureza humana, respeitar os ritmos de desenvolvimento do educando. Quanto ao segundo, a finalidade da educação do Solitário é respeitar a esfera do privado, na medida em que possibilite a identificação e a distinção correcta de duas posições próprias ao indivíduo: a de ser cidadão e a de ser solitário.

4. Conclusões quanto aos fundamentos filosóficos da teoria pedagógica rousseauneana

Quanto às concepções filosóficas fundamentadoras do ideário educacional, iláimos que, em Rousseau, há os três seguintes eixos filosóficos essenciais a considerar: a concepção de Homem, a de Sociedade e a da relação que o Homem estabelece com Deus.

Em relação ao primeiro eixo, há que concluir que o nosso autor considera fundamental que o Homem perceba a sua própria natureza. Foi neste contexto que Rousseau fez uma crítica

feroz à noção de progresso histórico, na medida em que entendeu que foi justamente esse progresso que, ao tornar essencial o que era até então supérfluo, fez com que o Homem caísse em excessos e degradasse a sua condição original, daqui advindo consequências nefastas que se manifestaram aos níveis físico e moral.

Ora, é precisamente a defesa desta ideia que nos leva a concluir que a lei natural apenas aponta para uma desigualdade entre os homens ao nível da dimensão física. Neste seguimento, devemos também concluir que, quando o Homem começou a fazer comparações entre si, a procurar aquele que, de entre todos, se destacava, por esta ou aquela proeza, começou a introduzir juízos valorativos significativos no plano da dimensão física, mas principalmente no da dimensão moral, daqui bastando um passo para que o homem natural desse lugar ao homem social, por força, de entre outros motivos, do desenvolvimento da linguagem, bem como do surgimento da propriedade. Então, no que se refere à dimensão moral, o tipo de relação que o Homem estabelecia com os outros fundava-se, originariamente, na bondade natural, num acto individual, defendendo Rousseau uma ética da sensação, ou seja, o privilegiar da relação cúmplice entre o sentimento e a prática das nossas acções, de onde se conclui que, para Rousseau, o bem só é verdadeiramente bem se o for sentido no fundo do coração de cada um dos homens.

No concernente ao segundo eixo, a ideia de Sociedade, somos levados a concluir que a família é a célula e primeira forma da sociedade, na qual o nosso autor destaca, como figura de autoridade, o poder paternal, por este ser o fundamento de todas as distinções que considerou pertinentes entre o que caracterizou como economia doméstica e economia política (delimitando a esfera do privado da esfera do público).

Porque a natureza da relação entre o pai e o filho é diametralmente oposta à relação entre o Chefe de Estado e a população, é legítimo concluir da necessidade e sentido de, em Rousseau, se estabelecer um compromisso: o contrato social. A emergência do Estado, de acordo com o contrato social, fez com que o nosso pensador sentisse necessidade de definir a natureza do Soberano, da soberania e da representação. Podemos concluir, ainda, que, para Rousseau, a expressão mais elevada de cidadania é justamente a escolha da forma de governo e que, das diferentes formas de governo - democracia, aristocracia, monarquia e governos mistos - o nosso autor entendia que aquela que mais lhe parecia adequada seria a que conviria a cada país em

particular, de acordo, essencialmente, com as suas dimensões populacional, territorial e de recursos naturais.

No tocante à ideia de Deus, o terceiro eixo filosófico fundamentador da sua teoria pedagógica, concluímos que para Rousseau era fundamental distinguir a religião natural (da esfera do privado) da religião civil (da esfera do público) e da religião revelada. Para o nosso autor, a relação que o Homem estabelecia com Deus era uma relação baseada na fé religiosa natural, gerada no foro privado, não necessitando o Homem, neste sentido, da mediação da autoridade sacerdotal para se relacionar com Deus. Assim se poderá compreender, aliás, a razão pela qual Rousseau considerou ser importante fazer uma descrição da evolução e complexidade do fenómeno religioso: é que ele acreditava que era na Natureza, esse grande e sublime livro, que o Homem podia aprender a servir e a contemplar o seu Divino Autor.

5. O Solitário: traço unificador da pedagogia rousseauiana

Foi Rousseau um homem feliz? Esta é uma pergunta para a qual nunca obteremos resposta. Não por uma questão de impossibilidade factual, mas porque a felicidade pertence ao domínio de algo a que nunca se tem acesso, à esfera do incomunicável: “Le bonheur n’a point d’enseigne extérieure; pour le connoître il faudroit lire dans le coeur de l’homme heureux; mais le contentement se lit dans les yeux, dans le maintien, dans l’accent, dans la démarche, et semble se communiquer à celui qui l’apperçoit ...”¹⁹¹². Por isso, quando dizemos que o estado de Jean-Jacques Rousseau é o estado do Solitário, podemos estar a responder afirmativamente à pergunta sobre se Rousseau foi um homem feliz. Se não tivemos a possibilidade de ler a alegria nos seus olhos, no seu porte, no seu sotaque, no modo de andar, pensamos ter conseguido apercebermos da sua felicidade naquilo que ele nos quis comunicar e nos deixou ler no seu coração através da sua obra, mas, essencialmente, com o percurso da sua vida.

¹⁹¹²Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Rêveries du promeneur solitaire”, in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1085. “A felicidade não tem sinais exteriores; para a conhecer seria necessário ler no coração do homem feliz; mas a alegria lê-se nos olhos, no porte, no sotaque, no modo de andar, e parece comunicar-se a quem dela se apercebe ...”

O Solitário não é aquele que vive sozinho, que é egoísta, que é egocêntrico, e que, portanto, dispensa os seus semelhantes. O solitário, bem pelo contrário, é aquela pessoa que vivendo com os outros não se aliena neles, sabe qual é o seu lugar, distingue-se dos outros porque se auto-reconhece como pessoa independente e autónoma. Para Rousseau, só assim é que eu posso reconhecer os outros enquanto outros eus. Então, podemos concluir que a vida de Rousseau mais não foi do que o caminhar necessário (no sentido de processo educativo) que o levou inevitavelmente à condição de Solitário. Ele reconheceu os outros enquanto outros, mas nem sempre foi reconhecido como tal. Rousseau foi para ele e ele mesmo o resultado do projecto educativo planeado e executado (com êxito) do pensador genebrino Jean-Jacques Rousseau.

É na figura do Solitário que o Homem manifesta a sua autonomia. Ao contrário do Cidadão (crédulo), ele sabe reconhecer-se, e esse é o instante feliz. E isto só é possível porque não fez, não faz e não fará pactos com quem quer que seja, pois a sua condição é a de se bastar a si mesmo. A noção de instante feliz revela-se como fundamental, pois é através dela que a recuperação do momento certo se torna possível. Esse instante é o momento de origem do próprio humano. O Solitário é aquele que é capaz de resgatar esse instante. É a esse momento fugaz de clarividência que é necessário estar-se atento. Neste sentido, a educação de Emílio não será mais do que ensinar-lhe a estar atento e a aperceber-se desse momento. No fundo, a teoria pedagógica de Rousseau pretende levar o Homem à clarividência, sendo que, nesse sentido, é preciso afastar a criança daquilo que dificulta essa visão e a confunde.

Compreende-se, assim, como para Rousseau a figura do Solitário é essencial para a concepção que o nosso autor tem do Homem. Na realidade, a natureza do ser humano encaminha-o para a condição de Solitário, aquela, que mais se aproxima da condição original. Se, como o próprio Rousseau afirma, a possibilidade de existência do homem natural é apenas uma hipótese teórica, então o Solitário é a concretização de uma possibilidade que mais se aproxima desta hipótese teórica do nosso autor. É só pelo Solitário que a sociedade poderá ser regenerada e não mais poderá corromper os indivíduos, pois, uma vez solitários, eles já não terão necessidade de dissimular, de esconder a sua natureza, na medida em que faz parte desta pertencer à sociedade. Concluimos, então, que, para o nosso autor, não se trata de pensar que é o indivíduo que se deve ajustar à sociedade, mas que é a sociedade que se deve estruturar respeitando a natureza do Solitário. E daqui, da condição de Solitário, se percebe que a

especificidade da relação que Rousseau estabelece com Deus, também ela se fundamenta na esfera do privado, no diálogo íntimo de cada um com o Ser superior, não havendo necessidade de intermediários.

BIBLIOGRAFIA

I. De Jean-Jacques Rousseau

A) Em língua francesa

(1735) "Sur les femmes", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1735) "Sur Dieu", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969.

(1735) "Sur l'éloquence", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1735) "Un ménage de la rue Saint-Denis", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1738) "Chronologie universelle ou Histoire generale des tems depuis la creation du monde jusques à présent", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995.

(1738) "Le Verger de Madame la Baronne de Warens", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1738) "Cours de geographie", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995.

(1738) "Réponse au mémoire anonyme", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995.

(1738 – 1739) "Prière I", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969.

(1738 – 1739) "Prière II", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969.

(1740) "Mémoire présenté a Monsieur de Mably sur l'éducation de M. son fils", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969.

(S/D) "Projet pour l'éducation de Monsieur de Sainte-Marie", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969.

(1740) "Narcisse ou L'Amant de lui-même", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1740) "Iphis ", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1740) "Vers à la louange des religieux de la Grand-Chartreuse", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1741) "Épître à M. Bordes", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1741) "La Découverte du nouveau monde", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1742) "Projet concernat de nouveaux signes pour la musique", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995.

(1742) "Mémoire remis le 19 Avril 1742 à M. Boudet", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969.

(1742) "Épître à Monsieur Parisot", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1743) "Dissertation sur la musique modern", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995.

(1743) "Les Prisonniers de guerre", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1745) "Les Festes de Ramire", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1745) "Les Muses galantes", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1745) "Lettre sur l'opéra italien et français", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol.V, Éditions Gallimard, Paris, 1995.

(1745) "Essai sur les évènements importants dont les femmes ont été la cause cecrette", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1745) "Idée de la méthode dans la composition d'un livre", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1747) "Arlequin amoureux malgré lui", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1747) "L'Allée de Silvie", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1749) "Le Persifleur", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959.

(1749) "Épître à M. de L'Étang, Vicaire de Marcoussis ", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1749) "Conseils a un Curé", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1750) "Discours sur les sciences et les arts", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1750) "Imitation libre d'une chanson italienne de Métastase", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1751) "Discours sur cette question: quelle est la vertu la plus nécessaire au héros", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1751) "Traité de sphère", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995.

(1752) "Le Devin du village", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1752) "Lettre à M. Grimm, au sujet des remarques ajoutées à sa lettre sur Omphale", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995.

(1752) "Oraison funébre de S. A. S. Monsieur le Duc D'Orléans", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1753) "Lettre sur la musique françoise", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995.

(1753) "Lettre d'un symphoniste de l'academie royale de musique à ses camarades de l'orchestre", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995.

(1754) "Discours sur l'économie politique", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1754) "Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1754) "La mort de Lucrece", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1755) "Examen de deux principes avances par M. Rameau", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995.

(1755) "L'Origine de la mélodie", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995.

(1755 – 1756) "La Reine fantasque", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1755 - 1756) "Fragment biographique", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1959.

(1756) "Sur les richesses, suivi de deux fragments sur le gout", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995.

(1756) "Lettre de J.J. Rousseau a M. de Voltaire", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969.

(1756) "Le Petit savoyardou La Vie de Claude Noyer", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1756) "Fiction ou morceau allégorique sur la révélation", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969.

(1756) "Fragments d'une histoire du Valais", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995.

(1756 – 1757) "Remarques sur les lettres sur les anglois et les françois de Beat de Muralt", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1757) "Lettres a Sara", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1757 – 1758) "Pensées d'un esprit droit et sentimens d'un cœur vertueux", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1758) "Polysynodie de L'Abbé de Saint-Pierre", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1758) "Lettres morales", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969.

(1758) "Notes sur «De L'Esprit»", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969.

(1758) "Jugement sur la polysynodie", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1758) "Jugement sur le projet de paix perpétuelle", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1758) "À M. D'Alembert", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995.

(1758) "Que l'état de guerre naît de l'état social", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1758 -1759) "Extrait du projet de paix perpétuelle", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1758 – 1759) "Art de jouir et autres fragments", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959.

(1760) "Les Amours de Claire et de Marcellin", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1760) "Julie, ou La Nouvelle Héloïse", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1761) "Emile Ou De l'éducation", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969.

(1761) "Essai sur l'origine des langues", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995.

(1761) "Remarques lexicologiques", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1761) "Prononciation", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1762) "Pygmalion, scène lyrique", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1762) "Le Lévite D'Éphraïm", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1762) "Du contract social Ou Principes du droit politique", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1762) "Lettres a Malesherbes", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959.

(1762) "Mon Portrait", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959.

(1763) "Jean Jaques Rousseau, citoyen de Genève, a Christophe de Beaumont", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969.

(1764) "Dictionnaire de musique", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995.

(1764) "Histoire du gouvernement de Genève", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995.

(1764) "Lettres écrites de la montagne", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1765) "Vision de Pierre de la Montagne, dit le voyant", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1765) "Projet de constitution pour la Corse", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1766) "Déclaration destinée a un journal", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959.

(1768) "Sentiment du public sur mon compte dans les divers états qui le composent", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959.

(1768) "Emile et Sophie, Ou Les solitaires", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969.

(1768) "Note mémorative sur la maladie et la mort de M. Deschamps", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959.

(1769) "Lettre à Franquières", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969.

(1770) "Les Confessions de J.J. Rousseau", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959.

(1770) "Les Consolations des misères de ma vie", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1770) "Romances", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1770) "Quiconque sans urgente nécessité", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959.

(1770) "Discours prononcé ou Projeté pour introduire la lecture des confessions", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959.

(1771) "Considérations sur le gouvernement de Pologne", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1771- 1773) "Fragments pour un dictionnaire des termes d'usage en botanique", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969.

(1773) "Lettres sur la botanique", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969.

(1774) "Déclaration relative a différentes réimpressions de ses ouvrages", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959.

(1776) "Rousseau juge de Jean Jaques – Dialogues", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959.

(1777) "Caracteres de botanique", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969.

(1778) "Les Rêveries du promeneur solitaire", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959.

Correspondance complète, 52 vols., Ed. critique établie et annotée par R.A. Leigh, Genève, Institut et Musée Voltaire - Oxford, The Voltaire Foundation, 1965 - 1998.

B) Edições portuguesas consultadas subsidiariamente

Discurso sobre as Ciências e as Artes, trad. de Maria Ermantina Galvão, Martins Fontes, São Paulo, 2002.

Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens, trad. de Maria Ermantina Galvão, Martins Fontes, São Paulo, 2002.

Discurso sobre a Economia Política, trad. de Maria Constança Peres Pissarra, Vozes, Petrópolis, 1996.

Carta sobre a Música Francesa, trad. de José Oscar de Almeida Marques/Daniela de Fátima Garcia, IFCH/Unicamp, São Paulo, 2005.

A Rainha Fantasiada, in *Reflexos de Rousseau*, trad. de Renato Moscateli, Associação Editorial Humanitas, São Paulo, 2007.

Fragmentos sobre Deus e sobre a Revelação, in *Escritos sobre a Religião e a Moral*, trad. de Adalberto Luis Vicente, IFCH/Unicamp, São Paulo, 2002.

Carta de J.-J. Rousseau ao Senhor de Voltaire, in *Escritos sobre a Religião e a Moral*, trad. de Ana Luiza Silva Camarani, IFCH/Unicamp, São Paulo, 2002.

Carta a D'Alembert, trad. de Roberto Leal Ferreira, Unicamp, São Paulo, 1993.

Cartas Morais, in *Escritos sobre a Religião e a Moral*, trad. de José Oscar de Almeida Marques, IFCH/Unicamp, São Paulo, 2002.

O Estado de Guerra Nascido do Estado Social, in *Rousseau e as Relações Internacionais*, trad. de Sérgio Bath, Editora Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

Extrato e Julgamento do Projeto de Paz Perpétua de Abbé de Saint-Pierre, in *Rousseau e as Relações Internacionais*, trad. de Sérgio Bath, Editora Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

Júlia ou A Nova Heloísa, trad. de Fulvia M.L. Moretto, Hucitec/Unicamp, São Paulo, 1994.

Emílio ou Da Educação, trad. de Roberto Leal Ferreira, Martins Fontes, São Paulo, 1999.

Ensaio sobre a Origem das Línguas, trad. de Fernando Guerreiro, Editorial Estampa, Lisboa, 2001.

Do Contrato Social, trad. de Maria Constança Peres Pissarra, Vozes, Petrópolis, 1996.

Carta a Christophe de Beaumont, trad. de José Oscar de Almeida Marques, IFCH/Unicamp, São Paulo, 2004.

Cartas escritas da montanha, trad. de Maria Constança Peres Pissarra, Editoras EDU & UNESP, São Paulo, 2006.

Projeto de Constituição para a Córsega, in *Rousseau e as Relações Internacionais*, trad. de Sérgio Bath, Editora Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

Carta ao Senhor de Franquières, in *Escritos sobre a Religião e a Moral*, trad. de Ana Luiza Silva Camarani, IFCH/Unicamp, São Paulo, 2002.

Confissões, vols. I e II, trad. de Fernando Lopes Graça, Relógio d'Água, Lisboa, 1988.

Considerações Sobre o Governo da Polônia e a sua projetada Reforma, in *Rousseau e as Relações Internacionais*, trad. de Sérgio Bath, Editora Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

Os devaneios do caminhante solitário, trad. de Henrique de Barros, Cotovia, Lisboa, 1989.

II. Sobre J.-J. Rousseau

ANSART-DOURLEN, Michèle, *Dénaturation et violence dans la pensée de Jean-Jacques Rousseau*, Klincksieck, Paris, 1975.

BACZKO, B., *Lumières de l'utopie*, Payot, Paris, 1978.

BARÈRE, Jean Bertrand, "Sénèque et Rousseau: le thème des mines", *Mélanges d'histoire littéraire offerts à Daniel Mornet*, Nizet, Paris, 1951.

BARRY, B., "The Public Interest", in Quinton, A. (ed.) *Political Philosophy*, Oxford University Press, Oxford, 1967.

BERLIN, Isaiah, *Freedom and its Betrayal – Six Enemies of Human Liberty*, Pimlico, London, 2003.

BERTRAM, Christopher, *Rousseau and The Social Contract*, Routledge, London, 2004.

BESSE, G., *Jean-Jacques Rousseau, l'apprentissage de l'humanité*, Éditions Sociales, Paris, 1988.

BIRN, R., "Oeuvres Complètes (Histoire Des)", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*. Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

BLOOM, A., 'Introduction' to Rousseau, J.-J. (1762) *Emile*, Penguin, London, 1991.

BLOOM, Harold, *Jean-Jacques Rousseau*, Chelsea House, New York, 1988.

BOCHET, M., *Les Confessions de Rousseau*, Hachette Éducation, Paris, 1997.

BORNECQUE, P., *Les Rêveries Rousseau*, Hatier, Paris, 1988.

BOUCHARDY, François "Notes et Variantes" [1 (b)], in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes* Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

BOUCHARDY, François, "Sur les Sciences et les Arts", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

BRETONNEAU, Gisèle, *Stoïcisme et valeurs chez J.-J. Rousseau*, SEDES, Paris, 1977.

BRONISLAM, Baczko, *Rousseau Solitude et Communauté*, Mouton, Paris, 1974.

BROOME, J. H., *Rousseau: a study of his thought*, E. Arnold, London, 1963.

BURGELIN, Pierre "Emile Ou De L'Éducation", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969.

BURGELIN, Pierre "Notes et Variantes" [321], in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes* Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969.

BURGELIN, Pierre, "Notes Sur L'Établissement Du Texte", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes* Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969.

BURGELIN, Pierre, *La philosophie de l'existence de J.-J. Rousseau*, Vrin, Paris, 1973.

CARRACEDO, R., *Escritos polémicos – Jean-Jacques Rousseau*, Editorial Tecnos, Madrid, 1994.

CASSIRER, E., *Le Problème Jean-Jacques Rousseau*, Hachette, Paris, 1987.

CERIZARA, A. B., *Rousseau: a educação na infância*, Scipione, São Paulo, 1990.

CERNUSCHI, A., “Reine (La) Fantasque, Conte”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

CHARBONNEL, Nanine, *Philosophie de Rousseau, 1, Comment on paie ses dettes quand on a du génie*, Aréopage, Lons-le-Saunier, 2006.

CHARBONNEL, Nanine, *Philosophie de Rousseau, 2, A sa place, déposition du christianisme*. Aréopage, Lons-le-Saunier, 2006.

CHARBONNEL, Nanine, *Philosophie de Rousseau, 3, Logiques du naturel*, Aréopage, Lons-le-Saunier, 2006.

CHIRPAZ, François, *L’homme dans son histoire. Essai sur Jean-Jacques Rousseau*, Labor/Fides, Genève, 1984.

COLEMAN, P., “Épître À M. Bordes”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

COLEMAN, P., “Discours sur les Sciences et les Arts”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

COLEMAN, P., “Lettre À D’Alembert Sur Les Spectacles”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

CONROY, Peter V., *Jean-Jacques Rousseau*, Twayne, New York, 1988.

COOPER, Laurence D., *Rousseau and Nature: The Problem of the Good Life*, Penn State UP, Penn State, 1999.

COULET, H. ; Guyon, B., "Notes et Variantes" [353], in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes* Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

COZ, Michel et Jacob, François (éd.), *Rêveries sans fin: autour des "Rêveries du promeneur solitaire"*, Orléans, Paradigme 1997.

CRANSTON, Maurice, *Jean-Jacques: the early life and work of Jean-Jacques Rousseau, 1712-1754*, Norton, New York, 1983.

CRANSTON, Maurice, *The noble savage: Jean-Jacques Rousseau, 1754-1762*, Univ. of Chicago Press, Chicago, 1991.

CRANSTON, Maurice, *The solitary self: Jean-Jacques Rousseau in exile and Adversity*, Univ. of Chicago Press, Chicago, 1997.

CROCKER, Lester G., *Jean-Jacques Rousseau*, Macmillan, New York, 1968-1973.

CROCKER, Lester, *Rousseau's social contract: an interpretative essay*, Case Western Univ. Press, Cleveland, 1968.

DARLING, J., *Child-Centred Education and its Critics*, Paul Chapman, London, 1994.

DE BEER, Gavin, *Jean-Jacques Rousseau and his world*, Putnam's Sons, New York, 1972.

DE MAN, Paul, *Allegories of reading: figural language in Rousseau, Nietzsche, Rilke, and Proust*, Yale Univ. Press, Yale, 1979.

DENT, N.J.H., *Dicionário Rousseau*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1996.

DENT, N.J.H., *Rousseau: An Introduction to his Psychological, Social and Political Theory*, Basil, Blackwell Oxford, 1988.

DENT, N.J.H., "música, Textos sobre", in *Dicionário Rousseau*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1992.

DENT, N.J.H., "Virtude de heróis, A", in *Dicionário Rousseau*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1992.

DENT, N.J.H., "Poesia e prosa variada", in *Dicionário Rousseau*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1992.

DERATHÉ, Robert, "Discours Sur L'Économie Politique", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

DERATHÉ, Robert, "Du Contrat Social", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

DERATHÉ, Robert, "Notes et Variantes" [352], in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes* Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

DERATHÉ, Robert, *Jean-Jacques Rousseau et la science politique de son temps*, Vrin, Paris, 1995.

DERATHÉ, Robert, *Le rationalisme de Jean-Jacques Rousseau*, PUF, Paris, 1948.

DERRIDA, Jacques, *De la Grammatologie*, Collection "Critique", Minuit, Paris, 1967.

DIZÈS, "Cours de Géographie", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

DIZÈS, J.-M., "Discours sur les richesses", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

DUFOUR, Th. E Plan, P.P., *Correspondence générale de J.-J. Rousseau*, Colin, Paris, 1924.

DURANT, W. *A História da Filosofia*; trad. Luiz C. do N. Silva. - São Paulo: Nova Cultural, 1996.

EIGELDINGER, F. S., "Lettres à Sara [Le Barbon Amoureux, Ou]", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

EIGELDINGER, F. S., Notes de Lecture des "Lettres sur les Anglais et les Français" de Bêat de Muralt, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

EIGELDINGER, F. S., "Histoire du Gouvernement de Genève", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

EIGELDINGER, Jean-Jacques, "Dictionnaire de Musique", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

EIGELDINGER, Marc, *Jean-Jacques Rousseau : univers mythique et cohérence*, La Baconnière, Neuchâtel, 1978.

EIGELDINGER, Marc, *Lumières du mythe*, PUF, Paris, 1983.

ELLIS, Madeleine B., *Rousseau's Socratic Æmelian myths: a literary collation of "Emile" and the "Social Contract"*, U P, Ohio State, 1977.

FAÇANHA, L., *Para ler Rousseau: uma interpretação da sua narrativa confessional por um leitor da posteridade*, Edições Inteligentes, São Paulo, 2006.

FORTES, L. R. S. *Rousseau: o bom selvagem*, FTD, São Paulo, 1996.

FORTES, L. R. S. *Rousseau: da teoria à prática*, Ática, São Paulo, 1976.

FREDERICK, Watkins, *Political writings*, Nelson, New York, 1953.

FREITAS, J. *Política e festa popular em Rousseau: a recusa da representação*, Humanitas, São Paulo, 2003.

GAGNEBIN, B./Raymond, M. "Notes et Variantes" [345], in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes* Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959.

GAGNEBIN, Bernard (éd.), *La rencontre de Jean-Jacques Rousseau*, Georg, Genève, 1962.

GAGNEBIN, Bernard, "Sur les richesses, suivi de deux fragments sur le goût", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995.

GAGNEBIN, Bernard, *Album Rousseau*, La Pléiade, Paris, 1976.

GAUTHIER, David, *"Rousseau – The sentiment of existence"*, Cambridge University Press, New York, 2006.

GOUHIER, Henri, *Les méditations métaphysiques de Jean-Jacques Rousseau*, Vrin, Paris, 1970.

GOLDSCHMIDT, Victor, *Anthropologie et politique. Les principes du système de Rousseau*, Vrin, Paris, 1974.

GOUREVITCH, Victor, *Rousseau: The 'Discourses' and Other Early Political Writings*, Cambridge UP, Cambridge, 1997.

GOUREVITCH, Victor, *Rousseau: The 'Social Contract' and Other Later Political Writings*. Cambridge UP, Cambridge, 1997.

GRANT, Ruth Weissbourd, *Hypocrisy and integrity: Machiavelli, Rousseau, and the ethics of politics*, Univ. of Chicago Press, Chicago, 1997.

GRIMSLEY, Ronald, *Rousseau and the religious quest*, Clarendon Press, Oxford, 1968.

GUÉHENNO, Jean, *Jean-Jacques Rousseau*, Grasset, puis Gallimard, Paris, 1948 -1952.

GUÉHENNO, Jean, *Jean-Jacques Rousseau. Histoire d'une conscience*. T.1 *En marge des Confessions*. T.2 *Grandeur et misère d'un esprit*, Gallimard, 1962.

GUYOT, Charly, "Ballets. Pastorale. Poésies. Contes et Apologues. Mélanges de Littérature et de Morale" in *Jean-Jacques Rousseau: Œuvres complètes* Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

GUYOT, Charly, "Ballets. Pastorale. Poésies. Contes et Apologues. Mélanges de Littérature et de Morale", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

HAMILTON, James, *Rousseau's Theory of Literature: the poetics of art and Nature*, French Literature Publications, York, S.C., 1979.

HEPP, Noémi, *Homère en France au XVIIIe siècle*, Klincksieck, Paris, 1968.

HOFFMAN, Paul, *"Le mythe de la femme dans la pensée de Jean-Jacques Rousseau"*, *La femme dans la pensée des Lumières*, Ophrys, Paris, 1977.

HOWLETT, Marc-Vincent, *Jean-Jacques Rousseau: l'homme qui croyait en l'homme*, Gallimard "Découvertes", Paris, 1989.

HULLIUNG, Mark. *The autocritique of Enlightenment : Rousseau and the philosophes*, Harvard UP, Cambridge, 1994.

HULLIUNG, Mark, *The autocritique of Enlightenment: Rousseau and the Philosophes*, Harvard Univ. Press, Cambridge, Mass., 1984.

JONES, James F., "Histoire du précédent écrit", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

JONES, James F., *Rousseau's Dialogues : an Interpretive Essay*, Droz, Genève, 1991.

KAVANAGH, Thomas M., *Writing the truth: authority and desire in Rousseau*, Univ. of California Press, Berkeley, 1987.

KELLY, Christopher, *Rousseau's exemplary life: the Confessions as political philosophy*, Cornell Univ. Press, Ithaca, 1987.

L'AMINOT, "Projet pour l'éducation de Monsieur de Sainte-Marie", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

L'AMINOT, T., "Emile (manuscrit Favre)", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

L'AMINOT, T., *Enfance/Enfant*, In *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

LAPASSADE, Georges, *L'éducation négative. Essai sur les origines et les fondements du non-directivisme*, Université de Paris, Paris, 1963.

LAUNAY, Michel J., *Rousseau*, P.U.F., Paris, 1968.

LAUNAY, Michel, J., "J.-J. Rousseau dans la sphère d'influence platonicienne.", *Approches des Lumières: mélanges offerts à Jean Fabre*, Klincksieck, Paris, 1974.

LAUNAY, Michel, J., *Jean-Jacques Rousseau écrivain politique: 1712-1762*, Slatkine, Paris/Genève, 1989.

LAUNAY, Michel, *Jean-Jacques Rousseau et son temps: politique et littérature au XVIIIe siècle*, Nizet, Paris, 1969.

LAVOCAT, Françoise, *Rousseau*, Éditions Nathan, 1991.

LEDUC-FAYETTE, Denise. *J.-J. Rousseau et le mythe de l'Antiquité*, Vrin, Paris, 1974.

LEFEBVRE, Philippe, *L'esthétique de Rousseau*, SEDES, Paris, 1997.

LEIGH, R. A. (éd.), *Rousseau after two hundred years*, Cambridge Univ. Press, Cambridge, 1982.

LEIGH, Ralph A., "Jean-Jacques Rousseau and the myth of antiquity in the eighteenth-century", R. R. Bolgar (ed.), *Classical influences on Western thought, 1650-1870*, Cambridge UP, Cambridge, 1979.

LEUBA, J.-L., Rousseau et le milieu calviniste de sa jeunesse, in, *Rousseau et la crise contemporaine de la conscience*, Beauchesne, Paris, 1989.

LIMA, R. *Rousseau: a força e o sentido da utopia*, PB, Campina Grande, 1978.

LUPORINI, "Épître à Monsieur Parisot", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

LUPORINI, L., "Pensées d'un Esprit Droit et Sentiments d'un Cœur Vertueux", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

MACHADO, F. A. *Rousseau em Portugal: da clandestinidade setecentista à legalidade vintista*, Campo das Letras, Porto, 2000.

MACHADO, L. G., *Homem e sociedade na teoria política de Jean-Jacques Rousseau*, USP, São Paulo, 1956.

MARQUES, J. O. (org.), *Verdades e mentiras: 30 ensaios em torno de Jean-Jacques Rousseau*, Editora Unijuí, Ijuí, 2005.

MARQUES, J. O. (org.), *Reflexos de Rousseau*, Fapesp, São Paulo, 2007.

MARQUES, José, "Carta sobre a música francesa", in *Textos Didáticos 58*, IFCH-Unicamp, Campinas, 2005.

MARUYAMA, N., *A contradição entre o homem e o cidadão: consciência e política segundo J.-J. Rousseau*, Humanitas, São Paulo, 2001.

MARUYAMA, N., *A moral e a filosofia política de Helvétius: uma discussão com J.-J. Rousseau*, Humanitas, São Paulo, 2005.

MASON, John Hope, *The indispensable Rousseau*, Quartet Books, London and New York, 1979.

MASTERS, Roger D., *The political philosophy of Jean-Jacques Rousseau*, Princeton Univ. Press, Princeton, 1968.

MASTERS, Roger, *The political philosophy of Rousseau*, Princeton UP, Princeton, 1968.

MAY, George, *Rousseau*, Éditions du Seuil, Paris, 1961.

MCEACHERN, Jo-Ann E., *Bibliography of the Writings of Jean Jacques Rousseau to 1800*, Voltaire Foundation, Oxford, 1993.

MÉLY, B., *Jean-Jacques Rousseau. Un intellectuel en rupture*, Minerve, Paris, 1985.

MELZER, Arthur M., *The natural goodness of man: on the system of Rousseau's thought*, Univ. of Chicago Press, Chicago, 1990.

MILLER, J., *Rousseau: Dreamer of Democracy*, Yale University Press, London, 1984.

MILLET, Louis, *La pensée de Rousseau*, Bordas, Paris, 1966.

MUNTEANO, B., *Solitude et contradictions*, Nizet, Paris, 1975.

NAMER, Gérard., *Le système social de Rousseau: de l'inégalité économique à l'inégalité politique*, Anthropos, Paris, 1979.

NEGRONI, Barbara, "Education privée et éducation publique: la politique du précepteur et la pédagogie du législateur", in Rousseau, l'Emile et la Révolution, *Actes du colloque international de Montmorency*, Universitas, Paris, 1992.

NORIEGA, Santiago Gonzalez, "La Obra Autobiografica de Rousseau", *In Cuadernos Hispano Americanos*, Vol. 3/ N°375/ Septiembre, Instituto de Cooperación Iberoamericana, Madrid, 1981.

O'HAGAN, Timothy, *Rousseau*, Routledge, London, 1999.

PAGANINI, G. e Tortarolo, E., *Pluralismo e religione civile*, Mondadori, Milano, 2004.

PAQUETTE, D., "Romances", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

PAQUETTE, D., "Consolations (Les) des misères de ma vie ou recueil d'airs, romances et duos", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

PAQUETTE, Muses (Les) Galantes, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

PARRY, Geraint, "Emile: Learning to Be Men, Women, and Citizens", in, *The Cambridge Companion to Rousseau*, Cambridge University Press, Cambridge, 2001.

PERRIN, Jean-François, *Les confessions de Jean-Jacques Rousseau*, Folio, coll. "Foliothèque", Paris, 1997.

PICHOIS, Claude, and René Pintard (eds), *Jean-Jacques entre Socrate et Caton: textes inédits de Jean-Jacques Rousseau (1750-1753)*, Jose Corti, Paris, 1972.

PISSARRA, M., "Rousseau, Jean-Jacques, *Cartas escritas da montanha*", Editoras EDU & UNESP, São Paulo, 2006.

PISSARRA, M., *Rousseau: a política como exercício pedagógico*, Moderna, São Paulo, 2003.

POT, O., "Lettre à M. Grimm au sujet des remarques ajoutées à sa lettre sur Omphale", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

POT, O. "Lettre D'Un Symphoniste De L'Académie Royale De Musique À Ses Camarades De L'Orchestre", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

POT, O, "Lettre Sur L'Opéra Italien Et Français", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

POT, O, "Lettre sur la musique française", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

POT, O, "Origine (L') de la mélodie", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

QUINTON, A., 'Philosophical romanticism' in T. Honderich (ed.) *The Oxford Companion to Philosophy*, Oxford University Press, Oxford, 1996.

RAVIER, André, *L'Éducation de l'homme nouveau. Essai historique et critique sur le livre de l'Emile de J.-J. Rousseau* (2 vols.), Ed.Spes, Issoudun, 1941.

REISERT, Joseph, *Jean-Jacques Rousseau: A Friend of Virtue*, Cornell UP, 2003.

RILEY, Patrick, "Music, Politics, Theater, and Representation", in *The Cambridge Companion to Rousseau*, Cambridge University Press, UK, 2001.

RILEY, Patrick, *The Cambridge Companion to Rousseau*, Cambridge UP, Cambridge, 2001.

RIVALAYGUE, J., *Rousseau*, Firmin-Didot Étude, Paris, 1970.

ROBINSON, Philip E. J., *Jean-Jacques Rousseau's doctrine of the arts*, Peter Lang, Bern, 1984.

ROCHE, F. Kennedy, *Rousseau stoic and romantic*, Methuen, London, 1974.

ROSENBERG, "Lettre à Voltaire", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

ROSENBLATT, Helena, *Rousseau and Geneva. From the first Discourse to Social Contract, 1749 – 1762*, Cambridge University Press, Cambridge, 1997.

ROSSET, F., "Considérations sur le gouvernement de Pologne et sur sa Réforme Projetée" in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

ROUSSEL, J. "Discours sur l'Origine et les fondements de l'Inégalité parmi les hommes", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

ROUSSEL, J. "Discours sur l'Économie politique", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

ROUSSEL, J., "Extrait du Projet de Paix Perpétuelle de L'Abbé de Sait-Pierre", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

ROUSSEL, J., "Projet de Constitution pour la Corse", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

ROUSSET, J., "J.-J. Rousseau citoyen de Genève, À M. D'Alembert", in *Jean-Jacques Rousseau Œuvres complètes Vol. V*, Éditions Gallimard, Paris, 1995.

SCHERER, Jacques, "Théâtre", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

SCHOLZ, Sally, *On Rousseau*, Wadsworth, Belmont, 2001.

SÉNELIER, Jean, *Bibliographie générale des oeuvres de J.-J. Rousseau*, PUF, Paris, 1950.

SHKLAR, Judith N., "Rousseau's Images of Authority", in *The Cambridge Companion to Rousseau*, Cambridge University Press, UK, 2001.

SHKLAR, Judith N., *Men and citizens: a study of Rousseau's social theory*, Cambridge Univ. Press, London, 1969.

SOËTARD, M., 'Jean-Jacques Rousseau' in Z. Morsy (ed.) *Thinkers on Education Volume 4*, UNESCO, Paris, 1995.

SPEZIALI, Pierre, "Textes Scientifiques", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995.

SPINK, John, "Projets d'éducation", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969.

STAROBINSKI, Jean, *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*, Companhia das Letras, São Paulo, 1991.

STAROBINSKI, Jean, "Discours Sur L'Origine Et Les Fondemens De L'Inégalité", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

STAROBINSKI, Jean, "Essai Sur L'Origine Des Langues, Où Il Est Parlé De La Mélodie Et De L'Imitation Musicale", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

STAROBINSKI, Jean, "Essai Sur L'Origine Des Langues", in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995.

STAROBINSKI, Jean, *Jean-Jacques Rousseau in Histoire de la philosophie*, T.2, pp. 697 – 716, La Pléiade, Paris, 1973.

STELLING-MICHAUD, Sven, "Écrits sur l'abbé de Saint-Pierre" in *Jean-Jacques Rousseau Œuvres complètes* Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

STEWART, W. A. C. and MCCANN, W. P., *The Educational Innovators. Volume 1 1750-1880*, Macmillan, London, 1967.

STRECK, D. R., *Rousseau & a educação*, Autêntica, Belo Horizonte, 2004.

STRONG, Tracy B., *Jean Jacques Rousseau: the politics of the ordinary*, Sage, Thousand Oaks, CA, 1994.

TERRASSE, J., "Lettres Écrites de la Montagne", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

THIÉRY, Robert, *Rousseau, l'"Emile", et la Révolution*, Universitas, Paris, 1992.

TODOROV, Tzvetan, *Essai sur Rousseau*, Hachette, Paris, 1985.

TOUCHEFEU, Y., *Antiquité et christianisme dans la pensée de Jean-Jacques Rousseau*, Voltaire Foundation, Oxford, 1999.

TRACHTENBERG, Zev M., *Making citizens: Rousseau's political theory of culture*, Routledge, London and New York, 1993.

TRIPET, A., "Rêveries (Les) du Promeneur Solitaire", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

TROUSSON, R., "Emile et Sophie, ou Les Solitaires", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

TROUSSON, Raymond et EIGELDINGER, Frédéric S., *Jean-Jacques Rousseau au jour le jour: chronologie*, Honoré Champion, Paris, 1998.

TROUSSON, Raymond, "Du sujet et de la forme de cet écrit", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

TROUSSON, Raymond, "Épître à M. De L'Étang, Vicaire de Marcuse", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

TROUSSON, Raymond, "Fiction ou Morceau Allégorique Sur La Révélation", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

TROUSSON, Raymond, "Mort (La) de Lucrece", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

TROUSSON, Raymond, "Note Mémorative sur la maladie et la mort de M. Deschamps", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

TROUSSON, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*, Éditions Hachette, La Flèche, 1993.

TROUSSON, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau: heurs et malheurs d'une conscience*, Hachette, Paris, 1993.

TROUSSON, Raymond, *Socrate devant Voltaire, Diderot, et Rousseau: la conscience en face du mythe*, Minard, Paris, 1967.

VARGAS, Yves, *Rousseau L'énigme du sexe*, Puf, Paris, 1997.

VARGAS, Yves, "Introduction à l'Emile de Rousseau", PUF, Paris, 1995.

VARGAS, Yves, *Rousseau. Economie politique (1755)*, Vrin, Paris, 1986.

VAUGHAN, C. E., *The political writings of Jean-Jacques Rousseau*, Cambridge University Press, Cambridge, 1915.

VILMORIN, Roger, "Lettres sur la botanique, Fragments pour un dictionnaire des termes d'usage en botanic", in *Jean-Jacques Rousseau Œuvres complètes* Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969.

VIROLI, Maurizio, *La théorie de la société bien ordonnée chez Jean-Jacques Rousseau*, W. de Gruyter, Berlin, 1988.

VOISINE, J., "Mon Portrait", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

RAYMOND, M., Gagnebin, B., "Notes et Variantes" [1173], in *J.-J. Rousseau: Œuvres complètes* Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959.

VOISINE, J., "Quiconque sans urgent nécessité...." in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

VUY, J., *Les origines des idées politiques de Rousseau*, Trembley, Genève, 1889.VV.AA., *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Edições João Sá da Costa, Lisboa, 2000.

WATERLOT, G., *Rousseau: religion et politique*, Puf, Paris, 2004.

WOKLER, Robert, *Rousseau: A Very Short Introduction*, Oxford University Press, New York, 1995.

WOLKER, Robert, *Rousseau and Liberty*, Manchester UP, Manchester, 1995.

WYSS, A., "Prononciation", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

WYSS, A., "Remarques Lexicologiques", in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

III. Complementar

ABBAGNANO, N. e VISALBERGHI, A., *História da Pedagogia*, 4 vols., Livros Horizonte, Lisboa, 1981 - 1982.

ABBAGNANO, N., *História da Filosofia*, 14 vols., Editorial Presença, Lisboa, 1976 - 1978.

AUROUX, Sylvain; WEIL, Yvonne, *Dicionário de Filosofia*, Asa, Lisboa, 1993.

BARROW, Robin, *An Introduction to Philosophy of Education*, Routledge, New York, 1988.

BAUMER, Franklin, L., *O Pensamento Europeu Moderno*, vol., I, Edições 70, Lisboa, 1990.

BLACKBURN, Simon, *Dicionário de Filosofia*, Gradiva, Lisboa, 1997.

BLOCH, Marc-André, *Philosophie de L'Éducation Nouvelle*, PUF, Paris, 1973.

BOAVIDA, J., *Educação: Objectivo e Subjectivo – Para uma teoria do itinerário educativo*, Porto Editora, Porto, 1998.

BOAVIDA, J., *Filosofia do ser e do ensinar*, INIC, Coimbra, 1991.

BOYD, William, *The Emile of Jean Jacques Rousseau: Selections*, Teachers College Press, New York, 1962.

BAUDRILLARDE, Jean, *Simulacros e Simulação*, Relógio d'Água, Lisboa, 1991.

BRUGGER, Walter, *Dicionário de Filosofia*, Editora Herder, São Paulo, 1962.

CAHN, Steven M., *Classic and Contemporary Readings in the Philosophy of Education*, McGraw-Hill, New York, 1996.

CAMBI, Franco, *História da Pedagogia*, UNESP, São Paulo, 1999.

CARRASCO, J.G., *Apuntes de teoría de la educación*, Ediciones Universidad, Salamanca, 1987.

CARVALHO, A. D., (Orgs.), *Filosofia da Educação: Temas e Problemas*, Afrontamento, Porto, 2001.

CARVALHO, A. D., *Utopia e educação*, Porto Editora, Porto, 1994.

CASTILLEJO, J. L. e Colom, A. J., *Pedagogia sistémica*, S. A., Ediciones CEAC, 1987.

CASULO, José Carlos, *Filosofia da educação em Teixeira de Pascoaes*, Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Braga, 1997.

CHATEAU, J., *Os grandes pedagogos*, Livro do Brasil, Coleção Vida e Cultura, 1956.

CHÂTELET, F., *História da Filosofia*, 4 vols., Circulo de Leitores, s/l, 1986 – 1987.

COHEN, Brenda, *Education and the Individual*, Allen and Unwin, Boston, 1981.

COMÊNIO, *Didáctica magna*, Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.

CRITTENDEN, B., *Education and Social Ideals*, Longman Limited, Canada, 1973.

DENICOLAS, Antonio T., *Habits of Mind: An Introduction to the Philosophy of Education*, Paragon House, New York, 1989.

DUCHET, Michèle, *Anthropologie et histoire au siècle des lumières*, Maspero, Paris, 1971.

FERMOSO ESTEBANEZ, P., *Teoría de la educación*, Editorial Trillas, México, 1981.

FERMOSO ESTEBANEZ, P., *Teoría de la educación, fenomenología del hecho educativo*, Universidad de Deusto, Bilbao, 1982.

FERRATER MORA, J., *Diccionario de Filosofía*, 4 vols., Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1990.

FRAGATA, Júlio, *Noções de metodologia para a elaboração de um trabalho científico*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1980.

FULLAT, O., *Filosofia de la Educação*, Barcelona, Ed. CEAC, 1992.

GADOTTI, Moacir, *História das Idéias Pedagógicas*, Ática, São Paulo, 2001.

GAL, Roger, *Histoire de l'Éducation*, PUF, Paris, 1976.

GRAÇAS DE SOUZA, Maria, *Ilustração e História: o pensamento sobre a história no iluminismo francês*, Discurso Editorial & Fapesp, São Paulo, 2001.

GORDON, Peter, and Richard Szeleter, *History of Education: The Making of a Discipline*, Woburn, London, 1990.

GREENE, Maxine, *Teacher as Stranger: Educational Philosophy in the Modern Age*, Wadsworth, 1973.

GUTEK, Gerald L., *Philosophical and Ideological Voices in Education*, Allyn & Bacon, New York, 2003.

HARVEY, Gordon, *Writing with Sources*, Hackett Publishing Company, Inc., Indianapolis/Cambridge, 1998.

HAZARD, Paul, *O Pensamento Europeu no século XVIII*, Editorial Presença, Lisboa, 1989.

HUBERT, René, *Traité de Pédagogie General*, Presses Universitaires de France, Paris, 1946.

INGRAM, D., *Critical Theory and Philosophy*, Paragon House, New York, 1990.

ILLICH, I., *Educação sem escola ?*, Teorema, Lisboa, 1974.

IPPIING, H.-J., *Vocabulário Fundamental de Pedagogia*, Edições 70, Lisboa, 1979.

JAEGER, Werner, *Paideia, a formação do homem grego*, Martins Fontes, São Paulo.

KECHIKIAN, A., (Org), *Os filósofos e a educação*, Colibri, Lisboa, 1993.

KLEINIG, John, *Philosophical Issues in Education*, Croom Helm/Martin's Press, London, 1982.

LAWRENCE, E. S., *As origens e a evolução da educação moderna*, Livros pelicano - Editora Ulisseia Limitada, Lisboa, (s/d).

LEIF, J. e Biancheri, *Philosophie de l' Éducation*, vols. I., II. e III, Delagrave, Paris, 1970, 1967 e 1966.

LUZURIAGA, L., *História da educação e da pedagogia*, Companhia Editorial Nacional, Lisboa, 1960.

MANSO, Artur, *Filosofia Educacional na Obra de Agostinho da Silva*, Centro de Investigação em Educação, IEP, Braga, 2007.

MARÍAS, Julián, *História da Filosofia*, Sousa & Almeida, Porto, 1982.

MASOTA et al., *Filosofia de la educación hoy*, Dykinson, Madrid, 1989. MEYER, Philippe, *L'Enfant et la Raison d'État*, Seuil, Paris, 1977.

MIALARET, Gaston e Vial, Jean, *Histoire Mondiale de l'Éducation*, vols I, II, III e IV, PUF, Paris, 1981.

MONROE, Paul, *A Brief Course in History of Education*, The Macmillan Company, New York, 1949.

PLATÃO, *Ménon*, Edições Colibri, Lisboa, 2002.

PILLETTI, Claudino e PILLETTI, Nelson, *História da Educação*, Ática, São Paulo, 2001.

REBOUL, Olivier, *La Philosophie de l'Éducation*, PUF, Paris, 1971.

RORTY, A. *Philosophers on Education*, Routledge, London / New York, 1998.

ROSA, M. G., *A História da Educação através dos Textos*, Editora Cultrix, S. Paulo, 1980.

SÁ, Alexandre Franco de, *Metamorfose do Poder*, Ariadne Editora, Coimbra, 2004.

SPRING, Joel, *Wheels in the Head: Educational Philosophies of Authority, Freedom, & Culture from Socrates to Paulo Freire*, McGraw-Hill, New York, 1993.

STEINER, George e Ladjali, Cécile, *Eloge de la Transmission. Le Maître et l'Élève*, Albin Michel, Paris, 2003.

TRUYOL Y SERRA, A., *História da Filosofia do Direito e do Estado*, vol., 2, Instituto de Novas Profissões, Lisboa, 1990.

ULMANN, Jacques, *La Pensée Éducative Contemporaine*, Vrin, Paris, 1982.

VV.AA. *Filosofia de la educacion hoy (conceptos, autores, temas)*, Editorial Dykinson, Madrid, 1989.

WILSON, John, *Philosophy and Pratical Education*, Routledge and Kegan Paul, Boston, 1977.

WITHERELL, Carol and Nel Noddings, *Stories Lives Tell: Narrative and Dialogue in Education*, Teachers College Press, New York, 1991.